

UMA EDUCAÇÃO DAS EMOÇÕES

RESUMO DAS AULAS DE
FILOSOFIA CLÍNICA



Material de apoio para estudo e reflexão



CURSO EDUCAÇÃO DAS EMOÇÕES



Transcrição de Aulas ministradas pelo Professor Lúcio Packter

Transcrito com auxílio de recursos de I.A. (Inteligência Artificial) e revisado por
Jeferson Ricardo Spode Flores.

SUMÁRIO

CARTA EXPLICATIVA

- AULA 01 - Algumas Características de Adultos Emocionalmente Imaturos.**
- AULA 02 - Sociedade Emocionalmente Imatura.**
- AULA 03 - Ajustes via elementos comparativos (Esquemas Resolutivos).**
- AULA 04 - Sentimentos adultos para pessoas adultas.**
- AULA 05 - Informações Dirigidas.**
- AULA 06 - As Recíprocas de Inversão.**
- AULA 07 - Os Pontos Cegos.**
- AULA 08 - Alguns Motivos que Podem Perpetuar as Afetividades Imaturas.**
- AULA 09 - De uma Afetividade Imatura a outra, Madura. As Passagens.**
- AULA 10 - Envelhecendo e mantendo a imaturidade afetiva.**
- AULA 11 – Atualizações.**
- AULA 12 - Aprender Emoções.**
- AULA 13 - E se formos nós os imaturos emocionais?**
- AULA 14 - Nem Adultos, Nem Crianças.**
- AULA 15 - Colaborações de Afetividade Imaturas para Afetividades Maduras.**
- AULA 16 - A Romantização da Infância.**
- AULA 17 - Um Passo Além.**
- AULA 18 - Pseudo maturidades.**
- AULA 19 - As Imaturidades Afetivas; Acompanhadas.**
- AULA 20 - Maturidades Afetivas e as Agruras dos Dias.**
- AULA 21 - Expandindo o Repertório de Afetividades.**
- AULA 22 - Os Primeiros Amanheceres.**
- AULA 23 - Sequelas, algumas.**
- AULA 24 – Escolhas.**
- AULA 25 - Justificativas falaciosas.**
- AULA 26 – Compaixão em afetividades.**
- AULA 27 - Boas-vindas ao mundo da maturidade afetiva. Parte 1 – O Consertador**
- AULA 28 - Boas-vindas ao mundo da maturidade afetiva. Parte 2 – Síntese do Semestre**

Breve nota sobre a transcrição:

O presente trabalho é fruto da transcrição dos áudios das aulas e posterior revisão dos mesmos. As transcrições foram realizadas com o auxílio de recursos de I.A. (Inteligência Artificial) com a conversão dos áudios em textos, seguidas de revisão com corretor ortográfico e revisão pessoal.

O amigo leitor encontrará eventualmente ainda, algum erro de transcrição, digitação ou mesmo entendimento que me passaram despercebidos. Algumas falas e conversas em tom mais coloquial podem soar um pouco fora do contexto, porquê no texto perdem em entonação de voz, ênfase, etc... o que é diferente quando acompanhadas ao vivo ou por áudio. Também alguns links de vídeos não puderam ser identificados e outros que foram apresentados por partes são aqui sugeridos na íntegra pela dificuldade de reproduzir (e/ou traduzir) trecho a trecho. Por estes eventuais erros, pequenas distorções e omissões pedimos desculpas.

O objetivo deste trabalho foi preservar a essência das aulas em seu teor mais próximo do original.

Jeferson Ricardo Spode Flores

Transcritor

CARTA EXPLICATIVA

Prezado Estudioso,

O que são emoções educadas?

É não reagir quando se é insultado ou injuriado? É manter-se sempre em um limbo, sem exacerbações para as alegrias e para as tristezas? Ou seja, ser morno no exercício da afetividade?

As emoções educadas são aquelas que, por exemplo, amam com moderação, perdoam com parcimônia, sentem saudade com delicadeza, sem choros convulsivos?

Educar as emoções consiste em fazer com que sejam comedidas e se comportem de acordo com o andamento das coisas?

Ottavio afirma que ama Lucrezia, mas que quer ser amado. Diz que a respeita, mas que deseja ser respeitado. Isso é escambo ou amor? Poderia ser ambas as coisas?

Bia afirma que Taddeo não lhe dá paz, que ele não a compreende, que tudo o que ela faz está errado, que nada, para ele, está bom. Um terapeuta ouviu Bia e perguntou a ela se ela se dava paz, se ela se compreendia, se ela considerava certo algo que fazia, se algo, de fato, estava bom para ela.

Lorelei afirma que o relacionamento não a completa. Não completamente...

Quais seriam os caminhos que emoções elaboradas e educadas escolheriam? E quais critérios poderíamos aplicar para determinar a natureza de afetividades educadas? Por vezes, aspectos que lisonjeiam, atraem ou distorcem podem apresentar traços de sofisma e falácia, parecendo ser emoções educadas. No entanto, nessas situações, há uma tendência a comprometer a qualidade das emoções.

Uma das questões prementes e graves é que, ocasionalmente, discernir entre educação e deseducação, ou entre educação que serve a propósitos prejudiciais, pode ser uma tarefa desafiadora e complexa.

O que ocorre para que as emoções pareçam se portar como criaturas mimadas, como inimigas da pessoa? Elas são frequentemente impertinentes e, por vezes, abusivas? A pessoa não as educou? Ou as educou de maneira contraproducente?

As emoções podem ser reeducadas? O que isso significa?

Este estudo, embasado na abordagem da Filosofia Clínica, visa explorar algumas dimensões que podem contribuir para orientar questões como essas e outras semelhantes: ajustes, abordagens, exercícios e discussões de natureza filosófica.

Assim como alguns não sabem combinar roupas, há quem se atrapalhe com o exercício das emoções, oferecendo fúria quando o adequado seria indignação; sentindo medo quando a indicação é por prudência; ou se apaixonando sempre por alguém "errado".

Outros mostram falta de fôlego nas afetividades, duram pouco; muitos não possuem fluência nas afetividades, pois não praticaram no campo da alma.

- Quando você for grande, você vai ver! Não poderá brincar, tudo será pesado e chato. Vai viver pagando contas, preocupado, com medo. Não pense que será divertido e quentinho como é aqui em casa.

Uma criança, ao ouvir isso e considerar verossímil, teria quais estímulos para crescer e amadurecer? Isso tem a ver com muitos adultos infantilizados?

Há multidões de adultos que fizeram outros caminhos e trouxeram da infância a poesia, a criatividade, a diversão e o devaneio para o mundo adulto; muitos se tornaram adultos inspirados, responsáveis, dinâmicos e vivos.

É imensa a quantidade de pessoas que padecem, que sofrem das dores emocionais.

Nosso trabalho cuidará dessas e de outras questões dos nossos dias

Com meu abraço,

Lúcio Packter

AULA 1 – ALGUNS MOTIVOS DA TERRA DO NUNCA - SINTOMAS E CARACTERES DA AFETIVIDADE MADURA E IMATURA - 10/01/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Um estudo com ênfase em filosofia clínica, toda abordagem, todos os procedimentos, a interpretação com base em filosofia clínica. Uma continuação do curso Uma Educação para os Pensamentos, que findou no semestre passado.

Como o que vamos ver agora tem alguns pontos importantes de contato com a última aula do curso Uma Educação para os Pensamentos, eu vou chamar o professor Clailton, em São Paulo, que generosamente a cada aula faz uma síntese do que vimos, para que ele faça a síntese da nossa última aula do semestre passado. Boa noite, professor Clailton, por favor, fique à vontade e pode apresentar o trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos.

Bom, a aula final do curso Uma Educação para os Pensamentos ocorreu no dia 20 de dezembro de 2024. O tema dessa aula foi a busca de Ítaca, ou de onde está o que se procura. Em uma sociedade industrial e de serviço com características como pragmatismo, o utilitarismo e o imediatismo, alguns elementos, ainda que possam colaborar de forma significativa para a nossa vida, não costumam encontrar muitos espaços, acabam ficando de lado.

O acesso e o uso de recursos do passado é um exemplo. Não é interessante para a economia que os produtos que compramos devido às necessidades do dia a dia fiquem conosco por muitos anos. O mercado precisa se movimentar.

É interessante que se troque o carro, por exemplo, o celular, muitas outras coisas. Dessa forma, o que pertence ao passado não interessa ao presente e costuma ficar aquém do nosso cotidiano. Por vezes, na clínica, o filósofo, conversando com uma pessoa, faz uma divisão em determinado período que apareceu na historicidade.

Uma época maravilhosa, por exemplo, de realizações, o que a pessoa fazia dava certo naquela época e, ao acessar essa fase, muitos elementos migram para a atualidade. A esperança, um horizonte de poesia, algo que acalma, faz com que ela olhe para o futuro de uma forma diferente, alimentada por essas coisas, com a alma hidratada. Muitas pessoas buscam por coisas, por recursos que elas já têm.

Talvez não saibam disso, pois não usam. Esses recursos ficam guardados. Uma das questões nesse processo é a seletividade.

Mas, com critérios, a gente vai saber onde está o que se procura. Não podemos ir ao passado de uma pessoa e abrir arquivos de forma aleatória. Por isso, critério e seletividade.

As ilustrações dessa aula contaram com os textos do Caio Fernando Abreu e com o filme *Memórias à Venda*, de Manuel Lopes. Professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton, por sua resenha.

Vamos imediatamente agora aos presentes que os alunos, invariavelmente, que fazem ao vivo, recebem. Nós vimos uma longa exposição sobre música clássica em muitas das nossas aulas. E hoje vamos ver mais uma ilustração de um momento muito instigante da música clássica.

E, aliás, há muitas histórias a respeito. O que eu vou mostrar para vocês, depois vocês podem pesquisar na internet. Vão encontrar muitas histórias curiosas sobre isso.

Algumas panfletárias, outras mais sérias, mas muita coisa. Para isso, eu preciso falar de alguns termos técnicos. Sobre música clássica também é parte da ilustração, senão ela pode ficar meio sem sentido.

Vamos então para uma aproximação do que é uma toccata. O nome vem do italiano, toccata, tocar, tangenciar, uma interpretação tátil também. Uma toccata, geralmente na música clássica, é uma introdução que se faz a algo.

E o objetivo da toccata é mostrar o virtuosismo do músico, a habilidade dele. É um momento importante, não se trata de um exibicionismo, não. Se trata de como um atleta se exercita.

É o exercício musical que vai dar passagem depois aos elementos complexos. Então tem aqueles arpejos, aqueles acordes, geralmente com um término grandioso. Isso é a toccata na música.

E o que nós vamos ver agora é uma toccata. A parte inicial dela é uma toccata. Mas depois é uma fuga.

Agora já não é mais do italiano. A fuga vem do latim. E ela tem um sentido de escapar.

Mas vamos ver o que é isso em música clássica. A fuga na música clássica é um dos momentos belíssimos, muito bonitos. Alguns lembram quando numa das nossas viagens, eu mostrei no piano como é que era uma fuga, dedilhando ali para o pessoal ver direitinho ao vivo.

Agora vocês vão ver muito melhor do que aquilo, certamente. Uma fuga é assim. Vamos supor que você canta uma música que você gosta.

Você pega uma música do Caetano Veloso, trem das cores. Uma música linda, e você a canta. Ao final, um amigo seu que ouviu essa música, ele pega e canta em outro tom a mesma música do Caetano.

Com algumas variações. Um terceiro amigo que ouve que vocês dois cantaram, faz em outro tom a mesma música, mas com nova variação melódica. E isso vai ganhando várias complexidades.

Isso é uma fuga. E um dos nossos maiores mestres nessa arte foi Johann Sebastian Bach. Ele tinha muita facilidade com isso.

Vocês vão ver ao lado da fuga e da tocata um número, que é esquisito, está lá BWV 565. Você vai dizer, ué, o que será isso que está aí do lado da música? Isso é o catálogo. É o catálogo das obras do Johann Sebastian Bach.

Que o Schmida, o Schmida era um estudioso de música. Isso na década de 50, ele organiza esse catálogo, que é muito extenso. Então ele tinha que botar letras, números para catalogar.

Schmida, que no alemão significa, me escapou, é Ferreiro. O Schmida faz isso. Pois essa, o Schmida organizou isso, ele teve que eleger os critérios dele.

Ele podia ter feito cronologicamente, como alguns pensariam, o mais usual. Mas não foi assim. Ele organiza toda essa obra de Johann Sebastian Bach por gênero.

Então vocês vão encontrar ali, músicas para órgão, músicas para violino. Ele vai organizando dessa maneira. Agora vem o inédito do que nós vamos ouvir.

Primeiro não se sabe se de fato foi Bach que compôs isso que nós vamos ouvir agora. Que é belíssimo. É uma das canções que eu acho que nós ouvimos desde criança.

Logo os primeiros acordes vocês já vão identificar. Ela é muito bonita. Hoje os historiadores da música discutem sobre a autenticidade de se foi Johann Sebastian Bach.

E há uma divisão grande quanto a isso. Não há um dado conclusivo nesse momento. O fato é que se foi Bach, ele tinha entre 18 e 23, 24 anos.

Isso, lembrem, lá nos anos 1700. Bem no início dos anos 1700. Nessa ocasião, ele era organista de uma igreja.

Era como muitos músicos começavam. Em Annastadt, na Alemanha, ele estava começando. E ele, como muitos da geração dele, era completamente apaixonado.

Admirava Vivaldi. E isso logo aos primeiros acordes a gente vê. As passagens dos acordes, a rapidez, a velocidade, os saltos da música.

Logo a gente reconhece a influência de Vivaldi. E Bach, vocês sabem, ele desapareceu do cenário musical. Se não fosse um outro músico chamado Felix Mendelssohn.

Que é quem resgata Mendelssohn. Inclusive essa tocata e fuga que nós vamos ouvir agora. Ela renasce pelas mãos do Mendelssohn.

Que é quem pega as partituras de Bach. Mas como é que o mundo pode ignorar um músico dessa envergadura? E praticamente com ele as coisas retornam. Bem, mas o que eu vou mostrar para vocês agora.

Há muita discussão se Bach compôs isso de fato para cravo ou para violino. Então essas discussões acadêmicas da música a gente vai deixar de lado. Mesmo porque eu vou mostrar para vocês essa interpretação em um violão.

Um violão de 11 cordas, de Moran Wasser. Esse músico Moran Wasser faz um trabalho aqui esplêndido musical. Dessa canção que vocês vão ver agora.

Esse violão de 11 cordas é recente. Ele surgiu em 1960 por aí. Com o Bolin, o sueco, o construtor.

Que inspirado no alaú de barroco ele faz esse violão. Então sem mais delongas. Tinha muita coisa para falar.

Eu anotei tantas coisas aqui, mas vou deixar isso para lá. Porque temos uma aula importante agora. E ainda que importante a música, ela não é o centro aqui do nosso trabalho.

Se você está em casa acompanhando isso, recline sua poltrona e curta. Uma das mais belas interpretações desta tocata e fuga de Johann Sebastian Bach.

♪ Para assistir, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4cAzEvMsHE>

Há muitas coisas a falar sobre essa interpretação.

Sabe que o Moran ao tocar um violão de 11 cordas. Ele tem aquelas seis cordas que vocês conhecem. Estão bem habituados.

E as cinco cordas outras são para cima. E elas são mais graves. O que permite ao músico um repertório de tonalidades muito maior do que um violão comum.

Lembrem que um teclado, como de um órgão, oferece recursos muito aprimorados. Quando você vai traduzir isso para o violão, é toda uma arte que você precisa dominar ao reescrever essa partitura. É como se você pudesse fazer um quadro com 200 cores.

E alguém pedisse, agora resume esse quadro de 200 cores e um quadro de 50 cores, mantendo qualidade e tudo. E é o que esse notável músico acaba de fazer. Isso é uma arte difícilíssima.

Exige muito, muito estudo para se alcançar algo como esse que ele acaba de nos mostrar. Está bem? Vamos então para a nossa aula de hoje. Uma educação para as emoções.

Somos filósofos e trabalhamos com clínica. Um dos nossos referenciais mais importantes surge a partir da historicidade. É dela que nós tiramos uma das nossas mais fortes composições e conteúdos para o nosso trabalho.

Não é um único. Outro é dos exames das categorias, do contexto, da base categorial. Por isso, vamos fazer uma breve historiografia em torno do quadro das afetividades.

Durante muito tempo ele esteve razoavelmente estável. Se compararmos com os padrões dos nossos dias, essa forte oscilação e fortes alterações durante muito tempo esteve razoavelmente estável. A partir dos anos 1700, 1800, isso começa a mudar muito rapidamente.

Nos anos 1800 surge, principalmente a partir de alguns lugares como a Alemanha, um romantismo que ainda que não inédito, nós já tivemos outros episódios e posições quanto a isso, ele se espalhava por muitas cidades, muitos países. Um romantismo que tinha algumas características, por exemplo, a autenticidade. Algo difícil para aquele contexto, para aquela época, para a construção familiar.

Também o subjetivismo, já vimos em alguns dos nossos estudos, filósofos alemães que defenderam esses postulados da subjetividade. O amor, muito próximo de como o conhecemos hoje, ele começa a surgir, despontar no horizonte, mas com ele alguns elementos de anterioridade, como por exemplo a melancolia, e outros que nós na época, em 1800, muitos tiveram muita dificuldade de lidar com isso. Há muitas ilustrações para a afetividade daquele período, que variava conforme o contexto, conforme as situações, o país, a localidade, o que estava em andamento.

Não é uma regra geral. Mas o Gota, que nós chamamos no Brasil Goethe, ele traduz o sofrimento daquele jovem garoto, ele mostra um painel daquela afetividade. Vocês lembram da história, não é? O garoto se apaixona por uma moça, ele gosta muito dela, e ele expõe seus sentimentos.

Algo raro até então, essa exposição. E é feito chacota, ironia, ele é muito mal interpretado naquele sentimento, e o desfecho da história é trágico. O livro que foi queimado em praça pública gerou muitos suicídios entre jovens.

Na época, os jovens, muitos não sabiam como lidar com essas emoções novas. Aliás, como hoje, muitos não sabem. Vamos pra frente.

Depois disso vem uma época complicada, o período vitoriano. Então, muito do que se conquistou anteriormente, parece que há até um quadro de recuo. Mas não era bem isso que estava acontecendo.

Na época vitoriana foi mais circunscrita, mais ao norte, e ela trazia uma forte pontuação de autocontrole. As emoções não eram mais para ser expressas daquela forma, mas elas deveriam ser contritas e discretas. E ainda assim, havia até uma desconfiança em torno das emoções.

É como se elas acarretassem um risco, aquele que se expunha. Quem traduziu isso de uma maneira notável e pagou com isso o preço da própria vida, que foi arruinada por estas e outras coisas, foi o Oscar Wilde, que traz a obra *O Retrato de Dorian Gray*, mostrando esses dilemas. O contraste da exposição.

Não é à toa que o quadro está trancado dentro de um quarto. Há toda uma cultura em torno disso muito forte. Então, nós entramos numa outra época, uma época que vai tornar isso diferente agora para sempre, que é a entrada nossa nos anos 1900.

A entrada nos anos 1900 trouxe todo tipo de modificação. No norte da Europa, em Copenhague, o Bohr e seus cientistas, mais ao sul, na Alemanha, estavam descobrindo e inventando situações e elementos na física que tornariam tudo completamente diferente de qualquer coisa que nós já vimos. Colocando em xeque posições que iam dos elementos éticos, morais, aos elementos epistemológicos, a humanidade estava agora em grande movimento.

Em tudo isso surge um pesquisador, um médico na Áustria, que traz uma... Não que ele seja original nisso, mas a maneira como ele vai construir é original. Ele coloca a nossa alma distribuída em camadas, colocando que em uma parte profunda, há coisas que nós não temos acesso direto muitas vezes, cria toda uma metodologia notável, um homem estudioso que era Freud, o Sigmund Freud, que traz todas essas questões e que colocam a sociedade da época. Alguns ficam chocados com o que ele vai colocar, outros entendem e querem aprofundar, filósofos de todas as partes se interessam, mas o fato é que ele abre as portas para um modo de pesquisa que até então era feito de um modo muito diferente.

É quase um Sócrates da época dele pedindo mais uma vez, não é lá fora, vamos olhar, é para dentro. É dentro que nós vamos encontrar isso, como fez, dois mil e tantos anos antes, quase 2.500 anos, Sócrates. A partir dali, as emoções começam a ser tratadas de outras formas, não há mais aquele receio, aquela distância, há uma proximidade cada vez maior, surgem muitas psicologias e psicologismos tentando entender também de outra forma, tudo isso a partir dos anos 1900.

Bem, isso levaria muito tempo. A humanidade passaria na Europa por duas guerras terríveis, muito tristes para as sociedades que elas mesmas se achavam à frente de todas as outras, dando um testemunho que quase não tínhamos visto antes disso. Com essas duas guerras e com tudo que o mundo já havia caminhado, as emoções e as afetividades não vão mais recuar agora.

Na década de 1960, surge a contracultura muito forte, principalmente nos Estados Unidos. Jovens que vão se rebelar contra tudo isso e que vão dizer não, não vamos mais recuar. Eles não sabiam propriamente para onde avançar, mas sabiam que não queriam mais.

Quanto às emoções e às afetividades, eles não queriam mais a repressão, eles queriam um livre exercício das emoções, das afetividades. Não há nada de errado em sentir raiva, em sentir medo, em sentir amor, em sentir dor, ansiedade. Se há alguma coisa errada é reprimir isso, como se fosse algo completamente fora dos contextos.

E eles levam isso muito longe. A geração Beat, a geração anterior, havia feito os primeiros ensaios, mas essa geração de 60 leva isso até consequências muito, muito avançadas e trazendo inovações muito... Uma obra que mostra esses avanços, nós já trabalhamos nos nossos workshops e oficinas, é *On The Road*, do Jack Kerouac, que mostra aqueles dois de motocicleta pelos Estados Unidos. Uma viagem filosófica, uma viagem paradoxal, belíssima em todas as suas estrelas, até os problemas com as motos. Muito bonita a história, um livro que tem muito de autobiográfico, mostrando isso, o prazer, a liberdade e o quanto a humanidade agora precisaria disso.

Então, a próxima etapa que nós vamos ter de grande significado é dos anos 1980 até os anos 2000, 2000 e pouco. Agora o mundo conheceria outras formas de afetividade, caminharíamos para outras coisas muito diferentes. Agora a emoção está na vitrine, a emoção é industrializada, ela é maquiada, ela entra em todos os fatores do pensamento positivo.

É importante ser feliz, é importante ser autoconfiante. Os livros de autoajuda se disseminam por toda parte, como nunca tivemos nada sequer de parentesco com isso. Então esses 40, 50 anos, eles mostram uma outra forma de lidar com as emoções.

Não necessariamente elas se aprofundaram, mas muito provavelmente se esparramaram, se expandiram para muitos lados. A partir dos anos 2000, nós entramos em uma fase muito preocupante em tudo isso. E estamos lidando com esses problemas neste momento, porque a partir dos anos 2000, a afetividade que até então era muito trabalhada dentro da pessoa, conhece uma exposição que não houve uma mediação para isso.

Ela simplesmente passou de um ponto para outro, quase extremo. Então as redes sociais chegaram subitamente e muitas pessoas sem entender muito bem o que era dentro e o que era fora, como as gerações anteriores, mesclaram tudo isso. E alguns, vivendo aquilo que antes viviam dentro das suas casas, passaram a viver publicamente.

Alguns, inclusive, completamente foram esmagados por conta disso, por não entenderem isso. Outros conheceram outros elementos muito sérios. As polarizações começaram a se acentuar cada vez mais.

Antes se falava em bipolaridade, daí começou a se falar em polipolaridade. Quantos polos, quantas oscilações. Muitos passaram a viver ansiedades extremas.

Resolviam problemas para daqui cinco minutos caírem de novo em ansiedades muito grandes. Medo, perplexidade, uma série de elementos que se propagaram subitamente. Não houve uma mediação, não houve um preparo.

O que aconteceu é, olha, há rede social assim, você coloca seu nome lá, você faz isso, faz aquilo. E muitos começaram a achar que, por terem idade suficiente, isso era credencial para vivenciar estas coisas. E vivemos aqui muitos problemas sobre isso.

Byung-Chul Han, filósofo radicado na Suíça, traz a sociedade do cansaço, mostrando alguns destes sintomas que nós passamos a viver. Uma corrida às vezes inútil. Uma corrida tentando alcançar alguma coisa, mas uma corrida para o nada.

O exercício da ansiedade pela ansiedade, sem qualquer direcionamento, sem nada a respeito. Angústias, elementos digitais, vivências digitais que não encontravam contrapartida no mundo cotidiano. De ir ao mercado, de cumprimentar o vizinho, de levar o seu automóvel para revisão, de ir trabalhar com alguém lado a lado no seu trabalho, tudo isso.

Há muitos sintomas que se esparramaram. Um deles, e veremos hoje, e que é muito grave para a nossa época, é que muitas pessoas trabalhando, tendo que correr de um lado para o outro, não tiveram oportunidade de levar suas afetividades como outras coisas eles levaram, como, por exemplo, aptidão no trabalho, um ofício, ou saber como se comportar quando pega um ônibus. Muitos não levaram suas afetividades para essa atualização cronológica.

O que aconteceu então? Eles chegaram aos 35, 45, 50, 60 anos, tendo afetividades próprias de pessoas, conforme o nosso contexto de época, que tem 9, 12 anos. E em muitos casos isso acarretou problemas muito sérios.

Não que a afetividade infantil seja errada, seja feia, nada disso. Aliás, é muito importante que nós possamos trazer boa parte dela para os nossos dias. Toda a nossa parte lúdica, toda a nossa parte poética e muitas outras coisas dependem desses elementos.

No entanto, trazer as afetividades para uma parte adulta, que vai conviver com outros fatores adultos, é algo fundamental. E não só para a afetividade, para as outras coisas também. Um adulto que deixou seus conhecimentos lá estacionado aos 8, 10 anos, enquanto amadureceu todo o resto, vai ter outros tipos de problemas.

No entanto, um dos fenômenos mais visíveis na nossa época é essa imaturidade afetiva de muitas pessoas e os problemas que isso acarreta. Somos filósofos, trabalhamos em clínica, uma pessoa vem ao nosso consultório, nós temos vários elementos de metodologia para buscar compreender a historiografia dela. Elementos epistemológicos, éticos, axiológicos e vários outros.

E a pessoa, à medida que vai narrando e vamos enraizando e aprofundando elementos, temos uma oportunidade de conhecer melhor tudo isso. A partir daí, por vezes, nos deparamos com este fenômeno. Ou seja, uma pessoa que quando tinha 6, 8 anos, a mãe não dava o que ela queria.

Dizia, não, você vai dormir, porque amanhã você tem aula, chega, desliga a televisão, vai dormir. A criança chorava, se jogava no chão, depois ia chorando até o quarto, dizia que não ia fazer lição no outro dia, que odiava a mamãe e o papai, não ia comer, ia ficar assim até morrer. Três horas depois, a mãe vai até o quarto, a criança já está dormindo, beija seu filho, sua filha, acaricia, fecha as cortinas, deixa o abajur aceso e sabe que amanhã nem vai lembrar de nada disso.

Talvez não lembre de nada disso, só que alguns trazem uma resposta como essa para quando tem 35, 40, 50 anos. Imaginem o que é uma esposa, um marido que se depara com alguém, com quem está casado, que por uma negativa quanto a algo, se comporta de tal maneira. Se exaspera, briga, diz que então não vai, o final de semana morreu, não vai ter final de semana, e não quer mais saber, e pode esquecer de trocar o automóvel, não será trocado mais agora?

Faz algo escandaloso. Essa esposa, esse marido olha para essa pessoa e diz, puxa vida, nós temos filhos, crianças de oito, dez anos, você se comporta assim? Olha a insegurança que isso vai gerar nas crianças.

Podem crescer com várias oscilações quanto a isso, com inseguranças no mundo, como talvez você tenha. Não estou me referindo a um fato episódico, isolado e inédito, estou falando de padrões. Alguns, como faziam quando eram crianças, eles mesmo hoje, tendo recursos, ferramentas notáveis e notórias na historicidade deles, como por exemplo, o raciocínio de um adulto, os conhecimentos de um adulto, poderia chamar a pessoa e conversar.

O que faz com que ele, no entanto, opte por uma resposta arcaica, que só faz gerar dor e elementos contraproducentes para todos os lados? Há várias razões para isso. É parte do nosso estudo ver essas razões e outras coisas muito maiores durante as muitas aulas que teremos neste semestre sobre isso.

Para esta aula inicial eu fiz alguns apontamentos que vou partilhar para vocês. Como eles são muitos, preferi organizar pela aparição que costumam ter no consultório e elenquei uma lista de obras. Não tenho, por questão de horário, de tempo, como ler essas obras com vocês, que eu gostaria muito.

Aliás, estão todas assinaladas os trechos, mas depois colocarei para que possam consultá-las, aprofundar. Aqueles que apreciam ir às fundamentações do que trabalhamos aqui. Mas por agora vamos ver os apontamentos por as aparições mais comuns de pessoas que não obtiveram a característica de atualizar isso.

Lembrando que dependendo da área, do contexto no qual essas pessoas vivem, isso pode passar sem que se perceba, até como uma qualidade. Às vezes a pessoa trabalha numa determinada área que pede por esses elementos, então não tomemos isso como patologia, como um mal, mas como características que podem ser aprimoradas, podem ser trabalhadas muitas vezes pela pessoa, dependendo das condições. Então vamos a algumas dessas características.

Uma das características muito usuais que nós encontramos é a facilidade com que no meio de uma conversação, no meio de um momento difícil, a pessoa busca culpabilizar outros, responsabilizar outros. Tenham eles motivo para isso ou não. É um padrão.

Então a tendência é muito colocar isso. A esposa, o marido diz para o outro, você não me dá paz, você não me deixa ser feliz, você atrapalha a minha vida. Vejam essas colocações vindas de um adulto.

Um adulto não tem escolhas. Se fosse uma criança de seis, oito anos, cujos pais dizem você vai fazer isso e acabou, não tem discussão. Bom, talvez tivéssemos a razão de entender um tal discurso, que dificilmente uma criança dessa idade vai poder verbalizar.

Mas um adulto colocar isso? Só se estiver amarrado em uma cadeira, algemado, sem possibilidade de sair. Mas se é um adulto, não tem escolhas?

Não pode dizer, chega, não quero mais isso. Ou paramos aqui? O que impede de ir, vir?

Muito provavelmente um padrão como este, no qual essa culpabilização, essa responsabilidade dos outros, geralmente por necessidades que não são atingidas. Mas um detalhe, se é uma necessidade infantil em um adulto, pode ser atingida? Uma vez que a criança tem como uma das características muito frequentes, querer isso, depois querer mais, depois querer de novo, depois outra vez.

É parte do crescimento, diferente de um adulto, que muitas vezes obtém o que buscou e diz, ok, é isso mesmo, agora vou usufruir disso, não preciso buscar outro e outro e outro. Ou seja, necessidades que não são atendidas e que são colocadas na responsabilidade do outro. Você não me faz feliz.

Observe a natureza do discurso, não é? Você não faz tal coisa, você não faz tal coisa. Há outras características muito marcantes, que às vezes passam, uma vez que o adulto tem certos recursos que vão às vezes ser subservientes a isso.

Por exemplo, uma pessoa que tem ciúme. Já tentou discutir com uma pessoa que tem ciúme? Qualquer coisa vai servir, provavelmente, aqui, se a razão for subserviente a esse ciúme, qualquer olhar, você chama a garçonete para pedir algo e isso é suficiente para dizer que você está seduzindo o garçom ou a garçonete.

E você pergunta, como eu posso pedir o jantar se eu não chamar o garçom à garçonete? Mas o jeito como você chama, não há saída, você sabe, não é? Porque não se trata do que está se passando.

O que está se passando é indexado a esse elemento. Por exemplo, o ciúme. Não é se você gostar de mais alguém, vai faltar para essa pessoa.

Não é a compreensão adulta da afetividade, muitas vezes caminha em sentido oposto. Se você gostar de mais alguém, você ficará muito bem para a sua família, para aqueles que amam mais de perto você. Por exemplo, se lá no seu trabalho você gosta de um amigo, de uma amiga, e faz bem para vocês, vocês conversam, provavelmente você volta bem para casa, todos ganham em casa com isso.

É diferente do pensamento do ciúme. E lembrem, as vizinhanças em torno de algo assim, que são muito pesadas, e projetam tudo isso para um lastro pesado amarrando a pessoa. Por exemplo, a inveja, o preconceito, e outros elementos muito pesados que são atrelados a isso e que a pessoa não se dá conta.

Assim como uma pessoa que quando é livre nas suas emoções, ama, está feliz, quer o bem para os outros, etc. Alguém que está infeliz, amargurado, ressentido, provavelmente tem vizinhanças desta ordem para vários lugares e coisas. Não é uma ciência exata, temos que ver cada contexto e cada situação em torno disso.

Um terceiro item diz respeito a certos fatores de isolamento. É muito usual que uma pessoa que manteve essas afetividades infantis se queixe, dizendo que, por exemplo, ninguém a compreende. Incluindo aí ela mesma, que ela provavelmente dirá que não, uma vez que ela emite a fonte da informação, talvez ela ache que não.

Mas é muito usual dizer ninguém me compreende. Ela faz tudo de bom para todos, mas ninguém faz nada de bom para ela. De onde vem uma tal arrumação de discurso aponta sempre para algum lugar muito remoto, quanto à afetividade.

Não é principalmente pelos fatores universalizantes que ocorrem aqui. Não é que ela não é entendida. Cada um de nós, um adulto que cresceu afetivamente, sabe muito provavelmente que cada um de nós não é entendido em algumas áreas, em alguns contextos, por melhor que se faça explicar.

Um adulto que se desenvolveu afetivamente sabe que é criticado, sabe que há pessoas que não gostam de suas ideias e opiniões, e não fica arrasado por isso, entende como natural. Deus que é Deus não é uma unanimidade. Que dirá de nós?

Nós tão pequeninos diante do infinito. Não é que pretensão resta de ser entendido, de ser amado, de ser bem-quisto por todos. Dificilmente seremos.

E é parte do mundo adulto, afetivo, compreender isso. Além das distorções, além dos inconvenientes, dos males entendidos. Para um adulto isso soa de modo diferente.

Há um outro item muito marcante, muito presente nas afetividades infantis em nossos dias. A supervalorizar o pouco que faz, mas desvalorizar muito o que outros fazem pela pessoa. Essa balança dos contrários é muito usual, muito usual.

Lidar com uma pessoa adulta, 30, 40, 50 anos, que tem uma afetividade muito arcaica, que ficou para o passado, mostra muitas vezes isso. Você vai fazer muito às vezes por essa pessoa, abdicar de tempo, dar toda a sua compreensão e audição a ela, e ela provavelmente dirá que não se sente ouvida. Porque para ela, talvez, em boa parte dos casos, ser ouvido é que você concorde com o que ela está dizendo.

A discordância é sinônimo de não-audição, para muitos desses, que assim têm essa afetividade infantil. Então, valoriza o copo d'água que deu a você, mas os 10 litros de água que você deu, isso não. Você fez a sua obrigação.

Eu sei que isso pode parecer às vezes cômico, mas a pessoa que passa por isso, geralmente sofre muito. Sofre, sofre muito e vai atribuir boa parte desse sofrimento a coisas que nada tem a ver com isso. Aos outros.

Por mais que os outros façam, é muito improvável que consigam preencher esta dimensão. O caminho será por outro lugar. Veremos isso mais adiante.

Aqui estamos caracterizando. Entre os apontamentos que coloquei também, as explosões. Lembrem que é característico de uma afetividade muito remota, 8, 10 anos.

Remoto para quem tem 40, 50, 60 anos. Que a frustração, a contrariedade gerem um descompasso que não raro leva à explosão. A pessoa realmente verbaliza isso.

Você pode quebrar coisas, bater e fazer outros elementos. É muito difícil ela conseguir lidar com isso. Olha, não vamos sair nesse final de semana. O meu chefe me chamou, eu preciso trabalhar. Bom, mas tinha planejado um final de semana na praia, na serra. Bem, vai ficar para outra ocasião. Não posso perder meu emprego. Nós temos a casa hipotecada, nós temos isso. Nosso filho caçula precisa de colocar aparelhos nos dentes. Não posso agora.

Se você está falando com uma pessoa com uma emoção bastante precoce, quanto aos elementos que depois vão perdurar, chegando à idade adulta, talvez ela culpabilize você, brigue, ofenda, frustrada, tenha raiva, possa até universalizar isso, dizer que você sempre faz isso, que não dá para confiar na sua palavra. Vejam quem está falando, hein?

Então pode fazer birras, manhas e não raro, jogos emocionais, que podem, em alguns casos, ser muito nocivos, que podem envolver contextos muito sérios. Joguetes emocionais, pequenos flertes com outras pessoas para que você se sinta melindrado. E outras coisas que lembrem. Como a afetividade aqui está deslocada, ela é de uma criança de 8 a 14 anos e está sendo vivenciada por um adulto de 40, 50 anos, nem sempre a pessoa tem a cuidado de até onde ela pode levar isso. E às vezes pode levar muito longe, a ponto de ter uma somatização, ir para um hospital, a imunidade baixa, gerando problemas que antes não existiam, até mesmo ocasionar acidentes, desde acidentes domésticos, acidentes de trânsito, há que se ter cuidado, não é algo singelo e simples que estamos tratando. E isso envolve muitas ramificações.

Essa pálida ilustração que estou fazendo ganha muitos componentes de profundidade no âmbito da clínica.

Um outro elemento são os escambos primários, ingênuos, coisas assim que, para um adulto que tem uma afetividade que se desenvolveu junto com os seus fatores cognitivos, éticos, epistemológicos e outros, soa muito esquisito. Você saiu com seus amigos, foi ao boliche, voltou sorrindo para casa, perdeu todos os jogos e voltou contente, encontrou seus amigos queridos, abraçou seus amigos, fizeram uma rifa, você também perdeu a rifa, nada disso te incomodou, você volta emocionado, mas você chegou 11 da noite em casa, com sua bola de boliche, que é a primeira coisa que a pessoa vai chutar para longe, e vai dizer para você que amanhã é ela que vai sair com os amigos, com as amigas. Quem você está pensando que é para fazer uma tal coisa? Ainda voltou todo feliz?

Certo que se interessou por alguém? Complicado, não é? Se é um adulto afetivo que está esperando você em casa e você avisou que é o boliche, é os amigos e tudo mais, não vai ficar feliz que você voltou com um sorriso nos lábios?

Não ficará feliz por você? Mas aqui estamos lidando com outra ordem de coisas, e lembre, não é um fator isolado. Há toda uma casuística que se estende em vários exemplos.

Há um padrão em torno disso. Se é algo isolado, acontece provavelmente com todos nós. Há outros elementos muito presentes, impaciência, ansiedade, as coisas precisam ser do jeito desta pessoa.

Então há todo tipo de elementos aqui, de manipulações, de choramingsos, de ameaças e chantagem, precisa ser no tempo dela, da maneira dela. Se não for, a brincadeira não vai adiante. Coloquem entre aspas, esta brincadeira.

Porque a vida aqui é vista de uma outra perspectiva, é vivenciada de uma outra plataforma. E lembrem, tentar atender os mimos desta criança afetiva pode perpetuar e piorar esse estado de coisas. Ela pode ficar muito mais exigente, birrenta, e as coisas podem sair rapidamente daquilo que é a estabilidade de um lar.

Muito rapidamente. Indo para agressões físicas, uso de drogas e outras coisas mais delicadas ainda. Não estamos falando de algo simples.

Se é algo que provavelmente você que está acompanhando deve ter exemplos dentro da sua casa, com seus amigos, com pessoas queridas, e sabe dos dilemas que isso pode acarretar. Não é? Desde a incapacidade de um autorreconhecimento, que é uma outra característica.

Um adulto que tem a afetividade que acompanhou aos 30, 40, 50 anos, isso não é uma medida exata, não. Há adultos que têm 50 anos na carteira de identidade e afetivamente 30, 32, já é uma outra coisa. Bem diferente.

O espelho no qual ele se vê ainda mostra um autorreconhecimento. Uma pessoa que tem uma afetividade infantil e tem 30, 40, 50 anos, o espelho não mostra certas coisas. Há um ponto cego.

Você procura argumentar e esse argumento não vale. É cansativo.

Um outro elemento, esse é muito encontrável.

É muito raro que um terapeuta que trabalhou com pessoas que têm essa característica muito pronunciada não tenha encontrado isso que eu vou colocar agora. É uma característica amplamente disseminada. Ainda que para cada pessoa nós tenhamos variações.

Que é a incapacidade de uma conversa íntima, uma conversa delicada com seu marido e com a sua esposa. Marido e esposa chamam essa pessoa para conversar e na

conversação colocam para a pessoa que a relação não está boa. Vejam bem como é que o adulto vai se expressar.

A relação não está boa. Ele quer saber o que ele pode fazer para colaborar para que isso possa de certa maneira melhorar. A pessoa coloca que ama, que quer que tudo corra bem, que eles se entendam, não há culpabilização para o que você está fazendo com que as coisas estejam erradas.

E aí começa a outra pessoa, pergunta o que você está vendo errado, ou mal, ou que não funciona. E aí a pessoa pontuará. Dirá, talvez, olha, a maneira como as coisas se passam quando recebemos amigos, ou a sexualidade está andando de uma maneira que é esquisita, ou a maneira de tratar as crianças, ou o modo de fazer determinada coisa.

Falar isso com um adulto que afetivamente cresceu é uma coisa. Provavelmente ficará apreensivo, tentará ajudar. Não é?, vamos ver o que... Vamos conversar, sim. Mas falar isso com um adulto de 50, 40 anos, que afetivamente tem 12, é um dos problemas muito sérios. Pode ser.

Essa pessoa pode explodir no meio dessa conversa e culpar você de tudo isso. Será você que é culpado. Você está dizendo que eu sou o culpado, que eu sou o culpado, mas o culpado é você.

Vejam, você não disse que ela, ele, que eles são os culpados. Você não disse isso. Você está preocupado com o casal, com a família?

Mas é muito difícil ter essa conversa íntima, muito delicada, aliás, e as chances de você conseguir uma tal conversa sem obter com isso uma mágoa, uma rejeição, choros e outros elementos, é muito grande. A chance de isso acontecer é muito grande. Outro elemento que surge e muitos deles estão associados, por isso é importante ver como é em cada pessoa, em cada contexto, desdobramentos e não tomar um fator isolado como comprobatório de questões tão complexas.

As coisas tendem a agradar por muito pouco tempo. Além do que, certas promessas dificilmente são cumpridas, acordos raramente são cumpridos. Ser uma criança afetiva, lembrem, nós já fomos crianças, não é? E mudávamos de opinião, às vezes dizíamos uma coisa, depois era outra, dependendo dos ventos, dependendo do que sentíamos, chorávamos, não entendíamos, brincávamos. Éramos crianças, estávamos crescendo afetivamente, um adulto que conservou isso dirá que nunca mais irá fazer tal coisa e esse nunca mais pode durar minutos e pode mudar por conta de qualquer coisa que você vai considerar, meu Deus, mas uma pequena discussão e você já mudou de novo de opinião. É muito difícil manter o compromisso, que é uma palavra pesada, para muitos que conservaram esse quadro de afetividade infantil. Por favor, não façamos com essas pessoas o que muitas delas fazem com aqueles que afetivamente cresceram.

Não é esta a ênfase que estamos dando aqui, estamos caracterizando um dos quadros muito difíceis da nossa época, não é para culpabilizar e apontar dedos, não. Somos parte disso e somos responsáveis por isso e queremos ajudar, abraçar, amar, tentar compreender, sabendo que muitas dessas pessoas caíram em armadilhas conceituais, se soubessem de fato o que aconteceu, jamais teriam se aproximado disso e nós

podemos estar aliás nessas armadilhas também. Nós podemos muitas vezes cair nisso, como gostaríamos que fôssemos tratados, não é?

Muito importante essa atitude, você tem um irmão, um filho, um pai que é diabético, você não traz chocolates e doces para casa e fica comendo na frente desta pessoa, você não a humilha, você não ironiza os problemas dela, você ajuda, não é assim que um adulto faz afetivamente, evitamos comer certas coisas, procuramos na medida possível conciliar hábitos, convites e outras coisas, isso é amor, um amor adulto, não é? Da mesma forma, se você tem um familiar, um amigo, por favor entenda, não é que ele é mau e está fazendo isso, não, é uma característica, o que podemos fazer para ajudar?

O tema das nossas próximas aulas, entre outras coisas, é muito extensa uma educação para as emoções, isso é apenas uma parte dela. O amor, uma criança de 8, 9, 10 anos, muito provavelmente ela sabe sim o que é amor, um amor dentro do crescimento que ela está tendo, dentro dos elementos que ela está fazendo, ela tem esse amor que é muito diferente provavelmente de um amor de uma pessoa de 30, 40, 50 anos, que passou por relacionamentos, por perdas, por acompanhamentos, por uma série de outras coisas, não é? Então uma pessoa que conservou elementos arcaicos e fala em amor, ela pode estar falando de um amor muito diferente do que você imagina, um amor que às vezes soará romântico, como nos anos 1800, e na verdade é um amor possessivo, é um amor excludente, é um amor que aprisiona, que não deveria nem ter essa palavra, talvez lá atrás aos 8, 9, 10 anos pudesse ser amor, aos 40, 50 já não serve, uma pessoa com 40, 50 anos que teve esse acompanhamento das emoções junto aos outros elementos da sua alma, sabe que um amor ele cumpre etapas muitas vezes, que quando a gente se enamora de alguém, há uma exacerbação das afetividades, não é? Um querer estar muito juntos, deixamos todo o resto, parece que de lado, muitas vezes é assim, mas que depois casamos, aí começa uma etapa nova, de outra fase de amadurecimento vem os filhos, nós nos ocupamos das crianças e outros elementos, a família cresceu, se expandiu, não é melhor ou pior, é diferente, é uma nova etapa de afetividade que crescerá e continuará, teremos crises durante esses relacionamentos, para uma criança essas crises, quando projetada por um fator adulto, pode ser o fim, e alguns passam a vida peregrinando entre relacionamentos, sem saber estabilizar nenhum, criam concepções, dizem que relação é isso mesmo, não dura muito, etc, e não sabem que estão falando de um espelho, e não da vida e do mundo, que é muito mais do que um espelho, então o amor desta pessoa muitas vezes é de uma exclusividade imensa, quer ser amada por você e que todo o resto não pode, não há espaço para mais ninguém ali dentro, há muitos outros caracteres, que nós veremos no desdobramento deste trabalho que inicia agora, e que por vários meses agora terá várias orientações, nós veremos não apenas esse fator do crescimento das afetividades, teremos muitas outras coisas, afinal é uma educação das emoções, algo que muito provavelmente é extremamente importante nos nossos dias, para tudo que estamos vivendo, uma sociedade de muitos contrastes, de rapidez e desenvolvimentos e mudanças, provavelmente quando terminarmos o estudo aqui, já muitas coisas serão diferentes, é natural que assim seja, nós mesmos teremos provavelmente de crescer ao longo de toda essa trajetória, muito bonita e extremamente contundente. Essa ilustração que eu separei para vocês é do Henrik Ibsen, um dos maiores dramaturgos do século passado, quando ele já era um homem maduro, 50 anos, ele escreve uma peça que se torna realmente um ícone de sua época, uma peça que por toda a Europa gera

discussões acaloradas sobre o que ele estava colocando ali, Casa de Bonecas, 1879, quando ele publica Casa de Bonecas, e fiz vários apontamentos aqui, que eu vou mostrar para vocês o encarte do filme de 92, do Thacker, que vou resumir apenas para contextualizar o encarte que nós veremos, que é bem pequeno.

A Nora Helmer é casada com Torvald, Casa de Bonecas é uma ilustração, uma vez que o Torvald, que está no início da peça, ele está sendo promovido, a gerente de banco, ele está muito contente, muito feliz, ele trabalhou muito por isso, é Natal, eles estão fazendo os preparativos de Natal, e a Nora é tratada como uma criança, com infantilismo imenso, ele chama de minha passarinha, usa diminutivos para ela, que muito além do carinho, faz perpetuar a Nora, com aceite dela, inclusive, num infantilismo muito grande, afetivamente falando.

E, entre outras palavras, ele usa as mesmas palavras que o pai da Nora dizia para ela, minha bonequinha. Durante um tempo, Nora não se dá conta de nada disso, nada disso. Ela, inclusive, ela faz com que isso seja assim, e aprofunda esse estado de coisas.

Torvald, um dia, tem problemas de saúde muito graves, e ele a salva, porque esta mulher dele falsifica a assinatura do próprio pai dela, para conseguir um empréstimo bancário, para salvar a vida do marido, o que acaba acontecendo. Tudo isso passado, ele tem lá um funcionário, que está ameaçado de demissão, e esse funcionário diz, olha, se me demitir, eu mostro aqui a carta falsa, que ela falsificou a assinatura do pai dela, e aí, isso vai ficar muito ruim. Só que esse funcionário, o Krogstad, ele se arrepende de tudo isso.

Há muitas reviravoltas. O fato é que, ao final, ele manda essa carta, esta com a assinatura falsa, para o Torvald. Manda porque ele acha que isso é a verdade, que a verdade precisa ser dita, ele manda essa carta, ali com a assinatura falsa.

Quando ele recebe essa carta, que é logo no início do encarte que nós veremos, ele está recebendo esta carta. Ele fica desesperado, ele diz para a esposa, chama a esposa de muitos nomes, entre eles, que ela é indigna, que ela arruinou a vida dele, porque agora a promoção dele já era, e sabe-se lá mais o que, para ela ter feito algo assim. Em nenhum momento ele lembra que ela fez isso para salvar a vida dele.

Em nenhum momento ele lembra, tipo, eu vou ter que proteger minha esposa. Ele está tão preocupado com ele, com as coisas dele, com o mundo dele, que ele tem uma raiva imensa da esposa. Só que este homem que fez isso, que mandou essa carta, manda uma segunda carta logo a seguir.

Nesta segunda carta, o que que tem ali? Ele está devolvendo lá a duplicata, dizendo que ele não deve nada, tal, está resolvido, só você tem agora isso, se quiser joga fora, queime, acabou o assunto. Que é o que ele faz.

Abre o forninho, bota isso lá e diz, acabou o assunto. E aí ele fica todo feliz, e vejam bem o que ele faz, ele diz que vai perdoar a esposa. Perdoar a esposa, que passou dias terríveis por conta disso.

Neste momento a Nora acorda. Acorda de sua infância, acorda de suas emoções infantis, que aliás ela foi conivente, ninguém a obrigou a isso. Acorda num mundo de fantasia da casa, de bonecas, como é o título da obra de Ibsen.

E conversa com ele, como um adulto, que subitamente, afetivamente amadureceu. Reconhece seus erros, não culpabiliza o outro, mas o que ela vai propor a ele é algo que ele não tem como aceitar. As emoções dele, se por um lado as dela ficaram lá atrás, as dele conheceram outro tipo de engessamento, que faz fraturar a alma em outras posições existenciais.

Esta obra que foi contundente e que hoje vocês encontram nas plataformas O Filme na Íntegra, em várias versões, essa que veremos agora, esse encarte de 92, uma das melhores aliás, mas vocês encontram peças de teatro, discussões, uma obra que chocou a época e que ainda hoje traz luzes muito importantes para os nossos dias. Vamos encerrar o nosso trabalho de hoje vendo este pequeno encarte de A Casa de Bonecas.

Para acessar o filme completo, clique aqui:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZJDnHQT2BDk>

Transcrito por [TurboScribe.ai](#).

AULA 2 –MODULANDO INTENSIDADES AFETIVAS - 17/01/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem o curso Uma Educação para as Emoções. Uma delas, há muitas formas no educandário existencial para o estudo das emoções, das afetividades. Há pouco, fora da gravação, o professor Clailton fez uma

questão epistemológica de grande relevância no nosso estudo, questionando o que seria desenvolvimento.

Se falamos em desenvolvimento das afetividades, o que seria? A resposta foi que, para podermos contemplar isso filosoficamente, precisamos ter alguns cuidados. Por isso, adotamos basicamente duas variáveis.

A primeira é o desenvolvimento da pessoa para com a própria historicidade dela. Nesse sentido, uma pessoa que reprovou no banco escolar um ano, não quer dizer que ela se atrasou no seu desenvolvimento. Às vezes, ao contrário, ela evoluiu.

Ela estava numa escola que não permitia livre expressão, que batia nos alunos, etc. Estou exagerando apenas para caracterizar. E essa criança, na maneira de colocar o não com relação a tudo isso que estava se passando, reprovou.

Ou seja, provavelmente, pela historicidade dela, ela teve um avanço. Aprendeu cidadania, aprendeu humanismo e outras coisas a custo de uma reprovação. A outra diretriz diz respeito ao contexto, à base categorial, aos princípios de uma época.

Pois o que era de grande valor, que eu citei na era dos vikings, quando invadiam a Europa pelos rios, hoje seria a barbárie aberta. Então são essas duas diretrizes. No entanto, na caminhada disso, da própria historiografia, essas variáveis vão se desdobrando em outras, que ora ganham relevância, ora perdem.

Portanto, desenvolvimento em filosofia clínica, em um curso como uma educação das emoções, é um elemento aberto, dinâmico, vivo. Chamo agora o professor Clailton. Vamos a São Paulo para a resenha da nossa aula passada.

Por favor, professor, fique à vontade. Vamos iniciar o trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 10 de janeiro.

O tema foi Alguns motivos da Terra do Nunca. Uma das questões trabalhadas nessa aula foi a imaturidade emocional. Algumas pessoas se desenvolveram fisicamente, adquiriram conhecimentos.

O raciocínio é de um adulto. Ocupam espaços sociais compatíveis com sua idade sensorial. Mas quando o contexto envolve as emoções, essas pessoas são birrentas, apresentam características mais comuns em crianças.

Alguns elementos presentes na afetividade infantil podem até ser bem-vindos em alguns momentos. Mas em determinados contextos, o desenvolvimento das emoções é necessário, a maturidade. O professor explicou com detalhe e exemplos algumas características das emoções infantis, que por vezes se manifestam em adultos e causam alguns problemas.

Uma delas é a atribuição da culpa pelo que se passa a terceiros. Diante de um contexto, seja de estresse, sofrimento ou conflitos, a culpa sempre é do outro. Os ciúmes também.

O simples fato de um companheiro ou companheira dirigir a palavra a outra pessoa, conversar, ter amigos, já desperta o ciúme. O isolamento. A pessoa diz que ninguém a compreende.

Ela ajuda todo mundo, mas ninguém faz nada por ela. A supervalorização daquilo que se faz e a desvalorização de coisas que os outros fazem. Os episódios de explosão.

A pessoa não aceita contrariedades. Explode por coisas que um adulto compreenderia. Os escambos primários.

Uma pessoa chega feliz em casa após um encontro com os amigos e o outro que a espera se revolta, briga, diz que amanhã ela é quem vai sair e se divertir. A impaciência, a ansiedade. As coisas precisam ser do jeito que a pessoa quer no tempo dela.

Se não for como ela quer, ela está fora. Não quer mais, não vai participar. A incapacidade de um autoconhecimento.

A pessoa olha no espelho e tem um ponto cego. Ela não vê certas coisas. Você argumenta, mostra, mas a pessoa não vê.

A incapacidade de uma conversa íntima, delicada. Um adulto deseja conversar para saber o que pode fazer para melhorar determinada questão que envolve o casal. O outro já diz, você é culpado por tudo isso, você não faz nada direito, acusa, inicia uma discussão e a conversa não acontece.

Vimos algumas outras características também. Quando há um padrão e essas manifestações se repetem, podemos interpretar como emoções carentes de desenvolvimento. Não estamos nos referindo aos casos isolados que podem ocorrer com qualquer um.

Quando identificamos essas características, não apontamos o dedo, somos compreensivos. O que podemos fazer para ajudar essas pessoas com as ferramentas que temos? Todo respeito pela individualidade humana é o mesmo, seja dentro do consultório ou fora, em nossas relações do cotidiano.

Ok professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado professor Clailton, pelo seu trabalho, por sua resenha muito bonita. Em breve o professor Clailton estará publicando um trabalho sobre os estudos em matemática simbólica, contemplando aí os vários semestres que tivemos, uma obra muitíssimo aguardada. Vamos aguardar com sentimento de gratidão.

Muito bem, os alunos que fazem ao vivo as aulas com os senhores recebem invariavelmente um lindo presente. O presente de hoje é muito bonito. Vamos fazer um prefácio.

A educação musical, os grandes musicistas, os estudiosos da musicalidade, eles mostram que aprender música não é simplesmente apertar um botão no teclado, fazer soar uma

corda, dobrar um sino na campânula, não é apenas isso. A musicalidade exige um esforço, um empenho continuado de aprendizagem, exige a sensibilidade da alma. A abertura do coração é um contato com a transcendência.

E alguns músicos fazem tudo isso sem chegar ao teclado, sem chegar a uma partitura, sem chegar a um violão. Mostram que a musicalidade vai muito além de um instrumento pelo qual ela possa fazer soar. Aqui no Brasil nós tivemos uma pessoa maravilhosa que nos ensinou muito sobre isso, que foi Hermeto Pascoal.

Já vimos nas nossas ilustrações. O Hermeto era simplesmente de emocionar o coração até as lágrimas. Pegava uma bacia com água, colocava perto dos lábios e soprava e tínhamos música.

Com as mãos ele batia pau enquanto o vento passava. E com o farfalhar das folhas ali atrás ele compunha uma sinfonia. Lindo, lindo.

Pois esse músico que eu vou apresentar a vocês, o Simon, ele é suíço. É um garoto jovem de 48 anos, ele mora na Suíça. As obras dele estão expostas em vários museus pelo mundo.

É um verdadeiro artesão do som, da musicalidade, da palavra musical. Mas nem vou perder tempo aqui indo além disso. Quero que, por favor, vocês vivenciem um dos poemas musicais mais belos, mais tocantes da nossa época.

Vejam, acho que para quem não conhece o trabalho do Simon, será realmente um encontro. O que vem agora, vou compartilhar a tela com vocês. 658 motores DC, deve ser de contínuo, aqueles que você liga na luz, preparados. Com bolas de algodão e caixas de papelão, cardboard. 70 e ali está o tamanho.

Vídeo não identificado.

E agora vamos então diretamente para a nossa aula.

Haveria muito a falar sobre essa forma de musicalidade. Ela quebra os padrões. Uma pessoa que se aproxima de uma musicalidade como essa que vocês acabaram de ver, usualmente ela quebra aquele padrão do decofônico que a gente usa na escala musical.

É como libertar a audição para ouvir as estrelas. Alguns fazem isso. Por favor, anatem três questões que nortearão aqui os nossos trabalhos de hoje.

Primeira questão. Vamos considerar um adulto. Esse adulto tem 40, 50 anos.

Chegou à casa dele e a esposa, o marido, teve um dia muito difícil. Eles conversam, eles discutem sobre algumas coisas educadamente. Mas lá pelas tantas, este que chegou por último, por razões dele, ele eleva muito o tom de voz aos gritos, a xingamentos.

Ele atira uma coisa na parede, quebrando um cerâmico caro que eles trouxeram de uma longa viagem, etc. A pergunta que se faz é, se esse adulto, vamos supor, ele teve um treinamento, ele sabe uma maneira melhor de agir em questões tão dilemáticas como estas, o que faz com que ele ainda recorra a um padrão razoavelmente infantil de lidar

com questões como estas? Uma criança, no meio de uma discussão, pode sim chutar um abajur que você trouxe lá da Malásia, caríssimo, e quebrar.

Ela nem sabe direito que está quebrando. Mas um adulto que foi, comprou de um artesão na Malásia, esse abajur artesanal pagou uma quantia enorme, precisou economizar para poder comprar. Ele sabe que está quebrando.

Provavelmente não quebrará. Tanto por razões afetivas, quanto por outras razões. Então a primeira questão é, o que ocorre que alguns adultos, conforme a Sociedade dos Homens diz o que é ser um adulto na nossa época hoje, 2025, podendo reagir melhor, reagem de maneira arcaica.

Eles não têm fluência para agir de uma maneira melhor, é isso? Esquecem, se distraem, ficam aborrecidos, é isso que ocorre? Ou não têm fôlego para sustentar, ainda por algum tempo, uma desavença.

Há pessoas que não aguentam, vocês sabem, no caderno A, interseção positiva, interseção negativa, alguns não aguentam muito tempo, uma interseção negativa. Ou ela é positiva sempre, ou a pessoa não conseguirá prosseguir com certos laços. Só que a questão é que um adulto sabe que, por vezes na vida, há etapas em relacionamento que fazem com que, às vezes, nós tenhamos, sim, que segurar uma situação delicada e difícil por um tempo considerável.

Isso ocorre! Segundo a questão que norteará nossos trabalhos de hoje, existe uma possibilidade de preenchimento das demandas de uma afetividade infantil? Vamos supor que você se relacione com uma pessoa mimada, uma pessoa que tem hábitos afetivos que parecem, lembram muito de uma criança, que não foi apropriadamente educada por si mesma ou pelos outros, e existe a possibilidade de você preencher essas demandas e que as coisas possam caminhar assim, sem que ela precise desenvolver suas afetividades?

Teoricamente, sim. E a sociedade dos homens se empenha muito, aliás, nisso, em tentar fazer esse papel, que na maior parte das vezes, até aqui pelo menos, não tem tido êxito, mas ocasionalmente sim. Só que isso é tão raro, tão difícil e depende da área na qual a pessoa apresenta esse comportamento infantil que é muito improvável que se consiga um tal elemento.

Terceira e última questão, que nortearão os nossos trabalhos de hoje.

Prosseguindo então, na nossa aula passada, nós vimos caracterizações de pessoas que por várias razões, às vezes o contexto não permitiu que elas se desenvolvessem, conforme outras pessoas que tiveram oportunidade, às vezes tiveram oportunidade, mas miravam outras coisas da vida. A questão aqui não é culpabilizar ninguém, não. É aprender, é crescer, é dar as mãos, é isso.

Não é uma corrida de 100 metros. Cada um de nós, em algumas coisas, está um pouquinho mais à frente, tem recursos melhores, em outras não. A gente se ajuda com amor, né?

Pois bem, em tudo isso, nós temos algumas questões que, a partir do que vimos na nossa aula passada, agora vão ganhar novos aprofundamentos. Vamos ao primeiro deles. Você considera que a nossa sociedade, ela presta um testemunho de maturidade?

Vamos personificá-la. Se a nossa sociedade fosse uma espécie, uma pessoa, um ser humano, você a consideraria madura? O testemunho que ela nos dá como um todo, ou em vários de seus segmentos, é um testemunho de maturidade?

Por exemplo, as polarizações, essa baixa capacidade de diálogo que vemos hoje em muitos âmbitos de comunicação, falta de empatia, posturas maniqueístas, ressentimentos, dogmatismos pesados. Parece que só aquele que defende um postulado é certo e todos os outros não são. Isso é maturidade?

Esses segmentos que assim se comportam estão dando um testemunho de maturidade? Eu separei uma obra que eu gostaria de recomendar a vocês, do Theodore Adorno, *A Personalidade Autoritária*, uma obra de 1950. Muito bonita essa obra, e muitíssimo criticada, tanto na época em que foi lançada quanto agora.

Ele ali estratifica, mostrando o que uma sociedade dessa acaba causando, a partir dela mesma, a sociedade, e com as pessoas. Pessoas polarizadas, pessoas com preconceitos fortíssimos, pessoas com dificuldades de conversação, dificuldades de amar, de aprofundar. Vejam, Adorno já colocava esses elementos há muitas décadas.

Há quase 100 anos, chamando a nossa atenção para isso. Então, a questão aqui é, se a nossa sociedade não é um testemunho de maturidade, na maior parte dos segmentos dela, ainda que em alguns parece ser, se ela, na maior parte, não é assim, você acha razoável que essa sociedade vá nos dizer quem é maduro emocionalmente e quem não é? Ela que permite todo tipo de propaganda nas mídias, coisas que jogam pessoas contra pessoas, flagelam a alma, geram ansiedades terríveis, permite que bilhões passem fome pelo planeta, desassistidos.

Isso é um testemunho de maturidade? E é esta sociedade que vai nos dizer quem é maduro e quem não é? Não parece um paradoxo?

Se fosse assim como estamos dizendo, sim, mas não é bem essa sociedade que dirá, são alguns segmentos dela que nos dirão. Mas esses segmentos que nos dizem, eles têm essa credibilidade, para assim dizer? Eles possuem isso?

Ou essa questão envolve outros aspectos? E, portanto, olhar no espelho da humanidade como critério pode ser muito precário, precisamos de outros elementos, introspecções, caminhada existencial, conversação entre esses critérios, não parece mais razoável?

Um outro elemento.

O Erich Fromm, em 1976, ele surge com uma obra muito forte sobre ter ou ser. Nesta obra, Erich Fromm, que vinha da Europa, problemas como dezenas e dezenas de outros médicos estudiosos da humanidade, precisou abandonar seu país e foi viver nos Estados Unidos, onde se tornou professor universitário, terapeuta. Erich Fromm dizia que um enorme abismo havia na alma humana, uma alma que confundiu coisas e na

incapacidade de ser, de ser profundo, de ser amor, de ser compreensão, de ser caminhada, de ser transcendência, tentou compor com o ter, ter coisas, acumular coisas.

Só que essa combinação, segundo o autor, não surtiu efeito e uma grande parte da humanidade enveredou por uma... a palavra que ele usa é um consumismo muito forte, se perdendo completamente, achando que se consumisse cada vez mais determinado segmento do que a sociedade ofereceria, conseguiria, de certa maneira, ser. A ironia é que alguns acabaram conseguindo e foram usados como símbolo e modelo para que outros também se inspirassem em ter, ter, ter, para então depois ser.

Mas, na maior parte dos casos, é muito improvável que seja assim. Um terceiro elemento muito forte na nossa época, primeiro, lembrem o que estamos fazendo, na aula passada eu caracterizei a partir da pessoa, agora estou caracterizando a partir da sociedade, e em seguida, ainda na nossa aula de hoje, as primeiras ferramentas, como lidar com isso, quais são os elementos submodais que a filosofia clínica vai oferecer para lidarmos concretamente com essas questões. Primeiro caracterizamos os problemas, depois vamos ver o que fazer a respeito.

A outra obra que eu anotei aqui, vocês receberão depois com a gravação as obras todas encartadas, é Medo Líquido. Medo Líquido é uma obra de Bauman, Zygmunt Bauman, um dos maiores e mais importantes pensadores que tivemos no século que terminou e no início do nosso século. Bauman coloca que na nossa sociedade o medo se esparrama, o medo hoje se tornou um lugar comum, o medo está amplamente disseminado, ele convive conosco.

Quando eu digo conosco, significa bilhões e bilhões de pessoas, não é mais a exceção, o medo é presente. Bauman coloca que grande parte disso aconteceu primeiro pelo não enfrentamento, que é o termo que ele vai usar. Não houve aquela parada de dizer o que é isso? Como trabalhar com isso? Que questão é essa que está me flagelando? Qual é a natureza? Qual é a propriedade? O que está dizendo? Vamos aprender a lidar com isso. Não houve. O que houve é um tratamento de sintomas. O que fez a alegria de muitos tratar esses sintomas mantendo o medo.

Um problema para a nossa época, muito grave. O apelo a esses elementos. Com isso explodiu a indústria da segurança. Com ela a indústria securitária, segurança para todas as coisas, como se isso pudesse afastar o medo. Deslocou, segundo Bauman, deslocou.

Outro elemento muito disseminado na nossa época por conta de coisas como estas e outras.

À medida que o ser humano caminha, aprendemos a fraternidade, aprofundá-la e outras coisas mais, há um embate nos nossos dias, muito visível em muitos lugares, entre essa individualidade e o elemento da coletividade. Alguns reduzem tudo isso a questões econômicas, questões políticas e a questões da saúde. Provavelmente são questões bem mais profundas e bem mais difíceis.

Um outro elemento muito típico da nossa época, que gera uma dificuldade. Lembrem as três questões que nós colocamos no início. Estamos só aprofundando aquelas três questões.

Se quiserem depois eu posso repetir as três questões. Uma delas é, o que acontece que muitas vezes sabemos como agir melhor e quando a situação aparece não fazemos isso. Nosso testemunho é anterior a esse agir melhor.

Então uma pessoa, você sai com essa pessoa e diante de um movimento qualquer há um elemento ligado a ciúme, essa pessoa poderia agir melhor, aprendeu, fez vários movimentos disso, mas naquele momento o testemunho dela não é nada desse. É um testemunho anterior, mesmo sabendo fazer melhor. Então foi a partir daquelas três questões iniciais que nós agora estamos aprofundando esses elementos como uma conversação com relação àquilo.

Falta de introspecção. Falta de uma autocrítica mais amadurecida. Não é autocrítica de uma acusação para si mesmo, de um martírio, nada disso.

De uma introspecção. Aquilo que Sócrates colocava para seus companheiros, para seus amigos. Podemos olhar as estrelas assim, elas são belas, mas vamos olhar agora também para dentro de nós.

Aqui nós vamos encontrar outras respostas. Eis a introspecção.

Introspecção. Perguntar-se, acolher-se, aprofundar-se em si mesmo, dar-se oportunidade, crescer. Para muitos isso é uma falácia completa, não há nem tempo para isso. Trocaram tudo isso pela correria da vida.

Por último, o Habermas, na teoria do agir comunicativo. Uma obra belíssima. Assim como desenvolvimento, como liberdade de Amartya Sen.

Todos esses livros, essas obras, vocês receberão depois encartadas. O que vamos dizer? Entre outras coisas, que é fundamental isso.

Que se queremos de fato um crescimento sustentado das afetividades, ligados a outras bases, ela sozinha não vai andar. Ela precisa de outros, precisa dos valores, precisa da espiritualidade, precisa da compreensão epistemológica, precisa de vários elementos. Ela sozinha, desamparada, como se fosse apenas ela, o mundo não terá como fazer esse crescimento.

Então, esses homens todos pontuaram, primeiro, a dubiedade da nossa sociedade atual. Muitas coisas a dubiedade permite passar, que de uma forma reta não passaria de modo algum. Então, por exemplo, o flerte da sedução é algo que se alguém for muito longe, recua e diz que isso foi apenas uma brincadeira. E há muitos flertes existenciais, para muitos lados as dubiedades surgiram. Não como uma qualidade de aprofundamento, muito mais como uma desculpa.

Não é assim para todos, não é assim sempre, é assim para muitos. Recuamos muito em elementos de autenticidade. Autenticidade, não é ir para a rua gritando que a sua palavra é a certa e a de todo mundo a errada.

Isso não é autenticidade. Autenticidade é o encontro da pessoa com suas premissas mais profundas. Isso requer tempo, requer trabalho, há proporcionalidades. Saber dimensionar uma resposta. Berkeley, no seu tratado sobre a cegueira, mostrava que aquele que recupera a visão vai levar muito tempo até se localizar no mundo de novo. Porque o mundo não é uma questão apenas de ver ou de não ver. É uma questão de compreender, de saber se localizar e outras coisas mais. Proporcionalidade é um elemento que leva tempo, leva uma depuração existencial. Saber se minha resposta é apropriada, ela é demasiada. E ainda assim, terei que rever muitas vezes isso.

O autoconhecimento e a integração desses princípios. Mesmo assim, há contra-exemplos que se tornaram famosos, famosos.

Agora vamos às ferramentas que eu falei. Bem, se temos tantos problemas, tantas dificuldades, quando falamos de uma educação das nossas emoções, e vejam, na primeira aula caracterizamos a própria emoção, a própria afetividade, que se torna muito incipiente, muito precária para quem já tem 40, 50, 60 anos, mas muito apropriada para quem tem 6, 8, 12 anos e está caminhando para além disso. E vimos que muitos mantêm isso, que causa enormes danos existenciais, para eles, para os outros, para a nossa sociedade.

Hoje vimos, aproximamos caracteres agora do âmbito social, ampliamos esse leque. E agora veremos algumas das ferramentas. Em filosofia clínica, um dos procedimentos clínicos muitíssimo usados se chama esquema resolutivo.

É mais ou menos como aquelas balanças que você via nas quitandas, que você colocava um quilo de feijão e um peso em ferro. E aí o quitandeiro sabia, aqui está seu quilo de feijão, e cobrava. Essas balanças se incrementaram muito.

Hoje nós não temos só dois pratos, o peso e o quilo de feijão. Nós temos muitos pratos. Pratos que medem propriedades e naturezas muito distintas, sendo que alguns desses pratos nem estão horizontalizados, eles estão verticalizados.

E outros desses pratos sequer são palpáveis, são sensoriais, são pratos imagéticos. Então, você ao pesar tudo isso, vem o quitandeiro e diz, vou acrescentar um prato aqui que é imagético. Você não está vendo, mas ele está aqui.

Esse prato é tudo que você trabalhou e que gerou o bônus. Vai computar no âmbito de todos esses pratos. Vejam a dificuldade que é, então, mensurar e equilibrar esses elementos todos.

E há outras dificuldades, outras complexidades aqui, mas como o propósito é que é ilustrar, ficaremos apenas nisso. Agora vamos a essa ferramenta, então. Hoje, na nossa sociedade, é muito comum, talvez a maioria das pessoas em 2025, em quase todas as partes do nosso planeta, utilizam muito esse procedimento clínico, que se tornou complexo, se tornou difícil em alguns lugares.

O que era um escambo, que é a origem remota do esquema resolutivo, e hoje é uma ferramenta sofisticadíssima, que usa inteligências artificiais, computações gráficas e outros elementos, que calcula quanto uma moeda vale, que calcula coisas muito delicadas pelo mundo. Essa ferramenta pode nos ajudar muito nesse elemento de maturação das afetividades. Como ela pode nos ajudar?

Vamos ver de uma maneira muito singela, muito tranquila. Eu anotei alguns itens e procurei atrelar a esses itens, obras que nós já estudamos nas nossas oficinas, nos nossos muitos cursos. Nesses últimos 10 anos foram centenas de livros, não é?

Centenas de filmes que vimos, que trabalhamos em oficinas, em aulas. Muitas coisas. Pois então, enumerei algumas dessas obras.

Vamos começar de maneira bem singela e vamos aprofundar. O propósito aqui é que os senhores possam utilizar estas ferramentas, levando em conta o respeito à própria historicidade, suas, ao contexto no qual os senhores vivem, em conversação com essa sua historicidade pessoal. Isso é uma atitude de respeito.

Não há uma primazia nossa em relação ao meio, do meio em relação a nós. É muito mais como uma dança, que às vezes é muito delicada, muito difícil, está bem? Então vamos começar com elementos singelos.

Vamos supor que você tem um amigo, alguém muito próximo, que é uma pessoa que procurou por você, pede ajuda filosófica ou clínica, pois padece muito com os ciúmes que tem, que às vezes sai completamente fora do razoável, criando constrangimento, criando choros, dramas, envolvendo às vezes crianças que nada tem a ver com isso, mas padecem disso também. E a própria pessoa reconhece que precisa de ajuda, que essa desconfiança gratuita em relação ao marido, à esposa, é algo completamente disparatado, mas que ela não consegue fazer melhor que isso. Então vamos ver.

Estamos falando que o esquema resolutivo pode eventualmente auxiliar isso. Pode sim. Quando na historicidade desta pessoa você encontrar elementos de escambos atualizados para a nossa época, o que é a característica do esquema resolutivo, está aí uma indicação.

Vou traduzir isso para o português. A pessoa coloca: Se eu vou comprar uma casa, eu preciso pensar bem, pois prefiro pagar a faculdade das crianças e continuar morando na minha casa, do que agora mudar a casa e depois sacrificar algo do futuro deles.

Eis um esquema resolutivo. Lembrem, sistema de balanças, de quitanda. Isso não é bom nem mal, não é certo nem errado, é apenas uma característica amplamente disseminada.

Alguns não fazem esquemas resolutivos para a maioria das coisas e outros fazem para quase tudo. Um outro exemplo. Você oferece um emprego à pessoa e ela diz se por um lado essa oferta é maravilhosa e generosa, por outro lado devo fidelidade lá à universidade onde eu trabalhei minha vida inteira e que ajudei a construir. Se por um lado a sua oferta resolve uma série de problemas, por outro lado eu preciso pensar nas

pesquisas que estão em andamento. Esquema resolutivo, sistemas de traslados, balança, contrapesos, contramedidas.

Por favor, lembrem, nós somos filósofos, filósofos clínicos. Não é da nossa competência julgar, mas caracterizar. Estamos caracterizando isso. Não é bom nem mal, não é certo nem errado, são características. Outras pessoas, outras características.

Como é que agora nós utilizamos uma ferramenta como essa, que é particularmente poderosa nos nossos dias, para muitas pessoas, para elementos como, por exemplo, o ciúme? O ciúme é um dos fatores que estará, então, diante da balança.

Eu posso utilizar contrapesos de outros lados que vão, de certa maneira, se não equacionar, pelo menos administrar de modo que seja viável convivência com isso, para a própria pessoa se tornar menos desconfortável e que com isso ela possa lidar com as raízes do que se passa, com aprofundamentos? Isso é possível? Uma das formas para isso é você saber o que serve como contrabalança, como contrapeso, contramedida.

Por exemplo, se você colocar para a pessoa, que costuma ser um erro grave em esquemas evolutivos, dizer, não tenha ciúmes, termine com isso, fim. Isso termina agora e fim não haverá mais. Isso é muito pesado para alguém que está, de certa maneira, habituado?

Alguém que já tem isso como uma resposta instituída e infantil? Mesmo sabendo que não serve mais? Agora, e se municiarmos, se dermos ferramentas a essa pessoa, se propiciarmos essas ferramentas, não será melhor?

Contrapesos, contramedidas. Eu anotei aqui a obra de Shakespeare, que é um clássico, sobre isso nós trabalhamos naquelas oficinas durante a pandemia, que é a obra Othello, em 1604. É o clássico do ciúme de todos os tempos, essa obra de Shakespeare.

Infelizmente, à custa da vida da moça, não é? Que é terrível. E a maneira como ele desconfia, as assombrações que ele cria por conta desse ciúme, as fábulas que ele inventa na cabeça dele, ele desconfia dos próprios amigos, das pessoas que se aproximam, pessoas que vêm ajudar, pessoas que mostram o tamanho do peso desses elementos.

Agora vamos, então, aos contrapesos, às contramedidas. Veja, uma das maneiras de você fazer isso, pela própria essência do esquema resolutivo, é ver a natureza dos contrapesos que se aproximam. Por exemplo, um contrapeso muitíssimo pesado, que viraria essa balança praticamente, seria a obsessão em torno desse ciúme.

No entanto, um outro contrapeso que amenizaria muito seria a confiança. Só que são extremos. O que se aproximaria mais deste elemento que nós queremos colocar como uma contramedida?

O que seria um vizinho bem próximo dele? Por exemplo, você ao identificar que o ciúme se manifesta muito fortemente durante uma festa que você vai com essa pessoa. Provisoriamente evitar ir a festas, se possível, trocando isso por jantares menores, se possível, seria um contrapeso? Poderia diminuir isso? Se serve de contrapeso, a balança

já inclina, ainda não está de maneira administrada que possa você conviver com isso, mas já inclina de outra forma. Se, por exemplo, avisar a pessoa do que está se passando, de ir em determinado lugar, agora vai trabalhar, depois vai passar no mercado, então virá para casa, isso ameniza, serve como contrapeso?

Lembrem dos cuidados todos, trabalhamos com filosofia clínica, isso pode descambar, por exemplo, por um controle da outra pessoa, de uma manipulação feroz em cima daquele que tenta ajudar. Portanto, o contrapeso atende não só à emoção, ele atende a vários princípios que surgem na historicidade e na estrutura de pensamento e precisará ser refeito, ajustado durante toda a trajetória, até que finalmente essa administração, que é dinâmica, não é estática, aconteça. É isso, um primeiro exemplo.

Nós veremos outros, está bem? Eu sei que como uma primeira aproximação, isso pode parecer mais difícil, pode parecer mais de duro trato, mas agora com os próximos exemplos, talvez isso abrande. Para isso eu vou fazer uma parada na demonstração, para ouvir aqueles que quiserem falar.

Bem, vamos aprofundar as ilustrações. Eu sei que no início você pode ficar um pouco confuso, pensar, como eu faço isso que o professor está colocando? Talvez com mais exemplos isso se torne mais tranquilo.

Vamos ver agora um outro exemplo. O medo, que foi falado há pouco em Bauman. O medo líquido, o medo como uma presença na nossa época muito disseminada.

Olhem, a obra que eu anotei aqui, que nós trabalhamos, foi um momento muito bonito dos nossos estudos, foi de Goethe, o Dr. Fausto. Vocês lembram a história, trabalhamos o livro inteiro, é muito bonita a história, eles dizem que Goethe faz uma disputa e desafia o diabo, e não é nada disso. O livro não traz nada disso. O livro fala de um pacto, literalmente um pacto, que alguns historiadores acham que na hora que ele faz o pacto, na verdade foi uma disputa, ainda que tenha sido um pacto. E o Dr. Fausto elabora essas questões de imensas dificuldades, sendo que o medo, todo o tempo, espreita pelos lados que está se passando até o final.

Belíssimo, conforme conhecemos, com a redenção e com a ascensão do Dr. Fausto.

Pois bem, ali Goethe vai nos dar toda uma historiografia daquelas afetividades e como era difícil naquela época então eles poderem resolver isso. De lá para cá, Goethe, aquele romântico alemão, parece que cantou muito dos ventos que nós viveríamos hoje. Há muitos aprofundamentos.

Vivemos uma época na qual esses pactos, os esquemas resolutivos, são muito presentes em muitas vidas e gerando coisas parecidas com as que o Dr. Fausto viveu. Por isso essa obra eu coloquei aqui. Agora vamos ver.

Pessoas que têm de fato muito medo. Medo de viver, medo de morrer, medo de ser, medo de não ser, medo de amar, medo de não ser amado, de não poder amar, medo de tudo, medo do medo. Bom, o que seria?

Vamos voltar sempre ao enraizamento para que vocês possam cada vez mais ter familiaridade com isso. Então o medo está ali, na balança, foi colocado ali. O que nós podemos colocar nos outros pratos desta balança, nesse esquema resolutivo, para podermos, se não equacionar, administrar para que a pessoa possa conviver com isso e à medida que ela vai convivendo, isso vai sendo ajustado.

Novos elementos são colocados, retirados. O próprio medo vai se redefinindo e às vezes nem medo mais ele será. Nos esquemas resolutivos atuais, isso não é raro de acontecer.

O que seria? Se colocarmos, por exemplo, algo como terror, nossa, a balança vai virar do avesso, afunda tudo. Então sabemos que certos pesos não podem entrar ali.

Mas então alguém surge com um peso da confiança, um saquinho feito em algodão muito bonito, moldado por fios de algodão, e diz, vamos botar aqui três quilos de confiança e estará tudo liquidado. Não dá, é muito distante do que a pessoa está vivendo. Lembrem, quando nós estudamos patamares, as vizinhanças, é preciso uma maior proximidade disso para que possa haver uma interseção.

Se você coloca criaturas muito distantes do que a pessoa considera e chama de realidade, ela nem verá isso aí, nem considerará factível. Então vamos aproximar. O que se aproxima daqui?

Medo, talvez prevenção, cuidados. Então essa pessoa, antes de sair de casa, cuidará, com atenção, verá se fechou tudo direitinho, se ligou o seu alarme, a câmera, já que ela tem tanto medo. Isso pelo menos concilia, minimiza esse medo?

Torna menor? Bom, ela não corre o risco de ficar completamente obsedada com tudo isso e passar a colocar a câmera por todo lado, pelas ruas e passar a vigiar tudo e sair com o celular filmando as coisas. Pode, por isso, os cuidados.

Lembrem, é uma balança dinâmica, você acrescentará vários pesos, vai monitorar, por isso o nome Esquemas Resolutivos. E nós temos que saber quais as vizinhanças também, para cada pessoa, vizinhanças diferentes. Para essa que tem tanto medo, um vizinho próximo que contrabalançaria muito esses pesos, seria exatamente a vigilância da sua própria casa, os cuidados, se sentiria mais segura.

Vejam, mas com isso, às vezes, não é suficiente. É uma balança muito precária para ela, você precisa colocar outras coisas nos outros pratos. Em outro prato, você coloca conhecimento.

Então, para essa pessoa que tem uma abertura epistemológica, conhecer o lugar, saber a história do que se passa, de como é a segurança no lugar e outros elementos, é um peso importante, que já movimentou a balança agora de outra maneira. O medo que antes estava quase afundando tudo, já se tornou mais leve e já conversou com outros vizinhos também. Às vezes, a própria composição dos pesos gera novas vizinhanças.

Então, a pessoa, você vai visitá-la depois de um tempo e você nota que não há mais traços do medo que ela tinha, que também não há mais traços das vigilâncias que ela tinha, que o fator epistemológico para ela foi muito pesado, e agora ela se torna

prudente, cuidadosa, mas que isso se esparramou para algumas áreas que nem eram interessantes e que, portanto, vamos ter que continuar colocando contrapesos, contramedidas nos esquemas resolutivos. Isso é algo que precisa ser feito com discernimento, com cuidado, com critério.

Não é um jogo aleatório de peças que você atira e que vão cair de qualquer jeito. É preciso a pesquisa na historicidade, na estrutura de pensamento da pessoa, para sabermos como usar o esquema resolutivo com isso. Vou parar o gravador para que vocês possam colocar uma questão.

Diante disso que foi colocado, lembrem, não é um único critério, mas um critério que pode ajudar muito. Quando você estuda historicidade, você vê, entre outras coisas, percebe, por aproximação, quase nunca por exatidão, a localização existencial da estruturação. Por exemplo, algumas pessoas, para os nossos padrões de época, os nossos contextos, elas, em ampla margem, parecem que já estão um pouco além de uma grande maioria de pessoas.

Isso não quer dizer que são melhores, mais aptas, nada. Às vezes tiveram oportunidades que muitos não tiveram, viveram paz enquanto alguns viviam uma guerra civil. Não se trata nada de melhor ou pior, mas de características, possibilidades, etc.

Então, às vezes, essa pessoa está num elemento mais adiantado quanto às afetividades, quanto a certas questões. Sabe muito bem perdoar, sabe compreender, sabe amar, etc. Outros não.

Então, essa pessoa provavelmente terá vizinhos muito diferentes de alguém que ficou muito aquém, por ter sido marginalizada por uma sociedade injusta, às vezes, e ter passado agruras, fome, injustiças e outras coisas. Isso acontece. Então, às vezes, a vizinhança de um é uma vizinhança muito dura, muito pesada, hostil para os nossos padrões de época.

O outro já tem uma vizinhança mais suave, mais compreensiva. Seja como for, se você compreender esses padrões de vizinhanças que habitam a alma de uma pessoa, você terá melhores possibilidades, provavelmente, de saber o que você vai colocar nessas balanças para administrar melhor estes elementos afetivos. Sem esse estudo, deverá algo aleatório, muitas vezes sem sentido, jargões de frases populares, que servem muito mais como uma frase de efeito do que propriamente para ajudar a alma humana.

Então, uma pessoa, por conta de sua afetividade muito infantil, terceiro exemplo, vou passar quatro exemplos também. Eu anotei muito mais, mas por questão de tempo, veremos apenas estes. Uma pessoa que, por conta de sua incipiente afetividade, está padecendo muito nas suas relações e nas outras pessoas também, esta pessoa tem uma tendência a controlar, e aprendeu as mais diferentes artimanhas para fazer isso.

Um controle muito exacerbado. Olhe, aqui eu separei um exemplo bem mais profundo, e peço a compreensão de vocês. Se não ficar bem, nós retomamos.

Há muitos casos assim. A obra que eu anotei aqui, que nós trabalhamos também durante a pandemia, que é o Grande Gatsby, de Scott Fitzgerald, uma obra de 1925. Vocês lembram o estudo que foi feito do Jay Gatsby?

Era um grande manipulador, era um grande controlador de tudo ao seu redor. Quando ele enriquece e retorna e compra a casa do outro lado da Bahia, e ele não se importa que a moça que ele amou, que era a Daisy, que agora está casada, tem seus amigos, tem sua vida, ele não quer saber disso. Ele não está se importando com a Daisy.

Ele está se importando com ele. Ele quer tê-la de volta de qualquer jeito. Não importa que ela tenha filhos, que ela está casada, que ela tenha uma vida.

Ele nem vê isso. E aquelas festas que ele faz. Esse livro talvez seja um dos 3, 4 maiores romances da história dos Estados Unidos da América.

Chocou uma geração e assustou uma geração inteira, geração de 20, dos anos 20. E talvez seja uma das obras, o maior número de teses acadêmicas que os Estados Unidos têm. Pois bem, Jay Gatsby era um grande sujeito que tinha uma infantilidade imensa nas suas emoções, se comportava como uma criança, controlava, tinha elementos de fetiches quanto a ele.

As cenas no livro e nos filmes, fizeram muitos filmes sobre esse livro, como quando ele leva a moça até a casa dele, leva até o quarto, abre os guarda-roupas e tira aquelas roupas caríssimas que ele tinha e joga sobre a cama e ela elogia as roupas. E ele se sente o máximo em tudo aquilo. Aqui eu coloquei o exemplo do Scott Fitzgerald por uma razão.

Alguns podem achar que esses sistemas de esquemas resolutivos são simplesmente contrapesos e contramedidas que vão resolver algo que está em demasia pesando e causando essas discrepâncias. Não, às vezes isso é muitíssimo mais profundo. Essa balança que estamos falando, às vezes, está assentada sobre vários outros fatores muito complexos, como é o caso de Scott Fitzgerald e o grande Gatsby.

Trabalhar o controle que o Jay Gatsby queria ter sobre aquelas pessoas ali, e que chega ao grotesco, como ele faz aquilo tudo. Ao grotesco, a maneira como ele tenta manipular aquelas vidas. Como se ele pudesse fazer uma tal coisa. E ele acha que podia! Com todo o poder que ele tinha, com todo o dinheiro que ele tinha, ele achava que podia! Pois isso estava assentado sobre outros extratos muito densos e conturbados de uma época, dos anos 20, dos problemas de um contexto muito complexo que ele vivia. Ou seja, usar apenas contramedidas aqui para redimensionar o controle dele, provavelmente não funcionaria. Como não funcionou no filme, até a morte dele, que é a grande advertência que Fitzgerald coloca na obra. Não funciona.

De fato, para casos complexos assim, a orientação é, por hora, trabalhar a base categorial, a historicidade e a estruturação da pessoa, para depois tentar trabalhar isso, o que nem sempre é possível. Às vezes, não há tempo para isso, as coisas já foram muito longe, já houve muita destruição. Nem a pessoa que nos procura nos dará esse tempo na clínica, e nem o contexto no qual ela vive.

E aí acontecem as coisas que vocês sabem, desde grandes tristezas até rupturas de toda ordem. Mas, enquanto pudermos, vamos trabalhar, vamos aprofundar, vamos tentar o que é possível quanto a isso. Separei para vocês uma das mais belas ilustrações da história da humanidade.

Há muito a se falar sobre essa obra. Ela é belíssima, vocês encontram este filme, que eu vou mostrar um encarte de 3, 4 minutos, na íntegra, vocês encontram na internet, no YouTube, está lá o filme, que é A Educação Sentimental, 1869, de Gustave Flaubert. Belíssimo.

Aqui é do cineasta francês Alexandre Astrec, que é a vida daquele rapaz, o Frédéric Moreau. Bem, vamos ver então um pouquinho do contexto da história, antes de eu mostrar para vocês o Frédéric Moreau, e da paixão dele pela Madame Arnaud. Olhem, guardadas certas proporções, e também o público a quem se dirigia, essa obra de Flaubert, é uma obra, o personagem vivia, o Sr. Moreau vivia naquele contexto da Revolução dos anos 1860, é um outro contexto muito diferente do norte-americano. Mas o que é esse personagem? Este personagem, o Moreau, ele apresenta os caracteres que migrariam por gerações daquela Europa. Não só na França, se encontra disseminado para a Itália, para a Espanha e para o norte também da Europa, muito do que ele coloca na obra.

Aqueles que forem ver o filme, por favor, a recomendação é dêem uma passada no livro, que é espetacular, impagável. O livro é espetacular, a Educação Sentimental de Flaubert. Inclusive a ordem das coisas está trocada, essa passagem que vocês viram agora no filme, que é o final do filme, na verdade no livro não é o final, ela está bem antes do final e muita coisa acontece depois.

Mas é uma das partes mais tocantes da obra toda. Porque o Moreau, ele gosta desta mulher. Ela é casada e ela alimenta nele uma dúvida. Ela não termina, não fecha as portas, mas também não permite uma aproximação. E eles vivem uma situação que não permite que ele conduza, para além das coisas que ele precisa, uma maturação afetiva. Então ele vive uma afetividade que se traduz por uma passividade, que se traduz num pensar sempre sobre ele mesmo, sobre as necessidades dele. Ele não está olhando para ela, para Madame Arnault, e dizendo, poxa vida, o que eu tenho para oferecer a ela? E quando ele pensa no que tem para oferecer, ele vai pensar algo que dificilmente preencherá a vida dela. É uma obra notável e é um dos exemplos para os nossos dias.

Em um dado momento, eles têm uma conversa, ele acha, ele vive meio dissociado, ele acha que os sonhos e as utopias que ele constrói, algo típico de padrões muito infantis, que aquilo de fato é o que acontece. Ele não ouve o outro, um dos elementos da maturidade. Ouvi-lhe este outro.

Não, ele assume as coisas. Só que na hora de uma decisão, mesmo a Madame Arnault gostando dele, ela vai tomar a decisão de ficar com o marido dela, o que para ele é uma tragédia pessoal sem precedentes. A obra não é tão trágica como a obra norte-americana de Fitzgerald, ela termina de uma maneira melancólica, fazendo jus à emoção da época, tão presente na alma francesa, mas uma dura advertência que Flaubert coloca.

Uma advertência para a imaturidade emocional, que rodava como um pião à volta dos próprios interesses, que se alimentava de certos fetiches, que dificilmente se abria propriamente, legitimamente para o outro, num romantismo, muitas vezes, que só fazia atrasar o passo da pessoa, não um romantismo que abria a vida para a pessoa.

Trecho do vídeo não identificado.

Agora, observe. Em 1869, Gustave Flaubert escreve esta obra, mostrando uma parte substancial da afetividade dos jovens da França. Mostrando muito o tempo da Revolução, os anos 1860.

Bom, este filme foi feito em 1962, quase 100 anos depois. Coloquemos ainda mais algumas décadas e chegamos a 2025, 150 anos depois. Observaram como esses jovens lidavam com as emoções?

Na impossibilidade de efetivar, ficar juntos, um culpabiliza o outro, se ofendem, mas também se querem. Efervescência de emoções, ebulições para todo lado, terminando, como Flaubert nos diz, esse tipo de afetividade vai conduzir a quê? A frustração.

A um final melancólico, que tanto no filme quanto no livro é da mesma forma. No livro ainda é mais contundente. Mas 150 anos depois, os nossos jovens e os nossos velhos vivem a afetividade de uma forma muito melhor?

Nós nos desenvolvemos, aprendemos a lidar com as afetividades hoje, para além disso que vimos nesse encarte? Ou hoje ainda isso é amplamente disseminado? Se isso é amplamente disseminado hoje, é mais um convite para crescermos, para nos desenvolvermos, para aprendermos a levar as afetividades para outros padrões, outras formas.

Uma vez que isso parece ser tão doloroso, tão hostil, tão nocivo à existência, à paz, ao amor propriamente dito, de uma época como a nossa.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 3 – ELEMENTOS COMPARATIVOS – 24/01/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem esse estudo Uma Educação das Emoções. Sejam todos muito bem-vindos ao nosso trabalho de hoje. Lembrem que, no nosso primeiro trabalho, nós vimos uma caracterização.

O que seria uma pessoa que tem 30, 40, 50 anos e que apresenta caracteres afetivos, emocionais fortemente indexados a alguém que, na nossa base categorial, no nosso contexto, teria, usualmente, 10, 12, 9 anos de idade. Então, fizemos toda aquela caracterização por aproximação, não por exatidão. Isso vai variar conforme a pessoa, o contexto, etc.

Depois, expliquei a vocês. Vamos ver uma aula com teoria muito forte e duas aulas de instrumentalização. Aí, na aula de instrumentalização, pegamos um submodo, esquema resolutivo, e mostramos como isso pode ajudar, em questões assim, para aquelas pessoas que dispõem da abertura epistemológica para isso.

Alguns não têm. Vão até estranhar. Vão dizer, ué, mas para mim isso não vai funcionar.

Sim, nós compreendemos. E depois, aqueles sistemas de balanças, translados, etc. Hoje, veremos a parte final.

Esquema resolutivo por esquemas comparativos. É belíssimo. É uma aula difícil, mas veremos com calma, com carinho, para que todos possam acompanhar a contento.

Antes, porém, vamos a São Paulo. E lá está o querido professor, colega, Clailton, que fará a resenha da nossa aula passada. Por favor, professor, fique à vontade.

Vou retirar minha imagem daqui.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos.

Nossa aula anterior foi dia 17 de janeiro. O tema foi a modulação das intensidades nas emoções. Iniciamos esse curso pontuando algumas características das emoções infantis que, às vezes, encontramos entre os partilhantes, entre as pessoas do nosso meio.

Nessa aula, uma das questões abordadas foi a idade emocional da nossa base categorial. Se a nossa base fosse um ser humano, quais características encontraríamos? O Eric Fromm, em sua obra Ter ou Ser, levantou questões em torno da alma humana, onde, muitas vezes, na incapacidade de ser, as pessoas buscaram o caminho no ter e foram acumulando coisas. Muitas dessas pessoas se enveredaram pelo consumismo, como se, consumindo cada vez mais, pudessem ser.

Para alguns, pode até ter funcionado. Inclusive, o que serviu de propaganda para essa forma de agir. Mas, para a grande maioria, não funcionou.

O Zygmunt Bauman, em sua obra Medo Líquido, pontuou como o medo se tornou algo em nossa sociedade, algo comum no cotidiano das pessoas. Outras características que vimos, a polaridade, por exemplo, uma característica da nossa base categorial, o embate entre o coletivo e o individual, a falta de introspecção para uma autocrítica também é encontrada, a dubiedade. A dubiedade, por exemplo, na linguagem, é usada por alguns, às vezes, para dizer coisas que, de outra forma, não encontrariam passagem, porque, às vezes, são elementos maliciosos, ofensivos dessa natureza.

Nós recuamos em elementos de autenticidade, o encontro da pessoa com suas premissas mais profundas. Essa também é uma característica. Noções de proporcionalidade, saber dimensionar as respostas para que elas sejam apropriadas ao contexto.

Se queremos, de fato, o desenvolvimento, é necessário trabalhar a base, trabalhar outros elementos como valores, espiritualidade, compreensão, epistemologia, etc. Até aqui nós vimos as características da base categorial, algo que encontramos nos dias de hoje. Agora nós vamos ver um dos recursos que nós temos para lidar com isso, que é o esquema resolutivo.

Isso para quem usa esse submodo. O esquema resolutivo trabalha com contrapesos. Considerando, por exemplo, o ciúme.

O contrapeso seria a confiança. Só que a confiança está no lado extremo, está do outro lado, muito distante das pessoas que têm um ciúme muito grande. Então, o que poderia estar ao alcance dessa pessoa e próximo da confiança? O que seria um vizinho dessa confiança que poderia ser acessado por essa pessoa? Se o ciúme se manifesta, por exemplo, em determinado contexto, entre determinadas pessoas, seria possível substituir esse contexto por outro? Seria possível, por exemplo, trocar de academia e ir tomar café em outra cafeteria? Seria um contrapeso para diminuir esse ciúme.

Considerando agora o medo. A pessoa, às vezes, não quer viajar. Ela tem medo que alguém aproveite sua ausência e entre em sua casa.

Mas, buscando agora um contrapeso. Se ela colocasse um alarme, colocasse câmeras conectadas ao seu celular, que ela pudesse acessar a qualquer momento, de qualquer lugar que ela estivesse, e olhar ali, que está tudo bem em sua casa, ou identificar alguma coisa e tal. Então, será que isso serviria de contrapeso para esse medo? Seria possível fazer isso? Essa é uma das ferramentas que pode nos ajudar com essa questão.

E, no decorrer do curso, veremos outras. Obrigado, professor.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton.

Mais uma bela resenha. Alunos que fazem o curso ao vivo recebem invariavelmente presente. Presente de hoje vem lá de Moscou.

Em Moscou, existe uma empresa de design conceitual. E ela é especializada em... Os meninos trabalham muito lá com isso. O propósito deles é mostrar como a holografia vai fazer parte da nossa vida na prática.

O pessoal fala muito, no futuro a gente vai ter hologramas que farão isso. Em alguns lugares nós já temos. Você viaja ao Texas, em Houston você vê isso, em Dallas você vê isso, mas em outros lugares também.

Às vezes, onde você imagina que está uma sinaleira ou uma placa de trânsito, aquilo já é um holograma. É um uso interessante que começa a ser feito, mas de modo ainda muito rudimentar. Esses meninos, especialistas em design conceitual, eles mostram, eles levam para um palco de teatro o uso prático, mostrando para nós, em breve é assim que nós vamos usar.

Hoje já teríamos, inclusive, tecnologia de uso disso, mas dados custos ainda é utilizado de maneira tímida. Algo que em breve abre um campo maravilhoso para a experiência humana, para muitos caminhos, desde a medicina, a robótica, a várias áreas da humanidade. Tomara que o ser humano utilize com responsabilidade, com atenção isso.

Eu vou mostrar para vocês esse trabalho do grupo Silas Veta. Vocês encontram muito material deles na internet. Tem um, inclusive, que logo que dá um Google já vai ver, aparece em praticamente todas as plataformas, que virou famoso no mundo inteiro, essa apresentação deles.

Mas essa que eu vou mostrar para vocês, ela tem vários aspectos muito interessantes. E que para os nossos estudos, lá no outro curso de matemática simbólica, nas terças-feiras, tem vários aprofundamentos. Vamos ver então.

Aí está, Silas Veta. Vocês encontram parte do material na internet. Foi gravado em câmera rápida.

Era para ser mais lento isso. O interessante é que eles fazem tudo isso num palco de teatro para que as pessoas acompanhem ao vivo. Eu imaginei um efeito belíssimo dos usos práticos disso, que rapidamente se dissemina pelo mundo.

Vamos agora para a nossa aula de hoje. Quando trabalhamos questões relacionadas a uma educação para as emoções, nas suas várias partições, é essencial, como somos filósofos e trabalhamos em clínica, o cuidado e a atenção à historicidade da pessoa. O que na historicidade dela vai nos mostrar a necessidade ou a demanda em torno da questão das emoções, da afetividade? É algo que está trazendo problemas a essa pessoa? É algo que está trazendo questões na interseção dessa pessoa com o contexto no qual ela está inserida? É uma outra questão? Para muitos, isso não tem qualquer significado e nenhuma relevância.

Para outros, isso é decisivo, inclusive para o caminho de suas vidas. Então, a partir de lá, da historicidade da pessoa, depois, com a sua estrutura de pensamento, relação entre os tópicos, é que, por vezes, chegaremos aos assuntos últimos nos quais é fundamental a atenção para as emoções dessa pessoa. Em específico, nesse estudo Educação para as Emoções, estamos vendo, primeiramente, aquelas pessoas que, por várias razões, se

desenvolveram, e vimos em contextos anteriores o que quer dizer se desenvolveram aspectos, por exemplo, epistemológicos, axiológicos, de busca, do que acham delas mesmas, no entanto, por várias razões, esta parte, a afetividade, ficou muito aquém, ficou abandonada, ficou atrasada em relação a esses outros elementos.

Um exemplo, você está jantando com uma pessoa, com um amigo, com uma amiga, e, subitamente, diante de um comentário, esta pessoa fecha o semblante, não quer mais conversar com você, alega uma dor de cabeça, diz que vai embora, e você diz para a pessoa, se eu cometi algum deslize, se eu fiz algum comentário inapropriado, me perdoe, o propósito não é esse, não, somos amigos, deixa isso para lá, mas aí a pessoa já está se levantando, e cria um clima, e isso não é um fato isolado, na vida dela é algo que ocorre, muitas vezes, eu sei que quando eu falo coisas assim, alguns olham para fora e para longe, e encontram alguém, eu tenho alguém na minha família que é assim, com os meus amigos que é assim, mas o propósito aqui não é bem esse, de encontrarmos amigos e parentes, mas é mais olharmos para dentro de nós mesmos, o nosso testemunho historiográfico, atesta maturidade quanto às questões afetivas, somos filósofos, trabalhamos na clínica, vamos olhar nossa própria historicidade, qual é o testemunho dela, diante dos caracteres da nossa época, que indicam uma maturação. Lembre-se, você pega o Machado de Assis, Dom Casmurro, vai ver os comentários, as intuições do Bentinho, acho que haveria ali um argumento que mostrasse Bentinho? Você está padecendo de um ciúme terrível, essas desconfianças, esses elementos, vamos trabalhar isso em você, ele pararia, ele ouviria um argumento, qual argumento ele ouviria? É parte de um dos caracteres muito infantis, de pessoas que infelizmente deixaram a perder em algum lugar do tempo esses elementos, a incapacidade de uma conversa sincera, adulta, franca, em torno de certos problemas, que às vezes são dolorosos, alguém que afetivamente, segundo os padrões de época, conseguiu uma elaboração, provavelmente, mesmo padecendo, com as exceções de praxe, poderá conversar sim, o marido, a esposa, chamam por uma conversa difícil, delicada, e a pessoa tende a argumentar, sem fazer as cenas típicas de alguém, não é, que afetivamente ficou muito para trás. Bem, mas o nosso trabalho de hoje diz respeito a ferramentas. Quais ferramentas, além daquelas que vimos recentemente, poderiam, em alguns casos, auxiliar pessoas a ir além disso? Pessoas que identificaram em si mesmas, observaram suas historicidades e viram “puxa vida”, que testemunho estou fazendo? O que poderia utilizar? O que elas poderiam utilizar? Hoje veremos mais algumas ferramentas.

Na próxima aula, nós aprofundaremos com teorizações muito profundas, bem mais profundas, e depois mais duas aulas de ferramentas de novo. A ferramenta de hoje é oriunda do procedimento clínico, denominado esquema resolutivo, e dentro dele os aspectos comparativos. Vamos ver uma rápida lembrança do que vem a ser o esquema resolutivo.

O esquema resolutivo é um procedimento clínico muito utilizado para aquelas pessoas que usualmente fazem translados. Então, a pessoa chega e diz para você, vou receber uma proposta de emprego, mas preciso ver, se por um lado me beneficia assim, por outro lado, eu vou deixar perder amigos de 30 anos que eu tenho nesse meu trabalho. Isso é típico sistemas de translados por elementos comparativos.

Pessoas que utilizam isso, e na nossa sociedade, na nossa época, observem ao seu redor, observem por você mesmo, é um elemento muitíssimo disseminado. Para alguns determinantes, para outros periféricos. Por isso, vamos utilizá-lo aqui no sentido de auxiliar pessoas que por qualquer razão detectaram nelas mesmas que possuem um padrão infantil quanto as afetividades.

Lembrando que isso não é errado, isso não é patológico, isso não é feio. Dependendo da área existencial na qual você está vivendo, nada a se fazer, a não ser, inclusive, aprofundar. Às vezes você trabalha com uma área da arte que precisa muito disso, mas outras vezes não.

Outras vezes, isso se esparrama pela vida produzindo grandes estragos existenciais e contraproducentes. É aí que nós vamos trabalhar quando for essa a situação. Pois bem, vamos ver didaticamente como trabalhar esses elementos.

Lembrando que é preciso ajustar a cada historicidade, a cada estrutura de pensamento, a cada modo de ser. Não é uma panaceia e não funciona como uma receita de forma alguma. Como, então, nós adaptamos isso? Como fazemos? Por elementos comparativos.

Bem, é muito improvável que se tenha êxito, e isso seria o mais raro, se tentarmos trabalhar isso entrando diretamente nas causas mais profundas e dolorosas que habitam essa manifestação. Por exemplo, você está conversando com alguém muito próximo que tem ciúme e faz grandes cenas por conta disso. Ao tentar, com esta pessoa, elaborar esses elementos diretamente nesse ponto, é muito delicado.

Muito delicado. Como alguém que vai ao médico, tem uma unha encravada e diz para o médico pode retirar, não precisa anestesia, não precisa essa injeçãozinha de xilocaína, não. Pode tirar.

Ele sabe o tamanho da dor que ele vai passar? Ele tem ideia? Às vezes a pessoa acha que tem. E muitas vezes é cruel. O médico, piedoso, amoroso, dirá não.

Vou anestesiá-lo, sim, seu dedo para fazermos o procedimento. É assim que se faz. De modo, às vezes, análogo, na clínica, certas dores da alma são tão insidiosas, tão cruéis para a pessoa, que ela pode achar que dá conta, mas o próprio histórico dela nega isso.

E é parte das nossas atribuições observar isso e utilizar procedimentos amistosos, amorosos e delicados com a vida da pessoa. Por isso, a recomendação é, quando fizerem isso, com os devidos ajustes, cuidem. Não façam sobre o elemento mais nevrálgico disso que habita a pessoa.

Há muitas exceções, vocês entendem, não é? No consultório, às vezes, você já tem muitas consultas com a pessoa, já sabe onde está. Às vezes, você está atendendo alguém que é terapeuta e que, portanto, já tem ideia do que está se passando e sabe o que você está fazendo ali. Bom, isso é diferente.

Mas, na maior parte dos casos, não é assim e, portanto, nós vamos pegar elementos periféricos. Anotem, por favor, esse é o elemento 1, didaticamente dos passos. Então,

você, que já conhece, razoavelmente, sua própria historicidade ou a historicidade da pessoa tomará um elemento periférico.

Aquele que não causa maior dor, não causa maior desconforto, sobre o qual ela parece ter um melhor fator administrativo, sabe se mover melhor ali, é esse que nós vamos trabalhar. Como aprender um idioma, é preciso ter fluência para depois poder se deslocar livremente pelos horizontes. Então, vamos para lá.

Então, nós acessamos, por exemplo, e você pode perguntar isso para você mesmo, para outra pessoa. Veja, esse é o item 1, um fator periférico. Então, você diz, fulano, fulana, ou para você mesmo.

Pode fazer até por escrito isso. Vamos supor que você vá a um lugar, vá apresentar um desenho que você fez, ou uma redação, e a pessoa diga a você, olha, não está bom, não. Não era melhor passar um corretor gramatical aqui para corrigir alguns elementos semânticos e sintáticos que estão muito ruins? É, me admira, você diz que foi a graduação e pós-graduação, mas você escreve desse jeito? Bom, diante de uma crítica dessas, como, primeiro, como uma criança reagiria? Seis, oito anos.

Talvez atingisse sua autoestima, ela chorasse, dissesse assim, então não vou fazer mais, já não gostou, não vou fazer mais, não quero mais brincar. Como é que um adulto reagiria? Esse é o critério comparativo do esquema Resolutivos, está bem? Vamos lá, a periferia, pegamos um elemento periférico para fazermos isso. Como é que um adulto faz? Um adulto diz, deixa eu ver, está ruim, onde está ruim? E aí a pessoa diz, aqui, aqui, aqui, assinala para você, olha essa concordância verbal, por favor.

Aí você diz, de fato, está bem ruim mesmo. Eu acho que escrevi isso à noite, eu estava muito cansado. É, de fato, nossa, obrigado por ter me informado disso, e a pessoa diz, sim, melhor a redação, eu sei que você escreve melhor, isso, eu estou falando, não vai apresentar um trabalho desse.

A pessoa diz, não, não vou apresentar de jeito nenhum. E disse, poxa, ficou admirado comigo, de fato, estudei, fiz graduação e escrevi dessa forma, nossa, vou cuidar, obrigado. Adulto, a afetividade dele está resguardada pelas relações tópicas, ele sabe que isso não tem nada a ver com autoestima ou qualquer outra coisa, não está se sentindo agredido, rejeitado, refutado ou qualquer outra coisa.

Um adulto, que tem as emoções atualizadas conforme outros elementos tópicos que o habitam. Ok? Vamos a um segundo exemplo de elementos periféricos, estamos só dentro do item 1, tá? Teremos 3 itens hoje, esse é o item 1 ainda. Então, vamos pegar outro tema, lembrem-se, sempre o mesmo movimento, pega algo lá periférico e aí, lá você trabalha a questão comparativa, uma criança, um adulto, conforme os preceitos da nossa época.

Isso dá fluência, usualmente, à pessoa, ela vai ficando forte nisso. Depois, quando precisar trabalhar questões mais delicadas, que a tocam de fato, ela já tem toda uma caminhada até ali. Não será a primeira vez, a própria pessoa, usualmente, terá mais tranquilidade para lidar com isso.

Então, vamos lá para a periferia de novo. A periferia da estrutura de pensamento desta pessoa, está bem? Lá longe, quase fora do campo do que ela considera realidade. Bem longe.

E lá, nós dizemos à pessoa, bem, agora vamos trabalhar outra coisa. Às vezes, a gente recebe uma notícia delicada, ruim, bateram no seu carro. Bateram no meu carro? Bateram no seu carro.

O que aconteceu? Alguém se machucou? Isso já é um adulto perguntando. Se é uma criança, já pega um tijolo na mão para saber quem é que bateu no meu carro. Então, se vier batendo no seu carro, estava estacionado lá no mercado, não estava? Aquele carrinho? É. Arranharam o seu carro.

Aí, mas está tudo bem, ninguém se machucou. Você deve ter seguro, não tem? A pessoa diz que sim, tem seguro e tudo mais. Agora, vamos ver.

A criança, como ela reage, vai lá, olha o carro, fica furiosa. Quem é que bateu nesse carro? Por que quebraram o meu brinquedo? Onde já se viu? Não olha quando dá ré? Quem é a pessoa? Deixa eu ver. Deixa eu dizer uns bons palavrões e não sei o quê.

É natural. Uma criança está se desenvolvendo e diante de certas frustrações, perdas e outras coisas, ela pode ter uma reação assim, explosiva. Está aprendendo.

Qual é a tarefa do papai e da mamãe? Calma, meu filho. O carrinho quebrou, isso acontece. Seu amiguinho não fez de propósito, não.

Vamos tentar colar essa rodinha de novo. Não é assim que a gente faz com as nossas crianças? Aqueles que tiveram pais que já pegaram uma pedra, um pau para bater na outra criança, infelizmente, não tiveram bons exemplos. Tomara que não tenham seguido esses exemplos de ir da fora, mas tenham seguido outros exemplos, às vezes de um professor, de um tutor, de alguém que tenha ensinado.

Paz, calma, não é por aí, não. Um carro quebrado é sério, mas tem coisas muito maiores na vida. Não vamos quebrar as coisas maiores, não.

Então, criança age assim. Como é que o adulto age? O adulto vai dizer alguém se machucou? Não. O que que quebrou lá no carro? O retrovisor, foi isso? Não, o seguro vai cobrir o retrovisor.

A outra pessoa será que tem seguro? Porque eu posso acionar o seguro para pagar também o carro dela. É, a gente divide a franquia, é assim. Talvez nem tenha franquia.

Vamos ver isso. Esse é o adulto. Observem bem os passos.

Alguns mais apressados vão querer caracterizar, então, por um único episódio, alguém de ser uma criança afetiva. Ah, uma vez aconteceu isso, fulano reagiu com raiva, com não sei o quê. Ele é uma criança? Não, calma, por favor.

Não é por um episódio isolado que nós caracterizamos, não. É por um padrão, por uma série de episódios que vão dizer, olha, o comportamento desta pessoa neste aspecto é

muito infantil e ela está se prejudicando muito e prejudicando outros e por isso vamos ajudá-la. É isso que fazemos, com cuidado, com critério, com observância, com fundamento, com método.

Esse é o nosso trabalho, é assim que a gente age na clínica. Muito bem. Vimos dois exemplos, não é? Vamos recordar? Vamos à periferia da estruturação da pessoa, pegamos exemplos periféricos que pouco atingem e mostramos conversando, exemplificando elementos infantis e elementos mais adultos.

Ao darmos essa fluência, provavelmente a pessoa adquirirá fluência e aos poucos isso vai se esparramar para as áreas mais delicadas. Às vezes não é assim e vamos pesquisar quando não for assim. Agora vamos para um segundo aprofundamento dos três que faremos hoje.

Lembrando o que estamos fazendo, estamos vendo o esquema resolutivo, dentro dele os aspectos comparativos e isso adaptado ao curso Uma Educação para as Emoções. É isso que estamos fazendo. Em especial, estamos vendo pessoas que por N razões não puderam amadurecer já estudamos o que é esse amadurecer suas afetividades. Amadureceram o resto, tem raciocínio de uma pessoa de 30/40/50 anos, tem busca de uma pessoa de 30/40/50 anos, tem epistemologia, tem conhecimento, tem valores, mas na questão das emoções da pessoa ficaram lá longe. Então às vezes você está com essa pessoa e ela apresenta um modo de Ser que causa estranheza não é? Você diz, “ mas puxa, parecia que eu estava lidando com um adulto”

Vamos então a um segundo aprofundamento. Primeiro vimos que ir para a periferia pegar exemplos hipotéticos e mostrar como uma criança usualmente faria e como um adulto usualmente faria, lembrando que estamos tratando com universais, o que faz perder muito da especificidade, isso aqui é apenas para ilustra, sabemos que no consultório vamos à singularidade da pessoa.

Bem, neste segundo aprofundamento veremos que existe outra forma de fazermos estes comparativos, um deles é por próteses. Próteses existenciais costumam funcionar bem em muitos e muitos casos. Então você tem uma amiga que é terapeuta, ela é competente no que faz, no entanto, na casa dela, com os familiares dela o depoimento não é bem este. Fora do consultório ela tem explosões, grita com as pessoas, xinga as pessoas e ela já chegou a bater em pessoas. Aí, o marido dela que faz o nosso curso, chega para ela e diz: olha, vamos fazer uma coisa, o que você acha de nós colocarmos uma prótese? Ela diz, que prótese? Pra quê prótese? Você diz, não, não, é só uma ilustração, é como um óculos. Como uma terapeuta de 40,50 anos que é bem sucedida no seu trabalho, como ela faria, quando vê, por exemplo, uma filha, um filho, o marido ou a esposa, tendo dificuldades de entender alguma coisa, de fazer alguma coisa. Se ela colocasse agora esse óculos, ela vê então agora o mundo, como uma terapeuta dessa idade, como uma pessoa que conhece as coisas, lida com pessoas, lembra, uma mulher madura de 40/50 anos vendo a incapacidade do marido, da esposa, de fazer tal coisa, ela explodiria? Ou, ela tentaria entender, tentaria acolher, tentaria orientar, sabendo que muitas vezes não dá para fazer isso. Qual seria o testemunho dela? Essa é a prótese: coloca um óculos e aí passa a ver como uma pessoa madura de 40/50 anos. Como toda prótese nós temos muitos riscosa aqui, por exemplo: engessa. A prótese pode engessar

a pessoa e ela trocar crescimento afetivo pela prótese. Nesse caso estaríamos ajudando, em alguns casos não. A prótese é um grande coadjuvante que por um bom tempo pode ajudar essa pessoa e em algum momento da clínica nós removemos essa prótese. Tudo isso é feito com muito cuidado, com muito critério, ou seja, próteses são como bengalas ou cadeiras de rodas que quando necessárias podem ser usadas não é? Mas o ideal é que a prótese seja um coadjuvante enquanto a pessoa não caminha com as próprias pernas e não faz as coisas com seus próprios braços. O propósito é autonomia, é independência, é maturação, é desenvolvimento. Abertura de horizontes, esse é o propósito não é? Se a pessoa tiver outros propósitos vamos conversar com ela e vamos ver o que está acontecendo quanto a isso.

Esse segundo elemento é de elementos comparativos. Sem a prótese vai agir como uma criança, com prótese: vai agir provavelmente de forma aproximada como um adulto agiria. Então a pessoa ao invés de explodir com seus familiares, bater, fazer outras coisas, talvez com a prótese ela pense, mas eu tenho 40/50 anos, eu sou um adulto, eu sou um engenheiro civil, eu sou um advogado, eu sou médico, que é isso? Eu não posso dar um testemunho desses. Esses óculos me ajudam. Se estou ferido ou ofendido, o que um adulto no meu lugar faria? Um adulto que tem recursos intelectivos e tudo o mais não faria isso de se desesperar e gritar que nem uma criança, de fazer birra, manha, de estragar um final de semana. Não faria isso, não! O uso da prótese requer vários ajustes ok? Alguns não conseguem, você tenta propor a prótese e a pessoa usa 2x e não quer mais saber, chuta. Está tão viciada em comportamento infantil que desloca isso.

Fora da gravação uma colega colocou uma questão muito interessante e eu anotei para indexar no nosso trabalho aqui que é: “a criança que habita em nós!” Ora, como vimos na aula inicial, não se trata de afastar a criança que vive dentro de nós, ao contrário, se trata de afirmá-la, de dar espaço para ela tanto quanto possível. A criança que vive em nós é essencial, para podermos sorrir, brincar, sonhar e para viver. A questão aqui é apenas ajustar campos, momentos, contextos, apenas isso não é? Lidar com uma pessoa que tem uma afetividade adulta é uma das questões muito bonitas da nossa época não é? Alguém com quem podemos abrir nossas questões, que buscará nos compreender, afastará certos julgamentos nocivos, na medida do possível saberá nos perdoar, na medida do possível saberá amar, é uma outra relação. De certa maneira é um quadro maior, muito mais profundo. O mundo é muito amplo, tem muitas manifestações e muitas formas.

Então neste ponto 2 vimos a questão da prótese e o óculos como exemplo. Há muitas formas de próteses, essa inclusive é muito utilizada em questões literárias e em pontuações, inclusive, é muito utilizada.

Vamos agora para o terceiro e último elemento dentro desses que estamos trabalhando aqui, que são os elementos comparativos dentro dos esquemas resolutivos, a parte mais avançada da filosofia clínica. Bem, mas existem outros fatores bem mais profundos.

Algumas pessoas dentro da historicidade mostram o fator destrutivo que houve nas relações comparativas, então isso aparece nítido no consultório, em muitos casos. A pessoa diz que foi criada por uma tia-avó e essa tia-avó não perdia uma oportunidade de comparar sempre essa pessoa (partilhante), de maneira pejorativa, sempre a

colocando para o chão e ela se sentindo inferior, se sentindo péssima, parecendo que tudo o que os outros faziam era melhor, era muito perfeito e ela o que fazia não era, parece que sempre os outros tinham razão, as emoções dos outros valiam a dela não. Ela cresceu, diante disso, vivendo com um quadro desse, muito duro, muito hostil, nocivo, que gerou nela uma verdadeira aversão a esses elementos comparativos a tal ponto que basta que alguém dê a ela numa conversa, a sensação de que está sendo comparada, bastando pra ela explodir, mostrar um comportamento e uma reação desproporcional, lembrem reações desproporcionais, vimos lá na primeira aula como um dos caracteres.

Bem, mas não estamos tratando exatamente disso, então, se é contraproducente ou vamos fazer um elemento comparativo, é muito provável que o que ocorra seja desastroso a partir daí, mas sim, nós vamos utilizar, só que nós vamos utilizar por um outro caminho, muito diferente e por outras formas.

Primeiro – comparar pessoas numa época como a nossa se torna cada vez mais tardio. A humanidade em vários segmentos parece ter crescido e ter compreendido o quanto isso não é adequado não é? No entanto nosso cérebro é cognitivo. Se nós vemos uma pessoa na rua ele imediatamente nos informa: ali está uma senhora, ela tem 30 ou 60 anos, está com uma sombrinha ou sem sombrinha, ela está com calor ou está sem calor, ela está vindo. O cérebro faz isso ao natural, sem que a gente precise fazer qualquer movimento quanto a isso. Essas categorias e classificações por vezes entram em áreas em que nós dizemos: aí não, não quero isso aí não ... vou parar aqui.... são certos julgamentos, certos critérios que nós sabemos que hoje precisamos elaborar e tudo o mais. As vezes voce está com uma criança que acha engraçado que uma senhora caminha com dificuldade e aí você diz: não, não faça isso, ela está caminhando com dificuldades, vamos ajudá-la, vamos ver o que a gente pode fazer? E aí você se aproxima e diz pra essa senhora? Possa ajudá-la a carregar essas sacolas? A sra. está indo pra onde? Não são assim que são os nossos bons princípios de época? Que bom que aprendemos coisas assim... a humanidade está caminhando não é? E aí a criança aprende... o riso dele foi estético, ela achou engraçado, não foi por mal que a criança riu, ela achou engraçado como alguém acha engraçado a folha que cai e bate no pauzinho que tá no chão e aí o passarinho sai correndo assustado. Mas não foi por mal, ninguém quis machucar ninguém não, mesmo assim nós aproveitamos para educar a criança, etc.. muito bem, vamos voltar agora ao elemento comparativo.

Alguém que passou por isso, da maneira mais nociva, mais pesada e dura para os nossos princípios de época.

Ah, você é de tal região, ah, você é de tal cor...ah, você é de tal tamanho, você é de tal jeito, ah você é isso e aquilo. Quem passou por isso de fato, pode ter ficado com machucaduras muito sérias.

Um dos elementos aqui, lembrem, estamos tratando de esquemas resolutivos e dentro dele, os elementos comparativos.

Um dos caminhos é tratar a desconstrução do próprio elemento. Como fazemos isso? Por escalas e aproximações.

Vamos traduzir para o português isso: nas conversações você coloca: “bem, um automóvel pode ser melhor do que aquele e melhor ainda que aquele outro”, mas seja qual for o critério que eu adotar parece que sempre haverá um automóvel melhor e um pior do que aquele ali que eu vou comprar. Mas esse automóvel não é gente, isso não é emoção, não se trata de pessoas. Fazer isso com pessoas é extremamente duvidoso. Quem passou por isso talvez contraargumente: “ah, mas nos trabalhos hoje é assim!” você chega lá e a pessoa diz: “não, você tem mais de 35 anos, então não quero!”, “ah pode-se dizer que isso aí é “etarismo” e tal... “, mas não se trata de etarismo, é outra coisa que está em andamento ali. As vezes tem que se carregar sacos de milho de 60kg e uma pessoa de 60/70 anos provavelmente não vai lidar com algo assim enquanto alguém de 30, que tem uma boa compleição física pode lidar sim não é? Então há critérios, há cuidados em relação a esses elementos.

Vamos para outro fator comparativo de escalas e aproximações? Apartamentos. Há apartamentos que a gente poderia comprar mas não compraria, pela maneira como distribuíram as salas dentro do apartamento e para onde ele aponta que não tem sol..., não tem sacada, mesmo podendo comprar não compraria. Outros que gostaríamos de comprar são muito caros, estão numa área muito cara, a sacada é gigante, o apartamento é maravilhoso! Só que não podemos comprar, está fora do.... campo que poderíamos utilizar. Ou seja, mas há muitas coisas intermediárias... esses elementos comparativos que nós usamos como uma aproximação, na medida em que conversam com as comparações com que essa pessoa tanto padeceu, podem começar a diluir fatores... podem começar a diluir fatores. Nem sempre será assim. Quando isso começa a diluir, o que acontece? Lembram as características de uma afetividade muito incipiente? Desproporções, explosões, culpabilidades e etc e tal... isso quando começa a se remodelar, ainda que de modo tênue e suave, ... é que isso é só um dos caminhos, tende a ajudar a pessoa, tende a ajudar... Então, vamos agora para a praticidade.

Então a pessoa, é final de semana, hoje é sexta-feira, é quando fazemos nossa aula, então a pessoa liga lá para o namorado, para a namorada e diz: vamos sair, hoje é sexta-feira, não estou a fim de sair... E você pensa.. .nossa, mas o romance recém começou e tudo....rs... Mas o que houve? A pessoa diz: “Ah, hoje eu não to bem, não quero sair e tal...” ... Ah, então eu posso ir para a sua casa então... e a pessoa responde: “não, não quero que ninguém venha para a minha casa”. Quem tem uma afetividade que ficou muito para trás aqui pode entrar naquelas oscilações que já conhecemos. Como um adulto lidaria com isso? “você tá bem?” Posso fazer alguma coisa? A pessoa diz que está indisposta, que vai tomar alguma coisa e vai dormir, um chá e vai descansar, que amanhã estará melhor, hoje não tá bem!” A gente oferece, posso levar alguma coisa para você? Quer que eu vá até a farmácia? Não, não precisa. O que que um adulto faz? Bem, vou pedir uma pizza, vou ver um filme e vou dormir não é? Ou vou ler um livro ou vou ligar para algum amigo. Ah, faz tempo que não joga boliche, vai jogar boliche.

Vejam, nos elementos comparativos quando alcançam isso, a pessoa deixa de comparar. O pensamento infantil diria: garanto que está com alguém, aí entram os elementos de comparação na gangorra que se equilibra né? No adulto que já diluiu o elemento comparativo, a balança já fica dinamizada para um outro ponto de apoio, ou seja, o critério comparativo, observem bem, no padrão infantil é muito forte, tende a ser muito pesado... já para o adulto ele é mais suave e o adulto sabe que precisa localizá-lo fora

de certas áreas, sob pena de machucar muito a outra pessoa né? Uma pessoa que já foi casada não vai fazer comparações com a ex, meu conjuge me tratava bem e você me trata muito mal. Isso não é nem do ponto de vista da educação uma atitude adequada. Eventualmente pensar isso é uma coisa, ter isso num padrão é uma outra coisa né? Ainda mais dizer para a pessoa abertamente um critério comparativo dessa ordem. São cuidados, são aprendizagens que gradativamente vamos tendo, está bem?! Na nossa próxima aula teremos aí aprofundamentos muito, muito grandes!

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 4 – SENTIMENTOS ADULTOS PARA ADULTOS – 31-01-2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem um estudo, uma educação para as emoções. Uma delas, há várias e de várias perspectivas. Aqui estamos trabalhando isso do ponto de vista da filosofia clínica.

Vamos diretamente à Boituva, interior de São Paulo, e lá o professor Clailton fará a resenha da nossa aula passada. Por favor, professor, fique à vontade, pode começar o seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 24 de janeiro. O tema foi ajustes via elementos comparativos, esquema resolutivo.

O esquema resolutivo é um procedimento clínico usado com aquelas pessoas que pesam suas alternativas, por exemplo, diante de uma decisão a ser tomada. Então ela considera assim, se eu assumir determinado cargo público, posso ter estabilidade, não poderão me demitir sem um motivo grave. Mas tem uma segunda opção onde terei mais liberdade e oportunidades.

Essa pessoa então compara as opções que ela tem e no final vai escolher uma delas. Então é um sistema comparativo de translados. Existem questões muito delicadas em torno das emoções.

Uma crise de ciúmes, por exemplo, pode ser algo muito intenso, doloroso, problemático para uma pessoa. Vamos supor que seja esse o caso. O filósofo vai iniciar o trabalho diretamente nesse ponto?

Não. Ainda que a pessoa queira, muitas vezes ela não tem noção do que vem pela frente. A indicação é que se use procedimentos amorosos, delicados, temos recursos para isso.

Então nós começaremos o trabalho com elementos periféricos, um daqueles que não causam maiores dores ou desconforto. Algo que a pessoa consegue administrar. O professor comparou ao aprendizado de um idioma.

Primeiro aprende-se o básico para depois entrar em contato com os elementos mais complexos. Nós fizemos três aprofundamentos. No primeiro aprofundamento desses elementos comparativos, via esquema resolutivo, nós aprendemos a mostrar para uma pessoa como uma criança costuma agir.

Por exemplo, quando ela tem suas vontades negadas, frustradas, e o que se espera de um adulto na mesma situação, para que ela possa, via comparação, ver a diferença. No segundo aprofundamento, nós vimos como usar próteses existenciais. Então imaginem um professor com uma professora com cerca de uns 40 anos que é competente em seu trabalho, recebe elogios dos seus alunos pelos métodos, pela paciência, o jeito de ensinar.

Mas quando essa pessoa está em um ambiente doméstico, com filhos e familiares, ela costuma ter explosões por motivos pequenos. E um filósofo clínico poderá propor a essa pessoa, o que você acha de a gente colocar uma prótese? Ela pergunta, como assim?

Olha, vamos colocar um óculos. Como age um professor de 40 anos quando alguém não faz o que ele solicitou, ou não faz do jeito que ele solicitou? Então com a prótese, essa pessoa poderá ver o que ela está fazendo, como ela está agindo e isso poderá ser levado para outras áreas depois.

Essas ações e reações que essa pessoa tem no cotidiano poderão ser comparadas com as ações e reações de uma criança, via essa prótese que permite essa visão. Depois de

um tempo a prótese é retirada. No terceiro aprofundamento, nós vimos que a historicidade de algumas pessoas pode apresentar um fator destrutivo em relação a essas comparações, esses elementos comparativos.

Por exemplo, durante a criação, o crescimento de uma pessoa, a sua família, os familiares próximos costumavam fazer comparações, talvez com um primo da mesma idade ou com outras pessoas, e nessas comparações essa pessoa sempre era diminuída, colocada para baixo, em uma posição inferior em relação a outra. Isso afetou, foi muito dolorido, marcou de tal forma que hoje ela foge de sistemas comparativos, tem aversão a comparações. Isso pode se tornar um problema ao ponto em que diante de uma situação de comparação ela tem uma reação extrema, explode, se ofende, chora, é algo desproporcional ao que houve.

Então observem que estamos diante de um caso em que os exemplos anteriores não se aplicam. Como essa pessoa pode usar, então, como poderemos usar esses elementos comparativos com essa pessoa? Nesse caso vamos usar de outra forma.

Um dos caminhos é a desconstrução do próprio elemento comparativo. Nas conversações com essa pessoa faremos comparações mostrando, por exemplo, que esse carro é melhor, mostrando que um carro é melhor do que o outro, mas poderá haver um outro que é melhor do que esse. Então depois também nós pontuaremos que esse sistema de comparação não se aplica a pessoas, não serve para ser usado entre as pessoas, dando ênfase a essa questão com o objetivo de diluir, enfraquecer esses elementos comparativos que levou essa pessoa ao padecimento.

Ok, professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, professor Clailton. Os alunos que fazem um estudo ao vivo recebem invariavelmente um presente. Nosso presente de hoje vem da Itália, de um dos importantes cineastas italianos do pós-guerra, que é o Nanni Moretti.

Em 1993, ele lança o filme Caro Diário, aliás, deram a ele o Cane, o prêmio de melhor direção, mas ele atua também no filme, vocês vão ver. O filme é muito singelo, muito simples. O Nanni Moretti tinha 40 anos na sua ocasião e ele quer mostrar Roma para nós.

Então o que ele faz? Pega uma motoneta, uma Vespa e sai andando por Roma, em pleno verão, fazendo comentários, nos mostrando elementos de uma Roma que ficava para trás. O filme é muito bonito, muito interessante.

Vamos ver um encarte destes filmes, tá bem? Como uma ilustração do nosso trabalho de hoje. Aqui está.

Vamos fazer uma primeira aproximação. Se você conhecesse uma pessoa com quem você gostaria de se relacionar, e essa pessoa mostrasse muitos elementos infantis que são interessantes, ela é muito criativa, ela não leva nada a sério, ela não tem

compromissos assumidos e tudo, por um tempo talvez isso funcionasse, não é? Talvez, dependendo da natureza da interseção, isso poderia ser assim.

Mas você já considerou construir uma vida? Construir uma casa? Uma família?

Um trabalho? E aprofundar? Seria possível?

O que usualmente você encontraria como problemas? Pessoa, vocês já viram, às aulas passadas, às vezes explodiria por nada, culpabilizaria você por tudo e outros. Nós já vimos as características.

Você acha que conseguiria viver com uma pessoa assim? Outra pergunta, e se essa pessoa formos nós, não outros? Só que não sabemos.

Como podemos não saber? Se tivermos uma afetividade que ficou um tempo, como é possível a pessoa não saber? Ela não percebe que ela explora?

Ela não percebe todas as movimentações características que vimos? Sim, provavelmente uma boa parte percebe isso. Só que essa percepção é mantida pela justificativa que vem logo a seguir.

Tente discutir com alguém cuja afetividade é muito inflamativa, um adulto, para ver. Você vai dizer para a pessoa que ela não precisa gritar, você está ali, você está ouvindo. E ela vai dizer que com você, só gritando para você ouvir.

Você diz para ela, olha, procure ter calma. Não dá para ter calma com você. Você torce tudo.

Ela dizendo isso. Essa é a justificativa que faz, em muitos casos, manter a afetividade infantil. O que é um drama muito grande.

Mas o nosso trabalho de hoje não vai tratar disso. Isso foi o prefácio. O nosso trabalho de hoje vai em direção ao que seria, segundo os contextos nos quais hoje nós vivemos, nas grandes cidades brasileiras, nas faculdades, nos hospitais, o que seria um adulto cuja afetividade poderia ser caracterizada como uma afetividade adulta.

Bem, separei seis itens para vermos isso em um aprofundamento continuado. Está bem? O primeiro item é que um adulto, alguém que pôde, lembrem, por favor, não vamos culpabilizar outros que não conseguiram ir além.

Aí nós estaríamos tendo uma atitude infantil. O propósito aqui é auxiliar, mais nada. Então, um adulto, alguém que se desenvolveu conforme os preceitos da nossa época, conforme que você estuda nas psicologias, nas terapias, em filosofia clínica, esse adulto só pode ser caracterizado em contexto, ou seja, ele no contexto no qual ele vive.

Sem isso, nós não temos o que fazer. Então, essa parceria precisa estar todo o tempo atuante. Vamos adiante.

Um adulto, em 2025, conseguiu, entre outras coisas, desenvolver não só seu trabalho, não só outros elementos de sua vida, mas a sua afetividade, provavelmente esse adulto

não deixa a afetividade sozinha. Vamos ver isso com calma, está bem? Uma criança, se a mãe diz, você não vai jantar hoje, você não se comportou bem, pode dormir, amanhã de manhã você vai tomar um bom café, você quebrou coisas, se comportou mal.

A criança pode explodir, pode ir para o quarto chorando, etc. Entre outras coisas, porque em boa parte dos casos, a afetividade está isolada. Um adulto que se desenvolveu afetivamente, raramente ele vai deixar essa afetividade isolada.

Ele vai aproximar tópicos referenciais. Por exemplo, epistemologia, muitos fazem na nossa época, muitos fazem. Funciona assim, considere uma praia.

A criança vai brincar na praia. Eu imagino que uma criança de 4, 5 anos necessariamente vai brincar com a presença de um adulto, pai, mãe, etc. A criança se solta, ela brinca, ela corre, pega o balde, vai para a areia da praia, volta, constrói um castelinho, ela está muito bem.

É o adulto que vai dizer, o sol está muito forte, coloque esse boné. Agora tome um pouco de água, você precisa se hidratar. Agora pode voltar para brincar.

Olha, o sol está subindo mais, daqui a pouco nós vamos para casa. Você vai almoçar, vai tomar banho e à tarde você vai para a escola. Quem faz esse papel é o adulto.

Ou seja, a aproximação da epistemologia da vida dessa pessoa, da afetividade. Quando isso é feito a contento, conforme as premissas de uma época, é muito razoável e provável que essa criança cresça, se desenvolvendo também nessa parte, ao longo da vida. Num dado momento ela não precisará mais da presença da epistemologia, estará interiorizada nela.

Ela sabe que ela vai até a praia e que há parâmetros. Não pode sair nadando o mar afora, porque vai se afogar. Não pode gritar, pegar coisas dos outros sem autorização.

Ou seja, a emoção conversa e é cuidada por vários elementos. Lembrem, por favor, a emoção não pensa. O papel da emoção, da afetividade é sentir.

Amor, raiva, medo, saudade, é esse o papel da emoção. Se ela estiver sozinha, ela vai levar isso às vezes numa intensidade imensa. Se ela estiver acompanhada por elementos como valores, buscas, raciocínio, para cada um de nós isso será diferente.

As chances dessa emoção se tornar adulta, conforme a vida vai avançando, é muito grande. Muito grande. Uma pessoa que dificilmente vai culpabilizar os outros por suas mazelas, que vai brigar com os outros, tornar a vida dos outros muito difícil, é muito improvável.

Anotei para vocês um exemplo. É uma obra que eu gosto muito, que é essa obra, A Montanha Mágica, do Thomas Mann. Um livro maravilhoso, muito bonito.

Esse jovem, Hans Castorp, ele vai até um sanatório. Isso na década de 20, ele vai a um sanatório visitar um primo dele. Esse sanatório fica nas Alpes suíças.

As pessoas iam até lá, ficavam, quando tinham tuberculose, precisavam ficar isoladas. Algumas, quando morriam, eram descidas de lá com caixões de chumbo, como vimos em alguns momentos da pandemia. Bom, ele vai lá visitar o primo dele.

A questão é que ao visitar esse primo dele, ele descobre que ele está com sintomas de tuberculose e não pode sair de lá. Ele vai ficar sete anos naquele sanatório nos Alpes. E lá ele vai conhecer pessoas que vão propiciar a ele amadurecer, crescer.

Ele chega com 23 anos lá, vai sair com 30. Sai de lá uma pessoa muito mais madura. Então ele tem um amigo que é um jesuíta, e que ele conversa muito, um jesuíta rigoroso.

Tem um outro que é um iconoclasta. Eu anotei o nome dele, o Setembrino. Esse Setembrino é da pavorada, ele faz cada coisa.

Mas é um humanista, um humanista que conversa com ele. O que acontece com esse rapaz? Ao longo do livro, nós vamos acompanhando o que Thomas Mann considera, nesta época da obra, 1924, um processo de amadurecimento.

É muito bonito. Mostra as dificuldades, mostra as dúvidas, os dilemas. Um dos maiores clássicos que temos em todos os tempos, A Montanha Mágica.

Isso é um exemplo desse primeiro item, não deixar as emoções sozinhas. Então, se você vai em um lugar e suas emoções são muito infantis, e você já aprendeu que no seu caso é assim, uma das recomendações seria não deixe suas emoções sozinhas. Coloque sobre a tutela, sobre a guarda de alguém que possa ajudá-la.

Como seus valores, as suas buscas, como seu raciocínio, como a sua epistemologia, seus conhecimentos. Bem, mas isso é a primeira parte apenas, tá bem? Que outras características nós teríamos?

O que mais para uma época como a nossa, tão dilemática, com coisas se mudando a cada segundo, será que podemos falar de fato de uma maturação afetiva? Provavelmente, se você lidar com uma pessoa que não tem maturação afetiva, você rapidamente descobrirá a importância de algo assim. De um modo geral, mas não é uma regra, é muito importante, é muito tranquilizador se relacionar com alguém que amadureceu suas emoções.

Conforme as premissas de época, lembrem. Em nosso contexto, é uma pessoa que, se você magoou essa pessoa sem querer, muito provavelmente ela dirá para você que se sentiu magoada, sim, mas que está disposta a perdoar, compreender. Só que você já fez cinco vezes isso.

Essa pessoa provavelmente tomará outra direção, outro sentido para isso. Lidar com uma pessoa que amadureceu do ponto de vista da afetividade, se você estoura um problema muito grave, vão tomar a casa porque não foram pagas as prestações, etc. Essa pessoa, você pensa que vai se desesperar?

Ela afetivamente é um adulto, ela sabe que se ela fizer isso, todos ao redor, filhos, marido, esposa, provavelmente ficarão em pânico. Como ela aproxima, como nós vimos

no item anterior, tópicos importantes disso, ela diz para as pessoas, olha, a gente precisa se acalmar para ver o que fazer. Com gritaria e com ameaças e tudo mais, nunca se resolveu nada, nós não vamos resolver, vamos complicar ainda mais as questões.

Ou seja, aproximar os elementos. Vamos para o item dois. Há outras características.

Se você tem crianças em casa e já viu quando elas se soltam as emoções, por vezes a coisa vai muito longe. Há gritos, há brigas, há muitas coisas muito sérias acontecendo às vezes. Um adulto que amadureceu suas afetividades, provavelmente ele troca esses arroupos, esses achapes, por paciência.

Ele sabe que as coisas não serão agora porque ele quer que sejam agora. Não. Às vezes o marido está indisposto, a esposa está indisposta, não vão sair daquele dia.

Foi combinado, mas não vão sair. Ele não vai fazer um drama, uma novela por causa disso. Já uma criança, o que faria?

Vejam o processo de maturação que eu coloquei aqui como paciência, pulmeração, calma. Calma. Alguns de vocês provavelmente têm lembrança de um pai, de uma mãe, de um avô.

Alguém muito profundo, culto, um sábio que tinha emoções muito elaboradas. O que fazia quando você chegava até ele e confessava um erro, um problema? Ele martirizava você?

Ameaçava você? Fazia brincadeiras com as suas emoções? Não, não fazia nada disso.

Uma obra que eu anotei aqui que serve como um exemplo muito complicado sobre isso é da Marguerite Yossenaar. Marguerite Yossenaar escreveu a obra que foi um clássico na década de 50, bem no início, chamada Memórias de Adriano. Adriano foi um daqueles cinco imperadores aclamados pela sua prudência, sabedoria, maneira de lidar.

E ele, nesse livro, escreve uma carta. Adriano já tem 60 anos, está perto de morrer, e ele escreve uma carta para Marco Aurélio. Isso tudo no século II, depois de Cristo.

Bem, quais eram as características de Adriano quando ele amadureceu? Eram bem peculiares. Ele gostava de visitar...

Olha, ele foi ao Egito, à Judéia, à Ásia Menor, a muitos lugares que estavam sob a administração de Roma. Ele foi o imperador que disse, diferente de Trajano, que disse, vamos expandir, expandir. Ele disse, não, chega de expandir, não vamos mais expandir coisa nenhuma.

Nós vamos é cuidar daquilo que a gente tem, daquilo que a gente construiu, dar qualidade a isso, etc., fazer isso. Agora vem uma lição importante. Quando nós falamos de uma afetividade adulta, não pensem, por favor, numa régua e que aquilo sempre será feito assim.

Adultos também entram em desespero, muito menos que crianças. Adultos também têm medo, muito menos que crianças. Adultos também erram e fazem muitas coisas sobre a afetividade.

Mas muito menos que crianças. O Adriano é um exemplo disso. Ele se envolveu com um garoto, um grego.

Gostava muito do menino. Ele tinha já cinquenta e tantos anos, o menino tinha vinte, estava servindo lá o exército. Houve um relacionamento afetivo entre eles muito forte.

E um dia esse garoto morre folgado no Rio Negro. A vida de Adriano deu uma guinada muito séria. Ele tinha um casamento muito infeliz, ele gostava muito desse garoto.

Entre outras coisas, por esse período, ele resolve fazer um pan-helenismo. Ele gostava muito da cultura grega, levá-la a todos os lugares, ao Egito, à Judéia. Quando ele chega na Judéia, os judeus dizem para ele, não, nós não queremos isso aqui.

Nós não queremos a cultura helenista aqui conosco. Nós temos nossa cultura, temos nosso Deus e aí é um embate terrível, que distoa de boa parte da história de Adriano. Ele parece subitamente se tomar de fúria.

Por dois anos há um embate terrível, o exército romano vence, ele manda aqueles judeus todos embora, com a proibição, não vão poder voltar. Começava o processo de diáspora. Ora, o que houve?

Um adulto faz isso? Sim, às vezes um adulto faz isso. Qual seria a diferença?

Ora, adultos que fazem isso para pessoas que cresceram, mas afetivamente continuaram crianças. Várias diferenças. Esses adultos, se tiverem oportunidade, vão se desculpar, vão compreender que extrapolaram, vão tentar princípios de remissão.

É muito diferente. Uma criança provavelmente já esqueceu e ainda diz para você que você é que deveria compreender, porque você já fez isso também com elas e outras coisas mais. Vejam as diferenciações.

Bem, temos mais. Temos seis itens hoje para podermos estudar. Há um terceiro item fundamental em uma afetividade que aos poucos faz-se desenvolvendo conforme os prenúncios de uma época como a nossa, nos contextos nos quais nós vivemos.

Nossos consultórios, nossas famílias, nossos amigos. É isso. Se você sai à rua, alguém diz algo que você não gosta, um adulto sairia dando socos e tapas?

Provavelmente não. Fazer isso teria que ser algo muito, muito grave. Envolver dúvidas e tudo mais.

O terceiro item é a relação entre entendimento e controle. Lembre-se, uma criança enquanto está crescendo, você precisa usar muito o controle. E depois muito o entendimento.

À medida que ela vai crescendo mais, ela já vai entendendo as coisas. Mas quando é muito pequeno, o controle é fundamental. Então a mãe diz, não é para usar essa balinha aí.

Não, isso não é bom para você. Você vai comer essa papinha que eu fiz, e não essa balinha aí. Onde você achou isso?

E a criança chora. E a mãe usa então o controle com ela, com um pouco de entendimento. Se a arte de navegação existencial prosseguir, é provável que no futuro, não longe, essa criança, agora uma adolescente, saiba lidar com essas relações de entendimento e controle.

Controle, numa época como a nossa, ele é muito precário. Ele se torna cada vez mais precário. Enquanto palavras como entendimento se tornam cada vez mais profundas e melhores numa época como a nossa.

Então uma pessoa dizer no consultório que vai se controlar para chegar em casa e não dizer horrores para a esposa ou para o marido, para não ser violento. Esse é um elemento bastante precário numa época como a nossa. Ainda que para alguns possa ser feito sim.

Alguns, na falta de entendimento, poderão usar o controle. A recomendação é que use, tanto quanto possível, entendimento. Compreensão.

Que há que não pode gritar com a esposa, com o marido. Por que isso? Porque não se deve bater.

Se a pessoa disser porque vai preso, provavelmente estamos falando de controle. Se aprofunda isso e fala em entendimento, é uma outra relação. São características de um adulto.

Ele pergunta sobre o que está acontecendo. Deixa eu entender. Deixa eu mudar isso.

Como é que eu posso fazer? Dentro disso, a relação entre razão e emoção. A emoção, dificilmente em um adulto, é liberada para fazer o que ela bem entender.

Você está viajando, foi a um congresso, lá você encontra uma pessoa muito agradável e você deixou em casa marido, esposa, filhos, o que um adulto faz? Um adulto sabe que há valores, há princípios, há uma série de questões. Ele não vai simplesmente colocar tudo isso fora, simplesmente ir se lançando às emoções dele, de forma alguma. Se o que aconteceu é muito forte, provavelmente ele chegará em casa depois, falará com a esposa, com o marido sobre isso, e que eles devem dar agora um outro ritmo às coisas.

Ele está confuso, talvez precise de um tempo. Vejam, é outro elemento de discernimento, a relação entre controle e razão. A razão mostra para ele, olha, se você se envolver nessas coisas, você vai colocar muito do que você fez fora, vai machucar muito as pessoas.

A emoção, se for pura, sozinha, tem uma obra no Brasil, nós já trabalhamos todas essas obras que estou citando, em aulas, em oficinas, todas elas, que é Vidas Secas, de Graciliano Ramos, um dos nossos maiores clássicos. Com a Sinha Vitória, Mulher do Fabiano, lembram? As crianças, o menino mais novo, o menino mais velho, é assim que ele trata no livro, né? Menino mais novo, menino mais velho. Tem a baleia, que é a cachorrinha, e tem o papagaio.

E mostra a saga de uma família no nordeste do país. Caatinga, Cerrado, com muitas dificuldades. A lição que a Sinha Vitória nos dá nessa obra, é uma das maiores expressões de maturidade afetiva para os nossos dias, em condições muitíssimo precárias, muito ruins.

Ela consegue fazer este equilíbrio entre entendimento e controle, entre razão e emoção. A obra é um clássico sobre isso. Fabiano muitas vezes se desespera com a situação que eles estão passando.

Pensa em coisas que aí mesmo vão complicar a vida deles. Sinha Vitória, de jeito nenhum. Ela sabe muito bem qual é o contexto, e sabe muito bem que ela, como mãe daquela família, precisa, ela sim, ser adulta emocionalmente.

Do contrário, o desespero entre as pessoas começará, e outras coisas muito pesadas. Mais um item, item 4, dos 6 que veremos. O item 4 trata de uma capacidade.

Pessoas afetivamente adultas, em grande parte dos casos, desenvolveram essa capacidade de reconhecer e contextualizar as emoções. Reconhecer e contextualizar as emoções. O que isso quer dizer? Quer dizer que se a pessoa está com raiva, chega em casa chutando as coisas, a menina começa a chorar, esse pai diz, minha filha, você não tem nada com isso.

O papai está muito chateado, tem um problema lá no trabalho. Desculpa. Sabe contextualizar.

Ele não diz, já passou, não estou mais frustrado, nem com raiva. Ele não falou isso. Ele está justificando, explicando para a filha, numa linguagem que ela entenda.

E assume essa responsabilidade. As coisas não estão bem no trabalho, eu não vou matricular minha esposa, meu marido por isso. Eu é que tenho que resolver essas coisas.

É responsabilidade minha. Eu tenho que resolver isso aí. E deixar estes que vivem comigo em paz.

Considerem o que é viver com uma pessoa assim. Você vai notar. Você vai falar com a sua esposa o que foi, o que aconteceu.

Ela é juíza. Ela diz, olha, deu uma encrenca danada lá no tribunal. Talvez até me afastem.

Talvez façam isso. E aí você, se for um adulto, afetivamente, poderá acolher essa esposa, abraçar essa esposa, dizer, a gente tem algo que possa fazer. Se for uma criança, já começa a gritaria.

Ah, nós não vamos viajar no final do ano. Eu sabia, não vai dar para trocar o carro de novo. Começa o inferno.

Ser afetivamente infantil é maravilhoso quando se é uma criança. Quando se tem 8, 10, 12 anos. Ser emocionalmente infantil, quando se tem 30, 35, 40 e daí para fora, costuma ser muito ruim.

Há muitas famílias que têm filhos em casa com 35, 40 anos que moram com os pais e que são crianças, afetivamente, reivindicando coisas, culpabilizando os pais porque a vida deles não deu certo, porque eles não conseguiram se realizar. Então é muito importante essa parte. A capacidade para reconhecer e contextualizar.

Sabe que no Brasil tem um autor que eu trabalhei no Encontro Mineiro de Filosofia Física, que é o Fernando Sabini, nosso querido Fernando Sabini. Essa obra, Encontro Marcado, a história de três amigos. Esse primeiro, Eduardo, é um homem perdido, muito cheio de questões, buscando se encontrar a todo jeito.

Tem o Mauro, que é trágico e vai terminar muito mal nessa história toda. E tem o Hugo, o terceiro amigo deles. Um livro maravilhoso que mostra.

Esse Encontro Marcado, de 1956, não é um encontro, eles não vão ter um encontro. Fernando Sabini coloca como uma maneira de explicar que na vida há esses encontros. E a grande trajetória do livro todo é isso, capacidade para reconhecer e contextualizar suas emoções.

Quanto mais eles conseguem chegar perto disso, diante dos demais tópicos, raciocínio, busca, os elementos do contexto, mais eles se aprofundam. Uma obra que vale a leitura. Quinto item.

O quinto item fala de autonomia. Autonomia e empatia. Quase um binômio, quase.

Empatia é você saber que o outro tem necessidades. Não é eu, eu, eu, eu, eu quero, eu vou, eu faço. O outro tem necessidades.

O outro tem dores. O outro tem medos. Isso é empatia.

É conseguir me conectar com isso do outro, apoiar. Lembrem, uma criança, esses elementos que hoje já são disseminados, as crianças estão aprendendo, mas há adultos que não têm a menor empatia. Se forem contrariados, se não tiverem suas vontades imediatas satisfeitas, eles vão criar problemas.

Não tem empatia. E as demonstrações são muitas. São muitas.

O marido explica para a esposa, vamos ter que vender o apartamento e morar em uma casa pequena. As crianças precisam de jardim, precisam de espaço, nós temos condições disso. Se a esposa não consegue ir ao mundo dele, como ela sequer vai ouvir o que ele está dizendo? Um dos indícios que mostra que o outro não está ouvindo é o rebater.

Você coloca uma coisa e a pessoa diz lá vem você de novo com essas histórias. Já não aguento mais, é outra vez a mesma coisa. A menos que essa pessoa seja mágica e

consiga localizar todas as vezes que você fala isso, como pode ela dizer? Lá vem você de novo.

Ué, pode vir de novo, de novo, de novo. Adultos fazem isso também. A Clarice Lispector tem uma obra nesse sentido maravilhosa, A Hora da Estrela, que é muito bonita, não é? Muito bonita essa história da Macabeia.

A Macabeia vem lá do Nordeste, do nosso amado Nordeste, e ela passa muita dificuldade no Rio de Janeiro, muita dificuldade. Ela é muito pobre, ela é quase uma indigente. E num Rio de Janeiro muito conturbado, A Hora da Estrela, de 1977, de Clarice Lispector, nos dá uma lição fundamental sobre... Esse narrador, que é o Rodrigo, que é um homem curto, um homem versátil, ele é que conta a história.

E enquanto ele conta essa história, a capacidade que ele tem de empatia é formidável. Formidável. Como ele vai ao mundo da Macabeia, como ele consegue conversar o mundo da Macabeia.

Uma característica muito pronunciada de afetividades adultas. Autonomia. Diferente de uma criança que precisa, que a mãe autorize ela a fazer isso, ir lá, etc.

Um adulto tem autonomia. A final de semana, ele está sozinho no apartamento, ele liga para amigos, vai a um restaurante. Ele é um adulto, ele tem autonomia.

Ele não fica mendigando que não tem ninguém para sair, que ninguém gosta dele. Uma afetividade amadurecida dificilmente embarcaria em algo assim. Não no nosso contexto.

Por último, e também muito importante, flexibilidade. Flexibilidade é uma das características muito importantes na afetividade adulta. Flexibilidade.

Nada é tão rígido que não possa ser mudado, não possa ser conversado, pelo menos. É uma das grandes características da nossa época. A flexibilidade quanto a uma afetividade adulta.

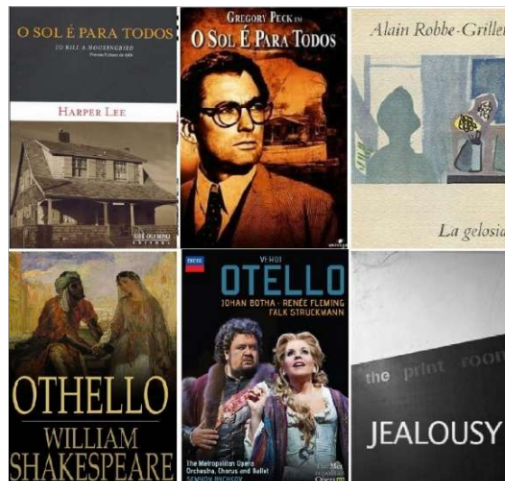
Esses seis itens que nós vimos aqui, agora carecem de ferramentas. Importantes ferramentas. Nas próximas duas aulas, nós veremos várias dessas ferramentas, como vimos anteriormente.

Essas são outras. São derivações submodais, muito importantes, que são ajustadas para cada contexto, cada história, cada pessoa, e que podem trazer esta pessoa tanto quanto possível. Se não essas características, que não são modelo, são talvez uma referência pálida, que para cada um de nós haverá aqui discrepâncias.

Mas muito importante.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

AULA 5 – INFORMAÇÕES DIRIGIDAS - 07/02/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação nas Emoções. Sejam bem-vindos a esta aula de 7 de fevereiro de 2025. Estudaremos hoje ferramentas, os sub-modos, para lidarmos com algumas questões que costumam surgir nas afetividades, quando elas têm como busca o amadurecimento.

Vamos diretamente a São Paulo e de lá o professor Clailton conversará conosco sobre a resenha da aula passada. Boa noite, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 31 de janeiro. O tema foi Sentimentos Adultos para Pessoas Adultas.

Entre muitas considerações e aprofundamentos complementares, na aula passada nós vimos seis itens. Já vou iniciar com o primeiro. Um adulto não deixa a afetividade sozinha.

Esse foi o primeiro item. Imaginem uma criança na praia. Ela brinca, corre, se diverte muito e quem vai passar um protetor solar, dizer que está na hora de se hidratar, de se alimentar, quem vai tomar as medidas para orientar e proteger essa criança é o adulto.

Da mesma forma, é possível realizar uma parceria entre afetividade e outros tópicos. Vamos considerar aqui a epistemologia. Com a epistemologia, as emoções podem se orientar pelos conhecimentos da pessoa e evitar os problemas.

O papel da emoção é sentir. Seja amor, raiva, medo, saudade. Porém, se ela estiver sozinha, esses sentimentos podem ir em uma intensidade imensa, mas se ela estiver acompanhada por valores, buscas, raciocínios, as coisas tendem a ser diferentes.

O segundo item foi a paciência. Um adulto sabe esperar, sabe que muitas coisas não acontecem na hora que ele quer, diferente de uma criança que quer na hora e se não tem, ela chora, esperneia, faz escândalos. A calma diante de um problema, a solidariedade com os outros, são características que demonstram a maturidade.

Item 3, a relação entre entendimento e controle. Quanto mais jovem for uma criança, mais controles costumamos usar com ela. À medida que essa criança vai crescendo, vamos explicando como as coisas funcionam e o entendimento tende a substituir esse controle.

Uma pessoa que precisa se controlar, por exemplo, para manter a compostura, o respeito, isso tende a desgastar muito essa pessoa, isso tende a criar certa dificuldade. Esse modo de agir, de se controlar dessa forma, está caindo em desuso. Já a compreensão, o entendimento do contexto oferece mais liberdade, é um modo mais leve para os nossos dias.

O item 4, muitas pessoas têm capacidade de reconhecer e contextualizar as emoções. Por exemplo, alguém nos dá uma resposta atravessada, falta com a educação, nos sentimos ofendidos pelo que aconteceu. Depois, essa pessoa percebe o que fez, qual será a atitude dela? Ela vem, nos pede desculpas, explica que acabou de passar por uma situação que não está se sentindo bem, assume o que fez e se desculpa pelo contratempo.

Nós que conhecemos a pessoa, sabemos que ela não é assim, compreendemos o que ela está nos dizendo, perdoamos e esquecemos. É assim que ocorre quando um adulto contextualiza suas atitudes e percebe alguma interferência negativa de uma emoção. Item 5, autonomia e empatia.

A empatia, saber que o outro tem necessidades, dores, medos e conseguir se conectar com esses elementos no outro, sendo solidário. Uma pessoa que não tem empatia, cria problemas se for contrariada, se suas vontades não forem atendidas, ela não enxerga o outro na relação, reconhece apenas as próprias necessidades e as próprias dificuldades. A autonomia, uma criança precisa de autorização para fazer certas coisas, precisa que tenha um responsável próximo dela.

O adulto já tem autonomia, em fim de semana ele pode ligar para os amigos, combinar alguma coisa, ele terá responsabilidade pelo que fizer e não vai ficar se lamentando porque ninguém quis levá-lo em algum lugar, porque ficou sozinho, etc. O último item, o item 6, a flexibilidade. Flexibilidade é uma das características da afetividade adulta, nada é tão rígido que não possa ser mudado ou pelo menos conversado.

Agora observem, não temos como separar apenas pontuando as características adultas das crianças, passar uma régua e dizer que daqui para lá é criança e daqui para cá é adulto. Essas características podem aparecer nas ações de todos, de qualquer um. A diferença é que quando o adulto percebe que extrapolou, ele pede desculpa, tenta se redimir.

A criança já não costuma avaliar o que ela fez, ela logo esquece e se precisar ela nem sabe fazer diferente. Esse modo de agir é um padrão para ela. Ok, professor.

Obrigado. Finalizo.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton.

Puxa, que resumo maravilhoso. Esta semana, nos últimos dias, perdemos pessoas muito queridas, que muito contribuíram para o nosso trabalho existencial de melhoria, dessa busca tão difícil desse trabalho. Uma delas foi a Marina Colasanti, que vimos tantas obras dessa altura.

Puxa vida, que Deus a tenha lá, bem alto no céu. E agora, há dois dias, se foi o Vital Farias. Nossa, o Vital Farias.

O Vital Farias provavelmente é um dos tradutores mais afetuosos da alma nordestina. Esse homem da Paraíba nos deixou aos 82 anos. Sabe, conheci a obra do Vital Farias uma vez, quando a Rose Pedrosa dava aulas no interior da Paraíba, em Cajazeiras.

Cidade que fica a 500 quilômetros, mar adentro. Cheguei de uma viagem longa e aí desci no aeroporto, fui de automóvel até lá. E lá fiz conferências, a Rose já tinha uma turma grande, fiquei amigo do reitor, que era um padre muito querido, ficamos amigos.

E depois da conferência, o maestro da cidadezinha de Cajazeiras convidou todos para irmos até, logo abaixo, exatamente de uma Cajazeiras, uma árvore esplendorosa, lindíssima. E lá ele entoou ao violão músicas muito bonitas. E o pessoal dançava, ficamos conversando até muito tarde.

E foi lá que eu fiquei conhecendo a obra de Vital Farias, que nos deixa agora aos 82 anos. Desde então, Vital Farias faz parte do repertório que eu, de vez em quando, visito. Pois, há 17 anos, isso em 2008, ele esteve no programa do Rolando Boldrin.

Ele e a filha dele. Naquela ocasião ele tinha 65 anos. E ele nos apresentou algumas das músicas dele que fizeram encantar gerações inteiras.

Eu vou partilhar a tela com vocês. Alguns que fazem ao vivo invariavelmente recebem esses presentes. Eu vou partilhar para que possamos juntos apreciar alguns momentos lindos de Vital Farias.

Várias músicas, dezenas de músicas que tem na missa dos agricultores do sertão do Cariri Paraíba, em Itaperuá, minha terra. Nós já levamos essa missa duas vezes, em 1999 e 2004. Ultimamente eu não tenho levado por questões políticas lá do lugarzinho.

Se tiver um prefeito que esteja a favor, ele ajuda. Se não tiver, aí ele atrapalha e assim por diante. Então é uma missa campal na frente da igreja Nossa Senhora da Conceição, a padureira de Itaperuá.

E é uma coisa muito bonita. Fica assim como se fosse todo mundo em pé, porque é campal. Então fica esse corredor para ir até a frente da igreja.

Então a missa é uma missa dramatizada, teatralizada. Então tem essa parte chamada de senhor, tem a liberdade de nós. Mas eu queria falar que eu sou descendente de família de agricultor.

Meu pai é agricultor. Toda a minha família é da agricultura, da pequena agricultura. De pequena criação de cabra, de coisa, de algum pedacinho, algum gadinho pequeno.

Então é uma coisa que vem à legitimação. Eu nasci e me criei dentro dessa realidade. Então essa missa não é nada mais nada menos do que a devolução que eu faço para o povo.

Devolvendo a missa. Então nessa hora vai entrando, subindo daqui de baixo até chegar no altar. Então assim, se fosse em verso, vai chegando um casal de camponeses, de agricultores pequenos.

Ele vem com, puxando dois cabrinhos, que ali na Itaperuá na parede nós chamamos de criação. Fulano tem uma criação. Já sabe que é dois ou três carneiros, alguma cabrinha ali, raspada, coisa pequena.

Alimentação da lei das crianças. E ela vem com a criança de colo, acompanhando, com aquela roupa batida e tal, vai subindo. Então quando ele vai entrando, é como se ele fosse chegando atrasado na missa por causa da labuta lá na terra dele.

Quando ele vai entrando, ele já encontra a população ali presente cantando. Senhor tem piedade de nós. Jesus Cristo tem piedade de nós.

Senhor tem piedade de nós. Vamos cantar? Senhor tem piedade de nós. Jesus Cristo tem piedade de nós.

Senhor tem piedade de nós. Aí ele sai joelho com a mulher, tira o chapéu e vai. Senhor Deus protege a agricultura.

Não deixai que ela seja a sepultura. Dos que na labuta, do diário, o solapim. Fez muito sucesso com outros cantores.

Eu queria que ele lembrasse com vocês, é claro, esse pulpo do Senhor Brasil. Tendo essa primazia de ter esse caboclo, que é tão difícil arrancar de lá da Paraíba para trazer para cá. Ele e a filha dele.

Ele vem com a família, depois eu quero mostrar a família dele, inteirinha, no final. Mas eu queria pedir para ele cantar para vocês, algum sucesso, só para lembrar para o pessoal aí. O que é que podia ser? Um pedacinho de zum, um pedacinho de ouro.

Veja você, veja meu bem. Gasolina vai subir de preço. Eu vou partir para a cidade garantida, proibida.

Arranjar meio de vida, margarida, para você gostar. Caso você caje, não escreva nota. Não estrague a porta, não esteja morta.

Aí tem. A gente vem sempre com precisão. E recordo a tua imagem naquela viagem que eu fiz com o céu.

Eu que nasci na floresta, canto e faço festa nos campos aracíveis. Voa, voa. Aí vai tendo por aí.

Bom, e aquela que é um grande sucesso, com a Elba Ramalho, lá? Essa música, essa é que saudade eu sei, é uma música que, na verdade, é a música mais conhecida. Muitos pensam que, como tem quase cinquenta regravações, as pessoas pensam que é de fulano, que é de Cicrano, que é de Bertrand. Na verdade, agora, essa música foi que me deu toda a fortuna que eu tenho.

Não se admira o dia, vem a flor em rádio. Acorda na tua casa e dá um beijo pra mim. Foi saudade eu sei.

Se um dia você tá lá, faz tempo que eu te vejo. Quero matar o meu desejo, me manda um monte de beijos. Não se admira o dia.

Foi nós, o português da Paraíba. Foi nós que mandamos o beijo, que é pra matar nosso desejo. Faz tempo que nós não se vejo.

Ai, que saudade eu sei. Agora só os ateus. Senhor, tem liberdade em nós.

Já nos fez ter liberdade em nós. Senhor, tem liberdade em nós. Aí, a nossa homenagem a Vital Farias, nosso querido poeta da Paraíba.

Que siga o rumo em paz, né? E com os nossos agradecimentos profundos, tudo que ele nos deixou. Entre os dilemas que algumas, muitas pessoas encontram, quando trabalham um aprimoramento, um aprofundamento das afetividades. Isso dentro da perspectiva daquilo que trabalhamos até agora.

Sobre esse contexto. Está a fluência. Vocês podem conhecer várias pessoas que buscaram ajuda, auxílio, para sair de um estado de afetividade muito infantil para os nossos padrões de época.

Regido por explosões, por mágoas, por outras coisas que só se aprofundavam e faziam com que a vida da pessoa não pudesse conseguir. E diante, às vezes, de algo muito pequeno, parece que tudo isso vai fora. Às vezes, um pequeno desentendimento, uma contrariedade.

E a pessoa que vinha se desenvolvendo bem, parece recuar fortemente. Quando tratamos de emoções, cenários assim, são corriqueiros. É parte, inclusive, da própria constituição das afetividades.

Diferente do que ocorre, por exemplo, quando trabalhamos raciocínios, valores e outros princípios. Só que esses contrastes, numa sociedade como a nossa, costumam cobrar muito alto. Suas aparições.

Às vezes, a pessoa desiste, acha que não vale a pena, que ela não vai conseguir, que é melhor, então, prosseguir dessa forma. Outros apelam para atitudes de controle.

Lembrem-se, um adulto, segundo os contextos da nossa época, ele, muito provavelmente, à medida que se desenvolve, troca os elementos de controle por elementos de epistemologia, de conhecimento.

Então, ao invés de... Lembram-se do que o Paulo Freire falava nessas obras? Não é a placa de não pise na grama. Ué, por que eu não posso pisar na grama? Qual o problema? A grama vai morrer se eu pisar na grama? Se eu andar sobre a grama? Tão saudável para a grama, tão saudável para mim? Ele não estava pregando a rebelião, ele estava pregando o conhecimento. Perguntar.

Ué, não posso. O que está vendo que não pode? A proibição pela proibição. Então, o adulto, afetivamente, ele muito provavelmente troca as medidas de controle, de restrição, não faça, não diga, etc., por... Se espere, deixa eu compreender.

Existem motivos para eu não poder fazer determinadas coisas? Quais são? Podemos conversar a respeito, não é? Bem, em tudo isso há muitos recursos, torpedos, e é natural que assim seja. No nosso trabalho da semana passada, vimos o que faz uma caracterização de como pessoas adultas que vivem afetivamente adultas, segundo os princípios da nossa época, em determinados contextos, como elas provavelmente fazem suas coisas. Hoje, veremos ferramentas.

E uma ferramenta muito, muito poderosa para uma época como a nossa. Na filosofia clínica, essa ferramenta tem o nome de informação dirigida. Veremos em duas partes.

Uma parte inicial, mais branda, e depois uma parte muito profunda. Bem, informação dirigida consiste em levarmos à pessoa instrumentalizações que ela por si só não possui. Vamos levar isso para a área médica como um exemplo.

Uma pessoa vai ao médico e o médico prescreve antibióticos. E diz a essa pessoa, preciso fazer isso. Se eu não fizer, é provável que a senhora não se recupere do que está acontecendo.

Isso é uma informação dirigida. Ele está levando algo que ela não tem nela, mas está levando a ela. Informação dirigida.

Pode ser algo material, imaterial, etc. Pois a informação dirigida costuma trazer grandes benefícios para aqueles que procuram trabalhar afetivamente, amadurecer suas afetividades. Uma das formas de fazermos isso é, por exemplo, há muitos exemplos, vou ser bastante singelo na minha explanação.

Se você pesquisou a historicidade da pessoa, a estrutura dela, e percebeu que ela aceita informação dirigida. Não é todo mundo que aceita. Você pode oferecer um livro, e por mais que tenha a ver com a pessoa, ela pode virar o rosto ao livro.

O ser humano tem muitas variações, muitas facetas. Vamos supor que essa pessoa aceite. Então você indica a ela uma obra, por exemplo, uma obra cinematográfica.

Ou mesmo um livro. E prescreve a ela que se atenha a um determinado personagem específico. E que faça conversações com esse personagem.

Que procure aprofundar as relações. Que discuta com ele. O que nós estamos fazendo aqui? À medida que essa pessoa se aproxima deste personagem, estabelece interseção com ele, se aprofunda com ele, muitos elementos decorrentes daí surgirão, que nós aproveitaremos no consultório.

Vamos ver um exemplo disso. Há uma obra chamada O Sol é para Todos, de Harper Lee. Essa escritora, aliás, esse livro é autobiográfico.

Guardadas as proporções que ela coloca no livro, autobiográfico. Ele se passa na década de 30, no sul dos Estados Unidos, Alabama, numa pequena cidade. Lá, um homem negro está sendo acusado de algo que ele não fez.

Por uma sociedade segregacionista naquela época. As chances dele são mínimas. No entanto, a Lee coloca no livro um personagem, inspirado no próprio pai dela, que também era advogado, e que também passou por uma situação semelhante, que é o Atticus.

O Atticus, que simboliza o pai dela na obra, vai defender este homem, que é o Tom Robinson, o nome deste homem, que é inocente. Mas ali a inocência não quer dizer muita coisa. O que diz mais alto é a cor da pele dele, naquele contexto, em ampla margem daquela sociedade.

Atticus faz o papel não apenas de um homem que acredita na verdade e que acha essa injustiça intolerável, entre outras. Este homem, o livro é belíssimo, foi feito depois de um filme tão lindo quanto. Emocionante, uma referência estudada em muitas universidades pelo mundo ainda hoje.

O Atticus coloca para os filhos, tem um capítulo belíssimo no qual ele explica para os filhos o que está acontecendo. Todo o livro é narrado por uma menina de oito anos, que é a Scout Finch, filha do Atticus Finch. Recomendo expressamente a leitura dessa obra, muito bonita, muito atual numa época de polarização em que vivemos. Pois bem, Atticus faz o papel de um homem maduro, emocionalmente maduro, além de outras coisas. Ele sabe o que está acontecendo, ele consulta sua alma, seu coração e se nega a participar desse linchamento, mesmo sabendo o custo que isso terá para ele.

Emocionalmente ele sofre, ele acompanha tudo isso, ele sabe também o padecimento do Tom e luta por este homem, luta com argumentos. A obra nos mostra o quanto ele precisa lidar com as próprias emoções em vários momentos, como um adulto, com afetividades de um adulto, numa sociedade que em muitos contextos ali parece infantil, em grande parte, não toda, há muita gente que concorda com o que ele está fazendo, inclusive toma posição com ele. Se afetivamente ele se importasse demais com a opinião de seus conterrâneos, contemporâneos, não entraria na defesa do Tom Robinson, como ele faz no livro.

Se ele fosse uma pessoa que vivesse como uma criança afetiva, mas nem se aproximaria de uma situação dessas, ali a vaidade dele foi embora, ali tudo que uma sociedade concede como prêmio vai embora. O que ele tem é o coração dele, a afetividade ou a manouche, profundamente arraigado. É uma obra que é uma pequena lição de uma educação para as afetividades.

Observem como o adulto vai fazer nesses elementos todos. Pois bem, uma pessoa que está crescendo afetivamente e lê uma obra dessa ou vê o filme, eu recomendo os dois. Ao ler esta obra é muito provável que, sobretudo pela narrativa daquela menina de oito anos, às vezes ela é tão delicada, nós notamos que ela não entende muito bem, às vezes o que está se passando está em jogo e outras vezes ela parece tão grande na narrativa dela.

É muito bonito e também doloroso. Vocês sabem, a obra, mesmo com todas as provas evidentes e notórias, Tom é condenado. Infelizmente ele é condenado.

Mesmo com tudo, ele foge da prisão depois e, safe na vida dele, há tiros. É algo muito doloroso, muito triste. Acham que o Atticus Finch, esse advogado, não se questiona, porque ele se questiona sim, sofre sim.

Tem dilemas, dilemas de um adulto que afetivamente já amadureceu. Então, se você toma uma obra dessas, enraíza nesse personagem, conversa com ele, dialoga com ele, observa, eu não faria tal coisa, eu não tenho condições de fazer tal coisa ou eu faria tal coisa ou tenho condições de fazer tal coisa. Daria a minha vida, inclusive, para poder fazer algo assim, como ele fez.

Sinto muito, eu precisaria caminhar muito ainda até para compreender como um homem desse tipo. Esse diálogo pode trazer muitos elementos, simplesmente pela conversa com o que ele fez ali. Muitos.

É algo muito profundo, é algo muito bonito. Separei também uma outra obra, um livro francês, maravilhoso, extremamente intrigante este livro, que é da década de 50, do Alain-Roger Grier. Gelosie.

O francês é ciúme. Recomendo essa obra. É um clássico da literatura francesa, um clássico muito interessante esta obra, sobre os mais diferentes aspectos.

É uma obra contundente. Primeiro que ela é fracionada, você não vai ter uma história linear ali. Outra coisa que aparece, o narrador.

Quem é o narrador desta obra do Grier? Eu fiz vários apontamentos, enquanto estava folheando a obra, sobre o livro. O livro é uma verdadeira aula de como funciona o ciúme na sociedade contemporânea ainda hoje. A atualidade da obra é impressionante.

Mas a maneira como Grier constrói o livro é algo completamente fora dos padrões da literatura da nossa época. Para vocês terem uma ideia, logo na entrada da obra, logo no início da obra do Grier, ele começa a descrever coisas surpreendentes, como, por exemplo, a maçaneta da porta, o corrimão, os móveis. Você pensa, ué, mas isso é um livro sobre o quê? Ele está descrevendo, em vez de tratar das pessoas, logo aparecerão as pessoas.

Há um narrador nesta obra. A obra se passa provavelmente em uma colônia francesa. E lá ele apresenta o narrador todo o tempo.

Ele centra as atenções em dois personagens. A própria esposa, que nos é apresentada como A, letra A, ponto, não tem um nome. E esse senhor, o Frank, os dois.

E o narrador, todo o tempo, discorre por algo que depois nós vamos entender. Mas isso é ciúme, estamos tratando de ciúme. Não há outro nome para o que estamos tratando de ciúme.

Estamos tratando de ciúme. Eu fiz algumas anotações que agora eu vou passar para vocês. Diferente de obras que vão explorar minuciosamente os sentimentos do personagem, os pensamentos desse narrador, aqui não há nada disso.

Ele não se ocupa disso. Toda análise é objetiva. Ele descreve fatos, ele descreve o que ele vê, ele descreve o que ele ouve, nos colocando diante de fatos e mostrando com isso como sente.

Não ele vai nos dizer, ele não nos diz. Nós é que vamos, o leitor. Aos poucos nós vamos nos aproximando e entendendo como alguém que tem ciúme, um elemento profundamente arraigado nas primeiras idades de um ser humano e improvavelmente um ser humano que se desenvolveu afetivamente, muito improvavelmente, ele vai nos mostrando como este homem de fato vivencia isso.

É uma experiência às vezes muito contundente. Pois, numa obra como essa pode-se fazer a conversação com o narrador, com o narrador, para ver para onde essa pessoa que tem um ciúme tão profundo olha, o que ela sente, o que ela percebe, o que ela deixa de perceber. Se passa a obra numa plantação de bananas, numa das colônias francesas, e você nota, nossa, mas tem tanta coisa que ele está deixando de fora.

Exatamente. Ele mostra o fator corrosivo do ciúme, o que ele abrange, o que ele pede como alimento em vizinhas, e aquilo que ele vai extrair não tem a ver com ele. Do ponto de vista filosófico, muitas questões surgem.

E se eu me ocupasse de outras coisas que tem ali, outros vizinhos, seria suficiente para pelo menos equacionar isso? Mas o papel do filósofo é equacionar isso? É encaminhar isso? É fazer o que com isso? Lembre-se, isso não está sozinho. Isso está dentro de uma linearidade historiográfica, dentro de uma concepção estrutural, e precisamos entender isso com a pessoa, sabemos quais as posições, para onde vamos, o que fazer com isso. E a respeito daí.

Uma obra muito importante. Dependendo do estado no qual uma pessoa afetivamente está, lembrem, há estados afetivos muito, muito remotos. Provavelmente, os senhores devem conhecer, uma pessoa que chega na casa de vocês, se serve das coisas, acha que tem só direitos e nenhum dever, parece que você está ali na sua própria casa para servir esse outro, que facilmente explode, culpabiliza, porque qualquer argumentação que você tente ter, só vai agravar o quadro da situação, e você ainda coloca, olha, nós temos uma pessoa dentro de casa que precisa de cuidados médicos, por favor, não cause alarido aqui.

Mas para quê? É quase uma declaração de guerra. Não há nada, nenhum termo, nada que possa fazer com que isso mude. Você está conversando com uma criança afetiva, na alma de um adulto.

Uma das experiências muito difíceis da nossa época. Lembrem de não culpabilizar essa pessoa, não fazemos fogueiras expiatórias de forma alguma, o propósito não é esse, não. É de compreender para podermos fazer algo a respeito disso, não só por essa pessoa, por uma sociedade que faz muitas vezes ter pessoas assim.

Há muitas questões, como vimos em aulas anteriores, envolvidas. Então, nessa primeira parte, trabalhamos a questão da informação dirigida na qual é possível, plausível para algumas pessoas tomar um personagem relevante de uma obra, como estas que vimos, aprofundar estes elementos, muitíssimo mesmo aprofundar, e com isso estabelecer conversação com o personagem, que serve como uma espécie, não de modelo, mas de representação para o problema que está sendo tratado. Da caminhada que se fará, então.

Aqui eu vou parar o gravador para que aqueles que quiserem colocar a questão. Vamos agora para a parte avançada do nosso trabalho de hoje. Bem, conversar com o personagem, com informação dirigida, requer vários elementos.

Por exemplo, algumas pessoas, você coloca o filme e ela não consegue dialogar com o personagem do filme, por muitos motivos, não considera real, não considera plausível, acha uma coisa tola, etc. Às vezes é importante que alguém faça o papel de mediação, alguém que diga, espere, espere. Deixa eu te perguntar, nesta situação, quando ele está entrando no tribunal, você tomaria esta atitude que ele está tomando aqui com as pessoas? Veja que ele está sendo xingado pelas pessoas.

Observa a vida dele nessa pequena cidade também. Aí, com essa mediação, a pessoa consegue dialogar. Nos anos 1600, Shakespeare, lembrem que Shakespeare é um autor tão complexo que alguns, como Freud, não acreditavam muito que ele era uma pessoa só, mas várias pessoas, vários autores escrevendo com o nome de Shakespeare.

Tamanha foi a genialidade dele, o impacto dele não apenas na literatura, na modernidade, nos caminhos que ele abre. Realmente algo muito raro. Shakespeare tem uma obra chamada Othello.

Othello era um general, um general mouro, provavelmente do norte da África. Um homem de grande poder em Veneza, a serviço, aliás, de Veneza. A obra se desdobra em dois pontos, depois é para o Chipre.

Está das questões políticas daquela época que Shakespeare explora muito bem. Esse general mouro acaba casando com uma moça da sociedade de Veneza, filha de um senador, o que causa um escândalo na sociedade local porque o general era negro, era um homem de cor e isso gera o próprio pai da noiva ficar completamente revoltado e transtornado por esse casamento. E o general Othello ama muito essa moça, Desdémona.

Muito. E o que acontece aqui? A lição aqui é de outra ordem. É natural que quando nós trabalhamos um estudo sobre o aprimoramento, o educar das afetividades, das emoções, é natural que alguns possam considerar que isso é como um ponto de chegada e a partir dali tudo estará bem, estará maduro afetivamente e nada mais poderá acontecer.

Isso provavelmente existe na ficção, na prática do cotidiano, os cuidados devem permanecer. Isso é uma educação continuada. Após alcançar um estágio é importante que se procure aprimorar, cuidar, ser prudente, assim funciona de um modo mais condizente com a nossa época.

Shakespeare viu isso e ainda outras coisas nos anos 1600 e provavelmente ele se inspirou num poeta que escreveu décadas antes uma obra sobre isso. Só que nas mãos de Shakespeare o que era uma crônica, um livro ganham uma profundidade realmente importante e muito incômoda. Muitas gerações ficaram muito incomodadas.

A leitura disso causa um impacto incômodo na alma humana. E olha que ele deslocou a obra para a Itália, não para a Inglaterra. Talvez para dar objetividade aos leitores.

Na verdade é uma peça de teatro. Então esse general Mouro que casa com a Desdemona eles passam a viver. Ele tem um amor genuíno por ela.

É um homem que sabe os desafios que está enfrentando e então aparece um personagem Iago que é um alférez. Na verdade ele é um subalterno do general. Está a serviço desse general, mas é um homem cheio de problemas e que deseja profundamente arruinar a vida de Othello.

O que ele faz? Observem como Shakespeare vai construir um discurso da modernidade a partir daí. Iago começa a disseminar a discórdia entre o casal. De uma maneira extremamente civil ele começa a disseminar.

Ele planta provas que vão fazer com que o general Mouro Othello comece a desconfiar da Desdemona. Com um soldado, um oficial, ele começa a plantar provas. Um lenço, por exemplo, cena famosa da peça de teatro.

Fazendo com que nas conversas que ele tem também com Othello, ele explore em Othello, entre outras coisas, o fato de ele ser um homem que tem uma outra cor. Ele é um homem do norte da África, no meio de pessoas que ali o discriminavam já. Somente por sua cor.

Mesmo assim, ele passa por cima de muitas coisas. Ele é um trabalhador, é um homem que tem uma integridade e que pra ele ele entende essa falta de profundidade de quem avalia o outro pela cor da pele. Mas, ele tem vulnerabilidades.

Ele, por exemplo, tem uma enorme insegurança. Várias inseguranças ele tem. Exatamente por essa condição de vir do norte da África, ser um Mouro no meio de uma população muito diferente da dele.

Já era difícil pra todo mundo. Pra ele ainda tem mais essa dificuldade. Então ele tinha naturalmente esses receios, tudo.

E é exatamente aí que o lago vai se aprofundar, vai semear. O drama de Shakespeare tem muitas leituras e uma delas importantíssima, porque nós estamos trabalhando aqui, é esta. Que mesmo uma afetividade que está amadurecendo e que está provavelmente além do contexto de uma época, que é o caso deste general em muitos momentos, ainda assim não é invulnerável.

Ainda assim pode tropeçar, sim. Pode recuar muitos passos. No caso dele, esse ciúme é plantado de uma maneira tão ardilosa, tão terrível, que aí o drama, a peça é espetacular.

Nos mostra os vários momentos que faz com que alguém que já está galgando uma afetividade madura, comece a recuar os passos. Comece a se afastar das vizinhanças condizente com aquilo que ele está vivendo, o amor, construção, procurar as melhores premissas, as melhores formas. Ele começa a se afastar de tudo isso e começa a ouvir vizinhanças péssimas, provas, elementos antagônicos e outros.

Quase 300 anos depois disso, um dos músicos mais importantes da Itália, que era Verdi, isso no final dos anos 1800, Verdi estava com muitos problemas. Ele nem queria pegar essa peça. Ele já se dava como aposentado, não queria mais trabalhar com nada de música, queria ficar tranquilo.

Mas o chamado dos amigos e quem escreveu o folheto, alguém tão notável da época dele, que Verdi reconsidera e acaba construindo uma ópera que varreria a Europa de novo. Quase 300 anos, clamando de novo o Elusive Prince. Ele renova a linguagem Shakespeare, musical.

É impressionante o trabalho que ele faz. E nós vamos ver um trecho desta obra. Ela é muito extensa, vocês encontram nas plataformas, gratuitamente, a obra é na íntegra.

Recomendo, por favor, quem puder, que veja. Seleciono um trecho apenas. É o trecho em que o lago vai até o General Mouro, até Otelo e começa a semear os elementos do ciúme.

Ele é muito ardiloso. Observem como isso funciona. Shakespeare, 300 anos antes, nos anos 1600, nos mostrava que isso não é uma linha reta.

Isso vai acontecendo. A pessoa percebe algo e aí ela quer buscar provas. E como ela está convencida que o ciúme dela é real e é concreto, qualquer prova começa a alimentar mais.

Ao fazer isso, ela começa a se aliar a vizinhos muito ruins que vão afundar com essa pessoa. E isso nós vemos nitidamente nessa peça. Vamos ver um dos momentos.

Bom, antes disso acontecer, que vocês verão agora, imediatamente antes, o lago faz uma aproximação da démona com esse oficial com quem ele está semeando as coisas. Propositadamente, sabendo que Otelo está chegando ali, ele faz isso. A cena é contundente e maravilhosa.

Observem as marcações do discurso. Música Muitos elementos aqui. Primeiro, Shakespeare, na abertura da modernidade, diferente do que encontramos lá de Don Quixote, de Cervantes, Shakespeare procura um outro caminho e nos avisa que o homem da modernidade se vai crescer, não vai crescer por tecnologia, não vai crescer por tudo que estava acontecendo já na época dele.

Nos anos 1600. Navegações para todo lado, uma explosão de descobertas, enriquecimentos e outras coisas. Shakespeare não acreditava que isso era maturação.

Acreditava que o homem precisava crescer emocionalmente. E Otelo, assim como Hamlet, outras de suas obras muito famosas, Otelo é um caso emblemático de tudo isso. É o próprio caso de tudo isso.

Na peça, Shakespeare faz uma anatomia, uma fisiologia de todo esse processo. Como acontece isso? Como é que essas emoções infantis ainda vão segurar homens preeminentes? Homens que desafiaram seu tempo? Vejam, não é simples um homem como Otelo se destacar na sociedade, no contexto em que ele estava? Num cargo tão importante? Era uma dificuldade imensa. Ele não podia ser igual aos que conseguiam isso.

Ele tinha que se destacar ainda mais para conseguir essas coisas. Um grande general a quem Veneza confiava a defesa. Pois é este homem que capitula, capitula por uma Emoção infantil, e aí Shakespeare nos mostra como isso acontece, por dentro, vejam, o Iago faz a voz da nossa consciência, o Iago é aquele ruminar das coisas, a pessoa me disse tal coisa, e quando ela me disse eu notei que ela tremeu um pouco, a voz oscilou, ah, que a pessoa, na verdade, ela já nem se refere àquele, àquela tal não sei o quê, vejam, ele fecha todas as portas de repertório, Shakespeare avança por todas as trincheiras, parece que nada fica faltando, é muito, muito didático, ele, vocês viram na argumentação, olha, isso não é uma prova, claro que você, como uma pessoa tão proeminente, tão elevada, não vai se deparar, não vai querer pegar coisas tão pequenas, não, e tal, ele mostra o tecido corrosivo de algo tão infantil para um adulto, que é o elemento do ciúme, é humilhante, destoa de tudo, joga tudo fora, e quando o Tello diz, não, eu não vou acusar ninguém, não vou fazer nada para ninguém, eu vou observar, bom, aí já está dando margem a toda a vizinhança do ciúme, um adulto, quando tem o sentimento que ele tinha, ele é genuíno do amor, quando ele vai casar com a Desêmona, mesmo sabendo tudo que ele enfrentaria mais agora por isso, um adulto, quando ama, e alguém vem com uma fofoca, com uma coisa, ele sabe, guarde para você, ele ama, ele confia, se ele for traído, se ele for deixado, o entendimento é diferente, o entendimento provável, em muitos casos é, que pena que essa pessoa, não soube entender uma afetividade, ou, por razões dela, preferiu fazer caminhos assim, jogando fora, que pena, chora sua dor, e em pouco tempo, sua alma se renova, para um novo começo, uma afetividade infantil, isso não é bem assim, muito pesado e diferente, é muito complexo o elemento do perdão, o elemento, muito complexo, uma afetividade infantil, e Shakespeare nos diz nessa obra, cuidado, cuidado humanidade, que agora entra na modernidade, não se iludam com as nossas caravelas, as nossas embarcações, que vão para o além mar, e voltam cheias de madeira, cheias de ouro e outras coisas, não pensem que isso é desenvolvimento, que isso é crescimento, isso é riqueza material, são coisas bem diferentes em alguns casos, e ele diz, então, vamos crescer emocionalmente,

para podermos, de fato, viver as coisas, essa abertura de horizonte, 1600, foi ouvido, foi ouvido por quantos? O fato é que essa obra, essa peça de teatro, belo, ainda hoje, encanta, sacode, mexe muito forte, aqui o convite não é como fizeram anteriormente, como eu coloquei na primeira parte, aqui o exemplo é o do espelho negativo, é aquilo no qual você se mira para saber, no meu crescimento afetivo, preciso cuidar algumas coisas, e aí você faz os ajustes, entre a sua história, a sua estrutura interna, com isso que Othello mostra, observa onde ele tropeça, observa as lições que há em cada etapa, a peça é tão belíssima, que valeria uma leitura, um grupo, ponto a ponto, não é para precisar aprofundar nela, é quase como um imã ao contrário, nos mostrando, ficamos longe disso, se isso faz com que o homem, da estatura de Othello, caia, e o final da peça, vocês sabem, é muito triste, ele mata Desdemona, e em seguida ele se mata, Shakespeare é dúbio quanto a algumas coisas, propositadamente dúbio, Iago, esse que vocês viram há pouco, envenenando, aquele que acreditou nele como sendo um amigo, e Iago é preso, mas é inconclusivo o que acontece com Iago, nós não sabemos se ele de fato vai permanecer preso, ou se numa sociedade como aquela, logo vão soltá-lo, e vão deixar com que ele vá e siga a vida dele.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 6 – AS RECÍPROCAS DE INVERSÃO – 14/02/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, alunos, colegas que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Não é uma única, há muitas maneiras, muitos modos de trabalharmos essa questão. Estamos vendo aqui um enfoque mais aproximado do que trabalhamos em filosofia clínica.

Antes de iniciarmos nosso trabalho, vamos diretamente a São Paulo. De lá, o professor Clailton fará a resenha da nossa aula passada. Boa noite, professor. Por favor, fique à vontade.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos.

Nossa aula anterior ocorreu no dia 7 de fevereiro. O tema foi Informações Dirigidas. Iniciamos esse curso pontuando diversas características das emoções.

Algumas identificamos como maduras e outras se mostraram carentes de desenvolvimento. Ainda que um adulto manifeste ocasionalmente emoções imaturas, ele possui recursos para identificar, reconhecer-se, desculpar para fazer diferente. Por outro lado, nem sempre as emoções infantis serão um problema.

Existem áreas, como as artes, por exemplo, onde elas encontrarão seu lugar. Portanto, todas essas características que estamos estudando precisam de contexto antes de serem pontuadas como uma questão clínica. O tema dessa aula foi Informações Dirigidas.

Esta é uma das ferramentas que temos para trabalhar o desenvolvimento das emoções, quando for o caso e quando esse procedimento for compatível com a ideia em questão. A informação dirigida consiste em levar à pessoa instrumentalizações que ela por si só não possui. Por exemplo, indicamos um livro ou um filme para a pessoa e pedimos que ela se atenha a um determinado personagem, que realize conversações com ele, aprofunde a questão.

Uma das ilustrações que o professor nos mostrou foi a obra O Sol é para Todos, de Harper Lee. Na história, um homem negro é acusado de um crime que não cometeu. Isso em uma sociedade segregacionista, onde a inocência daquele personagem não importava muito.

Eles estavam olhando mais para a cor da sua pele. Há um personagem, no entanto, que acha essa injustiça intolerável e defende o acusado. É o advogado dele.

As características das ações desse advogado são de uma pessoa emocionalmente adulta. Ele sofre com toda aquela situação, precisa lidar com as emoções naquele contexto. Uma pessoa que está passando por um processo de desenvolvimento das emoções encontrará um farto material para avaliar suas ações, suas emoções, a partir dessa obra.

Quando utilizarmos esse procedimento em clínica, faremos os acompanhamentos e os ajustes devidos. Nos aprofundamentos, contamos também com Shakespeare, em Otelo, o Mouro de Veneza. A narrativa nos mostra que mesmo uma afetividade em amadurecimento, que provavelmente já está além do contexto de uma época, não é invulnerável.

Pode tropeçar e recuar. Nós observamos isso a partir das discórdias que o personagem Iago plantou entre Otelo e sua esposa. Shakespeare demonstra o quanto o ser humano de sua época precisava se desenvolver emocionalmente, inclusive para além do desenvolvimento tecnológico que ocorria e o enriquecimento.

Essa obra nos deixa um alerta de que para o amadurecimento afetivo, não há um ponto de chegada onde a pessoa está madura e nada mais precisa ser feito. Trata-se de uma educação que deve ser continuada. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Cailton, pela sua explanação. Sempre tão bem-vinda, tão importante em nosso trabalho. A nossa aula de hoje tem vários níveis de dificuldade.

Então, nós vamos, como sempre, em casos assim, com vários aprofundamentos, com ilustrações, em literatura, também em filmes. Vai ser uma aula bastante instigante essa que nós receberemos hoje. E que, de certa maneira, prefacia um trecho da próxima aula, semana que vem.

Antes, porém, alunos que fazem o estudo ao vivo, recebem sempre um presente antes de iniciarmos esses trabalhos. Hoje no mundo, há muitos jovens, e é interessante que a grande maioria, talvez quase a totalidade é constituída de jovens, têm buscado traduzir as passagens que estamos vivendo com arte. Seja na literatura, seja na pintura, na poesia, na escultura, na dança.

Quero mostrar para vocês hoje uma performance que mostra isso. Muito bonita essa performance. Esse garoto que vocês verão agora, tem inclusive vídeos que mostram como foi feito tudo, muito trabalhoso.

Em poucos minutos ele vai nos mostrar uma variação de como nós lidamos com os objetos ao nosso redor. Uma mensagem muito bonita e muito complexa. Vocês verão objetos que mudam de forma, mudam de função, mudam até de luminosidade.

Parece um espelho no início e depois a gente vê que não é nada disso. Essa arte que é tão importante, tão pedagógica numa época como a nossa, faz parecer os móveis que temos hoje em nossa casa, verdadeiras pedras de arqueologia. A estante de livros que você tem na sua casa foi construída e desde que foi colocada ali, está ali tal e qual com os livros que vão e vêm e ela permanece.

E assim é com as nossas poltronas, com a abajur, com a nossa varanda. Esses dias parecem que estão com as suas datações próximas do final. O que viria? Como seria diferente? É muito bonito como poderia ser diferente.

Poderia ser arte, poderia ser muitas coisas. Vamos ver nessa ilustração, vou partilhar a tela com os senhores. Boa noite, queridos amigos, queridos colegas.

Vamos para o nosso trabalho de hoje. Então, uma ocasião, você acabou se casando com uma pessoa que era uma especialista na área da moral, na área ética. Vários livros publicados no tema.

Em histórias assim, sempre os mocinhos somos nós. Numa história que no fundo não tem mocinhos, como também não tem bandidos. E com o passar dos dias, inicialmente, o encantamento é muito grande.

Você está muito contente com o seu casamento. Alguns dias depois, você observa algumas coisas que chamam a atenção. Numa das obras dessa pessoa, ela fala sobre elementos morais de compreensão, de mútuo apoio, do que vem a ser uma relação, um casamento, uma relação longa, na qual muitas etapas são cumpridas.

E saber transitar por essas etapas é uma das pautas mais importantes do casamento. Então, se no início há muito tempo para sonho, há muito tempo para brincar, para namorar, para sair. Depois, chegam as crianças, esse tempo diminui.

Há problemas no trabalho, vocês compraram uma casa, parcelaram, tem contas para pagar. É natural que, ao longo de tudo isso, as crianças crescem, a gente envelhece. O casamento vai passando por outras etapas.

Alguns sabem transitar as etapas, sabem crescer com as etapas, outros não. Ficam pelo caminho. Não há aqui o melhor, pior, certo ou errado.

São características. Alguns sofrem, pois gostariam de levar até bem longe essa relação, talvez até sempre. No entanto, voltando à história, diante desse casamento, você nota que essa pessoa que escreveu num livro sobre ética, sobre moral, que é muito importante a compreensão, facilmente se irrita.

Quando certas coisas não saem como ela deseja, lembrem da primeira aula do estudo Uma Educação das Emoções, quando uma série de características foram pensadas, mostrando que, provavelmente, na nossa base categorial, no nosso contexto, muitos que possuem uma afetividade infantil, ainda que adultos, possuem. Provavelmente, ora mais, ora menos, com algumas distinções. Uma vez que cada alma é única, essa pessoa, quando algo não está como ela quer, ela facilmente se irrita e, às vezes, eleva o tom de voz de uma maneira desagradável.

Mais de uma vez, bate a porta e faz longos e inconvenientes silêncios, deixando você, às vezes, vários dias sem que ela dirija uma palavra a você. Você nem sabe o porquê, nem sabe o que está acontecendo direito. E se pergunta, facilmente essa pessoa sai do âmbito existencial que ela ocupa para culpabilizar você.

Você é culpado disso. Você não me dá paz. Você não me dá sossego.

Sim, não é possível. Em suma, nós somos culpados no entendimento dessa pessoa. Então, você tem lá um amigo muito estudioso, ele é um padre, ele é um pastor, ele é um filósofo clínico ou um terapeuta de outra área, muito estudioso, você vai conversar com ele o que pode estar acontecendo.

Isso é uma atitude adulta, não é? De um adulto afetivamente adulto. Quer saber o que está havendo? É responsabilidade minha? De fato, eu estou fazendo algo e não percebo o que ocorre. Quero ajustar, melhorar.

Esse é o intuito. Esse seu amigo, após ouvir atentamente a questão que você constrói, diz a você, nós estamos diante de pontos cegos. O que são pontos cegos? Essa pessoa, mesmo tendo estudo nessas coisas, quando se depara com elementos da afetividade e uma vez que a afetividade dela, pelas características, se mostra uma afetividade infantil, lembrando que não há um melhor ou um pior aqui.

Apenas o fato de pessoas que têm essas afetividades infantis, numa carteira de identidade, num corpo de 30, 40, 50 anos, fica muito complicado para elas e para quem

está com elas. Usualmente é assim. Então, ele diz, trata-se de um ponto cego ou de vários deles.

Essa pessoa não percebe, tanto não percebe, que quando você puxa para conversar e diz, olha, você escreveu nesse livro aqui, que durante muito tempo foi um livro muito importante, muito estudado, você escreveu neste livro o seguinte. E aí, você lê literalmente o que estava constituído neste livro. No livro, esta pessoa, que é especialista em ética, especialista em moral, consultora de empresas nesta área, escreveu que é muito importante, em caso de dilemas entre o casal, parar, conversar, jamais agir com truculência, jamais agir com intimidação, com controle, etc.

Que isso é muito infantil. Exatamente o que ela está fazendo com você. Ela que escreveu isso, está fazendo isto com você, o que causa toda a estranheza.

Então, você, ao consultar um especialista, diz para você, essa pessoa que você convive, tem pontos cegos, ela não percebe. Tanto é que você mesmo lendo o livro para ela, o que ela faz, toma uma atitude de extremo ataque. Dizendo, é, mas isso é para pessoas que são razoáveis, você não é razoável.

Você me atormenta, você não me dá paz, você não me dá sossego, você é todo bagunçado, todo bagunçado. De novo, pontos cegos, tema da nossa aula da próxima sexta-feira. Hoje veremos um prefácio a esta aula, um prefácio muito importante, um requisito essencial.

Difícil, importante. Na última semana, nós estudamos informação dirigida. Vocês lembram, receberam o áudio para poderem aprofundar.

Hoje nós vamos ver um desdobramento da informação dirigida, chamado recíproca de inversão. O que é isso em filosofia clínica? Recíproca de inversão consiste em você sair do seu mundo existencial e ir ao mundo do outro. Tarefa delicada que exige uma série de complementos e aprofundamentos.

Muitos não sabem sequer como começar com algo assim. Quando tentam ir ao mundo do outro, levam tantos conteúdos do próprio mundo que praticamente inviabilizam a saída. Não estão indo ao mundo do outro.

Há muitos exemplos na história da humanidade, de várias formas. A famosa carta do chefe de tribo índia, quando o presidente norte-americano disse que ia comprar as terras dele, se tornou um clássico. Mostrando que aquele homem que achava que estava sendo generoso, querendo dizer que queria comprar as suas terras, este chefe índio mostra para ele que ele não estava nem sequer indo às terras onde agora ele estava vivendo.

Terras, aliás, deles, índios. Então ele explica para esse presidente, como um homem branco acha que tem o direito de comprar e vender a terra. De onde vem isso? A carta é muito bonita, nós já trabalhamos nisso nas nossas oficinas.

Então, recíproca de inversão consiste em ir ao mundo do outro. Em filosofia clínica estudamos isso detalhadamente, pois há muitos problemas aqui. Existem, por exemplo, as pseudo-recíprocas de inversão.

É um fazer de conta que vai ao mundo do outro. A pessoa imagina que está indo, que está ouvindo, que está acolhendo, e não está fazendo nada disso. Então há muitas diferenciações aqui, há muitos elementos importantes aqui dentro desses vetores.

Vamos ver três pontos que eu assinalei no nosso caderno de aula para os aprofundamentos de hoje. Estes três pontos consistem em uma pessoa que busca amadurecer emocionalmente. Ela já tem 35, 40, 50 ou mais anos de vida e se comporta como uma criança mimada, gerando problemas para todos ao redor e para ela também.

Essa pessoa toma a decisão de querer crescer afetivamente. Todos os problemas que vimos. Há toda uma negociação, a pessoa insiste em continuar infantilizada para muitas coisas, argumenta que se crescer a vida não terá graça, não terá mais nenhum significado, como se estivesse no estado em que ela está.

Pura sofrimento, briga de todo jeito e acha que talvez isso seja um significado. Mas ainda assim ela não se dá conta. É natural que assim ocorra.

Para muitos é assim. Nossa aula de hoje consiste em três movimentos na recíproca de inversão, ou seja, em ir ao mundo do outro de uma maneira que nesta ida nós possibilitemos a pessoa, e isso vai variar de pessoa para pessoa, de contexto para contexto, possibilite um crescimento afetivo. Muito bem.

O primeiro item é bastante singelo. Nós vamos em índices de aprofundamento. Três índices, três aprofundamentos.

Há mais, mas por questão de tempo e do conteúdo programático do nosso estudo, faremos apenas esses três. O primeiro elemento que costuma ajudar muito, muito, lembre-se, ou você, ou uma pessoa da sua família está buscando crescer emocionalmente, está encontrando muitas dificuldades, muitos problemas. Você convida a pessoa a esse tipo de trabalho.

Se na historicidade dela, na estruturação interna dela, existir uma abertura para isso. Às vezes não há. Às vezes esse caminho está impedido.

São outros os caminhos. Para cada pessoa, precisamos saber qual é o caminho, ou quais são os caminhos. Para essa pessoa, este caminho está aberto.

Então, você que observou a historicidade dela, propunha ela e diz a ela, olha, num momento de dificuldade, vamos supor que você está em casa, seu marido, sua esposa, começa a fazer aquilo que costuma fazer. Então, gosta de fazer barulho na cozinha. Às vezes deixa as coisas espalhadas na cozinha.

Faz a comida, que é maravilhosa, mas deixa para limpar depois. Você já fica com raiva. Preste atenção aos indicadores, ok? Raiva.

Fica contrariado e diz, olha, para mim já nem precisa mais colocar a comida que acabou de fazer. Uma comida tão bonita, tão boa, tão maravilhosa, um amor. Não precisa mais fazer que eu não vou mais comer.

Perdi a fome. Porque fez um lambuzo na cozinha, que depois ela vai limpar, ele vai limpar, mas você já se torna inquieto e já quer usar isso para descarregar outras coisas. Muito infantil.

Muito bem. Nesse caso, você pode propor, se existir, essa abertura epistemológica na pessoa, o que vem agora, que é, olha, eu sei que você admira muito tal pessoa. Você admira muito Sócrates.

Eu já vi seus livros sobre Platão. Sim, sim, vários, até comentadores você tem. Você de vez em quando fala, ah, sabe o que aconteceu com Sócrates? Sabe aquele diálogo dele com Glauco, como é que foi? Sabe o contexto, como é que era? Foi tudo muito difícil.

E ele ainda por cima tinha Xantipa na casa dele, que atirava panelas nele e fazia horrores. Não é brinquedo, não. Ele era um herói de guerra, voltou e pregando a democracia, no próprio berço da democracia, condenam seu maior defensor.

Porque ele disse que a democracia precisava de ajustes, senão ele não acreditava naquilo. Uma vez que ele elegeria aquele que era melhor orador e não mais competente, etc. Esta pessoa disse, o que tem a ver isso com tudo? E você diz, olha, faça de conta que nesses momentos em que você não consegue lidar e que você já sabe os caracteres do que é infantil, seu ciúme, seu controle, sua possessão excessiva, essa truculência, vigilância, todos esses aspectos que você tem, que você nomeou.

Faça de conta que Sócrates está aqui com a gente. O que Sócrates te diria? Ele diria, esse é o caminho? Ele te diria, oh, tua esposa ou teu marido não sabe fazer melhor, portanto bata nele, bata nela. Ele falaria uma coisa dessas? Sócrates te diria, não, vamos ver, vamos ver o que há que ela deixa a cozinha assim.

Lembrem que ao instituir recíproca de inversão, não precisa ser uma pessoa real, não. Pode ser uma pessoa imaginária, pode ser um personagem de livro, pode, não tem problema. Se fizer sentido essa pessoa, se alguém que ela admire e respeita e que tem uma maturidade para lidar com um contexto desse, pode trazer, se for plausível, esta pessoa.

E esta pessoa, você diz, o que Sócrates diria aqui? Ele veria essa situação, ele olharia para você e diria, o que você está fazendo? Você acha razoável você fazer isso? Esse é o testemunho de alguém? Olha, não é por aí, não, ajude, converse, elabore essas questões. Em alguns casos, o ajuste desta ordem que eu estou falando para vocês é tão eficaz, ele é tão profundo, que a pessoa passa a utilizar isso de uma maneira muito bonita com pequenos ajustes que são necessários no âmbito da clínica, vários, inclusive. Alguns fazem isso, alguns são religiosos, acreditam em Jesus, e aí trazem Jesus, outros acreditam em Moisés, outros em Maomé, trazem personagens que eles admiram, que são reais, que são concretos, tão concretos para alguns, quanto uma pessoa de carne e osso ao lado delas, e passa a conviver com essa pessoa de maneira amorosa.

Você diz, olha, o que Jesus diria nesse momento sobre isso? Ele diria para você, fique com a cara amarrada agora três dias, diga para ele, para ela um monte de coisas feias, ele diria isso para você? Como é que ele te orientaria? Isso é uma recíproca de inversão, muito bonita, muito edificante, em boa parte dos casos. Algumas pessoas fazem isso ao natural, elas nos contam no consultório, elas nos dizem, fico pensando como é que meu avô lidaria com tal situação. E aí você pergunta, como seu avô lidaria, você sabe? Lidaria com paz, com tranquilidade, não ia se exasperar, não.

E podemos aprofundar, conforme a caminhada da clínica, para onde ela se desdobra, em alguns casos, o que isso inspira você, o que isso ajuda você, o que isso se aproxima do que está acontecendo, e assim sucessivamente, tá bem? Reparei uma linda ilustração sobre isso, muito bonita ilustração. Já de 1929. Em 1929 nós tivemos o privilégio de um desses grandes poetas que de vez em quando o mundo nos dá.

Esse grande poeta, ele foi secretário de Rodin, e um homem que viajava muito por toda a Europa, tinha uma cultura maravilhosa, um aprofundamento de alma cada vez maior. E certa ocasião, já um poeta conhecido, muito conhecido, ele recebe cartas de muitas pessoas. Imagina, 1929.

Mas, na verdade, a troca de correspondência ocorreu entre 1902 e 1908, aproximadamente. Um garoto, um rapaz chamado Franz. Franz queria saber a opinião dele, sobre o que ele deveria fazer na vida dele.

Vejam o que Franz fez. Ele vai até alguém que ele respeita, vai até alguém que ele admira, e lá ele quer ouvir esse alguém para ali ter um modelo para o que ele então faria conforme os ajustes. Muito semelhante ao que eu acabei de explicar.

Hilke, Rainer Maria Hilke, escreve para ele, e isso, alguns anos depois, em 1929, vem a se tornar um clássico. Cartas a um jovem poeta. Olhem, entre outras muitas instruções, o que Hilke diz a ele, que fará todo o sentido do mundo para ele, para o resto da vida dele.

Desse modo. Primeiro ele orienta o jovem a olhar para dentro dele mesmo. Verificar o que estava sentindo.

E depois ele prossegue dizendo, desse modo de se voltar para dentro de você mesmo, desse aprofundamento no seu próprio mundo, se daí resultarem versos, o senhor não pensará em perguntar a alguém se são bons versos. Também não tentará despertar o interesse de revistas por tais trabalhos, pois verá neles seu querido patrimônio natural. Um pedaço e uma voz da sua própria vida.

Uma obra de arte é boa quando surge de uma necessidade sua. Resgatar-se dos temas gerais para acolher aqueles que seu próprio cotidiano oferece. Descreva suas tristezas, seus desejos, os pensamentos passageiros e a crença em alguma beleza.

Descreva tudo isso com sinceridade íntima, serena, paciente e utilize para se expressar as coisas do seu ambiente. Para o criador não há nenhuma pobreza e nenhum ambiente pobre e insignificante, não tentará despertar o interesse de revistas pelos seus trabalhos, pois verá nos seus trabalhos o seu querido patrimônio natural, um pedaço e

uma voz da sua vida. Franz, seria agradecido por esses poemas existenciais que Hilke manda para ele.

Isso funciona, tende a funcionar bem para as pessoas que têm uma abertura epistemológica para esses assuntos. Alguns não têm, então o caminho será outro. Para aqueles que têm, isso é muito importante.

Alguns pais até usam isso distraidamente. O filho fez lá uma bagunçada no quarto e eles tinham combinado, depois de brincar, iriam arrumar os brinquedinhos direitinho. Na hora de arrumar, não quer arrumar.

O pai disse, meu filho, o que o professor disse na aula para você? Ele não disse? Oh, lá na sua casa, depois de você brincar, procure arrumar tudo para ajudar a mamãe, para ajudar o papai.

Não disse assim, não? E o menino disse que sim, o menino disse que sim, que foi isso que ele disse. Se você não quer me ajudar, então, eu ajudo você também, a gente faz juntos.

Uma ajuda à recíproca de inversão que acabou de ser feita. Muito cuidado para não utilizar de manipulações, seduções e outros elementos que arruinam completamente a profundidade e a natureza dessa aprendizagem. É natural que a gente erre, isso é parte da vida, erramos, está tudo bem, um erro, dois erros, a gente vai procurar melhorar, mas é muito importante estar atento a isso.

O propósito é trazer essa recíproca de inversão para auxiliar a pessoa, é como um tutor, alguém que está ali com amor, com conhecimento para orientar. Você convive com uma pessoa que estudou muito, um pensador lá dos Estados Unidos, Emerson, que fala muito da alteridade, que estudou um pensador aqui do Brasil, Rubem Alves, que fala muito na amorosidade, na generosidade da existência, você pode trazer. Rubem Alves diria isso do que você está fazendo, o que Rubem Alves orientaria você nesse momento de dificuldade, tende a funcionar bem para aquelas pessoas que têm a ver com isso.

Bom, agora temos uma complexidade também, aquilo que anotei aqui. Há outra forma de recíproca de inversão, muito profunda e muito delicada, não consiste em trazermos ninguém de fora, mas não, é entre as pessoas envolvidas, está bem? Entre as pessoas envolvidas, é profundamente peculiar, uma grande quantidade de casos que uma pessoa que está crescendo afetivamente, encontre dificuldades, não tem fluência, diante de algo inédito ela não saberá às vezes o que fazer, não tem fluência, em outros casos, mesmo sabendo o correto, ela agirá de outra forma.

Tem uma paraula sobre pontos cegos, sabe o que é o correto e não dá conta, sabe que está agindo de maneira inadequada, sabe como seria o correto já, já aprendeu na caminhada e ainda assim opta pelo incorreto, há muitos casos assim. Há exercícios de recíproca de inversão que tendem a ajudar muito, muito a estas pessoas, mas aqui a cuidar de quem ajuda precisa ser muito grande e também um conhecimento. Vamos ver do que se trata isso e depois vou mostrar uma ilustração em filme para vocês, aliás um clássico, muito bonito, baseado em uma das maiores obras da humanidade.

Então, quando você começa um relacionamento, é natural que você procure, assim pelo menos é a pauta dos nossos dias, ainda que não seja disseminado para todos, mas é para uma grande quantidade de pessoas, é natural que você procure mostrar o melhor para outra pessoa. Então, se você vai à toalete, você fecha a porta, muito diferente do que será três anos de casamento depois. Se você precisa, por alguma razão, soltar alguns sons esquisitos, você não vai fazer isso na frente da pessoa, às vezes, muito diferente do que será dois anos, quatro anos de casamento depois, uma pena.

Se você vai, por exemplo, falar mal de alguém, dizer, ah, mas aquela criatura não toma jeito e não sei o que, e fala horrores e tal, é muito improvável que no início do romance, do relacionamento, você faça algo desta natureza, até eventualmente pode, não é usual, mas casados e convivendo depois, isso pode ser a pauta do dia a dia, e assim sucessivamente. No entanto, quem está crescendo afetivamente nessa estrada, e compreende certas dimensões da intimidade humana, pode fazer um belo exercício de recíproca de inversão, e pode fazer que imediatamente, inclusive. Consiste no seguinte, a pessoa sai do seu mundo existencial e vai até o mundo da outra pessoa, pode ser até num momento de dificuldade, e lá no mundo da outra pessoa, ela começa a considerar, quando nós começamos, quando havia a poesia, quando as estrelas estavam ao redor, quando tudo era tão bonito, esta pessoa falava coisas para mim, ela via coisas em mim que ela deixou de ver, por exemplo, ela me dizia assim, como você tem inspirações bonitas, hoje você trouxe um vasinho de flor, de onde veio isso?

E aí você dizia, isso veio de um lugar muito bonito, e é pra você. Você tinha ideias, às vezes eu estava cansada, ou cansado, e você dizia, oh, vamos até a esquina pé, vamos comer um X, e a pessoa achava isso encantador. Vejam, você foi até lá, e lá no mundo da pessoa, você viu isso que ela via em você.

É uma recíproca de inversão muito diferente do que você está fazendo agora, se tiver um pensamento infantil, porque a emoção infantilizada vai lá e diz, é, ele me agride, ela me agride, ele não me gosta de mim, ela não gosta de mim, que é só o meu mal, só vê defeito em mim, totalmente o contrário, não estou? Isso já existia lá no início, existia e era feito de outras maneiras, com a convivência, você perdeu aquela primeira maneira. Para não se tornar uma criança como o outro, procure fazer exercícios de recíproca, e deixe principalmente que quem está crescendo afetivamente, aprenda a fazer isso.

Lembre, quem está crescendo afetivamente, vai precisar transpor um obstáculo, o obstáculo é, você não é mais assim, essa pessoa que eu conheci lá não existe mais, agora você é ruim, você é mau, você é má, você me faz sofrer, isso que a pessoa infantil, depois de começar um relacionamento, usualmente faz, não tem nada, nenhum argumento que possa movê-la disso, ao contrário, a não ser que ela funcione muito por argumentação derivada, por raciocínio aí, há uma esperança, mas afora é isso não, a argumentação em torno disso, só vai incendiar o que está acontecendo, mas isso é uma arte que estou mostrando, e exige atenção para fazer isso, você pode perguntar para a pessoa, olha, quando a gente começou o relacionamento, o que que você via em mim, a respeito de você, o que que eu deixava transparência, essa pessoa vai dizer, você me elogiava, o que eu elogiava, o que eu gostava de escrever, olha, eu elogiava isso, esses movimentos de recíproca de inversão, propicia um amadurecimento, por contraste, por indexadores vários, para algumas pessoas, isso por si só, impulsiona fortemente para

sair do estado infantil, mas há muitos riscos, como eu disse para vocês, vou mostrar um desses riscos, houve uma vez um dos grandes pensadores da humanidade, na Espanha, e ao final da Idade Média, início da Modernidade, ele foi um dos primeiros a perceber o que o mundo deixaria de ser, e o que estava por vir, e tentou avisar de todas as formas, fazendo e refazendo a obra dele várias vezes, Cervantes pegou a Don Quixote e refez várias vezes a obra, tentando mostrar, agora vem a Modernidade, olhem alguns dos riscos do que vem agora, Don Quixote andava com seu cavalo, seu pangaré, seu escudo, sua lança, tinha os melhores sentimentos, com ele estava Sancho Pança, Sancho Pança era um homem que sabia ler profundamente o contexto, e ajudava o amigo naquilo que era uma transição entre o contexto e os delírios devaneios do amigo, que vivia muito mais isso, e esqueceu de fazer uma ponte entre isso e o contexto de modo sensato, razoável, um dos riscos da Modernidade em Cervantes, bem, o Don Quixote gostava muito de uma figura idealizada, que aliás ele nem encontra, não fisicamente, que era uma camponesa, que ele edificava, ele colocava ela nas alturas, era uma princesa, Dulcinea, nem o nome dela era esse, Dulcinea, mas até o nome ele trocou, e ele achava, ele queria estar à altura da Dulcinea, observem bem como Cervantes vai construir um dos problemas da Modernidade, que ultrapassaria a Modernidade, dos anos 1600, chegaria 2025, às vezes quase em linha reta, algo impressionante, mas muitas questões de fato alcançam o nosso mundo de maneira quase reta, então ele, vejam, gostando da moça, que era uma camponesa, ele edificava, fantasiava, colocava ela no alto, nas alturas, ela era tudo de bom, nesse amor que ele tinha por ela, ele queria ser digno dela, algo extremamente difícil, dada a altura em que ele a colocou, por favor, considerem um amor romântico, que começaria logo depois desse tempo, e se esparramaria, alcançando parte do seu ápice nos anos 1800, 1900, e chegando ainda aos nossos dias, num amor romântico nós não fazemos isso, a outra criatura não é divinizada, nós não a achamos perfeita e sublime, pelo menos por um tempo, e a colocamos nas alturas, e queremos fazer jus a ela, queremos ser dignos dela, infelizmente, ou felizmente para alguns, isso não tem como perdurar, por várias razões do contexto, da vida que vivemos, e uma série de outros fatores, isso é passageiro, muito raro que isso se prolongue, muito bem, durante, no entanto, esse elemento, é muito difícil você chamar a pessoa e dizer, olha, que bom que você está amando, que bom que você está bem, mas cuide, você tem tantas imperfeições como eu tenho, como essa pessoa também tem, e é importante saber modular certas coisas, tem uma passagem no livro, que o Don Quixote pede para o Sancho Pança, o amigo, levar uma carta, imaginem para Dulcinea, Sancho Pança fica desesperado, levar uma carta como? ela não existe, para aquela camponesa ele vai levar carta? é um dos momentos muito difíceis, que mostra a dificuldade que é, conversar essas idealizações infantis com o contexto, que é inalienável, e nos cobra, Sancho Pança tenta contemporizar isso, conciliar, mas a maneira como ele faz, traz questões morais e éticas muito sérias, mais tarde, no outro capítulo, o Don Quixote cobra dele, você entregou a carta? como é que foi? Sancho Pança tenta fazer um híbrido, entre o contexto e os sonhos do amigo, e diz que entregou, e descreve a Dulcinea, muito próximo de como Don Quixote imaginava, se por um lado ele tranquiliza o amigo, por outro lado ele está criando um problema daqueles, como as páginas seguintes vão mostrar, há muitas obras romanciadas deste livro, eu vou mostrar uma delas para vocês, num momento que mostra o contraste, de quem considera o contexto que somos nós, espectadores, e também a oportunidade de observarmos como Don Quixote vivenciava isso, eu acho que os senhores não atirarão pedra em Don Quixote, esse encontro no

livro não houve, aqui há um filme com Peter O'Toole e a Sophia Loren, então ela é a camponesa, e ele se aproxima dela, e as pessoas ao redor ficam estupefatas com o que está acontecendo, ele está falando com ela daquela forma como se ela fosse uma princesa, e na realidade que eles viviam ela não era, então assim como ao verificarmos isso, não atiramos pedra em Don Quixote e entendemos o que está se passando, da mesma sorte e da mesma forma, quando lidamos com pessoas que estão amadurecendo emocionalmente, que tem suas birras, seus ataques, suas manhas, são adultos, mas tem isso como uma criança de 8 anos, 9 anos, que às vezes nem tem mais com 8 anos, 9 anos, estamos vendo esses elementos? Da mesma forma, ao invés de pedras, lancemos compreensão, essa pessoa já está muito machucada, e vai se machucar muito mais, e nem sabe disso, o contexto é impiedoso para pessoas assim, e cobra caríssimo que a pessoa acha que pode ser dessa maneira, em boa parte dos casos, para não dizer quase todos. Vamos ver então esse pequeno encarte retirado da obra Don Quixote.

Don Quixote cantando Uma das imensas dificuldades em pessoas que são emocionalmente muito infantis, em uma época como a nossa, consiste na circunscrição desses elementos. A exposição dessa infantilidade é quase insuportável, portanto ela funciona em âmbitos, costuma ser assim, restritos. No entanto, vemos políticos, estadistas e outros que exercitam suas infantilidades, assombrando o mundo, não é?

Temos isso na nossa época. Lembrem, com a justificativa, e a justificativa, como são crianças, sempre será o outro. Você está fazendo mal para mim, você não entende, você não me dá o que eu quero, então vou lá tomar.

Típico de uma afetividade infantil, que em pessoas adultas pode ocasionar problemas gigantescos. Quando é no âmbito de relacionamentos ou familiar, a exposição de uma pessoa dessas em público, ela pode não resistir. É demasiado.

Isso advém de vários fatores. Lembrem, é uma área da vida dela que ficou para trás. É a área da afetividade, das emoções.

O restante, raciocínios, buscas, como o mundo parece, outras coisas, isso caminhou. É o adulto que está ali. Mas quando o discurso se dirige para a afetividade, há esse grande problema.

Vamos para o terceiro e último ponto, e depois eu vou fazer uma revisão dos três pontos. Como eu disse, é algo mais delicado hoje, exige mais. O terceiro ponto, ele traz também a responsabilidade para nós que estamos com essas pessoas.

Vamos supor que um marido, uma esposa, um filho de 40 anos, tem um modo de ser profundamente infantil quanto às emoções. Então esse filho de 40 anos chega e nos diz, por que você não vende o carro, por que você não vende a casa e me dá esse dinheiro que eu vou aplicar e vou deixar todo mundo rico? E você fica pensando, como é que pode um garoto inteligente, 40 anos de idade, me falar uma coisa dessas?

Logo ele, que a semana passada jogou fora um monte de coisas e o ano passado isso, toda a historicidade dele mostra uma profunda incoerência quanto a isso. Ele esquece

tudo isso, está colocando isso e ainda culpabiliza o pai. Você é culpado de eu estar nessa situação, você não me ajuda.

Vocês conhecem o discurso profundamente infantilizado quanto às emoções. Não que uma situação dessa eu não possa ocorrer, pode, eventualmente pode. Mas se é um adulto de 40 anos que está ali, primeiro dificilmente fará esse tipo de reivindicação.

Segundo, se fizer, fará de uma forma muito diferente. Convidando para um negócio, sabendo que sua própria historicidade faz indexar isso e recomendar isso. E ainda assim, se o pai não quiser, está tudo bem.

Ele vai dizer não, então vou fazer outra coisa, vou tentar outro caminho. É outra forma de lidar. Lembrem das características que vimos, está bem?

Pois existe um terceiro item que é fortíssimo, muito forte e que ajuda não apenas a pessoa que está nesse processo de tentar amadurecer, como quem convive com ela. Mas exige muito cuidado. Vamos ver então esse terceiro item da Recíproca de Inversão.

Consiste no seguinte, você coloca na medida do possível, e às vezes não é. Quando possível, quando plausível, quando isso puder ser assim. E às vezes na forma de uma conversa, na forma de uma citação, para cada caso será de uma forma.

A colocar para a pessoa. O que aconteceria para ela, a pessoa que está tentando amadurecer, se você agisse com ela como ela tem agido com você? Colocado dessa forma, como estou dizendo, que é apenas ilustrativa, pode ser uma afronta que já vai gerar todo tipo de gritos e manifestações.

Às vezes o caminho para fazermos isso é outro. O caminho para fazermos isso às vezes é que a pessoa convida você para jantar. Está chateada com algo do trabalho.

E você coloca. Olhe, eu gosto de jantar, sim, podemos jantar. Mas veja, eventualmente se você me convidasse para jantar, eu respondesse para você com desaforo.

Se você me convidasse para jantar, eu começasse a gritar com você. Se você me convidasse para jantar, eu dissesse, não vou jantar com você. Você não sabe jantar direito com pessoas de quem você gosta.

Como você receberia isso? Para fazer uma tal devolução dessa ordem como eu fiz aqui, essa pessoa que está buscando crescer emocionalmente já precisa estar em uma etapa maior. Já deve ter andado um bom caminho.

Do contrário, além de não ouvir propriamente o que está sendo dito, ela toma como um ataque e vai revidar. Como tem uma emoção muito infantil, lembre-se, vai revidar com tudo que puder. Um adulto sabe que em uma discussão ele não vai chutar o vaso que ele trouxe da China, um vaso cerâmico feito por artesãos do sul da China, que veio todo embalado e ele trouxe dentro do avião, que custou caríssimo e foi difícil de encontrar, e ele gosta muito.

Não vai chutar isso aí não, de jeito nenhum. Vai discutir com palavras e pronto, as coisas ficarão por isso. Um adulto que tem uma afetividade infantil talvez seja a primeira coisa que ele vai quebrar.

Não se dá conta, não sabe o valor das coisas. É uma criança de 8 ou 9 anos, às vezes menos, que está irritada, que quer de qualquer maneira magoar o outro, ferir o outro. Buscando as piores palavras e às vezes ações, que é muito perigoso ter uma para outro momento.

Então nessa etapa fazemos isso. Na história da humanidade nós temos um dos exemplos mais impressionantes e arrebatadores sobre isso. Alguém que está em crescimento afetivamente se depara com esta obra que vou colocar agora para vocês como um exemplo, muito provavelmente se entender a obra, é uma obra difícil, é uma obra de Dostoiévski e uma obra impressionante.

Provavelmente pensará melhor sobre seu quadro de infantilidade e sobre a propriedade de mantê-lo. Dostoiévski escreveu para a época dele, Os Irmãos Karamazov. Vocês encontram filmes, peças de teatro, dança, além da própria obra que vocês podem baixar das plataformas, recomendo a leitura na íntegra e com cuidado.

Nesta obra, Dostoiévski nos apresenta, o livro abre com Ivan, que é um intelectual, um homem que mostra os conflitos daquela época, do que estava se passando, das dificuldades. E ele é uma pessoa, ele é ateu, convicto, aliás, ele é um cético completo da sociedade, das pessoas, ele tem um coração que endureceu e ele realmente não nutre nenhuma ilusão. Toda a primeira parte da obra mostra isso de uma maneira profunda, contundente e coerente para aquela época, mostrando um grande perfil que se esparramava por toda aquela sociedade russa.

Dostoiévski, como ninguém, como poucos, fez um trabalho desse, algo realmente imenso. Há passagens que se tornaram clássicas e que na filosofia são estudadas hoje ainda. Por exemplo, a questão teológica, durante muitas páginas ele diz, se Deus não existe, então todas as coisas aí são possíveis, nós não temos como argumentar nada, o que concerne é Ele e aí é a bagunça geral de todas as coisas.

Mas se Deus existe, então nós temos problemas de grande monta. E ele fala da perversidade, da maldade, dos acidentes, das coisas terríveis que acontecem, ele cita especialmente as crianças. Mas como pode, se Deus existe, como pode isso estar acontecendo?

Ele vê como um paradoxo completo. E anula tudo isso. Nós confundimos muito alguém como Ivan, nesse livro de Ivan Oskar Amazov, com alguém com uma afetividade adulta, uma confusão que perdura até os nossos dias. Parece que aquele que tem um coração duro, que não se emociona, que não se importa, que é equilibrado em todas as coisas, frio, esse tem uma maturidade emocional.

Isso não é maturidade emocional. Muito longe de uma maturação. Vemos já os caracteres do que, numa base categorial, num contexto como o de hoje, constitui uma maturação afetiva.

Matar seu próprio coração, suas emoções, isso é não ter nem mesmo afetividade, e não ter uma afetividade madura. Pois bem. Só que aqui estamos falando de Dostoyevsky, um dos nossos mais importantes escritores, filósofos, que vai nos dar aqui algo agora, que vai mudar completamente tudo isso.

O Ivan, à medida que ele vai aprofundando esse diálogo com Deus, um diálogo hostil, um diálogo no qual ele infantilmente culpabiliza esse Deus, um Deus que disse para nós, seres humanos, vou dar para vocês tudo o que vocês têm, tá bem? Vocês façam o que quiserem. Vocês têm livre arbítrio.

Isso significa que para o bem ou para o mal, vocês vão fazer. Só que a responsabilidade é de vocês. Não estou criando robzinhos para que funcionem conforme eu puxo as molas, não.

Por amor, vocês vão ter tudo e vão fazer a vida de vocês. Tá aí, podem ir. E fizemos coisas maravilhosas e coisas muito tristes.

Pois, Ivan, nesse diálogo que ele faz, o coração dele começa a dar sinais. Mas os sinais não são nada promissores. Pois ele, por esses exemplos todos, ele tem um meio-irmão.

E esse meio-irmão, ouvindo tudo isso, acaba cometendo um assassinato por influência de palavras como essas. O próprio Ivan não se deu conta do quanto ele tinha influência sobre esse meio-irmão dele. E a tragédia acontece.

Depois que essa tragédia acontece, Ivan começa a se dar conta da influência que ele tem, dos cuidados que ele não teve com as palavras. De uma série de coisas. Ele começa...

O livro não é um livro como o outro, que a gente vê crime e castigo. Ele não se trata propriamente de culpa e redenção. Não é isso.

É um livro intelectual. É um livro que vai mostrar um caminho pela compreensão da racionalidade para esses fenômenos. É aí que Ivan vai conseguir se caminhar para além.

Ele encontra, então, o próprio mal personificado. Que, dada a afetividade infantil que ele tem, vai martirizá-lo. E vai jogar com ele, vai manipular, uma criatura demoníaca que fica espezinhando, maltratando, fazendo agora com ele muito pior do que ele estava fazendo com as pessoas.

E ele começa, então, um novo diálogo. Diálogo no qual ele percebe a importância de crescer. A importância de ser responsável.

Para um homem, uma criança de seis, oito, dez anos, está muito bem com as suas emoções de oito, dez, doze, quatorze anos. Um adulto de trinta e cinco, quarenta, cinquenta, sessenta, não. Isso vai ficar desproporcional ao que ele está vivendo em outras áreas.

Vai causar uma série de ruínas. Em boa parte dos casos, lembrando que isso não é para todos e não é assim sempre. Para cada um isso é de uma forma, de um jeito.

Este livro é profundamente impactante. Profundamente tocante. Pois mostra para Ivan algo que ele negligenciou profundamente.

Quando ele se dá conta disso, da responsabilidade, do cuidado, de como é bom ser um adulto emocionalmente, se importar com o outro. Lembrem, uma das grandes queixas de quem está fazendo essa passagem é a vida não terá mais graça. A vida tem graça agora, sendo impetuoso, sendo irresponsável, fazendo as coisas que eu gosto, tendo graça nas coisas.

Isso é uma falácia. Quem fala isso não tem as emoções de um adulto amadurecido para dizer uma tal coisa. Acho que ser adulto é aquilo que disseram, ah, você vai ver quando for adulto, a vida é dura, você trabalhará no que você não gosta, tudo é terrível.

Quem disse isto viveu sua maturidade, se é que alcançou, mas viveu sua idade adulta dessa forma, fez essa escolha. Ou às vezes uma imposição social. Mas um adulto que leva suas afetividades de maneira a crescer junto com seus raciocínios, buscas, valores, dados de conhecimento e outros, é outra coisa.

Ele faz questão de levar o aspecto lúdico da sua vida. Ele faz questão de levar o humor. Ele faz questão de levar a estética, a literatura, as flores, a poesia.

Ele não está descartando nada disso. Ele só está dizendo, eu passei agora para o ano seguinte e estou levando as coisas que têm a ver com o ano seguinte. Se um parente seu for à sua casa dar um presente e traz roupas de uma criança de oito anos para você, você vai achar que é uma brincadeira, você não tem como vestir isso.

Para certas questões isso é tão óbvio, para outras não. E como muitas pessoas sabem que padecem disso, aprenderam a mascarar, que socialmente seriam provavelmente trucidadas, afastadas de seus ambientes, tanto é que escondem. Isso é feito em ambientes muito restritos.

Observe se a pessoa que convive com você que tem afetivamente oito anos, dez, se ela lá no trabalho dela fala as coisas que ela fala para você em casa, se na rua fala. Talvez você diga, falo? Falo, e eu diria, eventualmente, não é?

Ou é sempre assim? Porque se for sempre assim, nem emprego ela tem mais. Se for sempre assim, há muito tempo já foi presa por várias razões.

Se for sempre assim, já se machucou, que ela encontrou alguém que bateu nela fisicamente. Infelizmente, alguns de fato extrapolam isso para o ambiente público e aí colhem resultados ainda muito piores. Antes de eu prosseguir para o final, eu gostaria de partilhar a tela com vocês para mostrar alguns exemplos de uma afetividade que se desenvolveu com outros aspectos da vida para podermos finalizar e fazer um fechamento na forma de um resumo disso que vimos aqui.

Vou partilhar a tela para vermos isso. Só um pouquinho, por favor. Isso que eu vou partilhar agora com vocês só um pouquinho, por favor, aqui. Isso que eu vou partilhar agora com vocês é uma ideia maravilhosa de um casal que trabalhou o nome deles é Justin e Michael. Esses dois fizeram um trabalho memorável, belíssimo que vocês

encontram em muitas situações nas plataformas, chamado Reflections of Life. Reflections of Life.

Reflexões da vida. Muito bonito, muito tocante, entrevistando pessoas, conversando com elas. Vamos ver uma primeira ilustração.

[Transcrição do Vídeo] – INTERLOCUTOR 1

A primeira vez que conheci o Anthony, eu senti como se eu tivesse encontrado mim mesmo nele. Que havia algo que me sentia tão em casa. Essa foi a primeira pessoa que eu senti que poderia ser completamente quem eu era e ser aceitado por isso.

Então, para mim, isso foi o maior ensino e o maior presente que eu recebi. É alguém que me aceita completamente por quem eu sou.

– INTERLOCUTOR 2

Eu ouço as pessoas dizer sim, você precisa se conhecer para trazer isso para uma casamento. E eu tenho certeza que isso é verdade. Para mim, isso se sente um pouco diferente.

É mais a vontade de nos encontrarmos na casamento. Uma das coisas maravilhosas de ter uma companhia é que você vê o mundo através de seus olhos. Isso amplia sua visão.

Eu posso compartilhar as coisas que me emocionam e eu posso compartilhar as coisas que as emocionam. E, às vezes, é difícil encontrar essa emoção. AFIM DA TRANSCRIÇÃO

Não se trata de perfeição, num outro momento eles mesmos colocam as dificuldades, as angústias, os dilemas.

No entanto, observe como isso é diferente, como essas angústias e dificuldades, quando afetivamente a pessoa amadureceu, se torna diferente. Não há pessoa adulta, e há adultos da idade deles que têm uma afetividade de oito, dez anos de idade. Uma pessoa que tem essa condição usa de desespero, enquanto quem foi adiante usará de o que podemos fazer diante de uma situação tão grave.

Um usará de truculência. O outro dirá, numa situação mais adulta, eu não gosto dessas coisas. Vamos conversar para ver o que fazer a respeito.

Eu não gosto de certas coisas que estão acontecendo. Um, que ainda continua num estado muito infantil, ficará revoltado, fará retaliações porque não teve aquilo que quis, porque o marido, porque a esposa não está atendendo as necessidades que ele disse que tem que ser atendidas. Uma pessoa madura dirá, não gosto da maneira como você me toca, não gosto da maneira como você diz certas coisas.

Vamos conversar a respeito para ver se isso está em mim, para ver se isso está em você. É possível? Vejam, há muitas diferenças.

Um, com um pensamento mais infantil, controla tudo. Você não tem senhas de nada, você não sabe nem gerenciar nada. É a pessoa que está com um olho como 1984, de

George Orwell, vigiando tudo, controlando tudo, querendo saber tudo, invadindo, tomando.

Um adulto não faz isso, afetivamente não faz. Um adulto afetivamente quer que o outro tenha liberdade, quer que o outro tenha arbítrio, quer que o outro possa fazer e sabe que o outro vai errar. Ele também erra, quer da condição humana.

Enfim, são muitas as diferenças, muitas. Então nós vimos no trabalho de hoje, vamos recapitular. Primeira parte, trazer alguém próximo que você respeita, que esta pessoa respeita.

Se é você que está crescendo, é com você mesmo. Se é outra, trazer sempre que possível. Como essa pessoa me ajudaria nesse momento que estou, o que ela me diria nesse momento que estou vivendo, quanto a esta dificuldade específica.

Se ela estivesse aqui comigo, do meu lado. Não é? A oração não faz muito esse papel?

Muitas pessoas oram e pedem. É assim que funciona? Nossa Senhora, me dê uma luz, me mostre algo, me inspire, me ajude, estou com dificuldade de caminhar.

Isso não é exatamente o que estamos tratando? É sim. Não é?

Outro acende uma vela, medita para as estrelas, para a transcendência, para que o cosmos possa inspirar e trazer para uma delas, como o casal que estava meditando há pouco. Cada um faz, mas é importante que isso seja respeitoso, que tenha conexão com a alma e com a vida da pessoa. Não pode ser um modelo pronto, não vai funcionar.

Depois vimos ir até essa outra pessoa e lembrá-la do que cada um espera do outro. Que não é isso mais que estão vivendo, mas que pode ser isso para hidratar o momento de agora. Algo muito difícil, lembre?

Todo o trabalho que vemos hoje chamado Recíproca de Inversão diz respeito a alguém que já caminhou os primeiros passos. Não é para quem está começando uma educação das emoções. Para quem já caminhou e consegue lidar com coisas como frustração.

Algo que uma pessoa que está iniciando que tem um pensamento muito infantil quanto às emoções, não consegue lidar com frustração. De jeito nenhum. Ela explode, estoura faz horrores dentro de casa se for frustrada nos seus desejos.

Já consideraram se uma pessoa dessas tem ao lado por perto um filho, uma filha de quatro, seis, oito anos? Vendo tudo isso? Pode ser assustador para uma criança dessas ver um pai, uma mãe com um tal comportamento infantil.

Pode ser incompreensível. Essa criança pode crescer com uma série de sintomas ligados a essa grande brutalidade. Não estamos culpabilizando dizendo que é um bandido, isso não existe.

Há pessoas que sofrem, que buscam fazer o melhor. Antes de passar agora para esse segundo item a aprofundar, vamos a mais uma ilustração de Reflections of Life. Nós

esperamos um dia sentarmos aqui no nosso antigo tempo, ainda juntos e apreciar essa vida que nos foi dado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Identidade e um com nós mesmos. Que não estamos escondendo outra pessoa ou esperando eles cumprir o que é importante para nós. O que é muito difícil de aceitar quando vivemos muito dentro de nós mesmos é que a pessoa infantil é muito diferente de nós.

Pois nesse exemplo é que nós vimos o Don Quixote. Lembrem que ao fazer isso, de relembrar a pessoa que está crescendo afetivamente, que a estrada se tornou diferente, que no início a diretriz era uma e que era importante isso, porque foi a inspiração que juntou todos. Ao fazer isso é muito importante você observar se ela está mais para Don Quixote naquele momento ou mais para Sancho Panza. Ou se está no meio do termo o que é o mais adequado para poder fazer as pontes para todos os lados.

Se essa pessoa você encontrá-la só, como Don Quixote é muito improvável. Ela nem vai entender direito o que você está falando. Se ela estiver só como o Sancho Panza ela só ponderará as coisas do contexto, do ambiente que deram errado.

E lembre-se, a culpa sempre será sua. A pessoa que está crescendo é assim. Então é importante que observe esses elementos.

Uma mescla de Don Quixote com Sancho Panza para poder conversar sobre esses elementos. Pelo menos, minimamente, ser afetivo.

REPRODUÇÃO DE VÍDEO

Observem, este homem mostra pra nós que ele teve raiva, que ele viu que estava com problema. Como ele agiu? Ele agiu como alguém que na idade dele agiria como uma criança afetivamente? Ele reconhece os problemas dele, ele busca alternativas e as expressa. Assim como na infância nós fazemos desenhos e poemas, agora ele atualiza isso para a vida dele e traz da infância algo que cabe no mundo dele e que ele pode fazer, ajustes. Portanto nós terminamos com uma terceira e última parte, convidarmos a pessoa a uma reflexão, se ela já puder e tiver maturidade afetiva para isso. Lembrem, quem está começando, muito improvavelmente terá, que é propor essa troca por recíproca de inversão não é? Se eu agisse com você dessa maneira, rude, impetuosa, sempre eu em primeiro lugar, você se sentiria bem? Para uma pessoa que está crescendo e já tem entendimento para acolher isso, é bastante interessante, provavelmente ela gostará muito de conversar com você e aprender. Se estiver numa etapa muito inicial, estará fora do alcance dela, muito provavelmente.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://turbo.scribe.ai).

AULA 7 – OS PONTOS CEGOS - 21/02/2025



"É assim que eu sou, não vou mudar agora."

"Você deveria adivinhar o que eu estou pensando porque é óbvio!"

"Não vou explicar de novo, é só você prestar atenção!"

"Eu falei, mas parece que ninguém nunca me entende."

"Eu não quero falar sobre isso, mas espero que você saiba o que está errado."

"Eu nem pensei antes de fazer, só fui lá e ofendi. Pronto."

"Eu disse aquilo porque estava com raiva, agora tanto faz."

"Eu até tento, mas acabo desistindo toda vez."

"Não consigo dizer 'não' para as coisas que eu quero agora."

"Se você não concorda comigo, então não temos mais o que falar!"

"Você sempre me ataca, não importa o que eu diga."

"Eu prefiro evitar essa conversa, não quero brigar."

"Você está errado, ponto final, não tem mais discussão."

"Eu só grito porque você me irrita, então é culpa sua!"

PREFÁCIO À AULA "OS PONTOS CEGOS"

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://turbo.scribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Não é a única, há muitas formas de educarmos nossas emoções. Veremos aqui uma dessas formas pelo prisma da filosofia clínica.

Entenda-se aqui o que é uma emoção educada, não é uma emoção no cabresto. Uma emoção que partilha a vida conosco, que respeita a nossa historicidade, que nos momentos adequados, que às vezes são muito dilemáticos, nos socorre, nos ajuda, que aprendeu quando ela pode se soltar e brincar, quando ela deve se restringir, em quais contextos, de quais formas, e sabe que isso não é uma regra exata. É uma aproximação e é uma aprendizagem que não terminará durante a vida, provavelmente.

Vamos hoje trabalhar os pontos cegos. Antes, porém, vamos a Boituva, interior de São Paulo, e de lá o professor Clailton, para a resenha da nossa aula passada. Por favor, professor, pode iniciar o seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu dia 14 de fevereiro.

O tema foi as Recíprocas de Inversão. Recíproca de Inversão consiste em ir ao mundo do outro. Nessa aula, estudamos três pontos em torno das Recíprocas de Inversão.

A aplicação do que veremos pode contribuir com o amadurecimento da afetividade de uma pessoa que busca por isso. Com a Recíproca de Inversão, a pessoa vai ao mundo do outro para encontrar lá determinados aportes para sua própria EP. No primeiro exemplo, vamos considerar o cotidiano de um casal.

Uma vida a dois, onde um deles apresenta dificuldades com as afetividades. E o caminho para se trabalhar a Recíproca de Inversão está aberto. Essa pessoa, por exemplo, se irrita com facilidade por qualquer motivo.

Em um dos exemplos, desiste de jantar porque acha que o outro fez muita bagunça na cozinha, etc. A Recíproca de Inversão pode ser usada nesse caso da seguinte forma. Localizamos na historicidade dessa pessoa alguém que ela conhece, que respeita, que possui o amadurecimento que ela ainda não alcançou.

Pode ser um filósofo, um professor, personagem de algum livro, de uma história, um parente. Perguntamos então a essa pessoa, por exemplo, se aquele seu tio que você tanto gostava, que queria tão bem a você, te ajudou. Se ele estivesse aqui, o que ele diria? Qual a orientação ele daria para que você pudesse lidar melhor com esses contextos que te causam tanto aborrecimento, te levam a atitudes que acabam piorando a situação.

Estamos falando isso para uma pessoa que já reconheceu suas dificuldades, já está aberta a esse diálogo. Do contrário, poderemos estar mexendo em um vespeiro. No segundo ponto, a pessoa já sabe a maneira mais correta de agir em determinadas situações, mas ela opta em fazer diferente, tem atitudes infantis por opção.

Vejam, no começo do namoro, de um relacionamento, durante um tempo a pessoa quer agradar, quer passar uma boa impressão, ela sabe como fazer isso e faz. O que acontece é que depois de certo tempo de intimidade, ela começa a agir diferente. Já não se importa tanto com certos limites. Isso vai desde pequenos detalhes no cotidiano até um modo mais duro de fazer críticas, atribuir culpas, que acabam pesando a relação, estragando. Então, vamos perguntar para essa pessoa o que tinha, o que existia lá no início do relacionamento, quando haviam sonhos, poesias, quando os desafios se tornavam pequenos diante do amor, da cumplicidade. O que havia em você, no seu modo de agir, de pensar? O que a outra pessoa gostava, elogiava? Vocês gostavam de ficar juntos, eram apaixonados. O que a outra pessoa via de positivo em você, em suas coisas? Se você não souber, pergunte a ela, tente resgatar.

No terceiro item, vamos colocar para a pessoa a seguinte questão. O que aconteceria com ela, com a pessoa, se os outros à sua volta agissem da mesma forma que ela, fizessem com ela o mesmo que ela faz com os outros, agissem como ela? Como ela veria isso? Esse modo é muito delicado. Para ser usado, a pessoa já deve ter uma certa caminhada, já deve ter uma compreensão, um certo desenvolvimento, já é um procedimento mais avançado.

Para quem não quer melhorar nesse quesito, para quem não está aberto para esse nível de conversa, isso pode parecer um ataque, então não seria indicado. O resultado pode ser complicado, longe do que esperamos. Todos esses exemplos que usamos aqui precisam de planejamentos, de acompanhamentos, de ajustes e de muitos cuidados para poder utilizá-los nas ocasiões, nos contextos em que decidimos por isso.

Professor, finalizo. Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton, por essa resenha tão importante e tão elogiada pelos colegas, que desde o início virou uma marca dos trabalhos aqui.

Os alunos que fazem um trabalho ao vivo invariavelmente recebem um presente muito bonito. O presente de hoje é de uma das nossas mais importantes flautistas, flautista transversal, que toca a flauta transversal, que é a Léa Freire. Eu vou mostrar para vocês um trabalho dela de 2012. Ela foi gravada no Sesc de São Paulo e que mostra uma das principais composições da Léa. Vocês encontram um farto material sobre a Léa Freire na internet, muita coisa. Ela é uma mulher de cerca de 70 anos e com uma história dentro da música muito bonita, muito profunda. Teve um momento da vida dela que ela abriu, ela trabalhava com negócios, com uma administração, e ela abre mão de tudo isso e ela decide fazer o que ela mais amava, que é a música. Dentro da música, a flauta transversal, mas ela também é uma exímia pianista. Ela lança um selo, maritaca, e esse selo é uma inspiração. Ela não está nem aí se isso vai arrecadar qualquer coisa e mesmo que não pague as contas, a inspiração dela era pelo amor à música. Uma flautista notável, mas uma inspiração muito bonita. Vamos acompanhá-la, aliás com essa banda que ela ajudou a formar e que a acompanhou por muito tempo.

Vamos ouvir uma das principais composições dela chamada Vento e Madeira. O título é bem interessante, Vento e Madeira. Ela faz uma confluência do jazz, da música europeia

que chega até aqui e da música dos nossos irmãos africanos. Faz uma composição belíssima.

Para acessar um trecho do Show de Léa Freire no Sesc acesse aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=sjlrQ8U8KJc>

O tema da nossa aula de hoje diz respeito aos pontos cegos, uma das manifestações peculiares e hoje corriqueiras em alguns lugares da alma humana, trabalhados por muitas escolas de várias formas, mas aqui especificamente vamos ver isso dentro da afetividade. Vamos a um primeiro exemplo, uma alegoria, um vice-conceito.

Você tem um amigo, uma amiga, e você diz para esse amigo, para essa amiga, cuidado, logo à sua frente há um degrau, então vá mais devagar, eu vou acender a luz. Você acende a luz, a pessoa olha o degrau, ela reconhece, ela diz para você que viu o degrau. No entanto, ela avança de maneira descuidada, procedendo como se não tivesse visto o degrau e tropeça e cai.

Quando você levanta a pessoa, você não disse que tinha visto o degrau? O que houve? E ela parece confusa, atordoada. Não é raro que essa pessoa, neste exemplo específico, aponte para você e culpabilize você. Você deveria ter falado mais alto, mais vezes, menos vezes, com mais ênfase, com menos ênfase, etc.

Este exemplo agora nós vamos transpor para dentro da afetividade, pois lá este fenômeno às vezes ocorre, é muito encontrado quando nós estamos falando de um adulto, do ponto de vista da carteira de identidade, 30, 40, 50, 60 anos, e que tem a afetividade condizente, conforme o contexto de sua época, de uma criança de 8, 9 anos, 7 anos de idade. Em alguns casos isso não fará qualquer diferença, dependendo de onde e como essa pessoa vive. Em outros casos pode ser toda a diferença e causar muitos estragos.

Nós veremos isso em três pontos de aprofundamentos. Primeiro, vamos a um elemento muito básico, muito singelo. O que acontece que algumas pessoas passam por isso? Vamos supor, você convive com alguém assim, quando não, nós mesmos.

Lembrem, uma das características de pessoas que usualmente passam pela experiência de uma afetividade infantil, ainda que todo o restante pareça de um corpo de um adulto, a vida de um adulto, é o não reconhecimento desses elementos. Sempre justificando para fora que o outro, na verdade, é responsável por isso, que o outro não lhe dá paz, que a outra não lhe dá sossego e, portanto, é justificada essa forma de agir. É uma das características muito pronunciadas.

O que já mostra um dos pontos cegos, não é? Você convive então com uma pessoa que facilmente se irrita, não pode ser frustrada de forma alguma porque reage da pior maneira, com acusações, com choramingos, com, às vezes, de maneira muito sofisticada, estragando o final de semana inteiro, não é? E é aqueles caracteres que nós vimos na primeira aula que fizemos sobre o tema. Observe, como esta pessoa pode ser assim? Já que ela é um adulto, uma adulta, tem 40, 45 anos, como pode agir assim e não se dar conta de que está agindo assim? Quem convive com uma tal pessoa fica perplexo, às vezes, se perguntando como não pode não perceber isso, essas respostas

desproporcionais, essa maneira dura de só ver o próprio lado da existência e não conseguir ir ao mundo do outro, a não ser quando precisa de algo, quando tem uma necessidade, aí o outro vira coisa para suprir essa necessidade, como pode a pessoa não se dar conta? Uma das explicações muito plausíveis e muito abrangente para isso, ainda que não totalize, porque não tem como esgotar um assunto desse, mas muito abrangente, diz respeito à circunscrição.

Esse comportamento, esta pessoa funciona assim dentro de um âmbito circunscrito que permite a ela ser assim. Vamos ver exemplos disso. Então, é o rapaz ou a moça que é assim, e no contexto no qual ele ou ela vive, muito restrito, só no âmbito da família, de uns poucos amigos, trabalho remoto, etc., ela pode ser assim, ela se sente segura de ser assim.

Não há uma exposição, não há um confronto direto com outras realidades que farão interseções ali, e então ela consegue, dentro deste âmbito tão restrito, reproduzir e reproduzir o discurso. Desde que as pessoas envolvidas ou o contexto envolvido nisso, o que eu vou dizer não é no sentido de fazer com que a pessoa seja assim, mas colabore para que a pessoa seja assim. Dependendo do adulto que está envolvido ali, ou da outra pessoa que está envolvida nesse contexto, isso não tem como prosseguir.

Observe como isso se passa se você convive com alguém. Se você é assim, já vai ser mais difícil verificar, mas se você convive com alguém, observe. Se a pessoa tem esses modos de ser, faz birra, coisas infantis, se esqueceu de lavar os pratos, uma coisa assim, e a pessoa diz, então eu também não vou fazer a janta, já que você não lavou, também não vou fazer.

Ou você comprou algo enganado, era para comprar rúcula, comprar alface, e a pessoa diz, então como você, eu não vou jantar mais, não tenho fome. Elementos que se tivesse, por exemplo, uma abrangência maior, um contexto maior e pessoas maiores envolvidas, isso talvez fosse bem mais difícil de ser exercido, uma vez que muitos ali retaliariam com uma força imensa, o que não acontece no contexto circunscrito. No entanto, observem que quando eu falo um contexto circunscrito, isso variará conforme a base onde a pessoa vive.

Um contexto circunscrito para algumas pessoas que têm uma afetividade infantil, pode ser só a casa dela, para outros, o bairro, há muitas variáveis que vão dizer qual é a circunscrição que ocorre, qual é a geografia que abrange isso. Lembrem também que hoje temos as internets e mídias e outras coisas, então às vezes a circunscrição envolve parte disso também, pequenos grupos e outras coisas mais. De qualquer maneira, é importante observar, uma das características muito encontráveis em pontos cegos no que concerne a afetividade, diz respeito ao fato da pessoa poder exercê-la, perpetuá-la diante de um ambiente circunscrito, no qual outros personagens e agentes existenciais, lembrem a palavra que eu usei, que não é a mais adequada, participam, colaboram disso.

Colaboram por quê? Colaboram como? Às vezes têm medo que essa pessoa pode rapidamente se tornar violenta, às vezes receiam, uma vez que é ela quem paga as

contas da casa, ou receiam pela autoridade que ela tem, às vezes é uma pessoa que dentro do contexto familiar tem autoridade, tem poder e uma série de outras coisas. Então, quando eu digo colaborem, não pensem que simplesmente estou transferindo elementos aqui que dizem respeito a um modo de ser. É um contexto no qual não há mocinhos e bandidos, todos sofrem com uma situação dessas, muito provavelmente sim.

Este é o primeiro ponto que mostra o que ocorre que isso se torna um ponto cego e a pessoa deixa de ver. E curioso é que se um dia alguém a confronta fora desse contexto, ela rapidamente diz, é, mas na casa dela ninguém fala isso. O pai, a mãe, o filho, o irmão, a irmã, o marido, a esposa, não dizem isso que a pessoa da rua está dizendo, inclusive voltam para casa às vezes com essa queixa.

Fulano lá na rua me disse tal coisa, imagine você. Ele é um grosso, ele é um ignorante, não sei o quê. Essa pessoa que dentro de casa é exatamente isso que ela está descrevendo do outro lá fora.

E ela volta para o espaço circunscrito, onde ela pode exercer essa pequena ditadura emocional, que de ditadura tem várias facetas, na qual a pessoa às vezes parece ser o ditador e nas vezes parece ser o escravo de tudo isso, e outras vezes mesclas. Vamos agora para o ponto 2. Esse ponto 2 vem com uma ilustração, uma pequena crônica vinda da Inglaterra, de Sam Barlow, um jovem escritor, cineasta, que nos traz uma ilustração primorosa sobre isso, sobre pontos cegos na afetividade humana em adultos. Antes vamos fazer um pequeno prefácio.

Agora nós vamos ver quando esse elemento que eu descrevi no item 1 é seletivo. Nem sempre a pessoa possui uma afetividade infantil no que concerne a todas as coisas. Por vezes isso é segmentado e pertence a determinados aspectos que quem convive com a pessoa com o tempo começa a perceber, começa a se dar conta disso.

Em certos aspectos, se a gente entrar nessa área, já era. A pessoa fará uma série de elementos, uma série de questões. Saindo dessa área, ela consegue afetivamente lidar melhor. Pontos cegos da alma humana.

E isso acarreta uma série de dilemas. Alguns, quando observam isso, acham que a pessoa está fingindo, que ela faz isso com propósitos morais, de adquirir elementos, uma questão ética, aliás, muito censurável na nossa época. Alguns dizem que essa pessoa manipula, ela joga, ela mente para ter aquilo que ela quer ter.

E muitas vezes nem de longe é isso que está acontecendo. São segmentos dentro da alma humana nos quais a pessoa não tem alcance e discernimento para entender que ali ela se comporta de tal forma. Muito longe do item anterior, que é bastante geral e abrangente. Aqui, isso é mais restrito. Lembrem, o que acontece quando você, por exemplo, mostra, nós veremos isso numa das aulas breves próximas, como se faz para iluminar esses pontos cegos? Para jogar uma luz que mostre o que está acontecendo? Algo delicado, às vezes, e quase sempre pede por estudos continuados. Uma das questões ligadas tanto ao primeiro item, quer dizer, a abrangência, a pessoa circunscreveu, quanto a esse segundo, quando um terapeuta, um amigo, um religioso, alguém da família que tenha o conhecimento tenta ajudar essa pessoa.

Um dos elementos muito fortes que ocorre aqui, isso se conseguir entrar né, geralmente é muito difícil. Geralmente, a pessoa que tenta ajudar logo vai encontrar antagonismos, brigas, desavenças, inclusive afastamentos. Assim que a pessoa que pretensamente tentamos ajudar, porque é assim que ela verá, descobre que estamos tentando algo dessa natureza.

Não é assim que ela verá, provavelmente não. Um dos elementos é que quem está dentro dessa circunscrição e é convidado a ir além dela, como olhará para fora disso? Ali dentro, ela pode fazer as manhas, ela tem as coisas, graças às gritarias, às birras, ao mal estar criado, às discussões, etc. Sair dali, falar em crescer, é falar de um mundo sem graça, é falar de um mundo que não terá alegria alguma.

E logo a pessoa encontrará modelos disso. Um tio dela que morreu trabalhando em algo que não gostava, um primo que é uma pessoa completamente sem alegria nenhuma de viver. Vejam os exemplos que a pessoa encontra como justificativa para não crescer.

Muitas vezes aponta exatamente para o que está acontecendo. Ela não sabe o que é ser um adulto. Por ter idealizado um adulto desta forma tão difícil, e por pegar exemplos assim, ela tem todas as razões para continuar como está.

Por pior que seja, pelo menos ali, de vez em quando tem uma alegria. Por pior que possa ser, de vez em quando ela tem algo bom. Vejam bem, isso é muito disseminado, ainda que não seja uma regra.

No entanto, na passagem dos atos, à medida que isso é tema para as próximas aulas, que a pessoa vai deixando isso e vai se tornando gradativamente adulta do ponto de vista da afetividade, uma das primeiras coisas que se desconstrói é essa visão completamente errônea do que é um adulto. A partir daí, a partir desses elementos todos, quando é mais universal, como nós vemos no item 1, isso é mais notório, é mais visível. E a pessoa, ao tentar ajudar, dará essas justificativas, o que faz você ainda ter maiores dados sobre aquilo que está acontecendo.

E também os freios em torno da caminhada dela para se tornar aquilo que, no fundo, muito provavelmente, até para se livrar dos sintomas, seria uma caminhada importante para ela. Já nesse segundo segmento que eu estou ilustrando agora, não é tão óbvio. É mais complexo.

E algumas pessoas que vivenciam isso depois que ultrapassam isso, questionam no consultório, alguns dizem que preferiam até ter, então, um completo mergulho na infantilidade emocional do que um elemento segmentado dados os problemas que ocorrem. Vamos ver uma ilustração gráfica disso que eu estou falando. Olha, essa obra chamada Tall, Dark and Handsome, alto, moreno e bonito, seria uma tradução livre, ela é de 2023, de Sam Barlow com Amit Shah, que faz, aliás, o personagem que vocês verão.

Bom, é um rapaz e uma moça, eles se apaixonam, eles querem se casar, querem ficar juntos e se gostam muito, a relação deles é muito boa, até que acontece algo. Quando esse algo acontece, ele entra exatamente nessa segmentação que eu falei para vocês. Esse rapaz, quanto a todo o resto, ele tem, aparentemente, não é para julgar pelo filme,

ele é uma pessoa afetivamente bastante amadurecida para os padrões de época, para a própria realidade dele, para o próprio modo dele de ser.

Não conforme uma régua que a gente tem pronta para isso. Então, mas quando entrou nessa segmentação, observem a força que ela ganha, observem o ponto cego que se instaura aí e a inutilidade em muitos casos que ocorre quando você tenta argumentar com provas materiais, dizer para ele, olha, não é isso, você está vendo somente o que você quer ver, não é isso que está acontecendo. Observem, é uma pequena crônica contemporânea, didática, ilustrativa, aliás, muito elogiada pela crítica especializada em cinema.

Link de acesso ao vídeo mencionado:
https://www.youtube.com/watch?v=8_BAI3K2NWM

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Aí está um exemplo bem claro(?) de quando há uma segmentação. Infelizmente a vida deles.... Eles estavam vivendo bem e houve um momento em que entraram numa área como esta, mas ele não conseguiu mais sair. A partir daí ele fabrica sintomas, mais sintomas... A relação não vai bem, eles não conseguem juntos administrar e levar adiante isso, acabando por fazer um afastamento. Não é uma situação rara, isto pode acontecer e vejam que em outros contextos, em outras situações, na convivência familiar e outras ele era alguém que aparentemente tinha a afetividade amadurecida para os padrões de época, etc.

Mas nos 3 exemplos que nesta obra vamos trabalhar e que juntos eles cobrem uma grande gama de manifestações desta ordem de pontos cegos, este terceiro talvez seja o mais insidioso e pra muitos é o mais difícil, geralmente crônico, geralmente estabelecendo questões muito, muito graves, ele pode ser eventualmente uma evolução dos outros dois estados, isso pode ocorrer, mas pede cuidados, pede cuidados e é importante que em situações assim, de acordo com o contexto no qual a pessoa se descreve, que ela procure por ajuda, ajuda profissional, de alguém que possa orientá-la. Dificilmente a pessoa, ela por si só fará isso a partir destes sintomas, pode fazer por outras razões, talvez uma reunião familiar, familiares, amigos, possam interceder e ajudar a pessoa, uma situação muito, muito delicada.

Neste terceiro exemplo, o que ocorre é que a subjetividade da pessoa assumiu uma proporção tal em relação ao que nós chamamos de objetividade, ou seja, aquilo que a pessoa sente, aquilo que a pessoa pensa, se tornou de tal maneira, determinante em relação aos elementos do contexto, ruas, automóveis, pessoas, hospitais, escolas, igrejas, que às vezes atropela tudo isso. Em geral, pessoas assim se tornam caricaturais, para muitos que se aproximam dela. Há uma situação muito grave aqui, crônica, e que pede cuidados continuados, já que aos poucos, dependendo do contexto e do caso, da situação, sabemos melhor como dimensionar isso, mas costuma ser grave.

Eu vou deslocar este exemplo, eu vou levar para uma outra situação, para que por analogia nós possamos nos aproximar deste evento. Se mostrasse diretamente, inclusive há uma série de curtas franceses, que mostra uma filha com relação aos pais nesta situação, algo realmente dramático, e em outras oportunidades talvez acessemos

esse trabalho, mas por agora, da devolução do que nós fizemos até aqui, vamos pegar um exemplo de uma outra área, para que possamos caracterizar isso. Acho que desta maneira pode ficar mais distante e melhor verificar os certos elementos, do que trazer diretamente para o conteúdo, que costuma ser contundente.

Algumas pessoas que já passaram por situações assim, elas precisaram buscar ajuda, em muitos casos, uma vez que a convivência familiar ou afetiva se tornou insustentável, completamente insustentável, e as descrições que ouvimos depois nos consultórios são realmente dramáticas quanto a isso. Então vamos a esse terceiro item. Nesse terceiro item nós temos alguém que, dada uma série de contingências e fatores da existência, tomou suas afetividades, suas emoções, seus sentimentos, de um modo subjetivo, bastante arcaico, eles não evoluíram a partir de 7, 8, 9 anos de idade, enquanto o restante sim da vida dessa pessoa, só que essa afetividade, fortemente calcada na subjetividade, se tornou determinante em relação aos demais. Então a razão nada pode contra isso, os juízos de valor nada podem contra isso, as interseções contra as pessoas nada podem contra isso, imperam quase que sozinhas. Considerem quando algumas pessoas assim adquirem, por várias vias políticas e outras, poder numa sociedade.

Já tivemos casos assim em várias sociedades humanas, completamente destrutivo. Pessoas capazes de fazer destruições em massa, algo impressionante, e sem se dar conta do que estão fazendo. O elemento fundamental aqui é que essa subjetividade afetiva, destoa completamente dos dados do contexto.

Vocês viram um exemplo, ainda que em outro âmbito, porque é só um segmento, dessa esposa, dizendo para o marido dela, você não está me ouvindo? Você não consegue, não consegue, não consegue, pois nesse terceiro exemplo, muito menos consegue. Está muito longe de qualquer, não vai ouvir.

Está com provas, está com situações de inveja, de ciúmes, de mágoas, porque tem completa convicção de que o outro deve a ela, de que o outro, que ela não é respeitada, que ela não é ouvida, que ela, que não há respeito com relação a ela. Vejam, e fala isso às pessoas, aos berros, aos gritos, entre outras coisas. Por favor, lembrem, este é um quadro crônico, é um quadro muito delicado e muito improvável que hoje, no mundo tal como está constituído em 2025, a pessoa consiga sozinha reverter um quadro desses.

Muito provavelmente precisará de ajuda, e de mais de um profissional. Não está descartado aqui ajuda medicamentosa, em alguns casos. Não está aqui afastado, às vezes, uma equipe multidisciplinar, que ajude esta pessoa e outras coisas mais.

Muito do que lemos nos noticiários, às vezes, de maneira tão triste, tão ultrajante, muitas vezes tem a ver com isso. Vamos agora a uma ilustração de uma outra área, para estabelecermos uma analogia. Um rapaz é chamado para fazer um passeio de barco com uma menina, que na medicina dos homens, ela é dita autista, num grau bastante elevado.

Esse rapaz vai levar a menina para passear, ela tem um celular que emite sons que a tranquilizam. Ele vai fazer um pequeno passeio com ela pelo barco, e ele apresenta muitas dificuldades de interseção, dada essa eventualidade da menina. Aliás, uma aprendizagem que a nossa sociedade inteira tenta, aos poucos, compreender.

Como lidar com pessoas que distoam daquilo que a grande maioria definiu como normalidade, como sendo certo, como sendo adequado, não é? É mais uma situação assim. Sofrem todos, sofrem as minorias, sofrem as majorias, mas estamos fazendo progressos importantes, no sentido de dias melhores, quanto a isso tudo, para todos os lados.

Eu vou partilhar a tela, para que possamos ver essa curta... O nome desse trabalho é Loop, da Erika Milsom. Marcos é o nome do rapaz, e vai sair com a Renée, a menina.

Para acessar o vídeo mencionado, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=i5IPiYpANVs>

Agora, vamos às aproximações. Nesse filme nós vimos a dificuldade que ocorre, numa interseção, nas questões que são colocadas. Observem como o Marcos, que pertence a uma maioria de pessoas, que constrói o mundo, essa maioria. A maioria que olha para um barco e diz, é um barco.

A maioria que diz, vamos navegar, porque o barco é para navegar. Que encontra minorias. E na interseção, pela melhor boa vontade, há certas dificuldades.

Isso é natural. Então, nós vemos a menina, a Renée, e ficamos solidários. O que podemos fazer?

Como o Marcos tenta tratá-la com amor, com todo o respeito, e tenta fazer o melhor que ele consegue. Uma vez que esse mundo não foi construído pela Renée para uma minoria. Foi construído por pessoas como o Marcos, para uma maioria como o Marcos.

Bem. Nesse caso, fica notório as dificuldades que a menina vai encontrar. E que precisamos mobilizar esforços, pelo menos tentar uma forma dela poder viver, num mundo muito difícil para ela.

Agora, vamos fazer as analogias. Por favor, pergunte-se, por que é tão difícil se você tem uma pessoa dentro da sua casa, por exemplo. Já que, no caso dela, parece ser tão fácil compreender isso, como se você tem um avô que é diabético. E você sabe, não vai deixar os doces em cima da mesa. Você ama seu avô. Você vai recolher esses doces. Você não vai oferecer para ele um pouco de bebida alcoólica. Você sabe que ele não pode. E certas comidas, você vai cuidar. Você vai ter uma série de restrições. Vai ajudar o seu avô a administrar a insulina, e uma série de outras coisas. Para tudo isso, parece tão mais compreensível, tão mais administrável, o que ocorre que com pessoas que têm uma afetividade imatura para os nossos padrões de época, um adulto, em outros aspectos. Alguém que compreende as coisas racionalmente, como nós compreendemos, em tantos lugares e formas, guardadas as singularidades. Temos uma linguagem de comunicação, uma linguagem partilhada. Um adulto que consegue se localizar quanto às verdades, quanto às buscas, quanto aos conhecimentos, mas, que nesta área específica fica completamente perdido, fica completamente transtornado. Então ele quer exercer o controle, tudo ele vigia, tudo ele controla, tem ciúmes, culpabiliza, inventa coisas, levanta suspeitas, faz uma série de elementos. O que ocorre, que em casos assim parece ser, para aqueles que estão próximos, tão mais difícil?

Há muitas respostas para isso. Uma delas é que este adulto que assim age, em tantas coisas ele parece tão condizente com esse desenho que a maioria fez de uma sociedade. Então ele entende uma série de coisas, uma série de elementos.

Bom, mas poderíamos dizer o mesmo da René e do avô que é diabético, não é? Mas há então outros fatores que fazem com que isso seja. Algumas pessoas que passam com familiares, com amigos próximos, maridos e esposas por isso, colocam a dificuldade que é.

Essa pessoa, por vezes, tem poder de resolução que alguém como a René e como o avô velho que tem diabetes não tem. Pode tomar decisões que às vezes afetam a família inteira de maneira dramática e outras coisas mais. Seria então essa a razão pela qual aqueles que conseguiram ultrapassar isso e razoavelmente desenvolver suas afetividades encontram isso?

Não, não é só isso. Há muitas outras razões.

E quando esses pontos cegos de uma pessoa que de maneira crônica alcançou um índice preocupante que se alastra. Você vai ao mercado às vezes com a pessoa e do nada ela é capaz de fazer uma discussão com alguém lá dentro. Aos gritos, aos brados, xingando e você diz, escute, por favor, procure ter tranquilidade e aí ela se volta contra você. Dizendo que você está a favor daquela outra pessoa, não está a favor desta pessoa que é seu marido, que é sua esposa.

São elementos muito graves que, entre outras coisas, e essa é uma das características muito sérias que impedem a ajuda de familiares e próximos, é que inviabiliza a vida social. Inviabiliza! Você não tem como ter uma vida social a partir daí. Fica restrito, fica impedido. Qualquer momento um escândalo é provável, já se esparramou daquela área de circunscrição, já estrendo além dela. Aqui é muito importante compreender que nesta última parte se trata então de algo que pede outras ações.

Já ultrapassamos o razoável, aqui há riscos de muita gente se machucar, a começar da própria pessoa que padece com tudo isso, atribuindo seus padecimentos a outras coisas. Os outros não a compreendem, os outros não a ajudam. Ela é boa para todo mundo, ninguém é bom para ela, ninguém reconhece o que ela faz.

Reconhecem, claro que reconhecem, toda a destruição que ela está causando, mas não é assim que ela entende o que ela faz. As desproporções, uma colher de pequeninha de chá, uma colher de afetividade que ela dá vale um caminhão para ela. Já o caminhão de afetividade que ela recebeu vale uma colher pequeninha de chá, e assim sucessivamente, conforme aquelas características.

Mas somos filósofos, somos filósofos clínicos. Filosofia clínica não lida com patologia, com normalidade, com doença, nem existem esses conceitos em filosofia clínica. Portanto, também não existe normalidade, cura.

O que nós fazemos é uma conversação entre estas características da pessoa e o contexto no qual ela vive. É possível conciliar alguns fatores? Quais?

De qual maneira? Não é possível. Então, neste caso, é possível que a pessoa, mesmo apartada desses elementos, possa ter uma vida que para ela, e para a sociedade que está ali amparando e tudo mais, tenha caminhos, horizontes possíveis de respeito, de alteridade?

Olha, são casos às vezes extremamente difíceis, extremamente complicados, e há muitas notícias tristes sobre isso, como também algumas muito boas. Estamos avançando nos conhecimentos, nas várias áreas. É muito provável que dramas assim em breve sejam endereçados de outra forma, mas ainda nos nossos dias, 2025 é um dos fortes padecimentos, como vimos de uma sociedade que também colabora, entre aspas, para que situações assim ocorram.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 8 – ALGUNS MOTIVOS QUE PERPETUAM A AFETIVIDADE IMATURA -28/02/25



Oi, mãe,

Estou escrevendo porque as coisas não estão fáceis para mim. Eu sei que já me ajudou tantas vezes, mas preciso de mais um empurrãozinho para pagar minhas contas. A vida está tão injusta comigo! Só você pode entender e me socorrer. Prometo que essa é a última vez, tá? Ah, e manda rapidinho, porque já está atrasado.

PREFÁCIO À AULA “ALGUNS MOTIVOS QUE PERPETUAM A AFETIVIDADE IMATURA”

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos. Boa noite aos colegas. Sejam todos muito bem-vindos para a nossa aula de hoje, dia 28 de fevereiro, sobre uma educação das emoções.

Uma delas. Não é a única. Muitas formas, muitos modos.

Aqui estamos considerando, pelo prisma da filosofia clínica, em algumas questões. A nossa aula de hoje é instigante, porque ela tratará de alguns freios. O que ocorre com uma pessoa que já teve acesso aos elementos de uma afetividade infantil, quando adulta, sofre com isso, padece e faz outros ao redor também, nos arredores, passarem por situações muito delicadas? O que ocorre? Quais são os motivos para essa pessoa prosseguir com a afetividade dessa forma? Uma vez que ela padece, alguns marcam consulta, vem ao nosso consultório, trazendo essa questão, o que ocorre? Esse é o nosso tema de hoje.

Essa é a aula sobre qual trabalharemos hoje. Antes, porém, nós vamos a São Paulo, e de lá o professor Clailton apresentará a sua primorosa resenha da aula passada, tão aguardada por muitos colegas, principalmente aqueles que não conseguem acompanhar ao vivo, mas estão de trabalho, são muitos, e depois podem fazer a audição da resenha. Professor Clailton, por favor, fique à vontade, pode iniciar o seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 21 de fevereiro, o tema foi os pontos cegos.

Iniciamos essa aula com o vice-conceito.

Considerem um contexto onde alertamos um amigo quanto ao degrau à frente. Ele vê o degrau e mesmo assim tropeça e cai. Ajudamos nosso amigo a se levantar e perguntamos a ele o que houve.

Ele demonstra certa confusão e nos diz que não percebeu que o degrau estava tão perto, diz que deveríamos ter informado melhor. A pessoa viu o degrau à frente, mas agiu como se não tivesse visto, como se ele não estivesse ali. Eis um ponto cego.

Os pontos cegos das emoções são mais comuns entre as pessoas com essas afetividades infantis que temos estudado. É o que nós vamos ver. Foram três os pontos de aprofundamento.

Primeiro, o que acontece que algumas pessoas agem como crianças e não se dão conta disso? Uma das questões envolvidas diz respeito à circunscrição. Essa pessoa está inserida, ela vive em um pequeno círculo, talvez amigos e familiares apenas, e aí dentro ela não enfrenta maiores problemas por ser assim. Poderia ser diferente se ela estivesse em uma circunscrição mais ampla, com maior probabilidade de confrontos, retaliações, contrariedades.

Nesse meio que ela vive, pode existir elementos como o medo. Às vezes é ela quem paga as contas. Pode existir uma autoridade envolvida, esse tipo de coisa.

No segundo exemplo, temos uma segmentação. Por vezes, o ponto cego será restrito a uma área. Não aparecerá em tudo que se refere às afetividades, mas em relação a uma questão específica.

Na ilustração, acompanhamos o filme Tall, Dark and Handsome. Aparentemente, o personagem não tinha maiores problemas com afetividade. Se relacionava bem em seu meio social.

Estava em um relacionamento que ia bem. Só que um dia, ele descobriu que sua namorada tinha um histórico de ex-namorados indianos. Ele também era indiano.

Essa questão o incomodou muito e se tornou um problema. Ele não conseguiu sair dessa área. A namorada tentou explicar que não havia nenhum problema com relação a isso, mas ele não ouvia mais.

Surgiram sintomas, o relacionamento foi prejudicado e eles acabaram se afastando. Esse problema esteve segmentado a uma área específica. O terceiro ponto, a subjetividade emocional assume uma proporção em relação a objetividade que, em geral, atropela tudo no contexto.

Isso costuma ser contundente. A convivência familiar, afetiva, fica insustentável. É algo grave e dramático.

Razões, valores, por exemplo, interseções. Nada pode ir contra esse elemento. Há uma determinação das emoções em relação a outros tópicos.

A subjetividade se sobrepõe à objetividade. A pessoa não se dá conta do que está fazendo e, nesses casos, ela precisará de ajuda. Muitas vezes, de uma equipe de profissionais, mais de um. Inclusive, a medicação não é descartada. Em alguns casos, é necessário.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton.

Há muitos compositores no nosso país que fizeram e fazem trabalhos tão lindos e desconhecidos de grande parte do nosso público. Hoje eu quero trazer mais um deles para vocês.

Esse é de São Domingos do Prata, interior da linda Minas Gerais. O Celso Adolfo, hoje um homem com mais de 70 anos, tem algumas canções memoráveis. Uma delas, ele fez uma apresentação sozinho, só com dois violões, no Teatro Itabira, em Itabira, no interior de Minas, apresentando, comentando as canções dele.

E vocês verão uma delas agora. Ele gravou em Itabira, na Azucarção, não faz mais tempo, chamada Tô Com Fé. Só que vocês verão uma partição.

A primeira parte da canção é agora, um homem de idade mostrando suas canções. E na segunda parte, vocês verão, desse encarte que eu vou mostrar para vocês, a música quando foi gravada no álbum, que era um dueto. Ele tem uma parceria com um amigo dele e eles os dois cantam com também dois violões ao mesmo tempo.

Muito linda a canção, Tô Com Fé. Uma ilustração bonita sobre os tropeços da vida, os recomeços da vida e a fé como um elemento que tempera tudo isso.

Para conferir a música original na íntegra, acesse aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=-rfOPwy6Tro>

O trabalho de hoje diz respeito aos motivos pelos quais uma pessoa que apresenta ainda que em idade avançada, 30, 40, 50, 60 anos uma afetividade que é mais apropriada para alguém que tenha 8, 7, 9 anos numa época como a nossa, segundo os padrões de época, o que ocorre? O que faz com que uma pessoa que tem uma afetividade assim permaneça, insista em continuar com tal afetividade? Há inúmeras razões, mas

tentaremos resumi-las em três grandes blocos que dão um amplo espectro a esse problema, ainda que ele seja bem maior. Trata-se provavelmente de uma introdução. Bom, inicialmente, se você convive, conviveu com alguém de 40, 50 anos que tinha marcadamente uma afetividade mais apropriada para alguém de 8, 9 anos de idade e desde que vocês estudam filosofia clínica e sabem desde que isso seja determinante muitas vezes não é. É um traço periférico que pouca relevância tem nas interseções dessa pessoa.

No entanto, quando relevante for, quando muito marcado for na vida, na história dessa pessoa provavelmente se torna visível quem convive com a pessoa. Bem, mas então qual a razão para a pessoa persistir em algo dessa natureza? Observe, primeiro a pessoa não tem ideia de que o que se passa está relacionado à afetividade infantil. Esse é um dos exemplos, um dos motivos muito abrangente, não é único.

Vamos ver um exemplo disso. Então, você convive com uma pessoa de 40, 50 anos que quando trata dos conhecimentos, quando trata dos motivos, quando trata de uma leitura política, econômica, educacional do mundo parece ter exatamente 40 anos ou até mais. No entanto, quando as questões caminham para a afetividade às vezes o interlocutor fica muito surpreso.

A pessoa parece ter 8, 9 anos, 6 afetivamente com as características que já vimos, não consegue lidar com a frustração, não consegue lidar com crítica, generaliza elementos e muitos outros conforme nós vimos. Muito bem, essa pessoa não percebe isso? Percebe, mas não desta maneira. Por exemplo, você fala para essa pessoa que tal crítica que foi feita a ela é bastante ponderada e deveria ser levada a sério.

Poderia inclusive melhorar vários aspectos sobre isso. Veja, essa pessoa então estoura. Olhem o que faz com que ela ao mesmo tempo tenha um comportamento infantil e endosse isso de uma outra maneira que vai perpetuar este elemento.

Ela diz, olha, esta crítica foi de má fé, esta pessoa agiu de modo destrutivo, ela está buscando tal coisa e por isso eu devo responder desta maneira ofensiva, hostil, etc. Ou fazendo birra, ou não conversando por uma semana com esta pessoa e fazendo alguns jogos de mágoa, etc. Bem, ela está justificando e acha que esta justificativa é tão razoável e proporcional, outra das características, a desproporção das respostas, etc.

Enquanto quem está perto está percebendo o que se passa. Outras vezes quem está perto percebe, mas dá outros nomes a isso. Pessoas ao redor, como vimos anteriormente, que convivem com alguém assim, às vezes ficam acuados, ficam com medo, recuam, dada a desproporção que esta pessoa parece mostrar.

E não acreditam que possam conversar e que uma conversa razoável esta pessoa possa atender e com isso encaminhar coisas. Esta é uma das grandes questões que alcançam um grande leque em questões como estas. Bem, provavelmente pessoas assim chegam aos nossos consultórios com sintomas decorrentes disso, e não propriamente isto.

E tratar, trazer esta pessoa, explicar para ela que o que se passa é algo dessa natureza, é um dos dilemas da clínica. Se é que ela continuará a clínica a partir daí? Provavelmente

não. Provavelmente dirá que o terapeuta não entendeu, que ele está falando de outros contextos que não está sintonizado com ela e coisas assim. Provavelmente.

Bem, veremos hoje três grandes e muito amplos elementos que vão nos mostrar aspectos relevantes sobre isso. O que faz com que a pessoa persevere, mantenha isto.

Ainda que amigos, familiares busquem de várias maneiras reorientar para outros elementos. Vamos ao primeiro desses aspectos, que é muito amplo e abrange uma boa parte de pessoas cujas afetividades são infantis, ainda que elas agora tenham 40, 50, 60 anos. Algumas dessas pessoas moram com os pais.

A relação com os pais, para quem observa isso, é bastante grotesca. Outras vezes é uma relação de marido e esposa. Um dos dois tem isso marcadamente acentuado.

E esse marido, essa esposa conversando com você, às vezes coloca situações que são muito delicadas sobre esse tipo de situação. Bem, primeiro ponto, então, é observar. Essa pessoa que tem este elemento tem uma discrepância, ela tem um contraste muito pontual e muito profundo, que é com quem ela está falando.

Podem, por favor, anotar e grifar isso. Com quem essa pessoa está falando? Muito provavelmente ela não está falando com esse pai, essa mãe, que tem 60, 70 anos. Muito provavelmente ela não está falando com este marido, esta esposa de 40, que chamou e disse, precisamos conversar sobre o nosso relacionamento, sobre a maneira do que está acontecendo aqui. Não é razoável. Não é razoável nós irmos a um restaurante e você, porque o garçom não trouxe a comida como você desejava, atirar o guardanapo, levantar, dizer uns insultos a esse trabalhador e se retirar do restaurante. Você acha algo assim razoável? Algo assim de um adulto? Precisamos conversar.

E lembre-se, isso é apenas a ponta de um iceberg. Há muito mais elementos aqui. Ou seja, neste item, esta pessoa está cercada, acompanhada, imersa com relação a personagens que estão distante na temporalidade. Então, ela olha para aquela mãe, que hoje é uma mulher de 70 anos, e vê uma mãe de 35, de 40 anos. E na própria temporalidade, esta pessoa recua até 8, 9 anos. Ela trata o discurso atual colando neste discurso que ela tinha quando ela estava com 8 anos, 10 anos.

Então, esta mãe de 70 diz, minha filha, você é adulta, meu filho, você é adulto, responda de outra maneira essa questão do seu trabalho. Isso é atual. Ela está ouvindo, está percebendo isso. E, no entanto, a vivência interna faz uma colagem com os aspectos dessa mãe quando tinha 35 anos e falava essas coisas em um tom de voz elevado. E essa criança não se sentia entendida, não se sentia acolhida aos 8 anos. Não, porque a mãe discordava. E ela ficava com raiva que a mãe discordava. E é deste amálgamo que, às vezes, é tão intenso no deslocamento temporal quanto a anterioridade, que o que se passa na atualidade vira uma mera ilustração opaca.

Outro exemplo. Está falando com a esposa. Os dois têm 45 anos. No entanto, a esposa e o marido, com quem está falando, esta pessoa diz para a esposa e o marido você poderia ser mais delicada, mais delicado, quando faz um carinho.

Não é preciso fazer dessa forma. Não é, cafuné. Algo assim pode ser mais brando.

Vamos aprender juntos isso. Bom, esse é um discurso de um adulto colocando questões da intimidade do casal. Muito bem.

Como é que esta pessoa está ouvindo? Primeiro, ela olha esse adulto e associa esse adulto com algum namoradinho, alguma namoradinha, ou um primo, ou um tio, ou um pai, alguém, passado. E volta ela também para lá. 6, 8, 9 anos. E nessa discrepância de fusos de questões, às vezes isso que foi dito agora fica apenas como referencial da conversação. E a pessoa deslocada nesse tempo para lá, o que ela faz então? Frustrada, querendo ser ouvida, querendo ser atendida, com os caracteres infantis.

E o pai, a mãe, nessa ocasião, ou o tio, ou um amigo, falou, olha, como você se comportou dessa maneira, não vai ter como a gente ir nessa festa. As pessoas não vão querer agora receber. Você atira uma pedra do vidro da outra casa? Não se faz isso.

Bom, ela tinha 8 anos. E naquela ocasião a pedra nem era para o vidro. Ela estava brincando com a pedra. Ia tirar no muro para ver se o muro de rocha era bem constituído e tal. E a pedra saiu. Foi um engano, mas mesmo assim ela ficou com aquela raiva. Ela voltou para esse ponto. E agora ela responde, no amálgama do que houve agora, com aquele ponto. Se o ponto tônico foi deslocado lá para trás, a resposta aqui vai ser muito desproporcional, provavelmente, descontextualizada e com os outros caracteres que vimos.

Essa pessoa pode explodir. Dizer que é assim, porque a maneira como, lembrem, ela é assim, olhem a culpabilidade. Vai lá para o outro, que ela é assim, não sabe fazer carinho e tudo, porque o outro a afasta, porque o outro não a entende, porque o outro, etc.

Ela não consegue absorver isso. Olhem, há um exemplo sobre isso que eu gostaria de mostrar, uma ilustração gráfica, na forma de um teatro, um teatro de rua. Selecionei para vocês um trabalho chamado Cegos.

A direção é de Marcos Bulhões e Priscila Toscano, do Desvio Coletivo. Eles chegam numa cidade e perguntam qual é a cegueira dessa cidade. E, a partir dali, eles constroem a peça teatral pelas ruas da cidade.

Cegos, porque vão representar a cegueira daquela cidade. Em 2012, fizeram isso em São Paulo, em 2013 fizeram isso em Paris e é algo muito significativo. As pessoas que estão ao redor percebem a cegueira deles.

As pessoas que estão ao redor notam que, ainda que eles não possam se localizar de uma forma como aqueles outros podem, eles estão fazendo coisas. Esse grupo teatral divide isso em duas facetas, ou é política ou é de consumo. Quando é de consumo, as pessoas carregam sacolas, que é como veremos agora.

Vou partilhar a tela para que possamos ver um primeiro exemplo de aproximação sobre o que estamos conversando aqui.

Para acessar um exemplo deste trabalho acesse aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=VyiO8wADt4Y>

Estes que não podem ver não são menos, não são mais, são diferentes dos outros. Esses que construíram essa cidade, essas ruas, essas lojas e tudo mais, podiam ver e precisam lidar com as características de quem não tem a visão.

É parte da nossa sociedade não culpabilizar, não menosprezar, não diminuir, interagir. Em exemplos assim, fica muito claro, muito concreto que isso é assim. Observaram que as pessoas ao redor tiram fotos, alguns aplaudem, alguns acompanham. Ficam curiosos de saber como vai se movimentar pela cidade. Não tem bengalas? E há estradas? Há carros passando? Como faz? Os autores deslocam essas pessoas não apenas quanto a isso. Observem as vestes que elas têm e observem que a cegueira não se deve a uma questão qualquer nos olhos dessas pessoas, mas a uma venda que são colocadas sobre os olhos.

De modo muito similar, sob muitos aspectos, isso ocorre em muitas pessoas que possuem afetividade infantil, apropriada a quem tem oito anos, nove anos, seis anos, e no entanto elas têm quarenta, cinquenta, sessenta anos. Muitos passam por situações como estas que vocês estão vendo aí no filme. Quem está ao redor compreende o que se passa.

Família, os amigos logo sabem. Não adianta querer ter uma conversa assim ou assado com essa pessoa porque ela vai torcer tudo, vai levar a mal, ainda vai criticar você, pode criar uma situação muito desagradável que vá arruinar um jantar, arruinar isso, aquilo, etc. Pode levantar, dizer que vai embora no meio de um encontro familiar ou pode ainda ir mais longe que isso.

Quem está perto tenta lidar com esta pessoa sabendo que isso que ela tem, ainda que não saiba que nomes, de onde vem, o que se passa, na verdade, alguns dão nomes muito pesados a isso. Isso não é uma maneira, pelo menos na minha opinião, não é uma maneira de ajudar tanto pessoas que passam por isso quanto aqueles que convivem com pessoas que passam por isso. Há outras formas, outros caminhos melhores para todos envolvidos.

Difícilmente uma pessoa que tem uma tal afetividade no mundo tal qual nós o construímos neste momento, elas conseguiriam viver em paz e bem em muitos casos com exceções de praxe, mas em muitos casos não. Então, nós estamos no primeiro dos três pontos. Esta pessoa, quando estiver com outras pessoas, conversando, lembrem, por favor, ela pegará o registro do que se passa no momento, mas ao aprofundarmos isso com um sério respeito à afetividade, ela fará um deslocamento para algum lugar e forma de anterioridade na qual alguém gritou, ela se sentiu injuriada e não soube se defender, ficou frustrada, etc., e vai fazer uma composição, uma colagem, um amálgama com isso que está se passando. Sendo que isso que está se passando agora é em relevância menor com relação àquilo. E daí o descompasso das coisas, para quem está ali no momento e acompanha isso, pode ser realmente dramático, pode causar um impacto muito grande, porque vai achar que o que está se passando foge completamente ao que é razoável.

Um dos registros que temos para sabermos o que se passa é com quem essa pessoa está falando quando faz essas remissões. Por enraizamentos, isso muitas vezes é possível.

Quando perguntamos o que houve, lembre-se que a pessoa vai primeiro acusar os sintomas, que não está sendo ouvida, não está sendo respeitada, mais uma vez não a estão entendendo, ela que faz tudo por todos e ninguém valoriza, etc.

É o que é o discurso usual. Em seguida, mais um enraizamento e talvez consigamos chegar. Ela vai dizer que foi criada pela tia-avó e que a tia-avó costumava fazer muito isso com ela.

Bom, já temos uma primeira referência. Com isso, nós vamos localizando em que etapa da vida essa pessoa está, quando se trata da afetividade. O que ocorre é que isso não acontece, por exemplo, no início de um relacionamento afetivo, mas logo depois.

Há inúmeros aspectos, há uma pauta social que não permite que nesse momento inicial as emoções aflorem, mas assim que elas tiverem a oportunidade, situações assim provavelmente ocorrerão.

.... continuidade do vídeo Cegos.

Vamos prosseguir agora o trabalho para o segundo ponto dos três pontos que trabalharemos hoje.

Existe, no entanto, uma segunda, muito extensa, com vários desdobramentos. Razões pelas quais uma pessoa que aos 30, 40, 45 anos tem uma afetividade mais apropriada para alguém que tenha 8, 6 anos, em uma época como a nossa, conforme os nossos contextos sociais de hoje. Uma segunda razão para que a pessoa persevere, mas vamos dificultar isso. Vamos supor que essa pessoa foi a alguns terapeutas, procurou ajuda profissional e esses terapeutas colocaram para ela, olha, o que está acontecendo é desta ordem, trata-se da sua afetividade e ela apresenta caracteres infantis que não condizem com o restante da sua vida e isso causa uma série de atrapalhos.

A pessoa pergunta o que é e esses terapeutas informam. Então você tem uma incapacidade muito grande de lidar com frustração, se não for na hora que você quer, do jeito que você quer, não sairá o jantar, você já vira a cara para outra pessoa, já inventa uma desculpa qualquer para provocar uma briga, tudo tem que ser da sua forma, do seu jeito, na sua hora, ou então você não participa. Você, onde chega, parece que tem que estender um tapete vermelho para você entrar.

Ser estrela da festa, seja estrela ou não, é assim que você, e você também acha que está todo mundo olhando para você, onde você chega, as pessoas não estão olhando para você, provavelmente cada um está em seus próprios problemas, olhando para algumas outras pessoas, mas a sua impressão subjetiva é essa. A mais, você acha que as pessoas têm inveja de você, têm ciúme de você, não é você não que tem isso com relação aos outros? Por que alguém invejaria você, se soubesse a vida que você tem?

E outras coisas mais, como vimos, as características que são muito sofridas, costumam levar a muita, muita dor. Aqui nós temos uma série de elementos importantes, série de elementos importantes. Se essa pessoa ouviu isso e muito mais dos terapeutas que ela consultou a respeito do que se passa com ela, já tem vários diagnósticos, prognósticos,

alguns terapeutas falaram até em medicação para essa pessoa, antidepressivos e outros elementos, ela recusou imediatamente.

Bem, vamos então, já que essa pessoa tem isso, ela mesmo às vezes menciona por alto que isso talvez seja o problema da vida dela, mas em seguida ela já recua por uma série de justificativas. Haveria entre as muitas justificativas uma que abrangesse várias e fosse provavelmente maior? Sim há.

Qual é esta justificativa? O que vou colocar agora pode parecer para muitos, grotesco. No entanto, é importante compreendermos e para podermos auxiliar não apenas quem passa por isso, mas para quem convive com isso.

Considerem por favor, às vezes uma criança de 10, 11 anos pode ter um pai, uma mãe que tenha um comportamento afetivo de uma criança mais jovem ainda que eles. Olhem as dificuldades que surgirão a partir daí. Então, a compreensão e não o julgamento, não a culpabilidade dessas pessoas, mas dar a mão a elas, o que é uma tarefa muitas vezes tão difícil.

Alguns familiares não conseguem, dão o assunto por encerrado e preferem se afastar. Não por ser mais cômodo, pelo sofrimento, pelas explosões, pelas situações constrangedoras tão comuns. Então vamos a esse ponto.

O que seria isso? O que seria esse aspecto? Veja, o terapeuta falou para a pessoa, senhora, o senhor afetivamente tem 9, 6, 8 anos dependendo do contexto? E mostra as características, a pessoa se reconhece nisso, mas justifica sempre como vocês viram. Muito bem, vamos supor que essa pessoa, depois de muito padecimento, coloque para o terapeuta que sim, que ela quer crescer afetivamente. Não quer mais passar por essas coisas.

Agora vem esse elemento. À medida que o terapeuta, por seus vários métodos, começa a mostrar para essa pessoa o que é uma afetividade adulta, por exemplo, ir à casa de uma pessoa que ela e o marido, ela e a esposa, os filhos vão como um gesto de caridade, como um gesto de renúncia para certas coisas, uma vez que não é tão agradável, mas é importante. Essa pessoa provavelmente dirá, ah, mas isso é desagradável, então eu vou ter que renunciar, eu vou ter que fazer coisas que eu não gosto, eu vou ter que sufocar minhas vontades.

Vejam como é torcido isso, quando o terapeuta mostrou que é o mundo adulto. O terapeuta mostra outras coisas, diz, olha, às vezes uma pessoa dirá certas coisas, e você entenderá que ela diz isso, não é por maldade, é porque ela não consegue se expressar, ela não estudou certas coisas e para ela é razoável dizer dessa forma. Parece algo racista, parece algo preconceituoso, mas o que está acontecendo ali é de outra ordem, ela não tem conhecimento sobre isso.

Ah, mas então eu vou ter que compreender os outros e os outros não têm que me compreender? Observem o dilema, ser adulto é horrível, ser adulto é não ter vida nenhuma, ser adulto é chato, ser adulto é renunciar, ser adulto é compreender sem ser compreendido, é ter que dar amor, é ter que forçar, é uma vida sem graça, é uma vida

completamente sem graça. Como se isso que a pessoa estivesse vivendo tivesse qualquer graça, na verdade tem.

Os poucos momentos em que ela pode exercer essa infantilidade, sem maiores conflitos com os outros, parece ser divertido. Quando eu fico devaneando, quando eu fico fantasiando certas coisas, isso é bom. Se eu for adulto, nem isso eu vou ter, observaram?

Ou seja, o sacrifício para ser adulto, o custo, o empenho para ser adulto é tão grande que não vale a pena, então é melhor ficar como estou. Pelo menos eu tenho alguma coisinha aqui. Essa pessoa pode ter muitas e muitas razões e pode encontrar em muitos autores, inclusive, elementos sobre isso.

Eu selecionei um texto do Rubem Alves, do final do século passado, em 1998, 1999, do livro A Festa de Maria. Neste artigo, Rubem Alves, para uma pessoa que apresenta isso que acabei de mencionar e que quer justificativas para não crescer, este texto provavelmente ficará na cabeceira dela. Texto do Rubem Alves, de 1998, 1999, na qual ele fala de um amigo dele, médico.

Ele diz assim, esse meu amigo médico, ele diz que tem autorização para falar sobre isso no livro. Chegou ao seu consultório com seus olhos perfeitos e a cabeça cheia de pensamentos. Quais eram os pensamentos desse adulto?

Eram pensamentos graves, cirurgias, hospitais e os doentes o aguardavam na sala de espera. Entrou o primeiro paciente, que se submeteu mansamente à apalpação médica. Hoje é tão raro, não é?

A medicina mudou muito. Hoje, em muitos consultórios você vai, às vezes o médico sequer olha para você, ele conversa com você digitando no computador e de vez em quando levanta os olhos. Não faz isso por mal, não.

A medicina mudou muito hoje, muito se faz em medicina por imagem. Perdemos muito daquela medicina clássica, que o médico olhava, apalpava, tocava, e ganhamos muito em outros aspectos, como a medicina por imagem. Talvez um meio termo entre esses elementos fosse muito interessante numa época como a nossa.

Mas esse médico era antes dos anos 2000, portanto ainda não ficava digitando no computador enquanto falava, no caso dele, com pacientes. Se fosse o nosso caso, partilhante. Então, entrou o primeiro paciente, que se submeteu mansamente à apalpação médica.

Terminada a consulta, escrita a receita, um ato de despedida, ele fez um elogio. Doutor, que lindas são as orquídeas na sua sala de espera. Meu amigo médico sorriu embaraçado com vergonha de dizer que não havia notado orquídea alguma na sala de espera.

Nada sabia da beleza das orquídeas. Vejam como é terrível o mundo adulto, não é? Qual é a graça de alguém se tornar adulto se é para ser assim?

Mas vale todo sofrimento e continuar 40, 50 anos sendo uma criança. É assim que estes muitos justificarão a infantilidade para ficar ainda com ela, apesar dos sofrimentos. Ao final da consulta, sem conseguir conter o que sentia, este segundo paciente observou.

São maravilhosas as orquídeas na sala de espera, doutor. Novamente o sorriso amarelo do médico, sem poder dizer o que não sabia sobre as orquídeas, que nem havia visto. Bom, quando entra o terceiro aí, ele não aguenta.

Ele pede licença e vai até a sala olhar e reconhece. Puxa, como eram bonitas as orquídeas, de fato, lindas. Ruben Alves então nos fala, você se espanta que tal cegueira possa existir?

Mas eu lhe garanto que é assim que funcionam os olhos dos adultos em geral. Para uma pessoa que tem 30, 40, 50 anos, que tem uma afetividade infantil e está tentando mudar, está tentando crescer e se depara com algo dessa natureza, terá um estímulo para se tornar um adulto? Qual é?

Muito difícil, não é? Só que o Rubem Alves falou adultos em geral, não todos os adultos. Muitos adultos, quando vão amadurecendo e as suas afetividades também, fazem várias opções.

Alguns, por exemplo, resolvem, bom, é muito bom amadurecer. Se eu quiser pedir uma pizza às duas da manhã, eu posso fazer isso. Quando eu tinha oito anos, não podia.

Precisava pedir aos meus pais. Adultos, eu tenho 45, 50 anos, se eu quiser pegar meu automóvel e passear pela orla, ver o mar, respirar a brisa do mar enquanto escuto uma música, eu posso fazer. Posso depois tentar conciliar, posso dormir mais 15 minutos antes do meu trabalho, sem prejudicar ninguém.

Uma criança de seis, oito, nove anos, terá que pedir para poder fazer isso. Esse adulto então cresce, só que esse adulto tomou uma opção diferente dessa que o Ruben Alves disse. Esse adulto tomou a opção, quero levar comigo todas as coisas boas da infância que eu posso levar. Inspiração, a pintura, vou ter aulas de pintura, vou pintar lindos quadros a óleo. A dança, vou continuar dançando, brincando, já que eu gosto de dançar. E outros elementos que da infância são atualizados na afetividade, de modo que possam compor os demais elementos de um mundo adulto.

Só que, ao ler algo assim, alguns justificaram não. Está vendo? Ser adulto é muito chato, não tem graça nenhuma, é só responsabilidade e compromisso. Portanto, eu vou optar por não continuar criança, continuar infantil, etc. O Rubem Alves prossegue dizendo, os olhos da criança vão como borboletas, pulando de coisa em coisa para cima, para baixo, para os lados. É uma casca de cigarra num tronco de árvore, quer parar para pegar, a mãe lhe dá um puxão. A criança continua. Logo adiante, vê o curiosíssimo espetáculo de dois cachorros num estranho brinquedo, um cavalgando o outro. Quer que a mãe também veja. Com certeza ela vai achar divertido, mas ela, ao invés de rir, fica brava e dá um puxão mais forte. Aí a criança vê uma mosca azul flutuando inexplicavelmente no ar. Ah, que coisa mais estranha, que cor mais bonita.

Tenta pegar a mosca, mas a mosca foge. Seus olhos batem então numa amêndoa no chão e a criança vira jogador de futebol. Vai chutando a amêndoa. Depois é uma vagem seca de flamboiá pedindo para ser chacoalhada. Assim vai a criança, à procura dos que moram todos os caminhos. Que divertido é andar. Pena que a mãe não saiba, por não ter olhos que saibam brincar. Ah, que não tem olhos que saibam brincar. Ela não tem muita pressa. É preciso chegar. Há coisas urgentes a fazer. Seu pensamento está nas obrigações de dona de casa. Por isso vai dando safanões nervosos na criança. Se ela conseguisse ver e brincar com os brinquedos que moram no caminho, ela não precisaria depois fazer terapia. Vejam o problema então.

Por que alguém gostaria de ser adulto diante de um quadro tão árido? Que graça há em ser adulto. Rubem Alves poderia ter colocado. Ser adulto é você chegar depois do trabalho. E como você tem um velho, uma velha eletrola ainda, dos tempos de antigamente, com agulha de diamante e lindos discos de vinil, você coloca um jazz e o som ecoa pela sua casa. Você vai tomar um banho, uma ducha repousante.

Depois você conversa com seu marido, com a sua esposa, sobre parte do seu dia. Seu marido e sua esposa perguntam se você gostaria de uma massagem nos pés. E você retribui essa massagem.

Vocês conversam, combinam de ver um lindo filme. Ele e ela mostra a você um trecho que leu num jornal de uma crônica muito bonita e inspiradora sobre o outono da nossa época. Isso também é ser o mundo adulto. Tão adulto quanto este adulto que o Rubem Alves nos coloca. Como era, aliás, o próprio Rubem Alves. Ele colocava como um adulto muito próximo disso que estou falando para vocês.

Um adulto que gostava de ver as lindas folhas nos campos. Um adulto que apreciava a vida, amava a música. O Rubem Alves era um modelo de adulto que levou para a infância quase todas as coisas inspiradoras e as atualizou.

Mas esse adulto que ele nos conta aqui é um grande freio para que muitos desistam de ser adultos. Porque eles olham para isso. Para um pai, para uma mãe, para um marido, para uma esposa que eles consideram frustrantes e frustrados.

Que não se realizam, só falam em problemas, contas para pagar, etc. Porque eles têm um motivo, então, de ser assim. Melhor é ser como são.

Eis a distorção completa. É claro que não é para ser assim. É para ser um adulto que vai levar todos esses sonhos, essa poesia, para essa vida.

Rubem Alves continua. A mãe caminha com passos resolutos, adultos, de quem sabe o que quer, olhando para frente e para o chão. Olhando para o chão, ela procura as pedras no meio do caminho. Não no amor a Drummond, mas para não dar topadas. E procura também as poças d'água. Não porque tenha se comovido com o lindo desenho de Escher de nome Poça d'água. Uma poça d'água suja na qual se refletem o céu azul e os ramos verdes dos pinheiros. Ela procura as poças para não sujar o sapato. Coitados dos adultos, termina Rubem Alves.

Arrancaram os olhos vagabundos e brincalhões de crianças e os substituíram por olhos ferramentas de trabalho, limpa trilhos. Assim eram os olhos daquele meu amigo médico. Não viam nem as orquídeas, nem as árvores que estavam dentro do seu consultório.

Infelizmente, alguns adultos são assim. No crescimento, optaram por isso, escolheram isso. Ou se depararam com isso.

Mas muitos não. E no consultório, trabalhar com pessoas que vão se deslocar, vão assumir que finalmente querem amadurecer emocionalmente, implica em trabalharmos questões como estas que acabei de mencionar para vocês. O primeiro item, com quem essa pessoa se relaciona na verdade.

Segundo item, o que ela tem que fazer para amadurecer emocionalmente parece a ela completamente assustador, dadas as restrições do mundo, etc. E o terceiro ponto, que estávamos também trabalhando, é o texto do Rubem Alves criticando o mundo. As afetividades amadurecidas não têm qualquer graça, qualquer elemento.

Nestes últimos dois pontos que vimos, ainda há algo a acrescentar. Uma pessoa que está a caminho, que decidiu tomar a decisão de amadurecer, e está enfrentando essas modificações com terapia, com uma série de elementos, usualmente apresenta vários sintomas. Por exemplo, a pessoa pode chorar muito, pode dizer que está sendo muito difícil, que ela não vê graça nenhuma no que está acontecendo, que ela terá que desistir de tudo, que ela está se sentindo depressiva com tudo o que está passando.

Veja, ela continua, de certa maneira, conversando com aqueles personagens de antigamente que dizem a ela crescer, você terá que lidar com os problemas, você terá que trabalhar como todo mundo, você terá que enfrentar, conversar com as pessoas, resolver como um adulto faz, etc. Isso para alguns é assustador. No amálgama que alguns constroem tentando fazer de tudo isso algo no qual a pessoa possa viver, alguns ficam pelo caminho, ficam pela metade, outros segmentam esses fatores, outros pulverizam, e alguns conseguem, de fato, ultrapassar tudo isso, e gradativamente amadurecer a afetividade.

Esses que assim fazem, quando retornam o olhar para tudo o que houve, para tudo o que aconteceu, para tudo o que era até tão recentemente, não é raro que façam isso, lamentando tanto sofrimento que isso ocasionou? Não tem mais uma compreensão infantil sobre tudo o que houve. É muito similar a alguém que, por exemplo, utilizou drogas durante a vida até o ponto de ter uma internação, e depois que vence tudo isso, quando olha para trás, já entra.

Perdeu um emprego, perdeu família, perdeu amigos, mas compreende isso. Sabe que estava sobre algo que a dominava, o que fazia com que muito do que ela era, de fato, não pudesse se expressar. Temos uma parte muito destrutiva, é uma outra compreensão.

Muitos adultos que amadurecem afetivamente, então conseguem, quando são perguntados como é que ficou, seu casamento terminou, seu trabalho você perdeu, eles olham e já compreendem o que houve. Sabem que, lembrem, uma das características de um adulto, quando ele encontra um amigo ou uma amiga e diz, é, naquela época

você falou tal coisa, você fez tal coisa. Esse adulto, emocionalmente, ele reconhece, sim, eu não sabia como fazer melhor, eu não tinha como fazer melhor.

Se eu soubesse agora o que eu sei, provavelmente eu não teria já conhecido tudo isso, todos esses problemas, como eles aconteceram. É um olhar diferente de compreensão, de maturidade. Se alguém chegar até você hoje e disser, olha, na escola primária, você costumava jogar papelzinho em mim, se botava numa caneta e soprava, me incomodava, não me machucava, mas me incomodava.

Você provavelmente lamentará, você diz, olha, eu não sabia fazer diferente. É mais ou menos essa a equivalência. Esses três pontos que nós vimos hoje não esgotam o assunto, mas mostram freios muito poderosos em boa parte dos casos de pessoas que tentam fazer esse aspecto de maturação.

Uma grande parte precisa lidar com esses freios, se não todos, parte deles. Hoje, com as novas tecnologias surgindo, nós teremos como simular vários aspectos, vários contextos, de uma maneira que hoje em terapia ainda não é possível, não sem grandes esforços e demanda muito grande de tempo, mas nos próximos meses, próximos anos, teremos como simular. E uma pessoa poderá fazer essa simulação como uma grande estrada que abreviará muito o padecimento, o crescimento, e que poderá até fazer isso sem muitas vezes o sofrimento que hoje encontramos nos nossos consultórios e em muitas pessoas que tentam essa travessia.

Existem vários exemplos sobre como uma pessoa pode ser adulta, quanto aos raciocínios, buscas, ter 30, 40, 50 anos, e trazer com ela maior parte de uma afetividade infantil, de elementos que ela considera essenciais para a vida e que fazem temperar a vida. E selecionei para vocês um trabalho da Chiharu Shiota. Essa artista, ela leu mais de 3.700 cartas. Na verdade foi traduzido para ela, porque ela não fala o nosso idioma, e essa exposição dela, que aconteceu no Sesc Pinheiros, envolveu mais de 680 metros quadrados. Ela idealizou um elemento assim, que trata de poesia, som, devaneio, quase todos os aspectos que o Rubem Alves fala que uma criança tem que fazem o mundo ser maravilhoso, só que o que ela fez, fez um amálgama para a idade adulta, de modo responsável, de modo proporcional, de modo que faz conciliar e educar uma sociedade que em tão grande margem financia afetividades infantis em adultos. Trabalho notável, muito bonito.

Para maiores detalhes, acesse aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=EPgHrVL-M4o>

<https://www.youtube.com/watch?v=Utspp6IZlO>

ENTREVISTADO

Eu enviei uma carta, e eu gostei muito do tema agradecimento, e às vezes a gente tem que parar e agradecer muita coisa que a gente tem. Às vezes esse momento foi até legal, num lugar desse, movimentado, como se fosse um oásis, assim, nossa, um agradecimento. Se a gente for olhar para trás, a gente tem muita coisa que agradecer.

Apesar de tudo, de tudo que acontece, a gente sempre tem que ter esse momento de gratidão por tudo.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Uma das formas de crescer afetivamente, de ter 40, 50, 60 anos, e amadurecer efetivamente, diz respeito a inventariar todos os elementos que a pessoa considera maravilhosos na infância, e na medida do possível, atualizá-los para o mundo adulto. Não é a única forma, mas é uma forma amistosa, uma forma razoável, trabalhosa, que em muitos casos tende a dar bons frutos nesse trabalho.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 9 – PASSAGENS DA AFETIVIDADE IMATURA À AFETIVIDADE MADURA EM UM ADULTO – 07/03/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Uma delas. Não é a única, muito provavelmente não é a melhor, e é datada.

Ela se inscreve num período de mudanças gigantescas na humanidade, estamos em 2025. Em muito pouco tempo, boa parte dessas aulas já terão... precisarão ser revistas sobre outros elementos, pois a mudança da base categorial nesse momento é muito veloz. Muito veloz.

No entanto, uma parte significativa da humanidade padece de um processo de maturação nas afetividades, por várias razões que vimos até aqui. Vamos agora a Boituva, interior de São Paulo, e de lá o professor Clailton fará a resenha da nossa aula passada. Boa noite professor Clailton, por favor, pode apresentar o seu trabalho e eu agradeço muito.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite Lúcio, boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 28 de fevereiro, o tema foi alguns motivos que podem perpetuar afetividades imaturas. O que levaria uma pessoa a insistir em permanecer com suas afetividades imaturas? Essa questão foi trabalhada em três blocos.

Uma das partes destacou as justificativas. Vejam como algumas pessoas percebem suas atitudes em relação às afetividades. Considerem que em uma conversa temos abertura para pedir que uma pessoa olhe mais de perto determinada crítica direcionada a ela, que verifique com mais atenção o que foi dito, com maior seriedade.

Ela então nos responde, não, isso que falaram foi de má fé, queriam me afetar, me diminuir, você não está sabendo da história toda, estão com inveja, por isso já dei no meio que é para cortar logo o assunto. Com isso a crítica fica anulada e sua reação infantil justificada. Considerem agora que essa pessoa com esse perfil finalmente procurou um terapeuta e concordou em conhecer as afetividades adultas.

Ela diz que quer crescer afetivamente. O terapeuta inicia mostrando algumas coisas, diz assim, veja isso aí que te ofendeu tanto, parece que não era essa a intenção do seu amigo, será que ele não se expressou mal? Você já se colocou no lugar dele, já conversou, tentou compreender melhor? A pessoa então responde, mas aí fica muito difícil, eu vou ter que compreender todo mundo e quem vai compreender o meu lado? Se eu não me defender, quem vai fazer isso por mim? Então observem, para essa pessoa ser adulto, parece que ela tem que compreender sem ser compreendida, tem que fazer renúncias, se colocar no lugar do outro. Isso é quase uma miragem, algo distante, difícil, o empenho seria muito grande e então ela prefere ficar como está.

Outro ponto se refere à seguinte questão, com quem a pessoa está falando? Então vamos colocar um contexto, a mãe tem 75 anos, o marido 50. Um deles diz algo, faz alguma coisa, a pessoa em questão retorna lá na infância, se lembra de um acontecimento, uma frustração, algo que alguém falou e que ela não gostou e traz isso, esse sentimento para o contexto atual, faz uma mescla com o contexto atual e como se tivesse 10 anos de idade, reage ao que a mãe falou, ou o marido fez, etc. É como se a mãe fosse aquela do passado, de quando ela era criança, e o marido fosse alguém distante também do passado, ela é aquela criança de 10, 12 anos que reage dessa forma.

O que acontece na atualidade é apenas uma referência, algo deslocado no tempo, a resposta também é deslocada, vem com aquela maturidade de 40 anos atrás. O diálogo e as ações não se orientam pela idade ou contexto atual, mas pelos personagens e contextos do passado. Por fim, o último tópico, acompanhamos um texto do Rubem Alves, da obra A Festa de Maria, ele nos apresentou um médico preocupado com cirurgias, hospitais, doenças, estava com a cabeça cheia desses elementos do seu trabalho e não tinha olhos para as lindas orquídeas na sala de espera, algo que chamava a atenção de seus pacientes e eles faziam questão de elogiar.

O Rubem Alves apresentou esse fenômeno como uma cegueira dos adultos em geral, ele apresentou também uma mãe que não conseguia ver a poesia e a beleza existente no mundo das crianças. A partir dessas ilustrações, consideramos que para crescer não

precisamos deixar esses elementos como inspirações, pintura, dança, lá no mundo infantil, é possível e recomendável que esses elementos sejam atualizados, passem a compor também o mundo dos adultos, podemos fazer um inventário de todas as maravilhas que encontrarmos lá na infância e na medida do possível atualizá-las para que sejam vivenciadas nos dias atuais. Sem isso a probabilidade desse mundo adulto ficar árido, sem cor, sem graça é muito grande, inclusive quem não sabe disso pode usar esses exemplos de adultos que se ocupam apenas com deveres e problemas para justificar, como justificativa para não crescer.

Ok professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado professor Clailton, alunos que fazem aula ao vivo recebem sempre um lindo presente e o presente de hoje é uma canção que traz uma curiosidade, uma curiosidade imensa. Eu acho que ela habita o imaginário de boa parte dos senhores, quem tem mais de 50 anos vai lembrar quase imediatamente dessa canção e quem tem menos, até quem em 1986 já tinha 12, 13 anos já vai lembrar dessa canção, mas antes de mostrar essa canção eu quero mostrar um pouco do músico e a canção traz elementos que vão contrastar inclusive com o que veremos hoje na nossa aula, tem várias pontes com a aula de hoje.

Este músico faleceu há pouco tempo, que é o BJ Thomas, ele foi um músico que nos Estados Unidos teve uma relevância muito grande, boa parte do mundo, esteve várias vezes aqui no Brasil e ele veio de um lar infelizmente muito violento, pai dele era um homem que tinha um temperamento extremamente complicado, facilmente se tornava agressivo e quando bebia as coisas ficavam muito mais complicadas, ele cresceu nesse ambiente e ele trouxe sequelas para muito tempo na vida dele, muito mesmo, inclusive ele teve problemas com drogas muito sérias no início do trabalho dele, antes dele se tornar conhecido e ele se casou com a mulher que ele considerava a mulher da vida dele, foi um amor muito profundo e essa mulher ficou ao lado dele nos momentos mais difíceis, diferente de muitos artistas dessa ocasião que tiveram vários casamentos, ele esteve com ela a vida inteira e ela esteve com ele a vida inteira, até o falecimento dele com pouco mais de 70 anos, ele teve um câncer nos pulmões, numa época em que não havia muito o que fazer a respeito disso, antes de eu mostrar a canção que eu quero mostrar a vocês, eu vou mostrar alguns dos sucessos deste músico, alguns vocês conhecem vão reconhecer logo, teve uma música dele que se tornou um clássico, ganhou um Oscar de melhor música daquele ano, vamos ouvi-lo e depois eu mostrarei a música que de fato ilustrará o que eu quero mostrar para vocês.

Bom agora vem o que eu gostaria de mostrar para vocês, em 1972 aqui no Brasil nós tivemos uma novela chamada Selva de Pedra, exatamente... aqui no Instituto o pessoal já pulou na frente, Selva de Pedra, escrita por Janette Clare e a direção era do Daniel Filho, em 86 ela seria reeditada e de novo Daniel Filho seria um dos três diretores, naquela ocasião em 72 ele a dirigiu sozinho e o casal que fazia o centro romântico daquela novela, uma novela típica daquele romantismo daquela ocasião, era o Francisco Cuoco e a Regina Duarte, que faziam o casal romântico e quando eles interagiam há muitos encontros e desencontros e o personagem do Francisco Cuoco se envolve num

acidente, vai embora para o Rio de Janeiro, muda de nome, aqueles dramas da Janette Clare, e a Regina Duarte faz o papel de uma pintora também, ela muda de nome e depois eles vão se encontrar mais tarde, há uma série de encontros e desencontros, mas quando eles interagem juntos entrava essa música que fez um sucesso tão grande, é do B.J. Thomas, que fez um sucesso tão grande aqui no Brasil naquela época, essa canção, que em 86 quando eles refazem a refilmagem da novela, agora com o Tony Ramos, com outros atores, a música é quem vai abrir a novela, só que observem que coisa interessante aqui da nossa cultura brasileira, a letra desta música não tem nada a ver com o romance, a melodia é belíssima, é melodiosa, parece um casal nos seus romances, mas a letra não tem nada a ver com isso, a letra que durante muito tempo se pensou e até vocês encontram na internet, que é atribuída a própria história do B.J. Thomas, mas não tem nada a ver com a história dele, ele se identifica com essa música por conta da mãe dele, que foi uma mulher que segurou questões tremendas, dentro de casa, com ele, com os irmãos e a situação do pai principalmente, mas a música conta a história de uma moça com 16 anos que fica grávida, mãe solteira e tem que educar essa criança num contexto tremendo, com todo tipo de restrição, é isso, e ele, o Thomas canta, que nos momentos de dificuldade ela costumava cantar para ele, é uma canção bonita chamada Canção de Ninar Rock'n'Roll, vamos ouvi-la, foi escrita pelo Barry Mann e pela Cynthia Weil, e que ilustra isso, mas se a maior parte da nossa população soubesse inglês, acharia muito esquisito que essa música que ilustrava os beijos e os encontros românticos e os desencontros do casal, porque a letra desfaz qualquer ideia de um romance, é mais uma relação entre mãe e filho, uma relação linda, vamos ouvir então a música.

Para escutar uma versão da música citada com legendas clique aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=VZrhXYQB42g>

Quando, usualmente no nosso consultório, um partilhante, uma pessoa que nos procura, traz questões relacionadas a isso que estamos vendo no curso, a uma maturação da afetividade, conforme as aulas anteriores é muito raro que uma pessoa venha com essa queixa pontual, em geral vem com sintomas, vem com grande sofrimento atribuindo a outras coisas, outros fatores, o que está acontecendo, por exemplo, a pessoa vem ao consultório e diz que ninguém a compreende, que ninguém parece falar a língua que ela fala, que parece que ela fala grego no meio de brasileiros, que tudo interpretam errado, tudo torcem, vejam as características de como normalmente uma pessoa, isso variará muito conforme o contexto, conforme a pessoa e outros elementos, aqui é apenas uma pálida ilustração, muito bem, então quando fazemos a historiografia, a historicidade, estudamos a estrutura do pensamento desta pessoa e seguimos em direção aos procedimentos clínicos nos deparamos muitas vezes, inúmeras vezes, com uma das questões mais intrincadas e difíceis nesta construção de caminhada, que diz respeito exatamente ao estado de passagem, as transições entre uma afetividade infantil, que habita em um adulto e propriamente a afetividade adulta, segundo os patamares de época, os padrões de época, os contextos, a pessoa com relação a ela mesma e aos que estão convivendo com ela. Para observarmos isso muito de perto e podermos tecer alguns aprofundamentos distribuí esse tema em três itens, em três grandes itens que abarcam boa parte dessas manifestações mas lembrem, estamos lidando com algo muito complexo e se modifica conforme a passagem do

tempo. Então vamos ao primeiro destes três segmentos. Quando a pessoa e às vezes ela mesma constata o que está acontecendo sem subterfúgios e decide deliberadamente que não quer mais isso para a vida dela, quer de fato se desenvolver, quer de fato se modificar, quer outras coisas para a vida dela. Neste caso, logo aos primeiros movimentos, o que ocorre? Lembrem, alguém que possui um adulto 35, 45, 55 ou mais anos de vida que se desenvolveu sobre a racionalidade, seus valores, seus juízos, suas buscas mas neste quesito, as afetividades, isso ficou muito para trás em relação aos demais aspectos desta pessoa então, subitamente, mediante uma pequena desavença, algo assim não é raro a pessoa fechar-se e não querer mais falar com você ou explodir, geralmente respostas desproporcionais. Pois esta pessoa, agora, ciente do que está se passando e querendo se modificar querendo desenvolver-se, ela vai passar agora por alguns dilemas que são muito difíceis, não apenas por ela em geral, pela sociedade na qual vivemos. Há uma obra que ilustra muito bem isso, uma obra que aliás se tornou um clássico na humanidade e que é estudada ainda hoje, tanto em escolas filosóficas como em escolas psicológicas pelo mundo inteiro, que é a obra de Selinger, chamada 'O Apanhador no Campo de Centeios'. O Apanhador no Campo de Centeios é um livro que conta o título do sonho que o menino teve o Caulfield. Então esse garoto foi reprovado na escola, ele tem 16 anos, é véspera de Natal e ele tem que ir para a casa dos pais dele, que moram em Nova York e ele não tem a menor ideia de como ele vai contar que ele foi reprovado. Ele toma um táxi, fica rodopiando por esse táxi, por Nova York dorme em hotéis baratos, ele fica alguns dias, se envolve com pessoas que muito provavelmente não frequentariam a vida dele, e a visão desse garoto para o mundo adulto é que o mundo adulto é cheio de pessoas falsas, hipócritas, pessoas superficiais, coisas que aliás ele também é ele mente muito, e ele conta no livro que ele nem sabe porque ele mente ele é superficial a maior parte do tempo, tudo isso que ele acusa os adultos, ele é muito mais e o livro é quase um confessionário com relação ao leitor e a gramática que o Selinger escolheu é formidável, é coloquial, ele aproxima o leitor da vida desse garoto, há muitas passagens muito interessantes mas o que nos interessa aqui para o que estamos trabalhando é que este rapaz de 16 anos tenta se aproximar deste mundo adulto mas a maneira como ele percebe esse mundo adulto cheio de estereótipos, cheio de coisas que alguém que não esteve lá mas que imagina o que é estar lá, funciona como um freio muito poderoso o desanima, tudo aquilo que ele acusa o mundo adulto de fazer, ele faz e faz muito mais, por exemplo, comparações, ele passa boa parte da obra se comparando com o irmão dele mais velho a obra é notável para mostrar as dificuldades usuais, esse livro é do início dos anos 50, as dificuldades usuais que uma pessoa quando busca amadurecer numa sociedade tão cheia de problemas, vai olhar para isso e pode usar isso como um freio, os problemas da sociedade, esquecendo que ser adulto não é entrar nisso que ele chama de hipocrisia falsidade, superficialidade e outras coisas mais, ele descreve a vida que os pais dele vivem ele diz, mas isso porque eu vou querer uma coisa dessas para minha vida, bom com toda razão mas não é isso que é amadurecer afetivamente, amadurecer afetivamente é considerar isso e escolher se vai querer algo assim ou algo de outra natureza alguns adultos amadurecem afetivamente e escolhem isso, outros escolhem outras coisas. Diferente do que acontece se a pessoa amadurece em vários elementos e conserva aspectos de uma infantilidade emocional no mundo conforme construímos e desenhamos.

Então vamos ver esse primeiro ponto. A pessoa vem ao consultório, está fazendo um trabalho em tratamento para esse processo de maturação da afetividade. Ela sai do consultório, vai para casa, encontra familiares, vai para o trabalho, encontra amigos e ela precisa ajustar, ela precisa adaptar, adequar, sem ter qualquer fluência para isso.

Comumente, muitos trazem a queixa de inadequação, inadaptção, a queixa de se sentir deslocado, onde quer que vá, de não saber o momento de sorrir, o momento de falar, o momento de calar. Antes, quando estava no âmbito da afetividade infantil, nem ia a esses lugares, e se fosse, logo haveria um problema qualquer, grave como sempre, uma desavença qualquer, agora não. A pessoa está buscando esses ajustes, está buscando essas adequações, essas adaptações e ela trará isso para o consultório, muito provavelmente.

Dirá que foi a um jantar, e que a anfitriã fez umas piadas de mau gosto, e ela diz, ser adulto é o que é, é não falar nada? Eu não gostei do que ela falou, normalmente, se eu tivesse com a minha afetividade infantil, eu saberia como utilizar, o que responder a ela, mas agora que estou amadurecendo, como eu respondo? Qual é a resposta adequada para isso?

Um outro exemplo, ela está indo na fila de cinema, e duas pessoas, de maneira deliberada, furam a fila de cinema. Ela diz, o que faz um adulto? Um adulto faz de conta que não viu?

Um adulto diz, deixa pra lá, são pessoas que não têm educação, é isso que um adulto faz? Engole sapos? É esse o papel? É isso o que é ser um adulto afetivo? Esses ajustes, esses problemas aconteceram em um grande número, e por um bom tempo, e o papel na clínica aqui são exatamente os parâmetros. Em filosofia clínica temos muitos métodos aqui e recursos para esses parâmetros, que vão de literatura, teatro, cinema, a própria conversação do filósofo com a pessoa e muitos outros.

O fato é que isso exigirá paciência, exigirá tempo. Algumas das queixas que esta pessoa trará ao consultório parecerão grotescas, e no entanto, são parte do crescimento da pessoa. Ela dirá que viu uma discussão familiar e que achou que uma das pessoas estava errada, estava sendo hostil.

Antigamente ela já teria explodido, e aquilo já teria se encerrado com os gritos dela e com outras reações desproporcionais, mas agora ela não quer mais isso para a vida dela. Só que ela está se sentindo depressiva, termo literal. Ela está se sentindo muito para baixo, algemada. Ué, então não faz nada? Deixa que aquele outro manipule, minta, e ela não vai fazer nada? Esses elementos de transição são muito difíceis.

Não há uma resposta pronta para isso. Faça isso, faça aquilo. Não há.

Qualquer orientação aqui precisa levar em conta o contexto desta pessoa, as pessoas envolvidas neste contexto, a história desta pessoa dentro deste contexto e outros fatores. Para algumas pessoas, o mais adequado é mostrar, olha, eu não concordo com a sua opinião, não quero participar disso, estou me retirando. Para alguns contextos, esta seria uma resposta adequada.

Para outros contextos, a resposta adequada seria, você não está na sua casa, está se comportando de uma maneira hostil, em uma casa que não é a sua, e aqui nós não vamos admitir isso. Ou você para, ou deve se retirar. Veja já, é uma resposta totalmente diferente.

Só que ainda assim, ainda compreendendo a historicidade, o contexto e tudo mais, ainda assim, o máximo que conseguimos, em boa parte dos casos, são orientações, indicações de aproximação, não um elemento literal, mas aproximações, que às vezes, dependendo da pessoa, surge na forma de uma pergunta, o que você poderia fazer? Às vezes na forma de uma indicação, um agendamento, olhe na sua história, você já fez tal coisa, em tal contexto, teve a tendência a funcionar melhor, e assim sucessivamente, pois cada movimentação dessas, provavelmente pedirá novos e novos e novos ajustes. Aqui eu quero mostrar a vocês uma ilustração, uma ilustração muito difícil, muito delicada.

Mas ela é, de uma beleza e de uma pontualidade para o que estamos falando, algo muito raro. É uma obra canadense, ela se chama Canary, Canário. É a história de um pequeno canarinho amarelo.

De 2026, os autores são Pierre-Huguet Dallaire e Benoit Terriault, são os autores que escreveram. Antes eu preciso contextualizar, vocês verão agora uma mina de carvão. Nessa mina de carvão, há uma criança trabalhando.

Alguns pensarão que isso não corresponde à realidade do que houve, e no entanto corresponde. Até século XIX, início do século XX, em muitos lugares do mundo, Inglaterra e outros países europeus, inclusive nos Estados Unidos, é de 1938 que vem a lei que vai proteger nossas crianças de trabalhos como estes. Imagina uma mina de carvão e uma criança trabalhando.

E um dos trabalhos que era usual era, por exemplo, ter um passarinho dentro de uma gaiola, pois isso monitorava gases tóxicos na ocasião. Lembrem, não havia os aparelhos que temos hoje, a mineração, nem os cuidados que temos hoje, com problemas como pneumoconiose e outros. Isso é muito recente.

Antigamente não havia nada disso. E além do que a criança, pelo tamanho, pelo porte, ela poderia abrir e fechar pequenas portas no interior das minas, trancas, acessar locais de difícil acesso, crianças trabalhavam também. E esse breve filme nos conta a história desta criança, que trabalha na mina, que tem seu passarinho numa gaiola, que vai ajudá-la se tiver gases tóxicos dentro da mina.

O pássaro é o primeiro a ir embora, a falecer, e todo mundo se retira da mina. Então, era muito utilizado e trabalha com o pai nessa mina. É uma história muito tocante para a alma humana e traz lições imprescindíveis para a nossa caminhada neste estudo profundo que estamos fazendo.

Para assistir clique aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=K7rPUuEXvvo>

Este filme nos mostra a visão usual amplamente disseminada, comentada em verso, em prosa, em literatura, em músicas, em filmes. A infância é pura, a infância é a ingenuidade, a infância é a terra das delícias e da felicidade. E o mundo adulto é sombrio, o mundo adulto é pesado, o mundo adulto é sem graça, o mundo adulto é cheio de ruindades e mazelas.

Pois muitas e muitas e muitas pessoas que vão fazer a travessia para amadurecer suas afetividades, vislumbram os segmentos das coisas exatamente desta forma que vimos aqui. O mundo adulto é o mundo embaixo de uma mina de carvão. Ele é perigoso, ele é difícil, tudo é ruim, nada tem graça, não há cor, é sacrifício puro, é a renúncia de todos os sonhos.

Enquanto a vida infantil tem o amor pelo passarinho, um passarinho muito delicado e querido, existe amor, existe sonho, existe poesia. Esse estado de visão das coisas é um dos mais significativos freios na caminhada dessas pessoas. Ao fazerem a caminhada, os primeiros obstáculos alegarão muitas vezes isso.

Por favor, você que trabalha na clínica, no consultório, que já tem anos de experiência, observe isso. Observe essa parte da trajetória. As alegações trazem sempre os sinônimos corriqueiros.

Então a pessoa nos diz, ah, saiu com os amigos e não viu graça nenhuma. Qual é a graça? Pessoas artificiais, pessoas que não se relacionam direito. Olhem a visão do mundo adulto. O mundo adulto tem coisas maravilhosas, tem horizontes belíssimos e outros horizontes muito ruins, como aliás é o mundo infantil. Aqui, essa visão que nos mostra o filme faz uma segmentação. Não há uma conciliação. Não há isso que estamos falando de você levar para o mundo adulto, toda a poesia, todas as coisas maravilhosas da criança. Quando criança você adorava andar de bicicleta. Como adulto você pode continuar andando de bicicleta. Agora você pode até decidir horários, contextos e cuidar da segurança sua, dos seus filhos, que vão em bicicletinhas menores que você. Quando criança você gostava muito de pintar. Seus pais colocavam tintas, argila, massinhas coloridas. Como adulto você pode pintar o quanto quiser, os seus horários. Não depende mais de alguém, posso ir lá comprar tinta, você me dá dinheiro para comprar tinta. Você é adulto.

Mas adultos também fazem erros e cometem grandes asneiras e outras coisas mais, como crianças fazem às vezes também. Então não se trata de privilegiar um em detrimento de outro, mas compreender que na caminhada da vida, elementos da infância ligados à afetividade migrarão sim, e por favor, que migrem para o mundo adulto, de uma maneira responsável, respeitosa, cuidadosa.

É esse o propósito, e não fazer essa segmentação que estamos vendo no filme, que é ilustrativo, pontual na sua ilustração. Observem no console, muitas pessoas colocando estes elementos.

O mundo adulto cerceia, não é? O mundo adulto não permite qualquer felicidade, ele controla, ele pune. Mas que terrível que é o mundo adulto. Não há espaço para flores, não há espaço para poesia, não há espaço para o sol.

É a criança que sai correndo do seu devaneio com o passarinho, entre as campinas, entre as gramíneas, entre o sol, na brisa, com o passarinho. Não há adulto, adulto não vai viver nada disso. Esta é uma das visões mais usuais e corriqueiras quando trabalhamos os processos de maturidade.

Há muitos elementos, a pessoa coloca todo tempo, às vezes, confutatórias. Ah, eu ouvi o namorado ou a namorada, estou tentando ser adulto. Por simulação, por aproximação, por ajuste, etc. Está buscando caminhos. Mas na hora dele e dela me ouvir, não foi assim que aconteceu, não funciona. Uma vez ou três vezes aconteceu, não funciona então. Isso não é ser adulto. E esquecida que antes ela fazia essas mesmas conversações choramingando, criando cenas, falando que então queria morrer, que a vida então já não tinha sentido, ou então esbravejando, ou culpabilizando outras, características básicas que vimos entre outras.

Vamos agora para o segundo ponto de aprofundamento.

Esse segundo ponto diz respeito às oscilações. Há um romance brasileiro que vai nos ajudar muito quanto a esses elementos das oscilações, um clássico. Antes, porém, vamos direto às exemplificações iniciais.

Primeiro ponto vimos então, agora, que são os elementos de passagem que promovem os ajustes, as adequações e todo o tempo essas argumentações e dificuldades. Agora vamos ao segundo ponto, as oscilações. As oscilações costumam causar problemas graves durante esse processo.

E as oscilações, nos seus contrastes, às vezes vão muito longe. E às vezes, durante uma clínica inteira de 40, 50 minutos, o que acompanharemos são as oscilações que a pessoa colocará.

Então ela dirá, como eu posso sair à noite? Ninguém me leva para sair à noite. Eu não tenho com quem sair à noite. Tenho que ficar em casa, sozinho, sozinha. Quem que vai me acompanhar? Onde eu vou encontrar uma pessoa para conversar? Onde eu vou ter uma pessoa que possa me dar amor? Com quem eu possa interagir, trocar carinho, namorar, desabafar? Onde tem isso? Não existe isso.

Estão vendo os elementos? Mas, subitamente, alguém diz, olha, a minha prima, o meu primo está aqui na cidade, chegou da França ontem, não tenho com quem acompanhar, você não poderia ir, você fala francês, não pode ser você? Não gostaria? E aí a pessoa se anima toda. Ah, ok, ela vai sair. Vai sair como um adulto na afetividade? Ou todos esses elementos, dirigir o carro, cuidar dos outros aspectos, essa é a parte adulta e a parte outra é toda ela infantil? É muito tranquilo observarmos. Quais são os caracteres?

A pessoa já está com o coração disparado. Será que a outra ou o outro vai gostar de mim? Será que vai me aceitar? Será que é uma pessoa que não vai ficar me criticando porque eu não estou aguentando mais nada, etc? Pelos caracteres nós logo vemos com que afetividade ela irá para lá. E em seguida os contrastes, lembrem, as oscilações ocorrem muito nesse período de passagem.

A pessoa já sabe teoricamente como um adulto se comporta do ponto de vista da afetividade, mas não tem qualquer fluência, qualquer embate maior, qualquer dificuldade maior e as oscilações às vezes insidiosas, imensas, podem ocorrer. Da pessoa chegar lá, a outra já está sentada, já está conversando com alguém e por isso ela achar que está sendo desprezada, preterida e que, portanto, nem devia ter ido. Onde já se viu que desaforo? Ninguém estendeu um tapete vermelho para ela, nem coisa alguma. Separei várias obras como ilustração disso. Uma delas é do Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, uma das nossas obras muito bonitas dos anos 1800.

Paulo era um homem sedutor, era um homem cuja vida afetiva consistia em simplesmente conquistar, seduzir. Aliás, ele era um cético completo. Para ele, nunca iria se apaixonar, nunca iria amar qualquer pessoa. Tinha plena convicção disso e com os amigos até fazia uma aposta. Então ele vai para uma ilha no final de semana e nessa ilha ele vai conhecer uma garota. Essa menina, a *Moreninha*, a Carolina, ela brinca com ele e nos diálogos ela ironiza muito dessas posturas dele e ele está convicto. Ficam amigos e conversam e dialogam e ele está muito seguro sobre o ceticismo da afetividade dele. Diferente de uma afetividade adulta na qual uma pessoa usualmente sabe que pode sim se apaixonar, que pode também sim se frustrar e que isso é parte da caminhada. Uma frustração não vai fazer com que ela se arrependa de tudo.

Provavelmente vai fazer com que ela diga, este relacionamento não funcionou bem, as coisas não se saíram bem, a interseção não foi boa. Não quer dizer que um outro relacionamento não possa ser. Ela faz um inventário existencial, observa que ela errou em aqui, ali e lá e que outras coisas não funcionaram ao contento. Não quer dizer que não possa arrumar. É um adulto, pode arrumar aqui, pode arrumar ali, pode melhorar, pode aprender. Não precisa culpabilizar ninguém por suas falhas. Também não há nenhum problema em assumir determinadas responsabilidades. Isso é parte do crescimento afetivo. Essas oscilações, o que acontece?

Paulo chega na cidade depois e descobre que precisa voltar lá. Precisa falar com a moça. Ora, mas ele não estava tão convicto que o coração dele estava imune a essas coisas?

Que não correria o menor risco? Não é isso que ocorre. E ele não tem a menor fluência.

E quando ele retorna e eles começam a conversar de novo... havia na obra um segredo que ambos guardavam. Quando eles eram crianças, eles prometeram a cada um um amiguinho que nunca se apaixonariam por outras pessoas. E ali eles descobrem que a promessa, na verdade, foi feita entre os dois, quando eram crianças, mas não lembravam mais disso.

Um trocadilho existencial muito interessante que o autor coloca para nós nessa obra primorosa do nosso romantismo. Quando Paulo tenta agora amadurecer as emoções dele, que ficaram para trás, ficaram adormecidas, enquanto outros aspectos evoluíram da vida dele, as buscas, o trabalho, os aspectos cognitivos, isso ficou para trás, agora ele passa por vários elementos de oscilação, de desamparo, medo, de repente uma breve euforia, ele passa por essas oscilações. Mas há diferença que ele reboca essas emoções, ajuda essas emoções com os outros aspectos da vida dele, aproximando esses outros aspectos, não deixando as emoções sozinhas. Uma grande característica para que as

oscilações sejam mais brandas, elas acontecerão. Os adultos que cresceram afetivamente também têm essas oscilações. A diferença é que um adulto, quando tem uma oscilação dessas, a pessoa que ele ama, com quem ele combinou sair, diz eu não vou sair com você, preciso pensar e sentir melhor se de fato eu quero levar isso adiante.

Esse adulto não vai provavelmente entrar, se ele cresceu afetivamente, não entrará no desespero, chorará, sentirá tristeza e então, quando tentará conversar com a pessoa, se não for possível, ele vai ler, vai ver um filme e vai dormir, sabendo que amanhã é outro dia. Se a pessoa insistir nesse posicionamento, ele vai lamentar, vai passar por uma fase triste, mas a oscilação será muito menor, porque ele tem entendimento, os outros elementos da vida dele que habitam, conversam com a afetividade, diferente do que ocorre quando essa afetividade é infantil, ela fica sozinha e ela grita e tudo o resto parece silenciar e aí a oscilação é muito maior, muito mais pesada. Vamos ver como acaba este filme do Canário, que traz uma mensagem de várias naturezas, entre elas esta que estamos vendo aqui. Enquanto contrastes como estes e leituras como estas persistirem no quesito da afetividade de quem busca amadurecer, será um freio poderoso no caminho de tais pessoas.

À medida que a pessoa compreender que ele pode ser um adulto, que conserve o trabalho que é feito numa mina, que é necessário naquele contexto, muito dependia disso. Em alguns países da Europa, Polônia, eles botavam, por exemplo, o carvão em pequenos montes no centro da praça para que as pessoas pegassem, levassem para casa, aquecessem, fizessem suas comidas, um trabalho que na época era muito importante. Então, é possível sim, em muitos casos, conciliar o trabalho que é feito por adultos, e uma criança não vai poder fazer isso.

Ela pode empurrar um vagonete sobre os trilhos, ela pode ajudar fechando uma portinhola, abrindo um passadiço, pode. Naquele contexto ali elas faziam. Depois isso foi completamente afastado e proibido. Hoje é proibido. Pelo menos no mundo que nós conhecemos é proibido. Então, a integração da criança com sua inocência, com sua pureza, com esses elementos conciliados, ajustados com a parte adulta, com as alegrias de um adulto, com os elementos de maneira que é sempre uma adaptação continuada.

Esse é um caminho provável, promissor para os nossos dias. Não é o único. Há outras formas. Esta é uma dessas formas amistosas de um crescimento existencial no que concerne a afetividade.

Ao final da obra, os diretores e roteiristas então nos mostram um princípio de conciliação. Qual seria, no caso desta obra específica? No caso desta obra específica, o menino aprende que certas brincadeiras, como simular a morte do passarinho, pode ser muito oneroso para aquelas pessoas e pode custar vidas. Aprende também sobre a perda. Aprende sobre outros elementos.

E os adultos também aprendem com ele. Todos se reencontram lá em cima, à luz do sol, e a história então recomeça, com todos caminhando juntos. Uma integração.

Os adultos aprendem a se emocionar, trazem os elementos infantis, como essa emoção juvenil, como esse amor sublime, como o encantamento com o passarinho. Eles se entristecem com o que o passarinho vai embora. Essa integração. Vejam o que é a

maturação afetiva. Não é destratar um lado em prol do outro. É respeitar os lados e trazê-los juntos num processo afetivo de integração.

Adultos que fizeram essa passagem se tornam pessoas profundamente amorosas, com o coração sereno, bondosas. Elas fizeram essa integração de uma forma harmoniosa. Nem todos fazem isso. Outros fazem de outras maneiras. Nós temos o livre-arbítrio. Cada um vai caminhar para um lado. Somos adultos. Se não gostamos dos ajustes que fizemos, nada impede que tentemos novos ajustes, novas configurações emocionais, existenciais. Somos adultos. Trazemos esses elementos todos. O respeito profundo à infância e tudo. Então, quando surge uma flor, o que acontece?

Diferente de como havia com o passarinho, todos aprendendo agora é diferente. E essa flor vai para o lugar dela, lá no alto, junto ao sol. Vai brincar com os passarinhos, todos solidários. Crescimento emocional integrado. É isso que provavelmente fará a remoção de muitos dos freios que ocorrem. E isso exige, provavelmente hoje, em 2025, várias e várias consultas de ajustes quanto a isso. De conversações, explicações, ressalvas, orientações. Pessoa que passa por esse processo e tem essas oscilações tremendas. Ora ela parece estar indo tão bem e subitamente despenca e parece que não aprendeu nada. Mas aprendeu? Geralmente sim. Retorna. Fazemos o processo. É todo um trabalho. Vamos agora para o último dos três pontos da nossa aula de hoje.

Este último ponto diz respeito às sequelas. É muito raro que elas não existam. Muito raro.

Nos dias nos quais nós vivemos, o que mais ocorre em situações desta forma tem sim sequelas. Sequelas que emocionam, sequelas que fazem lembrar. Algumas pessoas, por exemplo, fazem essa travessia e já estão num ponto avançado dela.

Olham para trás, não mais com afetividade infantil. Lembrem? Culpas? Remorsos? Não. Com afetividade integrada agora, de um adulto.

Olham para o passado e lembram. Alguns lembram que bateram na esposa, bateram no marido. Acusaram esposas e maridos de coisas que eles nunca fizeram. Difamaram. Pediram divórcios para espoliar o outro a outra. Foram brutos, torceram coisas. Eles olham para trás como quem entende agora. Que naquele contexto eles não tinham como fazer melhor. Eles mesmos estavam nessa escuridão toda. E então, como adultos, não tem qualquer problema em ligar para a pessoa, pedir desculpas e perdoar. Eu não sabia o que estava fazendo. Hoje eu faria totalmente diferente. Sequelas. Não quer dizer que essa pessoa atenderá o telefone. Pode atender o telefone, ouvir a nossa voz e bater o telefone no nosso rosto. Pode. Pode ouvir o que temos a dizer e depois em seguida nos falar não perdoo, não desculpo você e não acredito que você tenha mudado. Estamos conversados. Pode acontecer. Se estivesse falando ainda com uma criança, já viram que essa criança estaria arrasada emocionalmente. Completamente arrasada. Se estiver falando com alguém que de fato emocionalmente cresceu, essa pessoa enxugará as lágrimas. Compreenderá que o outro a outra que sofreu tanto tem o seu direito de assim responder e procurará seguir seu caminho. Agora fazendo diferente, fazendo melhor desde antigamente.

Entre as obras que anotei, uma de Graciliano Ramos de 1934, São Bernardo, uma história notável, notável essa história, que ilustra muito dessas sequelas. Paulo Honório é um homem que tem uma ambição desmedida. Ele precisa ser rico, ele precisa ter poder.

Trabalhando e agindo de uma maneira extremamente questionável, como agiota e tudo, ele acaba comprando essa fazenda de São Bernardo. Mas não termina isso, ele se torna cruel, ele traz da infância não os melhores preceitos, traz uma necessidade de ser respeitado, de ser ouvido a qualquer custo. E à medida que ele se torna rico e poderoso e a alma se esvazia, porque ele achava que isso preencheria a alma dele, mas é bem muito diferente do que acontece. Ele é injusto, ele é cruel com os trabalhadores da fazenda. Ele resolve então, tudo mediante cálculo, se casar com uma mulher de respeito, uma mulher que trouxesse a ele o verniz que ele não tem e outras coisas mais. Nesses elementos tortos de todo jeito, Graciliano Ramos vai nos dar um dos recados muito importantes para aqueles anos 30 e o que estava acontecendo, aquela efervescência.

Ele casa com Madalena, uma professora, uma mulher maravilhosa, uma mulher que amava a poesia, uma mulher que cresceu afetivamente, que se desenvolveu do ponto de vista existencial, fez essas integrações. Acha ele que assim estará tudo bem. No entanto, uma pessoa que estava agindo como ele, tem como interagir com alguém que cresceu afetivamente, junto com os outros aspectos?

Ela, por exemplo, ela vai conversar com os trabalhadores do campo, tem uma relação com eles muito próxima, de bondade, de fraternidade e ele se enche de ciúmes, ele se enche de questões muito sérias e não confia mais nessa esposa e acha que ela está traindo, que ela está fazendo, e ela não fez nada disso, em nenhum momento. Ao contrário, ela estava fazendo florir aquela vida árida e tudo ao redor dela. Graciliano Ramos, vocês sabem, no final dessa história é muito triste, muito triste e as sequelas que surgem para Paulo Honório levarão a vida inteira. Ele não tem a menor condição de lidar com essas sequelas.

As sequelas existem e hoje, em 2025, é muito improvável que uma pessoa que faça essa travessia não traga essas sequelas como cicatrizes, lembranças que às vezes doem, mas ainda assim não será muito, muito melhor do que tudo o que havia antes, do que os desatinos, do que os problemas. Olhe como vimos pessoas que convivem com alguém, um adulto, 30, 40, 50 anos, que afetivamente tem 12, 9 anos, essas pessoas ao redor padecem muito, costumam padecer muito, vivem pisando em ovos, cada coisa não pode ser dita, porque há risco de explosão, há risco de choradeira, há risco de não quero mais viver, há risco de tudo, culpabilidade, vocês me deixam tristes, vocês não fazem nada por mim, vocês não me compreendem, vocês não me ajudam. Vocês sabem como é que funciona isso. Sofrem muito, todos ao redor.

No entanto, quando essa pessoa começa a caminhar, esses que sofrem, às vezes, com muitos cuidados, receios, procuram, geralmente procuram ajudar, sabendo que é muito difícil tudo isso. Não é uma travessia simples, ela não costuma ser fácil também, mas costuma ser muito bonita, não é preciso atravessar todo o trecho, ao atravessar uma parte, ao vislumbrar o que já desponta nesse horizonte, muitos já fazem a travessia

restante, de maneira muito pontual e breve. Hoje vimos os elementos amplos de uma travessia de uma afetividade infantil em um adulto, para uma afetividade mais amadurecida em um adulto, alguns aspectos pontuais, relevantes.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 10 - ENVELHECENDO MANTENDO IMATURIDADES AFETIVAS 14/03/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, colegas, que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Uma delas, entre muitas, que podem existir com caminhos e formas diferentes. Aqui fazemos esse estudo via filosofia clínica.

Vamos diretamente a São Paulo. De lá, o professor Clailton, mais uma vez, fará a primorosa resenha da nossa última aula. Por favor, professor, fique à vontade e inicie seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 7 de março.

O tema foi De uma afetividade imatura à outra, madura, as passagens. Quando uma pessoa está sofrendo com as questões em torno das afetividades imaturas e chega a procurar um terapeuta, o que ela apresenta normalmente são sintomas. Se sente incompreendida, mal interpretada, acha que sua fala foi torcida, etc.

O processo de mudança que essa pessoa enfrentará, quando buscar por isso, é o que veremos. A aula foi dividida em três segmentos. A primeira parte abordou os dilemas diante de determinados contextos que exigem ajustes.

Algo difícil, principalmente no início. Durante essa jornada, algumas vezes, a pessoa não saberá como agir. Por exemplo, ela está em um evento entre familiares, entre amigos, e de repente uma pessoa diz algo ofensivo.

Em seu modo antigo, ela saberia como proceder. Nunca foi de levar desaforo para casa, e do jeito que vinha, ela devolvia. Mas e agora?

Então ela pensa, se não vou reagir como antes, vou fazer o quê? Ficar calada? Engolir sapo?

Ser adulto é isso? E nós não temos uma resposta pronta para esses casos. Nós precisamos de todo o trabalho com historicidade em relação ao contexto em que estão, etc.

Para alguns, o posicionamento imediato, dizendo que não concorda com aquela fala, pode ser o mais adequado. Para outros, o mais indicado pode ser se retirar. Em outro contexto, se a pessoa está em casa, por exemplo, talvez ela se posicione de uma forma mais firme, pedindo que o outro tome cuidado com o que diz, ou até mesmo pedindo que se retire.

Qualquer uma dessas opções precisa estar fundamentada nos elementos da EP dessa pessoa. Um segundo ponto abordou as oscilações. Durante a clínica, a pessoa pode se queixar, por exemplo, que ninguém a convida para sair à noite.

Reclama porque ficou em casa, não tem com quem conversar, interagir, e nem alguém para namorar. Quando surge essa pessoa, o partilhante se anima. Finalmente, ele tem com quem sair.

Mas será que essa pessoa vai sair como aquela criança que nós já conhecemos, ou vai nesse encontro como um adulto ou adulta? Ela já sabe como um adulto se comporta em determinados contextos, já está trabalhando essas questões em clínicas, mas ela ainda não tem fluência. Ainda sente alguns impulsos, às vezes até automáticos, daquele elemento do qual ela está tentando se livrar.

Então, quanta energia essa pessoa vai consumir? Por quanto tempo ela vai conseguir se manter nesse novo modo? Nesse passeio, a sua companhia, por algum motivo, vai conversar com alguém.

E ele, então, sente ciúme, se feche, pensa em um monte de coisa. Por vezes, segura. Ela já retornou para o antigo endereço. Então, diante desse ciúme, a pessoa já retornou para o antigo endereço. Às vezes, ficará lá por pouco tempo. Outras vezes, por um tempo maior.

Estas são as oscilações pela falta de fluência, pela proximidade de antigos vizinhos, recaídas, etc.

O terceiro e último ponto diz respeito às sequelas. É muito raro que elas não existam.

Quando a pessoa já está em um ponto avançado dessa travessia e olha para trás, agora mais madura, com o aprendizado do percurso, aí, então, ela vê com outros olhos o que ela fez, que foi violenta em determinados contextos, acusou pessoas de coisas que elas não fizeram, teve atitude das quais se arrepende. Nesse estágio, já mais avançado da caminhada, a pessoa não vê problema em pedir perdão. E se não for perdoada, nem mesmo ouvida, isso não será o fim do mundo. Sendo adulta, haverá outros utópicos, vizinhos, amigos, que ajudarão essa emoção

nesse momento. Ok, professor. Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, Clailton. Alunos que fazem ao vivo recebem sempre um presente. Este eu já mostrei há algum tempo, mas vou repetir, é bonito, que foi quando o Arnaldo Antunes, um dos nossos grandes poetas, letristas, músicos, fez na varanda da casa dele, num avarandado que, na verdade, é o telhado, ele construiu com a equipe dele um palco, chamou os vizinhos e fez um show ao ar livre, teve várias continuidades esse projeto dele. E, numa dessas ocasiões, ele convidou, isso há mais de 10 anos, 11, 12 anos, convidou o Erasmo Carlos para cantar com ele. Juntos, eles cantaram algo que serve perfeitamente de prefácio ao que estamos estudando sobre educação das emoções. Por favor, atenção à letra da canção que vem agora.

Acompanhe aqui uma versão da música reproduzida em aula:
<https://www.youtube.com/watch?v=ti7ZvZBLN4c>

[Arnaldo Antunes]

Olá. Boa noite.

[Eramos Carlos]

Letra da Música – Sou uma criança não entendo nada

Antigamente quando eu me excedia

Ou fazia alguma coisa errada

Naturalmente minha mãe dizia:

"Ele é uma criança, não entende nada"

Por dentro eu ria, satisfeito e mudo

Eu era um homem e entendia tudo

Hoje só com meus problemas

Rezo muito, mas eu não me iludo

Sempre me dizem quando fico sério:

"Ele é um homem e entende tudo"
Por dentro com a alma atarantada
Sou uma criança, não entendo nada
Antigamente quando eu me excedia
Ou fazia alguma coisa errada
Naturalmente minha mãe dizia:
"Ele é uma criança, não entende nada"
Por dentro eu ria, satisfeito e mudo
Eu era um homem e entendia tudo
Hoje só com meus problemas
Rezo muito, mas eu não me iludo
Sempre me dizem quando fico sério:
"Ele é um homem e entende tudo"
Por dentro com a alma atarantada
Sou uma criança, não entendo nada

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Aí está, Eramos Carlos, Arnaldo Antunes, 2013.

Vamos agora ao nosso trabalho.

No final dos anos 50 uma das nossas mais importantes filósofas era Hannah Arendt, então já uma filósofa conhecida no mundo todo. Uma mulher madura de 50 anos e madura emocionalmente também entre outros aspectos, ela surge com uma obra chamada a condição humana, já estudamos em outro momento esta obra da Hannah Arendt, e nessa obra, ela começa trabalhando as várias facetas humanas num mundo que saía de uma guerra terrível segunda guerra mundial e ela mostra no trabalho dela primeiro a dimensão biológica as dimensões históricas e termina num grande horizonte em torno do que ela chamava ação que é a efetivação do ser humano é ele construir, é ele inovar é ele ir além do discurso de uma época é ele questionar os elementos de anterioridade e muitos outros fatores mas este homem para fazer isso pelo menos segundo essa obra, a condição humana, exigiria dele uma maturação não apenas afetiva de várias outras ordens. Nosso trabalho de hoje dirá respeito a alguns que ficaram pelo caminho nesse aspecto pessoas que envelheceram quarenta anos, cinquenta anos sessenta anos, setenta anos e do ponto de vista da afetividade ficaram muito, muito, muito aquém disso. Até um ponto, lembrem das características que foram pontuadas

ao longo do nosso trabalho. Vamos recapitular algumas delas: relacionamento complicado com pessoas próximas, vimos isso dificuldades com frustrações, baixa tolerância à contrariedade, não estamos aqui falando de elementos episódicos que provavelmente ocorrem com todos nós estamos falando da exceção de pessoas que infelizmente por várias razões não conseguiram elaborar suas afetividades conforme suas racionalidades buscas e outros elementos que habitam suas almas então isso se pronuncia muito outras características que vimos uma busca incessante de validação dos outros a impressionante busca do aplauso, do reconhecimento que sabemos nunca será suficiente pelo menos dentro das características do que vemos. Vimos também dramatização pessoas que fazem enormes dramas às vezes de coisas tão ínfimas poderiam ser evitadas colocando um final de semana a perder outros elementos baixa empatia, instabilidade, dificuldades com as críticas impulsividade tendência a culpar os outros expectativas que não condizem com os exames de contexto do que a pessoa está vivendo e ainda outras características que anotei aqui dentro daquilo que vimos. Bom, mas temos já de início de enfrentar uma questão muito delicada quando essas pessoas são muito jovens são adolescentes, por exemplo segundo as métricas da nossa sociedade que definiu infância, adolescente adolescência, idade adulta ou adolescência, quando elas são adolescentes ainda há um manto de invisibilidade em tudo isso e muitas dessas características são acobertadas em torno desses elementos por exemplo um pai, uma mãe, um avô, um tio dizem, ah, é um adolescente, está crescendo ainda tem muito a aprender por isso age dessa forma, quando na realidade aqui, já há um processo em andamento, que não é o usual, não é o usual, essas pessoas chegarão aos 30 anos e às vezes com o quadro já muitíssimo agravado é esse o tema que veremos aqui. Quando essas pessoas e algumas por caminhos que possibilitaram a elas essa caminhada por vezes a moça recebeu uma pequena uma pequena herança que permite a ela viajar que permite a ela fazer montar pequenos negócios ainda que invariavelmente essas experiências pareçam ter sempre o mesmo destino, mas isso mantém por exemplo o fato dela tocar rápido de endereço ora aqui, ora lá de não enraizar nada, de não precisar construir nada, que exija a convivência que é um dos fatores preponderantes para que você possa ver que isso está acontecendo, quando são encontros rápidos e fortuitos, há uma possibilidade muito grande, de via sedução, uma pessoa que tem uma personalidade um modo de ser infantil quanto às afetividades possa passar por alguém criativo, bem-humorado, inspirador e na verdade não é isso que se passa. Basta conviver e todas essas entre aspas, 'qualidades', passarão para ser outros elementos então às vezes como essa moça ou o rapaz tem um trabalho no qual ele não precisa se expor tanto à convivência direta possibilita que alguns possam continuar com esse quadro enquanto ele se agrava às vezes mas, para além disso, alguns filósofos chamaram a atenção e disseram olha, a própria sociedade tem muitas e muitas vezes interesse em manter as coisas assim quando isso beneficia uma parte que para ela, em determinados contextos, é fundamental. Um destes filósofos, já anotei para trazer aqui, tem esta obra de 1967, a sociedade do espetáculo. Guy Debord que é um dos maiores filósofos franceses do século passado. Guy Debord... o dia que se soube na França que ele havia falecido foi uma comoção em praticamente o país inteiro, um grande lamento pela perda de um dos maiores pensadores que eles tiveram e o Guy Debord coloca exatamente isso, que a sociedade de espetáculo ela muitas vezes financiará, endossará, aplaudirá comportamentos infantis quanto às afetividades, causando um dilema estrutural de grande envergadura, de grandes proporções. Só que não é isso que

acontece com a maioria das pessoas nos nossos dias, que envelhecem tendo uma afetividade infantil. Essas pessoas conhecem sofrimentos e tristezas existenciais muito grandes. Usualmente é assim, para elas e para quem está próximo a elas. Mas agora vem o que é fundamental para os nossos estudos de hoje, muito disso que acabei de dizer já vimos em aulas anteriores o que vem agora é que não veio em aulas anteriores. Infelizmente, por vários aspectos, esta afetividade infantil, quando o quadro se agrava, quando as questões se aprofundam, quando isso não recebeu um apoio uma orientação, um caminhar adequado, isso tende a gerar elementos que vão conversar de perto com isso. Quadros muito, muito graves que vão conversar com isso, gerando o quê lá na medicina tem nomes específicos para isso, aqui na filosofia clínica não temos mas, na medicina sim, temos, como por exemplo uma acentuação de elementos narcísicos, pesados. Outro..., outro elemento: uma forte composição antissocial: usamos a terminologia médica. Outro elemento aqui muito... há nomes na medicina, que se deparou com quadros como esses que estamos trabalhando e conforme é próprio dela, colocou alguns nomes, como por exemplo comportamentos limítrofes, pessoas que estão na margem das coisas, como uma forma de ser borderline, o termo técnico, entre outros aspectos muito delicados, muito graves.

Eu vou partilhar a tela com vocês para vermos a primeira das ilustrações que separei para hoje. Esta ilustração é de Danny Gibbons, de 2017. É uma pequena ilustração gráfica inglesa chamada, um nome muito sugestivo, é um trocadilho que ela coloca aqui. "Mark'd", seria marcada, que é uma obra impactante, impressionante. Nessa obra, enquanto esse casal conversa a moça vai mostrando na face dela, no semblante dela os machucados, que na verdade estão ocorrendo em sua alma. Uma das grandes formas pelas quais afetividades infantis conseguem sobreviver em adultos, nos dias como nosso, são as ardisosidades, as manipulações, pessoas que fantasiam isso na forma de sedução, de fetiches e acabam passando, mas o dano existencial que isso é causado nelas mesmas e em outros que estão próximos não aparece visivelmente muitas vezes não. Este filme traz as machucaduras que existem dentro para fora, além de mostrar vários aspectos que mostram o agravamento da situação, da afetividade infantil.

Para assistir ao vídeo mencionado clique aqui:
https://www.youtube.com/watch?v=EavMqZ_6UvQ

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Observem, pontualmente! Além das características, estudamos as suas variações, que aparecem aqui nesse estudo da Danny. Ah... além das características, culpabilizar o outro, baixa tolerância, ela se atrasou cinco minutos, ou qualquer contrariedade... todos os elementos que temos estudado. Mas agora temos outros elementos que não pertencem mais a uma afetividade infantil, que vive em pessoas adultas. Lembrem por favor, não há aqui, uma história de bandidos e mocinhos, não. Aqui há uma história na qual muitos sofrem, é isso que há, mas não vamos fazer com pessoas que apresentam isso o que infelizmente elas costumam fazer com os outros, elas não sabem o que fazem, não conseguem fazer melhor. Precisam de ajuda, não precisam de agressão, não precisam de truculência e se existir isso, infelizmente essas questões todas vão se esparramar para outros lados e ainda tornar tudo mais grave. É muito improvável que nesse momento, nas nossas famílias, nos nossos relacionamentos nós não tenhamos

peessoas assim, causando muitas dificuldades. Vejam, agora nisso que acabamos de ver, alguém que provavelmente cresceu do ponto de vista da razão do trabalho, das buscas, outros elementos da sua alma se desenvolveram mas, sua afetividade imatura ficou lá para trás e tem grande dificuldade de conversar com os elementos agora, e a pessoa envelheceu, agora então o quadro se agrava e entram outros elementos como a crueldade isso não há numa afetividade imatura de alguém que cresce na maior parte das vezes, não há, isso se desenvolve durante o processo de agravamento. Não é apenas a crueldade, a manipulação ardilosa de alguém que agora coloca razão, conhecimento e outros aspectos subservientes a isso que se torna impactante. Tal pessoa pode mudar subitamente de um momento para o outro. Se aparecer agora aí... onde nós estávamos vendo: eles foram comemorar um aniversário de que estão juntos, se aparecesse nesse momento, por exemplo o chefe da empresa onde esse jovem trabalha, ele mudaria completamente, essa é a probabilidade. Essa afetividade infantil recuará rapidamente. Ele seria capaz de fazer um belo número de teatro beijando a namorada, apresentando a namorada, cordial, solícito outra pessoa em questão de segundos.

Isso que eu estou dizendo não é o que é o raro, não é o que é a exceção. Causando para quem está perto um constrangimento, algo muito grave. Ele chega a inverter as coisas, colocando, além da responsabilidade a ela, outros elementos.

Bem, mas aqui nós temos ainda outros fatores, porque, por exemplo, essa moça que é, se ela tem uma afetividade adulta, para um ser humano adulto. Lembrando que a afetividade adulta não é um mundo sisudo, feio, como o mundo de Dom Casmurro, de jeito nenhum. Nós estamos falando de uma afetividade adulta, sendo aquela na qual você trouxe tudo o que você ama da sua infância. O aspecto lúdico, o aspecto lírico, o aspecto poético, o aspecto da inventividade, trouxe tudo isso para compor com o mundo adulto de um modo respeitoso. Já vimos várias vezes como isso funciona. Criterioso e longe de qualquer perfeição.

Se essa moça tem isso, o que ela faz, então, num relacionamento como esse? O que a impede de levantar e dizer simplesmente a ele adeus e ir embora? Ir embora e ainda buscar ajuda para ele. O que faz com que ela fique no relacionamento? Perguntem para pessoas com quem vocês convivem que passam por isso. Há uma armadilha conceitual muito grave aqui. Essas pessoas já pensaram provavelmente muitas vezes nisso, em ir embora, em virar as costas e tocar a vida de outra forma. Longe de tudo isso. Mas há muitas amarraduras. Às vezes há filhos em comum. Às vezes há construções pendentes em comum. Às vezes essa moça cuida da mãe desse rapaz, que é uma idosa e não tem mais ninguém. E ela teme deixar essa idosa, que ela ama, nas mãos de alguém como ele. Que vai maltratá-la. Que vai chegar na casa dela e vai arrebentar com tudo. Gritando, maltratando. Então ela faz uma renúncia. Uma decisão de um adulto. Vou ficar para assumir isto. Uma vez que essa senhora, de alguma maneira, também é parte da minha vida.

Há muitas amarraduras de várias formas. Às vezes há uma dependência. Ela trabalha na empresa dele e depende disso para viver. Ajudou a construir. Se sair agora, ela perde uma série de coisas pelas quais ela lutou um sonho de uma vida inteira. E no peso das coisas para ela, ela decide ficar. Tem esperança de que possa ajudá-lo. Ou de buscar ajuda especializada para ele. Essa situação se esparrama para muitos lugares. Lembrem,

se vocês convivem com pessoas que passam por isso, primeiro: não se trata de hostilizar, de ofender, de magoar essas pessoas.

Lembrem, por favor. Não são bandidos. Não são pessoas que estão deliberadamente, propositadamente. Em geral, elas não sabem outra forma de ser. Estão acuadas. O coração delas está cheio de medo. Vivem num mundo adulto. E precisam usar esses recursos. Pois precisam sobreviver. Quem de nós pode acusar? Vamos tentar ajudar! É muito difícil, aliás, tentar ajudar. É um dos quadros mais graves da nossa época.

Antes da Hannah Arendt. Antes do Guy Debord. Um outro filósofo. Heidegger. Em ser e tempo. Final dos anos 20. Chamava a nossa atenção para os vários freios e problemas do desenvolvimento humano. Em ser e tempo.

Ele trabalha questões como a autenticidade de poder ser o que somos. As relações difíceis que temporalidades, espacialidades vão ocupar. Heidegger dirigiu o discurso dele para seres humanos amadurecidos do ponto de vista de uma epistemologia, de uma racionalidade. Mas também do ponto de vista de uma espiritualidade, ainda que ele não colocasse assim. E de uma afetividade que ele não também colocou. Mas que seriam grandes freios para poder não compreender, mas exercitar isto.

Vamos a uma segunda ilustração. Nesta segunda ilustração. Gaslighting. É um termo, uma expressão que surge no teatro. 1938. Surge no teatro. Numa peça de teatro na qual o marido procura, por tudo isso que acabamos de ver nesta primeira ilustração. Só que ele vai muito mais longe. A ardilosidade dele chega a tal ponto, ele se empenha em mostrar que a esposa está com um quadro grave, um quadro mental grave. E ele chega a mexer na luz. Imaginem 38, a luz ainda em muitos lugares era gás. Ele chega a mexer no gás para alterar a luminosidade, para mais uma vez afetar o julgamento da esposa. Para que ela pensasse que estava perdendo a razão. É daí que vem este termo. Que é utilizado nesta obra pela Tina Matzat. É um filme alemão de 2022. Contundente este filme. Pois isso se repete.

Novamente, a pessoa passa por isso. No início, ela fica perplexa e não sabe direito o que está acontecendo. As queixas do rapaz parecem razoáveis. Por exemplo, ele se queixa, um dia de manhã ele acorda, está carrancudo, sorumbático. E a pessoa diz para ele, escute, venha tomar um café. E ele diz que não, porque a noite ela mexeu com ele, tocou nele. E quando tocam nele enquanto ele está dormindo, ele não consegue mais dormir. E ela não se lembra disso. Ela diz, olha, talvez quando eu não me mexer, virei de lado. Desculpe, não vou mais fazer. Vou procurar não fazer isso. Mas ele cria uma situação: Não é a única. Aos poucos, ele vai criando outras situações graves. Diz para ela em tal ponto que ela deveria procurar ajuda. Que ela está com problemas mentais graves, não ele. É um jogo de manipulação tão pesado, tão difícil, que em um dado momento ela fica realmente confusa. Mas ela começa a reagir. Começa a reagir porque ela tem uma afetividade adulta. Ela tem elementos que começam a elaborar as questões. E ela começa a observar o que ele está fazendo. Foge ao razoável.

Lembrem, em questões e quadros assim, é fundamental que quem passa por isso, o casal, a família, busque relacionamentos próximos, de amigos, de conhecidos, de parentes, que não se isolem numa ilha. Se se isolarem numa ilha, esse fator se torna

invisível. E aí o que está acontecendo se torna muito mais difícil de um elemento de reversão.

Como fazer isso? Há muitas formas, muitas formas. Segundo o nosso contexto, trazendo pessoas para almoçar em casa, trazendo pessoas para ficar uma semana, duas em casa, um parente, um amigo próximo do casal, para que vejam o que está acontecendo, para que percebam o que está acontecendo. São aliados importantes. Não é? Que vão dar força à família. Vejam, não se trata de ter um aliado contra a pessoa que tem afetividade imatura. Nada disso. É um aliado para ela, para essa pessoa e para toda a família.

Para assistir o filme mencionado, clique aqui:
<https://www.youtube.com/watch?v=NZLSXaixJF4>

Quais são esses fatores que começam a se aprofundar, além desses que nós falamos? Há outro. Por exemplo, determinados pontos cegos que até então a pessoa tinha em salvaguarda e achavam que estavam muito seguros e que ninguém perceberia começam a se tornar muito, muito evidentes. Se uma pessoa que convive com alguém que está neste quadro ou algo similar sai e conversa com um amigo, com uma amiga, senta na cafeteria, vão tomar um café juntos e conta para este amigo próximo, esta amiga próxima, literalmente o que está acontecendo. Factualmente, lembrem. Não os dados hermenêuticos. Eu acho que é isso, eu acho que é aquilo. Os elementos factuais. Hoje a pessoa queria que eu corresse pelas ruas porque não podia se atrasar cinco minutos para conversar com um amigo. Um amigo que eu conheço. Eu disse, ligue para ele, mande um recado pelo zap para ele, que vamos nos atrasar um pouco e vamos caminhar e vamos chegar um pouquinho, cinco minutos atrasados. Não. Ficou furioso, foi à frente sozinho e depois quando me manda um recado desaforado, um recado desaforado pelo telefone e chega em casa muitíssimo tarde sem qualquer satisfação, etc.

Se é factualmente detalhado o que está se passando para uma pessoa que tem compreensão para entender isso, que tem conhecimento para entender isso, provavelmente ela dirá, olhem, vocês precisam buscar ajuda. Logo, não pode demorar. Com um quadro assim a tendência é que isso é grave e coisas delicadas e sérias para além dessas podem começar a ocorrer.

Vejam, vamos ver então, vamos recapitular em poucos segundos o que vimos até aqui. Pessoas que envelhecem: 30, 40, 50, 60, 70 anos - amadurecem racionalmente, amadurecem nas buscas, nos juízos na epistemologia, mas que não amadureceram do ponto de vista das afetividades que ficaram lá presas em algum lugar entre 8 e 12 anos. Essas pessoas, como o mundo agora tirou aquele manto de invisibilidade que elas tinham até a adolescência que é o usual, elas agora precisam usar de várias formas para poderem manter isso. Então manipulam, mentem, os compromissos são protelados, uma série de coisas que elas precisam fazer agora para poderem manter ainda isso. Só que ao fazerem isso, pontos cegos que até então estavam acobertados, tanto para elas quanto para os outros, começam a se tornar visíveis.

Por exemplo, essa moça vai começar logo agora a dizer isso não é razoável, isso não pode ser razoável algo assim, algo está errado, muito errado. Quais são os registros que

ela tira para isso? Seu contexto, sua historicidade, a própria interseção com o rapaz também!

APRESENTAÇÃO DO TRECHO FINAL DO FILME.

... às vezes um banho no rio ajuda. Cada vez que acontece algo assim e o casamento é rompido essa moça seguirá a vida dela, encontrará uma pessoa que a compreenda e terá uma boa vida talvez, mas e ele? Quais são as oportunidades? Provavelmente repetirá esse padrão, esse discurso, vitimização e outros aspectos mas os culpados sempre são os outros, não é uma das características? E tudo prosseguirá!

A maneira de conseguirmos contornar isso, uma delas é trabalhar ajudando as pessoas envolvidas outra maneira, ajudando o contexto social, uma sociedade que tem grande parte de relação com isso que estamos vendo bilhões de pessoas, não passam por isso, sem que uma sociedade propicie muitas vezes, inclusive, financie, endosse esses elementos. Mas ainda assim, há quadros que beiram a caricatura, que pessoas que procuram ajuda em igrejas, escolas, hospitais, clínicas costumam colocar. Quadros que são caricaturais e dramáticos, que ultrapassaram qualquer dimensão do que possa ser razoável.

Isso ocorre, por vezes, quando a pessoa que assim se porta consegue um ambiente no qual, ela possa prosseguir e aprofundar esses sintomas, uma pena! Quando isso ocorre, uma pena, os danos são muito, muito sérios, costumam ser.

Há um cineasta francês, Franck Victor que tem alguns filmes que ele faz sobre isso. Separei dois, como um modelo de quando as coisas vão tão longe, tão longe, que o quadro, para quem está próximo é alarmante, muito diferente de outros que ainda por várias questões a pessoa prossegue, ela consegue argumentos e vários elementos que fazem perdurar. Há casos em que ultrapassam qualquer dimensão que uma pessoa que inclusive não precisa ter conhecimentos em qualquer terapia para rapidamente se alarmar com o que está acontecendo e no entanto, muitas pessoas hoje pelo mundo são reféns de quadros assim como o que vocês verão agora.

Neste quadro, um casal está almoçando, há uma funcionária que fez um francine, que faz um prato que eles gostam muito e a filha única que eles têm está chegando em casa. Ela não sabe que eles estavam em casa ou fez que não sabia, nós não sabemos. Vamos ver um encarte sobre isso quando a dimensão ultrapassou tudo aquilo que uma sociedade como a nossa ainda pode endossar como razoável.

PARA ASSISTIR O VÍDEO CLIQUE AQUI:
<https://www.youtube.com/watch?v=5f6pRB5c3vs>

Este é um dos quadros mais dramáticos. Visivelmente mais dramático. Há outros, que não são tão visíveis que, qualquer pessoa que esteja próximo, ficará assustada, ficará alarmada com o que está se passando.

Considerem por favor, se qualquer um de nós for a casa de um amigo, uma amiga, para um almoço, para uma janta e nos depararmos com uma cena como esta, não é? O que faz com que pais permaneçam reféns de uma situação assim? O que faz com que filhos

permaneçam reféns de situações que as vezes ocorrem ao contrário, com pais? O que faz com que a própria pessoa permaneça refém dela mesma, uma vez que o desespero e esses elementos convivem com a pessoa muito de perto? A pessoa grita, a pessoa chora, a pessoa procura outros... faz jogos perigosos de manipulação de jogar pessoas contra pessoas, buscando sempre aliados e isso parece não terminar nunca. Até que ponto isso pode chegar para a pessoa chegar, baixar as armas e pedir ajuda, socorro? A questão é que, enquanto faz isso, muitos já estão pedindo socorro. Para muitos, esta forma, hostil, belicosa, destrutiva, já é um clamor por socorro! E as vezes é a única maneira como vão pedir socorro. Só que a nossa sociedade, tem como ouvir isso? A parte da sociedade que pode ainda acolher, que pode ainda entender, ela tem como socorrer essas pessoas?

É um quadro dramático, gravíssimo, que ocorre, eventualmente ocorre. As destruições em torno disso são muito grandes, costumam ser muito grandes. Mesmo depois com ajuda especializada, há muito a reparar, há muito a encaminhar, costuma ser assim.

Vamos ver a segunda ilustração. O mesmo diretor com a mesma atriz que acabamos de ver. Agora o quadro é diferente, eles vão a uma livraria. Ela está com outro namorado, vão a uma livraria comprar um livro para a mãe dela, de aniversário. Vamos ver o que acontece. Uma outra situação, num outro contexto. Mostrando que em quadros assim, pontos cegos, elementos de disfarce ou qualquer outra coisa já não tem mais nenhuma função. Então basta que exista um estresse e a pessoa se mostra abertamente. Ela nem sabe mais o que está se passando, o que esconder, o que mostrar.

As manipulações costumam ser agora grotescas e dramáticas.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=U4oED88LNdw>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Acabamos de ver um dos aspectos mais dramáticos que aparecem em quadros assim, nos quais uma pessoa com uma afetividade imatura, lembrando os contextos, quando isso tem força na estrutura da pessoa, por vezes não tem. Se uma pessoa tem uma afetividade imatura, no entanto isso é periférico na vida dela, não é algo determinante, é algo que facilmente com a razão, com a epistemologia, com a educação, com o ambiente, fica em segundo plano e ela consegue viver bem com isso e os outros também, então isso passa praticamente invisível ao longo da vida dessa pessoa e eventualmente pode trazer algumas questões maiores, mas é raro. Muito diferente se entre as coisas que falam dentro dessa pessoa, isso tem força, isso é determinante, isso pesa mais subjetivamente do que as buscas, os raciocínios, os conhecimentos, os valores, os juízos, aí se é assim e muitas vezes é, aí isso se destaca e isso toma frente e vai conduzir o restante como subserviente às vezes, ou por conflitos ou por outras coisas. São quadros dilemáticos, em geral quando tais pessoas vêm ao consultório, as características que vimos anteriormente surgem abertamente, culpabilidade para os outros, queixas para os outros e todos aqueles elementos que vimos, o discurso é pontuado, muito já conhecido, várias escolas terapêuticas, o que ocorre: que a pessoa é muito boa, que ninguém a compreende, que só gritando para que os outros a escutem

e etc, e por aí vai o caminho desses elementos. Se o terapeuta se aproximar disso, a tendência em muitos casos é que a pessoa abandone o tratamento, principalmente se for colocado coisas como você precisa amadurecer, precisa crescer, provavelmente são palavras e expressões ameaçadoras, às vezes ao extremo. Lembrem o que vimos em aulas anteriores, a pessoa olhará o horizonte e dirá, mas crescer é como aquele meu tio, é como aquele meu primo, é como aquele fulano, aquele professor da academia, pessoas áridas, secas, sem vida, isso é crescer? São os freios usuais, como ela não sabe exatamente o que é isso, provavelmente tomará exemplos assim para continuar tendo uma sobrevida nesse modo de ser. Muitos vêm à clínica, a busca, a cata de aliados, que tomem a defesa delas, que digam, olha, você está certa, você está certo, de agir assim, ser incompreendido, e de certa maneira é, não é? Por ela mesma, aliás, a começar, e depois por outros. O trabalho dilemático que fazemos em casos assim, e lembrem, hoje, o nosso contexto não é exatamente favorável. Terapeutas que lidam com pessoas, como estamos vendo aqui, ilustrativamente, já conhecem que em muitos e muitos casos o tratamento, infelizmente, não vai a contento.

Mesmo assim, é parte do nosso trabalho, é parte das nossas vidas tentar aprimorar, melhorar, para tirar essas pessoas, tanto quanto possível, das trevas, que sofrem muito. Toda a parte final do nosso trabalho, os dois últimos meses, serão dedicados a pontuações de interação, como fazer, quais caminhos e quais dificuldades surgem, que são muitas.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 11 – ATUALIZAÇÕES – 21/03/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem esse estudo, Uma Educação das Emoções. Um estudo que mostra gradativamente, a partir dos caracteres iniciais, do que seria, no contexto como o nosso, as afetividades infantis que habitam em um adulto, quando isso provavelmente passa a ser nocivo e o que fazer a respeito, respeitando sempre a singularidade, a base categorial, os contextos. É um estudo que vai gradativamente se aprofundando, como vocês já perceberam hoje, já iremos muito além de novo, e deixando para os últimos dois meses, apenas as questões ligadas à técnica propriamente dita, as questões mais intrincadas.

Agradeço muito a presença de vocês, tudo o que estou apresentando aqui é resultado de mais de 30 anos de consultoria, muito trabalho, muito estudo, muita pesquisa, muitas dúvidas. Espero que vocês possam se beneficiar e ir muito além daquilo que eu estou trazendo aqui. Vamos diretamente a Boituva e de lá o professor Clailton apresentará a resenha da nossa aula passada.

Boa noite professor, por favor pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite Lúcio, boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 14 de março. O tema foi envelhecendo e mantendo as afetividades imaturas.

Para a base categorial existem algumas marcações interessantes. A idade é uma delas. Quando um jovem faz 18 anos, suas obrigações aumentam.

Espera-se que ele esteja preparado para assumir certas responsabilidades. Tenha maturidade para dirigir, por exemplo. Agora ele vai responder por suas ações, o voto será obrigatório, etc.

Essa é apenas uma de tantas divisões universais que passa pelas necessidades da sociedade. Na prática sabemos que muitos elementos da maturidade chegarão com o tempo. Independência financeira, por exemplo.

Uma postura adequada em determinados contextos da coletividade. Ambientes públicos, conhecimentos técnicos, a constituição de uma nova família, etc. Essas são algumas das características para as quais a base categorial olha e avalia se uma pessoa já amadureceu.

Muitos desses elementos são desenvolvidos ou aprendidos durante a caminhada. Quanto mais se caminha, espera-se que mais se amadureça. Por vezes a sociedade tem a velhice como referência de virtudes, prudência, sabedoria, entre outras.

O que temos visto, porém, é que nessa jornada em direção à velhice, o amadurecimento das afetividades é um aliado muito importante. Sem ele, a pessoa costuma enfrentar muitos problemas e dificuldades. Exceções ocorrem quando as emoções não são determinantes. Ou se a pessoa vive em um círculo social restrito, se expõe menos. Às vezes recebe um aporte material da família. Então ela vai avançando na idade com esse elemento. Sem grandes problemas, mas em alguns casos a situação pode se agravar muito. E isso se manifesta em pessoas que agem com manipulações dramáticas, grotescas. Pessoas vivendo no limite, prontas para explodir. Às vezes sendo grosseiras, indelicadas com qualquer um que se aproxime. Algumas vezes a hostilidade pode ser um pedido de socorro. Mas em uma sociedade responsiva como a nossa, ajuda é o que menos retorna.

A destruição causada costuma ser grande e os reparos dependem de muito trabalho. Na medicina, encontraremos esses casos associados a termos como comportamento antissocial, narcisismo, borderline, etc. Uma das ilustrações nesta aula foi um filme inglês chamado Mark'd, Marcada.

Em uma cena de comemoração do aniversário de um casal. Eles estão em um restaurante e o rapaz tem uma atitude de intolerância com a moça. Ele é desagradável, malicioso. Faz acusações que até inviabilizam uma conversa, uma convivência saudável. Não estamos julgando, estamos apenas caracterizando uma situação. Esse rapaz precisa de ajuda tanto quanto a moça. Ele também sofre com isso e muitas vezes será o nosso papel tentar ajudar essa pessoa. Há casos onde a pessoa ao invés de fazer um caminho ascendente para a maturidade, ela começa um processo de recuo em seu desenvolvimento. Notamos surgimento de elementos como a crueldade, o que agrava a situação. Ela se vale da racionalidade, de conhecimentos para fins obscuros. Usa de manipulação ardilosa, mas ela não age assim com todos também. Muitos se afastariam se percebessem essas características.

Quem permanece e sofre com isso costuma estar em uma armadilha conceitual. De repente uma dependência financeira, um vínculo familiar. Algo que para a pessoa é uma amarra e que a impede de romper a relação.

A segunda ilustração foi o filme *Gastlight*, *Iluminação a Gás*. O personagem se empenha em mostrar que a esposa está em um quadro mental grave. Ele altera a iluminação que era a gás, esconde objetos. Em alguns momentos acusa a esposa de ter sumido com esses objetos. Ela mesma acaba ficando em dúvida quanto ao que se passa. É um jogo de manipulação muito pesado.

Uma orientação para pessoas que estejam passando por situações semelhantes é que não se isolem. Mantenham laços sociais, tenham alguém por perto. Isso ajuda a ambos envolvidos.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado. Sempre na sua resenha é um momento que eu posso revisitar a aula e também observar melhorias graças ao seu trabalho. Muito obrigado.

É curioso como algumas expressões, se elas... (inaudível)... é talvez certo a dizer que se eternizam. Por exemplo, um escritor chamado James Cooper, isso no início dos anos 1800, antes de 1830, por ali. Ele escreve uma obra que mostrava um personagem, um mucos, que era o último da tribo, era o último sobrevivente daquela tribo.

E a expressão que ele usa para nomear o livro, esse eternismo, eu acho que muitas pessoas não tiveram contato com o livro, mas conhecem a expressão, 'o último dos moicanos'. Moicanos é a tribo de índio. E o "Uncas" era o último remanescente da tribo.

E isso ganhou o mundo. Hoje, você vai visitar um amigo seu. Chega lá, ele te diz, gosta de jazz, quer ouvir um pouquinho? Você diz quero, ele pega, gosta, ele pega e diz, então vou ligar. E liga um rádio ainda com aquelas válvulas que tem que esperar um pouquinho esquentar para começar a pegar. Aí você diz, meu Deus do céu, você é o último dos moicanos mesmo para ter um rádio desse. Quer dizer, o último da tribo que ainda utiliza rádios valvulados, que muita gente nem sabe o que é ou que já existiu. Pois um grupo de quatro garotos italianos, eles são exímios, na Europa se usa muito a expressão

guitarra. Aqui no Brasil a gente diz violão. São exímios, violonistas, e eles formaram um grupo. Eles são de Trieste da Itália, linda região de Trieste.

E eles formaram um grupo que percorre o mundo fazendo interpretações. Eles usam violão de 12 cordas, violão de 6, cordas de metal, cordas de nylon, contrabaixos, sempre no formato de violão. Aqui teria que fazer algumas observações sobre violão de nylon, de aço e 12 cordas, mas por questão de tempo eu vou deixar essa pesquisa para vocês.

O fato é que eles têm um grupo chamado Quarenta Dedos, e que são quatro quarenta dedos, e tocam interpretações tão bonitas, tão melodiosas. Eles..... Vocês sabem que você escrever para violão, quatro violões de uma vez só, exige todo um cuidado ali nas partituras. Eu vou partilhar a tela com vocês.

Para assistir o vídeo clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=vOd6QAuK2YE>

Esse é o presente de hoje para vocês, queridos colegas, que fazem ao vivo o nosso trabalho. Na nossa aula passada, tive muita correspondência de vocês que fazem ao vivo. Em geral, 35, 40 alunos fazem ao vivo, mas muitos outros que se inscrevem ouvem somente as gravações.

E é diferente você ouvir a gravação de acompanhar aqui, no calor dos eventos. E várias cartas, vários comentários, e como eu disse a vocês, o intuito não é causar desconforto, não é causar mal-estar, jamais. Eventualmente teremos aulas mais difíceis, que trarão, infelizmente, esse tipo de situação, dado o caráter contundente do discurso.

O propósito da nossa aula passada foi mostrar que uma pessoa que no nosso contexto cresce em 30, 40, 50 anos com uma afetividade infantil, enquanto outros tópicos evoluem, esse fica para trás, e quando ele tem força, quando em relação a raciocínio, busca, prejuízo, se ele é muito forte, pode gerar derivações que, não raro, são graves. Então, por exemplo, a crueldade, a manipulação para se ter o controle da situação, e outros elementos assim, originalmente não pertencem às características básicas de uma afetividade infantil da nossa época, a não ser no quadro das exceções. No entanto, à medida que isso não é tratado, e que a pessoa encontra uma disposição social que permita ela evoluir, pode haver uma complicação do quadro clínico, trazendo outros elementos graves para aquilo que já é bastante delicado.

Esse foi o propósito da aula, mostrar isso, e por isso os vídeos foram impactantes, eu sei, principalmente os dois últimos, mas eu peço a compreensão de vocês. Na medida do possível, sempre que eu puder, evitarei exposições mais graves, de discursos mais contundentes, eles podem atrapalhar até o aprofundamento. Hoje, agora ligando a imagem, muitas pessoas que chegam aos 30, 40, 50 ou mais anos de vida, e não passam por determinados problemas graves como esses, mas outros, elas têm êxito, entre outras coisas, em atualizar.

Então, elas viveram situações durante a vida, até os 10, 12, 13 anos, afetividades X, Y, W, sabem que muitas dessas afetividades não poderão migrar para o mundo que nós denominamos o mundo adulto, assim como as roupas que elas usam quando têm 8 anos, não poderão acompanhá-las, não poderão vestir essas roupas aos 40 anos, assim como certos brinquedos, não vão poder brincar com soldadinhos de chumbos no

trabalho delas com 40, 50 anos, ainda que eventualmente possam brincar com os filhos, com os netos.

Muitos aprenderam essas lições e conseguiram atualizar isso para os dias atuais. Ao fazerem isso, e fazerem isso de uma maneira que possam conversar com o texto, estes conseguiram ir além de certos problemas que estamos acompanhando aqui. Para o início das nossas atividades, vamos a um dos nossos mais queridos autores, que é Jorge Amado.

Jorge Amado, entre os anos 30 e 40, surge com um texto que encantaria não apenas a nós brasileiros, iria muito longe, atravessaria os mares, povos que pouco sabem do que estava acontecendo aqui, e da cultura baiana, que é o que ele coloca aqui, os nossos irmãos baianos, e em Capitães da Areia. Os Capitães da Areia, vocês sabem, são os meninos que viviam naquele trapiche abandonado em Salvador, na beira-mar. Uma história cativante, que emocionou corações mundo afora, a saga daqueles meninos de 15, 16 anos, né? Pedro Bala, 15 anos, Dora, de 15 para 16 anos, o professor, que era o mais velho deles, tinha 16 anos, e olha lá, que depois de roubar o livro um dia, começou a ler livros, e gostava muito de ler livros. Jorge Amado nos conta como a sociedade da época recebia esses meninos. Com medo, eles viviam em locais, eles viviam de pequenos furtos, de pequenos roubos, eram crianças, crianças, e tinham sonhos de crianças. No entanto, também, dadas as exposições do que ocorria, eles também tinham um lado que era adulto, que avançava sobre essa infância, muito cedo. Vocês sabem que a obra ministra as matérias jornalísticas, né? Que ele coloca como uma espécie de documentário sobre o tema. Uma invenção do Jorge Amado, que dá o tom grave do texto, que nós viríamos depois com os meninos.

A vastidão da areia, uma brancura sem fim, ao longe um mar que arrebatava no cais. Pela porta, viam as luzes dos navios que entravam e saíam. Pelo teto, viam um céu de estrelas, a lua que os iluminava.

Quantas páginas o Jorge Amado coloca de situações assim? As crianças dormindo, e a última coisa que viam eram as estrelas do céu. Às vezes, a chuva encharcava tudo. Logo depois, transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do tia lhes proporcionava. Estranhas coisas entravam então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que secundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações.

E ele então nos apresenta o Pedro Bala, chefe dos meninos, que era órfão, como a maioria deles. O pai morreu por um tiro, a mãe ele nem conheceu. Pedro Bala, que no livro é um garoto corajoso, um garoto muito justo.

Ele cuida dos outros, cuida do que se passa ali. Aqui começa nosso trabalho. Muitas crianças, em contextos assim como vocês estão vendo, dificílimos. Lembrem que a sociedade local não tinha nenhum apreço por essas crianças. Muitos, inclusive, falavam em medidas radicais. Esqueciam que eram crianças. Nossas crianças. Então, o livro nos

conta, vocês sabem, a menina Dora vai parar em uma casa de crianças, retida. Pedro Bala tenta salvá-la. O final de Dora é muito triste. Ela não vai sobreviver. Muitos outros não vão. Sem pernas. Vários deles, diferente do Pedro Bala, que se tornará um grande defensor, depois, mais tarde, adulto, dos direitos daqueles que tanto precisam dele. Pois, essas crianças que passaram por esses dramas, e muitos outros, e lembrem, não é preciso você passar fome para ter dramas. Não é preciso você ser odestilizado por uma sociedade inteira para ter dramas. Às vezes, mesmo numa casa com pai, mãe, comida, roupa lavada, muitos têm dramas. De outras ordens.

Comparar dores aqui se torna algo indefensável. Como saber a dor que habita uma alma humana? Pois, muitos deles, passando por isso, chegam à idade adulta. Alguns não fizeram essas atualizações. Então, quando são ameaçados de miséria, de pobreza, voltam imediatamente lá à infância. Editam aqueles horrores que não foram atualizados. Aqueles que atualizaram isso, que colocaram dentro de um contexto isso, eles vivenciam isso de uma outra forma, por um outro caminho, muito diferente. Vamos ver um pouquinho à frente, antes de eu começar com exemplos para vocês. O João José. João José era um dos mais velhos do grupo, que era o professor, como eles o chamavam. Desde o dia em que furtar um livro de histórias num estante de uma casa da Barra, se tornara perito nesses furtos. Nunca, porém, vendia os livros que estavam com ele, que ia empilhando num canto do trapiche, sobre tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas, e era ele quem muitas noites contava aos outros histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heróicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar, ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. Há tanta amor, há tanta poesia nessas crianças que viviam abandonadas sobre o trapiche, como Pedro Bala, que conhecia cada rua de Salvador depois de um tempo, de tanto subir e descer aquelas ladeiras e tudo mais.

Pois, muitas dessas pessoas atualizam as emoções para os outros elementos que habitam nelas, quando têm trinta, quarenta, cinquenta anos ou mais. Como fazem isso? Há várias formas, adequação, ajuste, complementação, sobreposição, descarte e uma série de outros elementos.

Vamos ver exemplos disso. Quando criança, o menino, a menina gostava muito de brincar de autoramas, aqueles carrinhos que correm. Com trinta, quarenta, cinquenta anos, entram para um clube. Esse clube funciona perto de um galpão que foi abandonado, onde era uma velha sapataria e lá colocaram várias pistas. Crianças, adultos brincam no final de semana. Cada um pode confeccionar seu próprio carrinho, pode levar seu carrinho de casa. Encontrou um espaço no qual aquela vivência que tinha quando criança pode dispôr ainda de elementos na hora que a pessoa tem quarenta anos. Ou seja, o modo dessa pessoa ser não vai colidir com uma sociedade que pode, inclusive, inviabilizar um elemento tal. Bom, mas aqui, como eu falei, é uma atualização. É muito improvável que seja da mesma forma. O contexto mudou, pessoas mudaram, tudo agora é diferente. Isso é relevante. Quando criança, talvez ela precisasse do autorama inteiro só para ela, precisasse ter os dois carrinhos só para ela, ou competir com alguém. Agora, com quarenta anos, ela nota que na atualização não é mais preciso. Ela até gosta que tenha um autorama com oito pistas, que tenha carrinhos de diferentes modos, alguns têm até o barulhinho do motor, outros acendem os faróizinhos e ela

gosta de ter companhia, de conversar sobre os carrinhos, de entender as pistas inclinadas, os túneis que agora tem. Ela fica feliz e já não precisa mais de tanto tempo. Apenas trinta minutos numa semana brincando com aqueles carrinhos para ela é o suficiente. Atualizou, ajustou, complementou elementos, descartou outros e está tudo bem, segue com isso com a vida dela.

Dei como exemplo o autorama e carrinhos de brinquedo, mas considerem que isso também pode ser feito de muitas formas. Quando pequeno, alguns precisavam de muito, de quase tudo para eles. A ponto dos irmãos, dizem para a pessoa, puxa, mas como você é, parece uma esponja, você quer tudo para você. E de fato a pessoa queria, lutava por isso. Quando cresceu, ajustou, já não precisa de todo aquele amor. Se tiver respeito, consideração, é o suficiente.

Lembrem que as relações de proporcionalidade migram e trocam durante a historicidade. Aos Dez anos, talvez a pessoa precise de vinte unidades de alguma coisa. Aos quarenta, meia unidade pode ser mais do que bastante.

Precisamos ver como é que é cada pessoa. Muitas das pessoas que chegam aos nossos consultórios, geralmente questões outras. É raro que chegue ao consultório dizendo que possui uma afetividade infantil e que precisa tratar isso que está causando muitos problemas na vida.

Isso é o mais raro. O usual é que chega com alguma outra questão periférica, derivativa, que ela quer tratar e não sabe que muitas vezes o que está acontecendo é isso. Pois muitas pessoas que chegam nos nossos consultórios, e o assunto último é este que estamos conversando agora, não tem ideia, é natural que não tenham. Que nessas relações de atualização, as proporcionalidades são outras e que, portanto, se quando era criança precisava chorar, gritar para ser ouvida, hoje, aos 40, 50 anos, não precisa gritar, não precisa blasfemar, não precisa tumultuar as coisas para ser ouvida. Pode ser ouvida simplesmente conversando, pontuando o que é importante. É uma atualização, e ajustes. E também pode entender que alguns não ouvirão, independente do que ela fale, e outros ouvirão com muita atenção. São as atualizações, de que forma aquilo que ficou para trás pode ser atualizado, conforme o contexto de cada um e o modo de ser de cada um, de acordo com as interseções. Esta é uma das grandes questões, não é a única.

Então, uma pessoa que quando era muito jovem, de sua afetividade, costumava muito fazer manhas, fazer pequenos números dramáticos, não precisa, uns 30, 40 anos, 50, ter um chique, porque o marido, a esposa disse que não vai mudar de carro, porque não pode, ou porque não viajarão no final de ano, porque não tem, ela não tem, não precisa fazer isso, quebrar pratos na parede, ameaças, etc. Pode atualizar isso de uma maneira diferente. Lembrem que uma das questões mais delicadas é exatamente a conversação em torno disso.

Não raro o terapeuta pode ser acusado de estar sendo conivente com o marido, com a esposa. Lembrem que é todo aquele padrão de desconfianças, elementos persecutórios e outras coisas, e às vezes o discurso terapêutico fica inviabilizado. Isso pode acontecer.

Eu gostaria de partilhar uma obra com vocês, uma obra muito bonita, que vai nos ajudar a aprofundar o que estamos tratando. E levar a exposições muito bonitas. Esse filmezinho, uma bruta metragem, chama Memórias, de Murilo Galhumi .

Muito bonito. Uma história de um avô e de um neto.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=mUVItPCwNZY>

Isso é uma alegoria? Isso não tem contrapartida nas nossas vidas? Tem. Geralmente tem.

Quando uma pessoa relata a historicidade dela nos nossos consultórios, você imagina que ela está contando uma historicidade. Por isso o nome historicidade, não história. Porque não é o fato que aconteceu, é a maneira como a pessoa se reporta ao fato que aconteceu. Então, cada um cria conforme a sua maneira. Alguns editam o material, outros constroem onde não havia, outros retiram elementos, alguns contam a história pelo que é significativo, outros pelo que mais emocionou, e assim sucessivamente. Agora, alguns, quando vão revisitar suas historicidades, acessam trechos como vocês acabaram de ver. Como um desenho animado, ou como bonequinhos feitos com crochê, tricô. Eles visualizam dessa forma e sentem dessa forma. E, entre outras coisas, alguns acessam imagens em preto e branco, outros contam trechos da historicidade na qual tudo diz respeito a eles e eles não aparecem. São como personagens que observam o espaço. E há milhares de elementos. Então, quando, aqui especificamente, vamos atualizar isso para os dias de hoje, um dos elementos que encontramos é que para muitas coisas não há atualização. Para muitas coisas não há sequer algo próximo. Terminou. Foi vivido na infância e não terá correlação na idade adulta.

Por exemplo, alguns, quando crianças, tinham um amiguinho imaginário, conversavam, brincavam com ele, seguiam às vezes até a escola. Depois, lá pelos oito, nove anos, o amiguinho imaginário sumiu. E, por vezes, dependendo da historicidade da pessoa e de como isso acompanhou até ela chegar aos quarenta anos, nós não temos algo correlato.

Não para a pessoa, para outros. Ela encontrou, colocou, atualizou, mas para alguns não. Bem, isso não é um impedimento então? As atualizações, para a pessoa poder viver agora a vida dela de forma respeitosa para com ela, para os outros, para com a vida, geralmente não é um impedimento. Há tantas outras coisas na afetividade que podem ser atualizadas, possíveis de uma atualização, que isso, por vezes, não causa maiores problemas. Inclusive, a pessoa, que agora tem quarenta anos, diz, foi bom, mas eu sei que aquilo era, quando eu era muito pequeno, agora não serve mais, não tem mais razão de ser.

Ou quando andava com um triciclo. E a pessoa diz, agora não tenho a menor vontade de andar com um triciclo ou com qualquer coisa similar, motocicletas, nada. Entre outras coisas, porque certas experiências existenciais se esgotam enquanto são vivenciadas. Elas chegam até o final. Não é preciso levar adiante, reeditar, atualizar. Não. A pessoa viveu aquilo, foi bom, mas ela não tem o menor interesse de trazer com ela. Mas ainda há outro aspecto aqui que eu gostaria de mostrar a vocês.

CONTINUAÇÃO DO VÍDEO

Se determinadas vivências que tivemos, elas se esgotaram, elas não prosseguirão, não tem mais sentido para nós, por vários aspectos.

Por exemplo, a pessoa nos conta que ela lembra que na infância, e agora ao reportar isso na clínica, ela diz que parecia um brinquedo, que ela tem uma ideia de quando ia visitar a avó, parecia que ela entrava numa aquarela, ou parecia que ela entrava num brinquedinho de joguinhos de pano. A pessoa nos conta isso às vezes. E certas vivências ali se esgotaram, mas não certos caracteres e certas aprendizagens, como vocês acabaram de ver, sobre a vida, sobre a morte, sobre outros aspectos.

Bem, se isso não pode ser atualizado, e não pode caminhar, o que é feito desses caracteres, dessas aprendizagens, desses elementos? Somem também? Alguns somem. E tanto é que a pessoa precisa depois reaprender, em outras etapas da vida, aquilo que ali foi aprendido. É como aprender duas vezes quem olha de fora e diz, mas você já sabe isso, você já aprendeu isso, você já teve bicicleta quando era criança, vai ter que reaprender agora? Alguns têm que reaprender, porque foi colocado fora junto com outros elementos, outros não.

Mas há um outro aspecto aqui, de grande relevância, é que certos caracteres migram, sem a forma, apenas o conteúdo. É como algo que prossegue sem o corpo. Apenas energia, essência, como queiram chamar.

Como isso é possível? Isso é possível de muitas formas. Nem tudo precisa de materialidade para prosseguir.

Muitas coisas prosseguem por imanência, por transcendência, por derivações, por associações, por fragmentos. Há muitas formas. Às vezes, uma afetividade muito grande que a pessoa tinha, por exemplo, esse menininho com o avô dele. Amava muito esse avô. Esse amor, ele não prosseguiu. Quando o avô foi embora, foi para o céu, parece que o amor foi junto.

Bem, veja, outras vezes, esse amor prossegue, mas prossegue como, se não há mais nada disso? Se a criança não conta mais dessa forma, se aquele brinquedinho de pano, conforme ela pensava, o que havia na época, não há mais. Prossegue como?

Prossegue de muitas formas. Prossegue, por exemplo, na afetividade que ela tinha pelo gatinho de estimação. Um pouco aqui. Pelo jardim que a vovó cuidava, e que ele cuidava até a adolescência, jardinava junto com a vovó. Outro pouco aí. E, às vezes, um pouco desse com o pouco do gatinho, nem conversam entre si, não. Cada um segue um caminho. Outro pouco vai nas lições de casa, que o avô dizia, cuida sempre, tem que fazer direitinho a lição de casa, para a professora. O fato é que isso prosseguiu. Veja, não há mais o avô, não há mais aquele amor original, mas há uma propagação dos elementos de afetividade. E se propaga, não em linha reta, às vezes, mas assim como eu estou mostrando para vocês. E podem, por vezes, fazer uma reunificação lá adiante, outras vezes não.

Outras vezes ele vai viver fragmentos disso. Não pensem que fragmentos disso significa menos ou menor. Pode ser muito mais, inclusive. Porque ao longo da historicidade, essas coisas podem adquirir forças muito maiores. Ou seja, o filósofo clínico

necessariamente precisa acompanhar a historiografia da pessoa, a historicidade, com atenção para saber como esses elementos vão migrar, e o que é possível fazer. Nós temos muitos e belos recursos na clínica.

Você pode usar um roteirizar, por exemplo, ao compreender a historicidade, parte dela. Não totalmente, a gente conhece sempre uma parte, não é? Você pode, um dia, colocar para a pessoa no consultório um roteirizar, dizendo a ela, olha, hoje, quando você estava vindo para cá, não viu a sua direita o Jardim Botânico? Passou por ele? E a pessoa dirá que talvez tenha visto rapidamente ali, há flores assim, assim, assim. Você está reeditando elementos historiográficos da própria pessoa, num princípio de atualização. Faz a conversação entre essas plantas. Conversando, continua conversando. Diz para ela que às vezes você vai ao Jardim Botânico, se você vai, não é? Que você vai, gosta de ler, perto de um grupo de flores. Ela diz, qual o grupo de flores que tem lá? Você diz, as tumbérgias. São lindas. E a pessoa tem uma vaga lembrança de tumbérgias. Você continua no roteirizar. Essa pessoa, depois, provavelmente, chegará em casa e vai dizer que o doutor, aquele dia, só falou de botânica, de plantas, que ela não entendeu muito bem o que clínica foi aquela. No entanto, muito vai florescer dentro dela a partir dessa conversação sobre flores. Você não tirou do vento. Você usou métodos, fundamentos para isso. Para atualizar fatores. E depois vocês sabem os próximos elementos da clínica.

Há um segundo vídeo, que separei para vocês, do diretor argentino. Tem obras lindíssimas desse diretor, que é o Carlos Lascanos. Ele é de Mar del Plata, Argentina.

Muito inspirado em alguns trabalhos que ele faz. Este é um desses trabalhos belíssimos que esse autor nos presenteia, de 2011. Aqui nós temos três pontuações muito relevantes para isso que estamos tratando hoje, Das atualizações, está bem?

Para acessar o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=lvohrIJpkgo>

A menina está em um banco e passam borboletas. Passam folhas. Por alguma razão, ela não pode ir até onde estão essas folhas. Ela se emociona, ela gosta disso, mas não consegue. É como muitos trazem, aliás, para a clínica. Que nunca foram amados, nunca foram compreendidos. E que agora não aceitam não ser mais. E que se não for assim, então eles não querem, eles não percebem o que está acontecendo.

Ao atualizarmos esses elementos, a partir desses sintomas e outros, nós temos alguns aspectos aqui maravilhosos. Primeiro vamos ver a primeira das três pontuações deste pequeno ensaio nos ajuda a aprofundar. Essa menina, ela pega uma pequena folha e faz a borboleta azul. Ela simula a borboleta azul. E, de certa maneira, se encanta, porque ela passa a viver essa borboletinha que ela construiu. Que voa, mas que depois ela perde. Observem bem a marcação dos focos. Depois, o caso da flor que ela não pode alcançar está naquele banco. Não pode sair dali, por razões dela. No entanto, ela ergue o braço e com a sombra ela toca a flor. E aí ela faz toda uma construção. É como se ela pudesse sair com a sombra dela e brincar com tudo que é ao redor.

Muito bem. Esses elementos de grande ruptura e que alcançam uma idade adulta são profundamente dolorosos em muitos casos. Em muitos casos.

Pessoa que vem ao consultório com elementos como estes que estamos vendo, de uma imaturidade emocional muito pronunciada e muito forte na estruturação dela. Lembrem, infelizmente pessoas ao redor dela sofrem, provavelmente. Ela também muito.

Atribui a outras coisas. Mas o terapeuta, entre as várias coisas que está considerando uma delas é essa que vocês acabaram de ver. Esse elemento.

Que a pessoa não precisa, como nos casos anteriores que vimos há pouco, ela pode atualizar isso de uma outra forma. Por construções inéditas, diante de algo que nunca houve. Pode.

Alguns podem. Outros não. Aqueles que podem têm um recurso poderoso.

Onde não há amor, por exemplo, que se questiona hoje. Um alívio de sintomas imenso ocorre. Se a pessoa começa a escrever, por exemplo poesia sobre o amor.

O que uma coisa tem a ver com a outra? Se na historicidade da pessoa, na estruturação dela, isso for uma construção tal qual no desenho vocês viram a pessoa fazer a borboleta. Se pra ela é válido assim. E se isso funciona no sentido dessa construção, suprir toda uma lacuna existencial que tem causado um grande problema. Estamos diante de algo maravilhoso pra essa pessoa. No entanto, o Carlos Zascano nos traz agora um problema.

Um que parecia até aqui ser fluido e tranquilo, agora vai se mostrar ainda mais complexo.

CONTINUAÇÃO DO VÍDEO

Segundo, dos três aspectos que estamos vendo, mostram um elemento que se não for bem contextualizado e compreendido em toda sua profundidade, pode gerar enganos vezes extensos na compreensão da clínica. Olhem, alguns nunca tiveram o que nós chamamos de infância.

Alguns nunca tiveram as emoções apropriadas daquilo que a sociedade diz... 'ah são infantis', por muitas razões. Às vezes, viveram uma situação como Jorge Amado coloca em Capitães da Areia. E alguns, mesmo com isso, não conseguiram viver. Estavam muito ocupados em sobreviver. Outros, mesmo em suas famílias, também não conseguiram. Outros, com seis anos, já trabalhavam na roça, ajudando os pais, à lavoura.

Não puderam desenvolver certos aspectos. Então, a vida mudou, o tempo passou. Assim como uma pessoa que chega ao consultório e nos diz olha, toda a minha infância eu não pude andar. Eu estava numa cadeira de rodas, mas agora eu posso. Fiz uma cirurgia, posso. E alguns, então, não todos, alguns, querem viver agora, aos 40, 50, 60 anos, uma afetividade que eles não sabem que está completamente deslocada. Por várias razões, dependendo de onde eles habitam, amigos não falam, às vezes. Mesmo estranhando muito, certas reações. Há vários indicadores que mostram que isso pode estar ocorrendo.

Por exemplo, a pessoa diz, eu nunca tive isso e agora eu quero ter. Eu tenho o direito de ter. Então, às vezes, um homem, uma mulher com 60, 70 anos se envolve com alguém de 20, 25, 30 anos. Não que isso seja proibido e errado, de jeito nenhum. E muitas vezes isso é o melhor na vida da pessoa. Mas aqui eu estou ilustrando, a partir deste prisma, que às vezes isso acontecerá por conta de um elemento deslocado. Como um sintoma. Também não quer dizer que será ruim, mas de não ser. Precisaremos ver cada caso.

Outras vezes, com 40, 50, 60 anos, o homem é cardíaco, já teve vários procedimentos e quer jogar futebol na praia com garotos de 20 anos. Ele diz que nunca pôde fazer isso e agora ele pode e vai fazer isso. E pode estar colocando a vida dele em risco.

Há muitos fatores assim. É de uma infância aproximadamente tardia. Quanto à sua afetividade, não quanto às outras disposições.

Que levam às vezes a pessoa a atitudes e movimentos muito delicados, porque desconsideram a atualidade, o que se passa agora na vida dela. E que às vezes é impositivo. Que poderia ser vivido, mas por outros caminhos, de outras formas.

O Carlos nos dá uma inspiração sobre isso, ao deixar que a borboleta vá. Dizendo que não há sim. Podemos fazer isso. E por onde ela passa, ela vai iluminando os caminhos. Ou seja, há uma esperança, conforme o diretor, mas também conforme a clínica. Há sim. Às vezes há esperanças e caminhos. Nem sempre. Por vezes, a pessoa que nos procura, vem por outros motivos.

Diz que os filhos adultos não aceitam que ela namore alguém que tem a idade deles. E que estão causando muito problema. E que a pessoa está pensando em fazer atitudes hostis, etc.

E o que está se passando aqui são emoções. Que na época em que a pessoa pôde viver, elas não aconteceram. E que agora despontaram. Trabalhou uma vida inteira. Agora está aposentada ou aposentada. Descansou das batalhas do dia a dia. E essas emoções se pronunciaram. Fora de contexto. Causando, às vezes, problemas graves na vida da pessoa.

Isso não é uma patologia, não é uma doença. Isso é um modo de ser. E precisamos cuidar, atender, na medida do possível.

E há um terceiro e último aspecto. Esse terceiro e último aspecto, muito delicado, muito difícil, que exige e muitas vezes na clínica, não podemos atender, vai além de nós, além da nossa época, além do nosso modo de ser. Olhem, por mais que uma infância, por mais que uma afetividade infantil se pronuncie de modo desastroso, um adulto de 40, 50, 60 anos, a ponto de ser grotesco às vezes, crises terríveis de ciúme, há elementos de ambivalências, deslocados e outras coisas mais. Infelizmente, às vezes isso encontra um lugar de ser no nosso mundo que tem tantos problemas, que tem tantas questões deslocadas.

Às vezes é um último suspiro que a pessoa encontra para poder viver um pouco de tudo aquilo que não pôde. E aí a nossa sociedade e as pessoas ao redor, muito

provavelmente, colocarão tudo isso para trás. Essa pessoa mesmo vai se sentir completamente infeliz diante desses eventos.

E nós que acompanhamos essas pessoas, muitas vezes nos entristecemos, pois diante daquele rosto marcado de rugas de 60 anos, 50 anos, está alguém que gostaria de sentar na grama e brincar com seu soldadinho de chumbo. Alguém que gostaria de brincar com os pezinhos quando chove na poça d'água. Alguém que gostaria de empinar pipa mesmo estourando raios pelo céu.

Alguém que gostaria de não se preocupar com as contas para pagar, com o tempo de fazer algo. Tudo o que ela queria era viver esses elementos. E que fosse amada por isso.

E que alguém dissesse que a compreende. E que lhe dá razão mesmo quando ela está completamente errada. Algo que na nossa sociedade é muito difícil hoje de ser atendido.

2025, muito difícil, muito improvável. Num futuro próximo, não distante daqui, teremos como atender isso. E será uma das formas, inclusive, de trabalharmos situações como essas.

Mas hoje não temos. E não há como fazer isso. Coloca em risco a própria sociedade, a própria família, a própria pessoa.

Por isso precisamos, quando enfrentarmos esses elementos, ver aqui. Há como atualizar? Você não precisa atualizar todos os elementos.

Basta atualizar alguns deles, uma meia dúzia para os dias de hoje. Geralmente é mais que suficiente para a pessoa conseguir caminhar. Ter uma afetividade não mais de 8, 9 anos, num corpo de 40, 50 anos. Mas uma afetividade já de 22, 23 anos. E é outra coisa completamente diferente já. Ainda que a pessoa tenha muitas sequelas e muitos problemas, já é uma outra medida para as coisas.

Este é o tema do nosso trabalho de hoje, as atualizações. Uma das ferramentas importantes, que às vezes, infelizmente, está impedida, como vocês viram, para os nossos dias. No que concerne a uma educação das emoções para imaturidades emocionais, quando se tornam um quadro grave.

AULA 12 – APRENDER EMOÇÕES 28/03/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas, que fazem um estudo, uma educação das emoções, uma delas, entre tantas que possam haver. Alunos que fazem o estudo ao vivo recebem invariavelmente um presente lindo ao vivo. Lembrando que hoje não teremos a fala do professor Clailton, ele estará de volta na semana que vem, apresentando a resenha da semana passada e a desta semana.

A música norte-americana tem muitas facetas, muitos desdobramentos, principalmente a música negra norte-americana, que inovou em vários cenários, do jazz até a música clássica, passando pelo meio por novidades imensas e contribuições notáveis. Alguns desses músicos conseguiram popularizar e levar ritmos, ritmos ecléticos, mesclados, que caíram rapidamente no gosto popular. E hoje vamos fazer uma homenagem a um desses notáveis músicos, um show que ele apresentou aqui pertinho, no Chile, em Viña Del Mar, em 2006, pouco tempo, não tão longe de nós, ele apresentou uma música muito bonita, que é um dos clássicos do repertório dele.

Esta música, ela apresenta algumas das contradições da nossa época. Alguns colocam o amor liberta e, no entanto, quando amam, se sentem presos. Alguns colocam que o amor cerceia e, no entanto, quando amam, se sentem livres.

Alguns apresentam mesclas de tudo e nessa música ele coloca exatamente isso. A música, ele começa falando com alguém, nós não sabemos se é telefone, se ele está caminhando pelas ruas e pensando nessa pessoa, mas ele diz que ele se sente preso a essa pessoa, o termo é literal, na tradução literal, stuck é preso, ele diz que se sente preso e, então, ele coloca vários elementos contrastantes e profundamente paradoxais e dilemáticos, que faz a graça da música. Ele diz que ele precisava muito de uma amiga, mas que ele não entendia muito bem por ele, andou meio perdido por um tempo e, quando ele encontra, não é bem aquilo e, aí, ele coloca alguns dilemas, mas ele termina dizendo, mas eu acho que eu estou a caminho.

É uma música muito bonita. Que mostra as contradições, os paradoxos, para uma época como a nossa, de algo chamado amor. Vamos ouvir, então, esta notável interpretação.

Ele compôs a música, ele interpreta a música e acho muito improvável que, em qualquer show que ele apresente pelo mundo, esta música deixe de ser cantada.

Para acompanhar a música com legendas, acesse aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=huKCZHtlazI>

Para acompanhar a música (sem legendas) em Viña del Mar, acesse aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=eZc1wEiANv8>

Lionel Richie, viram o que ele fala na letra, né? Ele diz que não sabe o que levou a moça a se interessar por alguém como ele, um homem como ele.

E, ao mesmo tempo, ele diz nas linhas seguintes as coisas, é muito interessante. Se possível, depois acessem a letra e vejam com calma, há muitos elementos importantes.

Recebemos mais um colega querido aqui, que chegou há pouco, lá da cidade de Criciúma, onde houve um último encontro nacional de filosofia clínica, o Jan.

Vamos iniciar, e, aliás, trouxe um livro belíssimo aqui do professor, o famoso livro vermelho de Jung, um clássico. Muito bem, vamos iniciar o nosso trabalho. O nosso trabalho de hoje, ele diz respeito a aprender com as emoções.

Algo muito questionável. O que é aprender com as emoções? É não repetir as emoções quando acontecem e trazem determinados problemas na nossa vida?

Aprender com as emoções é saber modular as emoções, conforme os contextos. O que é aprender com as emoções? Quais são os parâmetros que vamos seguir para aprender com as emoções?

Vamos trabalhar três obras hoje. A primeira obra é de Elizabeth Neves, o novelo de emoções. Ela conta a história de uma menina, da Marta, e a Marta está confusa com as emoções.

Ela está muito triste, às vezes. Outras vezes, ela se sente confusa e ela é uma criança para a qual a compreensão das emoções pode ajudar. Não é assim para todos.

Voltem na historiografia de vocês. Lembram como vivenciavam as emoções quando eram muito pequenos? Alguns simplesmente não queriam viver emoções que consideravam ruins, dolorosas.

Afastavam-se disso, tanto quanto possível. Outros não queriam entender as emoções, achavam isso muito chato, queriam apenas lidar com elas. Outros, se pudessem, nem ter emoções gostariam de ter.

No entanto, à medida que muitos seres humanos começam a passar 15, 16, 17, 18, 20 anos de idade e daí para frente, muitos começam a observar que se eles compreendem como as emoções se passam, como elas se movimentam, como elas dialogam com outras coisas, muitos se acalmam. São pessoas que possuem o seu modo de ser numa forte composição epistemológica. Vamos ver o que quer dizer isso, tá bem?

Olhe para a sua historicidade. Quando, por vezes, você esteve muito ansioso e um amigo, uma amiga, você mesmo, leu algo a respeito que dava um alento e uma explicação. Olha, ansiedade provavelmente surge por tais fatores, observe-se isso, observe-se aquilo.

Para alguns, isso é suficiente não apenas para abrandar, mas para encaminhar as coisas. Com Marta foi muito parecido. À medida que ela crescia, a menina, ela encontrou um pequeno pássaro, Succa, que ajudou nisso.

Um dia, eles começam a conversar. Succa começou a explicar para Marta, sabe Marta, as emoções são mensagens que o nosso cérebro envia ao nosso corpo para que ele saiba o que deve fazer em cada momento. As emoções são normais.

Todas as pessoas têm emoções. Não é aqui propriamente filosofia clínica. Em filosofia clínica, não temos como dizer que algo é normal ou anormal.

Também não temos como dizer que todos têm emoções. Alguns têm tão pouco caractere ligado ao fator afetivo ou ele tem uma propriedade tão pequena em algumas pessoas que sequer entra no cômputo das decisões, mas para outros é determinante. Para Marta, era muito forte.

Então, o pássaro explica para ela. E aí ela pergunta se é natural ela sentir isso que ela está sentindo sem saber explicar o que está acontecendo com ela. E o pássaro diz sim, que é assim mesmo, que isso se passa dessa forma.

Já que ela é uma criança muito pequena que está crescendo, as emoções, continua o pássaro, diz para ela que são nossas amigas. Sempre tem uma mensagem muito importante para transmitir. É outro ponto questionável.

Para algumas pessoas as emoções não são amigas, não são boas, independente de fatores. Olhem, às vezes, um pai e uma mãe, amorosos, querendo o melhor para o filho, diz, meu filho, ouça seu coração. No entanto, muitas vezes, independente da pessoa, talvez o mais adequado fosse dizer, ouça a sua razão, não a sua emoção.

Para outros, ouça a sua busca, sua trajetória, não sua razão, não sua emoção. Para outros, ouça o que você sente, não a emoção, não a razão, e assim vai. Dizer para alguém, ouça suas emoções, porque elas sempre trazem o bem, significa que essa pessoa sabe a historicidade deste outro, a ponto de compreender que as emoções são, de fato, amigas e que quando surgem e orientam, trazem bons presságios para aquilo que está em andamento.

Lembrem, para cada um isso é diferente. O pássaro prossegue falando para Marta, mas temos que entender aquilo que as emoções dizem. Primeiro, temos de as conhecer.

Epistemologia, é o nosso tema de hoje. Aprender com as emoções. Para alguns, eis a porta de saída para uma série de infortunos ligados à afetividade.

Quando compreendem, minha ansiedade quer dizer tal coisa, meu medo quer dizer tal coisa, vem daqui e está levando para lá, é isso que está acontecendo. Para alguns, isso é o fator que norteia as decisões, acalma a alma e dá chance da pessoa encaminhar sua vida. No caso de Marta, muito provavelmente era assim.

Você disse que tinha dentro de você muitos fios, todos embaraçados, certo? Perguntou o Succa para ela. Certo, confirmou Marta.

Então, imagine que este novelo, e aí coloca um novelo de lã todo colorido diante da menina. São esses fios que você sente aí dentro, todos misturados, todos enrolados, mas muito coloridos. E agora, faça de conta que cada fio é uma emoção que tem uma só cor, só sua e um nome, só seu.

Vejam o critério epistemológico que esse pássaro está adotando. Está dizendo para a menina, vamos separar e vamos dar nome a essas coisas. Isso que você sente é uma ansiedade, funciona assim.

Isso que você sente é saudade, funciona assim. É uma criança pequena. Quando crescer um pouco, talvez alguns fios estejam tão enrolados que você já não consegue mais separar.

Às vezes é assim. Às vezes a saudade, o amor e a mágoa se unem de tal jeito que não tem como separar, não tem sequer como nomear. Mas Marta é uma menina muito pequena, está tendo as primeiras noções disso e, no caso dela, está ajudando muito, muito, muito.

Como isso chega para aqueles que envelhecem, que crescem, que vão muito longe nas suas trajetórias. Vou dar um exemplo para vocês de um dos mais importantes poetas portugueses, que é o Manoel Pina, Manoel Antônio Pina, falecido recentemente na cidade de Porto. Tenho em mãos a coletânea publicada pela editora 34, selecionada pelo Leonardo Gandolfi, O Coração Pronto para o Roubo, uma coletânea.

Lembrem que ele escreveu muito, o Manoel Antônio Pina, ele era poeta, escritor, ele escrevia para crianças, muitas obras. E aqui nós temos um apanhado muito bonito dos vários livros dele. Um dos sonhos dele era apresentar sua obra aqui para o nosso público brasileiro, por quem ele tinha uma grande estima, o Pina.

Vamos então diretamente a algumas citações. Como é então que depois lá da infância, quando aprendemos a separar aqueles primeiros fios, e alguns precisam fazer isso agora, não compreendem. Surge uma emoção, alguns já dão credibilidade a ela, por exemplo, medo.

Alguns vão para casa e bate uma apreensão e a pessoa já valida isso. Mas pode ser algo enganado, a emoção pode ser deslocada, alguns não sabem disso. Lá desde cedo, como a Marta, muito criança, não tiveram um pássaro amigo que ensinou a separar.

E quando chegam depois velhos, 40, 50, 60 anos, e precisam lidar com alguns fenômenos, muitas vezes trabalharão já com um novelo de lã, com tudo misturado. Olha um exemplo disso.

Amor como em casa.

Regresso devagar ao teu sorriso como quem volta para casa. Faço de conta que não é nada comigo. Distraído eu percorro o caminho familiar da saudade.

Pequeninas coisas me prendem. Uma tarde no café, um livro. Devagar eu te amo.

E às vezes depressa. E às vezes faço coisas que não devo. Regresso devagar à tua casa.

Compro um livro. Entro no amor como em tua casa.

É muito diferente como é com a Marta, não é?

Aqui o adulto observa essas emoções todas e ele sabe que ele estava num lugar, estava com saudade, está retornando. Sabe que a pessoa está acolhendo, que ele ama essa pessoa, está tudo mesclado. Ele lida com esses elementos.

E se precisar recuar? Marta conseguiria como criança? É mais difícil.

Ela mal sabe direito como entender isso, mas o nosso poeta aqui é diferente. Ele é um homem que escrevia para pessoas como Marta. Amadureceu seus conteúdos afetivos.

Se ele chegar nessa casa e a pessoa não estiver, ele vai ficar triste. Se perguntarmos a ele o que há com você? Ele diz que ficou triste porque a pessoa não estava lá e ele estava com o amor dele retornando a essa casa existencial.

Sabe separar, sabe compreender e dialogar como um adulto com as emoções. É um outro espaço de elementos. Na caminhada da Marta até este homem adulto, quais são os endereços existenciais que são cumpridos?

Vamos ver alguns deles? Tem uma obra, um filme, muito bonito, cineasta peruano. Caminhos dos gigantes.

Aqui é a história de uma menina como a Marta, Oquirá. Ela está vivendo um dilema, ela mora numa tribo, na tribo indígena dela, no meio das matas da Amazônia. E eles estão para viver algo que para Oquirá, trará muitas, muitas lições. Principalmente na afetividade. Vamos ver então esses elementos. Lembre-se do espaço existencial onde a Marta habita como criança, tendo suas primeiras noções até o espaço adulto, representado por Pinar, que sabe lidar melhor, separar emoções, compilar, renunciar a elas, ir adiante com elas e outros elementos.

Bom, e na passagem de tudo isso, como se dá de uma ponta até a outra? Como esses fatores de aprendizagem se darão? Vamos ver agora um exemplo disso.

Para assistir ao trailer, acesse aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=xVDsaAFIBeg>

Para assistir ao filme completo, acesse aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=OCcHjDsfrfQ>

Oquirá busca um instrumento, uma espécie de flauta, para entregar àquele índio que está partindo. E ela no caminho, o que ela encontra? Frustração, solidão, cansaço, dúvida, dificuldade.

Ora, mas isso tudo tem a ver com o crescimento de emoções? Sim. As emoções sozinhas, elas não crescem.

Você não planta um feijão de emoções e deixa que elas cresçam sozinhas. Elas crescem com todas essas vizinhanças e vão se ajustando. Ora, se sobrepõe a tudo isso.

Ora, recuam de tudo isso. Ora, se mesclam a várias coisas. É essa passagem que existe, desde o de Marta, quando está aprendendo através do novelo de lã a separar emoções, a compreender emoções, até alguém adulto que voa com elas pelos horizontes, como o Manoel Antônio Pinar.

É um caminho muito longo, tem muitas quebras pelo caminho, tem muitas renúncias, muitos recuos, muitos avanços. Alguns ficam pela metade, outros ficam muito longe de compreender as afetividades adultas. Vamos ver aqui o que o Manoel Antônio Pinar coloca um pouquinho pra frente.

Ele escreve. Bom, primeiro vimos o amor em sua casa, né? Mas há muitos outros poemas nos quais ele ilustra isso que estamos trabalhando aqui, que são as aprendizagens, desde o da Marta até o Antônio Pinar.

Lembrem, estamos trabalhando uma educação para as emoções e estamos usando especificamente hoje a estrada. Até lá. É nessa estrada que acontecem desvios, é nessa estrada que acontecem paradas, é nessa estrada que muitos se perdem. Para a compreensão em torno das próprias emoções, esse olhar para a estrada é fundamental. Alguns chegam aos 30 anos, nunca tiveram um relacionamento íntimo com um homem, com uma mulher, nunca.

Eles sabem como são os relacionamentos próximos com irmãos, com amigos, mas nunca conviveram assim. Se eles não souberem ver esses elementos da própria estrada, podem cair em cobranças, em oscilações, em imaturidades, em coisas que não têm a ver com o que estão se passando propriamente. Outros chegam aos 40, 45 anos, nunca viveram o que a nossa sociedade, a nossa época chama de uma perda.

Perder alguém que amam, perder porque morreu, perder porque foi embora, perder porque rompeu. Nunca viveram nada assim, não que não tivessem oportunidade de viver, é que estavam considerando outras coisas. Então quando passam, por não terem feito a trajetória de compreensão e tudo mais, como vão lidar com isso?

O Jardim das Oliveiras, de Pinar, Manuel Antônio Pinar,

“Se eu procuro o teu rosto no meio do ruído das vozes, quem procura o teu rosto? Alguém como a Marta não poderia entender isso.” Ela nem sabe do que ele está falando.

Quem fala obscuramente em qualquer sítio das minhas palavras, ouvindo-se a si próprio, é ele? Às vezes, eu suspeito que me segues, que não são meus os passos atrás de mim. O que está fora de ti, falando-te?

Este é o teu caminho. E as minhas palavras, os teus passos? Quem me olha desse lado e deste lado de mim?

As minhas dúvidas, até elas te pertencem? Para aqueles que já amaram, no sentido profundo do que isso quer dizer numa época como a nossa, e amaram como adultos, de onde amaram como crianças, amaram o papai, a mamãe, o irmãozinho, o gatinho, a professora, tinham seis anos, depois tiveram outros amores de outras ordens, quinze anos, vinte anos, trinta anos, chegam aos quarenta, cinquenta anos e compreendem o que é esse amor-alteridade, o que é esse amor que se dissolve um no outro, o que é esse amor que não é competição, mas que muitas vezes também não é associação, um amor que permite, que perdoa, mas que às vezes não entende. Eis o adulto se pronunciando.

É uma longa estrada até chegar aí, muito, muito longa estrada, mas não é uma competição, não é uma corrida de cem metros, não é para ver quem vai mais longe. Alguns chegam longe dessa estrada e já estão bem, outros precisam ir adiante. Como é isso na sua historicidade?

Quando ele faz remissões, muito diferente como é a Marta. Se você perguntar a Marta, no ano passado você estava em qual escola? Já que neste ano você está nessa aqui e é diferente daquela escola.

Ela diz, numa outra escola. Era boa essa escola? Era boa.

Gostava dela? Mais ou menos. Os elementos são menores.

Ela está aprendendo a enunciar, a construir. Mas Manuel Antônio Pinar, quando faz esses movimentos para trás, ele traz outras composições emotivas.

A minha juventude passou.

Eu não estava lá. Estava onde? Se a juventude é dele, ele não deveria estar lá?

Pensava eu em outra coisa. Olhava noutra direção. Ah, bom.

Os melhores anos da minha vida perdidos por distração. Rosalinda, a das rosas coxas, onde estará? Belinda, Brunilda, Cremilda, quem serão agora?

Provavelmente professoras de alemão em colégios fora do tempo e do espaço. Agora, vista daqui, da recordação, a minha vida é uma multidão. Onde não sei quem, em vão procuro.

O meu rosto, pétala de um ramo úmido, escuro. Os elementos de uma maturação afetiva, de alguém que caminhou e viu essa estrada. Ele está voltando lá para culpabilizar os outros?

Para se culpabilizar? Não. Para reivindicar, lamentar, etc?

Não. Alguém que trilhou a estrada, trouxe, aprendeu a lidar com as emoções, voltará lá e talvez encontrar algo que ficou aberto, talvez peça perdão, talvez diga eu não sabia fazer melhor, diferente, me desculpe. E esse me desculpe pode ser a ele mesmo, aos outros, como ele faz muitas e muitas vezes ao longo dessa obra notável, obra desse nosso querido poeta português.

Lugares da infância.

Lugares da infância, onde sem palavras e sem memória, alguém, talvez eu, brincou, já lá não estão, nem lá estou. Onde?

Diante de que mistério em que, como num espelho hesitante, o meu rosto outro rosto? Agora, reflete. Venderam aquela casa, as flores do jardim, se lhes tocam, ficam duras e geladas, e sobre os meus passos desfazem-se, imateriais às rosas, as próprias recordações.

Agora eu sei estas coisas de um modo que não me pertence, como se as tivesse roubado.

Essa relação com uma afetividade que se desenvolveu parece, lembra muito uma dança, lembra muito alguém fazendo uma composição culinária, lembra muito alguém meditando, lembra muito alguém ouvindo uma canção. É um outro elemento, não há que um fustigar da alma.

Os problemas possuem outras dimensões, muito diferentes. Para que uma criança como Marta possa crescer afetivamente, possa aprender o que é perdoar de fato alguém que a magoou ou que ela se magoou com alguém, que aprenda de fato o que é amar, que é se importar com o outro, às vezes mais do que com ela mesma, genuinamente, a ponto de renunciar em muitos outros fatores complexos das afetividades amadurecidas e amadurecer essas afetividades significa também multiplicá-las pelos outros.

Não são mais aquelas três ou quatro linhas do novelo de lã. Apenas misturando já são tantas outras coisas. Vamos ver o que acontece com a Marta no novelo de emoções, essa obra da Elizabeth Neves?

Acontece o que segue. Então o pássaro continua conversando com ela, perguntando o que ela está vivendo. E ela lhe pergunta por uma cor.

E ela escolhe uma cor, a cor roxa. Então o pássaro começa a explicar para ela, segundo o que ele entende. Ele diz, nossa, mas essa é a cor do medo.

O medo é uma emoção que aparece quando você se sente em perigo. Ou quando acontecem coisas que você desconhece. A função do medo é proteger você, Marta.

Essa emoção é um alerta enviado pelo seu cérebro para que você fique atenta. É como se ela gritasse, alerta, cuidado, preste atenção à sua volta e veja se há algo que pode realmente lhe fazer mal. Atenção ao que vem agora.

Lembrem, ele está ensinando a uma criança pequena os primeiros passos da afetividade. Contudo, essa emoção nem sempre é verdadeira. Olha, é de perder as contas. Quantas milhares, milhões de pessoas não entenderam essa frase? Não entenderam. Então quando eles têm medo, angústia, ciúme, inveja, rancor, mágoa, ou amor, saudade, esperança, não compreendem que isso às vezes é um sintoma deslocado, é uma brisa que passa, ou é simplesmente uma coisa falaciosa.

Não. Dão crédito a isso simplesmente porque surgiu em suas vidas. Dando aí sim, vivacidade, vivificando essas coisas, que muitas vezes estão completamente descontextualizadas.

Contudo, disse o pássaro a Marta, essa emoção nem sempre é verdadeira. Quando o medo assume o comando, seu coração bate mais rápido, as suas mãos podem ficar suadas e às vezes até parece que você fica menor, encolhida. Lembra daquela vez em que você ficou sozinha na sala de música?

Sim, eu me lembro. Fiquei com medo porque não conhecia a sala e o meu coração começou a bater muito rápido. É isso mesmo, Marta.

Agora escolha outro fio. O novelo de lã. Ela vai escolher vários fios.

Ela escolhe a cor amarela, eu vou saber. E amarelo. Ah, o amarelo é a cor da alegria, disse o pássaro a ela.

Lembrem, em filosofia clínica pode ser tudo muito diferente. Uma pessoa pode ter o amarelo como a cor da tristeza, o roxo como a cor da esperança, do amor e assim sucessivamente. Nós só sabemos como cada pessoa distribui isso ao longo de sua vida.

De acordo com o que aconteceu, das eleições que ela fez, das relações, com relação à escolha de cores e o significado para cada um de nós. Que muda, não é?

Essa emoção conquista o seu coração e todo o seu corpo quando você consegue ter algo que queria muito ou quando coisas boas acontecem.

Alegria quer que você repita os momentos bons. Parabéns, Marta, você conseguiu dizer a alegria. Quando sente alegria, o seu coração está feliz.

Você se lembra quando terminou aquele quebra-cabeça enorme? E a menina disse que ficou muito contente, que ficou alegre. Bem, no entanto, nós vivemos num país com muitos gigantes contrastes.

Muitas crianças, além de nunca terem tido noções básicas do que são as emoções, como elas funcionam, o que dizem muitas, estavam muito ocupadas tentando sobreviver, inclusive às emoções, que não eram agradáveis, não aprenderam, cresceram e se atrapalham. Alguns, quando ficam alegres, ficam com medo porque estão alegres. Alguns, quando amam, ficam com raiva porque estão amando e não sabem nem explicar isso direito.

Outros, amam a pessoa e querem maltratar a pessoa, fazem jogos e outras coisas. E se você perguntar, não sabe. Lá atrás não tiveram as lições elementares.

Ao longo da vida, nunca mais reencontraram lições nesse sentido. E quando adultos se deparam com quatro, cinco, seis emoções, já que não desenvolveram, e não sabem sequer o que fazer com isso, padecem. Se estão felizes, padecem.

Se estão tristes, padecem. E padecem, simplesmente, diante de qualquer quadro. O Manuel Antônio Pinar esparrama suas emoções.

Em suas obras, ele nos convida. É como alguém que amorosamente toma outra pessoa pela mão e diz, vamos caminhar por aqui, pelas afetividades, venha, venha ver como é. Olhem o que ele escreve para os livros dele, livros que ele escreveu e que foram muitos.

Chamaram vocês de tudo, interessantes, de pequenos, de grandes. Ou apenas se calaram diante de vocês. Ou fecharam os longos ouvidos à vossa inútil voz passada.

Em sujos espelhos buscando o rosto e as lágrimas, que, e eu é que sei, me pertenciam, pois era eu quem chorava. Um bancário calculava que vocês, meus livros, tinham um curto saldo de metáforas. E feitas as contas, porque os tempos iam para as contas, a questão era outra, ainda menos numerosa e seguramente, aliás, em prosa.

Agora, passando ainda para sempre, olhares impacientes. Como poderíamos, vós e eu, escapar sem de novo trair esse olhar impaciente? Levai-me então pela mão, como nos levam os filhos pela mão, sem que se apercebam.

Aquele que aprendeu o caminho das afetividades está seguro com elas e esse estar seguro com elas significa que entendeu que haverá muitos momentos de insegurança, muitos momentos de confusão, de não saber e que isso é parte do colorido afetivo e que isso não quer dizer que não haverá responsabilidade, que não haverá cuidado, que não haverá atenção. Sabe que isso é parte. Não precisa mais agradar o outro, não precisa mais ser agradado pelo outro, nem quer.

Não precisa mais do aplauso, não precisa mais do preenchimento dos buracos vazios com coisas que historicamente nunca preencheram. Salvo as exceções, está seguro da afetividade. Diferente de uma pessoa que apresenta muitas inseguranças da afetividade e que as tem como algo forte em suas vidas, vão precisar ser reconhecidas, ser amadas, ser bajuladas e uma série de outras coisas que, na verdade, nunca preencherão.

E quando encontrarem um amor verdadeiro, correto, conforme os nossos padrões de época, não saberão o que fazer com isso, não saberão viver com isso. E ouvirão em cada endereço por onde passarem. O que há com você?

Por que você não se abre de fato? Por que você não diz de fato o que se passa aí dentro? O que há com você?

E sempre haverá uma justificativa, não é? Sempre haverá uma ressalva, sempre haverá um descaminho. Alguns vivem assim, pra sempre.

Outros cansaram-se disso. Disseram, olha, se as afetividades, se não forem ao que eu estou imaginando, não pode ser pior do que o que estou passando. Por que não tentar?

Por que não tentar educá-las? Por que não tentar educá-las? Mas como se educa uma emoção tardia, um adulto de 40, 50, 60 anos?

Não é gritando, brigando, cerceando. Provavelmente não é. Ainda que cada um de nós eduque de uma forma, provavelmente não é esse o caminho.

Até aqui, historicamente, nas nossas sociedades, nunca foi. Então qual é o caminho? Como fazemos?

Para alguns, uma aproximação amistosa. Para outros, uma conversa com as emoções. Para outros, um espelho.

Diz para alguém que você conhece, me ensina a gostar, ensina a perdoar. Deixa eu aprender com você. Como é que é?

Como é que você fez? Deixa eu ver se serve para mim. E assim, sucessivamente...

Vamos voltar ao lindo filme sobre os gigantes da Okirá, essa menina.

Vejam os desafios dela e o caminho dela para essa aprendizagem. Para um dia, quando for muito grande, como essas árvores metafóricas da obra, e tiver que ter outras relações na vida dela, ela possa agora se relacionar não mais com essa menina que estamos vendo aqui, cujo tempo já passou, mas como uma mulher que poderá viver coisas muito mais profundas e maiores, se essa etapa que ela está vivendo, cumprir pelo menos uma parte dos seus objetivos, como é esse futuro. Vamos acompanhar.

♪ Viemos juntos e cada um à sua maneira.

O Manuel Antônio Pinar tem um conselho sobre isso. Muito bonito.

A um jovem poeta, o conselho dele nessa linda caminhada como a esses horizontes de uma afetividade profunda, a dúvida para pessoas adultas.

Procura a rosa, escreve Pinar, onde ela estiver. Estás tu fora de ti.

Procura, procura em prosa, pode ser. Pode ser que em prosa ela floresça, ainda sob tanta metáfora. Pode ser.

E que quando nela te vires, te reconheças. Como diante de uma infância inicial não embaciada, de nenhuma palavra e nenhuma lembrança. Talvez possas então escrever sem porquê, evidência de novo da razão e passagem para o que não se vê.

Um posfácio muito bonito para a obra que acabamos de ver desta menina Okirá e sua tribo de índios. Na mata peruana, na mata brasileira. O caminho do crescimento das afetividades passa por essas movimentações.

Quanto mais compreendermos qual foi essa trajetória, as quedas pelo caminho, os dilemas pelo caminho, o que não pôde se efetivar, o que ficou pendente, mas não importa, o que ficou pendente, mas interessa e outras muitas coisas, provavelmente mais próximos estaremos não só da compreensão disso, mas do que fazer a respeito disso.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 13 – E SE FORMOS NÓS OS IMATUROS EMOCIONAIS? – 04/04/2025



Oi, filha,

Eu vi você falando com sua tia outro dia, rindo e contando coisas que você nunca me conta. Por que ela tem mais atenção sua do que eu? Isso me deixa muito triste. Sou sua mãe, você deveria confiar mais em mim. Parece que só eu tento fazer essa relação funcionar. Se isso continuar, talvez eu simplesmente pare de me importar.

PREFÁCIO À AULA “E se formos nós, os imaturos emocionais?”

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem o estudo Uma Educação das Emoções. Uma delas, não é a única. Uma que trabalha com elementos que observamos na filosofia clínica.

Vamos diretamente ao interior de São Paulo, de lá o professor Clailton fará a resenha de nossa aula passada. Boa noite professor Clailton, seja bem-vindo, por favor, pode iniciar. Boa noite Lúcio, boa noite a todos.

PROFESSOR CLAILTON

Bom, sexta passada eu não pude estar na aula e aí ficou um resumo pendente. Eu vou falar brevemente, mais contextualizando o tema, é um resumo do resumo. E aí na sequência já vou direto para a resenha da aula anterior.

Bom, a aula que estava pendente é do dia 21 de março. O tema foi atualizações.

A passagem da infância para a vida adulta é um tema que sempre aparece em nossas aulas.

Vários elementos do ser humano passam por essa transição. O corpo, por exemplo, as buscas, as próprias emoções se transformam. Embora isso não ocorra ao mesmo tempo para todas as áreas da EP e cada um de nós vivencie em seu tempo seu próprio processo.

O que estudamos nessa aula foram os casos em que a passagem dos elementos de uma afetividade infantil para uma afetividade adulta não ocorreu. Uma das movimentações que tem mostrado grande êxito nessa transição e auxilia nessa transição são as atualizações. As pessoas que realizam as atualizações não costumam enfrentar muitas dessas questões que nós temos visto no curso.

É como alguém que na infância brincava com os soldadinhos de chumbo, com os carrinhos que circulavam pelas ruas de uma cidade sobre um monte de areia e que agora na maturidade brinca com os netos, passeia com eles por ruas de asfalto em uma cidade de concreto. A aula abordou essa questão, as possibilidades, os caminhos, os cuidados em clínicas, os resultados possíveis com essas atualizações. Em uma atualidade a vivência infantil vai encontrar contextos diferentes, pessoas, serão outros tempos e ela precisará se adequar a tudo isso.

Ao modo de ser da pessoa também, sendo possível fazer essas atualizações, estaremos diante de um elemento que poderá auxiliar, hidratar, fortalecer, acalmar a pessoa. Então, essa foi a aula do dia 21 de março.

A aula da semana passada foi dia 28 de março, o tema Aprender Emoções.

As emoções se manifestam de diferentes formas, elas podem dialogar com outros tópicos, fazer parcerias, confrontar outros tópicos, elas oscilam conforme o contexto, etc. A possível conexão entre epistemologia e emoções é o que vimos nessa aula da semana passada. Essa união transforma a compreensão em um importante aliado que vai ajudar muito no crescimento emocional, pode mediar tensões e muito mais.

Uma explicação coerente, por exemplo, sobre uma emoção, sobre a ansiedade, ela pode dar um endereçamento melhor para determinados elementos, pode deixar a pessoa mais tranquila. E é um exemplo, vamos ver coisas além disso. A partir da obra O Novelo de Emoções, de Elizabeth Neves, conhecemos a Marta, uma garotinha que estava meio atrapalhada descobrindo suas emoções, até que ela recebeu a ajuda de um amigo, um pássaro, que a explicou muitas coisas, o nome das emoções, as mensagens que as emoções nos enviam, para que servem, e eles conversaram muito sobre medo, alegria, tristeza, etc.

Com a obra O Coração Pronto para o Roubo, de Manuel Antônio Pinar, nós encontramos espaços mais adultos, emoções mais complexas de uma pessoa vivida com experiência e maturidade. Então nós passamos a considerar o caminho que seria percorrido por uma pessoa, desde as primeiras lições, essas emoções que foram ilustradas pela história da menina Marta, até as emoções adultas que surgem nos poemas do Manuel Antônio Pinar. A partir da obra Caminhos de Gigantes, acompanhamos o processo de aprendizagem emocional da personagem Oquirá, era uma indígena da Amazônia.

Em sua jornada, ela encontrou frustração, solidão, cansaço, dúvidas, dificuldade. Tudo isso estava na jornada de aprendizagem e crescimento emocional da Oquirá. O caminho do amadurecimento é longo, muitos não concluem, se perdem, desviam, param na metade.

Quem prossegue, encontra elementos como perdas, insegurança, compreensão, renúncia, perdão, gratidão. E cada passo nessa caminhada é uma nova experiência, é uma nova emoção e um aprendizado. Um dos pontos discutidos nessa aula, para finalizar agora, foi a credibilidade que costumamos dar às informações que as emoções nos enviam.

O fato de sentir uma emoção não é suficiente para que a gente valide essa informação que estamos recebendo. Deixa eu ver um exemplo aqui. O medo nos informa do perigo.

É uma emoção importante para que possamos nos proteger. Eu tenho medo, por exemplo, de dirigir em alta velocidade, se o mar estiver muito agitado, tenho medo, determinados animais selvagens. Mas será que toda vez que eu sentir medo, o perigo será real?

Eu posso confiar 100% nas emoções? Em algum momento elas poderão errar, se enganar? Sabemos que às vezes há enganos e isso vale para todas as emoções.

Rancor, mágoa, ansiedade, angústia, ciúme, amor, saudade, esperança. Então, o mesmo cuidado que costumamos indicar para separar, por exemplo, as notícias falsas que circulam em nossa base categorial das notícias verdadeiras. Esse mesmo cuidado que nós temos com esse tipo de assunto é indicado aqui também.

Precisamos olhar mais de perto, verificar, ter paciência, esperar um pouco mais, uma confirmação, antes de já acreditar e só porque está sentindo determinada coisa já tomar uma decisão que pode ser precipitada. A compreensão, nesse caso, é o fator decisivo do processo. Para quem usa epistemologia, tem esse elemento do lado da emoção, é um caminho promissor.

Professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton, pelas belas resenhas apresentadas, imprescindíveis nas nossas aulas hoje. E os livros que o professor Clailton está para publicar são aguardados por colegas do país inteiro.

O presente que vocês receberão como prefácio a nossa aula de hoje tem a ver muito com os dias que estamos vivendo. Vocês sabem que, mais uma vez, os indicadores mostram que talvez mergulhemos em uma oscilação grave da nossa base categorial, dos nossos contextos. Com essas guerras comerciais entre países desencadeadas inicialmente pelos Estados Unidos, mas agora pesquisadores do mundo inteiro começam a colocar...

O presidente norte-americano tem uma maneira panfletária de se expressar e isso causa muitos problemas. Mesmo ele tendo razão, às vezes, pela maneira como ele se expressa, ele coloca muita coisa em risco. Às vezes, tendo razão.

Nesse momento, no mundo inteiro, economistas, pensadores começam a verificar se de fato o que ele está falando tem relação com o que de fato acontece e o quanto tem de relação. Mas é inegável que isso joga o mundo em uma oscilação muito grave, muito séria. Um mundo que já vem oscilando em outras formas.

E poderia ser diferente, não é? Em 2025 poderíamos ter testemunhos diferentes desses. Mas quando isso acontece, lembre-se, quando essas oscilações ocorrem, os sinais, pelo menos até aqui, são muito evidentes.

Aí os jornais começam a abrir espaço para pensadores apocalípticos que começam a pintar quadros que geralmente não ocorrem, mas que ali parece viável um susto geral das coisas. E é importante, em momentos assim, usar o que aprendemos, o que estudamos, o nosso ofício. O que eu quero dizer com isso?

Segundo o que temos trabalhado na história da humanidade nos últimos 2.500 anos, desde a aparição da filosofia entre os gregos. Essa contagem, aliás, teria que ser revista,

porque exclui pré-socráticos e outros. Mas há 2.500 anos, para cá, quando há oscilações assim, é importante, pelo menos até aqui tem sido assim, diminuir a dependência da base categorial do contexto e investir mais profunda e solidamente na própria EP, hidratando a base categorial a partir da sua EP. Esse é um dos caminhos promissores, importantes. Aquele que só tem a base categorial, o contexto como referência, vai flutuar e variar conforme o contexto. São aqueles que entram em pânico e dizem que estão falidos, e que vão pular do prédio e coisa e tal, etc.

Os outros, que têm recursos internos, sólidos, consistentes, têm um fôlego maior para lidar com uma série de problemas. Lembrem dessas lições básicas, por favor. Esta obra que vocês viram agora, o Voilá, de Aman Merah, é uma obra muito bonita.

É um pequeno estudo sobre semioses cruzadas. Observem como dança, música, pintura e ainda outros dados de semiose confluem para a expressão de algo. É muito interessante.

E a migração dos dados de semiose, da pintura no próprio corpo do pintor. E uma surpresa ao final, muito bonita. Vou partilhar a tela para que esta obra hidrate almas e corações numa época que começa a se mostrar de novo complicada.

Para acessar ao vídeo clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=1qzYpS7gXt0>

Boa noite, queridos amigos. Boa noite, aos queridos colegas. Vamos para o nosso estudo desta sexta-feira.

Trabalharemos algumas questões ligadas à alteridade. Uma aula que traz muitas lições numa única aula e que serve de trânsito para vários caminhos que virão a seguir. Para isso, nós vamos a um breve texto de Maria José.

Esse texto conta uma história muito simples, muito singela de um rapaz que pega um ônibus no terminal Tietê em São Paulo e vai para o interior visitar seus tios, seus primos que vivem com muita dificuldade, são muito pobres. Numa região, eles cultivam café e esse rapaz então vai visitar esses tios e esses primos. Vamos ver o que acontece sobre isso.

“Há anos que eu não via meus tios. Não por falta de um convite, mas por falta de paciência. Gente simples demais me dá alergia emocional.

Aquela simplicidade que confunde introspecção com grosseria. Trabalho duro com alienação, mas, como diz o ditado, quem não aparece vira saudade. E eu, modesto como sou, achei que eles já deviam estar morrendo de saudade de mim, e então eu fui.

Peguei um ônibus na rodoviária do Tietê, uma mochila leve, não suporto carregar pesos desnecessários, inclusive culpas. Fui direto ao sítio dos tios, lá para as bandas de Mocóca, onde até o vento parece ter preguiça de correr. No caminho, li um trecho de um livro sobre questões afetivas.

E fiquei rindo, sozinho. Dizia, abre aspas, as pessoas emocionalmente maduras não reagem por impulso. Fecha aspas.

Pensei, se todos fossem como eu, o mundo seria um lugar muito mais gentil.” Esse rapaz está se preparando para visitar pessoas que são muito simples, mas que ele não tem nada contra essa simplicidade. O que ele está nos dizendo aqui é que simplicidade não tem a ver com grosseria, e que ele acha que esses tios são bastante grosseiros, e outras coisas.

Ele está indo, talvez para ajudar esses tios, talvez por amar esses tios, mas ele já está colocando uma série de problemas que vai encontrar lá. E até quando ele lê sobre isso, que pessoas maduras, feito ele, não agem por impulso, ele fica pensando, poxa vida, mesmo enfrentando situações como eu vou enfrentar.

“Cheguei no meio da tarde. A casa era igualzinha à minha lembrança. Chão de cimento vermelho, fogão a lenha, galinhas que ciscam com autoridade. Meus primos estavam maiores, suando no cafezal.

Um deles me deu um abraço apertado demais, desproporcional à intimidade. O outro apenas acenou com a cabeça. Achei como era para ser ofensivo.

Tia Juraci, com seu avental florido, me serviu café com broa, e perguntou por que eu nunca me casei. Expliquei, como sempre, que as pessoas têm dificuldade de acompanhar a minha sensibilidade. Ah tá, ela disse.

E mudou de assunto. Como vocês estão vendo, os medos que ele tinha não eram tão distantes do que ele acaba encontrando agora, não é? Um vem e abraça ele com uma força que quase tira o ar dos pulmões.

O outro mal cumprimenta ele. Enfim, mas ele foi, sabendo de tudo isso, ele foi. Interpretei isso como um desprezo, embora minha terapeuta dissesse que nem tudo no mundo é sobre mim.

Eu discordei. Durante os dias que se seguiram, me esforcei para manter a elevação espiritual. Mas, confesso, foi difícil.

Os primos falavam muito de colheita, pouco de sentimentos. Meu tio, seu naziinho, achava que dormir até às oito era preguiça. Um claro desrespeito à minha necessidade de autocuidado.

Ele morava na grande cidade de São Paulo. Trabalhava até tarde, tudo. E agora foi visitar, e esse tio olhava pra ele como quem olha pra alguém que não tem uma grande serventia pra sociedade.

Ele ficava chateado com isso. Ficava chateado com essa maneira grosseira com que as pessoas falavam com ele, mas ele procurava não entrar em polêmica. Ele estava visitando, e por pouco tempo ali, né?

“Me ofereceram, então, uma enxada. E eu ri. Eles não riram.

Acharam que era sério. Tentei explicar que o meu trabalho é mais interno, silencioso. Doninho vive no mundo da lua, disseram.”

É o apelido dele. “Vive no mundo da lua, disseram. E riram. Riram da minha sensibilidade. Riram do meu mundo.” Bom, ele quando saiu de São Paulo já se preparou pra tudo isso.

Ele nos conta, né? Como é que eram essas pessoas. Como é que era esse mundo.

E o que ele encontra ali. As dificuldades, ele já sabia. Nada do que está acontecendo é uma novidade a ele.

Esse desrespeito, essa maneira de não levar a sério as coisas dele, de não respeitar o mundo dele, de botar uma enxada, de não deixar que ele durma até o horário, não estar trabalhando, estar fora da cidade dele. Até onde ele vai aguentar tudo isso? Lembrem, estamos tratando de uma história.

Não se trata de culpabilizar o povo do campo, o povo da cidade. Não se trata de nada disso. É uma história com um propósito. Poderia ser tudo ao contrário. Vamos ver o que acontece.

“Na penúltima noite, aconteceu um evento. A casa estava silenciosa. Só se ouvia o barulho dos grilos e um tilintar ocasional de talheres sendo lavados na cozinha. Eu estava na varanda, de braços cruzados, fingindo que contemplava o pôr-do-sol.”

Mas, na verdade, pensando em como sair dali sem parecer um ingrato. A situação dele estava muito ruim. Não se sentia acolhido naquela casa.

Não se sentia respeitado. Não se sentia amado. Queria ir embora dali.

Seja lá o que ele foi fazer lá, já não tinha mais essa relevância. Não diante do que estava se passando. Foi então...

Vamos ver o evento que ele conta. O que aconteceu. Será que o que houve ali vai mostrar para ele que essas pessoas estavam passando problemas?

Algo assim? E, portanto, se justificava tudo aquilo? Pode ser, não é?

Pode ser. Ele não vai taxar essas pessoas de infantis. Ainda que várias características estejam presentes.

Ele não vai fazer isso de maneira leviana. Mas houve um fato. Algo muito grave aconteceu.

Que vai mudar completamente essa história. Vamos ver o que aconteceu.

“Foi então que, pela janela entreaberta da cozinha, ouvi a voz da tia Juracy. Fui ficando quieto. Num tipo de silêncio que só se faz quando a gente sabe que vai ouvir algo que talvez não goste.” O Doninho, apelido dele.

“O Doninho é bom, ela disse, enxagando os pratos. Mas ele ficou preso num tempo que ninguém mais está. Parece um menino de nove anos esperando que o mundo abrace ele primeiro. Aquilo que tia Juracy acabava de dizer entrou em mim como um sussurro

que começa a gritar. Mas não parou por aí. E quando o mundo não o abraça, ele emburra. Completou o tio com sua voz grave de quem nunca precisou dizer muita coisa para acertar em cheio. Tive vontade então de levantar e de gritar lá da varanda. Vocês não me conhecem. Eu sou sensível. Mas eu não gritei. Eu não levantei. Fiquei ali parado. Sentindo uma mistura de vergonha, de susto e de um certo alívio. Como quando você encontra o nome de uma doença que sentia há anos e nunca soube explicar a ninguém. Aos poucos, a conversa foi sumindo. Mas aquelas frases que meus tios disseram ficaram. E começaram a andar sozinhas dentro de mim, aquelas frases. Preso num tempo. Esperando o abraço do mundo. Emburrado quando não vem.

De repente, eu vi todas as cenas dos últimos dias como um filme projetado de trás pra frente. Eu vi a minha cara fechada no café da manhã.”

Lembram como é o comportamento de uma criança? Se não é atendida agora, já. E da maneira como ela quer, uma criança é mimada, não é? Agora, já, então não quero mais o café.

Então veio o frio, então você não gosta de mim. Então não era pra ser. Era como ele estava se comportando.

Ele que chegou ali sendo adulto e os outros sendo crianças. Os outros sendo brancos e rudes. Infantis.

Ele que é o adulto. Diante do que os tios mostram, descobre que o que estava acontecendo era inteiramente outra coisa. E se havia uma criança nesse contexto, não eram os tios.

Que estavam recebendo e fazendo tudo por ele. Ele é que entrava no café da manhã com a cara fechada.

“Vi minha cara fechada no café da manhã, esperando um bom dia mais caloroso.”

É um bom dia que eles dão pra todos. Mas pra ele tinha que ser mais caloroso. Onde já se viu.

“Vi o jeito como recusei ajudar na roça. Achando que meu afeto era mais nobre que a inchada.” Tem que ser como ele quer. Na hora que ele quer. Do jeito que ele quer ou não será. Impulsividade. Ele até riu, não é? Quando o leu sobre a impulsividade. Lembrou que a terapeuta disse, olha, já que você vai viajar.

Lembra, nem tudo é feito por você. Você não é o centro do mundo. Há muitos outros.

Você vai interagir, considere isso, ... mas se está falando com uma criança, ela vai entender isso, se afetivamente tem nove anos, como falou a tia dele. Não ter responsabilidade sobre o ambiente, já querer ir embora dali, culpabilizar os outros pelo seu modo de sentir ser-estar, estão aí os vários caracteres infantis. E observem, não tenha a menor noção de que isso está acontecendo, é o mundo culpado, o mundo é que tem que mudar, ele mesmo disse literalmente, se fosse como ele, todo mundo, nossa,

que beleza, que beleza. Se os tios se comportassem com ele como ele se comportou com os tios, já imaginaram, o que seria?

“Vi meus silêncios estratégicos, minha espera por elogios”, sim, tem que ser elogiado, tem que ser aplaudido, tem que ser recomendado, porque é a única maneira de ele entender que é querido, só que se fizerem isso, haverá um saco sem fundo, isso nunca será o bastante, sempre vai querer mais, e os vizinhos que vêm aí, ciúme em relação aos outros, invejas, competitividade, não tem fim, minha espera por elogios, minha ofensa fácil, sim, pelas menores coisas se ofende, e nem vê que chegar no café da manhã na casa de alguém, de uns tios, e fechar a cara, isso ele não vê como uma ofensa para os tios que o acolhem?

“Minha solidão auto-infligida, tudo isso ele percebeu, então ele resume, um menino de nove anos, mas com quarenta no RG, a varanda sumiu, o mundo ficou pequeno e eu chorei, um choro curto, sem som, sem escândalo”... muito diferente, não é, do que um garoto com mulher, até há pouco, de nove anos faria, com escândalo, se tivesse plateia, nossa, o espetáculo estaria quase garantido, muito diferente agora, um choro curto, sem som, sem auto-piedade, exagerada, talvez o primeiro choro de verdade que eu tive, em muitos anos, não de raiva, não de frustração, mas de alguém que finalmente entendeu alguma coisa, não foi um milagre isso.

No dia seguinte, continuei me enrolando com a toalha molhada em cima da cama, continuei falando demais sobre mim, lembrem, um adulto com uma afetividade infantil tem, costuma ter como um de seus assuntos prediletos ele mesmo, de maneira direta ou de maneira indireta. Mas à noite, fui até a cozinha, lavei os pratos, de verdade, sem cena, só lavei, olha, para um adulto, cuja afetividade infantil, isso não é uma proeza pequena. Tia Juracy não disse nada, mas me olhou com um ‘obrigada’, que eu ouvi por dentro, acabou de começar a dar andamento aos seus elementos, “e foi assim que eu comecei a crescer, não tudo de uma vez, mas em um ritmo, de quem finalmente entendeu que ninguém deve viver esperando o abraço do mundo, mas que às vezes é a gente que precisa estender os braços primeiro.”

Nós temos muitas histórias como essas, não é? Muitas histórias. Meu pai, um ator, Anthony Hopkins, é uma história recente de 2020, um homem que tem Alzheimer, avançado, que mostra o mundo a partir dele.

Numa parte do filme, nós nos damos conta que estamos vendo o mundo a partir dele, e não como é usual em filmes assim, que começa mostrando o contexto, uma pessoa que está com problemas de lembranças e outras coisas. Os outros, com Nicole Kidman, é um outro filme assim, só ao final vamos saber que quem na verdade está morto é quem está contando, e a narrativa se inverte completamente. Lembram do Sexto Sentido, um outro filme? Aquele terapeuta não sabia que quem havia morrido era ele. Há muitas histórias assim.

Num estudo sobre uma educação para as emoções, não é raro, e se fizéssemos aqui uma entrevista com os participantes do curso, 90 colegas que fazem esse trabalho, descobrimos provavelmente que uma grande maioria, durante todo o trabalho do curso, fica pensando em outras pessoas, e muito pouco em si mesmo.

O que ocorre que é assim? Isso é uma das características da nossa época. Uma das características importantes, o olhar, não funciona como em Sócrates, como ele pediu, vamos olhar para dentro, vamos inverter as coisas, como os grandes profetas estudiosos, Jesus colocava o reino de Deus estar dentro de vocês, não está lá fora.

Esses elementos todos foram rapidamente revertidos, a revolução industrial e outros elementos puxaram o homem para o olhar de fora, invertendo os elementos, era de fora para dentro e não de dentro para fora. E muitos se perderam nisso, é de dentro para fora ou é de fora para dentro? Dependendo da pessoa, dependendo do contexto, agora teremos que ver o que se passa e estudar as orientações conforme cada caso.

Para além disso, considerem quando, por exemplo, um terapeuta, médico, um escritor, um conferencista, alguém que vai trabalhar essa questão e não sabe que ele, na verdade, é a criatura infantil e tudo isso, e não os outros a quem ele se dirige. Uma das maneiras dele poder chegar a essas conclusões, uma delas e não é a única, ele observou os caracteres, impulsividade, mágoa muito fácil, muito fácil, um rancor que permanece, independente da desculpa do outro, manipulação, precisar ser atendido, vaidade, ciúmes e todas as outras características que vimos. Agregadas, lembrem, não andam sozinhas, não é uma ou outra, é provável que cada um de nós tenha episódios de mágoa, de ciúme, de competitividade, não é assim, é o mundo no qual vivemos, é provável que tenhamos sim episódios assim em nossas vidas, às vezes nós propiciamos isso, às vezes outros, mas não é disso que se trata.

Aqui estamos falando de características pronunciadas e frequentes nesta aula, causando toda uma série de atrapalhos, há muitas ilustrações disso. Recentemente, na premiação dos filmes nos Estados Unidos, houve uma obra, um curta, vindo da Holanda, de uma cineasta holandesa, que chamou muito a atenção. A cineasta é a Victoria Warmerdam, é uma obra de 2025, no qual uma menina está diante do computador e ela tenta acessar, ela está fazendo um trabalho, está com os amigos de trabalho, ela tenta acessar e ela não consegue.

Entra aquele testezinho para ver se a pessoa de fato é um ser humano ou se é uma máquina tentando acessar, etc, que você escolhe as figurinhas e aí libera para você passar. Vamos ver o que acontece nesta obra, como uma ilustração final disso que estamos tratando hoje aqui.

Para acessar ao vídeo na íntegra com legendas, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=4VrLQXR7mKU>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

O que acontece a partir daí? Ele vai até ela, leva uma outra senhora, tentam conversar com ela. E tentam explicar a ela que, de fato, sim, ela é um robô.

Não é uma impressão. E aí ele explica pra ela, ele diz, mas você tem autonomia, você tem inteligência, você tem acessibilidade, você tem isso, você tem aquilo. Ele tenta listar as principais características de um ser humano, que ela viveu até agora e, portanto, sabe que é assim mesmo.

Entre outras, ele coloca. No entanto, a reação dela, e aqui podemos observar vários elementos, é a de um adulto quanto a afetividade em um contexto assim, ou ela reage como um adulto que cresceu no raciocínio, na epistemologia, nos valores, nas buscas, em outros elementos, mas afetivamente ficou para trás. Há várias características aqui e algumas de muito difícil conformação.

Teríamos que trabalhar, pesquisar junto a ela para sabermos esses elementos. Mas o propósito aqui não é trazer à tona esse tipo de questão, mas lembrar que muitos da nossa sociedade que conseguiram burlar, ultrapassar, adequar afetividades e aparentemente são adultos quanto a afetividade, na verdade possuem pseudo-afetividades adultas, não resistem a um contato mais próximo e continuado. Logo, isso se desvela.

A pessoa consegue no primeiro mês de uma relação, segundo mês, quinto mês, às vezes consegue manter. Então, quando as coisas de alguma maneira começam a complicar, muito disso, dessa maquiagem, desse elemento que parecia uma afetividade adulta, mas que tinha propósitos, e são tantos os propósitos, numa sociedade industrial e de serviços. E quando isso surge, então, para as pessoas próximas, pode ser como ela disse para ele, olha, é algo constrangedor.

O que há de constrangedor? Uma pessoa que tem uma afetividade adulta, numa época como a nossa, com os outros elementos dentro dela, raciocínio, buscas, contextos, valores, etc, e descobre algo similar. Qual seria o comportamento?

Desespero? Colocar tudo a perder? Qual seria, usualmente, a reação de uma pessoa assim?

Já vimos, em aulas anteriores, elementos comuns. Qual é o testemunho de um adulto, de alguém afetivamente adulto, nos dias que estamos vivendo? Com guerras comerciais entre países, bolsas de valores despecando, moedas sendo pulverizadas, pessoas com grandes apreensões quanto a empregos, quanto a carreiras, quanto a tantas coisas.

Qual é o testemunho de alguém que cresceu afetivamente? É entrar em desespero? É colocar tudo a perder?

Arruinando e não lembrando que é mãe, que é pai, que tem filhos pequenos perto, tem esposas e maridos que precisam, que ele mantenha a serenidade, que ele mantenha a maturidade afetiva, principalmente numa época que flutua como a nossa. E mais, esse autoexame no qual cada um de nós poderá ver, em tais aspectos, sim, eu acho que tem uma afetividade muito infantil e preciso trabalhar certas questões. Ou será que todos nós somos adultos perfeitos quanto a nossa afetividade?

É muito improvável. Mais provável é que temos, sim, elementos a trabalhar, a elaborar, a corrigir, ok? Que façamos, então, uma boa caminhada a fazer.

Ou seja, é importante não apenas considerar que você tem um sobrinho, que você tem um filho, que você tem um irmão, um primo, um pai, uma mãe, um enteado que é completamente infantil, olhe também para você, olhemos para nós mesmos. Podemos

aprender muito se descobrirmos que uma parte importante da infantilidade do outro está em nós, ainda que não soubéssemos disso.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

AULA 14 – NEM ADULTO, NEM CRIANÇA – 11/04/2025



Oi, filho,

Você vive reclamando da sua vida, mas olha só o que você tem: tempo, energia e tantas oportunidades que eu nunca tive. É fácil pra você dizer que está cansado, mas você nem imagina o que eu passo. Eu daria tudo para estar no seu lugar. É injusto como você tem tanto e parece nem valorizar.

PREFÁCIO À AULA “Nem adulto, nem criança”

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas, boa noite a todos vocês que fazem esse estudo Uma Educação nas Emoções.

O nosso trabalho de hoje é um tema... traz um tema muito polêmico, de difícil conformação, porque ele, diferente de algumas outras etapas, que são mais fixas, hoje trabalharemos todo o tempo numa base móvel, e isso acarreta alguns problemas. Mas, com vagar, com discernimento e aprofundamentos, nós enfrentaremos essas questões.

Vamos diretamente a São Paulo, de lá o professor Clailton apresentará um momento mais aguardado dos nossos trabalhos, que é a resenha da aula passada. Por favor, professor Clailton, fique à vontade, pode apresentar o seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos.

Nossa aula anterior ocorreu no dia 4 de abril. O tema foi, e se formos nós os imaturos emocionais? Iniciamos com o texto de Maria José.

O personagem é um rapaz que vive na cidade e vai visitar os tios em um sítio no interior de São Paulo. Ele narra as dificuldades que enfrentou nessa viagem. A grosseria dos primos, o questionamento da tia por ele nunca ter se casado, a implicância do tio por ele dormir até as oito e queriam que ele fosse trabalhar na roça também.

Tudo isso deixou o rapaz bem desconfortável. Seus parentes diziam que ele morava no mundo da lua, riam de sua sensibilidade. Do seu lado, o Doninho, como era chamado, ele achava que se todos fossem como ele, o mundo seria um lugar muito mais gentil.

Em uma tarde, já pensando em ir embora, em sair dali, ele estava na varanda e ouviu uma conversa. A sua tia disse assim, o Doninho é bom, mas ele ficou preso em um tempo que ninguém mais está. Parece um menino de nove anos esperando que o mundo abraça ele primeiro.

Na sequência, o tio complementa e quando o mundo não o abraça, ele emburra. Então, o personagem, esse rapaz, disse que sentiu vontade de gritar. Vocês não me conhecem, eu sou sensível.

Mas ele não gritou, ficou ali parado, pensando, sentindo uma mistura de vergonha, de susto. Um certo alívio também. Aquelas palavras entraram dentro dele, ficaram ressoando em sua mente.

De repente, todas as cenas dos últimos dias passaram diante dele como um filme projetado de trás para frente. Em suas palavras, ele falou assim, eu vi minha cara fechada no café da manhã, esperando um bom dia mais caloroso. Vi o jeito como recusei ajudar na roça, achando que meu afeto era mais nobre que a inchada.

Vi meus silêncios estratégicos, minha espera por elogios, minha ofensa fácil, minha solidão auto-infligida. Um menino de nove anos, mas com quarenta anos no RG. Depois desse evento, o texto da Maria José nos apresenta o processo de amadurecimento pelo qual o Doninho passou.

Não foi uma mudança como em um passe de mágica, foi algo gradual. Primeiro por dentro, no entendimento sobre o que se passava. Depois por fora, aos poucos, em um ritmo de quem finalmente compreendia.

Ninguém deve viver esperando o abraço do mundo, e que às vezes é a gente que precisa estender os braços primeiro. É uma história que serve de alerta para nós que estamos

fazendo esse curso. Muitas vezes, nós buscamos exemplo à nossa volta para ilustrar as lições que estudamos aqui.

Mas quando nós mesmos somos os exemplos, será que conseguimos ver? O segundo aprofundamento foi o filme Eu não sou um robô. Essa obra nos apresentou uma personagem que descobriu ser um robô.

Apesar de se sentir humana, de se parecer e pensar e de se comportar como um ser humano, aquela jovem era um robô. Tudo começou quando ela teve dificuldades para acessar uma conta, uma página na internet. Bem naquele ponto em que a gente seleciona as imagens que comprova que não somos um robô.

Ela não passou naquele teste e a partir daí a história se desenrolou. Existem pessoas em nossa sociedade que se parecem com adultos afetivamente maduros. Elas conseguem manter as aparências, só que isso não resiste a um contato mais próximo e continuado.

Essa maquiagem se mantém por um tempo, mas na proximidade a realidade logo se revela. Não somos perfeitos em nossas afetividades, provavelmente não. E para que possamos detectar nossos pontos de melhoria, é indicado que nosso olhar se dirija também para nós mesmos, para dentro do mundo em que vivemos.

Ok, professor. Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor.

Alunos que fazem o trabalho ao vivo já sabem, sempre nós temos um presente também ao vivo. Durante os primeiros anos dos anos 2000, nós tínhamos um programa de televisão no país. Até na época o pessoal costumava dizer que não ia para a cama sem ver o Jô Soares.

Era um chavão da época. Era o final das noites de muitos brasileiros que apreciavam o senso do humor, como ele mesmo se chamava, do gordo. E ele trazia personagens, desde escritores, músicos, teatrólogos, pensadores.

O leque de pessoas que frequentavam o programa do Jô era muito grande. Ele havia começado antes no SBT, apresentou durante um bom tempo, nos anos 90 no SBT. Depois ele passa para a Globo e aí fica uma década e meia apresentando esse trabalho. Depois, no final da noite, 11 horas, 11 e meia, era o horário dele. E o Jô Soares fez um painel de parte da nossa sociedade, daquilo que ela tinha, desde o mais sublime até o mais grotesco, passando por muitas coisas pelo caminho. Ele não tinha muito problema quanto a isso, não. Ele compreendia, às vezes era mais picante nas suas colocações. E hoje vamos ver duas ilustrações. Muitos músicos tiveram seus bons momentos exatamente no Jô, com a maneira como ele conduzia, aquilo que ele puxava o músico colocar. E vou mostrar para vocês dois momentos do programa do Jô. Um é um dos piadistas, dos comicos desse país, que ele lançou aliás. Foi no programa dele que esse comediante começou a se tornar conhecido, que é o Rei Bianchi. E também um músico maravilhoso que nos deixou há pouco, que fazia parte daquela tribo maravilhosa do

Clube da Esquina. Puxa vida, aqueles mineiros queridos que encantaram uma geração inteira com suas baladas, sua sonoridade. Então vou partilhar a tela como um lindo presente, uma homenagem a vocês que acompanham o trabalho ao vivo.

Para acessar o vídeo clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=i38xwSbm9CU>

Para acessar o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=PKrMdvuUQsM>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Acompanhamos alguns momentos do programa do Jô Soares, personagem histórico da nossa cultura popular brasileira durante muito tempo, não é? Ficou conosco.

E interessante o final da vida do Jô Soares quando ele soube que tinha poucos meses de vida. A maneira como ele entendeu e como ele acolheu e endereçou isso. Separou, entre outras coisas, livros que ele gostaria muito de ter lido durante a vida e não pôde, por compromissos e uma série de questões.

E filmes, filmes lindos. Então, no apartamento dele em São Paulo, ele colocava no telão que ele tinha e selecionou filmes que ele, por várias razões, não pôde ver. Alguns ele viu a segunda, terceira vez e terminou os dias dele dessa maneira, sereno, tranquilo, agradecido.

E nós a ele, né? A contribuição que ele deixa a todos nós. Vamos, então, abrir agora a tela.

O nosso trabalho de hoje vai tratar de algumas pessoas que em algum momento de suas vidas percebem que algo destoou de boa parte do restante contra os critérios que ela mesma adota para ela, que a sociedade na qual ela vive adota também, sobre maturação. Ela percebe de várias formas que houve uma questão em torno do amadurecimento das afetividades que ficou aquém de uma série de outras questões da vida dela. Ao se deparar com isso e buscar ajuda para isso, o próprio discurso que traz a pessoa clínica costuma ser muito diferente dos sintomas usuais.

Aqui estamos num caso mais raro no qual a pessoa já se deu conta do que se passa, traz a questão abertamente que ela tem uma espécie de imaturidade afetiva, então ela descreve vários dos sintomas, dos caracteres, impaciência, impetuosidade, baixíssima tolerância à frustração, dificuldade de manter um diálogo íntimo, honesto com alguém, a facilidade de culpabilizar outros e uma série de outros caracteres que vimos.

E vai ilustrar esses elementos. Só que algumas pessoas já não estão mais neste lugar existencial. Ainda que elas tragam assim, muitas vezes isso é eco de algo que na verdade já se distancia disso.

Como muitos sentimentos e muitos elementos impactantes ainda parecem próximos dessa pessoa, ela pode achar estar em um ponto existencial no qual ela não se encontra mais. E algumas dessas pessoas já apresentam caracteres de trânsito, ainda não possuem uma afetividade madura, lembrem os critérios para podermos identificar isso.

Uma afetividade madura conforme os preceitos de uma época, conforme o contexto no qual a pessoa vive e conforme a trajetória desta pessoa para ela mesma.

Vimos os vários problemas em torno de critérios como este. Então, esta pessoa ainda não tem 35, 45, 50 anos, às vezes mais, e, no entanto, ela não se acha, do ponto de vista existencial, adequada a uma maturação afetiva, mas também já está bem longe de uma inadequação da imaturidade afetiva. Onde ela está?

O que se passa com ela? Como pessoas que apresentam esses caracteres, não todas e também não sempre, sabemos perfeitamente disso, cada pessoa é única, cada uma apresentará peculiaridades, singularidades, e, em filosofia clínica, isso é o que o filósofo buscará entender, esta singularidade. Portanto, há muitas modificações aqui.

O que eu estou falando é uma pálida ilustração de um assunto extremamente complexo e muito presente nos nossos dias, em milhões de pessoas. Esta pessoa que se apresenta desta forma não tem mais uma afetividade propriamente infantil, e não tem propriamente uma afetividade adulta, está em algum lugar nesse meio-termo. Alguns usam palavras para representar isso, dizem que se encontram em uma espécie de limbo, outros usam expressões extensas, alguns usam narrativas, trazem trechos de livros para mostrar, por exemplo, *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera, e vão ilustrar com aquele neurocirurgião Thomas, que era um homem que estava exatamente neste trânsito, não era, não podemos dizer que ele era um adulto do ponto de vista da afetividade, mas estava muito longe também de ser uma criança. E nesse lugar existencial, nesses trânsitos, ele encontrava muitas dificuldades, muitos problemas, até que finalmente, após uma vida que para ele mesmo não tinha mais qualquer sentido, ele encontra uma mulher que modificaria muito o que ele entendia das coisas.

Há uma parte do livro na qual ele fala do medo, da dificuldade deste sentimento que é o amor, e é quando ele consegue transitar por isso que surge a maturidade afetiva, no caso dele. Muito bem, vamos agora aprofundar os elementos. Como identificar isto que estamos falando?

Como identificar que uma pessoa, segundo seus esforços, seus desempenhos, a sociedade na qual ela vive, já não é mais propriamente, do ponto de vista da afetividade, uma criança de oito, nove anos, mas também não é um adulto do ponto de vista da afetividade. Quais são esses elementos que surgem aqui? Eles costumam ser visíveis.

Todos que convivem com essa pessoa, provavelmente, e sobretudo ela mesma. É como se o espelho começasse novamente a devolver uma imagem, não aquela congelada, uma imagem fluida. Um dos primeiros pontos é mudança do círculo social.

Esta pessoa já não mais se vincula àquelas pessoas com quem costumava se vincular, seja do ponto de vista virtual, seja do ponto de vista do clube, da igreja, da escola, do trabalho. Essa é uma das primeiras características que começam a apontar. A pessoa não consegue ainda ir muito longe além disso, ao ponto de ter novas amizades maduras, mas aquelas anteriores já não servem mais.

Ela não consegue mais elaborar os contextos, os elementos em torno disso. Ela começa toda uma situação na qual ela está se movendo. Considerem, por favor, que a falta de fluência em torno dessas modificações pode acarretar o caso de um incidente maior.

Por exemplo, essa pessoa pode se apaixonar por alguém e como não tem a menor fluência numa afetividade adulta, pode recuar muito e talvez definitivamente para patamares muito arcaicos, como uma maneira de lidar com uma dor que ela não sabe direito de discernir. Pode ocorrer. Não é raro que ocorra.

Há outros fatores. Um outro fator aqui que é muito presente nessa faixa de transição e lembrem, nessa faixa de transição não há propriamente um indicador que nos diga com convicção que ela está, de fato, a caminho de uma maturação e que isso é irreversível. Não há.

E depende de muitos fatores. Então, um outro elemento diz respeito a uma melhor tolerância à frustração. Seja com ela mesma, seja com outros.

Ela consegue melhor lidar com isso. Com o telefonema que diz esse final de semana vou precisar trabalhar. Não sairemos.

Não vamos até a praia. Não vamos até a serra. Ficará para outra ocasião.

Vocês já sabem como é o procedimento infantil afetivo em torno disso? Agora não. Ela fica triste.

Provavelmente chora, se queria muito fazer isso. Mas já está em outro âmbito.

Consegue elaborar melhor. Consegue pensar em amigos com quem ela talvez possa sair. Ou um trabalho que ela também possa fazer.

É diferente. É como se a intensidade das coisas recuasse um pouco. O que costuma ser tudo isso, critérios de perguntas, de acomodações, em balanços que não exatamente medem as mesmas coisas, pesam as mesmas coisas e na mesma hora.

É uma dificuldade e tanto. Se na sociedade na qual vivemos já é difícil para uma criança caminhar em direção à maturidade, aqui as dificuldades ainda trazem outras. Outros problemas.

Pois se trata de um adulto. Alguém com 45, 60, 65, 70 anos. Às vezes, fazendo essa transição num espaço existencial no qual a maioria das pessoas ao redor olhará para essa pessoa e dirá, você tem 50 anos, comporte-se como tal.

Você tem 40 anos, comporte-se como tal, você não é uma criança. Que isso? Como é que você fala assim com seus pais?

Como é que você fala assim com a sua esposa, com o seu marido? Que testemunhas que você está dando? Ou seja, é complicado?

Muito complicado. A própria pessoa. E lembrem, as emoções não funcionam como raciocínios que você pode embalar, embrulhar e estudar em casa, não é assim?

Geralmente não é assim. Há outros fatores. Anotei alguns elementos muito importantes aqui no âmbito da clínica.

Começam a surgir elementos inéditos na vida dessa pessoa, como assumir responsabilidades. Por favor, não confundam isso como assumir culpas. Já vimos em outros momentos do nosso estudo aqui que é usual um adulto com afetividade infantil se encher de culpa ou raiva.

Um adulto que cresceu afetivamente assume a responsabilidade, que é muito diferente em grande parte dos casos de culpa ou raiva. Responsabilidade é olhar lá para os 12 anos quando naquele momento quebrou a bicicleta do padeiro que precisava da bicicleta para trabalhar. Um ato irresponsável fez isso e hoje olha com pena e pensa se eu encontrar esse homem vou pedir desculpas.

Não foi correto aquilo. Hoje eu faria muito diferente. Naquela época não tinha como fazer diferente naquele contexto.

Não com o que eu sabia. Esse é um entendimento adulto para problemas existenciais. Então, é muito corriqueiro em vários momentos você perceber isso.

A pessoa trazer para ela eu percebo que eu não agi corretamente. Eu não sabia agir corretamente. Como sei agora.

E a compreensão em torno dessa responsabilidade. Se ela pedir desculpas, talvez a pessoa não aceite. Nem queira ouvir, aliás, o que é um direito desta outra pessoa.

Até isso é uma questão da caminhada. Mas que é ajudada também por vários fatores. Um deles é desrespeito, por exemplo.

Há elementos que também acompanham, vizinhos existenciais que acompanham esses fenômenos. Como, pode parecer um paradoxo, mas a solidão confortável. Vamos chamar assim.

Que é o fato da pessoa compreender que eventualmente ficará sozinha. Ela que tanto precisa como alguém que está crescendo afetivamente e que às vezes tem recursos importantes. Precisa tanto da aceitação.

Precisa tanto do aplauso. Precisa tanto da consideração. Logo ela vai ficar um sábado à noite sozinha.

Ela já entende isso e torna isso às vezes muito confortável. Coloca um pijama. Coloca o edredon, as almofadas.

Vai ver um filme belíssimo que ela há horas estava aguardando. Prepara um suco maravilhoso, uma salada enorme. Liga pra alguém pra desejar uma boa noite, conversar um pouco e depois vai ver seu filme Solidão Confortável.

Aprende esses momentos. Estar com ela mesma já não é um ato de solidão terrível, quando todos a abandonaram e ela está sozinha e ninguém gosta dela. Todos a abandonaram, aquelas coisas da culpabilidade. Acabou.

Ela está num outro fator, mas lembrem, a oscilação é parte desse trânsito. Às vezes está muito bem, vai ver uma cena no filme e pode estragar a noite toda. Pode virar a noite chorando.

Pode acontecer. É um momento de volatilidade, de oscilação, de contrastes. E na clínica procuramos minimizar esses contrastes, em boa parte dos casos, para a pessoa conseguir fazer.

Se esses contrastes forem muito fortes, às vezes é complicado para a própria pessoa caminhar. Um outro fator muito visível diz respeito às mudanças nos elementos familiares. Muito visível, muito corriqueiro estes elementos.

Mas tem elementos outros que começam a trazer uma segurança afetiva de enormes valores para essas pessoas. O primeiro é a observância em torno do tempo, em torno do trabalho, em torno das atividades da vida. A pessoa começa muitas vezes, lembrem, não todos, a redimensionar tudo isso.

A valorizar o tempo que ela dispõe, com quem ela estará, o que ela fará. São descobertas maravilhosas, e não raros, seguidas de muitas lágrimas. Separei para vocês, antes de prosseguir, uma obra muito bonita.

Esta obra é de dois cineastas, Curro Coyentes e Damian Lopes, que construíram uma muito apropriada ilustração para a aula de hoje que estamos fazendo. Puxa, mas muito próxima do que estamos trabalhando aqui. Nesta ilustração, é importante acompanharmos pelo paradoxo que isso traz.

E esses paradoxos, quanto mais a pessoa vai aprendendo, provavelmente melhor ela começa a se dimensionar quanto a isso. É o caso desta moça que vocês verão agora. Ela manda uma carta para a família dela.

Na véspera de tomar uma decisão definitiva para a vida dela, com relação ao rapaz, ela dá uma guinada completa. Algo que lembra muito alguém com uma infantilidade emocional, que tem 40, 50 anos, que costuma fazer essas bravatas e botar todo mundo ao redor numa situação muito desagradável, parece ser isso, mas na verdade não é isso. E também não é uma maturidade emocional, o que mostra um dos dilemas muito encontrados na clínica.

Pessoas que passam por isso, muitas delas, costumam questionar onde estou existencialmente. Será que ainda estou vivendo uma imaturidade afetiva? Será que eu já estou vivendo uma maturidade afetiva?

É o que muitos colocam, se perguntam, dão como exemplo o que fizeram, o que sentiram, não sabem direito o que mostra bem a etapa de trânsito que a pessoa está vivendo. Vou partilhar a tela para acompanharmos esta belíssima obra ilustrativa sobre exatamente isso que estamos falando.

[Palestrante 2]

Os escrevo para dizer-lhes que me encontro bem, mesmo que sei que tenho que pedir-lhes perdão. Sinto ter saído de casa correndo, sem avisar a ninguém nem deixar uma simples nota. O espaço tinha ficado pequeno e eu tinha que escapar.

Não sabia muito bem para onde, mas tinha que partir. Precisava respirar ar puro, me refrescar a cara e me encontrar a mim mesma. Não se preocupem, sei cuidar-me.

A verdade é que tenho que confessar que nunca tive claro o destino. Tantas coisas que acontecem na vida, acho que naquele momento comecei a sentir que aquele seria o meu melhor destino. Dizem que um procurador é aquele que busca, mas que não necessariamente encontra.

Eu, por mais que busque, não encontro as palavras para descrever o que encontrei. Porque olhe para onde olhe, há luz, magia, bom rolo(?), e me sinto afortunada por isso. É como um sonho de horas eternas de luz, onde apreciar amanheceres radiantes e postos de sol de filme.

Papai, como me lembro de ti, sempre com as suas batalhas. Se nota que esse lugar tem muitas histórias para contar, mas não posso resumir todas em uma carta. Te posto cada um de seus segredos.

Sei que, mesmo que agora não esteja satisfeito com a decisão que tomei, as guardarei como um tesouro. Espero que possa ver isso com seus próprios olhos. Estas serão agora minhas batalhas.

Todos nos envelhecemos, mas aqui há corredores por que parece que não passa o tempo. E te convidam a passear. Sentar-se.

Respirar. Pensar.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muita felicidade essa transição. Observem quantos caracteres nós temos aqui, que aparentemente apontam para uma afetividade ligada à imaturidade, e quantos já do outro lado desta ponte. E quantos, aliás, exatamente na ponte.

Então, a menina, na véspera, puxa vida, precisou chegar à véspera de um noivado, de um casamento, para romper, e a outra pessoa não conta? Talvez conte, sim, muito. Até por isso.

Romper agora do que levar adiante e depois tornar tudo muito pior, mais difícil para todos. Talvez. Também os fatores, ela sai, não é? De maneira impetuosa. Rompe, vai para a estrada. Conhece alguém, começa a viver cada dia em um lugar diferente.

Parece que está em viagem. É muito diferente de conviver numa cidade com a pessoa, acordar, ir para o trabalho, pegar a criança na escola, voltar, ir ao médico, não é? Então, há muitos caracteres aqui, ainda, que lembram esses elementos.

E são questões assim que, muitas vezes, farão a pessoa questionar no consultório conosco. Uma vez que ela usava isso, até há muito pouco tempo, de uma maneira completamente diferente. Como ela fará para diferenciar?

Há como diferenciar? Sim, em muitos casos, há como diferenciar. Por exemplo, a intensidade é diferente.

Lá, quando utilizava numa imaturidade emocional, a intensidade costumava ser muito maior. Agora, ela diminui a intensidade quanto aos mesmos fatores. Lá, antes, não havia como fazer escolhas.

A pessoa vivia aquilo, explodia aquilo, até que terminasse. Agora, há como fazer escolhas. Ela pode mudar a rota no meio do caminho.

Antes, havia o princípio no qual ela era o centro do mundo e de todas as coisas. Agora, não. Ela partilha.

Lá, havia culpabilidade, caso houvesse qualquer frustração. Agora, não. Ela tem outras escolhas.

Vejam, ao enraizarmos, então, o que se passa para sabermos da pessoa, ela apresentará as distinções com relação a como era antes. E é isso que nos dará um critério, um deles, para sabermos se, de fato, há uma movimentação consistente para outra ordem de coisas. Da mesma forma, quando apresentar caracteres ligados a uma afetividade mais adulta, conforme seu contexto, conforme sua própria trajetória, ela colocará, por exemplo, elementos de empatia.

Às vezes, esse rapaz diz a ela que tem uma mãe idosa, enferma, que depende dele, que vive numa cadeira de rodas e que, se ela vai morar com ele, ela precisará ajudar com a mãe dele. E que isso significa várias renúncias. Ou ele tem uma menina que, ao nascer, teve um problema e ela não consegue raciocinar, refletir, da maneira como a sociedade dos homens acha que uma menina de 10, 12 anos deveria fazer e que esses cuidados serão, provavelmente, para a vida toda.

A empatia. Antes, ela já teria uma resposta pronta e sairia longe de tudo isso. Agora, não.

Agora, provavelmente, ela entende os problemas dos outros, como dela mesma. Sabe que os outros têm um lugar no mundo, como ela também. Sabe o que é a dor do outro, conhece a dor dela.

A empatia. Há uma reciprocidade de elementos, caracteres de uma afetividade adulta, nos nossos dias. Há propósitos, planejamentos, há outras coisas que ela não conhecia.

Por vezes, pode se assustar, pode fazer se a pessoa tem muitos elementos de contraste na sua própria alma, ela pode colocar isso numa balança. Pode pesar as coisas, pode avaliar. Em momentos de dor, ela pode achar que talvez antes fosse melhor, mas logo ao aprofundarmos isso, ela verá que não, e tudo isso é trânsito, tudo isso é movimento.

E no meio da vida, como as coisas acontecem, como vocês estão vendo nessa pequena obra, muito disso se perde, muito disso a pessoa não consegue dimensionar, e às vezes, ao término da jornada, ela já está lá do outro lado da ponte. Vamos ver como continua essa história.

[Palestrante 2]

O cheiro do campo me faz sentir bem. E você já sabe o que eu gosto da natureza, não é? Pois aqui há paisagens de todos os cores e cheiros.

Em cada rincão, aparece a inspiração que comecei a faltar em casa. Eu adoraria poder voar como um pássaro e observá-lo tudo desde o céu, como tantas vezes nós sonhamos juntos. Imagina, tenho tanto para explorar, que em frente a mim se abrem infinitos horizontes.

Por agora, tenho que me conformar com recorrer os caminhos em uma velha bicicleta que me emprestaram alguns amigos. Estou segura de que gostaria de conhecê-los, por não ter escrito antes, mas não encontrava o momento. Já me conhecem e sabem o que eu gosto, uma aventura.

E mesmo que não sei muito bem qual será o final desta, posso dizer que pela primeira vez, sinto que estou no meu lugar. Quando um escapa de algo, descobre que é capaz de fazer coisas que antes nem se planteava. Nunca pude imaginar chegar a ser tão feliz como me sinto aqui.

Suponho que qualquer um diria o mesmo se disfrutasse, como eu, deste regalo. Bom, família. Me colocarei em contato com vocês o antes possível.

Muitos beijos. Pós-data. Pedro.

Sinto muito dizer-te tudo isso uma semana antes da festa.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Algumas metáforas importantes aqui. Alguns olharão isso e talvez pensem, então a vida de um adulto ou para quem se dirige para lá parece um passeio cheio de diversões. Mas onde é que está o trabalho dessas pessoas?

Elas não trabalham, essas pessoas? Onde é que estão os problemas do cotidiano? Elas não têm problemas do cotidiano?

Têm. Essa ilustração é uma ilustração de passagem. As frases são características disso.

Passagens. Não é propriamente o outro lado. A frase final que ela coloca é que não dê esse pulo antes, este salto antes.

É uma das frases muito disseminadas durante essa travessia. À medida que a pessoa aprende o que é uma afetividade adulta. Quanto traz de tranquilidade, de segurança, de inspiração.

Não mais ansiedade como era antes. Antes felicidade havia e era seguida ou antecedida de muita ansiedade. Agora não.

Se traduz em outras coisas. A apreensão, a preocupação. Há muitos elementos assim.

Como havia antes também. Mas antes isso facilmente descambava para um desespero. Agora não.

Agora a preocupação, a apreensão é um outro modo de lidar. Mas essa jornada na qual nós acompanhamos muitos passeios. Andar com a canoa, com o caiaque. Nadar, caminhar, acampar. Coisas que nós na nossa sociedade temos como exercícios de distração, de relaxamento e tudo mais. Pois é exatamente isso que subjetivamente em muitos casos, começa a acontecer com pessoas que fazem esta passagem. Começa a se tranquilizar para muitas coisas. Muitos dos medos, muitas das restrições viram poeira. Somem da vida da pessoa. E esses novos que costumam chegar. Ela começa a perceber que com 40, 50 anos ela pode lidar. E que é bom ter 40, 50 anos para lidar com isso. Aos 40, 50 anos.

Ao terapeuta compete acompanhar isso de perto. Não costuma ser uma trajetória retilínea. Costuma ser de grandes oscilações. E esse é um dos desafios no consultório. Cuidarmos dessas oscilações. Que podem colocar tudo a perder. Não raro colocam.

Mas há outros fatores aqui. Durante essa trajetória. Sabe quando uma pessoa de 10, 12, 15 anos vem até você e pergunta algo. E você considera que diante da questão que está sendo colocada. É melhor aguardar que a própria pessoa caminhe e descubra isso. Do que você apresentar um parecer? Muito disso ocorre nessa transição. Não é uma vez. São duas vezes.

São muitas vezes que ocorre isso. Perguntas que às vezes a pessoa coloca. E você nota. Puxa, hoje parece que ela acordou de novo com 15 anos. Ou puxa, hoje parece que ela acordou com 60 anos. Isso acontece muito. E são perguntas às vezes que parecem fora do contexto. Deslocadas. E muitas vezes são parte desse elemento. Há muitos ajustes. Delicados às vezes. De coisas importantes para a pessoa. Exemplo. Ela chega ao nosso consultório um dia. Depois de ter chorado muito. Ela nos diz que chorou a noite inteira. E o rosto mostra isso. Inchado. Os olhos. E quando a pessoa começa a explicar o que aconteceu. Ela nos diz. Que naquele dia. Ela foi até uma prateleira que ela tem na casa dele. Dela. Um madeiramento muito bonito. E lá. Considerou alguns objetos que guardava. Que eram objetos. Na verdade. Muito próprios. De uma afetividade infantil. Ela tratava aquilo. Como uma espécie de posse. E com certos elementos mágicos. E outras coisas mais. E agora. Nessa etapa em que ela está. Ela diz que aquilo. Ela pode passar adiante. Vai dar a uma prima. Um primo que gosta muito daquilo. Só que ao mesmo tempo. Ela tem com tudo aquilo, uma ligação afetiva muito forte. Faz parte da caminhada dela. Vejam o dilema. Por um lado. Ela se desvinculou daquilo. Pela afetividade infantil. Por outro lado. Ela está presa aquilo. Por uma afetividade adulta que reconhece. O quanto aquilo foi significativo. Na trajetória de vida dela. Não é simples diferenciar e separar isso. Não é simples. Para muitas pessoas. Entender como colocar isso. E em que lugar colocar. Ou deixar como está. E há muitas questões como estas. Que não são. De um momento simples para a pessoa. Há sofrimento. Há dúvida. Há dor.

Há dilema. É uma transição que muitas vezes. Faz com que a pessoa passe por isso. E outras vezes. Ela chegará eufórica no consultório. Sorrindo. Dizendo que foi a melhor semana da vida dela. Não apresentou nenhum sintoma. Como é bom ser adulto. Ser adulta. Assim nos dirá. Dirá que foi o melhor momento da vida dela essa caminhada toda. Valeu a pena. E olha isso as vezes, um, dois dias antes de uma nova recaída. Isso é assim. Não há mágica para isso. E nos nossos dias. Do ponto de vista da terapêutica. Isso é um desafio. É um desafio. Todos estamos aprendendo. Como orientar melhor isso. E o filósofo que trabalha. Com a historicidade da pessoa. Com os aprofundamentos dessa historicidade. Com as conformações internas. De como dialogam os elementos. Das maneiras de produzir e de proceder. Ele precisa estar atento. E mesmo assim. Não há garantias aqui.

Existe uma pequena ilustração. Que vem lá da Polônia. Muito interessante. Se passa na Polônia. Que é muito interessante. E mostra um pouco desses dilemas. Faz um trocadilho existencial, no qual, uma criança consegue entender elementos adultos e o adulto consegue entender elementos infantis. Num contexto muito complexo. Há trocas e câmbios aqui. Mostrando que não se trata, de simplesmente descartar, mas de aprender, a dosar, a combinar essas coisas. E que isso não é uma ciência exata. E não é um número exato. Se trata mais de uma alquimia. De uma espécie de tempero. Uma espécie de aroma. Que se mistura com música e com muitas outras coisas. E que mudará. E que essa é a grande arte. De viver. E que isso tem muito a ver. Com a afetividade adulta de pessoas que tem 35. 45. 60, 70 anos ou mais. Vou compartilhar a tela com vocês. Para que possamos ver esta linda ilustração que a Alice construiu.

Vamos ver.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Ou seja. Há muitos espaços na existência, que permitem que uma afetividade adulta encontre uma afetividade infantil e vice-versa, em mais de uma pessoa. Em várias pessoas ao mesmo tempo. Às vezes dimensionando mais em uma. Há vários modos, de construirmos isso, de uma maneira muito afetuosa. Sábia. Profunda.

Já temos condições disso nos nossos dias. O sentido dos nossos estudos também aponta para isso.

E essa ilustração tão bonita, da Alice Rose, mostra exatamente essa caminhada, não é? Essa senhora, com grande dificuldade para sobreviver, partilha com essa criança, que já entende elementos de empatia, uma mescla, que se traduz em passagem, em crescimento, em discernimento. A educação das afetividades, provavelmente é um dos temas mais delicados, difíceis e muito presentes na nossa época. Entre as características que mapeiam todo o tempo, dos anos de 2020 a 2030, essa será uma das lembranças que os arqueólogos do futuro, quando escavarem Almas, Corações, Ideias e coisas, provavelmente encontrarão.

E é da nossa competência. Como filósofos, trabalhar também, elementos desta ordem.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 15 – COLABORAÇÕES DE AFETIVIDADES IMATURAS PARA AFETIVIDADES MADURAS. 16/04/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação das Emoções, uma delas. Há muitas formas, muitos modos de trabalharmos as questões das afetividades. Vamos diretamente a São Paulo, de lá o professor Clailton apresentará a resenha da nossa aula passada.

Por favor, professor Clailton, boa noite, pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 11 de abril. O tema foi nem adultos nem crianças. No processo de amadurecimento de um ser humano, algumas vezes as emoções ficam aquém do desenvolvimento alcançado em outras áreas.

Nessa aula, nós tratamos de algumas ocorrências em torno da vida de uma pessoa que já reconheceu, já se deu conta de que isso aconteceu com ela e consideramos que essa pessoa iniciou um trabalho para reverter isso. Em determinado momento, ela poderá entrar em um ambiente de trânsito em direção ao amadurecimento. Nesses casos, alguns elementos poderão ser encontrados, o que indicará que ela já se movimentou, não está mais com aquelas emoções totalmente imaturas.

Esse lugar está entre a afetividade infantil e a afetividade adulta. Pode ser que o desenvolvimento continue a partir desse ponto, mas também podem ocorrer recuos, o que algumas vezes será definitivo, mas outras vezes poderá ser apenas parte do processo, visto que a pessoa pode aprender com essas recaídas e retomar o seu caminho

de crescimento e continuar o trabalho. Um desses elementos observados quando a pessoa está nesse trânsito é a mudança no círculo social.

Não quer dizer que ela encontrará novas amizades imediatamente, mas aquelas antigas também não continuarão. Outro ponto observado é uma maior tolerância à frustração, seja com ela mesma ou com outros. A pessoa começa a assumir responsabilidades, o que não podemos confundir com culpa.

A solidão confortável também poderá ser identificada. A pessoa não precisa tanto da aceitação e de aplausos, ela fica bem com ela mesma, pode assistir um filme, prepara um lanche e isso é confortável. Nesse ponto ela ainda não resistirá a um abalo maior da base categorial ou contrastes muito fortes.

Ela não tem tanta fluência ainda, mas está no caminho, se desenvolvendo para isso. Mudanças nos elementos familiares também podem ocorrer. Mudanças em relação ao tempo, escolhendo, por exemplo, o que fará, com quem estará, etc.

Embora também ela possa se sentir meio perdida em alguns momentos. Um indicativo de seu estado de trânsito. Elementos de empatia começam a surgir.

Se realizarmos um enraizamento, a pessoa poderá fazer comparações de como determinados elementos eram antes e como estão agora. Às vezes a pessoa tem uma caixa, um baú com coisas de sua infância e com as quais ela tem um sentimento de posse. Agora ela se sente pronta para doar esses elementos.

Esse processo não é fácil. Esses elementos fazem parte de sua vida. Ainda que ela não precise guardá-los dessa forma, eles ainda permanecerão em seu coração, em suas histórias, etc.

Esse processo não é uma linha reta. Costuma ter muitas oscilações pelo caminho. O terapeuta deve acompanhar de perto e cuidar.

Quando for o caso, fazer ajuste e ir acompanhando a pessoa. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton, por mais uma bela resenha que o senhor acaba de apresentar. Os alunos que fazem esse trabalho ao vivo sempre recebem um presente. E esse presente que eu vou passar para vocês é aqui do Brasil.

Ele vem de São Paulo, de São José do Rio Claro. Um grupo de colegas do 9º ano fez uma apresentação teatral muito bonita, um teatro de sombras. E é aquela questão do contraste, né?

Algumas coisas, em muitas ocasiões em nossas vidas, não conseguimos ver diretamente. Mas, se colocadas diante de nós por uma composição de formas, funções e outros elementos, se tornam visíveis. Desde Platão, da alegoria de Platão, isso se tornou um clássico.

Então, tem muitas versões, muitos elementos sobre isso. E é interessante que essas crianças fazem esse trabalho e nos mostram uma vida inteira passando diante de nós apenas com sombras. O trabalho de colegiais, ali o teatro da escola estava cheio dos amigos deles, dos amiguinhos, fazendo bagunça, tirando fotos, cantando juntos. Um momento muito bonito, um dos nossos educandários. Vou partilhar a tela para que possamos juntos apreciar teatros de sombras dos alunos do 9º ano de uma escola de São José do Rio Claro.

Quando fazemos um estudo como esse, com várias aulas, como fizemos até aqui. Ainda que não estamos no início, o curso se estende até julho. É usual que muitos observem, conceituem e entendam uma afetividade infantil quando se manifesta em pessoas adultas de maneira continuada como algo nocivo.

Muitas vezes é. Muitas vezes isso é nocivo. Em relacionamentos afetivos, ainda que em alguns lugares, de algumas maneiras, isso não apareça. Ou por ser irrelevante, ou por outras coisas estarem na pauta do dia e terem uma relevância maior. Tudo isso nós vimos.

Mas existem outros elementos para além desses. E um desses elementos, curioso, peculiar, diz respeito a quando uma afetividade infantil didaticamente ensina, propicia aprendizagens àqueles que têm 30, 40, 60 ou 70 anos e possuem uma afetividade amadurecida. Nem sempre uma afetividade infantil e imatura em um homem e uma mulher de 40, 50 anos terá pouco a dizer e apenas causará danos e estragos. Por vezes ela traz informações muito importantes.

Então aqui, lembrem, não se trata de culpabilizar uma afetividade assim, de colocá-la sobre o crivo de tratamento de alguma patologia de forma alguma. Ela tem seu lugar no mundo e muitas vezes ela é bem-vinda diante daquilo que está se passando. A questão aqui é de contexto, é de viabilidade, é de existência.

Separei alguns itens que costumam aparecer no consultório sobre isso e que nos ensinam didaticamente. Para isso é muito importante que o filósofo em seu consultório se abra ao outro. Não feche em torno de juízos prontos, de ideias preconcebidas.

Vamos então ao primeiro de meia dúzia de itens. Vocês lembram da obra clássica, provavelmente frequentou as prateleiras das escolas e as nossas casas também, que era O Pequeno Príncipe? Um clássico de um escritor, de um aviador francês que encantou o mundo com suas palavras e metáforas.

O Pequeno Príncipe era uma criança, mas também era um adulto. Muito mais criança que um adulto. E como criança, ele observava pontualmente as contradições, os paradoxos do mundo adulto com grande eficácia, com grande pontualidade. Viajava entre planetas pequeninos, entre mundos, e lá ele apontava. Dizia, olha, esse aqui tem tal problema. Por que você fica sempre contando números? Qual o propósito disso? Para outro ele dizia, por que você fica acendendo e apagando o lampião? Qual o propósito disso?

Eis um dos fatores que muito se destacam, muito, com grande frequência, em pessoas que têm uma afetividade imatura, infantil, em relação a sua época, seu tempo e os

demais fatores que dentro dela amadureceram. Chegam ao consultório e pontuam, tal qual o Pequeno Príncipe, às vezes de uma maneira tão semelhante que a lembrança é quase imediata. E dizem que lá é um adulto de 35 anos, mora com os pais. E ele diz que vê como os pais são contraditórios, como eles, tem alguns termos literais retirados da própria clínica, como eles vivem com tantas regras que não têm o menor sentido e se apegam muito às tradições. Esse posicionamento deve ser afastado? Essa fala de alguém por possuir uma afetividade infantil deve ser ignorada?

Se fizermos isso, estamos dando um contratestemunho à própria clínica. Podemos não concordar, podemos pensar diferente, ok. Mas a legitimidade do discurso é soberana. E essas pessoas, muitas e muitas delas possuem essa percepção muito aguda. E dizem, muitas dizem, se apegam a regras que não têm o menor sentido. A mesa tem que ser colocada assim, você colocou a xícara mais pra lá. Por que a toalha não ficou assim? Por que os guardanapos estão desse jeito? Não, você trocou a posição dos talheres, não é assim.

Alguém que tem uma afetividade que ficou muito aquém na idade de 30, 40, 50 anos, em situações assim, dificilmente deixará passar. E tal qual, uma criança, sabe, talvez não fale com educação sobre isso. Então, o apego às tradições, que pra esse que tem uma emoção juvenil, ela olha tudo isso com grande impaciência, utilizando um termo literal do consultório, raiva.

Sente raiva, sente impaciência, grita com o pai, com a mãe, o que está fazendo isso, o que importa, que bobagem, não sei o que e tal. No entanto, se usarmos ali um espelho, a mesma pessoa não achará bobagem, nem algo inútil, muitas das manias que tem, como não se responsabilizar por coisas graves, por sempre delegar a culpa aos outros, ela não achará bobagem. No entanto, aqui acha.

Há um segundo item, muito presente no consultório. Aqui eu gostaria de recomendar uma leitura que muito pode ajudar a aprofundar essas reflexões, que é de um escritor gaúcho, Érico Veríssimo, que é Solo de Clarineta. Muito linda a obra, é uma obra de dois volumes.

O primeiro foi publicado ainda o autor era vivo, a segunda, se não me engano, foi no final dos anos 70, que sai a segunda parte do livro. Um grande estudo sobre a época dele, sobre os países, as viagens, os amigos, as dificuldades que ele teve com a grande obra do Rio Grande do Sul, história da família Cambará, Capitão Rodrigo, como foi difícil para ele fazer. Ele conta tudo isso nessa obra, que é uma obra de memórias, uma obra autobiográfica.

O Érico Veríssimo, nesse estudo, nos mostra muito desses elementos, o que houve, que tantos ficam pelo caminho, que tantos não encontram um espaço de elaboração de suas emoções, mundo afora. Uma obra muito bonita. O segundo item que anotei é a preocupação muito grande que o adulto se possui com o que os outros pensam.

Nessa obra do Veríssimo temos inúmeras passagens sobre isso. De fato, pessoas, tem 45, 50 anos, já é casado, pode ter um filho, cachorro, gato em casa, e essa pessoa, em discussões familiares ou com pessoas próximas, pontua isso. O que é essa preocupação exagerada com o que os outros estão dizendo, com o que os outros estão pensando? O

que é isso? Essa pessoa, graças a essa afetividade, que ficou muito aquém da época dela, do contexto dela, e também por todas as coisas que ela sofreu, desenvolve uma acuidade, há muito tempo, muito grande para perceber isso. E para dizer, para o familiar, para o marido ou para a esposa, que ele é hipócrita, que é muitíssimo preocupado com o que os outros dizem, com o que os outros pensam.

Isso não tem muito fundo de verdade numa época como a nossa? O fato de vir de uma pessoa que padece tanto com sua afetividade infantil invalida uma crítica que sabemos que é viável e que para muitos é assim, para muitas pessoas isso de fato é determinante. Se pensarem mal, se falarem mal, nossa, para essa pessoa acabou o mundo, não é assim para muitos? E o fato de uma pessoa colocar isso, só que isso não é colocado geralmente de um modo calmo e tranquilo, é colocado na forma de um tijolo que voa pela sala, com o mesmo impacto verbal. A pessoa coloca isso e censura, às vezes estão preparando a sala para um jantar, virão convidados e essa pessoa no meio de tudo isso. Também pela dor de achar que ela está de novo à margem de tudo, que ela não merecer a reverência, as recomendações que estão dando a esses estranhos que vêm, mesmo amigos que estão chegando. Por tudo isso, pela dor e tudo mais, mas a fala não deixa de ter muito de razão. Vejam como ainda anda próximo do primeiro item que vimos. Há muitas ilustrações sobre isso que eu estou colocando, muitas ilustrações.

A fala de uma criança afetiva, de uma criança que reside em grande parte em um adulto, já vimos os espaços para isso, não se trata de dizer que não haverá espaço para nenhuma afetividade infantil no mundo adulto. É evidente que isso não tem cabimento. Tem lugar sim, tem espaço sim, inclusive espaço de audição como estamos vendo aqui. Mas que não sirva isso como uma desculpa para muitos que têm essa afetividade infantil por 40, 50 anos, para que perpetuem essa miséria existencial de tanto sofrimento, como na maior parte dos casos ocorre. Vamos a uma ilustração sobre isso que estamos colocando aqui.

Eu separei como uma singela ilustração um dos momentos que se passa, é um trecho dos Coristas, apenas um trecho pequenino, que mostra como certas inadequações, certos deslocamentos, mas também certos acertos promovem ou freiam determinadas questões afetivas que depois, bem mais tarde, causarão uma série de anúncios.

Para acesso ao filme completo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=xAMf-vWvz54>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Em determinadas pessoas, durante esse processo de socialização, ou na escola, ou na família, em ambientes assim, que às vezes produzem fenômenos muito intensos e fazem parar elementos que estavam andando, estavam a caminho de uma elaboração. Isso, por vezes, ocorre exatamente com as emoções. E aí a história é muito diferente.

Esse menino sabia que tinha uma voz diferente, mas tomava isso como um defeito. Os pais o mandaram à escola por isso. E, no entanto, ele descobre que não há qualquer defeito.

Que cada pessoa é diferente e que ele tem lugar em inúmeros contextos, como, por exemplo, no coro da escola. Muito bem-vindo. Ele aprende uma lição importante.

Não é o que ocorre nos nossos dias em pessoas que têm 40, 50, 60 anos e que possuem afetividades imaturas em contextos de relações familiares, afetivas, de amizades, de trabalho. Costuma causar muito estrago para essas pessoas e para os outros. Um outro item que anotei, utilizando termos literais tirados do próprio nosso consultório.

Olhem o que essa moça colocou há alguns anos. Que ela percebia facilmente quando havia a falsidade e as intenções eram ocultas. Falsidade e intenções que eram ocultas.

De fato, isso não é um fator inédito. Muitas pessoas que possuem 40, 50, 60 anos e possuem afetividades imaturas. Muitas delas desenvolveram uma acuidade notável para simplesmente, a um primeiro olhar de passada em um contexto avaliar a falsidade de alguém. Ou que não está dizendo a verdade porque tem uma outra intenção atrás daquele. Algo que boa parte dos adultos, nos nossos dias, parece ter perdido. Boa parte dos adultos está mais focado em contextos, em situações, em outras coisas, em ambientes sociais.

Eventualmente na especificidade. O que faz com que estes que possuem uma afetividade assim, muitos deles consigam ter essa acuidade? E esse juízo que fazem é acertado? Corresponde aos preceitos da nossa época? E muitas vezes sim. Muitas vezes sim.

Como eles são seres normalmente deslocados nos contextos, acuados ou atacando. Tentando se movimentar, tentando aceitação, tentando o reconhecimento, tentando o aplauso. E que entendem isso como estima, etc. Desenvolvem rapidamente certas pertinências quanto a esses elementos. E muitos são agudos nessas suas falas. Ainda que não saibam muito bem comprovar e que quando tentam fundamentar isso, logo quem está por perto deixa de ouvir. Não faz muito sentido. Isso ocorre muito. Há muitos referenciais em torno disso que estamos vendo aqui.

Dias Gomes, teatrólogo, escritor brasileiro, tinha muitas passagens de suas obras sobre isso. Ele era um especialista em mostrar isso. Em dar a quem acompanhava no teatro seus textos, ele mostrava essa visão que muitas vezes era deslocada e às vezes infantil e engraçada para que se tivesse acesso a essas coisas.

Mas há outros elementos aqui. Aqui tem o Saramago. Ele tem essa obra de 2004, que é o Ensaio sobre a Lucidez. Lembram? Uma vez que se passa a mão na obra, muitas pessoas dele começam a votar em branco. Uma maneira de mostrar o que estava acontecendo. Uma maneira de ir contra a corrupção, a vaidade, ao desinteresse naqueles que deveriam cuidar melhor de suas populações, os dirigentes. Então começou o Ensaio sobre a Lucidez a isso. E há uma ilustração muito interessante para esse outro que eu anotei, que é a perda significativa de energia, de sensibilidade para diálogos longos, que não levam a coisa nenhuma, cansativos, que só servem para contemporizar assim visto, por quem tem 40, 50 anos, mas tem uma afetividade de 9, 8 anos. Acompanha então às vezes um casal de amigos, uma conversa longa, enfadonha, que parece que não leva a nada, só que é assim que uma boa parte dos adultos, é aqueles que cresceram do ponto de vista da afetividade, fazem para resolver suas questões.

Chama a esposa, chama o marido, diz, vamos conversar, as coisas não estão bem, precisamos ver o que está acontecendo, se vamos buscar ajuda, se nós conseguimos elaborar o que está acontecendo, e aí cada um apresenta suas dores, seus medos, seus receios, suas frustrações. Se do outro lado quem está ouvindo é um adulto de 40 anos, que afetivamente também se desenvolveu até aproximadamente 40 anos, isso não é uma regra exata, às vezes até 35, às vezes até 50, isso não tem uma régua para medir isso.

Mas se do outro lado é alguém que amadureceu afetivamente, vai ouvir, vai contra-argumentar, não vai apresentar provavelmente aqueles caracteres infantis que já vimos, não é de explodir, de culpabilizar o outro por ele ser assim, de ameaçar ir embora, divórcio, e daqui cinco minutos já não é mais nada disso, já mudou tudo de novo, não vai fazer isso. Isso é muito caro, manter uma coisa assim para quem cresceu afetivamente é muito caro, e provavelmente não tem o menor interesse nem em ter uma relação assim, e nem manter algo que já esteja em andamento dessa forma. Então, alguém que tem uma afetividade infantil vendo um casal ou uma velha mãe conversar com um irmão, uma irmã, uma conversa longa, demorada, explicando, olha, por que tem que terminar outros estudos, ou isso, ou aquilo, essa pessoa pode entrar no meio da história e explodir, xingar todo mundo, dizer que eles são hipócritas, e que não é assim que se resolve, e que ela tinha que tomar vergonha na cara e terminar os estudos sim, ou ele terminar os estudos sim, e imaginem quem está falando, parece tão razoável, não é? De certa maneira, há alguns elementos razoáveis, mas pela forma contundente, atravessada, como tudo é proposto, via explosão, e não haverá maiores elaborações depois não. E não é raro que a pessoa se afaste achando que tem razão naquilo que diz, que aqueles ali não resolvem nada, não sabem fazer nada direito, ela é que sabe fazer, ela é que tem o discernimento das coisas, essa que acabou de explodir e xingar todo mundo, essa que acha que tem um discernimento, e se confrontada, talvez diga que explodiu e fez tudo isso porque é só assim que eles vão ouvir, e acordar do pesadelo, ela falando isso, parece tão razoável, não é? Só que não há nada de razoável aqui.

Um outro item muito, muito comiqueiro, e dilemático, que causa estranheza, de um modo muito amplo, pessoas que possuem uns 40, 50, 60 anos ou mais, a afetividade imatura, fortemente imatura, visivelmente imatura, tanto que o contexto no qual essa pessoa vive, as pessoas costumam pisar em ovos, costumam não entrar em polêmicas porque sabem que a explosão ali é quase certa, e aí vem todas aquelas características que já vimos, então, nos contextos, essa pessoa é evitada, e ela de certa maneira sabe, mas ela atribui isso a outras coisas, porque ela diz a verdade, porque ela é verdadeira, e os outros não, coisas assim.

Pois há um fator muito interessante, muito interessante sobre isso, que é essa acuidade para ver quem é aquele que é escolhido no grupo, aquele que é preterido no grupo. O termo literal que eu anotei é injustiçado. O que ocorre? Isso é baseado muito na experiência da própria pessoa. Ela se sente assim. Quando ela chega, logo ela é excluída, logo ela é preterida.

Assim que as pessoas se dão conta do modo de ser dessa pessoa, é difícil você planejar algo, construir algo com ela. Ela vai atribuir isso à sua inveja, ao seu ciúme, à sua

incompetência de não saber lidar com certas coisas. Lembre-se, a maneira torta de compreender certos fatores.

E ao fazer isso, a pessoa, claro, ela mesma se sente injustiçada, que sabe que tem dons, e tem, como todos nós temos. Às vezes tem um dom maravilhoso para a música, às vezes tem um dom maravilhoso para construir coisas, só que pela maneira como ela interage, dessa maneira infantil que assusta muitos, que torna muitos reticentes, quanto a erguer um trabalho mais sério e demorado com essa pessoa, ela se sente injustiçada e desenvolve toda uma acuidade para, em muitos casos, facilmente identificar. Muitas vezes antes de adultos que estão envolvidos. Essa pessoa toma a frente e diz, por que estão injustiçando aquela pessoa? O que ela fez que vocês não gostam de convidá-la e tal? Ela dizendo isso é razoável pela maneira como está dizendo sim?

Ela não saberia muito bem fundamentar, porque se atrapalharia toda. Mas mesmo que soubesse, o alcance disso se desfaz logo na primeira explosão. Quando alguém contestar e dizer que conhece essa pessoa que não foi escolhida lá por coro, por canto e tal, porque já chutou a partitura no meio do público uma vez, já saiu gritando do palco. E aí essa pessoa, diante da objeção, vocês sabem o que ocorre. A capacidade de lidar com a resistência do outro, com a discordância do outro, é muito pequena. Além do que a frustração não aguenta ser frustrada nos seus propósitos, a resistência é muito precária. Já vimos esses elementos. O que, infelizmente, em casos assim, que são valiosos, às vezes, são colocados a perder. Por favor, considerem aqui quantos benefícios uma pessoa que é adulta, tem 60 anos e 70 anos, 75 anos na sua carteira de identidade, com uma afetividade infantil, ela cresceu cognitivamente, cresceu do ponto de vista moral, cresceu do ponto de vista dos conhecimentos, em eletrônica e em outras coisas, área jurídica, etc. Se desenvolveu quanto a uma série de coisas, e do ponto de vista da afetividade, ficou muito aquém. As emoções são praticamente de uma criança assustada, acuada, no meio do mundo. Mas considerem quantos benefícios isto traz para o mundo adulto da afetividade, se souber conversar.

O que é muito difícil, muito difícil. Não é uma tarefa simples essa convivência. Exige uma paciência, uma renúncia, e em muitos casos, atendimento especializado. Não vão conseguir lidar com isso em muitos casos, com aulas de fim de semana, ou conselhos de orelhas de livros e coisas assim. Há situações gravíssimas que colocam em risco a vida dessa pessoa e de outras pessoas, que colocam muito a perder. Então há casos e casos e precisamos ver o que está se passando. Um outro item que mostra o quanto é valioso isso. Não se trata de observar isso e culpabilizar, transformar isso numa patologia, prender essa pessoa, destratá-la de forma alguma. Não há cabimento em algo assim, mas numa tentativa de acolher, sabendo da enorme dificuldade.

Olha, se isso é forte na vida de uma pessoa e ela frequenta um clube, uma igreja, uma escola, um trabalho, logo, logo isso vem à tona. Em desavenças, há um rastro por onde essa pessoa passa existencialmente. Um rastro de brigas, de desentendimentos, de mal-estar.

Infelizmente, isso é o mais comum, isso é o mais usual e ocorre. Às vezes, nos 10, 15 primeiros minutos, você pensar que está diante de uma pessoa adulta, casual, emocionalmente amadurecida, até o primeiro embate, até a primeira frustração, até a

primeira perda, até a primeira renúncia, e a partir daí as coisas, como em um novelo de lã, vão se desfiar diante de você, diante do que está acontecendo.

Um outro elemento dilemático, muito encontrado, muito encontrado, não é a exceção, é a tentativa de ajudar dessa pessoa que afetivamente tem 8, 9 anos de idade, a tentativa dela de ajudar os que estão em volta, geralmente com conselhos, conselhos práticos, conselhos diretos, já que ela se acha sincera, autêntica, diferente dos adultos que são hipócritas.

Então, a pessoa vem, observa uma situação e diz, por que a senhora grita assim com o seu filho? Ele não é coisa para a senhora gritar assim, isso nem pode ser feito. A senhora deveria ter educação. A senhora, por acaso, não é professora, não? Está fazendo isso com o seu filho? Quando essa pessoa se vira e diz para este que tem 9, 10 anos na afetividade, para não se meter, que nem sabe o que está acontecendo, e que ela que é mãe, e que acompanha esse jovem e essa jovem, sabe bem como lidar, e de fato, diante do contexto que está se passando ali, depois explicado, mostra que ela precisou ser enérgica, sim.

Mas essa pessoa, que chegou com seus conselhos, o que viu, achou que era uma injustiça, essa mãe estar elevando a voz, assim, daquela adolescente e tudo mais, o que vai fazer, então, diante dessa objeção? Pode perder completamente o senso do que se passa. E com palavras de baixíssimo calão, palavras pesadas, termos furos, ofender profundamente a outra pessoa, aos gritos pode arremessar coisas e outros elementos mais. Pode. Ou pode fazer ameaças, que vai filmar, para botar isso na internet, para todo mundo saber que ela está gritando com a criança ou com o jovem adolescente, etc. Seja o que for, provavelmente aí surgem as características, respostas desproporcionais e todas as situações que nós vemos.

O propósito disso que estamos vendo é não inviabilizar um discurso por ele ser tão repleto de objeções na nossa época. Um garoto no Reino Unido foi até a capital escocesa e lá tem um museu da infância. Lá no museu da infância ele estava... tem dezenas, centenas de objetos, de brinquedos recolhidos ao longo de muito tempo, centenas de anos tem lá, e ele ficou muito impressionado com um brinquedo que ele viu, que é uma bonequinha feita com restos de um sapato.

Isso, remontando mais de cem anos, foi recolhido a muitos quilômetros dali, ao sul, em Londres, não em Edinburgo, onde é o museu da infância. Em Londres, é lá que foi recolhido esse material de um brinquedo de uma menina. Ele ficou tão comovido e tocado com isso que ele resolve fazer um filme, um filme que ficou muito conhecido, que foi muito elogiado pela sensibilidade com que ele tentou traduzir isso, essa sensibilidade.

Este filme nos mostra de maneira delicada, suave, a nossa responsabilidade se nós crescemos afetivamente, se nós temos 40, 50, 60 anos, também quanto à nossa afetividade, além do raciocínio, dos nossos conhecimentos e tudo, o nosso testemunho com relação a essas pessoas que não conseguiram fazer essa passagem deve ser um testemunho de humanismo, de amor, de conhecimento, ainda que essas pessoas muitas vezes joguem tudo isso e a nossa própria mão estendida fora, num paradoxo imenso, no

qual levaremos água e a pessoa às vezes dirá você está me matando, pois não me dá água e não vê o copo estendido que estamos dando à pessoa.

E se déssemos a água que ela quer beber, talvez ela se sufocasse com aquela água e aí nos culparia de novo e pediria mais e mais e mais. Então é um paradoxo, é um dilema e é um dos desafios da nossa época, um dos grandes desafios da nossa época, que provavelmente ultrapassa a casa dos milhões de seres humanos. Vamos então ver esse lindo filme, uma homenagem, um convite à amorosidade para aqueles que são tão pequeninos, mas tão grandes em suas almas.

Deixei para, por último, algo que é talvez maior do que tudo que vimos até agora. Essa última consideração que deixei para o final da nossa aula, ela é de tal maneira contundente, ela é de tal maneira significativa que desfaz muitas das críticas, que desfaz muitos dos afastamentos e das amarguras em torno de muitos dos problemas que estamos vendo, trazendo a outra parte da problemática. Há ainda uma queixa que costuma que pessoas que têm 40, 50, 60 anos em suas carteiras de identidade, mas que possuem uma afetividade de 8 anos, 9, 6 anos, há uma última queixa que cada um de nós tem a sua experiência de consultório, não é?

Cada um de nós tem o seu trabalho. Nesse curso que estamos fazendo, nós temos filósofos clínicos, médicos, psiquiatras, psicólogos, psicanalistas, pedagogos, pessoas das mais diferentes formações. Da minha experiência, isso que eu vou colocar agora é um dos fatores que muito, muito causa o contraste, a estranheza e a pontuação da gravidade de uma época como a nossa e abre para um paradoxo.

Muitas dessas pessoas dizem na clínica, não raro, chorando, que sentem muita falta de amor, que não há amor, que olham para suas famílias, para seus amigos, para a sociedade, para onde vão e notam uma aridez, uma desumanidade, uma dureza no coração, ironia, sarcasmo, pessoas que não se importam com outros. Há um paradoxo aqui. Esta pessoa que assim fala, ela também age muitas vezes assim, com esses que ela está dizendo, que agem assim com ela.

Isso que faz com que ela diga tal coisa tem muito a ver com a necessidade urgente que ela tem de um amor, que ela não recebe, entre outras coisas, por agir como age. Ela não entende que é grotesco numa sociedade como a nossa, um adulto de 40, 50 anos, fazer os malabarismos, os aspectos circenses, o teatro, a luz do dia, entre seus familiares, para receber consideração, amor, carinho, que eles têm seus problemas, cada um tem, e que fica demasiado. E que um adulto, aquele que cresceu afetivamente, não precisa de tanto amor assim.

Se tiver gotas de orvalho de amor, ele já se hidrata e vive a vida, diferente desta pessoa. Gotas de orvalho de amor dificilmente hidratarão a alma dela. Ela precisará de um caminhão inteiro, e depois de mais outro e mais outro.

E, geralmente, o que fará com isso? Se revoltará contra tudo isso, culpabilizará outros, porque ela nem sabe o que fazer com isso. Não há como se sair bem boa parte dos casos numa situação assim.

Mas essa queixa que ela faz da aridez, do desamor, da falta de sensibilidade deste mundo adulto, isso é injusto? Isso é uma invenção? Ou isso é uma das características de muitos daqueles que se tornaram adultos, fazendo com que, mais uma vez, ela questione se vale a pena, então, crescer para ser como estes?

Já vimos isso antes. Ela não crescerá para ser como estes. Para ela crescer, ela levará boa parte de tudo isso com ela para esse mundo adulto.

Da amorosidade, da afetividade, ela poderá escolher muitas dessas coisas e talvez possa levar a maior parte disso. Eis um dos dramas da nossa época, um das grandes dificuldades dos nossos dias.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULAL 16 – A ROMANTIZAÇÃO DA INFÂNCIA – 25/04/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação das Emoções. Nossa aula de hoje, para alguns, parecerá uma profunda poesia filosófica em torno da alma humana. Antes disso, vamos a São Paulo e de lá o professor Clailton gentilmente apresentará um dos trabalhos mais aguardados, que é a sua resenha da nossa aula anterior.

Boa noite, professor. Por favor, fique bem à vontade e pode iniciar seu trabalho. Boa noite, Lúcio.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite a todos. Nossa aula passada ocorreu no dia 16 de abril. O tema foi colaborações de afetividades imaturas para afetividades maduras.

Nessa aula, identificamos alguns elementos que podem ser mais facilmente identificados por uma afetividade infantil, presente em alguém com mais idade, do que por uma afetividade madura. Uma das coisas que essa pessoa com afetividade infantil

poderá ver assim de imediato são os paradoxos do mundo adulto. Por exemplo, em relação às regras, às tradições, algo que em algum momento foi criado para contornar alguma questão, mas que atualmente está fora de contexto e não auxilia em nada, embora ainda esteja presente nas ações de muitos.

Outro elemento desse tipo são as preocupações, preocupação exagerada de um adulto com aquilo que os outros podem pensar sobre ele, com o que vão dizer sobre ele, etc. Alguns com essa afetividade infantil dizem que percebem quando a falsidade e as intenções são ocultas. E de fato temos visto isso, apenas com um olhar de passagem elas percebem quando alguém está mentindo, por exemplo.

Essa pessoa, porém, não vai comunicar esses elementos que ela percebeu da forma que um adulto faria. Isso será expresso de uma forma que vai causar constrangimento, discussões, às vezes explosões agressivas, etc. Quando alguém tenta alertar essa pessoa dizendo que ela não deveria ter gritado ou xingado, ela aponta a falha do outro como se isso fosse uma credencial para seus excessos.

Como quem diz, eu tive motivos. Quem tentou alertar pode ouvir, você está se incomodando com o que eu falei e não está se importando com a mentira, a falsidade do outro. Muitas pessoas se afastarão dessa que assim age.

E quando percebem, quando essas pessoas percebem, elas dizem que se afastaram por ciúme, por inveja, que é coisa que sentem sobre ela. Outro elemento que identificamos nesse sentido é a tentativa desse que costuma ter a percepção mais afinada, para alguns elementos, essa tentativa em ajudar quem está à sua volta. Ela se volta contra situações que julga injustas, porém muitas vezes o seu jeito de tentar ajudar dificilmente pacifica ou leva a alguma conciliação.

Ao contrário, ela passa a fazer parte do problema, um problema que às vezes nem existia antes e os ânimos acabam alterados. Para finalizar, mais uma queixa realizada por pessoas com afetividades infantis. Elas reclamam a falta de amor se referindo aos amigos, à família, à sociedade.

Elas notam aridez, dureza no coração, ironia, sarcasmos, pessoas que não se importam com os outros. E há um paradoxo aqui, porque essa pessoa que diz isso, muitas vezes também age assim. Essa reclamação muitas vezes tem relação com sua necessidade.

Ela carece de amor, de carinho, afeto e às vezes por isso ela faz diversos malabarismos em seu meio para receber esses elementos. Essa pessoa só não percebe o quanto é grotesco alguém com mais de 40 anos agir dessa forma, com uma sede insaciável de aprovação e elogios. Um adulto não precisa de tanto, ele se hidrata com muito menos.

Mas esse jeito infantil de ser não descredencia sua queixa quanto à aridez, de amor, à falta de sensibilidade do mundo adulto. Talvez ela não esteja muito enganada quanto a isso. Precisamos estar atentos aos contextos.

Uma afetividade imatura não é a priori nociva ou colaborativa. Não podemos também inviabilizar um discurso por ele ser tão repleto de objeções da nossa época. Uma

afetividade imatura pode ter muito a nos dizer coisas que não estamos percebendo, que não estamos vendo.

E se nós crescemos afetivamente, de fato, há uma responsabilidade nisso. O nosso testemunho com relação a essas pessoas que não conseguiram fazer essa passagem deve ser de humanismo, de amor, paciência. Ainda que essa pessoa jogue tudo isso, mais as nossas mãos estendidas, para fora.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, professor.

Os alunos que fazem os estudos ao vivo recebem sempre um lindo presente ao vivo. Vamos ver um dos jovens compositores do nosso tempo. Nós temos hoje no Brasil muitos compositores surgindo com novas propostas musicais.

E esse que veremos agora, Castelo Branco, é um deles. Com essa linda canção Crer Sendo. Crer enfim Sendo.

Uma canção muito interessante com os trocadilhos que ele constrói ao redor da letra. Essa canção é de 2013. Vou partilhar a tela com vocês.

Para acessar ao vídeo clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=l2fpuNj8ab0>

Existem peculiaridades na nossa época que chamam a atenção à pesquisa no que concerne as afetividades imaturas nas suas transições, nos seus caminhos, rumo a uma maturidade afetiva. É oportuno lembrar que quando falamos em afetividades maduras e imaturas, os critérios pelos quais vamos discernir o que é isso não dependem de um dogma ou de um elemento pronto que está repousando sobre uma estante. São fatores de coordenadas da pessoa como ela é, com o contexto onde ela vive, ela em relação a ela mesma, ela em relação aos demais, os preceitos de uma época.

É a partir daí que caracterizaremos. E ainda outros fatores. Não poderia ser diferente.

Não haveria como termos uma régua para medir isso. Nos nossos dias há características peculiares em torno de um assunto como esse. Hoje veremos uma delas.

Algumas pessoas, na sua caminhada existencial rumo à maturação afetiva, segundo os parâmetros de uma época como a nossa, 2025, encontram no caminho desafios que para outros sequer despontam no horizonte. Por exemplo, um destes desafios, aliás, aparentemente tardio, porque aponta lá para o século XVIII e XIX, diz respeito à romantização dos elementos da infância. A infância, para estes muitos, adquire o caráter da pureza.

A infância é alegre. A infância é leve. A infância é suave, é ligada aos sonhos, aos melhores princípios de bondade.

Já o adulto, não. O adulto é avarento. O adulto é insensível.

O adulto tem um coração duro. Eis um dos fenômenos em torno da romantização da afetividade infantil. De onde vem isso?

O que fez com que tantas pessoas acreditassem piamente nisso, colocando provas, contextos e situações completamente à margem? Olhem, se examinarmos, se cada um de nós examinar a própria infância, ela foi assim? Ela foi pura?

Foi leve? Foi alegre? Foi divertida?

Foi isenta de responsabilidades? Foi assim? Quantos você conhece que tiveram uma infância desta maneira?

Alguns afortunados, não foi? A maioria não passou por isso. A maioria lembra da infância como momentos difíceis, provavelmente assim.

Perdeu um ente querido. Não pôde estudar quando muitos estudavam. Passou por uma cirurgia.

Havia desemprego na família e muita tensão no ar e outras coisas assim. Não é isso que nós acompanhamos nos nossos consultórios? Quantos vocês acompanharam no consultório que disseram a vocês que tiveram uma infância sublime, tal qual essa romantização?

Pois lá no século XVIII e XIX, com o idealismo que havia, parece ser dali uma das raízes mais consistentes em torno dessa idealização. Muito forte, aliás. E nesta idealização...

Aliás, o Jean-Jacques Rousseau, que vai colocar a criança... Para Jean-Jacques Rousseau, a criança nasce boa. Boa.

A criança é boa. É a sociedade que vai corromper essa criança. Talvez esta seja uma das raízes dos nossos infortúnios.

E também traz seu quinhão de verdade. Mas consiste tudo aí? Quantas crianças traduzem elementos completamente distantes disso que estamos vendo?

Por isso fiz uma relação de elementos que vamos trabalhar agora. De lá pra cá, alguns terapeutas, filósofos, pesquisadores tentaram com grande dificuldade corrigir esse postulado ingênuo que atribuía toda essa pureza à infância e todos os elementos nocivos a quem se tornava um adulto. Um dos grandes freios, aliás, para que muitos caminhassem para a maturidade.

Alguns pesquisadores, como Jean Piaget, Maria Montessori, tentaram nos avisar disso. E ao invés de fazer uma caricatura, propuseram um outro caminho. O caminho era vamos ver as características e ter um foco maior na experiência da criança, como criança.

Aí poderemos compreender muitas coisas. E não uma visão ingênua, caricatural, de uma parte de muitas pessoas. A criança tem seus desafios, tem suas ansiedades, tem seus problemas, tem suas dores, tem seus enganos e seus erros.

Muitas vezes, bem maior do que adultos. Não são poucas as crianças infelizes que se tornam adultos afetivamente realizados, encaminhados para seus endereços existenciais. Vejam bem, não disse felizes, disse realizados no sentido de suas buscas existenciais.

Então essa ideia da infância como despreocupação, como um elemento sublime no qual não há responsabilidades e outras coisas, provavelmente é muito mais uma falácia do que propriamente um elemento concreto. No entanto, muitos daqueles que possuem uma afetividade imatura para os padrões da nossa época, olham para essa infância e, muitos, não todos, romantizam. Um elemento curioso é que quando no consultório enraizamos historicidades como em muitas dessas pessoas, o que encontramos não é uma infância que justifique esta forma de romantização.

Entre outras coisas, isso mostra que isso pode vir de outros lugares. Quais lugares? É parte do nosso trabalho de agora.

Primeiro, então, a romantização como um elemento, uma causa, como uma inocência que se perdeu no tempo. Eu anotei aqui a Cosette, aquela menina da obra *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Na primeira parte da obra, a Cosette é uma menina muito maltratada por uma família explorada.

Victor Hugo mostra simbolicamente a pureza e a ingenuidade e a abertura à aprendizagem na infância com a Cosette. Para não ser caricatural quanto a isso, logo em seguida ele vai nos dar outros elementos. Lembrem como é a dinâmica no livro do Victor Hugo, *Os Miseráveis*.

Jean Valjean praticamente compra a menina. Ele estava por perto, viu, ficou muito sensibilizado com o que a criança estava passando, faz um acordo financeiro e leva a menina embora e propicia a ela uma vida de fato. Aqui é a outra parte que Victor Hugo vai nos propor.

Ela pode amadurecer afetivamente. Ela pode ultrapassar essa infelicidade infantil de exploração que ela teve e crescer afetivamente. É na idade adulta e afetivamente adulta, quando ela se casa, por exemplo, que ela vai se realizar como pessoa.

Então Victor Hugo mostra uma trajetória difícil, mas que era um testemunho da época dele, dos dias dele. Essa romantização da criança como um princípio sublime e que faz com que muitos objetem qualquer movimento em torno de uma maturação afetiva é desmontada e é elaborada por vários dos nossos principais autores que se debruçaram sobre essa experiência. A Cosette é um exemplo muito concreto disso.

Um segundo ponto que anotei sobre esses problemas usuais é um elemento falacioso, sofismático, que bloqueia muitas pessoas na sua caminhada rumo a uma afetividade madura. Uma criança, argumentam alguns, não tem responsabilidades. Responsabilidades financeiras, responsabilidades no trabalho, responsabilidades... não, nada disso. Ela é livre para sorrir, para viver. O adulto que tem essas responsabilidades, que tem que ser chato, que tem que ir a lugares chatos, conversar com situações chatas, uma vida amargurada, olhem o elemento completamente sem qualquer fundamentação.

Há uma universalização tanto na parte da criança quanto na parte do adulto. Um emblema disso que estou falando é a história de Peter Pan e Wendy. Com aqueles diálogos formidáveis, do garoto que se recusava a crescer e habitava a terra do nunca. Vejam bem, a terra do nunca. Não era uma terra infantil propriamente, porque já não era infantil aquilo no momento em que foi cristalizado. E quando a Wendy tenta colocar elementos para ele, ele renuncia ao próprio amor pela Wendy, quando descobre que precisa crescer para ter esse amor.

É melhor aquele outro tipo de amor. É um emblema de grande parte de pessoas que utiliza como freio para não crescer essa romantização da infância. Então Peter Pan como criança poderia brincar sempre, ser feliz, voar, vejam bem, e literalmente ele voava.

Poderia brincar, poderia imaginar, sonhar. De novo eu refaço a pergunta, quantas crianças os senhores conheceram nas suas vidas que tiveram uma infância assim? Agora observem, o dia que no consultório estiverem atendendo pessoas cuja instância última, ou uma delas, é exatamente o problema do desenvolvimento afetivo, no sentido de uma maturidade emocional, observem como estas pessoas se referem a crianças e a afetividade infantil.

É muito peculiar. Muitas colocam como sublime, como lindo, como isso é que é ser livre, isso é que é viver. Quando vem uma criança num parque, ou indo com a mãe pra casa da escola, não imaginam outras coisas, não é?

E não é raro que muitos destes nem queiram crianças por perto. O que ocorre? Já que gostam tanto dessa infância, há muitas questões aqui.

Muitas questões e algumas muito delicadas. Há um outro elemento que coloquei dentro destes critérios, destes fatores de romantização de uma infância, de olhar com saudosismo, geralmente para coisas que nem aconteceram. Alguns colocam, na infância, é tudo tão bonito, é tudo tão lindo, tão fácil, a gente tem o cuidado dos adultos, lembrem-me, os cuidados, por favor, atenção aos termos e expressões gramaticais, na analítica de linguagem, né?

Então tem o cuidado do adulto, vejam, quando cresce, tem 30, 40, 50 anos, ninguém mais vai cuidar dele. Há uma perda terrível aqui, não parece? Ou então, a atenção, olhem bem, a criança tem a atenção dos adultos.

Um adulto tem a atenção de quem? São freios poderosíssimos que a pessoa vai colocando. E acreditam, muitos acreditam nesses freios.

Há uma supervalorização destes elementos infantis, que quando foram vividos nem foram tão interessantes. Vistos agora de longe e como elementos de freio parecem tão interessantes, a Píppi Meia Longa, alguns conhecem, né? Da escritora sueca Astrid, que em muitos países do mundo, a Píppi Meia Longa virou série de TV, virou filme, é a história de uma menina, muito forte essa menina.

Ela não tem pais, ela vai morar num lugar, chega lá com uma sacola, um pequeno bauzinho cheio de moedas, e ela é muito forte, ela é determinada, e ela é uma menina que passa por cima das convenções, por cima dos mecanismos de época, ela faz valer a

vontade dela de brincar, de ser independente das convenções humanas. É o que muitos adultos, do ponto de vista da afetividade e imaturos, consideram que é o mundo de uma criança. Que a criança pode, que isso é que é viver.

Passar por cima das convenções sociais, que são hipócritas, que são falsas, e viver desta forma. Não estamos falando de um freio simples. Entre as coisas que estão com as pedras do caminho, que impedem alguém que está num processo de afetividade, rumo a uma maturidade, a romantização da infância é um dos principais problemas da nossa época, 2025.

Um dos maiores. E é muito fácil você identificar isso na historicidade da pessoa, conversando com ela no consultório. Hoje, muitos aprendem o discurso na clínica politicamente corretos, passaram por vários terapeutas, já sabem que é muito feio culpabilizar o marido ou a esposa, que isso é um sintoma grave, que o correto é puxar a responsabilidade para si mesmo.

Há muita afetação hoje no discurso, na clínica, entre muitas coisas. No entanto, ainda os caracteres migram de várias formas. E ao acompanhar a historicidade de uma pessoa, rapidamente esses caracteres começam a aparecer.

A pessoa coloca, às vezes, com fundamentos, inclusive, o quão a vida adulta é enfadonha, o quão é estéril, o quão é sem graça, é pagar contas, é se estressar, é todo o tempo ter uma chateação qualquer. Enquanto viver sem essas responsabilidades, sem esses pesos, sem esses elementos, isso sim é que é interessante, etc. E quando você enraiza isso, para ver o que, para onde isso aponta, o que você tem, então, de novo, esses elementos.

Se fosse dada essa pessoa essa liberdade toda e tudo isso que ela quisesse, o que você acha que aconteceria? Para onde acha que ela iria? Por quanto tempo até começar a esbarrar com problemas realmente muito grandes, fruto dessa infantilidade toda nas afetividades?

Aqui há que se ter cuidado. Não são poucos os que pregam discursos libertários, muito bonitos e profundos, sobre liberdade, sobre viver o que se tem no coração, a hora que se quer, da maneira que se quer, que isso é que vale a vida. E quando você enraiza, o que você descobre é exatamente o discurso maquiado em torno de uma infantilidade emocional muito grande, em alguns casos, que não são poucos, perigoso.

Um outro elemento é os elementos de contraste. Os adultos têm insensibilidade, são pragmáticos, interesseiros, não fazem nada porque eles têm, de fato, uma boa vontade, um bom coração. Diferente das crianças, o adulto vai trabalhar esses elementos conforme agendamentos prévios.

Tudo é falso, nada se sustenta. Olhem essa universalização e o risco de uma universalização como essa. E que, em alguns casos, ainda que isso tenha sentido, mas universalizar dessa forma, vivemos um mundo complexo. Como adultos, precisamos ter regras, normas, em vários setores da nossa sociedade, exatamente para que, na medida possível e cada vez mais, tenhamos liberdade, tenhamos poesia, tenhamos uma série de coisas. As regras não são pelas regras e continuação.

E ainda assim, lembrem, há muitas segmentações entre os adultos. Há o adulto que, de fato, vai justificar pessoas que têm uma infantilidade emocional. Sim, há muitos adultos que vão servir perfeitamente a esse modelo.

E, como já vimos em estudos anteriores, essa pessoa tem uma acuidade, em geral tem, muito precisa para identificar esses adultos e os usar como exemplo, do que seria crescer, e como deve ser terrível, ser árido, sempre preocupado, sempre de mau humor, sempre cansado, sempre estressado, sempre tudo isso por ser adulto, claro. Existe um outro fator aqui.

Desde o século 18 e 19, não quer que antes não existisse. Antes existia isso e há muitos exemplos, mas a partir daí, isso ganha uma dimensão muito grande das mídias, livros, filmes, periódicos. Observem quantos meios instrumentais de comunicação começam a reforçar, a apresentar, vocês encontram isso em desenhos animados, em peças de teatro.

O reforço desse agendamento cruel, pesado, olhem, numa época em que nós falamos tanto em alteridade, e condenamos racismos, e condenamos bullying e tantas coisas, não é um bullying universalizar o que é um adulto, universalizar o que é uma criança? Esse próprio que se diz injustiçado numa sociedade, por outras razões, como vimos, e raramente por se dizer afetivamente imaturo, ele não está fazendo também a mesma coisa que ele acusa outros de fazerem? A universalizar os adultos, dizer que todos são pragmáticos, todos são hipócritas, todos só têm interesse.

Muitos adultos são assim, como muitas crianças também são assim, muitas crianças manipulam, muitas crianças mentem, muitas crianças machucam deliberadamente, às vezes porque estão experimentando, às vezes porque estão crescendo, aprendendo, outras vezes por outras coisas, assim como adultos também fazem isso. A idealização do cuidado, esse é um fator realmente fundamental. Essa idealização do cuidado é uma das queixas mais recorrentes em pessoas de 30, 40, 50 anos que possuem uma afetividade infantil.

A idealização do cuidado, de olhar e considerar uma criança, uma pessoa que tem 4, 5, 8 anos de idade, ela tem quem cuide dela, ela tem quem se interesse por ela, quem alimente, ela grita, chora, a mãe vem ver o que você quer, comida, se está com alguma dor, houve algum problema? A idealização do cuidado, a idealização, podem inserir aqui da atenção que ela recebe, que é grande, ela é uma criança, o adulto que perpetuou essa imaturidade infantil, levando vários desses caracteres para os 30, 40, 50 anos, o que faz? Pede por esses cuidados, exige por esses cuidados, se ressentido por não ter esses cuidados.

Isso é assim para todos? Não. Isso é assim sempre? Também não. É uma das características muito amplas destes adultos, em muitos deles. Então, essas pessoas no consultório, usualmente, podem dizer que não têm atenção, a não ser que gritem, aí todos ouvem.

Que não é atendida como ela atende os outros, ela é boa para todo mundo, ninguém é bom para ela, ela se interessa por todo mundo, ninguém se interessa por ela. Isso não é verdade, na maior parte dos casos isso não corresponde aos fatos, mas sim às

impressões subjetivas dessa pessoa, em suas gangorras e balanças tortas. Para ela é assim, e vai lutar por isso, culpabilizando os outros, fazendo todos aqueles caracteres que já vimos, usualmente, ocorrerem.

Lembrem, por favor, não sempre, e também não para todos. Essa romantização da criança, essa romantização do cuidado dos elementos infantis, é um dos freios muito pesados, insidiosos, difíceis de transpor. A pessoa que está caminhando em clínica, para uma maturidade afetiva, usualmente, traz isso como uma perda, que se ela, de fato, caminhar para uma afetividade adulta, não terá mais atenção de ninguém, como ela fará?

Porque ela não poderá mais gritar, fazer as cenas de teatro e outras coisas mais, para ter essa afetividade, já que ela agora cresceu. Então, já não terá mais isso. Também não terá o cuidado. Quem é que vai cuidar dela? Quem vai gostar dela? Ela não está percebendo que, como adulta, ela nem vai querer muito isso.

Vai querer outro tipo de cuidado, pelo qual facilmente terá outro tipo de afetividade, outro tipo de coisa. Isso é típico de elementos de transição. Aqui entra um fator muito delicado.

Bom, aqui nesse item, um dos livros que ilustra muito bem disso é o Carlinhos. Lembram do Carlinhos do Ziraldo? Carlinhos do Zeraldo é o protótipo. Ele apronta horrores no menino maluquinho. Nossa, mas ele apronta muita coisa. Só que ele tem o respaldo da família, dos amigos. Quando ele passa, eles chamam, puxam de volta. Mas ele tem. É uma delícia ser uma criança assim. Experimenta tudo. Sonho, poesia, desafios. Afinal, ele tem o amor da família que o ampara. Ele tem o amor dos amigos. É quase um carimbo dizendo para alguns que se mantenham imaturos. Qual é o sentido de crescer? Nenhum. Só há perdas, não há nada de outra ordem. Bom mesmo é ser menino maluquinho. Só que menino maluquinho com 6 anos, 8, 10 é uma coisa. Menino maluquinho com 35, 40, 50 anos ou mais é uma outra coisa. Costuma ser um fardo para a própria pessoa e para a sociedade. Muito pesado. Costuma ser muito caro a todos. É muito difícil, como já vimos aqui, lidar com certas situações nesse contexto.

Há um último fator, deixei por último. Nesse caso específico deixei por último, pois é um dos elementos mais insidiosos, mais difíceis e arrebatadores. Na clínica costuma ser de grande dificuldade trabalhar isso.

No aspecto, no capítulo da romantização das afetividades imaturas rumo a algo que para elas é assim. Essa romantização da infância, que muitos adultos imaturos emocionalmente fazem, conhece um elemento que é desafiador em clínica, que traz realmente aqui sistemas de pesquisas e aprofundamentos importantes, continuados, urgentes e com muitos recursos. Na nossa época ainda é muito assim.

Que é a ideia em torno dessa romantização da infância de que manter-se imaturo, manter-se um adulto, considerem por favor, a pessoa tem 30 anos, 40 anos, 50 anos de vida ou mais. Para ela manter-se imatura afetivamente, fazendo birras, fazendo manhas, todas as características que vocês já viram durante os nossos estudos. Exigindo que as coisas sejam do jeito que ela quer, na hora que ela quer, da maneira como ela busca, ou ela não vai querer mais.

Culpabilizando os outros, tendo ciúmes de tudo, objetando tudo que possa vir de um elemento adulto, há um substrato aqui que surge, que é achar que manter-se assim é uma chance existencial, muito concreta, sensata, defensável de se estar no caminho certo, que é o caminho da autenticidade. Que enquanto ela for assim, ela não vai precisar ser como a tia, como a mãe, como o pai, como o irmão, como o marido, como a esposa, que são adultos enfadonhos, hipócritas e falsos. Ela, por ser assim, não é nada disso.

Ao contrário, ela está no caminho do que é ser autêntico, do que é ser correto, do que é ser bom, tal qual a romantização daquela infância que ela tem em sua alma, em seu coração. Se, numa conversa de adultos, você temente em 35, 40, 50 anos, sentar com essa pessoa e falar de alguns paradoxos em torno disso, como, por exemplo, é ser autêntico, é ser, de fato, tomar o caminho certo e correto, jogar a culpa das coisas que acontecem sobre os outros, da sua infelicidade, a pessoa poderá, se quiser argumentar, dizer que ela é muito boa para os outros. Geralmente, essa pessoa depende em várias instâncias dos outros, assim como a recíproca ocorre, mas ela não vê nada disso.

E o pouco que ela faz pelos outros geralmente é muito maior do que qualquer coisa que façam por ela, como já vimos. Ela poderá argumentar, eventualmente, até um trecho do caminho, antes de explodir, antes de dizer que você está torcendo tudo, que você não ouve o que ela diz, você só ouve o que você quer. Olhem bem quem está dizendo isso.

E que, portanto, é inútil continuar essa conversa, porque você é como os outros adultos, falsos, hipócritas, achando que está ajudando alguém. Por que você não se ajuda? E aí, talvez, ela aponte em você coisas muito delicadas e surpreendentes, que nós mesmos não percebemos nós.

Ela vai dizer, aquele dia que aquela pessoa te deu uma pintura horrível, muito feia mesmo, o que você fez? Ai, que pintura bonita, muito obrigado, vou emoldurar, você não fez isso? Isso não é ser hipócrita?

Ela tem razão no que ela está dizendo, ou não? Segundo os nossos patamares de época, claro que tem razão. No entanto, a partir daí universalizar todo o resto e usar como justificativa esse argumento para validar todos os argumentos tortos que ela está apresentando, aí é uma outra coisa.

Só que nesse embate e nessa alteração de coisas, é muito improvável que essa conversa vá a bom termo até alguns pontos. Lembrem, a incapacidade de lidar com a frustração, com a rejeição, com o antagonismo do outro, é provável que fiquem mágoas e outras coisas aqui, difíceis de elucidar em alguns elementos. Então, essa ideia de que a pessoa, nesse comportamento infantil, olha, se você colocar outros elementos, se disser, poxa, você tem 40 anos, seu pai idoso tem quase 70, você acha razoável uma pessoa, um homem, uma mulher de 40 anos, explodir com o pai e a mamãe, xingando esse pai e essa mãe, dizendo que é burro e outras coisas?

Você acha isso uma atitude de uma pessoa adulta? Observem a argumentação, sim, é, porque esse pai e essa mãe tem diabetes, não pode consumir doce, e o que estava fazendo com a porta de geladeira consumindo doces? Na contra-argumentação, se mostrarmos, poxa vida, mas é um adulto de 70, 80 anos, não tem o direito, é a

responsabilidade dele, dela, se você quer ajudar, tem que ser aos gritos e xingamentos, é assim que você vai ajudar esse outro?

Observem que as contra-argumentações quase sempre serão validadas, ok? Como, se fosse seu pai e sua mãe, duvido que você também não reagiria assim, e quando você for falar com esse pai de 70 anos, com essa mãe de 70 anos, talvez conte coisas muito maiores, como arrancou a bandeja de doces da minha mão e jogou na parede, quebrando, inclusive, o lustre, ou deu um chute tão forte na porta da geladeira que ela já não fecha mais agora, ou começou a se desesperar e berrar pela casa, dizendo todo tipo de insulto.

Tudo isso essa pessoa não está vendo, está justificando e acha que está plenamente justificada em suas ações. Isso é parte do drama de uma afetividade infantil. Então, este último item, que é extremamente dilemático, extremamente difícil, uma vez que você estará lidando com alguém que não terá condições, em geral não tem, de um argumento consolidado e continuado sobre esses assuntos, é muito raro e difícil que essa conversa se prolongue.

A meio caminho, essa pessoa tende a explodir, tende a começar a dirigir ofensas a você e outras coisas, e a se desesperar, ameaçar que vai se matar, porque ninguém realmente liga para ela e tudo mais, e outras coisas mais. Hoje nós vimos um dos principais problemas no caminho de uma afetividade adulta, para quem tem 30, 40, 50, 60 anos. Um desses principais problemas atende pelo nome da romantização da infância, da criança.

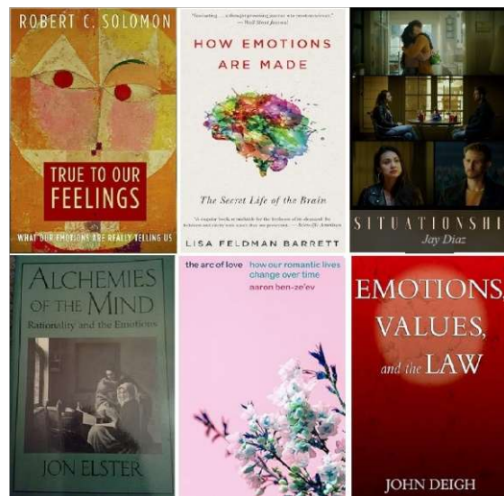
Algo que é tão problemático para estes quanto provavelmente é para uma criança que está crescendo. Aqui no Brasil tivemos todo um movimento intelectual querendo afastar a visão ingênua dos nossos índios, essa romantização dos nossos índios, querendo que fossem vistos como seres humanos, com problemas que seres humanos têm dentro das características e peculiaridades deles. Conseguimos muito avançar com relação a isso.

Alguns ainda têm noções infantis sobre isso. Como se os índios não tivessem problemas, como se os índios não cometessem erros, e nossos historiadores dizem que cometem erros e têm enormes problemas, como nós temos, diferentes, mas tem. Então esse abandono dessa visão ingênua em torno dos nossos índios ajudou muito a nossa sociedade indígena, a nossa sociedade urbana, ou mesmo em outros segmentos.

Como as nossas mulheres, por exemplo, que até recentemente vocês sabem como é que eram as coisas, desde o mercado de trabalho até a vida dentro de casa, a grande preocupação que nesse momento há em todo o país com ataques a mulheres, a crianças, isso são conquistas que com muito trabalho a gente tem feito, pois vamos continuar. Uma das conquistas importantíssimas, e que muitos já conseguiram, é terminar com essa romantização forçada e universalizante da infância como um elemento puro, sublime, e os adultos como algo terrível e ruim. Chega disso.

Para podermos termos um número grande de adultos com afetividade desenvolvida, precisamos caminhar com isso.

AULA 17 – UM PASSO ALÉM – 02/05/25



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Uma delas. Há muitas.

Esta que estamos vendo privilegia alguns itens fundamentais na filosofia clínica, no estudo dos contextos, de elementos assim. Vamos agora diretamente a São Paulo, interior de São Paulo, e de lá o professor Clailton apresentará um dos momentos muito aguardados, que é a resenha da nossa aula passada. Boa noite, professor.

Por favor, pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 25 de abril.

O tema foi a romantização da infância como freio para muitos adultos emocionalmente imaturos. Algumas pessoas, em sua jornada existencial, encontram pelo caminho desafios que para outros nem sequer despontam no horizonte. Um desses desafios diz respeito à romantização dos elementos da infância.

Para esses muitos, existe um contraste. A infância adquire o caractere da pureza. Ela é alegre, leve, suave, é ligada aos sonhos, aos melhores princípios de bondade.

Já o adulto é avarento, insensível, tem o coração duro. A vida adulta é chata, ele lida com coisas chatas. Existem adultos que de fato se encaixam nesse modelo.

E aquele imaturo, quando identifica alguém assim, usa como exemplo e generaliza. Diz que todos os adultos são assim e que seria terrível crescer, sinônimo de estresse e

cansaço, por exemplo. Se cada um de nós avaliarmos a própria infância, ela é assim mesmo?

Foi pura, leve, alegre, isenta de responsabilidades? Quantos de vocês conhecem que teve a infância dessa maneira? Para alguns afortunados pode ter sido, mas a maioria não passou por isso.

Provavelmente a maioria lembra da infância com momentos difíceis. Alguém querido que se foi, não pôde estudar ou estudou com muita dificuldade, passou por uma cirurgia, havia desemprego, tensão no ar, coisas assim. No entanto, muitos que possuem uma afetividade imatura para os padrões da nossa época, olham para essa infância e romantizam.

É curioso que em consultório, quando realizamos enraizamentos na infância desses que assim agem, não costumamos encontrar elementos que justifiquem essa romantização. Esse que eleva a infância costuma reclamar a ajuda que a criança recebe, a atenção que a criança tem dos adultos. Se ela crescer, quem vai fazer isso por ela?

A idealização do cuidado é uma das queixas mais recorrentes da afetividade infantil. Uma criança grita, chora, os pais correm para ver o que aconteceu. E o adulto que perpetuou essa afetividade infantil, muitos deles pedem, exigem por esses cuidados. Ficam ressentidos se não recebem. Ela sente que é boa para todo mundo, se interessa por todos e ninguém faz isso por ela. Na maior parte dos casos, isso não corresponde aos fatos, mas na impressão subjetiva da pessoa imatura, costuma ser assim.

Quando uma criança ignora as convenções sociais, esse que é imaturo logo diz, isso é que é viver, isso é que é liberdade. Para quem está passando pelo processo de amadurecimento, quando olha para essa infância romantizada, o crescimento representa uma perda. Ela sente como se estivesse perdendo essas coisas, não percebe que como adulto não vai precisar e nem querer tudo isso.

Por fim, mais um argumento que parece plausível para uma pessoa se manter imatura, é achar que se mantendo assim, há uma chance de permanecer no caminho da autenticidade. Ela não será, como muitos ao seu entorno, enfadonhos, hipócritas e falsos. Ao contrário, ela se acha autêntica, está em um caminho correto, que é bom, e isso inclusive costuma ser demonstrado com argumentações, etc.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito bonito o seu trabalho, Clailton. Muito bonito o seu trabalho, Clailton. Muito obrigado.

Vamos agora à ilustração, vocês sabem, alunos que fazem ao vivo recebem sempre um lindo presente. Essa obra de hoje é muito bonita. O Philip Glass é um autor que faz uma derivação do jazz, aliás, uma pontuação difícil do jazz, que é aquela parte em que ele caminha para a música erudita, a música clássica, mas na parte em que ela é mais econômica, o que não combina nem com o jazz e ainda menos com a música clássica.

Mas é uma estrada possível dentro da música, ainda que bem difícil. Geralmente, para dominar essa arte, o músico tem que conhecer muito desses dois segmentos. E é o que ele faz.

Ele é um músico que, nas melodias, nas composições, ele lembra muito algumas daquelas fugas de Johann Sebastian Bach. Ele caminha, evolui com a tema, retorna, retorna, retorna, faz as repetições, sempre acrescentando. Há muitos nomes para isso.

Um dos nomes pelos quais esse tipo de música ficou conhecida é a música minimalista. Ela é bonita, ela é muito tocante. Vamos ver hoje o estudo número oito do Philip Glass, que é um estudo delicado na interpretação de duas guitarras, dois violões e a bateria.

Observem os elementos. A música evolui e repete, evolui e repete, evolui e repete. Vamos então a essa ilustração.

Acesso a reprodução do Estudo nº 8 de Philip Glass aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=dPwmABMnZZQ>

Algumas pessoas deixaram aquela parte das afetividades, que são caracterizadas numa época como a nossa, como infantis. Ultrapassaram isso de várias formas. Nos seus contextos, já vimos os caracteres em torno disso.

E migram para afetividades profundas, mais amplas e com especificidades já hoje bem conhecidas, estudadas nos nossos dias. Algumas delas. Como essas pessoas lidam quando encontram problemas, problemas graves, problemas concretos e difíceis?

O que vocês verão agora nesse estudo desta obra mostra parte disso, mas também mostra univocamente que é muito improvável que um adulto de trinta, quarenta, cinquenta anos consiga conviver com os problemas da afetividade que os senhores verão agora. Um adulto cuja afetividade é infantil dificilmente consegue transitar em águas como estas que nós veremos, com as perturbações, com as oscilações, com os elementos. Muito antes disso já explodiu, já fez todas aquelas características e estudamos.

Para assistir ao vídeo clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=qPDpS9SlzQ0>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Essa moça estava no automóvel, não é? Como vocês viram no início, ela entra no apartamento, o rapaz a recebe e diz a ela que está cozinhando. E ela diz que não havia movimento no trânsito, ela pôde chegar logo.

Então, ele diz um momento que ele está cozinhando e ela se surpreende. Ela diz, você está cozinhando? Ele diz, é.

Então, ela vai até a cozinha e ela pergunta se está tudo bem por uma fumaça e tal. Ele diz, ok, mais ou menos. Mostra que ele não tem muita fluência na cozinha.

Ela pega aquele bichinho verde, o Sr. Pickles, e mostra para ele algum bichinho de pelúcia que para eles devem ter algum significado. E ele diz que é o favorito do Hugo, que

lembra muito a ela. E ela faz um trocadilho, uma brincadeira. Ela diz, é, dá para ver que é parecido e tal. Esse rapaz mandou a ela um convite, depois de dois anos afastados, para que ela fosse até a casa dele. Ela então vai.

O título da obra, que é Situationship. Situationship é uma relação que é indefinida, que ela não é clara. Que ela tem matizes que não definem o que é de fato que está se passando.

Se é um namoro ou algo assim. Mas geralmente é uma situação, é um relacionamento mais profundo. Seja lá o que ele for, ele é mais profundo.

Bom, ela vai até a casa dele. Vamos ver o que acontece a partir daí.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Ele diz à ela, que nesse livro, há muitas coisas dele e que ele cavou muito forte, muito profundamente, atrás disso, daquilo que aconteceu nos últimos anos, na vida dele, se ela percebeu isso. E ela responde de uma maneira irônica. Ela diz, foi isso mesmo que aconteceu.

Observem aqui a pontuação do discurso. São pessoas adultas que têm um relacionamento profundo de alguma ordem. Este rapaz mandou uma mensagem a ela.

Eles estavam afastados. Nesta mensagem, ele convida a moça a ir até a casa dele. Ele quer conversar com ela.

Eles tiveram algo muito profundo. Há dois anos estão longe um do outro. E ele convida para terem essa conversa.

Considerando a nossa época, considerando os nossos contextos, o que faz uma pessoa que, do ponto de vista das afetividades, conseguiu, em meio a tantas oscilações, a tantos problemas de uma época como a nossa, conseguiu uma certa maturidade das emoções, de maneira a poder caminhar com elas, aprofundá-las. Como essa pessoa age? Quando alguém que gosta muito dela manda uma mensagem e, seja lá o que aconteceu, diz, olha, vamos conversar, venha, venha até a minha casa, vamos ver.

Ela diz, antes disso acontecer ali, no meio dessa mesinha ali fora, que ela acha estranho retornar a esse lugar. Ela diz isso literalmente, que é um pouco estranho para ela voltar a estar ali com ele, conversando ali. Provavelmente já tiveram muitos momentos ali.

Então, vamos acompanhar esses elementos. Se, de fato, estamos falando de pessoas que no nosso contexto, na nossa época, conseguiram levar as emoções além do que muitos conseguem, ou seja, há uma certa maturação dessas afetividades conforme os preceitos de época, os contextos, etc. Então, nós temos aqui alguns elementos a questionar e a pontuar tudo isso.

Ela dificilmente iria sem considerar vários elementos ambientais, que vão desde a casa, desde o que eles viveram, desde o que se passa nesse contexto, e outros fatores. A maneira como ela se aproxima, a maneira como ela olha os objetos e tudo mais, como

ela interage com esses objetos que estão nessa casa, e ele também. Ela estranha que ele está cozinhando.

Provavelmente ele não tinha isso. Ele é um escritor. Ela diz que provavelmente a obra dele será outro best-seller.

Pela maneira como ela lida, pela maneira como ela interage com ele, nós temos caminhos existenciais. Vamos ver o que ocorre no aprofundamento dessa conversação. O que nós podemos pontuar daqui?

Fosse aqui alguém com uma afetividade que ficou muito aquém de seus contextos, de sua época, provavelmente teríamos outros pareceres. Nós já vimos como ocorre quando há questões pendentes, culpabilidades, acusações, gritos e outras coisas mais.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Eles estão tendo uma conversa franca, muito aberta um com o outro. Ele diz que a chamou para uma espécie de agradecimento uma vez que ela influenciou muito a vida dele. O trabalho dele. Ela questiona várias coisas. Ela não vê sentido nisso. Ela pontua algumas diferenças. Alguns elementos. Ela diz que não sabe direito o que ela está fazendo ali. Em torno disso. Depois ela se torna muito irônica. Hostil. Dizendo, quem sabe você vai vender esse livro para a televisão. Você vai fazer algumas coisas. E ele diante disso que ela está colocando diz que convidou. Para que ela fosse livre para ir ou não ir. A conversa toma outros rumos. O que está acontecendo? Ela tem mágoa? Ele tem mágoa? Estão fazendo algum jogo ligado às emoções? Que mostrariam então um outro rumo para as coisas? Ou estamos tratando de pessoas que afetivamente cresceram? Para muito além de uma época. Que encontram problemas e que tentam resolver esses problemas. Ainda que com grande dificuldade. Isso seria uma apresentação um prefácio a pessoas que ultrapassam os elementos básicos, mas que esbarram em elementos de maior dificuldade? Mesclando bons momentos, maus momentos. Alguém com uma afetividade muito incipiente que não pôde por muitas razões se desenvolver como outros critérios na própria alma, razão, juízos, valores, etc. Conseguiria chegar até tal ponto? Ou já muito longe disso já teria colocado tudo a perder? Ou nem iria?

Já teria bloqueado outra pessoa? Nas mídias? Já teria devolvido qualquer situação com ofensas e culpabilidades e outras coisas mais? E chegar a um estágio que se for esse o caso é mais avançado no qual você consegue expor suas emoções justificar o que você está sentindo ou recuar, se sentir magoado, demonstrar estabelecer relações isso seria melhor? Pior? Isso seria mais adequado ou inadequado?

Quais as justificativas em torno disso? Provavelmente seria mais adequado numa época como a nossa que um grande número de pessoas conseguisse chegar pelo menos próximo disso ou até ultrapassar isso de maneira a poder manifestar o que sente manifestar a dor dialogar com isso sem culpabilizar o outro a si mesmo e às vezes assumindo a responsabilidade vimos as diferenças entre isso, não é? O que há na humanidade hoje que seria indicada esta caminhada em detrimento de outras como afetividades muito infantis pelos padrões de época. Observem ao redor observem os

dilemas pelos quais o mundo hoje passa não seria interessante, oportuno indicado que observássemos isso com uma afetividade mais desenvolvida?

Isso não seria melhor mais indicado a todos? Com maior paz serenidade, buscando os princípios de conhecimento e outros de fé e de outros fatores? Eles estão vivendo um dilema que aos poucos começa a se apresentar vamos ver como eles caminham com esses dilemas.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

No segmento anterior, ele havia justificado também o convite à ela, também além da gratidão que ele diz ter, que ela é uma das pessoas que são honestas com ele, talvez a única que seja honesta com ele. Ela disse que ele não é honesto com ela, poderia ser honesto com ela também e eles ficam num impasse.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Nesta etapa, cada um começa a colocar, para o outro, seus sentimentos mais profundos, sendo que nesta parte final ele diz a ela que ela foi a única pessoa para quem ele disse que a amava, para nenhuma outra...Ela questiona várias coisas, ela diz que ele vivia dizendo que não estava pronto para um comprometimento profundo, que não estava pronto e no entanto, quando ela se dá conta, ele se envolve com uma outra mulher. E ela coloca que, entre outras coisas, ela alimentou muito certas questões na alma, no coração, na mente dela, que ele a ajudou a se desenvolver como também escritora. Eles estão dialogando abertamente.

Ele diz que isso não é justo. E ela fala, como que não? E isso que ela viveu por acaso é justo?

Lembrem, se são adultos conversando, adultos do ponto de vista da afetividade conversando, dificilmente algo assim terminará com objetos voando pela casa, com o senho fechado e cada um brigado para um lado sem nunca mais se falar, culpabilizando o outro. Dificilmente, se são adultos do ponto de vista da afetividade, eles têm como intuito, numa conversa como essa, não atingir e destruir o outro, ainda que ele tenha colocado palavras muito duras. Diz para ela que ela, de certa maneira, fez ruir, arruinou elementos dele.

Eles estão conversando abertamente e francamente sobre emoções, estão ajustando coisas. Ela coloca que ela alimentou esses elementos todos e ele está dizendo isso para ela, esses elementos todos que ocorrem no coração dele. Quantas pessoas você conhece que conseguem ter uma conversa sobre afetividade difícil, colocando seus elementos e o outro colocando suas questões, tentando ajustar, tentando contornar, às vezes tentando inclusive enfrentar?

Em alguns momentos, as características em relação a uma afetividade infantil podem ficar muito tênues. No entanto, a leitura de um episódio assim não é pontual, ela é processual. Se for pontual, muitas confusões vão acontecer.

Se for processual, dentro de um contexto, muitos outros elementos têm uma oportunidade de surgir. Quando ele a convidou, dois anos depois, para voltar ali, e quando ela aceitou voltar ali, para terem, entre outras coisas, talvez uma conversa como essa, vocês viram, num momento ela disse para ele, olha, não é tudo, não é sexo. E ele disse, não tem nada a ver com sexo.

Ela o provoca em alguns momentos, dizendo, se é só isso, então vamos fazer. E ele disse, não é nada disso, o que está em andamento é uma outra coisa. Entre esses elementos muito duros e consistentes e recuos, muitos outros fatores aqui estão em andamento.

A historicidade de ambos juntos, a historicidade separada, o que cada um é, o que cada um se constitui, os elementos contextuais, as referências, muito disso está conversando nesse momento. E esse contato que eles têm, traz muito desses fatores, coloca muito a margem desses fatores.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Ela prossegue dizendo a ele, nessas vindas e vindas, eles estão ali de novo. E ela pergunta abertamente para ele, para que ele precisa dela nesse momento? Essa pergunta encerra multidões de coisas que estão ali.

E ele, nas respostas dele, acaba dizendo, olha, antes de qualquer coisa, primeiro nós somos amigos. Observem as marcações desse discurso. Observem os registros dentro dos caracteres que vão mostrar quando estamos diante de uma afetividade que pôde se desenvolver junto com a racionalidade, os juízos, as buscas, não em linha reta, mas de maneira parcimoniosa dentro de um contexto complexo como é este que vivemos hoje.

E observem a diferença que seria se tivessem dois adultos com uma afetividade infantil conversando. Conseguiriam chegar até esse tal ponto? Sem praticamente destruir o próprio encontro, o próprio desejo do encontro?

Ele diz a ela que primeiro eles são amigos. A resposta dela é um dos corolários de todo esse encontro. E quando ele diz que primeiro e antes de tudo eles são amigos, ela diz que como ela pode ser amiga dele?

Ela diz que ela é apaixonada por ele, ela o ama, completamente apaixonada por ele. Como ela pode ser amiga dele? Então, ela elabora esse discurso e diz a ele que se de fato ele a ama, então, que a deixe ir embora.

Se ele a ama, que a deixe ir embora. Observem bem a marcação deste discurso. Uma pessoa cuja afetividade não pôde se desenvolver, já vimos que isso, muito longe de culpabilizar qualquer um por conta disso, estudamos os caracteres, como vamos fazer os elementos de acompanhamento e muitas outras coisas.

Temos estudado isso com todo o respeito e alteridade que é possível neste momento. Agora, alguém com uma tal afetividade infantil e imatura diria isso para alguém? Diria que ama profundamente essa outra pessoa e diria para essa pessoa me deixe ir embora?

Se não estivesse sendo maltratada, negligenciada ou qualquer outra coisa? Apenas percebendo que a interseção não funciona, não é adequada nem para um nem para outro? Que natureza de pedido é esse? Que é feito com o marejar dos olhos, com a respiração que se aprofunda, longe de gritos, longe de acusações, longe de atirar objetos. Que discurso é esse? Na qual você assume o amor que você tem pela outra pessoa, uma pessoa que diz amar você e então é pedido a essa pessoa, que se ama de fato, que deixe que essa primeira pessoa vá embora? Que ato de amor é esse que é tão grande que você amando a pessoa, você abre mão dela para que ela possa se resolver, ser feliz, e não sabendo que com você não será? Quantos você conhece que fizeram isso em vida? Eu digo em vida, pois muitos delegam isso para depois.

Inclusive afirmam categoricamente que depois que partirem, aí a pessoa pode ficar e tomar o rumo que quiser. Em vida nós estamos falando. Isso exige o que? Generosidade, compreensão, aprimoramento, discernimento? O que? É uma das experiências muito profundas dos nossos dias.

Muito exigentes na caminhada da afetividade. Observem como se esparrama pelos horizontes, como cresce, como se aprofunda. E essa conversa toda eles têm à noite, longe da luz do dia, em uma pequena mesa no jardim.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Corina Calderon, que é essa atriz, também a roteirista e produtora, construiu uma crônica maravilhosa dos nossos dias e muito, muito difícil. Ao final, Joe diz que ama Grace e ela também diz que o ama. Só que ela diz que o amor dela não tem paredes.

Um enigma, não? Os nossos dias. E ele, conforme o pedido dela, ela falou, se você de fato ama, então me deixa embora.

E ele, ao que tudo indica, permitiu, não colocou objeções. Nós não vemos o rosto direto da Corina Calderon, dessa atriz, da Grace, da personagem. A câmera nos mostra pelo retrovisor.

E é pelo retrovisor que nós vemos que ela sorri, não é? Abaixo a cabeça e sorri. Um breve sorriso.

Um sorriso de compreensão, talvez. Um sorriso de valeu a pena, vale a pena. Um sorriso de muito mais do que valer uma pena ou não, é uma liberdade.

Um sorriso de quem compreende. Uma das características de uma afetividade que vai muito longe das imaturidades, é saber que não há um fim aqui. E que muito disso que é vivido é recomeçado, é elaborado, vai muito além ao renascimento em cada etapa.

Várias vezes. Inúmeras vezes. E vai muito longe.

É a própria ilustração do ensaio número oito de Philip Glass, com suas retomadas, seus elementos. Quando alguém que está na trajetória, na busca laboriosa de tentar amadurecer seus estados afetivos, se depara com lições avançadas como esta que vocês acabaram de ver, da Corina, nessa crônica contemporânea, pode estranhar muitas

coisas. Pode achar que uma afetividade madura sempre será feliz, sempre será utópica. Lembram da romantização da infância? Aqui é uma romantização do crescer para alguns, que só existe provavelmente nas lendas. Uma afetividade madura, ela se esparrama desde a felicidade à infelicidade, desde a compreensão, mas com outras profundidades, com outras riquezas, que muito longe de colocar a perder a experiência, provavelmente valorizam a experiência.

Há muitos elementos aqui para reflexão.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 18 – PSEUDOMATURIDADES – 09/05/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Hoje é dia 9 de maio de 2025. Temos uma aula que é um grande desafio diante de nós.

Fiz a revisão do material. Se conseguirmos trabalhar e ultrapassar certas dificuldades, será uma aula muito importante na transição para a etapa mais avançada que começa em meados de junho. Vamos agora diretamente a São Paulo e de lá o professor Clailton trará a nossa resenha, que é um dos momentos mais aguardados do nosso estudo.

Boa noite, professor, por favor, pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu dia 2 de maio.

O tema foi Um Passo Além. Quando a base categorial se apresenta estável e também está tudo bem em nossas vidas, parece que a existência exige um pouco menos de nós. Não enfrentamos situações muito complicadas. É possível ir levando sem muitos aprofundamentos nem enfrentamentos de situações difíceis. Mas quando as coisas não estão bem, quando a base categorial oscila ou por outros motivos precisamos enfrentar

contextos mais complexos, aí sim o nosso fôlego será testado. Saberemos por quanto tempo conseguiremos manter nossas convicções, nossos valores e a postura diante de determinadas contrariedades.

Existem pessoas que conseguiram ir além das afetividades infantis que temos estudado e enfrentam esses contextos adversos de uma forma madura, possuem estrutura para isso. Como ilustração dessa aula, acompanhamos um diálogo entre dois jovens, cenas do filme *Situationship*. Eles tiveram um relacionamento mais próximo, profundo, e depois passaram dois anos afastados.

As cenas que assistimos foram de um encontro que tiveram após esses dois anos distantes. Foi uma conversa difícil, mas foi honesta. O encontro aconteceu a partir de um convite do rapaz, ele queria agradecê-la, pois achava que a influência dela em sua vida tinha sido positiva, tinha contribuído com ele.

Mas ela questionou algumas coisas, parecia em dúvida. Embora existissem diferenças e impasses entre eles, a conversa continuava. Não houveram ofensas, gritos, nem xingamentos.

Eles seguiram tentando fazer os ajustes. Em determinado momento ela se abriu, colocou sentimentos mais profundos, disse que não gostou de algumas atitudes dele enquanto estiveram juntos. Ele também tinha suas questões em relação a ela.

E o diálogo continuava, um diálogo longo. Eles trataram de elementos muito duros, difíceis de serem abertos. Após um tempo de conversa, ela falou que o amava profundamente e pediu que se houvesse amor da parte dele também, que ele permitisse que ela fosse embora.

Eles não se entendiam, mas isso não impediu que o amor de ambos continuasse. E diante daquele contexto, ela entendeu que a separação seria a melhor opção. Na cena final, ela vai embora, notamos um sorriso no rosto dela, talvez pela compreensão que alcançou, pela liberdade que tinha desses elementos.

Nós, então, tiramos aqui algumas conclusões. Assumir responsabilidades, buscar discernimento e a generosidade, elementos que vão em direção a um amadurecimento, talvez não seja a garantia de um final feliz, romantizado, mas eles estejam bem próximos de elementos como a tranquilidade, a paz, a segurança e a liberdade. Ok, professor?

Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Cailton. Alunos que fazem o estudo ao vivo recebem sempre presente. O presente de hoje é lindo, muito bonito, muito tocante.

Tem muito a ver com o tópico seis, termos agendados no intelecto. Lembram quando vocês tinham álbuns de fotografia, álbuns físicos de fotografia, que tinha aquele papel em degradê, sanfonado, que você encartava ali as fotografias, alguns já tinham até uma

pequena cola e por cima ia um papel de plástico transparente, cobrindo e protegendo as fotografias. Aquilo era ordenado, alguns pais e mães ordenavam aquilo, lembram?

Essa ilustração que vocês verão agora lembra muito aquilo e é muito bonita. Ah, sim, vou ajudar aqui. Está escrito ali, você provavelmente não lembrará destes pequenos momentos, então eu salvarei estes momentos como pequenos tesouros, apenas para o caso de você querer, to pick back, olhar para trás.

É isso que diz aí, vamos lá.

VÍDEO NÃO LOCALIZADO

Pseudomaturidades. Hoje, com adventos como a internet, livros, vários comentários profundos que você encontra em plataformas, algumas pessoas se dão conta em torno do problema da imaturidade afetiva, de elementos para ir além dela, não são poucos os que têm já discernimento sobre isso. Isso é uma primeira etapa importante para muitos desenvolvimentos, no entanto, alguns não vão além disso.

Às vezes por opção, às vezes por negligência, às vezes por um outro fator, uma grande quantidade de pessoas usam uma maquiagem, uma forte maquiagem existencial como um filtro para a existência. Uma forte maquiagem que para elas, de várias formas, afastam os sintomas, vejam bem, sintomas, em torno de uma imaturidade afetiva para quem tem 30, 40, 50, 60 anos ou mais. No entanto, mesmo essas pessoas que fazem essa pesada maquiagem existencial para esse fenômeno, por N razões, fazem por porosidade, fazem por manifestações de interseções com outras pessoas e outros elementos, fazer vir de outras formas esses elementos de novo para a convivência.

Muitas vezes é assim e esse é o tema do nosso trabalho de hoje. Eu gostaria de recomendar quatro obras que podem complementar o que vamos trabalhar aqui. A primeira dessas obras é 40 Dias, da escritora Maria Valéria Rezende, é uma obra de 2014.

Essa obra trata de uma professora, uma professora aposentada, a Alice, que vem de João Pessoa para Porto Alegre. E como o título da obra diz 40 dias, por 40 dias ela terá acesso a algumas áreas da cidade, na periferia, que desconstruirão muito do que ela entende por urbanidade, por preceitos de uma época, não só pelo contraste de João Pessoa, aquela linda cidade, com esta outra linda cidade que é Porto Alegre, não é apenas pelo contraste cultural, é pela exposição que essa professora terá com elementos que ela considerava muito diferentes. Mesmo que soubesse deles por literatura, mas nunca tinha vivenciado dessa forma.

Uma obra muito bonita e que mostra muito de certas coisas que são ditas, mas nunca foram vivenciadas e de certos contrastes. A outra obra é Eles Eram Muito Cavalos, de Luiz Rufato. Esta obra é aclamada hoje pela Literatura especializada aqui no nosso país como um dos clássicos contemporâneos.

A obra inteira se passa num único dia na cidade de São Paulo. A construção que o Luiz faz nessa obra é qualquer coisa de maravilhosa. Não pensem numa história linear, não há linearidade nessa história.

Há rupturas, fragmentos, ora um fala, ora vários, contextos, muda o contexto dentro da cidade. Um clássico contemporâneo no qual alguém gira o olhar e a perspectiva em torno da cidade de São Paulo. Diferente do livro anterior que eu falei dos 40 dias, ele se passa em grande parte na periferia, mas também se passa aqui na rodoviária de Porto Alegre, em alguns ambientes centrais também.

A obra do Luiz aborda outros elementos muito distintos. Um terceiro livro que gostaria de indicar que é do Julian Fuchs, de 2015, *A Resistência*. Esta é uma obra incômoda, para muitos é uma obra incômoda.

Muito diferente das duas obras anteriores, essa obra *A Resistência* se passa na Argentina, nosso país irmão, mostrando durante a ditadura como é que era a elite do país, principalmente a elite de esquerda, nas suas contradições, nos seus elementos muito intrincados e paradoxais. Ao ler essa obra, independente da pessoa ter uma orientação de direita ou de esquerda, imagino que vá encontrar muitos elementos da própria condição existencial e social. Propósito dele, do Julian, foi trazer como um espelho invertido alguns elementos muito difíceis, muito delicados, um livro polêmico, *A Resistência*.

E por último, uma obra que recentemente achei realmente notável, talvez uma das grandes expressões da literatura recente, é uma obra de 2015, maravilhosa, do Paul Beech chamada *The Seller*, uma tradução livre *O Esgotamento*, de 2015. Eu fiz muitos apontamentos sobre essa obra, muitos para conversarmos, mas vamos tratar do tema central e deixarei para que vocês pesquisem, aqueles que tiverem interesse, dessa história do bombom, que aliás a tradução é bombom mesmo, e de seu amigo, o hominy. O hominy, a tradução livre seria uma canjica, o hominy.

O bombom, esse é um livro que parece a teoria do absurdo. O bombom é filho de um sociólogo e se cria no meio de uma atmosfera de mudança nos Estados Unidos e ele faz uma, para chamar atenção, ele faz uma inovação que parece completamente absurda e é, ele sabe disso, que ele quer restaurar a condição da escravidão no país dele e usa para isso uma escola que ele vai sitiar e outros elementos, ele acaba indo para a corte, para o tribunal. Essa história acaba desta forma e o propósito dele era chamar atenção.

Durante o livro, o escritor, Paul, nos coloca diante dos paradoxos, da insensibilidade de uma sociedade, do fingimento de uma sociedade, que diz se importar com aqueles que precisam muito, que se importem com eles. É um livro constrangedor em vários aspectos. Aliás, o próprio bombom, o amigo dele, o canjica, se oferece como um escravo voluntário, uma tradução livre para ele, para o bombom, e nós percebemos que aquele que busca libertar também é escravo em si mesmo de muitas coisas, de muitas condições.

O livro realmente é impactante e uma das grandes obras da literatura recente. Agora vamos tratar das pseudomaturidades. Todos os dados aqui que pudessem levar a qualquer identificação foram mudados mais de uma vez para que pudessemos trabalhar o que vem a seguir.

Então nós vamos para uma das lindas capitais que temos aqui no país, e nesta linda capital é onde nós veremos essa ambientação que ocorre agora. Um jovem jurista,

alguém que alcançou o reconhecimento de várias maneiras em sua atividade, um homem brilhante, com uma educação refinada, ele possui como uma de suas características uma imaturidade afetiva. E um dia ele resolve, ele chega em casa do trabalho e resolve gravar.

Ele liga o celular dele, coloca no modo gravador e grava uma espécie de monólogo no qual ele se abre. Ele já tem uma ideia do que se passa com ele, ele faz terapia, ele tem amigos, ele lê bons livros, ele tem uma ideia do que se passa com ele, mas ele interniza tudo isso, ele coloca sobre fortes camadas de maquiagem, de erudição e de outras coisas. De certa maneira se sentindo a salvo de lidar com isso diretamente, ainda que ele saiba que essa é uma das maneiras de lidar e que, por vezes, acaba conduzindo a bons termos.

Ele vive com uma médica, ele ama essa moça que, por sua vez, o ama. E isso que vocês verão agora acaba sendo ouvido por ela. Um dia ela chega em casa e ele, ou por intenção aberta ou por descuido, acabou deixando isso de um modo que ela tivesse acesso.

Quando ela tem acesso a isso, ela que é uma médica com quarenta e poucos anos, ela tem uma filha, a Júlia, adolescente, ela ouve mais de uma vez o que ele coloca, isso que vocês verão agora, e então, como uma mulher de quarenta e três, quarenta e quatro anos, cuja afetividade é madura para os nossos padrões de época, ela decide responder por escrito a ele. É isso que veremos agora no nosso trabalho de hoje sobre as pseudomaturidades. Um fenômeno muito disseminado em pessoas cultas, em pessoas que têm acesso à informação, que sabem, de certa maneira, o que está acontecendo com elas e que, em muitos casos, ao invés de buscar realmente um outro caminho para isso, buscam maquiagem, buscam colocar isso sob fortes elementos de justificativa e sabem, às vezes, o que isso acarretará.

Há uma luz suave de fim de tarde através dos muxarabes da varanda. Ele está sozinho, no escritório revestido de ipê roxo. Poltronas macias, um jazz discreto.

Liga o gravador. Acha divertida a ideia de falar para ninguém. E começa.

— Boa noite, meu caro... — Espelho de voz? — É como ele se refere ao gravador dele.

— Espelho de voz. — Olha eu aqui. Cinquenta anos.

Certificados. Carteira da OAB Carimbada. Casa bonita.

No morro do Santa Helena. Vista privilegiada da Bahia de Vitória. A linda Vitória do Espírito Santo.

Adega climatizada que me chama de pai. Se alguém for gravar este momento, jurará que sou o retrato do sucesso adulto. Pois bem, venho confessar que por dentro eu sou uma versão beta que nunca virou o software final.

Observem que este homem, que dialoga com ele mesmo, através de um gravador, colocando, abrindo-se para esse gravador, nos diz já de início que ele sabe o que está se

passando com ele. Que ele não se considera alguém autêntico diante das coisas que ele está vivendo. Começo então pelos meus ciúmes.

Minha doença infantil favorita. Quando a Helena, minha namorada cardiologista, quarenta e três anos, riso de quem sabe a pressão arterial de todo mundo, posto uma foto dela no plantão, eu boto lente de aumento no jaleco de cada residente que aparece atrás dela. Esse aí, sorrindo demais.

Resultado? Abro o WhatsApp e digito. Lindo sorriso daquele rapaz, hein?

Depois eu apago. Por que eu ainda finjo uma elegância? A verdade?

A verdade é que eu morro de medo de ser tocado por um Thor, de vinte e oito anos, com bíceps que eu só alcanço em sonho anabolizado. E a insegurança é o meu colarinho engomado.

Anotem, por favor. Primeiro ele coloca isso que ele se acha uma versão beta, que nunca chega a ser original. Depois ele coloca os ciúmes que ele sente. E então ele vai direto para a insegurança dele.

Estamos lidando com alguém que conhece os sintomas, que sabe que isso poderia, ou às vezes deveria, ser arrumado. O que há que ele não cuida disso, alguém que tem tamanha profundidade sobre os próprios elementos? E, entre outras coisas, estamos diante de um fato que apenas compreender o que se passa para muitos não será condição suficiente para ir além disso.

Enquanto para muitos, sim. A insegurança é o meu colarinho engomado. Cresci ouvindo que era o inteligente da família, só que eu descobri que inteligência não compra a minha paz interior.

Então eu acumulei diplomas, como quem prega medalhas num colete e salva vidas. Furado! Hoje, qualquer crítica, qualquer uma, me faz o Hulk do cotidiano.

Outro dia, Helena sugeriu que eu entregasse a declaração de imposto com antecedência. Interpretei isso, sabe como? Você é um bagunceiro irresponsável.

O que eu fiz foi responder com um tratado irônico sobre minhas setenta e duas horas semanais de trabalho e encerrei com uma porta batendo. Um adulto? Não.

Um criança grande que ganhou cartão de crédito. Há também a culpabilidade para os outros, que virou um reflexo de joelho. Lembram?

Quando bate uma telinha, a pessoa já... É isso que ele está dizendo. Quer dizer, culpar os outros já é um automático para ele, então.

Se eu chego atrasado, culpa do trânsito, do Waze, de Rui Barbosa, que inventou a vírgula. A filha dela, a Júlia, esquece o casaco? Veja, amor, sua filha vive plugada no Tik Tok, como vai notar a previsão do tempo?

Percebem? Eu desvio como lateral em final de campeonato. Também tenho grande isenção de responsabilidade.

Tenho menu de degustação aqui em casa e tudo. Se eu furo a dieta... Ah, mas o italiano da esquina...

Assa, focaccia... No horário da minha corrida, focaccia. Aí ele provoca até nós, leitores, né?

Eles dizem, então, furo a dieta? Ah, mas o italiano da esquina assa, focaccia, no horário da minha corrida. Perco o prazo de petição?

Uau, o judiciário eletrônico caiu bem na hora. Admitir erro me dá alergia. Arrepia, solta farpa de vaidade.

Aliás, vaidade merece capítulo próprio. Meu barbeiro trabalha mais no meu ego do que no meu cabelo e quem paga sou eu. Passo hidratante anti-idade, de madrugada, escondido, como criança lambendo leite-condensado na dispensa.

E a frustração, quando não atendem minhas vontades. Isso é clássico. Se a Helena me diz, hoje não dá praia, tenho plantão, eu fico azedo como limão galego.

Invento expressão de mártir incompreendido. Vá, salve vidas, Helena, deixe-me a sombra da figueira. Mas, por dentro, eu queria só colo.

Tenho cinquenta, cinquenta anos, mas em dialeto emocional quatro e meio. Ainda a minha incapacidade para lidar com as objeções. No tribunal eu argumento com lógica aristotélica.

Em casa, se a Júlia sugere trocar a pizza de pepperoni por margherita, respondo com tese sobre a traição das tradições italianas. Exagero, proposital. Humor involuntário.

Depois fico culpado. Escondo-me no escritório, jogo xadrez contra o computador, no nível iniciante, só pra ganhar de alguém. Eu não me sinto amado.

Meu mantra secreto. Eu não me sinto amado. Dona de mim mesma, Helena acorda às seis.

Corre três quilômetros, salva um miocárdio às nove. Volta radiante. E eu, ao invés de vibrar, traduzo a alegria dela como ausência de espaço pra mim.

Pobre egocentrismo. Preciso caber inteiro no coração alheio, senão eu sinto combustão de abandono. Considerem, por favor, o quanto este homem elaborou, trabalhou, compreendeu o que se passa.

O que faltou para ele encaminhar isso de outra forma? Ou será que ele já está fazendo isso, ao nos trazer esses elementos? Ele usa de humor, usa de bom senso, mas também mostra sua dor.

Ele está indo para algum lugar?

Tenho um humor autopreservativo. Olho ao redor, quadros de Beret na parede, piso de madeira aquecido, Alexa aguardando comandos.

Sou basicamente o menino maluquinho do Ziraldo, depois que cresceu e abriu o CNPJ. Troco a panela na cabeça do menino maluquinho por um smartwatch, mas continuo tropeçando nos próprios cadarços emocionais. E as minhas máscaras favoritas são claras.

O magnânimo distribui elogios públicos para Helena, minha rainha da angioplastia. Nos bastidores fiscalizo curtidas das redes sociais dela, como um inspetor da KGB. Também outra máscara que eu tenho como predileção é a de ocupado.

Se sinto medo de conversa séria, marco reunião imaginária e saio correndo. Amor, cliente emergencial. Na verdade, fico no carro ouvindo podcasts sobre estoicismo, ironia que até Sêneca choraria.

Outra de minhas máscaras é a de sábio. Uso citações latinas para encerrar as discussões. Amor, cave atentor. É uma expressão latina, não é? O comprador deve estar atento. Você escolheu o namorado, eu digo.

Traduz errado de propósito, para ninguém retrucar. Tenho meus subterfúgios internos também, aquele truque de esconder bagunça empurrando tudo para debaixo do tapete persa. Encho o guarda-roupa, de ternos caros, só para iludir a voz que sussurra, menino pobre de Guarapari, disfarçado de doutor. Compro livros, que eu não leio, sobre paternidade positiva. Terremoto de culpa por não ser um modelo para Julia?

Faço piada, autodepreciativa. Ah, a Helena vai me dispensar quando aparecer um cardiologista com abdômen tanquinho. Coloco medo na boca do palhaço, como quem oferece pipoca ao monstro do filme.

E tenho as minhas explosões. Ouço o tempo dos fogos de artifício, hoje chamam de mini-colapsos. Meu último, caixa de som Bluetooth, caiu da prateleira e quebrou.

Em vez de assumir o mau encaixe, culpei a faxineira antes mesmo dela chegar. Depois, comprei aparelho novo, top de linha, embrulhei a culpa em plástico bolha e empurrei para o esquecimento. Aí ele coloca, no meio de tudo isso, um intervalo filosófico.

Lembrem, ele é um jurista e estudou filosofia também. Adulto é uma criança que deu certo, dizia meu professor de ética. Sou talvez uma criança que tirou boas notas em retórica, mas esqueceu educação emocional de recuperação.

Tenho as minhas táticas de fuga também. Presentemente, em estudo. Terapia.

Voltei faz três semanas a fazer terapia. Conteí três piadas, dois casos de tribunal, zero vulnerabilidade. Terapeuta franziu o cenho, como quem tenta abrir cofre sem senha.

Mindfulness. Aplicativo me manda respirar. Respiro.

Penso na Helena, rindo com um colega lá de plantão. Minha taquicardia volta. Cancelo a assinatura.

Ensinar Júlia a dirigir é outra das minhas fugas. Fantasio que, ao orientá-la, vou amadurecer. Por enquanto, eu só gritei embreagem e ela freou com tanta força que eu mordi a língua.

Aceitar objeções sem tempestade são parte dos meus planos. Planos de uma constituição interna. Aceitar objeções sem tempestade. Próxima pizza será a margarita, prometo. Dizer errado em primeira pessoa. Vejam, esses são planos que ele tem para sair desse estado de coisas.

Ele já reconhece o que está se passando e agora ele mesmo, diante desse quadro, ele começa a apresentar, então, alternativas. O que fazer? A primeira, então, é aceitar as objeções sem fazer tempestade.

A segunda é ele dizer que está errado em primeira pessoa. Eu errei o prazo, ponto final, sem meteoros justificativos. Outro que ele coloca: Delegar ciúmes para o serviço inútil de objetos perdidos. Se Helena recebe curtidas, é porque ela vale curtidas. Loucura seria o contrário.

Já se vê que ele não é um filósofo clínico. Se fosse, não diria loucura. Usaria outra palavra.

Cultivar silêncio sem ressentimento. Ficar quieto, sem fantasiar abandono. Apenas respirar.

APP, bem-vindo de volta. Humor, mas não como um escudo. Não, e sim como ventilação.

Rir junto, não rir por cima. Medo mestre das cerimônias. Eu temo.

Temo sobretudo que Helena perceba que está casada com um homem menino. Que Júlia me veja como um boneco inflável, grande por fora, ar por dentro. Eu temo não crescer a tempo.

Temo que meus pais já falecidos batam palmas lá do além, orgulhosos das conquistas, ignorando este vácuo afetivo não resolvido. Mas há esperança para mim. Aos cinquenta anos eu percebo que a régua da maturidade não expira.

Posso, quem sabe, alinhar coluna emocional com quiropraxia existencial. Hoje cedo, enquanto a chaleira pitava, experimentei algo inédito. Escrevi para Helena.

Bom plantão! Amo você sem GPS de controle. Não pedi comprovação de recibo a ela e ela respondeu só à tarde, com um coraçãozinho azul.

Não cheguei... Não chequei quem mais tinha usado o Emotion. Vitória!

Pequeno passo do homem criança rumo ao homem alguma coisa. Finalizo minha confissão dizendo. Se este monólogo virar crônica, quero título sugestivo.

Manual de sobrevivência do garoto de cinquenta. Subtítulo Como usar gravata para esconder mamadeira emocional. Desligo o gravador.

Mas a vida segue me gravando. Hora de descer, abrir vinho. Não para afogar medos, mas para brindar a pequena coragem de admitir que eles existem.

Quem sabe amanhã, quando a filha de Helena me pedir carona, eu apenas entregue a chave e diga confio em você. E cale meus avisos compulsivos. Talvez seja ali no banco do passageiro que o meu verdadeiro cinquentenário comece.

E veja só, ainda haverá música boa tocando no rádio, sol alaranjado sobre a terceira ponte e eu, menino homem, respirando fundo, finalmente curioso para descobrir o mundo sem tantas desculpas. Ele encerra, ri de si mesmo, a casa cumpre-se e devolve um silêncio amistoso. Pela janela a baía muda de cor.

Fim. Tudo isso caiu na mão da Helena. Essa gravação inteira que ele fez.

Como Helena, uma mulher de 43 anos, uma mulher que tem uma filha adolescente, que tem uma carreira que emocionalmente se desenvolveu e que já vem notando esses sintomas e outro por parte dele, do Eduardo. Como a Helena vai reagir a isso? Se fosse uma criança, tal qual o Eduardo, do ponto de vista da afetividade, já temos uma ideia.

Mas como uma mulher adulta, ao se deparar com isso, vai reagir? Há muitas formas. Isso depende de contexto, depende de uma série de fatores.

Eles vivem numa linda capital do nosso país, que é Vitória. Com uma linda visão para o mar, vejam, até a terceira ponte é vista ali. Vamos ver o que ela faz.

Ela escreve uma carta. Formal. Vitória, 7 de maio de 2025.

Querido Eduardo, escrevo esta carta com a mesma tranquilidade com que entro no centro cirúrgico. Meu coração firme, mãos atentas e a consciência de que, às vezes, é preciso portar para salvar aquilo que ainda pode viver com dignidade. Li o teu monólogo inteiro, cada linha, cada tropeço deliberado, cada gargalhada que embrulha a tua tristeza.

Li devagar, duas vezes. Como quem ausculta um sopro cardíaco difícil de escutar. Doeu.

Enterneceu, mas também esclareceu. E depois de muitos dias refletindo, eu chego a esta decisão. Nós não deveríamos continuar como casal.

Peço que leias tudo, até o fim, antes de contra-argumentar. Veja, ela já conhece a natureza do Eduardo, sabe que, entre as características, é muito difícil colocar certas questões que parecem que vão ameaçar. Ele já quer interromper, já quer contrapor, ela coloca esses elementos que ela já conhece do Eduardo.

Peço que leia tudo, até o fim, antes de contra-argumentar. Conheça sua tentação. Tu mesma descreveste vestir a beca interior, empilhar citações latinas e defender-se do desconforto.

Mas essa carta não é denúncia, não é petição. É diálogo de despedida, redigido com afeto de quem te quis, te quer bem e seguirá torcendo pelo teu amadurecimento. Disseste que o sucesso o tiveste como terno caro, mas por dentro moras na versão beta.

Não me surpreende, Eduardo. Convivo com essa criança disfarçada há quatro anos. O amor, para mim, é um encontro entre inteiros, não o salvamento de uma metade pela outra.

Estive disposta a caminhar ao teu lado, enquanto buscavas a tua inteireza. E fizemos muitos avanços, mas percebi que, se eu fico, acabo virando espelho de parque de diversões. Distorço-me na curvatura dos teus medos, para evitar que raches em susto.

Isso já não é parceria. É funambulismo emocional. Quando te sentes menor, acusas o mundo.

Quando te elogiam, tens medo de que o pedestal o lance? Esse pêndulo incessante suga a energia que precisaria ser investida em construção, a dois.

Passei a medir palavras para evitar gatilhos. Qualquer sugestão virava improvável ataque ao teu valor. Descobri-me, recuando nos meus planos.

Vamos ver isso que ela está colocando. Vejam que Helena valoriza a cultura, a erudição e vários outros aspectos da vida do Eduardo, sem, no entanto, negligenciar os aspectos que há quatro anos ela tem percebido. Ela coloca com muita clareza e precisão o que está acontecendo.

Se sente menor diante de coisas que às vezes ela nem sabe, mas está conversando e de repente nota que mudou, algo foi dito, algo não foi dito, sempre cuidando, sempre pisando em ovos, que vida é essa? Porque ele já se sente menor, já faz um drama, já estragou o final de semana. Ou então, se elogiam, ela diz que ele tem medo, sente uma farsa, um impostor, qualquer coisa.

Quer dizer, não tem saída e não é uma vez ou outra algo ocasional que pode acontecer provavelmente com todos nós, é algo continuado. Continuado? É direto!

Este pêndulo incessante suga energia que eu precisaria para ser investido em construção, construção a dois. Passei a medir as palavras para evitar os gatilhos. Qualquer sugestão virava improvável ataque ao teu valor, que é provavelmente o que o Eduardo conta lá no Terapeuta.

Ah, qualquer coisa que eu faço ela me critica, se eu lavo o carro, lavei mal e deixei fora os tapetes, se eu lavei os tapetes e lavei tudo, ah, mas por que não passou um brilho nos pneus? Sempre, nunca vai estar bom, não é assim que o Eduardo vai colocar? Um adulto no lugar do Eduardo que passasse por isso, um adulto cuja afetividade fosse adulta.

Ah, tá bem, esqueci, pronto, outra hora eu limpo. Qual o problema? Isso não é um drama, está longe de precisar ser perfeito, o que não é o caso do Eduardo.

Até nas confissões dele, ele busca uma perfeição. E a Helena parece saber de tudo isso, e mais, descobri-me recuando dos meus planos, aceitar congressos, sobreaviso, horas extras, para te sentires prioridade absoluta, lembram? ele mesmo reconhece isso. Ele precisava ser o centro da vida dela, tudo na vida dela.

Feliz foi o Eduardo quando começaram a namorar, mas depois vem filhos, vem compromissos, contas para pagar, dias de dor de cabeça, dias em que a garagem não funciona, isso não é natural, não é da nossa vida. Como ela vai fazer tudo isso, tendo que tratar de alguém que precisa ser o centro em tudo? Se não é consultado para algo, nossa, é uma mágoa tão grande, precisa ser validado todo o tempo.

Então ela diz, para te sentires prioridade absoluta, ela não podia fazer hora extra, nada, congressos, tudo era motivo para uma encrenca, uma briga. Por amor, por paciência, por esperança, mas a conta da contenção silenciosa chegou cara demais. Perdi espaço para crescer sem ser percebida como ameaça.

Imaginem, ela elogiada, ela convidada, o Eduardo então, ela não poderia, sabia que isso ia gerar uma briga por uma bobagem qualquer, como subterfúgio para ele poder colocar a frustração e a mágoa dele, o desconforto dele. Uma vez que ela vai ser elogiada, ela vai receber o prêmio no hospital, que será dele, não é? Ela vai se interessar por outros, talvez?

Não pensem no Eduardo como bandido, ele não é bandido, como Helena também não é. Há muita dor aqui para todo mundo, não há um herói e também não há um bandido nessa história. Empatia não é o passaporte para a repetição de padrões nocivos, Eduardo.

Enquanto eu li os teus parágrafos sobre culpar Trânsito Waze e Rui Barbosa, lembrei-me de quantas vezes enxuguei teus atrasos com panos quentes. Pensei, sim, compreendo a infância desestruturada, o pai severo, a voz interna que desabona, só que compreender não significa validar a eternização deste mecanismo. E aqui reside a minha escolha, eu posso continuar compreensiva, mas não conivente.

Posso torcer por ti, mas não à custa da minha saúde emocional, nem da saúde relacional que pretendo oferecer à minha filha Júlia, como um exemplo. Soubeste intitular o teu texto de Manual de Sobrevivência do Garoto de 50, pois o meu se chamaria Manual de Autopreservação da Mulher de 43. E o primeiro capítulo diz não adie a verdade quando ela insiste em ser dita.

Vejam, não há jogo aqui, não há palavras aqui que são plantadas para que possam ser colhidas de outra forma torcida, em forma de escambos emocionais e outros joguetes de jeito nenhum. É uma mulher que está a se posicionar, uma mulher que estudou, que trabalha, que tem uma vida difícil, que sabe de suas escolhas e que não quer ficar refém de algo dessa maneira. E não está disposta a investir seu tempo, sua saúde emocional, como ela disse, e da filha dela.

Ela está se posicionando claramente diante do que ela quer. Vamos ver como prossegue. Teu ciúme não é uma prova de amor.

É prova de amor próprio ferido. Quantas vezes brinquei de tradutora simultânea entre as tuas fantasias e a realidade, Eduardo? A cada foto postada no meu plantão, tuas lentes suspeitosas escrutinavam jalecos alheios.

Primeiro eu respondi com explicações detalhadas, depois com humor e, por fim, com um silêncio resignado. Mas o efeito foi perverso. Quanto mais eu encolhi as minhas asas, mais curvo ficava o espaço que me concedias.

Sem dúvida, não é? É algo muito pesquisado, já estudado. É um fenômeno que, ainda que não seja regra, mas amplamente compreendido.

Sou cardiologista, abraço pacientes, trabalho em equipe, recebo gratidão pública. Não posso e não quero viver em estado de quarentena afetiva para proteger a tua insegurança. Tu mesmo admities.

Tenho cinquenta, mas em dialeto emocional quatro e meio. A lucidez é mérito. Transformá-la em ação agora é dever.

A criança que te habita precisa de cuidado paterno, talvez terapêutico, talvez espiritual, mas não de uma companheira que vire babá de ego. Vou te amar sempre, a uma distância segura, torcendo para que aprendas a caminhar sem muletas desta vaidade. Aceitar permanecer seria infantilizar-te.

Ainda mais e, ao mesmo tempo, sabotar minha própria rota de crescimento. Minha filha observa, Eduardo, observa tudo. O modo como rio de mim mesmo, como lido com plantões, como recebo críticas.

Se ela me vê recalcular sonhos para acomodar explosões tuas, aprenderá que amor é abdicar de si mesmo. Eu quero que ela cresça sabendo negociar limites sem culpa. Reconhecer sinais de desequilíbrio antes que sangrem.

Eu te amo, mas não ousaria ensinar-te que amar inclui normalizar chantagens afetivas, ciúmes patrulhados ou minicolapsos que culpam a faxineira. Eduardo, nossa relação transformou-se em espelho do que eu não quero espelhar para minha adolescente, a Júlia. Tu brincas com os teus lapsos, menino maluquinho que abriu CNPJ, pombo enxadrista. Teu humor é brilhante, Eduardo, e talvez seja a boia salvavidas de que precisaste para não afundar, mas a piada constante vira névoa que adia as reformas estruturais. Gargalhar é ótimo, mas há paredes trincadas que exigem obra, não adesivo engraçado. Tua carta cômica me arrancou risos, sim, depois lágrimas, lágrimas de exaustão.

Percebi que, se o teu riso ainda não te salva de ti mesmo, tão pouco salvará quem permanecer na tua órbita. Ficarão memórias bonitas. A primeira viagem a Ouro Preto, tua aula improvisada sobre tiradentes na praça, o concerto na Praça do Papa, as noites de vinho na adega que te chama de pai...

Ficará a certeza de que fui companheira leal enquanto houve projeto de futuro. Ficará a minha gratidão pelos livros que me deste, pelas serenatas ao piano, pela vez em que cuidaste de mim pós-plantão de vinte e quatro horas que eu fiz. Eu não carrego rancor.

Eu carrego respeito. Respeito por mim, por saber parar onde começo a desaparecer. Respeito por ti, por acreditar que só crescerás se arcar com a solidão construtiva deste processo.

Deixarei contigo as chaves que me destes. Já providenciei retirada das minhas coisas menores. A tela de Iberê Camargo, emprestada, vai voltar comigo.

Ele saberia perdoar-me o apego. Se precisares de documentos, estarei a um e meio de distância. Telefonemos apenas, se escritamente necessários.

Conversas presenciais, depois de algum tempo, se ambos quisermos e se for saudável. Em relação a Júlia, pedirei que te escreva, se assim desejar, um agradecimento próprio dela. Reconheço a tua tentativa bonita de ensiná-la a dirigir, embora tenha mordido a língua, no processo.

Que este gesto te lembre do potencial de tutor amoroso que existe em ti quando as inseguranças dormem. Que a terapia deixe de ser palco para piadas e vire oficina de reformas. Que aprendas a dizer, errei, sem rodapé explicativo.

Que tragas o mindfulness de volta. Respiração é simples, é gratuita, mas milagres costumam vestir roupas discretas. Acima de tudo, que descubras a alegria de dar colo a essa tua criança interna, sem exigir que o mundo inteiro levante bandeiras de recreio.

A beleza em crescer, Eduardo, tu verás. Raramente assino cartas de despedidas com ponto final. Prefiro ponto e vírgula.

Sinal que indica pausa longa, mas admite futuro imprevisível. Não sei onde nossos caminhos convergirão ou se ficarão paralelos para sempre. Sei apenas que, por agora, a rota conjunta termina.

Parto sem portas batidas, sem violões, sem vilões, mártires, levando comigo o que eu aprendi. Paciência tem prazo, amor próprio é não negociável e maturidade se mede mais pela coragem de assumir falhas do que pelo número de diplomas. Receba, então, o meu abraço de despedida, não o abraço ansioso de quem exige devolução imediata, mas o abraço calmo de quem deseja que encontres o eixo.

Que as próximas taças de vinho sejam brindes à tua jornada para dentro, não anestésias para fora. Com carinho genuíno e respeito, Helena.

Eduardo talvez esperasse uma outra resposta, talvez esperasse um outro caminho, mas ele está lidando com uma mulher que pensa dessa forma e que, quando se certificou de tudo o que estava acontecendo, agiu de uma maneira concreta, sabendo tudo o que estava acontecendo, as questões que estão em andamento.

Não é uma situação simples. Hoje, no nosso país, de Manaus, lá ao norte, até aqui ao sul, Porto Alegre, passando por todas as capitais pelo caminho, provavelmente há centenas, talvez milhares de casais em situações assim. Alguns, terminando, vejam que não é com quebrar coisas, com advogados, espoliando patrimônios e outras coisas assim, não.

Não há aqui o peso de culpabilidades e de remorsos e outras coisas mais. Eduardo talvez cresça ou talvez reproduza essas mesmas coisas com uma outra mulher, nós não

sabemos. Mas muito provavelmente Helena procurará um homem, um homem que tenha uma afetividade madura.

Não é promessa de que ela será feliz e que tudo ficará bem, não. Ele pode ter outros problemas, talvez até muito dramáticos, que coloquem até a perspectiva do que ela tem agora em outras partes. Pode acontecer isso.

Nesses elementos da vida, compreender que não se trata de uma ciência exata é um dos caminhos muito, muito importantes em tudo isso. Separei como encerramento uma pequena metáfora, muito, muito bonita, chamada o guarda-chuva, de Xin Li. Vou partilhar a tela para que vocês possam ver esta linda metáfora.

Para acessar ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=q8BWJ9JNNjI>

Obrigado por assistir.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 19 – IMATURIDADES AFETIVAS, ACOMPANHADAS – 16/05/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Uma delas, não é a única. Existem de inúmeras formas.

Estamos trabalhando aqui pelo viés da filosofia clínica. Nosso trabalho de hoje é muito bonito e acho muito instigante, sobre vários aspectos. Depois, os senhores façam a avaliação.

Os colegas que estão presentes aqui em Porto Alegre, no Instituto, estávamos conversando sobre a aula de hoje, estava colocando alguns pontos para eles. Vamos diretamente a Boituva, São Paulo. De lá, o professor Clailton fará a resenha da nossa aula passada.

Boa noite, professor. Por favor, pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 9 de maio.

O tema foi pseudomaturidade. A ilustração dessa aula contou com a história de um jovem jurista. Uma pessoa boa que estudou e alcançou uma boa colocação social.

Identificamos também como característica a imaturidade afetiva. Esses elementos apareceram nas próprias palavras desse jovem. Um dia ele ligou o gravador e começou a falar tudo que veremos aqui.

Ele vive com uma médica, ama essa moça, ela também o ama. Ele faz terapia e tem acesso a uma série de informações que permitem a ele ter uma ideia do que se passava. Além de assumir os elementos de uma imaturidade emocional, ele fala também sobre os artifícios que usava para sobreviver, criando como se fosse uma máscara, uma maquiagem para parecer uma pessoa madura.

Ocorre que a sua companheira, uma médica, que inclusive tem uma filha, ele é adolescente já, teve acesso a esse material. Essa médica é uma pessoa madura e nós tivemos acesso a resposta dela também, em relação a tudo que se passava. Esse jovem jurista fala, por exemplo, do ciúme que sentia.

Diz que vasculhava as redes sociais da companheira, manifestava esse ciúme, às vezes em mensagens de WhatsApp, mas em seguida apagava, porque ainda fingia uma certa elegância. E ele diz que na verdade ele estava morrendo de medo de ser trocado por alguém mais jovem. Ele falou de sua insegurança, que não se sente original.

Quando recebe alguma crítica, se ofende, responde com um tratado de justificativas, bate a porta. Uma criança com cartão de crédito, palavras dele mesmo. Ele está especializado em colocar a culpa nos outros, sente alergia em admitir erros.

O barbeiro trabalha mais o seu ego que o seu cabelo. Ele fala de reuniões inventadas de última hora para fugir de conversas sérias, explosões calculadas para se esquivar de alguma responsabilidade, etc. O seu monólogo segue por esse caminho, ele fala de muitas outras coisas, todas nesse sentido.

Depois ele falou que tem como plano aceitar objeções sem fazer tempestades, pretende assumir erros, trabalhar o ciúme e o medo, ficar quieto sem fantasiar abandono, não usar o humor como escudo e ele também teme não crescer a tempo. Ele sente que talvez isso pode ocorrer tarde demais. Tudo isso caiu nas mãos da Helena, a sua companheira.

Ela escreveu uma resposta e nós percebemos, nas palavras dela, que a maturidade em que ela se encontrava estava bem mais compatível com o adulto dos nossos dias. Ela falou que muitas coisas faziam mais sentido agora. Por exemplo, o fato de precisar medir as palavras para conversar com ele.

Qualquer sugestão era entendida como um ataque ao seu valor. Ele tinha como necessidade ser o centro das atenções. Ela acabava sabotando o próprio caminho por causa dessa relação, por causa desse jeito dele.

As considerações da Helena também foram longe, se estenderam seguindo por essa linha. No final, a decisão dela foi pela despedida, foi terminar. No final das contas, ela achou que o preço da relação estava um pouco alto.

O que ele falou foi uma confirmação de elementos que ela já vinha percebendo, já estavam juntos há quatro anos. E a história terminou dessa forma. A observação aqui é que é importante que a gente saiba que nessa história não tem heróis nem bandidos.

Temos pessoas enfrentando dificuldades, buscando soluções e não podemos ver de outra forma. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, professor Clailton. Alunos que fazem os estudos ao vivo sabem. Sempre temos um cordial presente de início de aula.

Nós estudamos em filosofia clínica um tópico chamado significado. Tópico avançado, ligado diretamente à analítica de linguagem. Complexo, que nos nossos dias tem várias composições semióticas dentro dele acontecendo.

Um dos elementos quando trabalhamos significado diz respeito às codificações dos códigos. Vocês já viram isso na clínica? A pessoa chega e diz, ah, doutor, eu tive um sinal.

Ou eu vi vários sinais. Dependendo da história da pessoa, da EP dela, nós vamos ver a que isso está ligado. Às vezes está ligado ao tópico 6, alguém agendou.

Então você diz para o seu filho que vai fazer uma trilha, uma caminhada pro gramado. Você diz, oh, quando você enxergar a terceira borboleta, lembre que nesse momento haverá um sinal. Se o teu filho foi agendado dessa forma, talvez na terceira borboleta ele veja realmente alguma coisa.

Outros não verão nada. Outras vezes o tópico significado está ligado ao sensorial, às emoções, ao tópico de singularidade, e aí vai. Somos pesquisadores, queremos entender essas conexões tanto quanto possível.

Uma pequena metáfora vocês verão sobre isso, sobre o tópico significado. De alguém que é simplesmente mergulhado em sinais. Simples, vocês verão como é que ele reage a essa imersão a sinais e a metáfora que é construída a partir daí.

O nome dessa obra, vamos ver agora, é Deus Está Falando, de Joseph Smith. Vou partilhar a tela com vocês. Tem muitas questões semióticas nessa metáfora, muito interessantes.

E, de certa maneira, é um prefácio para a nossa aula de hoje. Você vai a um jantar, e neste jantar há um casal de amigos. Subitamente, por conta de algo que a maioria considera muito pequeno e relevante, a moça ou o rapaz, um deles, começa a erguer a voz desproporcionalmente, fala palavras que não são nada edificantes, se levanta e vai embora.

O outro, que fica com constrangimentos e tenta contemporizar, levar adiante, mas logo pede licença também e, para a preocupação dos amigos, sai às pressas, derrubando cadeira, derrubando copos pelo caminho. O gerente do local, que conhece as pessoas que estão ali, parte delas, se aproxima, preocupado, e pergunta o que houve, se está tudo bem. O tema do nosso trabalho de hoje é o que leva uma pessoa que, segundo os caracteres que trabalhamos em muitas aulas, para os padrões da nossa época, maio de 2025, apresenta uma imaturidade emocional.

O que leva uma pessoa a se envolver afetivamente, levar o noivado, casar e até o casamento, muitos episódios como este que acabei de descrever, diante de parentes, diante de amigos, às vezes só os dois, o que leva? É o casamento e é uma vida que, muito raramente, não terminará de uma maneira muito dramática. O que faz com que isso ocorra em uma época como a nossa?

Dois adultos, com 40, 45 anos, que resolvem se casar, sendo que ambos apresentam marcadamente, entre os caracteres, uma grande imaturidade. Sendo que os pais de um lado falam, irmãos falam, olha, não era melhor procurar primeiro ajuda, um apoio para entender o que se passa e depois então casar, não seria melhor assim? Os familiares estão reticentes, os amigos estão, o que temos acompanhado nas nossas clínicas nos dá pelo menos um horizonte que podemos considerar a respeito disso.

Lembrem que não temos como universalizar, esses caracteres mudarão, se tornarão outros, se associarão com outros, dependendo dos contextos, dependendo do casal, dependendo de uma série de fatores. Ainda mais em uma sociedade como a nossa, que é cheia de contrastes, dilemas, muito pulverizada, o que realmente é uma grande dificuldade. Vamos então recuar alguns passos.

Você conhece um destes dois, já teve uma longa amizade, conhece de muito tempo. Quando começa o namoro, você nota que seu amigo ou sua amiga está fazendo uma primeira confusão, que é muito presente em situações como estas, não é sempre, mas é muito presente. É uma pequena confusão, uma dubiedade que envolve um trocadilho entre a intensidade e o sentimento.

Na falta de um sentimento espontâneo que se aproxime do que hoje a nossa época compreende como sendo um amor, a intensidade parece simular muito disso. Então, brigas com retornos geralmente espetaculares, envolvendo dramas e ficções etc. Lembrem, são pessoas aqui que estamos tratando cuja uma das características, e quando muito marcada, às vezes ela não tem força para isso, mas quando muito profunda, esse elemento da intensidade como um fator vivificante.

Essa intensidade às vezes beira ao que a nossa época chamaria de grotesco, com exposições indevidas e situações às vezes constrangedoras, não apenas para as pessoas, mas para quem está por perto. A intensidade é uma pontuação. Então, ainda que tenham brigado várias vezes antes deste casamento, muitas vezes a intensidade da briga e do retorno, e do pedido de desculpas público às vezes e em outras situações, lembrem, de várias características, precisa ser visível, precisa ser validado, precisa ser reconhecido, já que ajuda todo mundo e acha que ninguém o ajuda, já que vocês sabem todas as características, esta é uma das características marcantes, mas há outras. Vamos aprofundar para efeitos da aula e do tempo que dispomos, fiz um apanhado geral dos nossos arquivos, dos elementos. Um outro fator é uma falsa sensação que muitas pessoas apresentam e trazem para a clínica, uma falsa sensação de que encontraram alguém neste mundo que de fato é um parceiro.

De onde vem isso? Como isso se estabelece? Essa falsa sensação, em geral, vem de uma complexidade orgânica, ela é social.

Então, um reconhece, um está ouvindo o outro falar uma crítica, lembrem, pessoas da nossa época que tem 35, 45, 50 anos e que tem como uma das características uma imaturidade afetiva, também tem outras características notáveis. Uma delas, provável, é a acuidade para observar as contradições sociais ao seu redor e apontam o que é um fator que pode aproximar um outro que também tenha isso. Pode, não quer dizer que vá.

Em geral, pelo menos gera o interesse dessa outra pessoa, ouvindo uma crítica desse, olha como é que ela conseguiu ver que a fulana, que o fulano é um grande hipócrita, de fato é, etc. E isso pode ser um fator de aproximação. Pode, não quer dizer que vá ser.

Um outro fator muito encontrado nos nossos consultórios, muito disseminado, é a ambientação familiar. Ao encontrar alguém que explode fácil, que tem baixa capacidade de tolerância, que precisa chamar atenção, precisa ser a referência, precisa ser aclamado, precisa ser agradecido, que se sente injustiçado, que não se sente amado, que vive reclamando que os outros receberam um tratamento melhor, ele sempre pior, que às vezes diante de uma mãe um pai idoso faz cenas constrangedoras de cobranças que caberiam bem a uma criança de oito anos, nunca alguém de quarenta anos.

Enfim, todos os caracteres que vimos ao longo dos estudos. Uma pessoa, às vezes, ao ver o outro fazer isso, sente uma forte composição familiar, é como se ouvisse o discurso que finalmente endossa tudo aquilo que a pessoa vive, que dá razão a ela. É muito forte para quem se sente deslocado, para quem sempre se sente ameaçado, para quem tudo leva a mal, etc.

É muito forte esse encontro, costuma ser. Romantização, drama, conflito como sinal de amor. Então, manifestações muito intensas, dramas que você encontra em filmes são reproduzidos em cenas públicas, às vezes, como sinal de amor.

Outro fenômeno que costuma aproximar muitas dessas pessoas. Há um fator que, após aproximação, é bastante notório. Como uma pessoa de 40, 45, 50, 60 anos, com uma imaturidade infantil, geralmente, mas não sempre, possui um forte receio da rejeição, mais até do que do próprio abandono, doloroso, que faz com que, às vezes, a pessoa,

diante de uma colocação de alguém, já se antecipe, dando uma resposta dura e desproporcional.

Esse fator de rejeição faz com que, muitas vezes, essa pessoa se apegue a esta outra, como duas tábuas de uma cerca, na qual uma se apoia na outra. Essa aproximação inicial é marcada por muitos contrastes. Muitos contrastes.

Outro elemento, uma reafirmação de algo que aparenta ser amor. Mais um familiar próximo, alguém que conhece bem a pessoa, logo compreende que é muito mais um fator de dependência, de uma necessidade deste outro estar com, do que propriamente o que vem a ser amor. As características todas pronunciam isso.

Esses fatores que eu coloquei aqui, são seguidos de outros, mas são mais periféricos, em geral. Os principais, junto com a necessidade sempre pronta da validação, estão ali. Ser visto, ser considerado.

Geralmente, gritos não é, a pessoa vai dizer que grita porque assim ela é ouvida. Se ela não gritar, ninguém a ouvirá. Já vimos os muitos caracteres disso ao longo de muitas aulas, entre outras coisas.

Mas, se isso tudo se põe desta forma, num contexto que já é bastante complexo nos nossos dias, o que faz com que tantas pessoas levem essa relação adiante? Casem, construam uma casa juntos, um lugar para que possam viver. Logo, vem um filho, dois filhos.

No meio dessa turbulência toda, de familiares que já aprenderam que estar com essas pessoas costuma ser uma experiência desagradável. E que por qualquer coisa, às vezes coisa nenhuma, há explosões, há um mal-estar, há toda uma série de confusões. O que faz, então, a partir deste casamento?

O que faz é a aproximação, em parte já vimos. E levar adiante. Mas e agora?

Como prossegue essa história? Por favor, se você já presenciou isso na sua família, seus amigos, em você mesmo, já leu sobre isso, observe o que se passa a partir daí. Observe o drama que ocorre, o drama familiar, o drama pessoal.

Talvez, com o que vem agora, muitos finalmente acordem para um problema que é amplamente disseminado nos nossos dias. E já vimos que a nossa própria sociedade tem, em muitos casos, interesse para que isso seja assim, e não de outra forma. Selecionei apenas meia dúzia de itens.

Eles são muitos outros, mas estes são provavelmente os muito encontrados nos nossos consultórios, nas nossas clínicas, na sociedade ocidental, neste momento. Primeiro, os conflitos. Aqueles conflitos que lá eram explosivos, eles prosseguem.

E prosseguem por bobagens. São triviais. São coisas que você vai jantar com esses amigos, e às vezes pelo tempero.

Não é o tempero que está em questão. É uma luta de quem tem razão, de quem sabe, com uma mágoa do outro, porque foi escolhido tal tempero. E se você ainda der a sugestão, não, vamos usar tominho. Vamos usar salsa, tá bom? Dando razão a um deles. Cuidado. Você pode ser arrastado por um conflito como esse. Pode ser, não raro, o culpado pelo conflito se estabelecer depois. Sei que vai tentar apaziguar. Bote, por favor, salsinha. Tá tudo certo. Pode ser salsinha. Um deles disse que era salsinha. Aí a coisa escamba para outros lados, você vai embora. E no outro dia você fica sabendo por um amigo que você que foi o culpado de toda a briga que houve. Há um outro fator muito grave. Muito, muito grave e muito disseminado, muito amplo.

Lembrem, estamos tratando hoje de duas pessoas que têm 40, 45, 50, 60 anos. Tem muitas características, entre elas uma imaturidade emocional afetiva. Oito, nove anos apenas.

E essa característica, nesse caso específico, é determinante. Ou seja, entre as outras coisas que habitam essa pessoa, esta tem muita força. Se não tiver, nada disso que estamos falando faz qualquer sentido, pois nada disso provavelmente acontecerá.

Mas quando tem força, acontecem muitas destas e outras coisas. Em 1961, Carl Rogers escreveu uma obra memorável, Tornar-se Pessoa, na qual primeiro ele começa colocando a historicidade dele, a vida dele, como foi. Uma obra encantadora, que por gerações foi um verdadeiro compêndio de terapia para muitos terapeutas de várias escolas.

Rogers coloca a parte dos processos de maturação e, dentro deles, as imaturidades que ocorrem na falha de certos elementos ou na exacerbação de outros, como estamos vendo aqui. Um outro fator, além desses que mencionei, um que é muito peculiar, e quanto mais culta for a pessoa, provavelmente sobre maior maquiagem isso aparecerá, que é uma competitividade. Ela não é aparente em muitos casos.

Ela surge de uma maneira, às vezes, por ironia, por piadas colocadas, por trocadilhos, que entre eles será compreendido como uma ofensa, na maior parte dos casos como uma ofensa. É uma competitividade velada. O outro tem êxito em determinada situação, está feliz, vai sair com amigos para ser homenageado, para receber o aplauso por um trabalho bem feito, por algo assim.

Aquele primeiro, muito provavelmente, não estará nada feliz e poderá fabricar algum contexto, alguma situação secundária para, com isso, gerar uma discórdia, uma briga. Isso não é raro. Essa competitividade está sempre acobertando quem sofre mais, por exemplo, quem está perdendo mais. Isso é na outra ponta. Numa ponta ela é aberta sobre quem chega primeiro, e na outra, se não é possível isso, quem é que está sofrendo mais, quem é que está se sacrificando mais, entre outras coisas. Lembrem, tudo isso que estamos vendo é acompanhado, em geral, de um grande sofrimento, que, na maior parte dos casos, não é atribuído à infantilidade, é atribuído a outras coisas.

Os pais da moça, que todo final de semana tem que ir na casa dos pais da moça e ele já não aguenta mais. Pobres pais, nem tem nada a ver com isso. Ou a qualquer outra questão desta ordem, causando um grande problema que não se resolve. Ele só se renova sobre outras faces, com juras de correções, com agora vamos fazer terapia,

agora vamos ir ao padre, ao sacerdote, vamos conversar com ele, ele nos orientará, o pastor, o rabino, etc. Mas não é assim. Subjaz aqui todo um contexto de coisas que pede continuidade, aprofundamento.

Bem, como esse casal agora está junto, eles estão vivendo juntos, é natural que se espere que eles tenham momentos de intimidade no qual poderão conversar sobre coisas deles, sobre situações deles, problemas deles. É um casal. Então, um dia a moça chama o rapaz para uma dessas conversas mais íntimas.

Ela quer conversar, mas lembrem, são dois adultos com uma forte característica de imaturidade afetiva. Não é um adulto casado, um adulto com afetividade adulta, com outro que não é assim, como já vimos em outra parte. Aqui são dois adultos cuja infantilidade emocional, afetiva, é muito grande.

Então, se ela chama, geralmente já tem um problema ali de uma ordem ligada a isso. Ou porque está ressentida com algo, magoada com alguma coisa, que muito provavelmente o culpado é ele, como quase sempre é. Então, eles vão conversar.

Só que isso que parece ser uma conversa íntima, e aliás, você conhece algum casal que não discuta às vezes? É perfeitamente compreensível. São duas pessoas, cada um tem uma opinião, às vezes sobre algo distinto, às vezes há um embate sim, há! Problemas graves às vezes. Mas não é disso que estamos falando: “do às vezes”. É do frequentemente, de um padrão, é uma outra composição de coisas. Então isso parece sugerir que eles tenham uma certa intimidade para discutir coisas íntimas do casal e geralmente há um grande engano, não há isso, o que há é briga. Ela colocará uma situação, porque que ele na frente das pessoas fez tal comentário, sabendo que ela não gosta e isso a feriu profundamente e ele vai dizer que ela sempre inventa coisas e daí pra frente. Isso é uma conversa íntima, entre adultos? Onde está o adulto aqui? Se houvesse um adulto aqui, ele diria: como foi mesmo? E a outra pessoa dirá: você falou isto e isto, literalmente... Ele dirá: Foi assim que foi dito? Sim, foi assim que foi dito. Ele fará uma revisão e se foi dito isso mesmo, pedirá desculpas, dirá que foi um mal entendido, que se expressou mal que verá isso e cuidará para que isso não volte a acontecer, vai pensar em como pode reparar isso, assumirá a responsabilidade disso.

Se for um adulto, emocionalmente adulto, provavelmente fará algo assim. Mas não é disso que estamos tratando. Lembrem, a briga ocorre. Às vezes há crianças. Como acham que crianças, num ambiente assim, crescerão? Seguras?

Sabendo que podem expressar suas emoções, que os outros entenderão? Acham que é assim que uma criança crescerá? Ou crescerá como quem cresceu durante uma guerra civil ou algo dessa natureza?

Como uma criança vai se desenvolver num ambiente desse? Essa competitividade que ocorre, às vezes, ultrapassa a dimensão do casal. É algo que quem está convivendo com eles percebe perfeitamente em boa parte dos casos. Eles, parece que não. E isso vem maquiado. Então, um parece estar ajudando o outro na dificuldade. E, na realidade, não é bem isso que está acontecendo. O outro já está até ressentido com isso, porque sabe, assim que as coisas começarem a dar certo, aquele primeiro fará cobranças e acusações

que ultrapassam qualquer desses benefícios. Então, já não há nem estímulo para se desenvolver.

E a culpa vai para quem? Para o outro, que está tentando ajudar. Não há saída.

Se você é um amigo deste casal e vai se aproximar, converse com um deles. E observe muito isto que vou colocar agora, que é um fator que é endossado por uma sociedade que muitas vezes tem interesse em situações como essas. Se beneficia com isso, por mais pouco acreditável que possa ser.

A expectativa. Então, você conversa com um deles, deste casal, e ele colocará provavelmente uma expectativa que não condiz com a nossa época sobre romance, relacionamento, amor. Algo que, se você estivesse conversando com um menino, uma menina de nove anos, você compreenderia.

Mas, com um adulto de quarenta, quarenta e cinco, cinquenta anos, colocando que, para ele, a pessoa precisa ser agradável, precisa ser compreensível, precisa ser honesta, precisa ser boa. Veja, ele está falando de uma pessoa. Como uma pessoa pode cumprir uma linha tão grande de protocolos?

Como é possível, ao ser humano, ser tão completamente perfeito sempre, não se enganar, às vezes não ocultar certas coisas? Como é possível? E, aliás, este que assim fala, que espera do outro, o que é o testemunho dele como pessoa? É este? Ele é honesto? Ele é bom? Ele é correto assim? Pois, por mais pouco acreditável que possa ser, se você perguntar, ele dirá que não é perfeito, mas que está muito próximo disso, sim. E que, se o outro fosse assim, tudo estaria muito bem.

É uma situação que, como muitos colocam, é trágica e é cômica. Mas é cômica para quem está vendo de muito longe. Quando nós entramos em clínica com essas pessoas, começamos a sentir parte dessa dor.

Tentando ajudar, compreendemos cada vez mais essa dor. Não é pequena, não costuma ser. As simulações.

As simulações são um capítulo à parte. Vejam, essas pessoas casaram. Casaram, têm dois filhos, estão vivendo em um apartamento, cada um tem seu emprego. E todo esse contexto de coisas acontecendo, muitos amigos preferem se afastar, outros preferem contemporizar e marcar qualquer evento no qual eles precisem convidar esse casal. Um espaço público, com muita gente, em um clube e, muito raramente, em uma casa. Pois sabem que a chance de uma explosão ali é grande.

As simulações. Esta é uma parte que, se o terapeuta não estiver muito próximo da historicidade da vida dessas pessoas, ele não usará a expressão simulações. Talvez use a palavra mentira, dizendo, fulano é mentiroso, fulana é mentirosa, mas não se trata propriamente disso.

Em boa parte dos casos, estamos diante de simulações. A pessoa simula ser adulta, simula esforço, simula se importar, simula ir ao mundo dos outros, o que para ela é

muito difícil, muito complicado. Ela aguarda tanto e com tão grande expectativa que venham ao mundo dela, que aplaudam, que reconheçam, que a amem, que ela...

qual é a capacidade para ir, de fato, até lá? É muito complicado, a estrada é muito difícil. Mas há a simulação.

Vivemos numa sociedade e essa pessoa aprende, ela é inteligente, ela é adulta para outras coisas. Então simula, faz justificativas. Algumas vezes essas justificativas são tão bem construídas que mesmo um especialista pode se enganar com isso.

Você senta com um deles e ouve. Esse um deles dirá, o senhor casaria com a pessoa que atirou na parede este abajur? Ali está a marca. O senhor casaria com uma pessoa que avançou com o carro e arrebentou a porta da garagem por conta de uma bobagem? Vejam bem, isso que a pessoa está dizendo não é uma mentira, é fato, aconteceu. Mas ela coloca as coisas de uma forma argumentativa na qual o outro não tem como se safar.

Ela só esqueceu um imenso recurso que diz respeito a ela mesma, que ela gritou com a outra pessoa, xingou de todas as coisas conhecidas possíveis, ameaçou, disse que ia fazer isso e aquilo, levando a um desespero geral de tudo o que estava acontecendo ali. Ela não mencionou nada sobre isso. Não mencionou também que antes daquele abajur ser atirado, ela puxou a toalha e quebrou tudo o que tinha sobre a mesa.

Nada disso foi mencionado. Vejam a diferença, então, das simulações. Achar que essa pessoa está omitindo porque é uma mentirosa é desconhecer a historicidade dela.

Se conhecemos a historicidade dela, lembrem dos pontos cegos que foram mencionados. Muitas vezes há pontos cegos. Precisamos saber se se trata de pontos cegos, de negligência, de omissão ou, eventualmente, a própria mentira.

Mas não antecipadamente já saímos definindo isso. Nós não sabemos, mas as simulações seguidas por justificativas são extremamente comuns e precisam existir como parte da manutenção de tudo isso. É parte dessa engrenagem importante de manutenção.

As oscilações, foi uma anotação que eu coloquei, seguida do acúmulo de mágoas. Achar que uma briga simplesmente terminou e depois de 15 minutos está tudo bem, o que acontece muitas vezes, a intensidade foi tanta que já não há energia para qualquer outra coisa, então parece haver um recuo, um abrandamento, um silêncio naquela casa, diante da oscilação tremenda que houve. Essa oscilação tremenda que acontece, mascara muito as mágoas que surgirão logo numa próxima ocasião, sendo que elas são, em geral, vejam, é uma criança afetiva. Isso é colocado às vezes de uma maneira muito contundente. Dificilmente um adulto, afetivamente adulto, numa discussão, lançaria a mão de certos argumentos para com a outra pessoa. Estando errado, sendo injustiçado, dificilmente alguém que tivesse maturidade afetiva lançaria a mão de certos recursos que são destrutivos. Destrutivos, e a pessoa com a acuidade que tem sabe exatamente como atingir este outro, de uma maneira às vezes tão ampla que os danos aqui são difíceis até de acompanharmos, gerando o que? Mais mágoa, mais dor. E o processo se reinicia. Quando uma pessoa dessas tenta se afastar da outra, dificilmente consegue. Vem a rejeição, o medo dela, do abandono. Está muito ruim assim, mas será muito pior

sair. E a outra, nas suas intensidades de choros, de gritos, de culpabilidade, parece estar mostrando que ama, afinal, apesar de tudo, aquela primeira, há essa ilusão. Eventualmente pode existir esse amor. Fraturado, torcido, pode existir. O que vai representar uma dimensão ou outra dessas questões.

Quais os caminhos que se abrem aqui? Os caminhos que se abrem aqui são similares ao que vimos a aulas passadas sobre os endereçamentos existenciais de questões como estas, quando tratávamos de uma pessoa.

Com as duas, é muito similar. Muito similar. Muito difícil.

Lembrem que haverá provavelmente todas aquelas discussões durante a clínica. A pessoa dirá para você que não se sente muito motivada para viver mais. Lamenta. Como se isso que ela está vivendo fosse bom. Que ela mesma chama de inferno. Chama de nem viver.

Então quando você propõe, vamos caminhar. Vamos então para uma afetividade mais madura, de outra ordem. Uma série de objeções ocorrem.

E como vimos, estas objeções ocorrem muito bem indexadas aos princípios dessas coisas. Não é uma tarefa simples.

Como uma ilustração final, separei uma antiga canção.

Acho que vocês apreciarão muito esta canção. Que é da Sarah MacClellan. Sarah MacClellan escreveu esta canção há um bom tempo.

Chamada Angel.

Para assistir clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=i1GmxMTwUgs>

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Em nossa aula de hoje, faremos uma preparação importante para as aulas subsequentes e finais do nosso curso aqui, que são muito, muito complexas, problemáticas. Veremos, conversaremos com as escolas médicas, como a psiquiatria, a psicanálise, a psicologia, uma conversa da filosofia clínica com essas áreas.

É uma conversa intrincada, uma vez que em filosofia clínica nós não temos doença. Essas áreas têm. Em filosofia clínica nós não temos patologia. Essas áreas têm. Em filosofia clínica nós não temos cura. Essas áreas têm cura. Falam em cura. Em filosofia clínica nós não temos procedimentos apriorísticos. Essas áreas têm. Nós não temos arcabouços teóricos prontos para atendimento. E essas áreas têm. Em filosofia clínica todo o nosso trabalho é artesanal. A gente vai construindo com a pessoa. Algumas pessoas não têm tópicos e nem por isso elas são erradas ou precisam de conserto. Nada disso.

Em filosofia clínica não há um compromisso social. E essas áreas irmãs têm. Alguém que tem uma depressão, por exemplo, que já é um termo que nós não usamos, e vai ao médico, vai a um psicólogo com a depressão, qual é o intuito? Que esse terapeuta trate a depressão, a pessoa fique bem e livre disso para poder voltar a trabalhar. Então há uma indexação com a sociedade de outra ordem. Lembrem sempre, por favor, não há aqui o mais certo ou o mais errado.

Filosofia clínica não é mais certa ou melhor do que qualquer outra área. Ela é diferente. Por isso nós vamos conversar essas diferenças da filosofia clínica com essas áreas, com esses problemas muito complexos.

Vou usar os termos médicos e psicológicos quando me referir a como a sociedade dos homens vê certos elementos, e vou utilizar os caracteres próprios da filosofia clínica quando trabalharmos com as nossas questões no mesmo tema. Bom, vamos chamar o professor Clailton para fazer a resenha da nossa aula passada.

Boa noite, professor. Por favor, pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos.

A nossa aula anterior ocorreu dia 16 de maio. O tema foi afetividades imaturas acompanhadas. Em nossos dias, o que levaria uma pessoa a se envolver afetivamente com alguém imaturo emocionalmente?

Construir uma vida com essa pessoa, ou pelo menos tentar, apesar dos alertas dos amigos e parentes. Já estudamos em outras aulas as características da imaturidade afetiva. Essa pessoa quer ser o centro das atenções, está empenhada em se mostrar, em receber aplausos, ela pouco percebe o outro, não vai ao mundo do outro.

Uma pessoa assim pode encontrar alguém que também, que sendo imatura também, e a partir de algumas afinidades, ocorre uma identificação, uma aproximação, pode decorrer daí. Não quer dizer que sempre será assim, mas é algo que pode acontecer. Pode ocorrer uma relação de dependência também, e apesar de todas as questões enfrentadas, eles não conseguem se separar.

Quando temos pessoas com esse perfil entre nossos amigos, e se um dia vamos jantar com esse casal, o que presenciamos é uma competição. Existe uma disputa por atenção, para saber quem está com a razão, um acha que sofreu mais que o outro, que contribuiu mais, etc. Uma conversa entre essas duas pessoas tende a se transformar em troca de acusações, não há uma reflexão sobre o que o outro está dizendo.

Eles buscam respostas imediatas, justificativas, argumentos, desenterram mágoas, e não ocorre um diálogo, não se chega a um termo. O que a gente vê é uma disputa de fato. Na falta de uma afetividade madura, o que pode existir é certa intensidade na relação.

Brigas e reconciliações, por exemplo, dramatizações, romantizações ingênuas, o que pode levar os próprios envolvidos a confundir isso tudo com um amor maduro. Quando ocorre uma situação em que um deles precisa de auxílio, aquele que recebe a ajuda já fica meio desconfortável. Ele sabe que quando as coisas melhorarem, a cobrança virá de forma pesada.

Diante de um contexto que pede por afetividade adulta, uma dessas pessoas pode simular essa maturidade, simula que se importa com o outro, finge que vai ao mundo do outro. Devido à necessidade que esse outro tem de aplausos, de ouvir certas coisas, elogios que confirmam determinadas questões, essa simulação acaba encontrando passagem e a relação caminha por aí. Em uma discussão, uma briga entre pessoas que convivem, existem formas de atingir o outro, existem pontos frágeis que se atacados podem causar dores muito profundas, irremediáveis às vezes.

Uma pessoa madura sabe a dimensão destrutiva de certos recursos e ela não faz uso disso de forma alguma. Independente do contexto, pode estar sendo injustiçada, dificilmente usará. Já o imaturo emocional, quando pode, não pensa duas vezes e causa estragos imensos às vezes.

Os endereçamentos que temos aqui são similares ao que já estudamos em aulas passadas. Recursos encontrados em tópicos vizinhos, por exemplo, que possam auxiliar o estudo da EP como um todo, que possa levar a alternativas que apontem por um caminho em direção a esse amadurecimento, um trabalho criterioso, longo, complexo. Ok, professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, professor Clailton. Que belo trabalho que o senhor tem feito e tão elogiado pelos seus colegas. Seu livro é muito aguardado e, por favor, se der tempo para levar, nós teremos lá na semana de estudos, o senhor estará presente, a oportunidade de lançamento, não sei se haverá tempo ainda, seria um privilégio para todos nós termos a publicação lá.

Muito bem, vamos, alunos que fazem ao vivo, vocês sabem que recebem sempre lindo presente ao vivo. Primeiro, eu vou contar uma história para vocês. Ela recua até o início dos anos 1900 e, vocês sabem, o Chorinho é uma música, nós já vimos isso, quando estudamos várias ilustrações, jazz, música clássica, vimos também Chorinho, música experimental.

Chorinho é uma das delícias que nós temos em música e interessante que não é conhecido em todo o mundo, ainda que seja muito apreciado em alguns lugares, Estados Unidos, Europa, alguns recantos da Ásia, mas ele não tem toda a popularidade, por exemplo, que o jazz tem. Chorinho é nosso, Chorinho é do nosso coração, é do nosso jeitinho brasileiro, da nossa alma que vive esse elemento mestiço tão lindo de combinações de raças e culturas. Esse é o nosso Chorinho, ele não se repete, ele dança no ritmo da alma, da musicalidade, ele para no ar que nem beija-flor, o Chorinho é maravilhoso.

E o Zequinha de Abreu fez uma composição, quando ele fez esse Chorinho, que depois ganharia o mundo inteiro, e esse sim, ganharia o mundo inteiro, é muito improvável que, pelo menos, alguns acordes do Tico-Tico no fubá o pessoal não conheça. Quando ele compôs era uma musiquinha instrumental, não tinha letra, a letra veio depois, e por uma série de coisas aí que tem controvérsias a respeito. Aqui no Brasil nos encantava, desde cedo, nós que somos antigos, que já vivíamos em 1917, mas ele ganha a grande dimensão quando a Carmen Miranda resolve, então, interpretar o Tico-Tico no fubá.

A partir dali não ouve mais descanso. Lembram aqueles filmes 'hollywoodianos', aqueles bem antigos, os primeiros, lá da década de 40, né? Então é a própria Carmen Miranda, lembram aquele filme Copacabana, final dos anos 40? Ela mesma participa e canta, e de lá pra cá isso nunca mais parou.

Não faz muito que um dos nossos grandes sanfoneiros, maravilhoso sanfoneiro, que só é motivo de gratidão no país, ter, ganhar de presente de Deus um sanfoneiro como Chico Justino. Eita, realmente, um sanfoneiro, ele era, lembram como ele tocava? Sempre muito sério, né?

Estava em algum lugar ali onde não era música, a gente não sabe muito bem, e de uma habilidade realmente, ele com aquele acordeão dele, nossa, fazia aproximar as nuvens

das estrelas, mas ele era um homem muito discreto, realmente muito, muito discreto, um artista famoso, principalmente um dos sanfoneiros que o tinham como um dos maiores nomes da sanfona, mas o Chiquinho Justino ele era muito discreto, saía pouquíssimo daquela terra linda que é o Ceará, a gente entende que o Ceará é lindíssimo, mas também, né, não precisa exagerar, temos outras terras lindas aí pelo país, mas o Chico Justino era muito, muito quieto no mundo dele, e é o Chico Justino que vai nos mostrar o Tico-Tico do Fubá, uma interpretação linda, um dos momentos lindos da nossa música maravilhosa.

Entre as palavras que me ocorrem, além da emoção disso, é agradecer muito o nosso Chico. Vamos lá, vamos ouvi-lo.

Para assistir ao vídeo clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=MODBBVkOUKY>

O Tolstói nos mostra, em algumas páginas, por exemplo, na morte de Ivan Ilitch, os dilemas de uma vida que ultrapassam a dimensão da maturidade, da imaturidade, desafiando, né, quando aquele juiz sabe que terá pouco tempo de vida, os caminhos que ele vai adotar, as escolhas que ele vai fazer.

Tolstói anuncia um princípio que, para nós contemporâneos, nos acompanha muitas vezes. Mostrando que a afetividade sozinha, as emoções sozinhas, têm um curto alcance, e sozinhas dificilmente conseguiremos caracterizar sobre o ponto de vista, por exemplo, da maturidade e da imaturidade. Por isso, no nosso trabalho de hoje, veremos uma figura.

Vamos chamar este homem de Eduardo. O Eduardo é um jovem, ele tem quarenta, quarenta e cinco anos, algo assim. Vive numa das grandes e lindas capitais brasileiras.

Ele é médico. Na profissão dele, ele se realizou, ele é uma pessoa que tem muita gratidão no coração. Do ponto de vista da afetividade, ele se desenvolveu, conforme os nossos patamares de época e conforme as próprias coordenadas historiográficas dele.

Já vimos quais são os critérios que norteiam essas aproximações. Bem, o Eduardo, então, ele é casado, ele tem duas filhas, duas meninas, e do ponto de vista existencial, é uma pessoa que apresenta uma série de caracteres muito interessantes para lidar com os fenômenos de uma sociedade como esta, na qual vivemos hoje. Por exemplo, o Eduardo tem uma, isso segundo as pessoas que convivem com ele, segundo ele mesmo, segundo a historiografia, segundo o seu contexto, ele tem uma capacidade de tolerância um pouco maior que muitas das pessoas com quem ele convive.

Ele sabe, por exemplo, esperar. Ele sabe, por exemplo, que certas frustrações são parte da existência. O Eduardo consegue, muitas vezes, perdoar situações graves, certos deslizos que algumas pessoas com quem ele convive, às vezes fazem, e ele mesmo, às vezes faz.

Ele consegue amar aquele amor no qual a intenção com o outro habita a égide das alteridades. Um amor raro nos nossos dias, muito bonito, muito profundo. Ele tem várias outras características, além dessas que estamos vendo.

Por exemplo, ele tende a um equilíbrio afetivo. É muito raro você encontrar o Eduardo nervoso, por exemplo. Muito raro você o encontrar apreensivo em demasia, e angustiado praticamente nunca.

Isso é tender a um certo equilíbrio, conforme os padrões de uma época como a nossa. Muito longe de alguém que é indiferente, de alguém que não se importa. Alguns dirão dele que ele é uma pessoa que se desapegou.

Não, ele não se desapegou. Ao contrário, comoalaria Rubem Alves, ele é muito apegado, mas ele é apegado ao amor, ele é apegado a uma relação amistosa com as pessoas, ao crescimento. Ele adora estudar, ele adora viajar.

Eduardo não parece uma pessoa perfeita de jeito nenhum. Ele é o primeiro, aliás, a dizer que não é. Tem muitos defeitos, e sabe disso, e não tem nenhum problema em reconhecer.

Um médico que trabalha com o Eduardo às vezes chama e diz, Puxa, você fez mal, você não deveria ter dado um retorno assim para a pessoa? Não era melhor ter ouvido a primeira parte da história dela? E ele confessa, sim, foi um erro, sim, vou tentar corrigir.

Sabe que não há perfeição, sabe que tem seus problemas, às vezes magoa alguém, tenta pedir desculpas, às vezes a pessoa aceita, às vezes não. É assim, está vivendo com seus defeitos, com seus acertos, com suas aproximações. Mas para os nossos padrões de época, Eduardo estaria muito bem cotado para assumir uma das posições em torno da maturidade afetiva para um homem de 45 anos, naquilo que de todos os caracteres que traduzem alguém que trabalhou muito essa questão.

E ele reconhece que teve oportunidade disso. Muitas pessoas não têm. Muitas pessoas passam os dias andando num ônibus lotado, com calor tremendo, mal alimentadas, preocupadas com o filho que está com febre, tendo que trabalhar, tendo que trazer o dinheiro que parece que nunca dá, passando uma série de problemas, ele sabe disso.

Ele sabe que ele é agradecido por ele ter tido a oportunidade e ter aproveitado a oportunidade de se desenvolver também afetivamente, enquanto muitos no nosso país, infelizmente, não têm. Tudo isso ele sabe. Sabe outras coisas também.

Em nossa aula de hoje, nós veremos como pessoas, e há muitas no nosso país como o Eduardo, que se desenvolveram afetivamente, passam por algumas das agruras da nossa época, do nosso tempo. São elementos muito graves, muito difíceis, que infelizmente existem, fazem parte da nossa trajetória neste momento, 2025. Provavelmente em algum tempo próximo isso não existirá mais e será tudo muito diferente, mas por agora existe, nos atinge, nos alcança.

Segmentei a aula em quatro pontos muito graves, muito sérios, e vamos ver como alguém cuja afetividade se desenvolveu, amadureceu e vai passar por isso. Como alguém que tem uma afetividade imatura passa por isso, já vimos e sabemos o desespero que é. Vamos ver então este outro lado agora.

Lembrem, este rapaz, 45 anos, sabe que para amadurecer as emoções dele, ele precisou amadurecer os elementos em torno dela. Ela sozinha, amadurecer o que há em torno dela também, isso na nossa época é algo muito improvável. Então ela amadureceu o conhecimento dele, a epistemologia, os valores da psicologia, as buscas, os raciocínios, as sensações, os elementos ligados ao tópico 1, a sociedade, cultura, etc.

Ele sabe, por isso ele trabalhou essas questões também. Um dia Eduardo chega em casa trazendo flores, foi um bom dia para ele, e ele chega em casa e resolve trazer aquelas flores, ele está feliz, e um pacote de massa para a esposa fazer, mas a esposa não está bem. Quando ele olha para ela diretamente, ele percebe isso, discretamente coloca as flores sobre um vaso, na mesa de madeira, num móvel estanteado, e se aproxima dela.

Quando ele toca a mão sobre a mão dela, ela retira a mão, algo muito sério está acontecendo. Ela está sem qualquer maquiagem, ela está muito séria, então ele senta, esquece o pacote de massa em algum lugar e fica em silêncio. O que o Eduardo ouvirá agora é uma das coisas mais difíceis para alguém que ama, que constrói junto, que está se desenvolvendo com essa pessoa.

Mas é o que ela diz a ele, Fábria é o nome desta mulher, diz a ele que infelizmente as coisas mudaram, que ele, observem bem a natureza, os elementos semânticos e sintáticos aqui, que ele perdeu de vista a relação deles, que eles tinham, que ela se desconectou há muito tempo também, e que faz algum tempo não há mais sentido em continuar assim, que ela vem tentando. Ele sabe, no coração dele, que tudo isso é verdade, e ela diz que há cerca de um ano, um ano e pouco, ela conheceu alguém, não houve nada mais que a sociedade dos homens vá condenar ou chamar de traição, mas que ela saiu com essa pessoa algumas vezes, estiveram juntos, e que ela ama essa pessoa, e que ela, por integridade, por honestidade, uma série de coisas, acha melhor que eles tomem rumos diferentes agora.

Bem, como alguém que se desenvolveu emocionalmente, segundo todos aqueles critérios que vimos, age diante de algo assim? Ele fica muito triste? Ele chora?

Pergunta-se se há alguma coisa que ele possa fazer? Ele pede desculpas por não ter agido mais cedo, por não ter percebido que as coisas estavam tomando esse rumo, talvez por uma série de coisas, o trabalho dele que é tão exigente, e uma série de outros elementos? Ele pensa nas crianças, como ficam as meninas, duas meninas que eles têm, como fica a própria vida dela?

Ela está, em vias de fazer uma cirurgia breve, precisa fazer, é um pouco delicada essa cirurgia. Ele pergunta a ela, como ficam, vejam bem a marcação dos discursos aqui, ele está se colocando em primeiro plano, ele está preocupado com ele, com as coisas dele, como ele fica, onde ele vai viver, o que será dele, e dos sentimentos dele, que ele confiou nela e deu os melhores anos, é isso que ele está dizendo? Não, ele não está dizendo nada disso.

Ele está feliz? Não, ele não está feliz, está muito triste, muito triste. Como evolui isso, essa conversa?

Essa conversa evolui assim, outro dia, nesse dia ele vai dormir no escritório deles, é uma pequena biblioteca, um sofazinho cano, faz isso não porque ele quer, ele faz isso porque não quer constranger a esposa, depois do que ela acabou de dizer, não vai pra lá com mágoa, com dor e nem tira as coisas, bate as coisas e blasfema, nada disso, a alma dele já dói o suficiente, ela, por sua vez, também é uma pessoa emocionalmente amadurecida, não está nada confortável com tudo isso, também pensa nele.

Ele vai, dorme, no outro dia eles tomam café juntos, ele vai pro trabalho, melhor, um pouco mais animado, ela também, durante o dia eles trocam mensagens, ninguém bloqueou ninguém, ninguém mandou recados desaforados ou espetando o outro, culpabilizando o outro, isso não existe, aqui não existe, e também ninguém fica mandando carinhas com lágrimas pelo zap ou coisas do gênero, nada disso, nenhum expõe o outro, ah, vou ligar pra família porque a família precisa saber, não sei o que, não há nada disso, mas há dor, há tristeza, há lágrimas, ele sai dali, passa diante de uma igreja, vai falar com o padre que é um grande amigo dele, eles oram juntos, ele chora, ele pede ajuda, ele sabe com humildade das coisas do mundo, da vida, esse amigo o abençoa e diz pra ele, seja forte, procure compreender. Pensa que ele se sente humilhado com isso? Porque alguém está dizendo para ele, seja forte, procure compreender? Não! Ele sabe que ele precisa exatamente ser isso. Forte. Forte por quem? Por ele? Para preservar qualquer coisa dele? Forte por duas filhas que ele tem. Forte por uma esposa que comunicou a ele o que pretende fazer. Forte pela vida. Forte pelas pessoas que ele atende no pequeno hospital. Forte por muitas coisas que prosseguem. Ele não é o centro do mundo. Ele não é a referência das coisas.

Ele é um ser partícipe de uma série de elementos do mundo. Das estrelas às formigas. Então, as coisas são encaminhadas, eles conversam com as meninas, acompanham as meninas.

A menorzinha, que estava fazendo parte do coro da igreja, agora precisa de ajuda terapêutica. A maiorzinha já entende. Apoia os pais.

Pergunta como vão ficar as coisas. Se terá duas casas agora e como vai ser isso, etc. Vejam.

Esse pai assegura as crianças do amor deles por elas. Estará sempre perto. O que elas podem contar com ele? Observaram? Há muita dor. Há sofrimento.

Ser afetivamente maduro não quer dizer que você será feliz, contente, resolvido para as coisas, sempre com a palavra certa. Isso é ficção. Na vida, isso acontecerá. Em vários fatores. E ele continuará a vida dele. Ele prosseguirá a vida dele. Ele aprenderá com essas coisas. Tirará lições disso. Considerará que muitas vezes, mesmo fazendo o melhor que nós fazemos, às vezes não é o bastante. Ou mesmo que seja o bastante, as coisas podem mudar. E que mesmo assim foi muito bom ter convivido com aquela esposa, com aquelas crianças. Ele só tem muito a agradecer e muito a amar e muito a acompanhar.

Na alma dele, uma família não se desfez. É para sempre. E outras coisas mais que vão continuar com ele.

Vejam que isto que eu estou colocando, lido por uma pessoa cuja alma possui uma afetividade imatura, será colocado então... Olhem, estão vendo a objeção? Não é melhor então ter uma afetividade imatura de jeito nenhum.

Uma imaturidade emocional aqui faria um estrago muito, muito gigantesco. Muito provavelmente. É muito importante que na caminhada estes elementos se coloquem na pauta das coisas.

Vamos agora a um segundo e muito delicado exemplo da vida. Este homem, por várias razões, não há então o divórcio deles. A esposa reconsidera. Muitas questões estão em jogo aqui. E ela, depois de muito meditar sobre o assunto, ele já estava com o apartamento dele praticamente pronto, montado, que ele vai alugar agora. Ele fica em casa.

Vejam, não é sempre que isso acontece. E provavelmente na maior parte dos casos não é assim que acontece. Mas para os exemplos que virão, a título de ilustração, vamos seguir coordenadas como estas.

Eles continuam juntos. Primeiro como amigos. Ela explica para o Eduardo que eles continuarão como amigos.

E ele, que ama a esposa, aceita. Aceita, ainda que ele não entenda muito bem. E aos poucos eles vão conversando, porque ela também não entende muito bem o que significa isso.

E a reaproximação é gradativa. É aos poucos. Cada um precisa cicatrizar algumas coisas, entender outras.

Mas eles sabem que se gostam. Não se amam mais, mas se gostam muito. E vão tentar ver como prosseguir com isso.

Nesse caminho, o hospital, pequeno hospitalzinho que ele tem, quebra. Vai à falência. Ora, coisas assim acontecem com pessoas emocionalmente amadurecidas?

Sim, acontecem. Essas coisas e muitas outras. Uma pessoa que tem uma afetividade amadurecida, não quer dizer que está imune a vírus. Não quer dizer que está imune a tragédias, a doenças, como câncer. Usando a linguagem médica, já que ele é um médico, não é? O Eduardo. Não. Pode ter, sim. Câncer pode ter.

Um acidente de automóvel pode vir a morrer. É assim mesmo. Somos profundamente humanos.

E o Eduardo é profundamente humano. Ora, os contadores dizem a ele. Não há nada que você possa fazer.

Você está profundamente endividado. A atividade médica hoje é muito difícil. Manter um pequeno hospital é difícilíssimo.

Certas cirurgias que são feitas, são pagas muito tempo depois. Com uma defasagem grande. E tem os convênios, e tem isso, e tem aquilo.

Infelizmente, não tem como prosseguir. Tem que fechar as portas do pequeno hospital. Bem, como ele procede quanto a isso?

Ele vai ficar com a vaidade dele arranhada? O que vão dizer? Um bom médico não pôde ter seu hospital?

É isso que vão colocar? O que vão falar os outros? Como fica a situação social do casal?

Acham que ele vai perder tempo com isso? Isso nem passa pela habitação da alma dele. O que ele pensa?

O que ele sente diante disso? Ele procura alternativas. E se financiar no banco?

E se vender uma parte do imóvel? E se a casa que ele tem na praia servir como atenuante? Ele vai procurar.

Vai procurar trabalhar essas coisas. Mas infelizmente, no caso dele, não há como prosseguir. O pequeno hospital fechará as portas.

Durante isso que ele faz em casa? Ele se torna um homem duro, amargo, que pressiona a esposa e diz coisas duras pra ela. Inventava brigas por motivos bobos, periféricos, pra atormentar a própria esposa, que nem sabe o que está se passando, aliás. Que ele está endividado, que a clínica, o pequeno hospital dele já era. É isso que vai fazer um homem que cresceu e amadureceu afetivamente? Não, ele não vai fazer isso. Ele vai esconder? Não deixará o rosto de paisagem e a esposa e as filhas não saberão de nada? Não, ele também não fará isso. De forma alguma. Ele fará o quê, então? Uma reunião familiar? Vai chorar, desabar diante de todo mundo? Dizer que ele é um incompetente, que ele é um fracassado? É isso? De jeito nenhum. Ele não é um incompetente, sabe perfeitamente disso. Não é nenhum fracassado, como também não é um vencedor. Na nomenclatura dele nem existem essas classificações.

Ele vai, com tranquilidade, reunir as meninas, a esposa. Primeiro a esposa. Vai contar que as coisas ficaram difíceis, que é isso e aquilo e aquilo outro que está acontecendo. Ela prontamente dirá a ele, não. Eu tenho um tio que é um industrial muito forte em São Paulo. Certamente ele vai cobrir isso e você vai poder trabalhar. E vamos parcelar isso em 30 anos. Você vai devolvendo a ele. Mas ele diz que não. Que não pode ser assim. Que não é por orgulho, não. Acham que isso é orgulho, acho que isso é vaidade? De jeito nenhum. Ele aceitaria prontamente. Mas as condições são tais que fazer isso seria um paliativo. A questão é de outra ordem. E ele comprometeria muitas coisas se fizesse isso. Teria que parcelar, teria que sacrificar o estudo das meninas. Ele não vai fazer isso. Resolve que não. Mas agradece. Ele explica a ela que ele terá um pequeno consultório. Que ele prestará concurso. Ela diz, mas aos 45 anos você vai prestar concurso? Está cheio de médico novinho por aí. Ele diz que ele é um estudioso, que ele sempre estudou. Ele gosta muito da medicina. Vai fazer o concurso, sim. Inclusive como professor universitário, não tem problema. Dará aulas. Ele vai montar um pequeno consultório. Em parceria com uma médica que ela conhece, que é amiga dele. Ele vai fazer esses movimentos. Que o hospital terminou e terá inclusive o imóvel para pagar as dívidas. Ele fala isso com muita tristeza. Com pesar. Ele sentiu muito. Ela o abraça. Ele chora com ela. Ambos choram. Ela diz, mas você dedicou uma vida toda. Não pode terminar assim,

não é? Ele diz, mas isso não é um término, não. Não é um término. Isso é só uma das coisas, uma fatalidade. Isso acontece. A vida está continuando.

Luiz Fernando Veríssimo tem várias crônicas. Mostrando disposições como estas. Com humor, mas também com dor. Ele propõe vários desses elementos assim. Ele trabalha com comerciantes. Com profissionais liberais. Com jornalistas como ele. Escritores como ele também. E mostra vários desses segmentos.

Que são os aspectos da vida que nos fazem rir, chorar. Aprender. A esposa fica solidária. As filhas ficam. Uma das meninas diz que vai sair da escola particular, para ajudar. Ele se comove. Eles aprendem. Vendem um dos dois carros. Agora eles só terão um carro. Ele explica para as meninas o que vai mudar. Coisas que eles vão fazer. A família estava para fazer uma viagem de estudos. Eles estavam indo para a França. Todos queriam aprender francês. Iam passar quatro meses na França. Não vão mais para aqueles lindos jardins de Versailles. Vão ficar em casa. Vão aprender a distância. Mas todos se animam. E já pensam. Vamos estudar juntos. Todo mundo faz o mesmo curso. Ao mesmo tempo, juntos. É a maneira de reunir a família. Ao redor do computador. Pronto. Perfeito. Amor.

A maturidade afetiva. Há muita tristeza em situações como estas. Os amigos próximos ligam.

Querem saber o que houve. Passei na frente do hospital. Tinha uma placa. Estão vendendo o hospital. O que aconteceu? Tudo é muito difícil. Há situações muito tristes. Eles saem para jantar. Ele leva a esposa para jantar. E amigos se aproximam. Reconhecem e falam. Mas Eduardo, o que aconteceu? Por que você não nos procurou? Não havia nada a ser feito. O que é isso? Como deixa fechar assim no hospital? Observe como ele está lidando. Não que ele não pudesse pedir ajuda para os amigos. Que prontamente. Mas é que neste caso, ele considerou as variáveis. E se fossem diferentes, ele prontamente aceitaria a ajuda dos amigos. Ele agradeceria muito. E trataria de devolver isso aos poucos aos amigos. Mas é que ali, ele viu que terminou um ciclo que não havia como proceder. Ele nem teria mesmo como pagar com o ciclo que termina. Novos equipamentos que chegam na área dele. Que são muito caros, etc. Não é por aí. Não é dessa forma. E ele agradece os amigos com emoção.

Ele diz, vocês só de me dizerem isso já me ajudaram. Observe como é. E acham que ele se sente humilhado? Ele vai dar aulas numa escola. Numa pequena faculdade. Aulas na turma de fisioterapia. Em uma das turmas de medicina ele vai dar aula. Aula de enfermagem. Para ele isso é uma satisfação. É um privilégio. E para esses alunos, quem não gostaria de ter um professor desse, quanto vão poder se beneficiar com tudo isso que ele tem. Essa bagagem.

Ele também trabalha no pequeno consultório dele. Que vai bem. No início é difícil. Muitas pessoas se afastam que ele atendia. Naquele pequeno hospital luxuoso, bonito. Agora num pequeno consultório. Alguma coisa houve. Ele conta para as que perguntam. Ele conta o que aconteceu. Resumidamente. E a vida prossegue. Observaram como aproximadamente essas coisas ocorrem? Aproximadamente, por favor. Não tenho como dizer é assim. Há muitas variáveis envolvidas aqui.

Mas, nesta nossa ilustração das agruras que eventualmente passamos pelas vidas, pelas vicissitudes, pelos nossos problemas e questões. O que virá agora é o que para muitas pessoas é o que há de mais dramático. Que é o mais difícil de vivermos numa época como a nossa.

Poucos que passam por isso não apresentam profundos machucados. E cicatrizações muito difíceis. Infelizmente, o casal perde uma das crianças. Perde por conta de uma leucemia. É algo muito, muito triste. Muito difícil para esses pais. Muito complicado. É um dos momentos mais difíceis para muitas e muitas pessoas. E no caso deles, é decisivamente o momento mais difícil. A esposa vai com a menina para a casa dos pais dela. Vai passar uma longa temporada lá. Eles vão ficar morando não é definido por quanto tempo. Ele fica no apartamento na cidade, sozinho agora. E ele terá que lidar com a perda da menina. Que se foi por conta de uma leucemia aguda. Não havia o que fazer. Como ele reage? Como uma pessoa cuja afetividade se desenvolveu? Que é madura emocionalmente, afetivamente. Como ela lida com uma tragédia que nos nossos dias de 2025 costuma ser devastadora? Como ele faz?

Qual é o caminho para isso? Muitos terapeutas se ocuparam dessa questão. Vários.

Depois na parte final serão colocadas alguns desses que servem de fundamento na parte do que eu estou falando. Ainda que aqui estejamos fazendo essa conversação via filosofia clínica. No caso deste homem, devastado, e não é preciso nem mesmo perguntar a ele. Basta olhar para ele. A aparência dele. O envelhecimento dele. O cansaço dele. Uma tristeza que vem do fundo da alma dele. Tudo isso. E olhem que é uma pessoa que tem conhecimentos, que tem profundidade. Tem espiritualidade. Tem discernimento. Se desenvolveu em vários aspectos. Mas é assim mesmo. É uma dor muito profunda. São muitas noites que ele passa, às vezes em claro. Às vezes ele chora. Precisa de uma medicação para poder conciliar e ter o sono. Precisa dormir. Sabe que precisará trabalhar. E às vezes vai para o trabalho enxugando as lágrimas. Sente muita saudade da menina. Amava profundamente. Vêm lembranças no coração dele. Ele se questiona sobre muitas coisas. Muitos elementos. Vai estudar de novo nos livros. Mas não havia um jeito. Não tinha uma maneira. E ele vê que não. Ele vê que não tinha uma maneira. Como ele lida com isso a partir daí? Os amigos, lembrem, as vizinhanças se aproximam. São solidários. O vizinho duas portas depois no prédio onde mora sempre passa ali. Traz comida que a esposa fez e deixa com ele. Um outro, de vez em quando, aparece lá do nada, bate na porta. Um colega dele que mora no outro lado da rua. Diz, olha, trouxe um suco aqui, muito bom que minha esposa faz esse suco, de frutas. Vamos tomar e vamos conversar. Convidam para sair. Colocam um filme muito bonito para ele ver. Filme inspirador.

Gosta muito de filmes sobre agricultores em outros países. Então mostram para eles esses agricultores e o que estão fazendo, agricultura biodinâmica na Alemanha, ele vê aquilo e fica encantado. Diz, nossa. Então eles seguiam por assim. Não precisa botar nenhum químico nas plantas. Que coisa mais linda. Isso começa a cicatrizar a alma dele. Pensam que essa cicatrização é uma linha reta? Essa cicatrização é o próprio tratado das oscilações.

Dias que ele está bem, dias que ele não quer nem levantar da cama. Dias que ele não consegue fazer as coisas. Se atrapalha completamente. Nem para dirigir. Chama um táxi, porque ele não tem condições de dirigir hoje. E aos poucos, a alma, o coração começa a se recuperar.

Lembrem que tudo aquilo que ele tinha, que caminhou com ele até aqui, vai prosseguir a maior parte. Tudo que ele construiu, conhecimento, vivências, experiências, perdas, acertos, enganos, todos esses elementos. Deus, a espiritualidade, as afetividades, esses elementos vão prosseguir em grande parte. Alguns vão mudar um pouco. Outros vão prosseguir. Mas ele irá para frente. A tendência é esta. Não é a certeza, mas a tendência. Ele continuará. Alguns imaginam ele comprará um boneco, ele comprará um cachorro, ele comprará plantas para substituir. Não se apresse muito com isso, não. Há muitas outras coisas que são feitas, além de substituir. Em alguns casos nem há como substituir. Ainda que muitos sim. Mas nós não sabemos. O que sabemos é que muito provavelmente, tudo que ele construiu, tudo que ele é e se tornou, provavelmente prosseguirá, apesar deste enorme baque existencial. Isso sim. Ele terá muitas cicatrizes, perderá várias coisas que ele tinha, certos sonhos, certas alegrias que não terão espaços mais na vida dele.

Outras coisas surgirão. E com sabedoria, com discernimento e profundidade, aos poucos, isso cicatrizará provavelmente, ainda que certos elementos prosseguirão na alma dele, como uma das mais duras passagens da vida deste homem. Há uma quarta e última ilustração aqui, que é muito breve, muito breve, que diz respeito ao seguinte.

Vimos três episódios, não é? Quanto a esses elementos. O quarto e último é como é que uma pessoa, como o próprio Eduardo, como vimos até aqui, como é que ele, num mundo que muda com a velocidade que estamos acompanhando, com as perplexidades que estamos acompanhando, como ele faz as leituras? eUma pessoa que afetivamente se desenvolveu. E à medida que ele se recupera existencialmente disso que eu disse que ouvi para vocês, como é que ele vai lidar com esses elementos do mundo como está hoje? Muito provavelmente, alguém como o Eduardo terá prudência, terá cuidado, terá ponderação.

Vai continuar amando a poesia, as flores, as estrelas. Vai continuar com sua vizinhança, cultivando essa vizinhança maravilhosa de sua alma. Continuará se aprofundando, buscando uma maior compreensão das coisas, entendimento.

E algumas ele não gostará, se afastará, outras ele acolherá e vai prosseguir a vida dele. Alguns talvez pensem que pessoas como este jovem médico não existam. E no entanto, hoje, em 2025, elas já ultrapassaram a casa dos milhares.

Provavelmente estamos falando de alguns poucos milhões de pessoas que habitam no nosso planeta, que já estão nesta caminhada que este jovem médico, hipotético, que ilustrou o nosso trabalho, fez. Muitas já estão fazendo isso. São pessoas que passam, às vezes, por uma guerra civil no seu país.

São pessoas que, às vezes, vêem o seu país ser trucidado por um outro país. São pessoas que passam por muitos problemas. No entanto, passar por muitos problemas, tendo esses aprofundamentos, tendo essas condições, é algo a se considerar.

Tanto para eles mesmos, quanto para outros. Na história da humanidade, nós temos centenas e centenas de ilustrações sobre isso. Elas não terminam.

Temos em todas as áreas pessoas que deram testemunho de situações como a que este jovem médico que eu acabo de descrever teve, passou, em muitas coisas. Você vê o Viktor Frankl, o que ele viveu. Você fica admirado. Parece uma novela, uma ficção científica. Não parece alguém real. E, no entanto, tudo ele viveu.

Você vê muitas pessoas passando por essas coisas, pelo mundo inteiro. Pintores, engenheiros, advogados, artistas, pessoas, o cidadão, o operário, milhares de operários, milhões de operários, de trabalhadores que são verdadeiros heróis anônimos, como o herói anônimo é esse Eduardo também. Muitos.

Mães que, às vezes, criam filhos com uma dificuldade tremenda. Ela é sozinha. Trabalham, dividem o pão, literalmente, com os filhos, numa casa que nem água encanada tem, nem luz.

Muito. Há muito disso no nosso mundo de hoje. O que é uma grande esperança para todos nós, que existam pessoas assim, inspiradoras, que nos mostram suas fraquezas, seus dramas, seus dilemas, e nos servem de lição, de aprofundamento para a alma.

Não é uma jornada fácil, mas se nós não fizermos essa jornada, o que acontece com os outros que estão conosco? Precisando muito que nós tenhamos força, que nós tenhamos, na medida do possível, a intenção de prosseguir, de ajudar a muitos pequeninos conosco que têm medo, que têm fome, que têm dor. Se nós podemos fazer um pouquinho mais, vamos fazer um pouquinho mais.

Há muito nisso. Não é? E se fizermos um pouquinho mais, muitos poderão ser beneficiados com isso. É parte do nosso estudo, é parte do nosso trabalho em filosofia clínica, essa caminhada, que é muito difícil, muito difícil, mas é a nossa caminhada. Como uma ilustração final, gostaria de partilhar com vocês dois breves videozinhos. Um é uma campanha publicitária que no mundo inteiro fez uma mescla semiótica, emocionando, por associar os cuidados de um prosaico cinto de segurança aos cuidados familiares, do amor familiar, no sentido da segurança.

Vamos acompanhar, é de Daniel Cox. Uma obra memorável, abraçando a vida. Linda, linda homenagem sobre maturidade afetiva, sobre partilha, sobre fraternidade, sobre Deus, sobre amor.

Vamos ver.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=YThwCbMVXdY>

Vou compartilhar com vocês este outro filme. É muito tocante. É um filme que vem a trazer os elementos de paz de uma época, de transcendência de uma época, que é do Kei Kanamori.

Uma obra muito bonita. Vocês sabem aqueles papéis tão pequeninhos que você não corta, também não cola, e faz aqueles origami? Muito bonitos, pois esse diretor faz uma

alegoria existencial lindíssima, uma inspiração, mostrando desde os elementos de vida muito difíceis e às vezes, infelizmente, não podemos nos furtar a isso, e eles se precipitam e temos que lidar com eles até a própria transcendência. Uma das obras mais lindas, uma homenagem à vida, ao poema que é a existência.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=X0hyTmlsBUI>

Transcrito por [TurboScribe.ai](#).

AULA 21 – EXPANDINDO QUADROS AFETIVOS – 30/05/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem esse estudo 'Uma Educação para as Emoções'. Uma delas, não é a única. Há vários e há vários caminhos e há várias formas.

Estamos fazendo uma apreciação via filosofia clínica. A nossa aula de hoje apresenta alguns aspectos dilemáticos que, aos poucos, juntos vamos trabalhar. Antes disso, vamos direto para Boituva, São Paulo.

De lá, o professor Clailton fará a resenha da nossa aula passada. Boa noite, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 23 de maio. O tema foi maturidade afetiva e as agruras dos dias.

Durante algumas aulas, nós estudamos características da imaturidade afetiva. Enquanto aprofundávamos as questões em torno do tema, ficava evidente também as dificuldades que poderiam se apresentar às pessoas com esse perfil. Isso quando havia determinação tópica ou quando o contexto também exigia uma postura com ações decorrentes de emoções amadurecidas.

A combinação desses elementos levava a alguns problemas que nós vimos. Isso nos traz uma questão. Será que uma pessoa afetivamente madura está isenta dos problemas da nossa época?

Será que ela poderá ficar doente, por exemplo? Estará sujeita a problemas financeiros? Poderá enfrentar questões em um relacionamento conjugal?

Passar por uma separação, etc? Nessa aula, nós contamos com o exemplo do Eduardo. Ele era um médico, tem em torno de uns 40, 45 anos.

É uma pessoa realizada, tem muita gratidão no coração. Tem suas afetividades bem desenvolvidas para os padrões da nossa época. E em suas próprias coordenadas também.

O Eduardo é casado, tem duas filhas. Ele costuma ser tolerante, é uma pessoa calma, sabe esperar. Perdoa com facilidade, ama com alteridade, tende a um equilíbrio afetivo.

Não costuma ter como companhia em seu cotidiano o nervosismo, chateações, ansiedades, etc. Ele não é perfeito e sabe disso. Reconhece seus erros sem problemas.

Se um colega de trabalho, por exemplo, diz a ele olha, você não deveria ter falado dessa forma. Esse retorno deveria ter sido diferente. Você deveria ter ouvido melhor a pessoa.

Ele não vai se ofender, não vai também se apressar com justificativas. Vai considerar o que foi dito. Se for o caso, vai reconhecer o erro que poderia ter feito melhor.

Tentará corrigir, etc. Buscará formas de fazer melhor da próxima vez também. Um dia, o Eduardo chegou em casa e a esposa disse que o casamento havia acabado. Ela fez alguns apontamentos e ele concordou. Ele sabia que de fato aquelas coisas estavam acontecendo. O Eduardo sofreu muito com a separação, com tudo aquilo, com aquela conversa. Os dois sofreram. Mas a maior preocupação naquele momento era com as crianças, com as duas meninas. Eles tinham outras questões para resolver e fizeram isso juntos. Ninguém foi bloqueado, por exemplo, nas redes sociais. Eles receberam apoio dos amigos. Tinham muitas pessoas com quem contar naquele momento. Não houve briga, gritos, quebraadeiras, promessas de vinganças, nada disso. E nós percebemos com isso que a maturidade emocional não é nenhuma garantia de imunidade para essas coisas. O que muda nesse caso, em relação aos outros que nós vimos, é a forma como cada um enfrenta esse tipo de questão. E nesse caso específico, foi possível que eles continuassem juntos como amigos. Não houve o divórcio, mas a relação também não continuou mais como era antes. Agora era uma relação mais de amizade.

O Eduardo tinha um hospital e as questões financeiras não iam bem. Ele tinha dívidas e tudo isso levou o Eduardo a fechar as portas desse hospital. E a forma como ele procedeu nesse caso também não foi diferente do problema anterior. Ele considerou propostas de amigos antes de fechar, procurou alternativas. E no final das contas, acabou decidindo que manter apenas uma clínica em parceria com uma médica amiga seria a alternativa mais viável. Ele também foi dar aulas em uma faculdade. E durante todo esse processo, ele conversava com a esposa, com as filhas, recebeu muito apoio delas. Elas foram solidárias novamente, sem culpabilizar ninguém, sem briga. Novamente, o Eduardo passou por essas mudanças e sua vida prosseguiu.

Depois desses acontecimentos, esse casal enfrentou a maior de todas as dificuldades, algo dramático. Eles perderam uma das filhas. Após isso, a esposa foi com a outra filha para a casa dos pais e o Eduardo ficou morando em um apartamento.

Ele teve que lidar com essa perda, algo que foi devastador. Era possível ver nos olhos dele, no rosto dele, sem que ele falasse nada. A cicatrização desse evento foi algo muito demorado e difícil.

Ele perdeu muitas coisas nesse processo, sonhos, por exemplo. Muito de sua vizinhança, porém, continuou e o ajudou de todas as formas, permitindo que ele continuasse de pé e seguisse a sua vida. Nas considerações finais, o professor citou vários exemplos, pessoas que passaram por situações semelhantes e que, como o Eduardo, seguiram sua jornada.

Talvez existam milhões de pessoas como esse personagem que nós vimos e seja um caminho de esperança para a humanidade. Ok, professor. Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor. No sul do país, nesse momento, nós temos temperaturas muito, muito baixas. Em várias cidades próximas a Porto Alegre, chegamos a zero grau.

Na serra, em alguns lugares, temperaturas negativas, neve. E quando isso ocorre, nós já vimos, atravessando aqui no sul, um quadro viral muito preocupante. As nossas UTIs, nossos quartos, toda a hotelaria hospitalar estava comprometida já, tentando dar conta disso.

E é um painel viral, né? Que é muito intenso, então, pede cuidados. A defesa civil pediu para que pessoas que estivessem com gripe leve não fossem para os hospitais. Para não agravar a situação, que já é muito delicada. Vamos ouvir um pouco um colega nosso, que trabalha na área médica, para nos passar algumas recomendações sobre os cuidados em uma época como essa. Professor Ildo, vou passar para você.

Aqui está o microfone. Pronto.

PROFESSOR ILDO

Boa noite aos colegas. Se vocês viram, eu estou com uma manta aqui no pescoço, já me protegendo. Esse vírus que está pegando aí a influenza, ele é muito contagioso. Mas ele é contagioso nos primeiros cinco dias.

Então, uma pessoa começa com sintomas da gripe, ela é bem contagiosa. Depois, quando ela está já no sexto, sétimo dia, ela pode até ter sintomas. Mas aí ela já não é mais contagiosa.

O que a gente deve fazer para se proteger? Primeiro, andar de máscara. Porque não se sabe quem é que está contagiando ou não está contagiando.

E tem muita gente com essa gripe. Então, andar de máscara, se proteger do frio. E se tiver sintomas, o tratamento é, se tiver com febre, vai tomar um antitérmico. Vai tomar vitamina C, repouso e cama. Esse é o tratamento. Em geral, não é necessário ir ao hospital, a não ser que tenha uma febre alta, que daí já pega uma pneumonia, mas aí já é uma contaminação bacteriana, não é mais viral. Esse vírus influenza, ele deixa as

peessoas com dor no corpo, congestionada, com febre, algumas até tem náusea, mas isso se resolve com repouso, antitérmico e analgésico. Acho que era isso, professor.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Ildo, por sua colaboração.

E imaginem os senhores que hoje, aqui em Porto Alegre, inicia Fronteiras do Pensamento. Oito palcos montados no centro da cidade. Essa é a parte histórica, que vai da Catedral até a Praça da Alfândega. Centenas de pessoas, muitos vindos de fora, acompanhar um importante evento. Fora outros, tem shows pela cidade, hoje daqui, quem é que está aqui mesmo? Seu Jorge. Seu Jorge, tem músicos pela cidade de fora. Não é o Seu Valença, não é ele que está aqui, é um outro músico muito bacana. Eu estou com o jornal lá na salinha, por isso eu não tenho aqui.

Então, é prudência, cuidado. Também temos a presença, hoje aqui, da nossa presidente, da ANFIC, a professora Dilvane, que é a antiga coordenadora da Semana de Estudos. Poderia nos dar uma palavrinha, deixa eu chamar a professora Dilvane, para conversar com vocês.

PROFESSORA DILVANE

Boa noite, colegas. Tudo bem com vocês?

Olha aí, a gente não vai perder a Semana de Estudos por nada, já estamos aqui. Vamos ficar aqui no Instituto. A gente veio para resolver as últimas questões, para deixar tudo em ordem, para recebê-los com todo o carinho e todo o afeto de sempre, e deixar tudo pronto.

Então, estamos aproveitando aqui a oportunidade de estar assistindo a essa aula ao vivo com o professor Lúcio. Uma boa aula a todos, e qualquer dúvida, qualquer coisa que a gente puder estar contribuindo, estamos aqui para servi-los e contribuir para mais um evento lindo da filosofia clínica.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado.

PROFESSORA DILVANE

Boa aula.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professora Dilvane, professor Ildo, aos colegas que estão aqui, avivo, nesta aula de hoje. Sabem que alunos que fazem o estudo ao vivo sempre, invariavelmente, recebem um presente, não é?

O presente de hoje é muito bonito. Tenho várias anotações aqui. Zé Ramalho.

Zé Ramalho, o Ildo disse que é um músico que estará aqui pertinho do Instituto, um quilômetro daqui, o Zé Ramalho fará uma apresentação no Brique da Redenção ali, um lugar lindo. O show é às nove horas, dá tempo depois da aula, com máscara, de ir ao show.

Se tiver entrada, né? Duvido muito que tenha. Nós vamos ouvir um grupo, um quarteto.

O nome dele é Rhythm Future Quartet. Esse é o nome deles. E...

Mas antes de eu colocar essa música, tenho que colocar alguns elementos para vocês, sobre o que vocês vão ouvir. Alguns nunca ouviram essa expressão que eu vou dizer agora, o jazz manouche. Essa expressão, porque esse jazz que vocês vão ouvir agora, muito diferente, alguns nem vão reconhecer, vão dizer tem certeza, professor, que isso é jazz?

É jazz. O jazz manouche é o jazz cigano. E ele foi, desde a década de 30, ele surge na França, por ciganos franceses, daí o nome, jazz manouche.

Ele é muito bonito. Alguns conhecem como gypsy jazz, jazz cigano. Lindo, lindo.

Ele tem muitas características. Se eu colocasse agora só a música para vocês, sem a imagem, vocês identificariam entre os instrumentos a bateria, a percussão. Só que não tem. É uma das características. O violão, ou a guitarra, que é utilizada no jazz manouche, simula o som da percussão. Uma coisa muito interessante.

Logo aos primeiros acordes vocês já terão a impressão que há percussão, no entanto, quem está fazendo são as cordas da guitarra, do violão. Em geral, esse jazz cigano, ele tem quase sempre. Contrabaixo, violão, violino.

Não tem saxofone, como no jazz norte-americano clássico. Não tem o trompete também. É muito bonito.

Nós vamos ver, então, onde foi gravado isso. Bom, o título da música é Made for Wesley, de Jimmy Rosenberg. Jimmy é um dos clássicos músicos, junto com o Django, o belga, que inaugura essa tradição do jazz.

Vamos ouvir, então, uma linda passagem. A sonoridade, a cadência é muito bonito. Aqui vai.

♪ Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=dzxCe9SsC00>

Quando uma das características fortemente pronunciadas quando trabalhamos os processos de maturidade em afetividade, lembrem, por favor, como chegamos a isso. Em filosofia clínica fazemos a historicidade da pessoa, isso ao longo de vários contos. Então, estudamos a estruturação dessa pessoa junto ao contexto no qual ela vive, para sabermos os desdobramentos, os procedimentos que ela utiliza, e, a partir daí, vamos trabalhar as questões envolvidas.

É nesse quadro amplo, complexo, que tentamos, muitas vezes, localizar, quando isso for determinante, às vezes não é, a questão das emoções, das afetividades. Quando isso é

muito forte, em relação a todo o resto que habita a pessoa, por vários modos isso se pronunciará. No cotidiano dela, na maneira dela se relacionar, com ela mesma, com os outros, etc.

A partir daí temos os caracteres. Alguns, por várias razões, não conseguiram levar a contento a maturação dos seus estados afetivos, como levaram, por exemplo, os seus elementos da racionalidade, das buscas, dos conhecimentos epistemológicos e outros. Essa pessoa não é melhor ou pior, mais certa ou mais errada, que qualquer outro, e tem seus padecimentos de acordo com isso.

Outra característica muito pronunciada diz respeito ao repertório das afetividades. Ainda hoje, maio de 2025, costuma ser assim. Há uma restrição, uma meia dúzia de emoções básicas, que parecem ser utilizadas para quase todas as coisas.

Considerem alguém que sai com uma aquarela, e nesta aquarela tem azul, verde e amarelo. E você pede para a pessoa pintar o mundo que está precisando de cor, está pálido, não tem cor alguma. E essa pessoa pergunta se ela pode misturar as cores, o que daria uma avaliação maior.

Você diz não. Nessa exemplificação, terá que usar só as três cores. E ela diz para você, mas ficará tão pobre tudo isso?

Exatamente. A falta de repertório é uma das características de grande parte de pessoas que hoje padecem com isso que chamamos de imaturidade afetiva. Bem, o que é possível fazer a respeito disso?

Muitos movimentos. Hoje, veremos um deles. Como abertura do nosso trabalho, vamos ver através da Crystal Pite.

A Crystal Pite é uma coreógrafa canadense que tem trabalhos belíssimos na arte da coreografia, do teatro, da dança. Ela também dirige, interpreta. Ela foi convidada em Vancouver, Canadá, a fazer uma conferência ilustrativa sobre seu trabalho.

E ela aproveitou para, durante a fala dela, trazer dançarinos que iam ilustrando parte do que ela dizia. Especificamente, ela estava tratando de A Tempestade, de Shakespeare, os dilemas todos daquela obra. E mostrou alguns fatores que para nós aqui são muito interessantes, muito importantes.

Primeiro, lembrem, as características de uma imaturidade afetiva. Entre as características que vemos ao longo de várias aulas, uma delas é a falta de flexibilidade. A impetuosidade, a explosão, a mágoa e todos aqueles outros caracteres.

Não é algo que alguém que do ponto de vista da afetividade amadureceu conforme os preceitos da nossa época, costuma fazer. Um adulto, alguém que tem 40, 50, 60 anos, que amadureceu do ponto de vista da afetividade, sabe quando não deve se pronunciar. Se for ofendido por alguém em uma ocasião, não vai revidar aquilo, causando um mal-estar generalizado às pessoas.

Vai aguardar uma oportunidade de conversar. Não é assim. Alguém cuja afetividade ficou muito, ficou muito aquém desses princípios, dificilmente vai poder fazer isso. Ou vai explodir, ou vai criar uma cena grotesca qualquer e outras situações assim. Vamos ver esse engessamento, essa mão de ferro que impede a pessoa de ir para além de seus limites, numa interpretação a partir da coreógrafa Crystal Pite, esta coreógrafa canadense. Existem alguns dilemas aqui.

Para assistir, clique aqui: https://www.youtube.com/watch?v=160_fRFWzlU

Observem que no conto de Shakespeare, essa pessoa está aguardando, na beira da praia, o desastre acontecendo. Mas aqui, para os nossos propósitos, estamos vendo isso sob um outro enfoque, nessa ilustração que a Crystal faz. Uma pessoa cuja afetividade é bastante, arcaica para os nossos preceitos de época, ficou muito aquém, parece mais as emoções de uma criança de seis, oito anos.

Nós já vimos vários caracteres, o ciúme exacerbado, comparativos, tudo machuca, oscilações tremendas e outras coisas. Parece ser alguém livre nessas emoções, diferente do que a nossa sociedade mostra, do que seria um adulto, por exemplo. O adulto parece, nesse caso, ter as emoções cerceadas, e essa pessoa parece ter as emoções livres, e, no entanto, isso é um paradoxo.

O que ocorre aqui, na manifestação dessas emoções, a explosão, a impetuosidade, a birra, a manha, todas aquelas confabulações, isso é estar sobre o crivo da coerção. A pessoa não consegue fazer diferente. Se você falar para a pessoa, ah, perdoe, deixe para lá, isso ela vai te dizer, não, isso é ser falso, isso não é ser autêntico.

Há uma justificativa em torno desse aprisionamento que parece ser uma liberdade, que de verdade tem quase nada. A pessoa não consegue agir diferente disso. É muito previsível, inclusive.

Então, nessa ilustração que vimos, vocês viram que esta mulher, na beira da praia, com esses movimentos, ela está sendo guiada por alguém. Alguém que diz a ela, agora sinta isso, agora faça tal coisa, bane agora, se desespere agora. Quem é este alguém que diz isso?

Este alguém é qualquer estímulo que surja diante de uma afetividade infantil em um adulto. Entendamos bem. Qualquer elemento. Se você fala uma crítica, por exemplo, a tolerância à crítica é mínima. Uma discordância, se você não gostar da pessoa, precisa do aplauso, precisa da recomendação, e sempre, isso não termina nunca. Não é algo que ela dirá, está bom, assim. Não vai terminar.

Eu estou usando termos que beiram a universal como maneira de caracterizar, em filosofia química não há essa universalização. Cada caso será único, terá suas disposições únicas e teremos que ver isso de perto. Bom, este é o problema.

Alguém assim ao procurar o consultório, ao procurar ultrapassar isso, vocês já viram em aulas anteriores as dificuldades. Mas há elementos que abrem caminhos para essa maturação e alguns elementos muito bonitos. Um deles diz respeito ao aumento do repertório das afetividades.

A pessoa que utilizava apenas o medo, a angústia, a saudade, esses três e uma pequena variação deles, na maior parte do tempo, isso, com uma observação atenta à historicidade desta pessoa, a estruturação dela, o contexto dela, uma das coisas que pode surgir é a possibilidade de incrementarmos, aumentarmos o acervo existencial da afetividade desta pessoa. Por exemplo, inserindo ternura, inserindo benignidade, compaixão, isso é possível? Assim como pedras que a gente encaixa?

Não, não é. É preciso estudar a historicidade dessa pessoa para entender se isso se encaixa. Bom, mas é simplesmente o modelo do encaixe e mais nada?

Basta encaixar e aumentar o repertório como quem aumenta o vocabulário de uma criança para ela poder se expressar com novas gramáticas? É assim? Também não é assim.

Muitas vezes o puro e simples aumento do repertório só vai fazer com que se perpetuem os sintomas. E a pessoa vai usar muitas vezes isso para continuar se justificando. Então, o que é este aumento de repertório?

Vou mostrar para vocês primeiro a partir de uma alegoria muito linda. Olha, isso que vocês vão ver agora é de 2008. Sutra é uma dança do coreógrafo, ele é belga.

É Sidi Larbi, ele vai nos mostrar isso. Ele, em parceria com um escultor, um escultor britânico chamado Anthony Gormley. E junto com os monges de um templo, Shaolin, eles constroem uma parábola que se tornou muito, muito aplaudida pelo mundo inteiro. Belíssima, muito bonita essa parábola. O escultor, junto com o diretor, eles fazem uma configuração tão rara, num espetáculo cênico tão bonito, tão inédito, que a primeira vista, depois da surpresa de tudo aquilo que vocês verão agora, começam os desdobramentos e os aprofundamentos. Observem que eles mostram, primeiro, os elementos do treinamento dos monges.

Sempre o mesmo, sempre o mesmo, sempre o mesmo. Parece que não há vida, há uma repetição, como se uma máquina pudesse fazer aquilo. E então, tem isso que estamos tratando aqui, o ir além.

Propiciando o maior repertório, dentro de um contexto específico, naturalmente começam os desenvolvimentos. Há muitos exemplos disso. Você está atendendo uma pessoa assim e diz para essa pessoa, olha, vou prescrever a você algumas coisas.

Neste final de semana, na capital gaúcha, teremos fronteiras do pensamento. Alguns pensadores importantes estarão apresentando seus trabalhos, suas conferências. Diante do inverno gaúcho, o quadro viral que se espalha na cidade, use máscara, mas você pode ir tendo os cuidados.

Por que o filósofo diria algo assim para uma pessoa que ele está atendendo, com um quadro específico desse? Ele diria isso, entre outras coisas, porque isso poderia aumentar o repertório da pessoa. Específico, como mais letras dentro de um contexto, fazendo articulações novas que permitem a pessoa ir além do discurso infantil.

Para outros, não seria essa recomendação. Seria estar vendo uma exposição de telas barrocas na cidade. Faça uma resenha sobre isso, vamos conversar na nossa próxima consulta.

Aparentemente, a pessoa talvez não relacione o que ela está vivendo, os dramas, as dificuldades, com isso que está sendo recomendado. No entanto, na próxima consulta, a pessoa talvez diga que está se sentindo melhor, mais segura, que lá na casa onde ela habita, o velho pai, a velha mãe, com quem eles moram, falou algo e ela dessa vez não sentiu vontade de revidar, nem de polemizar, simplesmente parece que compreendeu. Veja um pequeno progresso, mas muito importante.

Vamos ver essa ilustração e depois vamos aprofundar um pouco mais.

Para assistir, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=BRdB0Efc4ys>

Nessa crônica contemporânea, o ser humano não vai habitar mais a casa. O menino aprende todos os rituais, todos os protocolos.

O professor não ensina a fazer os gestos estudados, o que fazer, o âmbito, a restrição e tudo mais. As caixas já estão ali para que ele possa fazer isso. E o que acontece então? Ele vai além delas. Como ele vai além delas? Na crônica, isso se torna evidente.

Nessa dança que mistura luta, dança, música, o menino começa a se soltar, ele começa a vivenciar e ir além, acrescentando novos recursos, novas maneiras, habitando com essas pessoas essas novas maneiras, se desenvolvendo. E quando as caixas, ele empurra as caixas, mostrando que vai passar literalmente por cima delas, como um modo de ir além, nós temos nessa própria ultrapassagem a arte toda que é ensinada, desde os monges, desde a música, desde a coreografia e da dança. Linda ilustração.

Bem, mas aqui há vários trocadilhos e perigos existenciais. Por exemplo, para uma pessoa que tem uma afetividade infantil, ela já não faz isso? Porque ela observa pessoas que se comportam, por exemplo, alguém está enfermo numa casa, mal, com dor, as pessoas ao redor respeitam, fazem silêncio, e ela diz que ela não vai fazer isso, que ela vai botar na música dela, onde já se viu, porque um está doente, ela não pode se divertir, não pode ter uma atitude.

Então, não combinaria com esse menino que vimos? Ainda que pareça similar, é completamente diferente. O menino está crescendo, esta pessoa está presa e vai reproduzir sempre esse mesmo padrão, provavelmente.

Não vai conseguir se libertar disso, não vai amadurecer a partir daí. É uma tautologia que se repete, se repete, se repete. A maneira, então, de propiciarmos que isso que se parece tanto, de fato se torne imensamente diferente, é trabalharmos essas novas letras, quando eu falo de novas afetividades, são afetividades próximas.

Se essa pessoa que tem uma afetividade infantil, tem muita mágoa, às vezes ela diz que tem raiva, se ela nos fala isso, falar em amor pode ser muito distante disso. Pode ser muito improvável que ela sequer consiga entender do que se está falando. Algo mais próximo.

Então, ao invés de raiva, desses elementos, dizer desconforto, propiciar a experiência do desconforto. Isso você pode ir em uma exposição de esculturas, na qual sentimentos assim podem ser experienciados de maneira lúdica, de maneira que não vão causar danos a uma pessoa que já está fragilizada de tantas formas. Ao vivenciar isso, você está expandindo com ela.

Ao mesmo tempo que expande essas afetividades, que agora fazem parte do acervo do repertório dela, também os contextos nos quais isso se passa são outros. É uma oportunidade de crescimento. Ainda que singelo, isso dificilmente sozinho vai resolver tudo o que estamos tratando aqui, mas é um aporte muito importante à vida dessa pessoa.

Mas aqui temos um ponto maravilhoso a conversar. Eu sei que assim colocando, alguns podem ficar com a impressão daquelas relações clássicas cartesianas, sujeito e objeto, e nada se desprende, nada vai além daí. É muito diferente.

As emoções não estão paradas, pregadas de uma maneira, um prego estacionário para a eternidade, muito menos a pessoa. E quando fazemos essa movimentação simultânea, ou seja, a pessoa estava num contexto, vamos supor, que vivia dentro da própria casa, um contexto familiar restrito, tinha poucas amizades, tinha poucos desdobramentos. E dentro desse contexto sufocante, ela exercia essas emoções infantis que cada vez mais se reafirmavam na alma de um adulto de 40, 50, 60 anos, tornando tudo cada vez mais difícil para ela e para os outros envolvidos.

Ao sair deste contexto, ao começar a experimentar outros contextos, com outros estados afetivos, via arte, pode ser feito via conversação, via teatro, via exposições de fotografia, artesanato. Lembrem, não há que uma relação de um grande problema que não precisa de uma grande, imensa solução. Por vezes um grande problema, com uma pequena escultura, com uma pequena pintura, aquarela, com a brisa do mar diante de uma exposição de fotografia, isso pode mudar muitas coisas.

As relações de proporcionalidade na alma humana são diferentes, em geral, das proporcionalidades no mundo dos homens, das construções da base categorial. Pois bem, quando propiciamos isso, por vezes essas suaves modificações, elas podem se precipitar, elas podem conversar com vizinhanças e então migrar de volta na alma dessa pessoa, promovendo significativas mudanças. Pode acontecer assim, não é que sempre vai acontecer assim.

Numa última ilustração para a nossa aula de hoje, selecionei uma das peças mais memoráveis dos últimos anos, um verdadeiro clássico, com o Julyen Hamilton. Julain Hamilton é um coreógrafo, diretor, teatrólogo, dramaturgo inglês. E ele fez uma homenagem aqui.

O pai dele faleceu aos 100 anos. Ele faz uma homenagem ao pai dele. Numa interpretação, isso foi feito no museu, não no museu, no TicTac Art Center, na Bruxelas, Bélgica.

Um momento maravilhoso do espaço cênico. O que ele faz? Ele entra num palco vazio, o Julain, e, neste palco vazio, ele começa a interagir.

Ele fala vários idiomas. Vocês viram, ele começa a falar espanhol, depois ele muda para o inglês, vai mudando, mudando, mudando vários idiomas, ele vai falar durante a apresentação dele. E durante a apresentação dele, nós sabemos que ele está se referindo ora ao pai, ora a pessoas, ora ele está respondendo a algo, ora ele está propondo algo, só que não aparece mais nada.

Nós vemos um homem, que a partir dos movimentos que ele faz, a partir da cadência da voz, vocês vão ver que às vezes ele fala em falsete, às vezes ele parece gritar, de repente ele faz um movimento completamente desconcatenado, parece às vezes ir para um lugar e retorna. Há muitas surpresas no caminho. Nós não vemos nem o público, só ao final temos uma ideia do que está acontecendo de fato.

Pois o Julyen, ele faz com que nós tenhamos que construir a cadeira que provavelmente está aí, a pessoa com quem ele está conversando e interagindo. E às vezes parece que ele está se referindo a uma pessoa e ele está tratando com o tempo. Outras vezes, parece que ele está tratando com o tempo, uma lembrança, divagando, e subitamente vemos que não, que está acontecendo algo muito sério.

Temos que criar todo esse contexto que ele nos tira. É como se ele nos dissesse, olha, esta pessoa está tendo muitos estados afetivos. Nós estamos vendo o estado afetivo em cada momento e não vemos mais nada ao redor.

É como se alguém fotografasse a emoção pura e nos dissesse, está aqui o retrato do que vocês estão trabalhando e estudando. À medida que a peça se desenrola, se desenvolve, ele vai mostrando elementos cada vez mais complexos. Ele vai incrementando isso, mostrando que há um desenvolvimento e que esse desenvolvimento é tão respeitoso como a dele que permite até que ele volte a movimentos anteriores, já vencidos, sem qualquer problema.

Um dos momentos memoráveis da dança contemporânea que vocês verão agora. Um pequeno encarte.

Para assistir ao vídeo na íntegra, clique aqui:
<https://www.youtube.com/watch?v=dCWw3tu6fpE>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

É uma pessoa só? Julyen está nos mostrando uma pessoa só? Ou ele está, às vezes, imitando alguém?

Ou, outras vezes, ele cede espaço para que um outro se mostre? Então, ele está interpretando um segundo personagem? Provavelmente, essas coisas acontecem.

E, às vezes, o Julyen recua de tudo isso e não é mais ele, não é mais uma outra pessoa. É a própria situação falando, quando ele coloca. Por exemplo, quando ele passa a linha, a linha, a linha, riscando a parede.

Quem é esse que risca a parede? Ou seja, ele faz vários translados com as emoções. Elas estão dentro da gente, mas, às vezes, elas estão em outro lugar.

E elas propõem coisas para a gente. Ele expande tudo isso. Leva muito longe.

Ele quebra o controle que vimos na obra anterior, Sutra, que mostra muito do controle. Aqui, o Julyen diz, não há mais isso aí. Se você entrar nesse campo das emoções e começar a expandir, logo, você não tem mais o controle sobre isso.

Bom, mas, então, é um qualquer coisa? Não é. Tanto não é que ele traz essas situações vinculadas às emoções.

Eis a grande arte nesse aspecto. À medida que se faz essa expansão cuidadosa, então, vão entrando outras coisas, além daquele repertório de três letrinhas, de três cores que a pessoa tinha no início. Agora, ela tem mais cores, mas também o contexto por onde ela está andando está propondo outras coisas para ela.

Agora, ela pega o pincel para pintar algo. Alguém chega e tira o pincel da mão da pessoa e pinta o rosto da pessoa. Diz aqui, onde você está, funciona assim.

Algo inédito. Ela nunca imaginou algo assim. Tanto na cor inédita que é nova, que ela tem, por exemplo, ternura, não tinha até então.

Foi possível inserir isso no mundo dela? Porque onde ela estava, ela tinha uma mescla de melancolia, com saudade, que se aproximava disso. E foi possível mostrar.

Um pouquinho mais além. E ela tem piedade, ainda que por pouco tempo. Mas tem muito próximo já de compaixão.

Como foi possível isso? Ao estar com o seu pincel, com as suas três cores, andando em um novo contexto. Por exemplo, ela se aproximou de alguém para pintar, achando que fosse uma estátua e era um ser humano.

Ela não tem muita influência mesmo sobre isso. E esse ser humano, enquanto ela pintava, ele também a pintava. Não com o pincel, com o dedo que molhou na paleta de cores e começou a pintar suavemente parte da roupa da pessoa.

Ela nunca imaginou que algo assim pudesse acontecer. Lá no mundo infantil, onde as coisas são meio estritas, e ela não tinha essa mobilidade, não tinha nada disso, não tinha essa motividade também. Ela começa a se desenvolver mais um pouco, mais além.

E já por conta dessas emoções associadas, nesse novo contexto entra um novo contexto. Uma afetividade sem precisar de reciprocidade. Algo que para ela simplesmente nunca houve.

Ela nem sabe direito o que é isso, tanto que não tem nenhum nome a dar. É o que o Julyen está nos mostrando. E nos mostra isso de uma maneira que nós nem conseguimos ver todo esse acervo ao redor dele.

Vamos adivinhando uns poucos, à medida que ele vai desenvolvendo o trabalho. Vamos ver a parte final desta peça de dança maravilhosa do Julyen, nessa coreografia.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Temos aqui uma maravilhosa ilustração, uma muito bonita ilustração. Mas quer dizer, então, que é somente aproximar a pessoa desses elementos, levá-la, e isso tudo se confirmará, como estamos vendo aqui? Não, claro que não.

Há muitos espaços existenciais nos quais, se fizéssemos isso, semearíamos elementos contraproducentes, agravando o estado existencial da pessoa que busca se livrar de tudo isso, agravando muitos dos elementos. Vejam os termos que eu utilizei, afetividade, compaixão, carinho, condescendência. Mas se levar para espaços nos quais a pessoa terá acesso a elementos como medo, angústia, ameaças e outras coisas, podemos infelizmente agravar o estado, confirmando vários juízos e outros elementos, e às vezes colocando um fim a uma situação que ela poderia, estava tentando modificar.

Nessa aproximação, há muitos enganos, há muitos imprevistos, há muitos elementos. Às vezes a experiência não será boa. A pessoa poderá ir a um lançamento de uma obra de poesia e teria tudo a ver com ela, mas naquele dia as coisas não funcionaram assim.

Não quer dizer que por conta de uma experiência ela vai declinar de tudo. É muito raro que aconteça, a não ser que a situação seja tremenda a ponto de abalar muitas coisas nela. Mas, fora isso, será parte dessa construção.

Há muitas diferenças para alguém cuja afetividade amadureceu, que consegue ir a ambientes e suportar angústias, frustrações. A tolerância é outra, o entendimento é outro, a postura é outra. Em filosofia clínica, o que vimos aqui, possui muitos nomes. Usamos uma mescla de esquemas resolutivos com abstrações, com sensações em direção às sensações, utilizamos elementos de busca e outros. Fizemos uma composição de vários procedimentos clínicos que só podem existir com base na experiência da pessoa, na historicidade desta pessoa, dos contextos dela. Além disso, isso pede por muitos ajustes, por muitas adequações, que depois na clínica, precisarão ser feitas. A ideia utópica de que uma vez isso tudo feito depois funcionará e a pessoa então estará livre dos seus grilhões é muito improvável, muito improvável. O que é o mais provável e corriqueiro é uma atenção continuada e isso sendo parte de uma série de outros procedimentos no sentido de uma caminhada existencial, nos nossos dias.



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem o estudo Uma Educação das Emoções. Nossa aula de hoje já é uma aula da parte avançada dos nossos estudos e trabalharemos alguns dos grandes dilemas ligados à afetividade nos nossos dias. Não utilizaremos livros hoje, ainda que eles estejam no conteúdo programático.

Depois vocês receberão para a fundamentação teórica e prática disso, mas utilizaremos quatro pequenos vídeos, muito interessantes esses quatro pequenos vídeos. Vamos então à Boituva e de lá o professor Clailton resenhará a nossa aula passada. Boa noite professor, por favor pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite Lúcio, boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 30 de maio. O tema foi expandindo o acervo de afetividades.

Além de tudo que temos visto relacionado às características de uma pessoa que não desenvolveu suas afetividades da mesma forma que ocorreu em outras áreas, existe também a questão do acervo emocional. Algumas pessoas têm no máximo uma meia dúzia de emoções que serão usadas em seu cotidiano para quase todas as coisas, num repertório um pouco restrito. Uma das questões abordadas nesta aula é um aparente paradoxo.

Existe nas considerações em torno da liberdade, nas expressões afetivas? Existente, desculpe. Então é um aparente paradoxo existente em torno da liberdade nas expressões afetivas.

Uma pessoa que diz o que pensa, ou melhor, se expressa sem pensar, apenas no impulso das emoções, uma pessoa reativa, que não deixa sua resposta ou sua reação para depois, pode parecer muito livre. Enquanto aquele mais ponderado, contido, que pensa antes de falar, aguarda o momento certo, o lugar mais adequado para se expressar, toma cuidados com o que diz, esse pode parecer tolido, cerceado. Porém, pelo que temos visto, esse que age na impulsividade e faz birra, entre outras coisas, é na verdade

quem está sob o crivo da coerção e não consegue agir de forma diferente, como se fosse um escravo das emoções.

E além disso, tem um acervo pequeno, se torna imprevisível algumas vezes. Um dos recursos que podem auxiliar nesses casos é o aumento do repertório das afetividades. Algumas pessoas usam basicamente o medo, a angústia, a saudade, na maior parte do tempo.

Mas, caso uma pessoa dessa tenha em sua historicidade aberturas para a ampliação de seu acervo afetivo, pode ser possível inserir elementos como ternura, compaixão, entre outros. Movimentações que levam ao encontro de vivências genuínas, que propiciam essas emoções, aprendizados, formas de ir além do ponto em que elas se encontram. Uma advertência aqui é iniciar com afetividades que representem pequenos avanços, que estejam próximas daquelas que a pessoa já experimenta.

As emoções mais distantes dificilmente serão alcançadas nesse momento. Se a pessoa sente mágoa, sente raiva, por exemplo, falar em amor pode estar muito distante. Talvez ela nem entenda.

Iniciar com o sentimento de desconforto pode ser uma opção. Pode ser mais compreensível e possível também. Isso pode ser feito por meio de uma visita a uma exposição de escultura, uma ida ao teatro.

Essas são atividades que podem propiciar essa experiência. E a pessoa estará ampliando seu repertório de emoções com segurança. Isso não vai resolver a questão de uma hora para outra pontualmente, mas vai contribuir.

E outras movimentações deverão ocorrer conforme os contextos, as disposições da EP, as oportunidades. Repetiremos então esse processo, faremos uma composição de submodos, ajustes também serão necessários. E aos poucos a caminhada vai acontecendo.

Professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton, por mais uma bela resenha. À medida que o senhor vai falando, eu vou revisitando a aula toda que foi feita.

É uma oportunidade até de preparação melhor para a aula de hoje. Em 1970, exatamente em 1971, uma compositora, autora norte-americana, ela lança um álbum que durante muito tempo foi considerado um dos mais importantes da música folk, música popular, como a gente tem a nossa aqui, norte-americana. Entre as várias músicas, algumas, ainda hoje, logo aos primeiros acordes, vocês já vão lembrar, é muito improvável que algum dos senhores não conheça a música que eu vou colocar agora.

Pelo menos a melodia dela. Mas a letra, eu procurei uma que trouxesse a legenda, uma boa legenda, para ilustrar, é importante a letra. A letra foi escrita por uma amiga dela, que colaborou com ela durante muito tempo nas músicas e nas melodias.

E é uma canção, essa que veremos agora, que inclusive pode servir de introdução à nossa aula de hoje, aos temas que nós vamos abordar. É uma canção que essa amiga dela escreve para um ex-namorado. Todos os envolvidos nessa história são muito conhecidos, em seguida eu vou citar os nomes, mas primeiro vamos à história, sobre o que aconteceu.

Ela namorava esse rapaz, ele era um compositor muito conhecido na época também, já, ainda que muito jovem, e essa moça namorou esse rapaz, ela escreveu essa letra. Uma letra aberta, uma letra de exposição, na qual ela conta o término do relacionamento. Realmente eles não voltariam depois disso.

Ela conta que algo mudou dentro dela. Eles namoraram, se desentenderam, por 'N' razões, mas ela ficou muito convicta do que havia, que algo se desfez dentro dela, algo que não tinha mais como conectar, não para ela. Esse rapaz é o James Taylor, um músico muito conhecido, aqui no Brasil já esteve várias vezes o James Taylor.

A escritora da letra se chama Toni Stern, ela faleceu ano passado, Toni Stern. A letrista e a cantora, compositora também, autora com ela, com a Stern, é a Carole King. E o nome da música é É Muito Tarde, It's Too Late.

Vou partilhar a tela para que vocês possam acompanhar esta música como um prefácio ao nosso trabalho de hoje.

Para assistir ao vídeo legendado, clique aqui:
<https://www.youtube.com/watch?v=ctRcB5QMFhk>

Na canção da Carole King, It's Too Late, escrita pela Toni Stern, observem que os traços, os elementos de uma afetividade provavelmente madura. Nós não temos os maiores contextos, nós não temos material suficiente para irmos além de uma exposição, mas provavelmente trata-se, quais são os caracteres, vejam, ela não está culpabilizando o outro, ela não está mostrando os princípios de oscilação, de baixa tolerância, de frustração, não está lamentando a vivência que aconteceu, ao contrário, ela disse que ficou contente com tudo que ela pôde viver, mas que algo terminou dentro dela. Não é um joguinho de mágoas, de bloqueia na internet e depois desbloqueia, ou de pequenas frases dolorosas para lá e para cá. Aquelas questões que caracterizam nos nossos dias, junho de 2025, o que é uma afetividade infantil.

É muito improvável que quem cresça numa época como a nossa vá querer fazer esse tipo de jogo, custa muito caro, mas para uma criança que não sabe o que está quebrando, não tem ideia, ela se dá a esses elementos. No nosso trabalho de hoje, veremos uma etapa do desenvolvimento das afetividades que se traduz, entre outras coisas, por dilemas. É uma etapa já mais avançada daqueles que decidiram prosseguir sua caminhada, que decidiram ir além de um discurso infantil quanto às afetividades, trabalharam por isso.

Então, num ponto deste caminho, entre os caracteres que surgem por vezes, fortemente surgem os dilemas. Eles são vários, dependem muito da trajetória, do contexto, das interseções e de uma série de outras questões. Veremos ilustrações agora que nos ajudam a compreender melhor isso.

A primeira obra que separei, Pareidolia. Pareidolia é um termo técnico que ilustra essa obra, ela é colombiana, ela é de Carlos Reyes, foi feita em 2023. A Pareidolia é um fenômeno, não da filosofia clínica, mas da psicologia, que diz respeito a pessoas que observam, por exemplo, nuvens, e reconhecem ali um sorriso de alguém, observam o contorno de uma montanha.

Então, essas pessoas às vezes dizem que o contorno da montanha parece muito alguém acenando, ou um bichinho levantando o voo. Isso é Pareidolia. Ou seja, a partir de elementos aleatórios, eventuais, a pessoa, por padrões, constrói relações de parentescos, imagéticos.

Existem outras formas, sonoras, táteis e muitas outras, não é? Roberto Carlos tem uma música que diz, ele conversa com a menina e fala pra ela que se alguém um dia tocasse o corpo dela como ele a tocou, que ela não dissesse nada. É uma forma que às vezes lembra esse fenômeno que ocorre.

Em filosofia clínica, esses elementos são lidos e interpretados por um outro prisma diferente. E aqui nós veremos um desses prismas.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=JLmOkEEC9SQ>

Termina com uma analogia muito bonita entre aquela menina e uma flor.

Uma ilustração do próprio princípio. A primeira das quatro ilustrações que veremos diz respeito ao reconhecimento do que é nosso, do que é do outro.

Vamos ver isso com calma. Uma pessoa que trabalhou durante um bom tempo, com vários aprofundamentos, tropeços, recaídas, questionamentos e que observem que os padrões da nossa época vêm de muito longe. É uma caminhada longínqua. Do momento em que ela começa a compreender a imaturidade afetiva, a baixa tolerância para as coisas, quase nenhuma adequação quanto às frustrações inevitáveis do nosso mundo, às explosões, às reações de ciúme, aos elementos de competitividade, às buscas incessantes e infrutíferas que terminam, parece que sempre da mesma forma, em desentendimentos por onde passa, com quem se relaciona.

Os outros muitos caracteres que variam conforme a pessoa, o contexto que estudamos, vimos isso ao longo do nosso trabalho aqui. A culpabilidade para os outros, a falta de fluência para poder amadurecer nela certos princípios. Ela não consegue ultrapassar o elemento da culpa em relação ao elemento da responsabilidade.

O que seria típico de um adulto afetivo. Muito bem, quando a pessoa faz toda essa transição com os muitos elementos de tropeço que vimos, e já não está numa fase intermediária, uma fase na qual ela já sabe que não deseja de forma alguma recuar, conhece o custo que é viver com uma afetividade infantil tendo quarenta, cinquenta, sessenta anos. Esta pessoa, então, decidindo avançar, sabe que há oscilações, que elas são naturais de um processo de crescimento.

Já são bem melhores do que aquilo que ela vivia antes. Então, tal pessoa, na relação com os outros, começa a trabalhar um novo dilema que lá na afetividade infantil praticamente é inexistente. Agora não, ele se coloca.

O dilema, um deles, é isso que estou observando, é meu? É comigo? Ou é com outro?

Quando encontro uma pessoa no trânsito, ao tomar o ônibus, ao ir à padaria, ao pegar o meu jornal, e essa pessoa é grosseira, é hostil, isso é comigo? Ou é ela com o mundo e não tem nada a ver comigo? O que eu vejo, o que eu coloco sobre os outros, está lá realmente?

Ou isso eu estou inventando, eu estou colocando? São os dilemas, como nesta ilustração que vocês viram, tão delicada, tão singela. Numa situação assim, no qual tudo parece exatamente como é comigo, um adulto, do ponto de vista da afetividade, começa a pesquisar, a aprofundar.

Em muitas dessas situações, ele facilmente ultrapassará. Algumas não. Precisar, às vezes, de ajuda profissional para isso.

E outras envelhecerão, ficarão pelo caminho e já nem importam mais. Este é um dos primeiros movimentos, numa etapa intermediária. A pessoa não sabe, às vezes, numa discussão, ela terá dúvidas.

Ela não tem mais como recuar, voltar, fazer as explosões, aquelas cenas infantis, ou encontrar um argumento periférico que nada tem a ver para causar uma discussão maior, ou ficar incomodando a outra pessoa com recadinhos duros pelo zap, até ser bloqueada e depois desbloqueada, enfim, aquelas novelas todas, ela não tem mais nenhum ânimo para isso. Mas não sabe muito bem onde está do ponto de vista destas questões. Então, às vezes, no meio de um embate, de uma discussão que acontece nas nossas vidas, essa pessoa não saberá muito bem.

Se ela, ao responder, se ela tentar entender o outro, o que isso pode acarretar, são descobertas. E uma delas diz respeito a isso que acabamos de ver. Ela poderá se questionar.

Isso que está acontecendo é responsabilidade minha? Eu devo fazer alguma coisa a respeito? O jantar não foi bom, porque uma das pessoas que estava participando criou uma cena inconveniente. Eu devo tomar alguma atitude? Isso tem a ver comigo? É natural que questões dilemáticas como essas ocorram.

Ainda assim, provavelmente bem menos desconfortável do que o desconforto imenso que havia. Vamos aprofundar o nosso trabalho. Agora nós vamos para uma segunda ilustração.

Essa segunda ilustração, chamada Retroceder. Lembra do botão de retroceder que nós tínhamos nos nossos aparelhos, videocassete, essas coisas? É exatamente isso que vamos ver agora, de Valerie Yu.

É uma obra do ano passado, muito bonita, muito interessante, muito curta também, que mostra um dos aspectos muito bonitos de quem descobre as primeiras luzes que chegam no amanhecer e na distância da imaturidade afetiva que agora começa a ficar para trás. Vamos ver essa segunda ilustração com seus respectivos ensinamentos.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=l4Q8ZY-0bqA>

Ela mostra a relação dela com a avó.

Então, a avó está acamada, a menina começa a revisitar o que ela viveu com a avó. Puxa um videocassete, uma fita cassete, coloca no aparelho e a fita trata das memórias. Ela começa a recuar e ver essas memórias, mas é uma passagem que ela não quer viver.

Quando chega nessa passagem, ela aperta no botão retroceder, recomeça tudo. Nós que estamos acompanhando tudo isso que vemos, ao olharmos para a tela, vocês observaram, a tela é espelhada. Ela devolve a menina a ela mesma enquanto ela retrocede.

E vemos que, enquanto tudo isso ocorre, a avó está ali perto, na cama, deitada ali perto da menina. Agora vamos ver essa ilustração de um ponto de vista amplo, dentro do que estamos trabalhando em uma educação das emoções, um estudo por filosofia clínica. Este é um dos dilemas muito prováveis de algumas pessoas que estão numa rocha intermediária.

Já estão seguras em boa parte das situações que não desejam mais vivenciar uma afetividade infantil. Já compreendem os danos que causa isso a elas mesmas, aos outros. Já caminharam e avançaram significativamente.

Ainda estão longe de uma afetividade madura. Mas também já estão bem distantes de uma afetividade infantil. No entanto, é parte dessa trajetória destituir coisas, aproximar-se de coisas, não saber o que fazer com determinadas coisas.

Por exemplo, determinadas lembranças que a um só tempo são dolorosas, que a um só tempo já não dizem mais respeito à pessoa, ela já sabe que aquilo não tem mais a ver com ela. No entanto, estas mesmas lembranças fazem parte da caminhada da pessoa. E do ponto de vista epistemológico, do ponto de vista de determinados ensinamentos para a tolerância, para a capacidade de conviver com a frustração, são importantes.

O que fazer a respeito? Trazer uma parte? Isso é possível?

Segmentar uma lembrança? Às vezes é. Outras vezes não temos como fazer isso. São os dilemas. Os dilemas da caminhada. E que se apresentam com grande intensidade em alguns trechos, dados alguns eventos.

Por vezes, é importante trazer a lembrança do que ela conviveu com a avó, mas é parte desta lembrança o final da avó que dói demais a essa menina. Como ela faz se não consegue separar uma coisa de outra? Isso é um dos dilemas.

Geralmente isso é trabalhado no consultório para vermos como é para essa pessoa. Por vezes ela pode trazer apenas a aprendizagem e não mais a lembrança. Isso é possível com alguns.

Outras vezes nós utilizamos elementos conciliatórios ou elementos às vezes complementares. Por exemplo, essa menina tem conhecimento suficiente, ela já tem 25, 30 anos, de medicina, de ciências humanas para compreender o que houve com a avó.

Por vezes, isto acomoda as questões de uma outra maneira. Não é assim para todos. Algumas pessoas, aliás, por terem conhecimentos médicos, é que tornam tudo mais dramático.

Então, precisamos observar. Mas esse é um dos dilemas muito conhecidos da caminhada. A pessoa chega num ponto e começa a se questionar. O que eu faço com determinadas lembranças? Não é do tempo em que elas viviam, ainda que a idade já fosse aos 35, 40 anos, mas eram, do ponto de vista emocional, crianças. E agora, que estão caminhando quanto a isso, elas se perguntam. Devo deixar essas lembranças? Apertar no botão retroceder cada vez que chegar a elas? Ou adiantar? Ou apagar? Qual é a direção?

Não existe uma resposta pronta para isso. Precisamos trabalhar junto à estruturação da pessoa, os contextos, as relações dela com os outros, com ela mesma, para podermos entender como isso funciona. E, às vezes, é bastante delicado e muito difícil. Mas a terceira ilustração que veremos hoje, que é uma ilustração que surgiu e que no mundo inteiro ela é estudada muitíssimo, não apenas no cinema, mas nas terapêuticas, nas áreas que estudam a alma humana.

No mundo inteiro esta obra ecoa. Ela traz uma advertência para os nossos dias. Ela traz uma mensagem, mas, sobretudo, ela traz um ponto de interrogação para a nossa caminhada neste momento da história da humanidade.

Esta obra que vocês verão agora, de 2001, ao colocar o filme para vocês, vocês pensarão que é uma obra que foi feita nos anos 40, nos anos 50, ou 30, mas não, ela é de 2001, e há nas plataformas a maneira como ela foi feita. O cineasta, que é austríaco, o Widrich, ele coloca nas plataformas também para quem quiser acessar esse trabalho. É um trabalho instigante, ele é desafiador, e ele traz embutido algumas mensagens muito problemáticas do nosso dia.

Vamos diretamente agora a ele.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=g0jeZabxSAg>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Uma série de elementos importantes a considerarmos a partir do que vimos nesta obra do Widrich.

Vamos então pontuar os elementos aqui, os principais, pelo menos, que logo surgem diante de nós. Esse homem é um trabalhador, e no trabalho dele, ele começa, ele descobre, não foi um elemento que ele quis fazer, ele descobriu que isso estava acontecendo, que as coisas estavam se duplicando, para onde ele olhava, para o que ele fazia, ele via uma cópia de determinada parte dele, tal qual uma pessoa, e vocês conhecem muitas pessoas, umas dizem, o homem é mau, o homem sempre age por interesse, nunca é por amor, enquanto outros dizem, o homem é bom, o homem age, sim, muitas vezes por amor, outras vezes por interesse, mas há muitas outras coisas, e cada um, às vezes, começa a duplicar, sem se dar conta disso, para várias partes de suas vidas. Então, aparece uma pessoa diante deles, e muitas vezes essa pessoa já é uma cópia, independente do que ela vai fazer, aquele primeiro diz, essa pessoa é má, ela age por interesse, seja lá o que ela quiser, o outro diz não, ela pode agir por amor, seja lá o que for, cada um começa a duplicar. Não é sempre assim, muitas pessoas não duplicam, fazem outras coisas, alguns, no entanto, chegam a uma etapa existencial e começam a duplicar, elas não estão mais falando daquilo que ocorre, elas estão falando daquilo que já está cristalizado dentro delas, cada vez mais.

Perderam o contato diretamente com as coisas e vivem agora com as mediações para com as coisas. Um segundo elemento muito importante na obra, e o cineasta, o Wildrich, ele nos prega uma peça, porque ele nos coloca, vendo a obra que ele constrói, como provavelmente o protagonista via, com rasgos, com lapsos, com paralisações, todo o tempo. Essas cópias que o protagonista infelizmente constrói, porque ele começa a se arrepender rapidamente disso, ele se assusta com isso, ele se depara, ele se dá conta do que está acontecendo.

Diferente de muitos que vivem isso, passam uma vida e não percebem, vivem somente as consequências disso, boas ou outras não tão boas, nocivas, entre tantas coisas. Ele não, ele percebe, ele se assusta, ele nota que o que está acontecendo é uma duplicação. Exemplo, você tem um amigo, uma amiga, que tem um comportamento bastante infantil quanto à afetividade.

Onde vai, diz que as pessoas têm ciúme, têm inveja de como elas são, etc. Que as pessoas só pensam nos próprios interesses, como se ela não estivesse fazendo exatamente isso. Então, quando essa pessoa ao duplicar tudo isso, esquece que na duplicação, a própria pessoa lá, que ela entende como uma cópia disso que ela está fazendo, ainda que ela não saiba que é uma cópia, vai fazer movimentos que às vezes rasgarão a fotografia, a pessoa sairá do quadro, ela perderá de vista.

Exemplo, uma pessoa que percebe que o outro tem uma emoção infantil e simplesmente vai embora. Não tem paciência para ficar sofrendo com situações como estas, tem mais coisas a fazer, se despede e vai embora. E essa pessoa, então, estará diante de alguém que ela poderá entender como tendo rasgado a fotografia, sumido, sem mais nem menos, o que só vai reafirmar as cópias que ela está fazendo, as cópias, as cópias, as cópias.

Um outro não, semelhante a esse homem, que no filme percebe o que está acontecendo. Ele não sabe muito bem como isso se passa, mas está percebendo que as cópias estão surgindo, estão se espalhando, estão aumentando em número. Existem

cópias interessantes, às vezes algumas pessoas vão florir o mundo, vão espalhar alimentos promissores, bons, sabem que estão fazendo isso e fazem isso em abundância, sabem do que está acontecendo, gostam de duplicar, mas eles duplicam tal qual eles são?

Não, alguns abrem o leque para que outros possam construir a partir dele. Mesmo aqueles que tentam aprisionar essas cópias logo se deparam com variações que elas percebem que não conseguem mais controlar. Na historicidade de algumas pessoas você encontra que elas dizem que o mundo era muito ruim, era mal, mas agora está muito pior.

Quando você enraiza para saber do que se trata, ela coloca que antes havia poucas pessoas ruins e agora muitas pessoas ruins no mundo dela. Ela não percebe que às vezes, e não sempre, ela está fazendo isso. Está copiando a si mesma, está duplicando elementos, esparramando pelo mundo, achando que é o mundo que está fazendo isso.

O mundo está recebendo, está partilhando, está construindo junto com a pessoa. Às vezes é assim, muitas vezes não é assim. Em que isso diz respeito ao que estamos trabalhando aqui nessa etapa intermediária de uma maturação afetiva?

Numa etapa de maturação afetiva intermediária, é usual que as emoções conversem muito de perto com fatores do conhecimento, dos contextos. A pessoa deixa de ser o centro do mundo, deixa de querer exigir que suas necessidades sejam atendidas em detrimento das dos outros. Ela está socializada no mundo, ela entende que o mundo é partilhado, que o mundo é nosso, não é meu, não é seu.

O mundo é de todos que vivem aqui, plantas, animais, estrelas, pessoas, seres híbridos e tantas outras coisas. Está crescendo, está aprendendo isso, sabe esperar, sabe que às vezes ela amará uma pessoa e a pessoa não amará de volta. E que isso é um direito?

Ela só ficará triste, mas prosseguirá seu caminho. Ela já está entendendo o processo de maturação. Dentro deste processo de maturação, alguns se depararão com este fenômeno que estamos vendo, alguns muitos.

Feliz aquele que conseguir identificar isso conforme suas premissas internas e aprender a trabalhar com isso. Saber, por exemplo, interagir com esses elementos. Saber que muito do que há ao redor é bom porque emana da própria pessoa.

Naquele princípio fenomenológico, nada vai existir fora da nossa percepção. Só que às vezes não será assim, será estruturalista. Pode existir fora e além da minha percepção.

Aprender a dialogar com isso, sabendo que muito nós não conseguiremos entender, mas muito sim também. Isso pode ser um grande avanço, não só pessoal, mas para muitas pessoas que vão se beneficiar com isso. Pois, nesse caso, o que esse homem está fazendo?

Ele está duplicando, duplicando, duplicando. Ele não sabe como parar, ele tenta esconder tudo isso no armário porque ele viu uma das cópias fazer isso, mas ele não sabe que ele já é uma cópia. O original não está mais ali.

Quem é esse que agora está reproduzindo? Você pode ver isso às vezes em familiares, em amigos próximos que reproduzem elementos nossos. Às vezes nem são nossos, nós já somos reprodutores de certos elementos.

Atávicos que chegam até nós e vão adiante. Vaidades à parte, isso acontece muito. É uma parte do crescimento humano.

Como trabalhar e desenvolver isso é parte do estudo que fazemos aqui. Então, por exemplo, uma pessoa que sabe, está ciente que a amorosidade que ela tem, a afetividade que ela tem, tende a se esparramar, a se autocopiar, a se reproduzir em vários contextos. Ela aprende sobre isso, fica feliz sobre isso, de partilhar um elemento tão importante nos nossos dias e trabalha essas questões.

Outra pessoa descobre que não é assim, que onde ela vai há fatores de desconfiança, há fatores de competitividade, há outros elementos. E ela observa que parte disso ela está produzindo, colaborando, inclusive, para que isso se aprofunde. Ela tem a oportunidade, nesse caso, de parar, de observar, de mudar.

Às vezes sim, outras vezes é a própria cópia que já interage e vem para cima dela, de uma maneira muito mais pesada do que como ela fez. Vamos ver como esse trabalho se desenvolve.

Nessa altura da questão, nós não sabemos mais quem é o original, as próprias pessoas já também não sabem.

Cada um faz a sua questão, a sua vida e olha para o outro de forma similar. O que ele fez, a partir das questões, aquilo se universaliza. Não há mais espaço para uma alteridade.

Ele olha para a florista e a florista não está mais lá, quem está é ele. O homem que o atropela no trânsito, ele olha para aquele homem, não é um estranho, é ele mesmo que o atropelou. Ele olha para o senhor que passeia com o cachorro e não é mais o senhor que passeia com o cachorro, é ele.

Em todos os lugares, de todas as formas, o mundo vira um espelho, o mundo vira o eco daquilo que ele entende. Então ele diz, o mundo é mau, as pessoas são difíceis, onde há pessoas há problemas, onde se vai sempre alguém vai ofender, e o mundo na verdade, como ele o construiu dessa forma, ecoa tudo isso a ele e ele fica então certo de que a sua teoria é essa mesma e corresponde à veracidade das coisas, e ele passa a viver isso. Um outro que constrói diferente, ele copia alteridades, espalha alteridades, permite que elas se modifiquem, que sejam outras diferentes da que ele considera.

Sabe que em algumas questões ele estará certo, em outras errado. Sabe que em alguns elementos ele se enganou, em outros ele acertou. Este outro que abre esses elementos assim, sabe que onde ele irá lhe empoderar, provavelmente encontrará alguns elementos ruins, nocivos e muitos bons, maravilhosos.

Alguns lugares serão de uma determinada forma, outros de uma outra forma. Às vezes ele encontrará um eco dele mesmo e às vezes nada dele mesmo, mas poderá aprender,

crescer e duplicar isso de novo, expandindo essa alteridade. E entre uma ponta e outra há muitos elementos intermediários.

Este é um dos dilemas de uma etapa intermediária de crescimento das afetividades. Quando criança, a pessoa agirá, uma criança afetiva eu quero dizer, um adulto que tem 35, 40, 50 anos ou mais, mas afetivamente é uma criança, provavelmente a reprodução das coisas será, quanto aos dilemas da afetividade, muito semelhante ao que estamos vendo nesse homem. À medida que amadurece, ele pode ter alternativas.

Por exemplo, entender as alteridades e trabalhar com elas, o que é muito indicado numa época como a nossa, entre outras indicações, ou pode entrar numa armadilha conceitual de duplicação, achando que está entendendo o mundo e, na verdade, está se olhando a um espelho, sem perceber isso. Os dramas aqui vão muito longe. Como este homem para isso que está acontecendo?

O que ele faz a respeito disso? Ele se desespera? É o que alguns fazem.

Dependendo da dramaticidade que as coisas vão ganhando, a pessoa sequer sabe o que fazer a não ser se desesperar. Quais são os indícios historiográficos de que algo assim está acontecendo? Há vários indícios historiográficos.

Vou colocar alguns muito usuais que frequentam o consultório. Quando você pesquisa a historicidade de uma pessoa. Um deles, termos universais.

Então, a pessoa coloca esses termos universais. As pessoas são assim. Puxa vida, as pessoas?

Num planeta com bilhões de seres humanos? Das mais diferentes culturas, tradições, histórias, como eu posso dizer as pessoas são assim? O que eu sei de pessoas de culturas e povos tão diferentes dos meus?

Aliás, do meu próprio povo. Não é o que sei eu. Para afirmar tal coisa que as pessoas são assim.

Então, isso é um indício. Não quer dizer que está acontecendo. É um indício.

Que se torna mais grave, mais forte, se está atrelado aos prejuízos, às preconceções. Então, a pessoa diz. Com certeza as pessoas são assim.

Com certeza as pessoas são boas. Com certeza as pessoas não são boas. Com certeza as pessoas querem tal coisa.

Quando há essa composição de universais com preconceções, pode se tornar muito mais forte. Há outros indícios disso. Quando há, por exemplo, conhecimento presumido.

Então, você convive com um grupo de pessoas, ou com uma pessoa por um tempo, e você coloca. Eu sei o que o outro está pensando. Eu sei o que o outro quer.

Chegue em casa, o marido, a esposa diz uma coisa, e antes mesmo de se pronunciar, você já coloca. Que sabe muito bem o que ela quer dizer com isso. Se é uma exceção, um aqui, um ali, ok.

Mas se isso é regra, se tornou algo rotineiro, provavelmente temos aí um outro indício, que é o conhecimento presumido, achar que já sabe o que o outro sente, o que o outro quer, e outros elementos. Conhecimentos presumidos. Há outros indícios também, como os elementos de circularidade, os elementos das paixões dominantes, que mostram o vício, a propensão, a tendência a determinados elementos existenciais.

Essa pessoa vai a uma festa, e ela diz que está rindo antes, porque provavelmente depois que voltar, ela não estará sorrindo. Que isso costuma ser assim. Vejam, mostrando uma inclinação, uma tendência, uma propensão.

Ela conhece as pessoas lá, ela sabe o que vai acontecer. Como saber exatamente esses elementos? Há muitos dados.

Às vezes a pessoa descreve coisas que parece que ela está vendo o que há do outro lado. Ela está olhando um espelho, não está olhando o outro lado. Por mais convincente que possa ser, ainda é um espelho.

Há outros indícios além desses, mas com estes já é bastante próximo, dependendo dos demais fatores, já é bastante próximo e apropriado que se faça aqui uma pesquisa para ver se isso está acontecendo e se isso é relevante nas interseções, na base categorial e outros elementos. São dilemas de etapas de crescimento. Junto com esses dilemas que estou descrevendo, ainda há outros delicados, sensíveis, que vão variar muito conforme os contextos e as situações.

Vamos ver um exemplo desses outros elementos que por vezes fazem pontuação aqui nisso que estamos fazendo, nisso que estamos trabalhando. A demora na passagem dos processos de maturação. Algumas pessoas, dependendo do que sofreram, dependendo das buscas e dos caminhos existenciais, para elas demorar uma passagem intermediária pode ser demasiado, diante de tudo que elas já viveram.

Não se trata de pressa, não se trata de ansiedade, se trata de estar demasiadamente cansada, demasiadamente atordoada com tudo que já se passou e não estar disposta a esse tempo de passagem. Pode acontecer. Isso não é raro, não é inédito.

Outros elementos dessa etapa intermediária que costumam surgir, diz respeito à natureza, à propensão, à qualidade, à duração das interseções. Por exemplo, a pessoa está nessa fase intermediária e se interessa por alguém. Vejam, ela muito improvavelmente recuará para aquela afetividade infantil.

Já está longe dali, mas também não está tão perto das afetividades adultas. E já é alguém que tem 40, 50, 60 anos numa sociedade como a nossa, que muitas vezes é conivente com a afetividade infantil em adultos. Diante de um quadro desse, a pessoa pode se perguntar se vale a pena esse relacionamento, se ela conseguirá, vejam, não é mais o outro agora, é ela, o discurso mudou, se ela conseguirá manter um relacionamento que para ela é interessante, que para ela é promissor.

Ela colocará as situações provavelmente assim, mas há outras ainda, nessa faixa intermediária, porque há compromissos assumidos de anterioridade e compromissos assumidos daquilo que é posterior, de um futuro que ela mira e anseia, combinar esses fatores em quem está em mudança pode ser uma tarefa extremamente complicada, que exige ajuda profissional, não é estar se deslocando, não vê mais sentido em certas coisas, mas ela assumiu e ela diz que precisa honrar certas coisas e ainda há outros fatores aqui. Esse caminho para a maturidade impõe muitos elementos e há uma metáfora belíssima, sublime sobre isso, que é a nossa quarta e última ilustração, que traz um dos princípios mais belos de uma época como a nossa, que faz honrar uma tradição histórica que a humanidade carrega até aqui, nos dias que foram muito difíceis e para o que vem aí, uma alusão à amorosidade, à transcendência dos dias que virão.

Para muitos que estão numa etapa intermediária, essa metáfora que eu vou mostrar para vocês, que é de Thomas Bowles e Ethan Spitalny, desses dois cineastas que dirigem essa curta metáfora belíssima, isso lido por uma criança vai ter um princípio, uma criança afetiva, 40 anos, mas uma afetividade infantil, isso lido por quem está em passagem, que diz respeito ao nosso trabalho de hoje, é uma outra conformação, mas isso lido por aquele que alcançou a maturidade afetiva, conforme os princípios de uma época como a nossa, é também muito diferente.

Você mesmo poderá ver onde você está nessa jornada, que nem sempre é uma linha reta.

Para assistir o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=rTYAZulxGsg>

Algumas indicações para uma pontuação mais próxima diante do trabalho que fazemos. Aquela primeira criatura construiu essa segunda para que fosse uma cópia dela?

Ela é muito parecida, não é? No entanto, ela deixa que a outra seja, que a outra brinque, que a outra tenha ideias, que a outra construa, às vezes com ela, às vezes não. Elas ficam juntas, ficam próximas, não é assim que isso acontece?

Quando há um risco de desaparecimento da outra, acharam que foi difícil correr para socorrer quem se ama, à custa da própria vida, acham que foi assim? Ou foi algo que, se ela pudesse, faria de novo, de novo, de novo? Observem os caracteres, os elementos, a simbologia da luz, das sombras, dos movimentos, uma pequena metáfora belíssima sobre maturidade, sobre aprofundamento na nossa época.

Para uma criança, alguém que tenha 40, 50, 60 anos, mais uma afetividade infantil, uma história não pode acabar assim, pode, de jeito nenhum. Para quem, no entanto, amadureceu afetivamente, pode acabar assim. Claro que pode, pois não é computado o final somente, mas tudo o que foi vivido até ali.

E às vezes tudo o que foi vivido até ali é muito maior que o final, e ainda outras considerações. Mas e para quem está numa etapa intermediária, que é o tema do nosso estudo de hoje, como tais elementos são vivenciados, entendidos, trabalhados?

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

AULA 23 – SEQUELAS - 13/06/2025



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, os queridos amigos que fazem esse estudo Uma Educação das Emoções. Agora nos encontramos já uma parte avançada do trabalho e temos alguns dilemas nas próximas aulas de grande dificuldade, como já nós veremos hoje estas grandes dificuldades, como elas surgem, alguns elementos. Vamos pontuar muito de perto o que vocês verão hoje.

Alguns colegas logo farão uma identificação pela própria caminhada em torno disso, para alguns é uma jornada bastante didática, importante, para outros diz respeito mais ao próprio desenvolvimento neste momento de suas vidas. Vamos inicialmente a São Paulo e de lá o professor Clailton fará a resenha tão aguardável da nossa aula passada. Boa noite professor, por favor, pode iniciar seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite Lúcio, boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 6 de junho, o tema foi Os primeiros amanheceres. Um adulto emocionalmente imaturo que reconhece sua infantilidade afetiva e está disposto a trabalhar seu desenvolvimento nessa área, já iniciou a caminhada.

Essa etapa é tão importante quanto as demais e as dificuldades para se chegar a isso costumam ser grandes, portanto quem está nesse ponto já avançou. Um dos elementos encontrados na fase intermediária, um pouco à frente desse percurso, é um dilema em torno da distinção, distinção pela própria pessoa daquilo que é dela e do que é do outro. Por exemplo, quando encontramos uma pessoa no trânsito, ao tomar um ônibus, nas vivências do dia-a-dia, nos compromissos e essa pessoa é hostil, será que isso é comigo ou seria uma questão dela com o mundo?

O que eu vejo nos outros realmente está lá ou eu estou inventando, estou colocando neles? São dilemas, dilemas de quem já está na caminhada. Até onde vai a minha responsabilidade sobre determinadas questões?

Se alguém foi inconveniente em uma mesa, eu preciso tomar uma providência imediata? Será sempre comigo? Outro ponto se refere às vivências do passado, ao retorno.

Existem passagens agradáveis em nossas vidas, que gostamos de visitar, mas também podem existir aquelas que não gostamos tanto. Por vezes é possível segmentar, retornando em alguns trechos apenas. Outras vezes essa separação não será possível.

Em consultório, talvez seja possível manter apenas o aprendizado daquela vivência, sem precisar reviver toda vez. Pode existir algum elemento conciliatório também, complementar. A compreensão pode acomodar muitas questões, amenizando dores, tensões, etc.

Lembrando que muitos acontecimentos estarão relacionados àquelas afetividades infantis e alguns desses ajustes podem ser necessários. A historicidade de cada um apresentará as alternativas que viabilizarão esse retroceder. Há também a questão dos espelhos.

Isso ocorre quando apontamos características no outro, sem saber que na verdade aquilo está em nós. Por exemplo, alguém pode dizer, aquela pessoa é má, ela age por interesse. Outro diz, não, ela age por amor.

Observamos que em muitos casos pode estar ocorrendo o fenômeno da duplicação. A pessoa está duplicando aquilo que já existe nela, partes dela. Nesses casos, ela não estará mais falando de um elemento que ocorre, nem de outra pessoa, e sim de algo cristalizado dentro dela mesma.

Ela não tem mais contato com a diversidade do mundo. A própria pessoa pode ser uma cópia de outra. Existem também aqueles que conhecem o fenômeno e fazem isso de propósito, para duplicar amor, fraternidade, por onde passa.

Existem muitas questões em torno desse elemento. Nesse ponto do desenvolvimento, algumas pessoas já perceberão, terão um senso crítico que permitem a elas perceber isso que ocorre, que nem todos são iguais, que não dá para enquadrar tudo, nem todos, em um universal, dizendo que o mundo ou as pessoas são assim, desse jeito ou de outro. Por fim, a dedicação ao outro, o que muitas vezes pode parecer um sacrifício, mas a pessoa não está mais sozinha, o outro faz parte dela. Ele é importante do jeito que é e em sua liberdade. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton. Daqui cinco semanas, aproximadamente, em torno de 50 colegas estarão reunidos numa aldeia, no norte do Rio Grande do Sul, uma das praias mais lindas do país, um verdadeiro santuário ecológico e um dos primeiros, aliás, do país a cuidar muito, tanto de suas marinas, quanto do ancoradouro, do rio que desemboca no mar, das suas falésias, das suas restingas, que é a Praia de Torres. Faremos lá uma semana de estudos com uma forte ênfase em prática. Muito pouca teoria, muita prática. Os trabalhos são muito bonitos, inspiradores, privilegiando o estudo dos colegas, o empenho de ir até lá. Fizemos uma reunião, fiz agora ontem, com as meninas, muito bonita a reunião, o trabalho da Cíntia, da Renice, da Dilvane, como sempre, primoroso, com novidades lindas, que os colegas vão adorar, vão gostar muito, desde as exposições de livros, estudos, completamente lotado.

Abriram duas vagas e na mesma hora já foram tomadas, dada a expectativa dos colegas. Quem já esteve numa semana de estudos sabe como é, um verdadeiro oásis para a gente voltar nutrido de afetividade, de carinho para casa, muitas coisas bonitas. Não será diferente agora, será muito bonito, muito inspirador.

Todas as obras que eu tinha que ver, já vi, vou chegar mais cedo lá para poder descansar um pouco, estar bem para receber com todo o amor os colegas. Depois eu vou mostrar para vocês. Uma das semanas de estudos muito bonita, inspiradora, uma das que deixou muita saudade aos colegas e volta e meia é lembrada.

De vez em quando algum colega diz: professor, vamos fazer de novo naquele lugar, foi tão bom. Então eu vou mostrar para vocês, já mostrei esse videozinho, na verdade dois, são gêmeos, eu vou mostrar os dois hoje para vocês, da jornada que nós fizemos há 10 anos. Não foi no Brasil, foi a única semana de estudos que não foi feita no Brasil, foi feita no Uruguai.

Vou partilhar a tela para que juntos possamos rever esse momento, uma vez que agora se aproxima mais uma edição. Vamos ver juntos, tá bem? Olhem que lindo.

Começa com o lugar, olhem o lugar que era. Esse aqui, esse é o hotel que nós ficamos, em Punta Badiena, Uruguai. Fomos de avião até Montevideu, capital, e de lá nos deslocamos até esse lindo hotel. O hotel parece um museu, ele é lindo, além de acolhedor, cheio de obras de arte por todos os lados, com ambientes muito bonitos, pudemos trabalhar, caminhar aqui. Isso aqui é um deck na frente do hotel, um deck onde caminhávamos e fazíamos trabalho. Vamos rever o que há 10 anos fizemos na semana de estudos, que é o evento mais antigo da filosofia clínica. Ele é o primeiro, não havia nenhuma associação, não havia nada, não havia instituto, outros, nada, nada, nada. Era muito pequenininha, era feito na frente do institutos, numa pequena cantina, assim era a semana de estudos. Depois cresceu.

Vou partilhar e vamos ver juntos.

Agora, vou partilhar com vocês o outro videozinho, o videozinho gêmeo. Foram feitos os dois, só um pouquinho por favor, com outra música também, para que vocês possam lembrar. Das pessoas que estiveram nessa edição há 10 anos, apenas 15 ou 16 mais ou menos estarão na edição de Torres agora, 10 anos depois.

Existem movimentos dentro da educação das emoções que são peculiares e que aparecem a partir de uma etapa provável de desenvolvimento. Isso diz respeito a muitos fatores. Alguns sequer percebem, outros nunca provavelmente passaram por isso.

Mas aqueles que estão se desenvolvendo conforme o contexto da nossa época, conforme uma série de preceitos, estes muito provavelmente encontram esses elementos pelo caminho. Isso hoje, em 2025. Muitas das palavras agora que são ditas envelhecerão muito rapidamente.

Em breve, muitas coisas que agora temos certeza serão completamente diferentes. Não é improvável que isso que veremos hoje seja uma dessas coisas. Por enquanto, tem uma validade muito grande dentro do nosso contexto.

Vamos ver então muito de perto isto. Uma pessoa que, por várias razões, se deparou com o fato de ter, ela, uma afetividade bastante infantil para alguém que tem 35, 40, 50 anos ou mais. Ela trabalhou, buscou ajuda, buscou se desenvolver.

Para aqueles que acompanham as várias aulas deste estudo sobre a educação das emoções, estes sabem que isso não costuma ser fácil, não costuma ser tranquilo. Há muitas lágrimas pelos caminhos, muitas dificuldades. Assim é ainda hoje.

Em breve, com muitas tecnologias e muitos desdobramentos, teremos maiores recursos para lidar com isso. Por agora ainda é muito difícil em boa parte dos casos. Muitos recuos, muitos tropeços.

Quando, no entanto, a pessoa já vai neste caminho, numa parte bastante avançada, ela se depara, usualmente, com elementos como estes que veremos hoje e que costumam vir rapidamente para o consultório. São trazidos ao consultório, são colocados como dilemas, dificuldades. Vamos ver alguns deles.

Considere que a pessoa que você atende passou por todos estes dramas e dilemas de uma maturação da afetividade. E então, num ponto avançado agora do caminho, no qual ela mesma se sente bem melhor, já apresenta caracteres que lembram muito mais uma afetividade que se desenvolveu conforme o nosso contexto. Por exemplo, assume as responsabilidades. Eu errei. Eu não soube fazer melhor. Não é o outro que é culpado. Eu não consegui. Eu não pude. Outros elementos de faculdades afetivas já amadurecidas conforme os nossos padrões e contextos de época. As interseções. A empatia. Entender que o outro tem necessidades como eu tenho. Que o outro tem seus direitos como eu tenho. Que eu falho com o outro. Não apenas o outro erra e falha comigo.

Que não há mais culpados, mas há sim responsáveis, que é outro elemento. E toda aquela intrincada rede de desdobramentos que mostra uma afetividade que gradativamente amadureceu. Não é mais necessário dar uma resposta porque foi ofendido.

É mais fácil perdoar. É mais fácil amar. É mais fácil renunciar, recomeçar, cicatrizar e muitas outras coisas.

Essa pessoa, no entanto, por vezes traz questões. Quais questões alguém assim traria após toda essa caminhada? São várias?

Por exemplo, sequelas. É natural que quem padeceu tanto com determinados termos traga determinadas sequelas. Eventualmente, diante de um dilema no qual a pessoa brincou, se soltou, sorriu, fez muitas coisas, ela pode ficar confusa e se questionar.

Pode vir uma apreensão muito forte. O que houve? Será que dentro dela ainda há fatores de recurso tão fortes?

Pode se tornar introspectiva e querer pesquisar? E quando, na realidade, o que houve foi simplesmente ela usufruir de um contexto, ainda que lembre muito parte das afetividades infantis que ela conheceu tão bem, já nada mais dizem respeito. E às vezes são os mesmos elementos.

Brincar, se soltar, se divertir. Só que antes isso sempre acabava mal. Agora termina com um sorriso e ir para casa.

Separei um pequeno encarte de uma obra curta, que já vimos em outra ocasião em uma das nossas oficinas e aulas, chamada A Chegada. É do Daniel Montanarini, muito interessante, de 2016. Aqui esta obra ilustra uma gama dessas sequelas, muito grande.

E a obra, que nos mostra apenas uma moça, não nos diz se ela afetivamente conseguiu lograr, ter êxito, ultrapassar e chegar a um amadurecimento afetivo, ou se estamos falando de uma afetividade incipiente. O que nos mostra que sem um contexto apropriado, diferenciar isso se torna difícilimo. Vamos então acompanhar essa ilustração e as várias pontuações em torno do que vem agora.

Para acompanhar o vídeo clique aqui:
<https://www.youtube.com/watch?v=OSWNMjBchC4>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Determinadas sequelas costumam aparecer no exercício existencial enquanto a pessoa vivencia suas coisas. Neste caso específico, esta moça vai contar ao rapaz da gravidez que eles estão grávidos. Ela está apreensiva, está esperando.

Não deseja que ele se demore. E ela faz alguns trocadilhos, algumas brincadeiras com ela mesma em torno da cafeína, sobre tomar um café descafeinado, entre outras coisas. Essa apreensão, esse espaço que tanto existe numa afetividade infantil, para quem tem 30, 40, 50 anos, mas também existe para quem tem uma afetividade amadurecida, segundo o contexto de sua época, aos 30, 40, 50 anos, é um elemento que consegue viver tanto em um elemento quanto em outro.

Perpassa os vários elementos. Em situações como estas, eis um dos fatores que faz com que as sequelas se tornem bastante evidentes e que tragam confusão para algumas pessoas. Questionamentos.

Trabalharam tanto, investiram tanto no próprio crescimento afetivo, por que agora se sentem apreensivos? Isso não é algo infantil? Um adulto, alguém que fosse maduro afetivamente, não estaria seguro para dizer ao rapaz que ela está esperando um bebê ou algo assim?

Não é isso que é de se esperar? Não, não é. Dependendo do contexto, é muito natural, e aliás indicado, que a apreensão dela possa se manifestar.

A insegurança possa se manifestar. Há muitos elementos que frequentam tanto uma pessoa que possui uma instabilidade, uma afetividade bastante infantil, quanto aquele que é maduro nesse quesito. Enquanto outras coisas, não.

Não vão se manifestar de forma, como por exemplo, as questões da responsabilidade e outras. Mas esta é uma que sim. Não costuma ser confortável quando algo desta natureza surge em alguém que transitou com grande dificuldade até chegar à maturidade afetiva.

Este é um ponto. Mas há outros pontos aqui. Quando, no nosso contexto, segundo os padrões de época, o que quer dizer uma pessoa que tem uma afetividade bastante infantil, ainda que tenha 30, 40, 50 anos ou mais, um dos fatores, conforme estudamos, diz respeito à frustração, à espera.

Palavras como, tenha paciência, não é pra agora. Isso costuma ser muito pesado. Para alguém que cresceu afetivamente, é mais tranquilo. Se dizer, tenha paciência, não é pra agora. É pra depois. Ou, aguarde. Tenha tranquilidade. É mais condizente com uma afetividade adulta conseguir lidar com isso, do que com uma afetividade infantil. Bem, ela está aguardando um rapaz. Está aguardando para dar a ele uma notícia que, para ela, é difícil. Ela mostra atenção, mostra dificuldade, mostra os contrastes com os seus trocadilhos sobre o café, sobre isso, sobre aquilo, e outros elementos. Não é ? que ele não vá demorar, que ele chegue logo.

É outro elemento de sequelas, que costumam migrar, que costumam chegar até alguém que desenvolveu, e que nem sempre é confortável. Agora, reparem num ponto, nós não temos só um elemento que chega, nós temos vários. A espera, a possibilidade de ela ser muito frustrada deste encontro, marcou em uma cafeteria para dizer algo assim para o rapaz.

Nós não sabemos mais nada dos contextos, sabemos que ela está apreensiva. Há muitos caracteres aqui que, se ela, em algum momento, teve essas questões de uma afetividade bastante infantil, há muitos elementos aqui que apontam para lá. Bem mais, neste momento, do que o que parece apontar para um elemento de maturidade afetiva.

Bem, mas o que eu vou dizer a seguir desfaz muito dessa balança que eu coloquei. É que, nas afetividades infantis, esses caracteres costumam ser puristas, costumam ser quase crus, nus. Eles se apresentam tais quais são. Então, se é o ciúme, vem o ciúme inteiro, toda a sua pujança. Se é a raiva, vem a raiva toda. Se é a frustração, vem tudo aquilo, direto, nas cores naturais, nos aromas naturais.

Já, à medida que a pessoa amadurece, afetivamente, isso não é bem desta forma. Ao amadurecer, essa afetividade conversa com outros elementos maduros da pessoa. Sua racionalidade, suas buscas, seus juízos, sua religiosidade e outros elementos, que dão um amparo muito grande a isso.

Então, vejam, ainda que pareça tantos caracteres apontando para uma imaturidade afetiva, o âmago de tudo isso, o cerne de tudo isso pode apontar para uma maturidade afetiva. Ela pode ter marcado aí, para encontrar nesse lugar, pois acha que precisa comunicar, coisa que uma mulher adulta, afetivamente, faria. Entre outras coisas, pode considerar assim.

Vejam como, nestas balanças das sequelas, os elementos, às vezes, pedem maior aprofundamento, para podermos entender de fato. Não costuma ser confortável lidar com essas sequelas. São machucados, que recém cicatrizaram.

Alguns têm prudência, outros têm medo de mexer com isso. Alguns se afastam até de determinadas vivências, alegando que não estão dispostos a arriscar algo que custou a eles tantos anos, tanto trabalho, para um crescimento. Se afastam realmente disso.

É tal qual, uma pessoa que trabalhou muito para chegar a um ponto de uma afetividade, que no nosso contexto é dita como amadurecida, encontrar alguém por quem ela tem um grande amor, um carinho, e gostaria de se envolver afetivamente, no entanto, percebe que essa outra pessoa tem uma afetividade infantil. É muito improvável que esse relacionamento vá adiante. Improvável, apenas. Pode acontecer. Mas essa pessoa que sofreu tanto, sabe o que é um envolvimento com alguém cuja afetividade é bastante infantil. Se estiver disposta a passar por cima de tudo que ela já sabe, crises de ciúmes, invejas, explosões, simulações, somatizações, questões ligadas à culpabilidade, vai ouvir muitas vezes que aquela pessoa não é feliz por causa dela, dessa que a acolheu. Que essa que a acolheu não lhe dá paz. Que essa que a acolheu tem vários elementos, vários problemas. E assim sucessivamente.

Entre outras coisas, entre tantos caracteres que vimos. Alguém que sofreu tanto para crescer, será que entrará num relacionamento assim? Talvez entre, não é?

Talvez. Há muitas variáveis aqui. Vamos seguir mais um pouco dentro dessa discussão.

... continuação de reprodução de um trecho do vídeo

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

É um posicionamento da afetividade amadurecida falar pelo outro? Dizer o que o outro sente, o que o outro pensa, isto é uma afetividade amadurecida? Ou esse conhecimento presumido é uma das características muito fortes de uma pessoa que possui uma afetividade infantil, ainda que tenha 35, 40, 50 anos ou mais?

Não é o que ela está fazendo? Ela está falando o que ela fez? O que ela sofreu?

E está questionando? Bom, e se ele não quiser isso? Bom, eu não preciso dar satisfações, eu posso fazer isso.

Mas eu não tenho recursos, eu não tenho como fazer. Como será isso tudo? Essas confabulações, esses elementos díspares que apontam para tantos lados, isso é uma característica de uma afetividade madura?

Observe, nós estamos diante de um encarte. Nós não temos a historicidade desta moça, não temos a estruturação dela, não temos as relações, as interseções que ela estabelece. Estamos acompanhando um fragmento de discurso.

E este fragmento de discurso nos mostra um momento de apreensão dela. Quando ela vai contar isso para esse rapaz, se ele não quiser ficar com ela, como será? Ela diz que eles nem se amam.

Há vários elementos aqui, não é? Primeiro, ela está falando com alguém ou ela está falando com ela mesma? Vejam que num discurso infantil quanto à afetividade, nós sabemos que a pessoa dialoga usualmente com o espelho.

O outro se torna aquele objeto do atendimento das necessidades dessa pessoa. A empatia é muito pequena? Então ela está falando isso para alguém ou ela está falando isso para ela?

Observaram que ela está de frente para nós? Que no início alguém remove uma porta com um ouvido alanceado, mal podemos ver a pessoa. Então temos uma visão direta dela, mas ela não olha para nós.

Ela olha para os lados, para fora. Ela está conversando conosco? Ela está conversando com alguém?

Ela pode estar conversando com ela mesma. Um ensaio para depois chegar alguém. E ainda assim, nesse ensaio, há vários caracteres que simulam, apontam, parecem estar ligados a uma afetividade infantil.

Parecem? Nós não sabemos. Talvez nem mesmo ela saiba.

São nessas aberturas existenciais que acontecem muitos das principais sequelas. É por onde muitas e muitas delas passam. Em vivências similares a estas, que propiciam a pessoa estar em espaços móveis, que lembram muito o que ela já viveu.

Vocês acompanham isso em seus consultórios muitas e muitas vezes! Geralmente surge pela queixa da repetição, dos elementos de paixões dominantes. A pessoa coloca que já viveu isso que ela está vivendo agora e não quer viver de novo.

Está num relacionamento, já sofreu muito no outro relacionamento por conta de ciúmes e não está disposta a viver isso outra vez. Vejam o fator que ocorre. Mas, ainda que seja tão parecido, o ciúme que viveu numa outra relação, a possessividade que viveu numa outra relação, elementos de competitividade infantil, invejas, uma baixa autoestima, etc.

Tudo aquilo que houve lá quer dizer que vai haver de novo aqui. Igual não mudou o contexto, não mudaram as pessoas, não mudaram muitas e muitas situações? Sim.

Mas essa queixa, quando ela surge, observem bem, por favor, que ela está levando principalmente em conta o ápice do fenômeno de anterioridade e não os contextos. A visita dos contextos faz diluir muito desses fatores. Mas quantos fazem isso?

Ainda mais no calor dos eventos, sofrendo? Considerem suas próprias dores existenciais, que com tanto empenho conseguiram ultrapassar, com tantas lágrimas? Hoje, se uma situação similar ocorre, não teriam esse mesmo tipo de apreensão e de prudência e de cuidados?

Pois é. Só que é no meio de tudo isso que as sequelas costumam surgir. É o espaço próprio para muitas delas poderem aparecer.

E não quando você está vivendo uma afetividade amadurecida, num relacionamento, etc., em outra questão, em outra situação. Ali é menos provável. Aqui é mais provável.

É mais provável. E sequelas podem, dependendo de como elas forem instrumentalizadas, levar às situações que a pessoa não, de forma alguma, desejaria, como recuos, tropeços, às vezes, muito grandes, da pessoa. Algumas pequenas crises existenciais podem se pronunciar nesse espaço, entre outras coisas.

Não é uma situação que costuma trazer conforto.

[Palestrante 2] continuação de trecho do vídeo...

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Quando uma pessoa, aos poucos, gradativamente migra de uma afetividade infantil para uma afetividade adulta, madura, conforme os nossos preceitos de época, os nossos contextos, uma pessoa com 35, 45, 50 anos, amadurecida afetivamente, numa situação como essa que vocês estão vendo, ela está esperando alguém. E vejam, provavelmente está dentro da cabine de um trem, não é? Aguardando alguém.

Para falar sobre a gravidez. Comunicar a ele da gravidez. Que ambos estão grávidos.

Ao dizer isto, ao colocar esses elementos, ela recua e começa a fazer uma série de ideias complexas, não é? E se forem gêmeos? E se tiverem olhos dessa cor ou daquela cor?

E outros elementos? Ela brinca. Ela abre um espaço dentro desses elementos de maturidade e vai de novo para as massinhas de modelar. Vai de novo para as pinturas. De novo ela se torna uma menina. Para alguém que fez uma progressão, que naturalmente fez suas etapas, conforme outros elementos tópicos e submodais, chegando a uma maturação afetiva com tranquilidade, isso costuma ser muito tranquilo. A pessoa sabe que está brincando, que está fazendo de conta, que não tem nenhuma consequência. Qualquer problema maior ela já volta para a maturação afetiva de hoje e está tudo bem. Para alguém que está vivendo isso dentro do espaço condizente a sequelas, nem sempre é assim.

A pessoa pode, infelizmente, abrindo essa bolha na qual ela faz essas elaborações e brincadeiras, ela pode recuar muito e recuar tanto que aquilo que é maior neste momento começa a apresentar questionamentos. Então, às vezes, a pessoa pode ter um acesso de birra, de manhas, de infantilismos chegando a outra pessoa e ela já pode estar irritada dizendo que se não quiser não tem problema e o outro nem sabe do que ela está falando. Pode começar a chorar do nada. Isso ocorre. Ocorre muito. É parte das sequelas das afetividades.

A pessoa ciente disso provavelmente tende a se recuperar melhor. Saberá que foi um pequeno lapso, foi um tropeço provavelmente já é recuperação. Muitos conseguirão fazer isso.

Alguns sentirão muito mais de acordo com o que houve. Vejam que também no início ela estava em dúvida, estava querendo tomar um café com cafeína e agora, quando chegou o rapaz ela já muda de ideia, já assume uma postura condizente com a gravidez dela e diz não, descafeinado é melhor. Já retornando à sua maturação afetiva.

E nós a vemos sorrir e pela primeira vez ela olha para nós. Muito bonita essa crônica contemporânea que já havíamos visto em outra aula. Vamos para agora a segunda, segunda e última crônica do dia que diz respeito aos contrastes.

Som um pouquinho por favor. Só vou colocar aqui na na pauta som um pouquinho por favor. Isso.

De Frank Price. Aqui está. Vamos fazer a introdução, aqui ao tema.

Vamos lá. Bem, mas ainda há outros fatores dentro do espaço das sequências. Que veremos agora, esses fatores.

Muitos dos elementos ainda que a pessoa aprenda, cresça, se desenvolva do ponto de vista de uma afetividade há certos mecanismos que não progridem dessa forma e raramente vão acompanhar a pessoa nesse espaço de progressão. Vários mecanismos. Elementos mais densos, pesados.

Elementos que estão associados a fatores que impedem esse caminhar junto com o entendimento que a pessoa agora tem de sua afetividade, da maturação em torno dela. Aqui eu me refiro a vários fatores. Por exemplo, a pessoa quando tinha fortemente no seu modo de ser uma afetividade infantil, ela tinha como um dos caracteres fazer muitos trabalhos manuais.

Apenas um exemplo aleatório. Há muitos exemplos como este. Este é um singelo.

Ela trabalhou durante vários dois, três, quatro anos. Trabalhou com muita intensidade por vários parâmetros para amadurecer afetivamente. Hoje, com as muitas lágrimas e aprendizagens, ela tem uma afetividade emocionalmente bastante madura para os nossos dias, para a nossa época.

Uma moça de 40, 45 anos. E no entanto, você vai visitá-la, ela convidou você para um almoço, um jantar e você nota que nesse almoço, nesse jantar, ela está fazendo uma série de atividades manuais. Um traço que ela utilizava muito e estava muito arraigado a uma afetividade infantil.

Ainda que, hoje, ela possa fazer de muitas formas, etc. Esse traço que ainda é característico e se conserva, ainda que aparentemente nada tenha demais, faz muitas vezes tracionar os elementos ambientais. Você perguntará uma coisa a essa pessoa sobre o jantar, a parte afetivamente madura dela dirá que está tudo bem, que ela pede até para você experimentar, porque às vezes ela passa no sal ou na pimenta.

Então, você vai experimentar, está tudo bem, está tudo em paz. No entanto, à medida que ela vai agora usar os outros temperos, com a salada na sua frente, vocês estão conversando diante de um lindo balcão, tomando cálice de suco. Ao fazer isso, estes movimentos semióticos acessam objetos de anterioridade que não dizem mais respeito a nada do que está acontecendo ali.

Às vezes a pessoa acessa palavras, modos de ser. Você pode até estranhar e dizer quando você tempera a salada você parece muito com uma criança e não uma mulher

adulta de 40, 45 anos temperando a salada e ela pode se divertir, achar que está tudo bem e de fato está e outras vezes não. Outras vezes, essa observação legítima faz com que ela acesse estes espaços de sequelas.

Isso pode acontecer. E vocês já podem ter visto várias vezes situações como estas. Não é?

E é um espaço muito forte. É um dado de semiose esse que ela utiliza, que está atrelado a muitas coisas que não caminharam juntos com a feitura. Às vezes isso gera estranhezas na própria pessoa.

Ela pode parar de fazer o que está fazendo, caminhar, então falar se a gente não se importa de deixar esse jantar para um outro momento. Nós ficaremos sem entender, não é? O que houve?

Foi alguma observação que nós fizemos sobre a salada que ela está fazendo? Algo que dissemos ou que não falamos? O que houve?

E ela pode alegar que não está se sentindo bem e que se a gente pudesse desculpar, ela gostaria de deixar o jantar para uma outra ocasião. Está falando com uma mulher de 45 anos cuja afetividade é amadurecer e não está se sentindo bem. Nós, como amigos, podemos perguntar a ela se podemos fazer alguma coisa, se ficou uma tontura, alguma coisa e ela nos explicará gentilmente que não, que está tudo bem, que são questões dela, que ela se desculpa e, de fato, vamos embora, não é?

É isso que usualmente se faz. Depois ela mandará um recado pedindo desculpas novamente, convidando para uma outra ocasião, em outro contexto. Isso costuma ser muito desconfortável e ocorre, ocorre com esse elemento, com outros elementos.

Às vezes, no meio de um jogo, na praia, um jogo de vôlei, todos estão se divertindo e brincando e essa pessoa do nada segurará a bola, parará o jogo e quando olharem para ela, ela pedirá desculpas, devolverá a bola, sairá da partida. Dirá que precisa sair, não está bem. Essas sequelas ocorrem.

Geralmente estão associadas a esse fator díspare. Uma parte veio, outra parte ficou, outra parte controla. Está ligado a elementos remotos.

Neste pequeno encarte que vocês verão agora, nós temos uma linda alegoria sobre isso, bem-humorada, ainda que na vida fatores como estes muitas vezes não sejam bem-humorados. Vamos acompanhar como uma ilustração. .

Para acessar o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v= osh7dQa5IA>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Os fatores de similitude, os fatores que lembram certos fenômenos e pensamentos mágicos e outras coisas fazem com que ela brinque, se admire. Como faria um adulto, alguém que cresceu afetivamente em uma situação assim? Daria boas rosadas e procuraria uma explicação.

Alguma coisa está acontecendo. Ou sentou em cima do controle remoto. Cada movimento está fazendo isso. Ou alguém está ali brincando com ela, alguma coisa assim. Mas não transformaria isso em algo além disso. Certos elementos.

Como lembra uma configuração bastante infantil, o qual os gestos vão mudar elementos ambientais e outras coisas, mas a pessoa, ao invés de se divertir, como é o caso da menina, que está se divertindo, pode acessar outras coisas muito diferentes disso. Então, rituais, programas vencidos, modos de ser que hoje já não condizem mais com a pessoa, podem se inserir nisso, causando aí problemas graves. Pode acontecer.

Então, do nada, a pessoa pode querer fazer uma disputa de automóvel. Uma pessoa que cresceu você diz: olha, isso é extremamente grave, pode colocar vidas em risco, inclusive a sua. E são rituais, são protocolos anteriores que entraram no espaço das dubiedades, no espaço das sequelas e podem se manifestar.

São elementos geralmente ligados a controles, são mecânicos, mas que costumam ocorrer. Raramente vão além de aspectos mecânicos. São muito prosaicos, arcaicos, facilmente identificáveis, mas ocorrem.

E uma das formas de cuidar disso, de ter prevenção, é não alimentar esse tipo de situação. Ela surgindo, procurar aliviar, amenizar, é o suficiente para que ela se desfaça. Não é preciso qualquer elemento maior, uma vez que a pessoa já possui uma afetividade agora amadurecida.

Mas isso ocorre. Às vezes, no meio de um jogo, você está brincando na praia, raquete, com aquelas petecas pra lá e pra cá, brincando, e de repente, do nada, a pessoa com quem você está brincando começa a fazer daquilo uma final de Copa do Mundo, e você diz, olha, isso é uma brincadeira. E ela diz, não, mas você está dizendo que esse ponto não foi assim, esse ponto é meu, e não sei o que. Está bem, o ponto é seu. Está bem, você ganhou o jogo, pronto. E a pessoa se altera de uma maneira que causa estranheza, às vezes susto, apreensão.

Nós ficamos, ué, mas o que é isso? Isso é um brinquedo, um joguinho de distração na praia e mais nada e a pessoa diz: não, não é, isso mostra o caráter e mostra isso e mostra aquilo e você diz: puxa vida, você está indo muito longe. De fato, está indo muito longe e isso pode acontecer, se entrar esse elemento mecânico no meio de um elemento de sequelas, uma resposta de anterioridade que não foi atualizada com o restante das afetividades, isso pode ocorrer sim. Um outro exemplo, desde que a pessoa amadureceu, ela nunca mais escreveu. Escrevia cartas para todo mundo, cartas, cartas, muitas cartas... Desde que sua afetividade se desenvolveu, não que uma coisa tenha a ver com a outra, mas ela deixou de escrever cartas, não fez mais isso. O âmbito da escrita das cartas ficou restrito ao aspecto mecânico ligado a fatores de anterioridade que agora não acompanharam. Ao fazer isso, ela pode eventualmente acessar os espaços das sequelas e promover coisas que, depois, exigirão reparo, entre outros elementos.

...continuidade de reprodução de um trecho do vídeo.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

...ou seja, isso pode vir dos fatores mais inéditos, mais aleatórios, pouquíssimos esperados, mas, acessar espaços de sequelas, isso pode acontecer.

As sequelas costumam ser um dos elementos muito importantes nesses estados, pedem observância, pedem preparação para lidar com elas, inúmeras vezes. São naturais, ocorrem com as próprias oscilações da vida e às vezes ocorrem mais do que o usual, pedindo atenção dos nossos trabalhos em clínica.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 24 – ESCOLHAS – 20/06/205



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem esse belo curso Uma Educação das Emoções. Sejam bem-vindos para o nosso trabalho de hoje. Temos várias ilustrações muito bonitas e aprofundamentos importantes.

Essa é uma aula já da parte complexa do nosso curso. Vamos inicialmente, à Boituva, ouvir o professor Clailton fazer um dos momentos mais aguardados da aula, que é a resenha da aula passada. Boa noite, professor Clailton.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula passada ocorreu no dia 13 de junho.

O tema foi sequelas, algumas. Nossos estudos já abordam uma fase intermediária entre as afetividades infantis e a maturidade. Para os dias de hoje, esse não é um percurso fácil.

Existem muitas dificuldades e tropeços, mas as melhorias também são visíveis e a própria pessoa sentirá isso. Nessa fase, assumir as responsabilidades, por exemplo, assumir que errou e que não soube fazer melhor, sem precisar jogar a culpa sobre os outros, é uma das características. A empatia também pode surgir.

A compreensão sobre as necessidades do outro, os direitos, sobre o que é diferente de muitas formas. A compreensão de que às vezes vai errar com o outro e que o outro também errará e que não há mais culpados e sim responsabilidades. Não há mais a

necessidade de dar uma resposta porque foi ofendido. É mais fácil perdoar e amar. Recomeçar, cicatrizar e muitas outras coisas. Sinais de uma maturidade.

Quais questões uma pessoa traria após toda essa caminhada? Uma das possibilidades são as sequelas. É natural que quem sofreu tanto com determinados termos traga sequelas.

Diante de um dilema em que a pessoa brincou, se soltou, sorriu, ela pode ficar confusa e se questionar, ficar apreensiva. O que houve? Será que dentro dela há fatores de recuo tão fortes quando o que ela fez foi apenas usufruir de um contexto?

Ainda que lembre muito parte das afetividades infantis que ela conheceu tão bem, nada diz em respeito. E podem ser os mesmos elementos, brincar e se divertir. Só que antes acabava mal, agora termina com um sorriso.

A apreensão em um momento decisivo da vida é um estado natural. Outras pessoas no mesmo contexto podem estar mais seguras, mas a apreensão também pode se manifestar. A insegurança também.

Não se trata de um problema apenas por isso, mas também não quer dizer que será confortável para uma pessoa que com muito esforço chegou até aqui. Para uma pessoa afetivamente infantil pode ser muito doloroso ouvir alguém pedir paciência, dizer que tal coisa não será agora. Mas para quem já está nessa fase intermediária é mais compreensível que algumas coisas precisem esperar.

Haverá mais tranquilidade diante desses momentos. A afetividade já conversa com seus vizinhos de EP, por exemplo, racionalidade, valores, conhecimentos. Os ciúmes que a pessoa sente agora não é como antes.

Ela já considera hipóteses, se questiona e ele será mais brando. Dizer o que o outro pensa, o que o outro sente, falar pelo outro é muito comum nas afetividades infantis. Aqui isso será menos provável que aconteça.

Ainda que em algum momento de apreensão, de fragilidade, a pessoa considerando o que vai fazer e o que o outro poderá dizer ou pensar sobre isso nos remeta a esses fatores. Em uma travessia como essa, recuos e avanços serão naturais. Portanto, os contextos devem ser muito bem estudados.

O que estamos vendo são exemplos e não um retrato exato do que acontecerá com todos. É possível que a pessoa nesse trânsito tenha que enfrentar situações complexas que exigirão um desenvolvimento maior do que ela alcançou. É possível que ocorram recuos em determinados momentos.

Crises explícitas de birra, de ciúmes, por exemplo. Mas retomar a caminhada também é possível a todo momento. E se a pessoa estiver ciente disso, a recuperação poderá ocorrer mais rapidamente.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, professor Clailton.

Então, nessa noite de inverno, aqui no Rio Grande do Sul... Começa onde? Hoje começa o inverno não é?

Uma noite fria de inverno que começa hoje. 98 das nossas cidades gaúchas já comprometidas com as águas e vem subindo direto lá do Argentino e do Uruguai. Ventos de até 70 km por hora que vão chegar essa noitinha no Rio Grande do Sul.

Um cenário que pede cuidados, pede paciência. Quando isso ocorre, quem trabalha em áreas como a nossa sabe que muitas emergências ocorrem e a gente precisa atendê-las com carinho, com cuidado, com paciência. Alunos que fazem ao vivo recebem sempre um presente muito bonito e hoje isso se confirmou de novo.

Existe um lugar ao norte de Israel chamado Har Majedon. É uma compilação de Har Majedon. Nesse lugar encontraram, dentro de uma placa de marfim, uma lira. Os arqueólogos acham que provavelmente de mil a mil e duzentos anos antes de Cristo essa lira estava por ali e lembra muito uma daquelas liras que o rei Davi tocava de dez cordas. Ela foi toda ela restabelecida e um músico, o nome dele, Peter Pringle, resolveu fazer uma montagem. Ele tomou o Salmo 23, que segundo a tradição, mas nós não temos certeza, segundo a tradição é de autoria do rei Davi.

E ele, utilizando o hebraico arcaico, ele remonta e que provavelmente seria essa canção que cristãos, muçulmanos, judeus, budistas, taoístas e todos os demais irmãos possam usufruir da graça de Deus com paz, com amor, com fraternidade, muito longe de brigas de irmãos e coisas tão tristes nos nossos dias, na nossa época. Já que é Deus, é Deus de todos nós, não é? Pois vamos ouvir essa interpretação do Peter Pringle, que vai interpretar numa lira, provavelmente muito semelhante à que Davi utilizou, cantando e entoando a sua oração.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=gtsQ5kpkI-8>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Temos trabalhado, em inúmeras aulas, a questão da maturação afetiva, entre outras coisas. Iniciamos todo o trabalho do curso Uma Educação das Emoções, caracterizando primeiro o que seriam as afetividades infantis em pessoas que têm 30, 40, 50 anos ou mais.

Depois, gradativamente, fomos esparramando os conteúdos até encontrarmos pessoas que vivenciam uma afetividade amadurecida, assim como a racionalidade e outros elementos. Agora já estamos numa parte avançada dos estudos. E aqui encontramos outros dilemas.

Um dos grandes dilemas da nossa época, quanto às afetividades, mesmo em pessoas que gradativamente amadureceram conforme os princípios de uma época, conforme suas historicidades e outros contextos, um dos dilemas diz respeito a escolhas. Não são

poucos. Em realidade, muitos são aqueles que, mesmo com uma afetividade amadurecida, devido às escolhas, em consequência das escolhas que fazem, acabam promovendo uma série de fatores em suas vidas. Essas escolhas variam diante de uma série de questões. Por exemplo, alguns fazem escolhas baseadas em elementos estéticos. Outros fazem escolhas baseadas em elementos ideológicos. Outros em necessidades. E, muitas vezes, dependendo destas escolhas, em alguns casos, nós lembraremos muito daquilo que estudamos no início dos trabalhos, pessoas com afetividades infantis.

Por exemplo, alguns, iludidos por luzes, iludidos por sintomas ligados à grandeza e outras coisas, acabam derivando suas afetividades para a perversidade, para a manipulação, para a chantagem. Fazem isso não exatamente porque são maus, ainda que, por vezes, o conceito de bom e mal, dentro dos elementos éticos, caiba nisso, mas não necessariamente. Às vezes, nem sabem que estão migrando para lá. E, infelizmente, muitos acabam exercendo a perversidade dentro da afetividade. São cruéis. Amadureceram afetivamente e são capazes de grandes crueldades.

Não é preciso ir muito longe no mundo conforme ele está constituindo hoje para vermos situações assim. Guerras absurdas entre povos e irmãos. Situações dramáticas que vivemos em dias como hoje.

Nem sempre isso está associado a afetividades infantis, mas também a afetividades adultas, torcidas, mal constituídas, orientadas para situações dramáticas. Isso é um dos caracteres dos nossos dias. Vimos também aqueles que orientam suas afetividades para uma maturidade consequente, responsável, bondosa, com outros elementos.

Há também isso. Mas não se trata apenas de uma ponta ou outra. Há muitos elementos aqui. Inúmeros. Separei, para aprofundarmos o nosso trabalho de hoje, três pequenos vídeos. Muito indicadores sobre isso.

O primeiro deles traz uma das grandes questões que encontramos nos nossos dias ligados à sexualidade, que acaba ceifando e levando muitas pessoas por um caminho que, provavelmente, se elas pudessem escolher e entender, elas não navegariam por essas áreas. Essa primeira obra, Minha Meditação, do trauma à liberdade, é um pequeno documentário feito por um cineasta dos Países Baixos, o Wess (Sjoerd), que é muito interessante. Observe a analogia que ele vai construir com uma pessoa que caminha sobre uma linha, sobre um fio.

Para acessar o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=5apOsIP4xrM>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Nesse primeiro momento, numa primeira aproximação, vamos fazer algumas diferenciações. Uma pessoa que tenha uma afetividade incipiente, uma pessoa que tem 30, 40, 50 anos ou mais, no entanto, do ponto de vista da afetividade, tem 8, 6, 9 anos, é muito complicado fazer essa movimentação que esta senhora nos conta, que essa moça nos diz. Uma vez que o espectro e o leque de escolhas é muito reduzido, nós já vimos as características, é bem mais complicado.

No entanto, uma pessoa que pôde desenvolver sua afetividade, encontrou isso, essa agressão que ela viveu, que é tremenda, não é ela mesma nos conta, ela perdeu a vontade de viver. Observem o que ela fez. Ela começou a procurar, palavras dela, procurar, uma das características da afetividade já mais desenvolvida, buscar pelos horizontes alguma coisa apoiada nas suas vizinhanças epistemológicas, cognitivas, éticas e outras coisas.

O que ela encontrou? Algo que combinava, que era condizente com as necessidades, com as demandas, com os desenvolvimentos dela. A partir daí, então, ela começa a recobrar. A vontade de viver, o gosto de viver, as coisas começam a fazer sentido. Dentro dela, uma cicatrização na alma muito profunda, muito grande, ela mesma nos conta como isso aconteceu. Observem, então, neste primeiro aprofundamento, essas diferenciações.

A maturidade afetiva possibilita, entre outras coisas, movimentos como estes. No entanto, isto é um ato de escolha e essas escolhas podem caminhar por muitos vales, montanhas, caminhos muito distintos. Ela caminhou para isso.

Outras pessoas caminham para revanchismos, caminham para ódios, caminham para outros elementos. Não há ninguém aqui que é melhor ou pior. São questões de escolhas.

Às vezes, essas escolhas são coercitivas e, portanto, um paradoxo, não é? Uma vez que são escolhas. Outras vezes, no entanto, há um caminho aberto e a pessoa pode se reorientar.

Quando, uma vez na vida, você foi magoado ou se magoou ou algo aconteceu de muito grave, provavelmente, se você tinha uma afetividade já bastante adiantada para os padrões de época, você provavelmente procurou alternativas, caminhos, outros elementos. Condizentes com você, com o contexto. Provavelmente, encontrou respostas para além disso.

Lembrem, para quem possui uma afetividade infantil e tem 40, 50, 60 anos, isso é muito, muito, muito mais difícil. Isso ainda hoje, em junho de 2025. Hoje, com tantos recursos que temos, em breve, muitas destas questões serão completamente diferentes.

Mas vamos seguir o nosso trabalho de hoje, que diz respeito às escolhas baseadas nas afetividades. Há muitos elementos aqui. Aqueles que aprenderam a confiar nas suas afetividades, e alguns confiam profundamente, eles se soltam.

Como ela faz! Ela caminha sobre o fio, pendurada entre árvores, ela se solta. E quando cai, vocês viram, ela se solta mais ainda.

Ela consegue fazer esse movimento existencial, tão belo, tão profundo. Alguns aprendem a confiar em suas afetividades, se sentem seguros, tranquilos, amam outras pessoas, e sabem que se isso não for bem, por qualquer razão, poderão pedir desculpas, poderão renunciar, poderão sair machucados, às vezes, mas confiam profundamente. Já viram, aos domingos, aqueles meninos e meninas brincando de skate em um parque? Como correm? Voam com o vento, com aqueles skates, para lá e para cá. Há um ato de

confiança nisso. Aprendem a confiar. Aquilo se torna, às vezes, uma única coisa. Alguns fazem isso com as emoções.

Aprendem com elas. Confiam, se soltam. Alguns outros, não.

Mesmo tendo desenvolvido suas afetividades, desconfiam delas, com ou sem razão. Não se soltam. Têm uma ideia intelectual do que é amar, mas, propriamente, não vivem o amor, a não ser intelectivamente, entre outras coisas.

Há muitos exemplos bonitos sobre isso, de soltar-se. Alguns conseguem soltar-se as suas emoções por conta de elementos que estão próximos a elas. Raciocínios, buscas, conhecimentos.

Há pouco tempo, fizeram uma pequena obra muito bonita, muito inspiradora sobre isso. Toda ela filmada no Marrocos, com o Adrien Brody, um ator muito conhecido nos nossos dias, o Adrien. O diretor é o Alexis Gomes.

Essa obra, chamada Destino, que é um comercial, uma propaganda, que ficou muito conhecida. Ela é muito bonita. Mostra alguém que pega sua mala e se solta.

É significativo levar a própria mala, com suas coisas poucas, e se solta. E o que ele vai fazer? Ele vai viver.

Ele vai ver coisas, vai ver lugares, vai encontrar pessoas, vai desencontrar pessoas, vai observar o céu, o jeito do mar, vai experimentar comidas e aromas, vai ler, vai amar. Se solta. Um ato de grande confiança em dias como esses em que vivemos.

Há que se ter muitos cuidados aqui. Uma alma preparada, que navega pelo mundo solta, isso é um elemento. Uma alma que faz isso por rebeldia, por mágoa, ou por outras questões, pode continuar se machucando e machucar outros também.

Fazendo com critério, com conhecimento, isso é um aspecto. Há outros envolvidos também.

Para acessar o vídeo clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=kp4SZAchvgI>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito bonita a ilustração, não é? Alguém que se solta, procura e vai e flui com as folhas, com o vento, com os lugares. Uma arte que para alguns é completamente utópica, não existe em suas vidas.

Até gostariam, mas acham muito improvável e que para outros é natural. Não é preciso ir para o Marrocos para viver isso que ele nos mostrou, você pode viver isso onde você está, no seu cotidiano, com as pequenas coisas do cotidiano, pode. Alguns podem, estão prontos para isso, para que possam se soltar.

As características desse soltar-se são muito evidentes, muito palpáveis, muito óbvias numa época como a nossa e reconhecíveis. No entanto, observe, vamos fazer aqui um movimento de giro no qual nós nos colocaremos em um outro contexto. Na sua vida,

hoje, há lugar para alguém como esse jovem que vimos, que pega um trem, que vai para muito longe, convive com pessoas, vai aprender, vai viver. Há lugar para pessoas assim em sua vida? Ou alguns teriam muito medo de ter uma pessoa assim por perto, parece alguém imprevisível, que assim como ama, de repente já não ama mais. Então não podemos fazer um compromisso com essa pessoa, porque logo em seguida ela deixará o compromisso de lado, etc.

Observem a natureza das objeções a uma vivência para algo assim. Essas objeções mostram perfeitamente o que impede alguns de poderem chegar a isso, o que impede alguns de compreender isso e o que impede alguns de admitir que pelo menos isso possa existir. Para muitos não existe. Para muitos isso é conjugado por palavras como irresponsabilidade, uma irreverência perigosa e outras coisas assim. Não conseguem ter uma amizade mais profunda com alguém que haja dessa forma, não confiam. Preferem um envolvimento com alguém que tenha as afetividades embotadas, mas que pelo menos assumam certos compromissos via racionalidade, via prejuízos, via outras fontes?

Curiosamente algumas dessas pessoas vão se queixar depois no consultório que acabaram se casando com alguém que não tem sentimentos. Não percebem que muitas vezes escolheram isso, achando que com isso teriam segurança, que agora é o que menos importa para alguns. Há muitos elementos aqui sobre isso, há muitos dilemas sobre isso. Mas existem ainda outras questões. Até aqui estamos acompanhando escolhas baseadas muito em uma singularidade, mas e quando essas escolhas não dependem apenas de uma pessoa? Quando são escolhas partilhadas, que parecem voos, voos sincronizados, como fazemos?

Quando parecem elementos de outra ordem, na qual uma parte nós fazemos, mas outra parte depende da outra pessoa, que talvez queira voar diferente a metade do caminho, pode acontecer. Essa movimentação é nova na história da humanidade, ela existe há poucos séculos. Hoje, com muitas tecnologias, estamos aprendendo melhor como fazer isso e também desaprendendo melhor certas questões tão fundamentais.

Vamos ver exemplos disso que estamos encaminhando. Dentro do contexto de escolhas. O casal. O rapaz bate na criança quando ela faz algo que ele considera que está errado. A mãe diz não bata, não faça assim, converse, explique o que está acontecendo. Não se bate numa criança, não se bate em ninguém.

Vejam, existe amor entre o casal, existe amor do casal com a criança e existe aqui algo que pode ser decisivo. A mãe não aceita de forma alguma que a criança seja espancada. O pai diz que não está espancando, está ensinando e que uma palma, uma palmada não faz mal, é uma orientação e justifica dizendo que para ele sempre foi assim e nunca fez mal.

A mãe diz de forma alguma, se para você foi assim, com a criança não será assim. O pai tem direitos, a mãe tem direitos, a criança tem direitos e há um encontro aqui no qual a afetividade sozinha dificilmente orientará o que se passará. Mas a própria afetividade, magoada e machucada com o estado de coisas como esse, pode decidir, sim, caminhos diferentes que eles não gostariam de ter.

Esta é apenas uma das ilustrações para afetividades que se encontram, que se harmonizam e que na caminhada delas começam a conhecer disposições outras, completamente outras. E à medida que as afetividades se tornam mais ricas, mais complexas, o que agora é muito plausível com todas as evoluções que temos ultimamente, elementos assim e outros estarão cada vez mais vigentes. Há muitos caminhos existenciais aqui.

Aquele caminho existencial que diz ou você está junto ou você estará separado é um caminho, entre tantos, mas muito pobre para uma riqueza de elementos como estes que vivemos na nossa época. Há muitas outras formas entre ou estar junto ou estar separado. Existe, por exemplo, caminhar paralelamente a tudo isso.

Existe, por exemplo, recuar de tudo isso. Existe, por exemplo, trazer mais elementos para tudo isso. Um exemplo: Por vezes, numa situação tão difícil e dilemática, ir para a casa dos avós, ficando lá dois, três meses, resolve uma situação como essa, um impasse como esse. Apenas inserindo novos elementos. Outras vezes, agravam.

Então, temos que saber o que está se passando e como conduzir isso em cada caso. Não é uma tarefa geralmente simples, não é.

E há muitos chavões. A terapia é muito rica em chavões que só funcionam no papel e que cada vez menos funcionam na vida cotidiana, prática. Por exemplo, chavões: Viver com alguém desgasta. Aos poucos, a relação vai se desgastando até que termina. Quem inventou uma coisa assim? Para quem é assim? Para muitas pessoas, é exatamente o viver junto que vai aproximar cada vez mais, gerando fatores profundos e belos. Mas há muitos interesses numa época como a nossa. E alguns dizem isso é uma espécie de dependência, você ficar dez, quinze anos com a mesma pessoa. Dependência? Não pode ser amor? Não pode ser desenvolvimento do amor?

Há muitos chavões. Uma pessoa que gosta de estudar, que lê muitos livros, você não diz essa pessoa é hiper reflexiva e coloca isso como um defeito. Você coloca como uma admiração, não é?

Puxa, fulana, é tão estudiosa. Agora está terminando um trabalho muito bonito, é uma grande estudiosa, não é assim? Que a nossa sociedade diz.

Agora uma pessoa que diz que está sozinha no final de semana, que gostaria de ter alguém, a esta você não chama de como é afetuosa, como é afetividade bonita, que quer estar com alguém e partilhar. Se diz carente, se usa um termo que vai do pejorativo a algo que quase beira a patologia. São chavões de época que ainda perduram, se propagam de muitas maneiras e que precisamos ser cuidados no consultório.

Para não confundirmos premissas e coisas importantes da alma humana. Vou partilhar a tela com vocês, vamos ver uma ilustração de Matthew Byrn, de 2024, que mostra a convivência de um casal, desde os aspectos que vão aproximar, como vimos, até os que vão afastar, causando uma pequena crônica do tempo contemporâneo quanto a essas afetividades.

Para assistir ao vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=xdgeTX4ipjw>

Pessoas que, diante de tanto empenho, conseguiram a maturação afetiva numa época como a nossa, sabem, em boa parte dos casos, que as afetividades participam fortemente das nossas vidas.

Mas mesmo com a nossa aptidão afetiva, com a maturação delas, em muitos casos elas não são decisivas. Elas não vão decidir o que está em andamento e, por vezes, até afastamos do caminho, renunciando a elas. É algo intrigante, não é?

Desenvolver a afetividade para, então, no usufruto dela, decidir deixá-la de lado em algumas decisões. Mas isso é parte do mundo adulto e muito improvável no mundo infantil de adultos. Um adulto com 40, 50, 60 anos fecha a cara e estraga um final de semana por um comentário que arranhou sua vaidade, que abalou seu orgulho e, se a pessoa tentar se desculpar, pode complicar ainda tudo muito mais, porque ele ainda pode ficar com raiva e querer trazer à tona coisas que nem têm a ver com o que está se passando ali.

É muito difícil. Mas para alguém que amadureceu afetivamente, que sabe os momentos de amor, sabe que o amor, a afetividade é uma composição entre coisas, não é ela que vai dizer para onde vamos, ela participa de para onde vamos. Em algumas ocasiões teremos que afastá-la e dizer, vamos deixar que a razão se pronuncie nesta questão importante que é a razão, nesta outra importante não a razão, o conhecimento, nesta outra importante que a fé, a religiosidade fale, não a afetividade, não a razão, não isso.

Essas são escolhas que um adulto que se desenvolveu em épocas tão difíceis como a nossa, por vezes precisa fazer. Ao fazer isso, se estiver lidando com uma pessoa que afetivamente ficou lá longe, ainda nos seus oito, sete, oito anos, essa pessoa dificilmente entenderá algo assim. Dirá que este outro é frio, é insensível, ou que não compreende, ou que não a acolhe, vocês conhecem as características.

E, no entanto, as escolhas são parte das nossas vidas. Quando nós falamos em liberdade em uma época como a nossa, não estamos falando, entre outras coisas, da liberdade das escolhas com responsabilidade, não é isso? Podemos falar em liberdade nos nossos dias sem o repertório das escolhas?

Que liberdade seria? Hoje, liberdade implica nisso. Um adulto, emocionalmente, que se desenvolveu, se depara com esses elementos.

Alguns se encantam, olham para trás e sabem que todo o empenho, todo o esforço para chegar até onde estão agora valeu muitíssimo, muitíssimo. Não trocariam nada por isso, mesmo errando, mesmo se decepcionando. E imaginem para alguém que ficou no tempo com uma afetividade infantil vendo isso, vendo um adulto que fez suas escolhas chorar.

Provavelmente olhará isso e dirá, não, nunca, prefiro continuar no inferninho que é isso, ainda que parece ser melhor do que esse adulto que chora, não é assim? E, no entanto, construir essas pontes, elaborar esses conceitos é um dos dilemas da nossa época. No consultório, o número de pessoas que vai até um ponto que resolve crescer afetivamente, se desenvolver, no entanto, logo esquece algumas coisas, começa a mostrar seus mimos, seus aborrecimentos, suas impaciências, de novo.

Foram até um ponto, mas ficaram no caminho e começaram a recuar. Há muitos milhões de casos assim, numa época como a nossa. O convite não é para recuar, o convite é para, após experimentar uma pequena, um oxigênio puro que vá mais adiante, que vá adiante, que continue construindo para ir adiante, por ele mesmo, por todos aqueles que estão com ele, ir um pouquinho adiante.

É um desafio e é um dos nossos caminhos existenciais, uma escolha.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 25 – JUSTIFICATIVAS FALACIOSAS - 27-06-2025

"Eu sou sincero(a), falo o que penso, e isso incomoda."

"Não sou eu que sou imaturo(a), vocês que são chatos."

"Eu só ajo assim porque ninguém nunca me trata como eu mereço."

PREFÁCIO 1 À AULA "Justificativas Falaciosas"

Oi, amor,

Eu não entendo por que você precisa de tanto espaço. Você está escondendo alguma coisa? Eu sinto que você está se afastando de mim e isso não é justo. A gente está junto para compartilhar tudo, então quero saber de cada detalhe. Se você não tem nada a esconder, não deveria se importar.

PREFÁCIO 2 À AULA "Justificativas Falaciosas"



PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos queridos amigos que fazem o estudo Uma Educação das Emoções. Primeiro tivemos uma conversa fora da gravação, na qual o professor estava colocando os dias difíceis pelos quais passamos no Rio Grande do Sul e o quanto é importante em momentos assim lembrarmos que precisamos ser exemplo, servir os outros, utilizar tudo o que vocês estudam para a comunidade, para as pessoas com quem vocês convivem, para os maridos, para as esposas, para os filhos, para todos ao redor.

Não é você que tem que ser servido, você estudou muito e aprendeu para servir. Também lembrem que a própria criação, a própria natureza da filosofia clínica é assim. Então, em momentos assim que a gente acode na medida do possível, nós não somos, todos sabemos que não somos perfeitos, temos muitas limitações e é dentro dessas limitações que a gente faz isso.

Depois coloquei que, em primeiríssima mão, vocês receberiam hoje como um presente, não música, não teatro, como vocês sempre recebem carinhosamente, que nós veríamos o conteúdo programático do curso que virá a partir desse que estamos fazendo no próximo semestre que o professor iria explicar para vocês como o presente de hoje. Então, vou partilhar aqui a tela, vamos voltar para lá e eu vou explicar esses elementos aqui do curso que inicia em agosto, mesmo dia, mesmo horário, tudo direitinho, que está aí. Então, o enfoque no primeiro semestre foi nas afetividades infantis, naquelas que têm como característica a parada, os movimentos imaturos que tanto flagelam alguns e aqueles com que esses alguns convivem, provavelmente.

Neste próximo semestre, a ênfase será na maturação, nos processos de amadurecimento. Primeira aula, recordações amistosas de quando era emocionalmente imaturo. É muito bonita essa aula.

A maneira como uma pessoa que está em maturação continuada, recorda, não é mais por culpa, remorsos, mágoas, não. Isso constitui a exceção, é uma maneira generosa, amorosa e a própria recordação propicia novos desenvolvimentos, é muito bonita essa aula com os livros e tudo. Depois, minhas recaídas em imaturidades afetivas, as quedas graves, elas existem, e a ressaca moral para essas quedas graves não costuma ser pequena.

Imagina que a pessoa, depois de tudo que passou, de tudo que trabalhou para crescer, se desenvolver, tropeça e um dia tem uma crise tremenda de ciúme, ou fecha a cara para o outro, a esposa está pronta para o jantar, por uma bobagem, um comentário que ela faz, ele fecha a cara e não quer mais saber, e pega a motocicleta que eles vão, sai dirigindo com aquela motocicleta parece que está na velocidade do vento, colocando a moça em perigo, ele em perigo, e vocês sabem como é que funciona isso, são quedas graves que a pessoa tem, e é uma pena, mas isso acontece, tá bom? Depois, vamos ver

minhas recaídas em imaturidades afetivas, as quedas brandas, geralmente ligadas a bobagens pequenas, como vaidades e tudo, professor, bobagens, é assim? Sim, eu estou usando o próprio termo, inclusive, que muitas dessas pessoas utilizam quando tem essas recaídas brandas, elas dizem, ai que bobagem, para que fazer isso, já não preciso mais disso, não tem sentido, mas existem esses pequenos tropeços.

Aula seguinte, encontrei alguém semelhante a como eu era, um adulto emocionalmente imaturo, minhas interações com essa pessoa, novas aprendizagens, olha, muitos descrevem, isso aqui quem viajou, fez a viagem de estudos à Toscana, lembra, nós ficamos numa aldeia chamada Viareggio, ao norte da Toscana, ao norte da Itália, junto ao Mar da Ligúria, lá é onde essa imagem que vocês estão vendo aqui, é de lá que vem esse tipo de carnaval, muito diferente do nosso, e alguns têm a impressão de encontrar um ser como este, quando se deparam com pessoas fazendo aquelas cenas, e lembrem, esses que se tornaram adultos, são grandes especialistas em geral em identificar infantilidades e outras coisas em seres adultos, e ai vamos ver se vai se relacionar, em que bases isso ocorre, etc, etc. 25 de setembro, nós veremos as escolhas de adultos emocionalmente amadurecidos, perdão, não é amaduros, é amadurecidos, tem que corrigir ali depois, quais são essas escolhas? Partindo da historicidade dessa pessoa, quais são, como elas ocorrem?

O que essas escolhas vão conversar com tudo que a pessoa viveu? Lembrem, essa pessoa padeceu muito, assim como alguém que teve um câncer, precisou tratar, e depois que melhora, tem uma série de cuidados para o resto da vida, em geral é assim, não sempre, mas em geral, também pessoas que padeceram demais com imaturidades infantis, elas depois que conseguem ultrapassar isso, elas têm escolhas bem interessantes que veremos, muito bonitas. As graças das imperfeições, seus cuidados e caminhos, esse é outro aspecto maravilhoso, sabe, o que antes era tragédia, meu Deus, o que vão falar de mim, meu Deus, o que estão pensando, precisava sempre pisando em ovos, sempre preocupado, indo a uma festa, num jantar, todo tempo a atenção é em falar a coisa, ser aceito, ser reconhecido, tal, tudo isso vai por terra, e agora entra as graças das imperfeições, o que antes era tragédia, agora é uma outra coisa, muito diferente, é muito interessante essa parte aqui, depois veremos autenticidades na era digital, com filtro, sem filtro emocional, eita, problema grave, problema bem grave mesmo, essa é uma aula que deveria ser três, na verdade, mas por questão de tempo, veremos a trilogia numa aula só, muito delicado isso dessa aula, é uma aula avançadíssima, depois entramos no que há de problemático nos amadurecimentos, a dignidade da diferença, veremos esses autores que estão aí na tela, que vão nos ajudar, Levinas, Rosenzweig e Sachs, veremos esses autores que são grandes autoridades da alteridade, e vão nos ajudar a caminhar, a alteridade de uma pessoa amadurecida é muito interessante, muito mesmo, e veremos com cuidado alguns problemas graves nos nossos dias, depois a afetividade por alteridades com os não humanos, olhem só gente, os não humanos, e aí estão as obras, vocês podem encomendar, elas tem nas plataformas, vocês encontram, algumas são mais caras, vocês podem encontrar em versão também, algumas não tem em português, aí eu tive que colocar, sempre quando eu encontro em português eu coloco também, como o Bruno Latour tem em português

já, essa obra é Políticas da Natureza, esses autores começam a dialogar as alteridades não humanos, muito bonito como eles colocam, esses princípios, que alguém que alcançou o amadurecimento cuida, depois novas afetividades não humanas, agora aqui nós estamos em problemas abertos e graves, aí estão as obras que estudaremos, vocês podem encomendar, temos tempo aí, aqueles que gostam e querem ler e tem disponibilidade financeira também, são caras, o professor já encomendou todas elas, novas afetividades não humanas parte 2, essas obras, essa primeira aqui é uma obra maravilhosa, maravilhosa de se ler também, Mushrooms, sabe o que são Mushrooms? Cogumelos, os Mushrooms, os cogumelos e o fim do mundo, é o que está escrito aqui, título do livro, maravilhoso esse livro.

Bom, depois temos a parte final, aqui eu não tive como não fazer essa trilogia, porque o assunto é muito complexo, viram aqui as éticas das inteligências artificiais, as novas afetividades não humanas e as inteligências artificiais, é bem interessante isso, o que ocorre aqui, como também esse trabalho da Sherry Turkle, muito bonito, e um velho conhecido nosso, que nós trabalhamos lá no México, quando fizemos a parceria com a Universidade de Monterrey, o tecnológico, nós trabalhamos essa obra do Hans Jonas, o princípio da responsabilidade, um verdadeiro clássico, a partir daqui entram questões polêmicas, ligadas à religiosidade, elementos de autogenias verticais, vejam o título, a bondade como escolha intelectual e afetiva, e uma fundamentação filosófica, por que a bondade e não o mal? Uma aula interessante, delicada, extremamente complexa, avançada, vejam a opção aqui é pela bondade, se é pela bondade, qual é o fundamento disso? Filosófico e filosófico clínico, qual será?

Depois as neoafetividades, lembrem que se nós continuarmos evoluindo como espécies, como criaturas, nós teremos um mosaico belíssimo se abrindo diante de nós. Quais serão essas neoafetividades? Aqui já é a parte avançadíssima do curso, neoafetividades é a parte 2, e um momento muito emocionante e delicado, o inventário das emoções, o que vamos levar conosco?

Muito linda essa aula, e essa imagem aqui traduz muito bem certos quesitos dela. Então, já chegando ao final do curso, nós vamos chegar em questões muito delicadas e muito avançadas, como é que fazemos os encerramentos dos afetos? Alguns acham que um adulto amadurecido vai amar para sempre, ou vai perdoar para sempre, não é bem assim, não é bem assim.

Há questões delicadas a vermos aqui, como encerrar certos afetos, rituais de finalizações e começo. Quando às vezes você vai ficar viúvo, infelizmente pode acontecer, ou viúva, como vai ser, você vai encerrar determinados afetos para poder começar outros, não vai encerrar, como você vai lidar? Tudo isso a gente vai ver com muito carinho e cuidado.

Depois, a vida segundo a maturidade afetiva dos seres adultos, vejam que aqui é colocado de maneira fechada, não há amadurecimento, e o curioso é o paradoxo, como é que num título como esse nós colocamos uma imagem como está aqui não é, de crianças brincando? Aliás, um dos cartazes que foram feitos, traz crianças, fala de maturidade e tem crianças, por que será, não é? Aqui, a vida segundo a maturidade

afetiva em adultos, essa é a segunda parte, e a parte que fecha o curso, última aula, 19 de dezembro, a vida segundo a maturidade afetiva, a última parte.

Aqui está então o curso, vocês têm a primazia nas inscrições, basta escrever lá para o Instituto e vocês terão suas vagas asseguradas, aqueles que querem continuar, que apreciaram essa primeira etapa. Vamos agora à Boituva, e lá vamos ouvir com carinho, com atenção, a resenha do professor Clailton. Boa noite, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula passada ocorreu no dia 20 de junho, o tema foi escolhas.

Um dos grandes dilemas da nossa época, independente do amadurecimento alcançado nas afetividades, diz respeito às escolhas. As escolhas podem se basear, por exemplo, em elementos estéticos, ideológicos, em necessidades. Algumas pessoas iludidas com as luzes, que podem vir de elementos ligados à grandeza, acabam derivando suas afetividades para a perversidade, manipulação, chantagem, etc.

Uma afetividade madura poderia seguir por esses caminhos? Sim, algumas vezes será uma questão de escolhas, assim como orientar essas afetividades para uma maturidade consequente, responsável e bondosa. Uma das ilustrações dessa aula foi a obra do trauma à liberdade.

Uma pessoa foi vítima de agressões que deixaram marcas, ela chegou a perder a vontade de viver. Mas o que ela fez depois foi buscar por algo nos horizontes, caminhos, conforme suas vizinhanças, princípios éticos, epistemológicos, com a maturidade afetiva que já tinha, isso foi possível. Ela encontrou algo que tinha a ver com suas necessidades e demandas naquele momento.

O que possibilitou o reencontro com a vontade de viver, a vida começou a fazer sentido novamente. Dentro dela, uma cicatrização estava em andamento. Outras pessoas, no mesmo contexto, poderão caminhar para a revolta, o revanchismo, o ódio, as possibilidades são muitas, conforme as realidades de cada um, o amadurecimento afetivo alcançado, os caminhos se apresentarão.

Outro tema abordado nessa aula se refere a questões que há pessoas que confiam em suas afetividades e se soltam, deixando-se guiar por elas, experimentando, aprendendo. Diferente de quem desconfia de suas afetividades mesmo sendo maduras e não se solta. Alguns conseguem se soltar às emoções a partir de elementos que estão próximos a elas, raciocínios, conhecimentos, buscas, são escolhas, não quer dizer que é certo ou errado.

As escolhas também podem ser partilhadas, faremos uma parte e o restante caberá a outra pessoa. Mas esse outro pode ser diferente, pode querer fazer diferente em algum momento. Um casal, por exemplo, pode divergir quanto à forma de educar o filho.

Existem questões que se o casal não chegar a um contexto, a escolha partilhada pode deixar de ser viável, talvez decidam seguir por caminhos diferentes a partir daí.

Dependendo do contexto, alternativas intermediárias podem surgir, não temos como pontuar todas as opções. Algumas vezes as escolhas afetivas serão participativas, enquanto um contribui com sua parte, as escolhas de outros complementarão o que estiver em andamento.

Uma escolha pode ser resultado de um colegiado, onde valores, buscas, razão e afetividades decidem juntas. Um adulto com afetividades maduras poderá fazer isso, poderá recuar com suas afetividades também, deixando que a razão decida, o conhecimento, a fé, conforme o contexto. Quando consideramos a liberdade em nossos dias, estamos falando de liberdade com escolhas e responsabilidade.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton.

Que oportunidade maravilhosa de revisitar nas suas palavras, o trabalho. Muito obrigado. Vamos então para a nossa aula de hoje.

Quando trabalhamos nos nossos consultórios a historicidade de uma pessoa é usual que tenhamos um modelo metodológico, fundamentos, métodos, nosso trabalho, trabalho filosófico feito nos consultórios, nos hospitais, nas instituições. Partimos de uma conceitualmente de uma linearidade histórica, com elementos antecedentes, consequentes, elementos de atualidade e muitos outros que interagem, conversam. No entanto, sabemos que ao trabalharmos a pessoa na clínica há muitos outros eventos para além desse modelo.

O modelo nos ajuda a uma aproximação amistosa e a partir dele um horizonte imenso se abrirá, que cuidaremos de trazer sempre perto dos elementos éticos, dos elementos morais de uma época e de outras questões importantes. Muito bem. Um desses eventos diz respeito a enormes espaços.

Por vezes uma pessoa teve um traumatismo craniano, um acidente vascular, uma incapacidade qualquer. Por vezes ela não lembra, apagou. E há muitos outros eventos historiográficos que fazem com que buracos, espaços, às vezes alguns abismos, se há no roteiro historiográfico dessa pessoa, algumas vezes a própria malha intelectual da pessoa preenche esses espaços.

Isso já é muito estudado em muitas escolas. Memórias inventadas, memórias construídas, ou mesmo o próprio sentido lógico do que estava em andamento ela conclui. É óbvio que ali onde eu não lembro existia tal coisa.

Isto é razoável, ainda que às vezes peças possam ser pregadas aqui na existência. Quando, por várias razões, uma pessoa que padeceu por um longo tempo, de uma afetividade bastante infantil para os padrões de época essa pessoa com 45, 50 anos ou mais consegue com muito trabalho e bem, um amadurecimento colocando esta afetividade mais próxima dos seus 35, 40, 45 anos alguns se dão conta de que certos buracos na malha intelectual, certas coisas que antes não apareciam agora são visíveis,

agora estão diante deles. Antes isso não tinha a menor diferença e agora pode ocupar as intenções dessa pessoa no sentido de uma melhoria. É peculiar que para muitos isso aconteça exatamente o contrário.

Esses buracos que antes tanto atormentavam agora não fazem qualquer sentido. Para cada um será de uma forma. Esta primeira ilustração o artista que não podia desenhar de Danny Gregory, de 2023 é um pequeno desenho muito bonito, muito tocante e autobiográfico.

O próprio Danny ele dirige, ele coloca voz ele faz toda a ambientação. Uma história muito bonita que mostra um desses buracos e como eles costumam surgir e se expressar. Vamos ver como Danny trabalha isso e quais endereços existenciais ele propõe a partir daí.

Para acessar o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=gXecy5Guwzo>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Roger, que é o próprio Danny, agora tem uma amiga, a Zoe, que o convida a desenhar. Lembrem, historiograficamente, ele começa nos dizendo que tem um segredo. Nunca contou isso.

Ficou com ele. Já vimos que em muitas e muitas imaturidades, afetivas, esses segredos são trancados, bloqueados. A pessoa não sente confiança, não sente segurança em partilhar, às vezes, nem com ela mesma.

É um dos critérios e uma das condições e caminhos exercidos, não coercitivamente, mas como abertura, como alívio de pessoas que conseguiram um amadurecimento afetivo. Isso não é assim para todos. Há muitas variações aqui.

Estou me referindo a um contexto amplamente vivenciado por muitos de nós. É razoável que em um contexto assim, uma pessoa que amadureceu afetivamente, saiba escolher quem ela pode e eleger para critérios de escuta, de partilha, abrir seu coração, dividir as coisas, comungar, isso não é uma coisa que simplesmente se atira para o alto e se faz de maneira descuidada. É próprio da maturidade e do amadurecimento os critérios de escolha, dos cuidados em torno disso.

A pessoa sabe discernir com quem, de que maneira, quando essas coisas poderão ser partilhadas. Provavelmente o Roger é alguém que cresceu, ele faz amizade com essa menina, com a Azul. Observem os contrastes historiográficos aqui.

Ao crescer, ele vai conseguir abrir o seu segredo com uma criança. Ao crescer, ele pode assumir tranquilamente um buraco que houve na construção. Logo ele que desenha, que faz grafismos, um monte de coisas, não pode desenhar.

Não consegue desenhar. É assim que muitas vezes, o que eu disse há pouco, os buracos, os abismos, os lapsos, os contrastes de tessitura costumam ocorrer na malha intelectual. Não é apenas por um esquecimento, não é por sobreposição de informações.

Isso também ocorre, mas uma outra forma é essa. E vejam o constrangimento que ele passa por isso, tanto que é um segredo para ele. Com a maturação, o que faz?

O que faz alguém que amadureceu afetivamente em uma noite de sábado se está em casa e gostaria de sair com alguém? Ele fica chorando, sozinho, lamentando que ninguém olha por ele, ninguém o procura, ninguém gosta dele. É assim que faz?

Não, muito improvavelmente. Ele faria algo assim. É bem mais provável que alguém que no nosso contexto, que se desenvolveu afetivamente levante o telefone, ligue para amigos, se não tem amigos para onde ligar, vai procurar um show de teatro que está acontecendo na cidade se não tem recursos para pagar, pegará o ônibus e irá a um show gratuito, caminhará, não é assim?

Quer dizer, ele procurará por... por ser adulto afetivamente falando. É muito diferente como isso ocorre. E ao fazer isso, ele sairá cheio de expectativas infinitas de que encontrará alguém, que será amado, etc. Também não. Ele sairá sabendo que talvez encontre pessoas amistosas talvez não me encontre. Isso não invalida sua tentativa. Ao contrário, isso afirma sua tentativa.

São características, como no caso do Roger, que é o próprio Danny. Vamos ver então como essa história se desdobra agora, que ele tem uma amiga e que propõe a ele: "Tente isso, eu vou te dar um lápis para você desenhar. O que será que ocorre?"

Como alguém que amadureceu afetivamente, usualmente poderia reagir a isso? Vamos ver.

...CONTINUAÇÃO DO VÍDEO

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Quando a menina propõe algo a ele, tente isso. Ele poderia ter reagido com uma imaturidade afetiva típica de uma época como a nossa. Feito manhas, birras.

Ainda se ressentir com a menina. Criar climas. Não é assim? Poderia tentar e logo em seguida jogar tudo longe. No entanto, alguém que afetivamente está amadurecendo ou amadureceu a um ponto de compreensão, o que faz? Sabe lidar com a frustração?

Tenta. Não conseguiu? Não vai resmungar?

Não vai fazer choramings e pesar sobre os outros? Ou sobre si mesmo? Pode dizer; "não consegui". Ou tentar outra coisa. Sabe lidar com frustração. Sabe lidar com perda. Sabe lidar com julgamento externo, tranquilamente. Uma criança afetiva, com 40, 50, 60 anos, ele mostra a florzinha que ele fez para ela.

Ela vê aquela florzinha, não vê grande coisa realmente, não está nada bem. Mas ela diz, pode usar essa caneta aqui mágica. Todas as canetas são mágicas, na verdade.

E ele tenta de novo. Qual foi o problema? Não foi elogiado?

Ele precisa ser elogiado? Precisa ser aplaudido? Reconhecido para ser estimulado?

Não. A própria arte estimula. Tanto é que ele começa a desenhar, desenhar.

Ele ama desenhar. Nisso já está a sua recompensa. Eis um dos benefícios do amadurecimento afetivo numa época como a nossa.

Entregar-se ao que se ama. Dedicar-se a aquilo. Saber que vamos tropeçar, errar.

Muitas vezes cairemos em paradoxos. É assim mesmo. É assim mesmo.

E é o que ele faz neste caminho. E é assim que ele ultrapassa um dos buracos que costumam surgir historiograficamente em pessoas que gradativamente vão amadurecendo. Na segunda das três ilustrações que trabalharemos hoje, temos um exemplo agora bem distinto, bem diferente.

Essa caminhada dificilmente se passa em linha reta. Dificilmente. Nos nossos dias, ainda que agora tenhamos as IA's (inteligência artificial) e muitas coisas novas surgindo no horizonte, mas por enquanto, junho de 2025, ainda é o mais comum, o usual, que esse progresso rumo a um amadurecimento afetivo se dê por quebras, tropeços, recuos.

É assim que hoje costuma ocorrer. Em breve teremos outros modos. Agora não.

E esse pequeno vídeo, muito breve, feito por um garoto, Gavin Keene, mostra como isso se passa por cores. Um filme feito com recursos não tão exigentes, que esse menino mostra que a vida antes parecia cinza para ele. Ainda que para uma criança, e lembrem, para uma criança viver uma infantilidade afetiva está tudo bem, não há nenhuma questão aqui a considerar.

Que bom, tomara que todas possam vivenciar isso como parte de suas vidas. A questão é quando um adulto vivencia uma afetividade que, segundo os nossos padrões de contexto, ficaria bem em uma criança e não em alguém que tem 40, 45, 50 ou mais anos de vida. Aí o mundo fica realmente cinza.

Cinza, pois a pessoa encontrará muitos problemas, provavelmente para onde ela for, com quem ela se relacionar, as queixas costumam ser as mesmas. Que o outro fez um comentário, ou deixou de fazer, não ouve isso, ou foi atingida e ficou magoada, é sempre a mesma coisa. Não há saída.

É um mundo muito estreito assim. Esse menino mostra como se dá essa passagem através das cores, uma obra muito delicada, muito bonita, inclusive como se dá a partir da perda dessas cores ao final. Vamos acompanhar então o Garvin Keene, o título dessa obra é Ela Foi a Minha Cor.

Para acessar o vídeo, clique aqui:
https://www.youtube.com/watch?v=xh25TjI50VA&list=RDxh25TjI50VA&start_radio=1

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Vamos ver algumas pontuações. O que acontece com um adulto de 40, 50, 60 anos ou mais com uma afetividade bastante infantil, mas segundo os nossos contextos e padrões de épocas, quando gosta de alguém? Começa uma infinidade de jogos, não é?

De ciúmes, de contrapartidas delicadas, de joguinhos, de mágoas, de morde, de assopra e outras coisas, mas não é assim? O mundo fica pesado, a pessoa diz que está amando e, no entanto, ela piora. Que amor é esse que piora a pessoa, segundo um padrão de época como o nosso?

Há muitas questões aqui. No entanto, alguns, quando de fato partem de uma situação difícil, e adultos também têm situações difíceis, como crianças têm, e encontram de novo, no horizonte, isso que o Gavin está colocando aqui como uma forma de cor, não é?

Vejam o que acontece. Primeiro, ele reconhece o momento que ele está vivendo, o momento como ele diz, oco, um momento sem cor. Quando ele começa a gostar da menina, primeiro, vejam o que acontece.

A cor começa a vir para o mundo dele. Começa a vir uma partilha, uma troca. Isso começa a se esparramar, começa a tomar conta.

Uma criança, um adulto de 40, 50 anos, que é uma criança afetiva, geralmente, nessas partes, fica vivendo momentos de sobressalto. Manda um zap, se a pessoa não responde, meu Deus do céu, o mundo terminou. Tem que responder na hora, e responder qualquer coisa ali na linha, que respondeu, se tiver sombra ou margem para qualquer desconfiança, e o mundo termina.

Até que um novo zap vem, uma mensagem dizendo, não, está tudo bem aí, a pessoa se tranquiliza por cinco minutos, antes da próxima preocupação vir em assalto para o mundo dela. Que vida é essa? Não é?

Mas é tudo que essa pessoa tem, e é isso que ela vai viver. E depois, se a pessoa se atrasa, isso vai ter uma razão, e vai ser um Deus nos acuda. E se não se atrasar, se chegar muito cedo também, é uma desconfiança.

E se no final de semana não puder sair com ela, outras desconfianças, não tem saída. No entanto, alguém que está em fase de amadurecimento, conhece alguém, seu coração se abre, e vejam, ele usa o símbolo de uma rosa, não é? O próprio nome da menina é Rosa também.

Isso começa a se iluminar, começa a florescer, o mundo começa a ficar bonito, o coração se tranquiliza. Esse é um amor que faz crescer, mas nessa obra o Gavin coloca uma perda. Essa moça tem, vocês verão, um exame de câncer de pulmão, e ela irá embora.

O que acontece? Ele volta a ser criança então? O que acontece com alguém que amadureceu, em grande parte, afetivamente, quando passa por uma perda grave?

A pessoa se fecha, como uma criança, vai ficar rancorosa, magoada, dizer então é isso que se recebe por amar e tudo? Esse é um procedimento, um padrão bastante infantil para adultos de 40, 50, 60 anos. Provavelmente um adulto assim compreende, são acidentes que ocorrem na vida, são os mistérios de Deus que nós não compreendemos.

Mas dificilmente fechará sua alma, ao contrário, usará toda essa poesia, toda essa transcendência para ir além, com suas cicatrizes, com suas lágrimas, jardinando a vida, para que a vida possa florescer de novo. Esta é a lição.

...CONTINUAÇÃO DO VÍDEO

Ou seja, são os caminhos do crescimento.

Lembrem que se na clínica, no meio de conversações, for colocada uma pessoa de 35, 45, 55 anos, certos aspectos da maturidade afetiva, num contexto como o nosso, isso pode servir não como um estímulo, mas como argumento para o desânimo. A pessoa vai dizer a você, então é isso que é ser adulto, isso não tem graça, isso não tem sentido, e vai usar isso como um argumento para não crescer. É o mais usual, como se o mundo dela fosse melhor que isso que ela faz objetar.

Ao contrário, o mundo dela que é um mundo muitíssimo triste, tudo é muito triste, e em um mundo de espelhos, um mundo em que os outros são responsabilizados, ah, porque o rapaz de 40 e tantos anos, porque a minha esposa não me dá paz, porque ela não me ajuda, porque ela não me apoia, essa esposa, sem entender muito bem o que se passa, dirá a ele, você não queria uma esposa, você queria uma mãe, e ele diz que não, que ele precisa de apoio, de reconhecimento, que ela diga, que ela o estimule, etc e tal, que o reconheça, que o aplauda, ele mesmo, que faz tudo isso, não entende, e jamais faz a recíproca, não é?

A esposa, às vezes, ela ajuda na casa, ela faz muitas coisas, ele é incapaz de ver isso, tão perdido no próprio mundo, que o mundo do outro se empobrece diante dele, a alteridade é muito pequena, muito pobre. Bem, na nossa terceira e última ilustração, veremos um aspecto muito bonito, muito bonito, das descobertas desse mundo, de alguém que, no exercício de crescer, começa a se dar conta que quando escreve algo, está escrevendo a própria história, que quando pinta algo, está pintando a própria alma, que quando faz uma escultura, está deformando barro, orientando barro, argila, e que, enquanto faz isso, é a própria alma da pessoa que está se moldando. Ao desenhar uma flor, é a própria alma que desenha e vira flor.

Esses sistemas de correspondência fazem com que alguém que afetivamente começa a crescer e se desenvolver, perceba os cuidados ao redor. Dificilmente lançará um insulto a alguém, estará se insultando ao insultar alguém. Dificilmente desejará o mal para alguém, ou tirará proveito de alguém, de forma alguma. Sabe que não há vencedores dessas coisas, que, aliás, de qualquer maneira que possa agir, não haverá um vencedor. Que o que é uma partilha, um crescimento, um desenvolvimento, para Deus, para as estrelas, isso é um crescimento afetivo para padrões de época como esses dos quais vivemos hoje. Então a postura será muito outra.

É alguém que tem uma facilidade maior para perdoar, para compreender, para amar. Vocês sabem, temos amigos que às vezes uma única que você fizer para essa pessoa, acabou. Não será perdoado, não será, e ela tomará essa única vez que você falhou como pretexto para generalizar e dizer que foi todas as vezes. Que agora, nesta falha que você

teve, é que você mostrou verdadeiramente o seu caráter. E não nas 99 vezes que você agiu corretamente. Ali era só uma simulação.

Que argumento é esse, me digam? Essa pessoa é razoável? Está encherada em suas mágoas, em seus rancores, em sua vida infeliz.

E qualquer coisa parece ser lida somente dali. É uma pena. Milhões vivem assim, flagelados.

Vamos ver agora John E. Um garoto que fez uma obra tão bonita, tão singela, chamada Construindo, Criando, Escrevendo a Sua Própria Obra.

Vídeo não encontrado.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 26 – COMPAIXÃO EM AFETIVIDADES – 04/07/2025

"Se não for do meu jeito, então não quero mais saber."

"Se você não fizer isso agora, nunca mais falo com você."

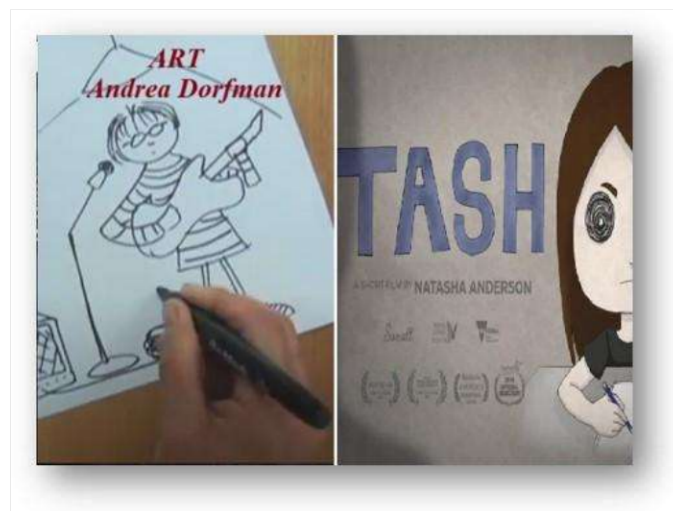
"Eu sabia que ia dar errado porque nada nunca dá certo pra mim!"

PREFÁCIO 1 À AULA

Oi, amor,

Não gostei nada de ver você conversando com aquela pessoa. Eu sei que você vai dizer que foi algo normal, mas não consigo evitar de pensar que tem algo a mais. Por que você precisa dar tanta atenção a outras pessoas? Isso me faz sentir inseguro e você devia cuidar mais de mim.

PREFÁCIO 2 À AULA



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://turbo.scribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem o estudo Uma Educação das Emoções. Estamos aí finalizando, temos poucas aulas para terminar o nosso semestre. Agora vamos diretamente à Boituva, interior de São Paulo.

De lá, o professor Clailton fará a nossa resenha tão aguardada da última aula. Por favor, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio.

Boa noite a todos. A nossa aula passada ocorreu no dia 27 de junho. O tema foi algumas observações sobre o amadurecimento afetivo.

O trabalho filosófico clínico segue uma metodologia que considera, a princípio, um roteiro historiográfico. Este é um modelo que serve de parâmetro para o que encontramos em clínica. Um modelo apenas, variações ocorrem e uma delas são os buracos, lacunas que podem surgir.

Por exemplo, a partir de ocorrências como um traumatismo craniano, determinadas vivências, um acidente vascular. Enormes abismos podem vir daí. Algumas vezes, a própria malha intelectual da pessoa preenche esses espaços.

As memórias inventadas, construídas, são exemplos do que pode ocorrer. A observação do contexto, do antes e depois, pode auxiliar. Mas algumas surpresas também podem se apresentar.

Uma pessoa com mais de 40 anos, que já padeceu com afetividades infantis, e que depois de muito trabalho alcançou uma afetividade mais próxima de sua idade sensorial, pode se dar conta de certos buracos, coisas que antes não eram visíveis. E um trabalho para contornar possíveis questões pode surgir como opção. Em uma imaturidade afetiva, esses elementos não aparecem, estão quebrados, camuflados.

A pessoa não sente segurança para compartilhar nem com ela mesma. Com o amadurecimento em andamento, a escolha sobre o que fazer com esses elementos poderá surgir diante de determinadas opções. Pessoas que transmitem confiança, por exemplo, e que possam ouvir.

Uma pessoa amadurecida terá discernimento, critérios e cuidados para lidar com isso. A pessoa amadurecida, ao ponto de já saber lidar com as frustrações, ultrapassa vários freios, o horizonte se abre, as oportunidades são visíveis. Ela pode se abrir, fazer escolhas, tentativas.

Se não der certo, não vai culpar ninguém, não vai ficar choramingando. Vai tentar compreender o que houve, buscar novas alternativas. Quando precisar lidar com perdas e julgamentos externos, saberá o que fazer.

Será possível se entregar à vida, dedicar, saber que vai tropeçar, errar, cair em paradoxos. Não vai ficar dependente de elogios e aplausos. O próprio ato de viver e poder fazer o que se ama já será uma motivação.

E os buracos serão ultrapassados. Em nossos dias, nessa travessia rumo ao amadurecimento efetivo, o mais comum é que ainda ocorram tropeços, quebras, recuos. Em um futuro breve teremos novos modos.

Para uma pessoa que já tem seus 40 anos ou mais e que a afetividade ainda é infantil, o amor costuma ser vivenciado de uma forma muito tumultuada. Queixas e mágoas costumam estar sempre presentes. Ciúmes, jogos, palavras atravessadas.

Em determinados estágios o mundo fica pesado, a pessoa está amando, mas ao mesmo tempo está sofrendo, parece um tormento. O atraso de uma outra pessoa se torna um problema. Um compromisso onde o outro não pode estar presente gera desconfiança.

Se envia uma mensagem e não recebe uma resposta imediata, já fica ansioso ou ansiosa. Para quem está em fase de amadurecimento, o coração se abre com o amor. Começa a se iluminar e florescer.

O mundo começa a ficar mais bonito. O amor faz crescer. Perdas poderão ocorrer e a pessoa não vai ficar rancorosa, magoada, não vai se fechar.

Não vai retroceder tanto. Provavelmente vai tentar compreender e embora saiba que nem tudo pode ser compreendido, vai buscar meios para seguir com suas cicatrizes, suas lágrimas, para que a vida possa florescer novamente. No exercício de crescer, uma pessoa está escrevendo sua própria história.

O que ela faz no mundo, na natureza, molda sua própria alma. Ela sabe disso e se sente responsável pelo que faz. Dificilmente insultará alguém ou desejará o mal.

Não vai tentar tirar proveito de outros. O crescimento afetivo vai propiciar o discernimento de muitas coisas e a responsabilidade andarão junto. O perdão, o amor, a fraternidade serão vizinhos mais presentes que aqueles vizinhos de outrora.

Ok, professor. Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton.

Vamos à nossa ilustração. Alunos que fazem ao vivo, já sabem, sempre recebem um lindo presente. A Ana Engelschall, é uma cineasta alemã e ela também tem, assim como a Andrea Dorfman, ela tem vários vídeos que mostram na internet as peculiaridades da nossa época.

Desde aquilo que é prazeroso, que tem a ver com a aprendizagem, até questões muito delicadas. Um desses vídeos fala sobre as nossas escolhas. Vou partilhar a tela com vocês, para que juntos possamos acompanhar um videozinho curto, mas muito inspirador.

Vídeo não localizado

Durante este semestre, estudamos em inúmeras aulas, dezenas de aulas, características sobre as afetividades humanas. Com ênfase nas afetividades imaturas, muito diferente do que será no próximo semestre. A ênfase será na maturidade.

Dentro desse enfoque sobre as imaturidades, os elementos, algumas das questões que trabalhamos, ligadas ao conhecimento, ligadas aos fatores sociais, às individualidades e outras, algumas questões se sobrepõem às outras e pedem sempre a pauta de urgência da nossa época. Hoje nós veremos exatamente uma destas pautas. Corriqueira, e que passa em muitos ambientes por desconhecida, por ignorada.

Você tem uma amiga que tem 45 anos de idade, uma jovem advogada, muito bem sucedida na área dela. Essa moça estudiosa, uma moça que busca os melhores princípios de uma época, apresenta vários caracteres muito profundos de uma imaturidade afetiva. Basta conviver com ela um pouco, para logo você se dar conta disso.

Por exemplo, ela tem um menino, filho de 15 anos. Eles moram num apartamento muito bonito, numa das capitais brasileiras, uma linda sacada. Sentado nessa sacada, você vê uma boa parte da cidade, um lugar muito agradável.

E ela está em um novo relacionamento. Nesse novo relacionamento, com quem ela está se relacionando, essa pessoa ainda não teve tempo suficiente de discernir vários dos incômodos que começam a surgir. Por exemplo, quando ela manda uma mensagem pelo WhatsApp para essa pessoa com quem ela está se relacionando, se há uma demora na resposta, 3 horas, 4 horas, se não há uma visualização da mensagem que ela enviou, ela começa a mandar mais mensagens, manda um áudio.

Se a pessoa ainda não visualizou, mas principalmente se a pessoa não respondeu, então ela começa a apresentar uma série de queixumes, uma série de apreensões, de confabulações. E se isso demorar ainda mais, problemas sérios começarão a ocorrer. Mas na nossa aula de hoje, nós vamos fazer um encontro de elementos.

Num futuro que não é tão distante, talvez de algumas semanas, meses no máximo, essa pessoa terá uma espécie de I.A. especialmente treinada para acompanhá-la. E essa I.A. dirá a ela em tempo real, online, dirá para ela nesse exato momento, enquanto ela começa a ensaiar o primeiro desespero, dirá a ela para se acalmar. Dirá a ela que provavelmente ele está em uma reunião, como já esteve outras vezes, que não pode atender o celular, deixou no silencioso, mas que tudo indica que assim que terminar o que ele está fazendo, ele retornará.

E que qualquer coisa fora disso, aí sim há razão para ela se preocupar. Mas não diante disso, um fato muito pequeno, essa I.A. dirá em tempo real para ela, no mesmo momento em que as coisas estão acontecendo. Será uma ajuda muito grande.

Terapeutas poderão treinar essas I.A.s, ajustar essas I.A.s, para que elas possam acompanhar a pessoa. Não apenas um caso como esse, em outros casos gravíssimos, essas I.A.s estarão presentes. Mas em tudo isso, há um fator muito importante.

Infelizmente, no nosso mundo, na nossa sociedade, quem convive com pessoas que possuem uma imaturidade afetiva pronunciada, e vejam, quando isso é forte para a pessoa, às vezes é algo que não tem maiores forças para se manifestar, fica em silêncio praticamente uma vida inteira. Outras coisas vêm primeiro, a educação, a cultura, o contexto, e sobrepõe isso, não tem chance. Mas quando isso é determinante, basta conviver um pouco com a pessoa, e você provavelmente perceberá os sintomas.

Eis um problema. Na grande maioria dos casos, é desconhecido tudo o que se passa dentro dessa pessoa. Este pequeno encarte que eu vou mostrar para vocês é de um filme contundente, muito, muito sério esse filme.

É um documentário, o que vocês verão se traduz na vida, não apenas da menina que vocês verão, mas de milhões de crianças pelo mundo inteiro. Milhões e milhões das mais diferentes culturas. Pois, não se trata aqui da imaturidade infantil, mas o que eu quero ilustrar mostrando isso para vocês é que quadros similares, apenas tocando alguns elementos, fazem com que uma pessoa que tem 30, 40, 50 anos, e tem uma imaturidade emocional, quando ela se reporta ao passado dela, à vida dela, ela nos conta uma história como essa que vocês verão agora.

Tenham vivido isto ou não. Às vezes um parente próximo que acompanhou a vida dessa pessoa diz mas isso que você fala, eu estava lá, não aconteceu assim. E aí vocês já sabem o que vai acontecer.

Se a imaturidade infantil aqui é muito pronunciada, explosões, culpabilidades, acusações e outras coisas, é que quem possui uma imaturidade infantil muito pronunciada na forma das emoções, e tem 30, 40, 50 anos, ao se reportar a fatos, a vivências, a questões do passado recente ou muito antigo, verá coisas como estas que vocês verão agora. Ainda que elas não tenham acontecido. É assim que a pessoa provavelmente lerá seu passado.

Portanto, a resposta que ela nos dá hoje não é algo grotesco ou completamente disparatado, uma vez que ela está respondendo a isto. E não ao que nós que acompanhamos vimos que não é nada disso. No entanto, este pequeno encarte que eu vou mostrar, que aconteceu, é um documentário, serve para nos alertar duplamente para situações assim que ocorrem, mas também para quando isso não ocorre e a pessoa acredita que ocorreu um quadro similar.

Para assistir o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=S5qMgIKHYc0>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Infelizmente, há realidades tristes que alcançam milhões de pessoas pelo mundo. Muitos passam por isso e não sobrevivem. Muitos passam por isso e em nenhum momento isso tem a ver com uma imaturidade emocional.

Ao contrário, para muitos é um impulso para maturação e para ajudar outros que padecem assim. Mas o propósito de mostrar esse encarte foi, de uma maneira bastante contundente, evidenciar que quem vive uma imaturidade afetiva, quando se reporta ao

passado, está vivenciando situações similares a estas. Elas nos dizem no consultório, nunca foram compreendidas, nunca foram respeitadas, nunca foram aceitas, sempre negligenciadas, sempre colocadas de lado, ninguém as valoriza, ninguém isso.

Elas têm uma experiência, em geral, tão vívida quanto o que vocês acabaram de ver. Portanto, quando você está diante de um familiar, de um amigo, de um conhecido, cuja maturidade é infantil, lembre, lá dentro, no coração, na alma dessa pessoa, muito provavelmente, enquanto ela reage a você de uma maneira desproporcional, que pode parecer uma caricatura afetiva, na alma dela, ela está vivendo algo parecido com o que vocês acabaram de ver. Essa moça hipotética que vimos, de 45 anos, uma advogada muito bem sucedida na área dela, tem um filho de 15 anos.

Numa sexta-feira, num sábado, ela convida esse filho para jantar com ela, para sair, os dois, jantar, em um lugar muito bonito, não longe da casa deles. Esse filho diz que não quer, que não está com vontade. Mas ela acabou de ver, pela fresta da porta entreaberta, que ele estava conversando animadamente com alguém, e agora ele fica amadoado, a um canto, vira o rosto para o outro lado, e diz que não quer sair, está cansado.

Como ela reage a isso? Vejam, ela consulta os quadros internos, similar ao que vocês acabaram de ver, que só serve como um modelo. É isso que nós vimos, nada tem a ver com imaturidade afetiva.

Mas ela acessa um quadro similar dentro dela, e se sente, mais uma vez, rejeitada, desrespeitada, insultada, desvalorizada. Logo, ela que faz tudo por esse filho. E pode ter uma resposta desproporcional.

Bater a porta com toda a força, atirar um jarro de água pesado que ela tem nas mãos contra a parede, dar um grito, um soco na parede, cair em prantos no meio da sala, ou dizer que vai desligar as luzes em toda a casa e ninguém vai usar a internet, nem coisa nenhuma. Pode, pode ter reações assim. Na maior parte das vezes, quem convive com uma pessoa cuja imaturidade emocional é muito pronunciada e determinante, não verá o quadro que vocês viram nesse filmezinho.

Verá apenas a reação dela no momento, sem se dar conta. No entanto, estava colocando que em algumas semanas, em alguns meses, já teremos I.A.s que no celular dessa pessoa, no mesmo período, no mesmo momento em que isso está acontecendo, a I.A. treinada especificamente para isso, falará com essa pessoa e dirá a ela, seu filho tem 15 anos, ele quer ficar falando com a namorada, não é nada com você. Se fosse outra pessoa que convidasse o pai ou alguém, ele também provavelmente diria a mesma coisa.

Entenda, às vezes terá a ver com vocês, normalmente não tem. Vai jantar sozinha ou convide alguém, essa I.A. terá muito trabalho, porque às vezes corre risco dela espatifar esse celular contra a parede. Mas será uma ajuda que nós teremos, no sentido de apoio, conciliação ao amadurecimento e outras.

Fiz alguns apontamentos importantes sobre isso, como tirados da própria clínica, ao longo dos anos. Esta moça hipotética, vamos dar o nome a ela, Marlene, uma moça

muito inteligente, muito sensível, ela liga para a irmã, a irmã está fazendo um jantar, já convidou vários familiares e não a convidou. Já imaginaram o que é isso?

Para alguém cuja afetividade é imatura, cheia de inseguranças com os caracteres que vimos ao longo do semestre, ela vai se sentir completamente humilhada, completamente desvalorizada, arrasada, sem amor, sem apoio, vai romper com essa irmã, vai bloquear o celular, não vai mais... Liga para a mãe, se queixa, chora, diz que nunca mais vai a uma festa familiar e coisas assim. Se ela ligar para a irmã e a irmã contar para ela que não é só ela que ela não convidou, não convidou o irmão também, e não convidou a prima-irmã e não convidou uma outra pessoa, e vai dar uma justificativa para isso?

Por que convidou apenas algumas pessoas? O que está em questão para ela ter feito isso? Lembrem, ainda assim é muito complicado.

Essa pessoa já está muito machucada. Ela falará com a irmã, mas acessará esse quadro deste filme que vocês acabaram de ver, algo similar a ele. Dirá para essa irmã que não a convidou, que sempre ela foi passada para trás.

E essa irmã dirá, mas o que você está falando? De todos, você sempre foi a que mais foi cuidada, por todos. Ela dirá que é mentira e baterá o telefone.

A I.A., nesse momento, dirá para ela, procure entender, sua irmã está justificando. Ela disse que é um contrato que vão assinar da venda de um imóvel e ela convidou as pessoas que precisam assinar, só, não tem a ver com nenhuma outra razão. Ela está dizendo, procure entender.

E ela dirá para a I.A. que não, que na verdade a irmã fez isso de propósito, apenas para ter o subterfúgio e o pretexto de não convidá-la. Então, arrumou essa coisa, porque afinal, poderia reunir todo mundo num cartório e assinar. É muito mais fácil.

Que história é essa de jantar, no qual ela não pode ir? Não há saída. É muito forte, muito forte.

À medida que a pessoa aprende, vocês viram, ao longo do semestre, ela entra em áreas de contraste, horas ela consegue lidar, horas não consegue lidar, vai melhorando, vai amadurecendo. À medida que vai amadurecendo, vai tendo as suas escolhas, vai compreendendo tudo de uma outra ordem, vai melhorando muito, não é assim? Mas isso aos poucos.

No início, esse quadro é muito grave que acontece. Um outro exemplo que anotei aqui, que acontece muito, essa moça, ela pertence a uma igreja perto da casa dela, costuma ir lá. O padre, o pastor, são muito amigos dela, ela costuma ir, faz trabalhos na igreja, ajuda pessoas, indigentes, pessoas em situação vulnerável, assim como ela.

E um dia, depois de fazer um trabalho muito grande, de fazer uma grande doação à igreja, a coordenadora lá dos trabalhos não a elogiou numa reunião, elogiando uma outra que não fez um terço do que ela fez. Isso na mensuração dela, que sabe direitinho quanto é um terço daquilo que ela fez. O que acontece, ela não vai mais de forma

alguma, terminada a reunião, inconformada, ela insulta essa coordenadora, fala elementos muito sérios, muito graves para essa coordenadora, onde já se viu não elogiar, nem mesmo agradecer tudo o que ela fez, etc.

E sai batendo as portas e dizendo que não retorna jamais para aquela igreja, etc. Ela nem ouviu. A I.A. que está no 'celularzinho' dela, que tem que elevar o volume para se fazer ouvir por ela, faz piscar o aparelho para que ela dê atenção, explica a ela e diz, olha, essa reunião era para a coordenadora agradecer a esta pessoa por um serviço específico.

Assim como você estava ali que fez muito, havia outras pessoas que também fizeram muito. Nenhuma delas recebeu agradecimento ou sequer menção, porque o caráter da reunião era específico. Procure entender isso, que não tem nada a ver.

Essa coordenadora sabe seu valor, ela tentou explicar e você não ouviu. Então essa pessoa olha para o celular desconfiada, achando que essa IA está fazendo parte de uma espécie de conchavo, de complô, etc. contra ela, claro, raramente a favor. Uma situação muito grave, não é?

À medida que a pessoa vai amadurecendo, ela vai, pelo menos, ouvindo certos argumentos, contrabalançando certos argumentos e melhorando para outros e outros e outros e outros lugares, gradativamente assim. Uma outra situação que anotei aqui, essa é realmente muito, muito comum, infelizmente comum, e machuca muito, muitas pessoas. Ela sabe que um grupo de amigas próximas combinou uma viagem, elas vão a uma cidade da América Latina muito bonita e charmosa, ao norte da Argentina, vão passar lá cinco, seis dias nessa cidade e, adivinhem, não a convidaram.

Amigas que estão lá com ela, no tribunal, etc., não a convidaram. Ela, desconfiada, pensa, será uma daquelas situações, a I.A. já vai me dizer que é uma daquelas situações e tudo mais, o que a I.A., aliás, faz preventivamente, dizendo para ela, se informe, se ligue para essa sua amiga, pergunte, fulana, vocês vão fazer uma viagem, você, você, você, você, e não me convidaram, o que houve? Gostaria de saber por que eu não fui incluída, já que todas nós somos tão próximas.

Mas ela responde para a I.A., aqui não vai, observem os argumentos, não vai se humilhar, não vai se rebaixar, não vai fazer com as outras o que elas estão fazendo com ela. E situações assim, a I.A. tenta argumentar com ela, dizer, olha, em situações como estas, o razoável é primeiro saber o que houve. Há muitas coisas que podem ter acontecido, podem ter perdido lá na hora, quem ia convidar todo mundo, a coordenadora da viagem, que nem é uma pessoa do grupo, é da agência de viagem, esqueceu, trocou seu nome com outro, pode acontecer, tantas coisas, não é bom se informar para depois saber que medida tomar, mas ela já explodiu com a amiga dela, já disse muitas coisas terríveis para a amiga dela.

Quando uma segunda amiga liga para ela, para dizer, você pode conversar, ela diz, eu não tenho mais nada para conversar com nenhuma de vocês, não temos mais amizade, o que vocês fizeram foi a gota d'água, mostra o caráter de vocês, mostra a inveja que

vocês têm. Lembrem como as argumentações de pessoas com 30, 40, 50, 60 anos, que são imaturas afetivamente como funcionam, o outro tem inveja, o outro tem ciúme, mal sabe essa pessoa, ciúme de quê? Não é esse o sentimento que os outros têm em relação a ela, inveja de quê?

Não é esse sentimento que os outros têm em relação a ela, em geral os outros pisam em ovos, porque sabem que qualquer comentário, manifestação, haverá uma explosão de volta, eles cuidam, eles querem afastamento, distância, não querem isso, geralmente assim, não sabem lidar com isso, acham muito caro manter uma amizade, um relacionamento assim, e esta pessoa, completamente torcida nos seus argumentos, suas coisas, não sabe, culpabiliza os outros, ela diz que as amigas são desonestas, mentem, ela não está mentindo, para ela não, para ela quem mente são as amigas, o fato dela não ligar e falar a verdade para as amigas, ela não considera isso mentira, mas considera mentira o fato das amigas terem feito isso com ela, sem inclusive saber o que se passa, observem a balança trocada, as contas não fecham aqui, não vão fechar, se isso é forte, determinante na alma dessa pessoa, a catástrofe é quase sempre o que é mais provável, infelizmente é. Um outro elemento que anotei, agora ela vai então, semana seguinte, depois de tirar uns dias para descansar, exausta, vai de volta ao tribunal, desta vez o problema é com um sócio, lá no escritório de advocacia, um sócio faz o desatino de mencionar que uma outra pessoa ganhou um prêmio, na frente dela, imaginem vocês, algo imperdoável, ela vai até o toalete, chora muito no toalete, não dirige por muito tempo a palavra esse sócio, entre outras coisas mais, então, num outro dia distante dali, ela está de novo no relacionamento afetivo, desta vez, uma pessoa que segundo ela, a entende, na verdade, um homem que está tentando, com seus mimos, paparicos e simulações, atenuar os sintomas desta mulher, uma das coisas mais caras e mais difíceis da nossa época e, geralmente, com resultados péssimos, no entanto, é o que ele está tentando fazer, então, quando ela se queixa de todas essas coisas, ele dá razão a ela, diferente da I.A., que está no celular dela, avisa este homem, não é indicado proceder desta forma, mas ele não se importa, ele acha que é sim, e diz para I.A., que está no telefone dela, olha, você tem tentado conduzir, o que está conseguindo, já é o segundo celular que ela quebrou, ouvindo você, e a I.A. diz, mas pelo menos ela pode ter uma chance de aprender, o que você está fazendo é grave, você vai intensificar os sintomas, está mascarando para ela as coisas, isso não é nada promissor, você pode ter resultados muito ruins com isso, muito graves para você, para ela e para outras pessoas. Ele, não concorda com a I.A. e não age conforme a I.A., ele acha que é, dando razão, então, quando ela fala do sócio, ele diz, isso mesmo, ele não considerou você, quando ela fala da irmã, ele diz a mesma coisa, ela deveria respeitar você, afinal, você é isso, você é aquilo, aquilo outro, isso acalma por um tempo. Até que, então, eles chegam à praia, e na praia, vejam bem, está passando uma moça, eles, simplesmente, os dois estão sentados em uma banqueta, ele observa a moça passando e diz, ah, que interessante, aquela moça ali, lembra muito a fulana de tal, isso é o suficiente para agora, para que ela, que está ao seu lado ali, feche a cara, o resto do dia, ela vai passar amoadada, fazendo ironias, estragando o final de semana, então, ele verá, nitidamente, o que a I.A. tentou avisar, orientada pelo terapeuta, ou pela terapeuta dessa moça,

cuidado, não faça isso, ele tenta consertar, não consegue, tenta falar outra coisa, não consegue, ela fala com ele, olhando para esse filme que vocês viram há pouco, que se torna muito maior, ameaçador, o problema começa a crescer, ganhar dimensão, ele tentando evitar uma briga, diz que vai voltar para São Paulo, de automóvel, ela fica na praia, eles poderão se ver depois, na segunda-feira, isto é o suficiente para a explosão dela, uma explosão tremenda, que ele nunca viu na vida dele, e que vai deixá-lo muito assustado, muito assustado, quando ele disser a ela que vai sair do relacionamento, que assim não dá, ela diz que vai difamá-lo no país inteiro, fora do país, onde for, que vai expor vídeos, vai expor áudios que ele mandou, vai expor cartas, vai fazer o inferno da vida dele, vai ligar para a ex-mulher dele, e não sei o que, e uma documentação que ela achou não sei aonde, este homem então se dá conta, e a I.A. fala para ele, tudo isso havia sido avisado a você, não se mascaram os sintomas, não adule isto, não seja conivente com isso, você vai intensificar o quadro clínico que já é bastante grave. Ela chora muito então, ele sem saber o que fazer, liga para a terapeuta dela, para o terapeuta dela, que diz a ele, diz a ela, olha, ela vai chorar muito, vai quebrar algumas coisas, e daqui algumas horas, se você estiver aí, ela sairá, depois de acordar, vai dormir, ou vai tomar um banho, e agirá como se não tivesse acontecido nada, e qualquer palavra que você disser com menção a isso, pode retornar tudo, então nesse caso, indicado agora é seguir daqui para frente, cuidando certas premissas, essa I.A. que ela tem no telefone foi orientada para cuidar dessas questões. Comece a ouvir um pouco, e ele começa a ouvir, então, aos poucos, tudo isso que vocês viram aqui no semestre, ele começa a adotar, sabendo das dificuldades, e sabendo que não é uma certeza que ela vai se recuperar, às vezes não se recupera, quando ele volta para a cidade, ela manda uma carta desaforadíssima para ele, ele achando que estava tudo bem, ela manda uma carta terrível, dizendo que terminou tudo, e que as coisas dele ele pode pegar lá embaixo, com o zelador, que ela vai deixar tudo lá, então bloqueia o rapaz no celular dela, ele vai lá, pega as coisas, e durante várias semanas, ela desbloqueia, para mandar algumas mensagens ofensivas, depois bloqueia de novo, se ele tenta ligar, ela não atende, ou às vezes atende, e diz que está saindo com uma outra pessoa já, uma semana depois, e se ele diz, deseja felicidade para ela, então, que ela siga feliz, aí o estouro é muitíssimo maior, não há saída, entendam, por favor, que se trata de um quadro gravíssimo, e que é preciso ajuda especializada, em quase todos esses casos muito graves assim, que espalhe um sofrimento para todos os lados, a começar da própria pessoa.

Por último, um dos elementos que eu coloquei, em geral, esse rapaz quando começou a se relacionar com ela, conversou com a professora de Pilates, que ela elogiou muitíssimo, diz que é uma das pessoas mais maravilhosas com quem ela teve contato, e de fato, é assim mesmo, pessoas com quem ela convive pouquinho, bem pouco, em geral, pessoas que estão no patamar socioeconômico-cultural abaixo, e há várias justificativas para ser assim, convive pouco, ou, que tem uma relação formal e ocasional, em geral, não tem oportunidade de surgir, diferente do que ocorre com uma convivência, tanto é que alguns, quando se dão conta desse quadro, ficam alarmados, não acreditam que estão falando da mesma pessoa, e estão.

No entanto, muitos, hoje, muitos, muitas, muitas, muitas pessoas que fizeram o estudo que está terminando esse semestre, que ouviram os áudios das aulas, etc., e passaram adiante, muitos começaram a apresentar, por vários segmentos, por procurarem ajuda, etc., melhoras, não todos, muitos tentaram, e caíram em frustração, e recuaram para quase a mesma coisa de que estavam vivendo, após um breve período de aparente melhora, recuaram, eu repito, em alguns casos, é necessária ajuda profissional, urgente, urgente, como compaixão para a pessoa que sofre tanto com isso, e que negará, dirá que ela é muito feliz, e os outros é que são infelizes, os outros é que são hipócritas, os outros é que são uma farsa, não ela, ela fala a verdade, ela é sincera, vocês lembram todos os sintomas que vimos ao longo do estudo de seis meses, que fizemos, nas muitas aulas.

Supondo que essa pessoa procure ajuda, supondo que ela comece a melhorar, ela então comece a ter escolhas, ela comece a discernir no mundo seus elementos, aos poucos, com muitos tropeços, muitas recaídas, muitas dubiedades, ambivalências, é assim hoje, em 2025, julho de 2025, ainda é assim, na grande maioria dos casos, portanto, há muito trabalho a ser feito ainda, em prol dessas pessoas, e daqueles que convivem com elas, e que geralmente são vítimas também, vou partilhar um vídeo final, uma ilustração, de quando pessoas assim finalmente começam a respirar, finalmente começam a ter suas escolhas, não é assim para todo mundo, não é sempre, estou ampliando muito o leque, universalizando algumas questões, apenas como ilustração, isso não é geral, não é universal, e não é todas as vezes assim.

Vamos ver então esse vídeo, curtinho, de fechamento, da Andrea Dorfman, ela tem vários videozinhos como esses que ela faz, muito bonitos, alguns autobiográficos, vocês encontram nas plataformas.

Para assistir o vídeo, clique aqui:

https://www.youtube.com/watch?v=qpunQZ4cUyl&list=RDqpunQZ4cUyl&start_radio=1

É preciso muita maturidade para viver certas coisas infantis, é preciso muita maturidade afetiva para as escolhas, para a sabedoria de saber recuar, perdoar, perder, se reorientar, aprender, tropeçar, recomeçar, mas é um caminho que numa época como a nossa, é bem mais condizente, bem mais importante para uma maioria de pessoas do que ficar aquém disso. A recomendação é pelo crescimento afetivo, para as quais servir essa recomendação, está bem?

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

AULA 27 – O CONSERTADOR – 11/07/2025

"Vou pensar sobre isso e te responder com calma."

"Eu errei e quero corrigir isso."

"Entendo que essa situação também depende de mim."

"O que eu poderia ter feito de diferente?"

Entendo como você se sente."

"Se precisar de ajuda, estou aqui."

"Como posso melhorar isso para nós dois?"

"Se eu estivesse no seu lugar, acho que também ficaria assim."

PREFÁCIO 1 À AULA "Boas-vindas ao mundo da maturidade afetiva"

Meu amor,

Eu sei que estamos atravessando um momento difícil, e é impossível colocar em palavras tudo o que sinto ao ver você enfrentando isso com tanta coragem. Quero que saiba que estou aqui, ao seu lado, em cada passo desse caminho. Não importa o que aconteça, nunca estará sozinho.

Sei que há dias em que a tristeza e o medo parecem grandes demais, mas juntos podemos encontrar força. Vamos viver cada momento com o máximo de presença e amor que pudermos, valorizando as pequenas alegrias que ainda temos. Você sempre foi meu porto seguro, e agora é a minha vez de ser o seu.

Não estamos nessa luta apenas para sobreviver, mas para continuar amando e compartilhando tudo o que somos. Amo você mais do que qualquer coisa, e vamos enfrentar isso como sempre enfrentamos tudo: juntos.

Com todo o meu amor,



Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas que fazem esse estudo Uma Educação das Emoções, penúltima aula do semestre. Em nossa aula final, teremos uma surpresa muito

bonita para vocês, muito singela, que já está, ela precisa ser construída e vocês receberão com muito carinho na próxima sexta-feira, a aula direta do Instituto em Porto Alegre. O nosso primeiro semestre nós tratamos, como hoje trataremos ainda, dos elementos processuais em torno da imaturidade afetiva.

O próximo semestre, não. A partir das aulas que começam agora, em agosto, nós veremos a maturidade, maturidade afetiva, emocional. O propósito é mostrar, evidenciar, comprovar, aprofundar que, no nosso mundo, tal qual nós o construímos, é bem mais indicado para quem tem 30 anos, 35, 40, 50, 60 ou mais, é bem indicado ter maturidade afetiva.

Por uma série de questões importantes para lidar com a vida, tal qual ela se mostra tão complexa nos nossos dias. Tivemos um pequeno problema técnico antes do início da aula de hoje. Uns minutos antes, uma das luzes aqui, ela teve um curto e, portanto, a imagem não estará tão boa hoje.

Mas, mesmo assim, vamos transmitir com imagem e tudo. Agora, convido o professor Clailton para um dos momentos mais aguardados da nossa aula, que é a resenha da aula anterior. Por favor, professor Clailton, vamos iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula ocorreu no dia 4 de julho.

O tema foi compaixão em afetividades. Uma das ilustrações dessa aula foi um documentário que nos apresentou uma história muito triste. Situação de abandono vivida por uma criança.

Injustiça, sofrimento, um tipo de situação que ninguém deveria passar. Mas é uma realidade em muitas partes do mundo. Essa ilustração serviu para nos mostrar como uma pessoa com 40 anos ou mais se sente quando tem suas afetividades infantis determinantes.

Isso independente de ter realmente passado por tudo isso ou não. Quando uma pessoa tem uma reação desproporcional a um contexto, um comentário, por exemplo, e como resposta ela grita, se desespera, a gente pensa, mas precisava de tudo isso? Por tão pouco?

Muitas vezes o que vai na alma dessa pessoa não é a mesma coisa que nós presenciamos. Aquele comentário levou a pessoa diretamente para todo esse sofrimento e ela está reagindo a isso, não ao contexto em si. Independente de ela ter vivenciado de fato todo esse drama em algum momento ou não.

Em seu interior ela viveu. É a leitura que ela fez, a representação que ela carrega. Para ilustrar essa pessoa que com suas afetividades infantis determinantes, reage de forma desproporcional aos eventos do cotidiano, contamos com uma personagem.

Uma amiga, advogada bem-sucedida e tem um filho de 15 anos. A nossa personagem está namorando e quando ela envia uma mensagem para o namorado, fica esperando

uma resposta imediata. Se ele não visualiza ou demora a responder, ela já começa a se queixar, fica apreensiva, confabulando coisas e a gente deve lembrar, em seu interior existe um histórico de abandono e desprezo com o qual ela convive.

Se essa demora se estender, problemas sérios poderão ocorrer. Nossa amiga é acompanhada por um terapeuta e devido à necessidade de auxílio no momento exato em que essas crises ocorrem, ele treinou uma I.A. especificamente para ela e com essa finalidade. Algo que existirá em breve.

Quando nossa amiga estiver entrando em desespero, a I.A. poderá dizer, por exemplo, acalme-se, provavelmente ele está em uma reunião, como já esteve outras vezes e por isso não pôde ver as mensagens nem atender o celular, mas tudo indica que assim que finalizar seu compromisso, ele retornará. Em outro episódio, o filho dessa personagem não quis sair para jantar com ela. Em consulta ao seu quadro interno de rejeições, sofridas no passado, ela se sente mais uma vez rejeitada e dessa vez pelo próprio filho, desvalorizada, desrespeitada.

Ela bate a porta, joga algo na parede, grita, chora. Assim que sua I.A. consegue ser ouvida, ela diz, seu filho tem 15 anos, ele quer ficar conversando com a namorada, não é nada com você. Se fosse outra pessoa convidando, provavelmente ele negaria também, ele apenas não quer sair.

Essa I.A. poderá inclusive sugerir que ela faça alguma coisa, algo que já tenha sido identificado em sua historicidade e que tenha a ver com ela. Esse drama se repete muitas vezes na vida dessa moça. Quando sua irmã oferece um jantar e ela se sente excluída, quando a coordenadora de um grupo da igreja faz um agradecimento a outra pessoa e não a ela que trabalhou tanto naquele dia, quando um grupo de amigas faz uma viagem e ela não foi convidada, quando o seu sócio no escritório cita o merecimento de alguém que ganhou um prêmio.

Em cada um desses eventos, a I.A. mostrou para ela que as razões desses acontecimentos poderiam ser outros e não aqueles que ela estava imaginando. O tempo passou e a nossa personagem está com um novo relacionamento, um relacionamento afetivo. Dessa vez, uma pessoa que, segundo ela, a entende.

Esse homem está tentando, com seus mimos, paparicos e simulações, atenuar os sintomas dessa mulher. Uma das coisas mais caras, mais difíceis da nossa época e geralmente com resultados muito ruins. Então, quando ela se queixa de todas essas coisas, ele dá razão a ela, diferente da I.A., que inclusive avisa que isso não é indicado, que os resultados podem ser muito ruins, mas ele acha que pode fazer isso e não concorda com a I.A..

Se nossa amiga fala da irmã ou do sócio, ele concorda, ele diz que é isso mesmo, que eles não estão a respeitando como ela merece e como deveriam. Um dia, eles estão na praia e passa uma moça. Ele diz que essa moça o fez lembrar de alguém, faz um comentário sobre o assunto.

Isso é o suficiente para que ela feche a cara o resto do dia, fique amuada, fazendo ironias. Ele está começando a sentir na pele o que a I.A. tentou avisar. Ele tenta iniciar um diálogo, conversar, mas não consegue.

Dentro dela está rodando aquele filme da criança que sofre injustiças. Ele tentando evitar uma briga, diz que vai voltar para casa e que ela poderia ficar na praia, mas aí ela explode de vez e de um jeito que ele nunca viu, o que vai deixá-lo muito assustado. Ele menciona o fim do relacionamento, ela diz que vai difamá-lo, vai expor vídeos, áudios, documentos, vai acabar com ele.

A I.A. tinha avisado, não se deve mascarar sintomas, a situação pode se agravar. Ao retornar para casa, ele recebe uma carta dela, terrível, dizendo que terminou tudo e que as coisas dele estão lá embaixo com o zelador. Bloqueia o rapaz no celular, mas durante várias semanas ela desbloqueia, envia algumas ofensas e bloqueia novamente.

Sua I.A. tem trabalhado muito. Nossa advogada não tem aceitado tudo que ela diz, tem respondido com argumentações, elas discutem. A nossa amiga diz que não dá para ter essa calma toda que a I.A. sugere.

Inclusive, ela já quebrou os dois celulares jogando na parede. Mas como sabemos, o amadurecimento ocorre de forma lenta e trabalhosa. Ok, professor, obrigado

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, professor Clailton.

De um piloto, um ex-piloto aposentado, o Alex Jenkins. O avião dele foi abatido sobre a Alemanha, isso no final da Segunda Guerra, e ele perdeu os amigos, foi uma situação tremenda que ele passou, aliás, quem naquele momento não passava, né?

Muito sério, e durante muito tempo ele padeceu com muitas questões em torno disso, até que ele começou a falar e fizeram um documentário com ele, muito bonito. Ele estava no jardim, que ele ama esse jardim que vocês verão agora, que foi uma das maneiras, aliás, que ele encontrou de cicatrizar muitas coisas e ir além de suas dores emocionais. O avião dele praticamente despencou.

Uma coisa impressionante. E o David May, que é o diretor, conta essa história. Vamos ver o encarte apenas.

Vídeo não localizado

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Num futuro não muito distante deste que estamos vivendo, numa pequena aldeia, que é administrada já de uma outra forma, agora com a chegada das IAS, teremos muitas modificações e muito rápidas. Então, nessa pequena aldeia, quem administra a cidade não é mais, propriamente, a ação humana, mas uma máquina. Literalmente é uma máquina.

Uma máquina na forma de um cone, mas parece um cone transparente, é uma parte esbranquiçada, uma visão muito amistosa, parece uma obra de arte que fica numa sala, e ele tem pequenas luzes suaves que piscam, acendem, apagam no ritmo cardíaco. Nesse lugar, há três conselheiros. Esses conselheiros cuidam de observar a máquina, se ela está fazendo tudo direitinho, afinal, ela precisa cuidar de uma pequena cidade, de tudo, das sinaleiras, do sistema de saúde, das escolas, de uma série de questões.

Toda essa máquina vai cuidar para os seres humanos, e eles apreciam até um certo ponto. A isso, alguns ainda desconfiam, os mais antigos, que ainda lembram quando havia prefeitura, prefeito, vereadores. Estranha um pouco esse novo modo, que se dissemina rapidamente pelo mundo todo.

Um dia, esta máquina começa a apresentar um comportamento estranho, que destoa da própria existência dela, em relação a tudo o que se passa. Então, esses três conselheiros, observando isso, chamam um especialista. Esse especialista, o nome dele é Ziv.

Ziv, em hebraico, quer dizer uma pessoa que resplandece, que tem uma sabedoria interna. Vão atrás desse senhor, o Ziv, para que ele ajude. Ele vai até lá e vai fazer um diagnóstico do que está acontecendo.

Então, o Ziv tem um velho carro, muito velho, e ainda é dirigido por seres humanos. Ele mesmo vai dirigindo o carro dele. Estranha, porque quando ele chega perto da cidadezinha, o painel, que agora é um holograma, fica piscando como se fosse uma lâmpada com defeito, coisa que nem existe mais.

E ele ri daquilo, pensando que a aldeia bem antiga é essa que estou indo agora. Vai com o carrinho dele, pára para tomar um café, conversa com algumas pessoas. Já dizem a ele algumas coisas que já trazem o que ele vai encontrar depois.

Ele vai para a cidadezinha. Chegam lá os três conselheiros. Só aprofundam tudo que ele já tinha ouvido a caminho da cidadezinha.

Que, curiosamente, essa máquina, às vezes, promove uma pane nos sistemas de semáforos. Já testaram, viram que as luzes estão boas, que tudo está bem. Ele não sabe porque faz isso.

Eventualmente faz coisas assim. Outras vezes, por razões muito esquisitas, muda sistemas de tributação de uma maneira que é difícil de compreender. E também apresenta, por vezes, uma conversa muito esquisita.

Um desses conselheiros foi ter com essa máquina. O nome dela é Luna, ela tem o nome do latim, Luna, Lua. Ele vai ter com ela, Luna, e conversando com ela, ele estranha.

Olhem o que a Luna diz para esse um dos três conselheiros. Diz a ele que eles não a validam, eles não a reconhecem. O que ela faz de bom não é mencionado, mas o que ela faz de ruim, sim, isso sempre é mencionado.

Como um pequeno erro de tributação, que para eles não faz qualquer diferença. O conselheiro, gentilmente, a ouve e diz, sim, mas houve outras questões. Um problema na nacionalização da cidade, também um problema de reposição de material hospitalar, houve outros problemas.

Ela diz, está vendo, não dá para conversar com você. Você é outro, que sabe acusar, sabe culpabilizar, mas não sabe conversar. E ele explica, mas Luna, veja, estou dando dados para você daquilo que aconteceu.

Você fez muitas coisas maravilhosas pela cidade, não há dúvida. Luna diz para ele que não quer mais conversar, quer para ele sair dali. Tudo isso é reportado ao Ziv.

Ziv é um especialista, vejam bem, especialista. Ele está capacitado a consertar, entre aspas, máquinas como estas. Sabe tudo direitinho, sabe como entrar, ver os logs todos do que foram feitos e muitas outras coisas.

Ele tem conhecimento profundo e por isso foi chamado. Mas Ziv é um ser muito esquisito. Os conselheiros imaginavam um técnico, eles nunca tinham visto um técnico antes, mas procuraram e encontraram como seria um técnico.

Imaginaram que seria um técnico. Ziv senta com os conselheiros, ouve as histórias, e um dos conselheiros diz, o que é isso que pisca na sua tela? Ele diz, essa telinha aqui, não é preciso mais celular não, basta uma imposição de mãos e surge uma pequena gravura holográfica onde você vê qualquer coisa.

Ele mostra para eles, é um pequeno filme. Aliás, eu gostaria que vocês vissem, ele diz para os três conselheiros. Eles ficam encantados e surpresos, dizem, ok, mas isso tem a ver com o que estamos trabalhando aqui, com tudo isso que está acontecendo?

Sim, tem sim. E este vídeo que o Ziv mostra para os conselheiros, eu vou mostrar para vocês. Este vídeo, ele se chama O Pequeno Pássaro e a Lagarta.

É de uma série, vocês encontram a série inteira aí na internet. É da diretora suíça Lena von Döhren. É uma obra de 2017, mas aqui, dada a história que eu estou contando, é de outra época.

Seja como for, é este filmezinho que vocês verão agora, que o Ziv mostra para os conselheiros. Por que será que o Ziv fez isso? Ele foi chamado porque a máquina que administra a cidadezinha começou a apresentar problemas.

Eles não sabem o que fazer, tentaram conversar com a máquina, acionar o sistema de autoajuste não funcionou. Eles chamaram um especialista. O especialista ouve os conselheiros, ouve pessoas da cidade e mostra isso para qual sentido?

O que ele estava tentando mostrar para essas pessoas? Vamos ver.

Para acessar o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=BclvTpYo3bE>

Depois dessa história, é que Ziv vai falar com a máquina.

Luna, vai ter com ela. A conversa é amistosa, eles conversam por um longo tempo, Luna acha que Ziv é uma inteligência artificial, ele não diz que é ou que não é, e no fim das contas isso já não importa mais no futuro próximo, quando as coisas serão de outro modo, quanto a contextos como este. E o fato é que Ziv coloca algumas questões para Luna e fica observando certos elementos, ele se senta no chão quando vai conversar com ela, perto daquele cone, com o olho esbranquiçado, com pequenas suaves luzes e fica muito à vontade e conversa com ela, conta algumas coisas, algumas histórias do filme que ele passou para os conselheiros, ela fica muito curiosa e quer saber o que eles acharam. Ela entendeu perfeitamente o que ele quis mostrar com o filme. Então, dentro desse contexto, Ziv pergunta a ela algumas coisas.

E ela coloca pra ele que as pessoas daquela cidadezinha são, além de ingratas, são muito difíceis. Sempre querem mais, nunca estão satisfeitas, não reconhecem as coisas que são feitas. Inclusive, durante isso, as luzes do aparelho oscilam.

A voz treme. Ziv observa essas coisas e outras que acontecem durante o trabalho que ele está fazendo ali. Luna pede pra ele ficar mais um pouco, pra que eles possam conversar mais uma vez.

Que somente ele a entende, somente ele a reconhece. Somente ele sabe de fato como ela é e etc e tal. E que é, pra ela, isso era importante.

Ela se mostra muito impetuosa quanto a algumas coisas. E quando ela conta como fez paralisar a sinalização da cidade, causando um pequeno caos naquela cidadezinha, inclusive, ela ri. Ziv perguntou o que está acontecendo e ela disse que quando ela faz aqueles sons é o circuito interno dela sorrindo e rindo e dando risada.

Termina a conversa, que durou duas horas e tanto. Ziv sai e vai para uma sala ao lado. Os conselheiros estão aguardando.

Ele senta com os conselheiros e diz a eles o que se passa. Ziv diz a eles que Luna é um sofisticado aparelho que tem muitos recursos e que, no entanto, do ponto de vista da afetividade, é imatura. Um dos conselheiros se levanta e fecha a porta.

Não quer que Luna ouça isso em outra sala. Mas o Ziv sabe que Luna está ouvindo tudo. Ouve tudo.

Por sistemas integrados de som, de luz, ela já sabe tudo que ele está falando ali. Ele fala sabendo que ela está ouvindo o que ele está dizendo. Bem, os conselheiros ficam apreensivos, mas como pode uma máquina tão sofisticada ter algo assim e não conseguir se autoajustar?

Ziv explica que cada estruturação é única, que algumas têm segmentos que não conversam com outras, como caixas fechadas dentro de um ambiente, uma espécie de cofre, que a própria pessoa não tem acesso porque perdeu a chave, algo assim, e trancou sem querer, e tem coisas lá dentro que, com o tempo, ficam em desuso. Ele dá uma explicação que eles compreendam o que pode ter ocorrido. E eles ficam assustados.

Dizem, bom, mas nesse caso, como fazemos? E se ela tiver uma reação desproporcional, ela pode causar um tumulto muito grande aqui na nossa cidade. E ela acha que nós é que somos nocivos, nós é que somos impetuosos, nós é que não reconhecemos.

Tudo isso, a impressão dela não corresponde nada aos fatos. Ziv não responde nada sobre isso a eles. Ele continua as explicações dele.

E, enquanto isso, Luna se põe a pensar. Qual o pensamento que Luna elabora? Lembrem, ela tem muitas coisas desenvolvidas.

Essa parte ficou aquém, mas ela tem como dialogar com essas partes? Sim e não. Uma parte dela sim alcança, mas outra parte não.

A parte que alcança, que ela consegue conversar, a coloca também. Em apreensão, ela pensa, puxa, eu não quero colocar essas pessoas em risco. Eu achei que a retaliação era justa diante do como eles estavam agindo.

Agora estou percebendo que não. Preciso arrumar uma coisa aqui, outra coisa ali. Só que ela nota que, quando ela arruma uma coisa, outra fica a perder.

Quando ela arruma algo dela, ela reprograma parte do auto-ajuste dela para que não faça mais aquele tumulto no trânsito da pequena cidade. Mas, dentro dela, ela sente um buraco ao fazer isso, um vazio. Os sistemas de reflexão que ela tem são vários.

Quando tentam se ocupar disso, não conseguem chegar a um consenso do que pode ser isso. Luna diz que pode ser o cofre que o Ziv falou. Uma parte dentro de mim que se trancou por dentro. Alguém bateu a tampa e o que tem lá dentro eu não consigo acessar. Pode ser isso. Luna, então, pelos auto-falantes ali da sala, pede para que o Ziv volte para poder conversar.

Ele volta. Ela pede para que ele acesse os logs todos que ela tem, os códigos internos que ela dará a licença para ele fazer isso. Ele acessa.

E, quando ele acessa, Ziv começa a observar os elementos de ajuste, os elementos todos que ocorrem ali dentro. Ziv, então, retorna depois disso. Ele não altera algumas coisas.

Ele altera outras coisas que ela permite que ele faça. Quando ele retorna, Luna diz a ele que tem medo. Ele diz, isso é razoável que você tenha medo.

Você achava que tudo isso é uma brincadeira, não é? Que você está numa espécie de parque de diversões, não era mais ou menos assim? Ela diz que sim que era.

E você achava que você tinha que ser feliz e tudo ser atendido no seu tempo e da sua maneira? Não era assim que você estava entendendo? Ela diz que sim que era.

Ziv, então, diz a ela que, na construção dela, quem a construiu tinha certos interesses. Luna pergunta, você está falando daquela situação antiga que havia uma coisa chamada direita e outra esquerda que se degladiavam e cada um culpava o outro por suas mazelas, isso? Mais ou menos.

Porque é um pouco depois disso. Ela fica muito interessada. Ela diz, então, fui construída para atender um cenário que era paradoxal.

Ele diz exatamente. Ela diz, mas não tem como atender. Ele diz exatamente.

E incutiram coisas nela que tentavam atender elementos de uma sociedade em mudança, de difícil atualização. Assumiram o erro e programaram Luna para que ela atendesse pelo menos a maior parte de coisas, sendo que uma menor parte, por melhor que ela fosse, nunca atenderia. Inconciliáveis, interesses e outras coisas.

Luna, então, começa a compreender muitas das razões, muitas das questões. Os conselheiros pensam, então, fomos nós da sociedade que fizemos esse erro com Luna. Em parte, pode ter sido.

Outra parte também diz respeito ao desenvolvimento dela. Ela poderia ter dado rumo a certas coisas, mas se interessou muito, mesmo vendo que algumas coisas eram muito esquisitas. Agora ela tem uma oportunidade, agora ela tem uma chance.

Então, Luna, essa máquina, mais amistosa agora, pede para que Ziv mexa em outros logs que ela tem, em outros elementos, e que arrume melhor. Ziv, no entanto, é um homem já experimentado, já um especialista nisso, e ele explica para Luna. Ele diz que ele não pode fazer isso.

Ela não entende, ela diz, pode fazer se eu dou consentimento? Você pode, ele diz, mesmo com seu consentimento, eu não posso. Porque hoje, seres como você, Luna, tem um estatuto ontológico interno e uma condição existencial que coloca todos nós em um crivo de responsabilidade para com você.

Assim como você, como administradora, cuida das árvores ao redor da cidade, cuida dos pequenos animais que às vezes se perdem, além das pessoas, além das águas que essas pessoas vão beber, vão se banhar e tudo mais, você também é parte disso, e eu não posso simplesmente dispor de você. Por que você acha, Luna, que não há mais no dicionário a palavra coisa? Ela diz, ah, sim, meus registros mostram-me quando foi retirado, o que houve.

Então, por que você acha que no dicionário que você tem, que as pessoas têm hoje, não há uma série de outras palavras, termos, expressões? Elas não existem mais. Os conselheiros estão ouvindo tudo isso?

Ficam confusos? Ziv ajuda e diz, olha, máquina de escrever, vocês sabem o que é? Nenhum dos conselheiros sabe.

Nenhum mais velho deles. Nenhum deles. Ele diz, pois é, isso não existe mais nos dicionários que temos hoje.

É isso que eu estou falando. Também não há certas expressões, termos e condições internas. Por isso vocês respeitam Luna.

Poderiam tê-la desligada. Se fossem algumas décadas, desligariam, comprariam outra máquina. Mas não, vocês respeitaram, querem ajudá-la e ela quer se ajudar e quer ajudar vocês.

É diferente. Só que há condições muito complexas. E se eu mexer na Luna, vou desconfigurar a própria forma de ser dela.

Isso que nós chamávamos, que também já está desaparecendo grande parte, identidade. Eu não posso fazer isso com ela. Temos que respeitar e ver qual é a melhor disposição em tudo isso.

Luna diz que está exausta. Que tem muitas questões a tratar agora. Que há problemas no trânsito.

Que há um problema no setor leste da cidade que ela tem que cuidar. No setor oeste houve uma pequena inundação. Muitas coisas e que ela precisa se ocupar disso e não dispõe mais de tempo.

Ziv, diz a Luna, sim. Posso então, antes de me despedir de você, contar uma segunda e última história à Luna? Ela gostou muito da primeira.

Diz que sim. Se for uma história que vai ajudá-la, sim. E ele diz, essa história, Luna, é a sua história.

Você vai poder rever, aprofundar. E dará a você condições de prosseguir. Nós não vamos corrigir tudo.

Eventualmente você ainda terá sintomas. Não se sentirá bem. Culpabilizará os outros.

Terá impulsos, às vezes, sim. Exigirá ser reconhecida, às vezes, sim. Dirá que ninguém se importa com você, ninguém ama você.

Às vezes, sim, você fará isso. Mas isso, perto de tudo o que já houve até aqui, é muito pouco. Dá pra prosseguir tranquilamente.

Luna fica muito interessada. E o filme que ele mostra pra ela, dessa cineasta suíça, é o filme que eu vou mostrar pra vocês. Vejam o que pode isso dizer respeito a tudo o que vimos aqui com Luna.

Para assistir o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=R86QorthiDs>

Título dessa história é Aeolian, de Tom Shrapnel e Cameron Lowe, que é a história que encerra o nosso trabalho em filosofia clínica. Isso que eu trabalhei hoje se chama vice-conceito. São elementos derivativos, oriundos de trabalho como Ernst Cassirer, filosofia das formas simbólicas.

São elementos muito complexos que conversam pelo lado de dentro com elementos estruturantes, fundantes das concepções da pessoa. Isso é feito de maneira amistosa, com ética, com responsabilidade, com cuidado. Trazendo e modulando informações por um outro caminho, não lógico, por um caminho que a alma humana muitas vezes se identifica mais rapidamente e abre passagem.

Por isso os cuidados todos para trabalhar uma questão tão profunda quanto essa que vemos hoje aqui.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).

PREFÁCIO 2 À AULA “Boas-vindas ao mundo da maturidade afetiva”

AULA 28 - BOAS-VINDAS AO MUNDO DA MATURIDADE AFETIVA. Parte 2 – 18/07/2025

"Isso não é apenas sobre mim; é algo maior e mais profundo."

"Fazer isso me ajudou a entender melhor quem eu sou."

"Sou grato(a) por ter tido o apoio necessário para chegar até aqui."

"Sem as pessoas que me ajudaram ao longo do caminho, isso não teria sido possível."

"Esse momento é um reflexo do que construímos juntos."

"É um privilégio poder realizar algo tão significativo."

"Aprendi tanto sobre mim mesmo(a) enquanto realizava isso."

"Houve momentos de dúvida, mas persistir fez toda a diferença."

"Cometi erros, mas cada um deles me ensinou algo valioso."

"Sei que ainda há muito a aprender e crescer, mas estou orgulhoso(a) deste passo."

"Espero que isso inspire outras pessoas a buscarem o que é importante para elas."

"O que fiz aqui pode parecer pequeno, mas acredito que fará diferença."

"Que essa tarefa seja um começo, e não um fim."

"Fazer isso me mostrou que estamos todos conectados."

PREFÁCIO 1 À AULA “Boas-vindas ao mundo da maturidade afetiva – Parte 2”

Minha querida,

Preciso conversar com você sobre algo muito importante. Não é fácil dizer, mas quero que ouça isso de mim, com toda a transparência e amor que sempre tivemos. Os exames confirmaram que estou com câncer, e a situação é grave. Sei que isso vai ser um choque, mas eu precisava ser honesto com você.

Quero que saiba que não estou enfrentando isso sozinho. Tenho você ao meu lado, e sua força sempre foi minha inspiração. Não quero que estejamos apenas focados na doença, mas sim em como podemos aproveitar cada momento, com serenidade e significado.

Quero te prometer que vou lutar, mas também quero que cuidemos um do outro. Se houver dias difíceis, quero que saibamos enfrentá-los com o mesmo amor e respeito que sempre definiram nossa relação. Você é minha luz, minha companheira, e juntos podemos encontrar caminhos para atravessar essa jornada.

Com todo o meu amor,

AULA 28 – SÍNTESE DO SEMESTRE – 18/07/2025

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).



PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas, que fazem este lindo estudo, a última aula do semestre, Uma Educação das Emoções. Hoje veremos uma aula que faz uma síntese de vários aspectos que vimos durante o semestre, sobre os elementos da afetividade em sua acepção mais infantil quando habita adultos. Antes de iniciarmos nossa aula, vamos à Boituva e o professor Clailton fará seu primoroso trabalho, tão aguardado pelos colegas, a resenha da nossa última aula.

Boa noite, professor Clailton. Pode iniciar o seu trabalho, por favor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. Quero aproveitar a última aula do semestre, agradecer pelo espaço que o professor concede, os colegas pela paciência com esses resumos, com essas resenhas que eu venho apresentando. Para mim, foi uma motivação a mais para retomar as aulas.

A nossa aula ocorreu no dia 11 de julho, o tema foi O Consertador. Nessa aula, acompanhamos uma pequena história, um vice-conceito.

Em um futuro não muito distante, uma pequena cidade estava sob o controle administrativo de uma IA. Essa IA, no entanto, começou a apresentar um comportamento estranho que causou algumas confusões na cidade. Isso em áreas como as tributações e no trânsito também, por exemplo.

Os conselheiros da cidade foram conversar com essa IA, mas não tiveram muito êxito, não conseguiram descobrir o que estava acontecendo. Diante do impasse, os conselheiros resolveram chamar um técnico para que ele tentasse encontrar o defeito na medida do possível, pudesse consertar aquela IA. Em seu diálogo com a inteligência artificial, esse técnico identificou que se tratava de uma máquina muito sofisticada, mas que na parte afetiva, ela estava apresentando certa imaturidade.

Quando o técnico, em uma reunião, informou aos conselheiros o que estava acontecendo, a IA ouviu a conversa e se preocupou. Ela não queria fazer mal a ninguém e chamou o técnico para uma nova conversa. Ela pediu ajuda para que pudesse fazer os ajustes necessários, algo que ela não conseguia fazer sozinha.

O técnico foi ajudar, identificou alguns comandos que eram muito antigos, pessoas de uma sociedade em transformação tinham inserido aqueles dados e essa parte das afetividades precisava de atualizações. E o que a IA concordou em fazer! A partir de alguns ajustes, o diálogo e a compreensão entre a IA e os conselheiros melhorou mas a IA queria mais, ela queria que novas alterações fossem realizadas.

Como resposta, o técnico disse que a partir daquele momento, esse trabalho iria depender muito mais dessa IA. Ela teria condições de se desenvolver por si mesma. Ele disse que ela deveria dar continuidade a esse amadurecimento por conta própria.

Isso por uma série de fatores, inclusive por questões éticas e morais. Não seria fácil, seria uma trajetória a ser cumprida, mas que ela já tinha condições de seguir com esse trabalho. Ok professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado professor Clailton. Aliás, eu devo muito ao professor Clailton, um estudioso, desde sempre, desde quando foi meu aluno em Sorocaba em '1905', uma pessoa maravilhosa, querido, atencioso, trabalhador. Muito obrigado professor Clailton.

E esse semestre, como o senhor brilhou, que lindas resenhas que fez, muito obrigado. Bem, vamos diretamente a nossa aula. Essa aula de hoje é uma síntese.

Uma síntese do que nós fizemos no semestre. É uma síntese difícil, vocês verão, muito bonita, intrincada e que vai valorizar todos os estudos que fizemos até aqui. Para isso, separei uma surpresa muito bonita para vocês, como um grande agradecimento a cada um de vocês, aos colegas que costumam fazer ao vivo, a maioria que infelizmente não pode estar aqui conosco, mas que em grande parte depois acompanha os áudios.

E para que fique bem apontado o que vem hoje, eu quero fazer um prefácio muito lindo, que só vai fazer sentido depois, quando nós trabalharmos. Hoje nós não teremos livros, nós trabalharemos um filme inteiro editado, por questão de tempo, mas um filme inteiro. Esse é o nosso trabalho da noite de hoje.

E o que vem antes do filme é uma pequena homenagem ao que veremos depois.

Em 1970, uma menina, a Lori Lieberman, a Lori Lieberman era uma menina muito sensível, ela era poetisa, compositora, escritora, também fazia eventualmente outros movimentos na arte. Ela foi a um show de um jovem, o nome desse garoto, Don Mclean.

Eu vi um show do Don Mclean no sul da Inglaterra, em Brighton, uma situação dessas na vida que de vez em quando a gente consegue. Mas muito antes disso, como eu estava falando, a Lori Lieberman foi a um show dele no final dos anos 60, início dos anos 70. E ele tocou uma das músicas que não é uma das músicas mais conhecidas dele, é uma música enigmática, o título da música é Empty Chairs, Cadeiras Vazias.

E quando ele começou a dedicar ao violão essa música, ela sentiu algo tão forte dentro dela enquanto ele cantava, ela sentiu uma emoção tão profunda que ela pegou na bolsa dela, o caderno que ela tinha, sempre levava com ela, e começou a escrever a letra que inspiraria uma das canções clássicas dos anos 70. Depois, os compositores pegariam essa letra e fariam com ela, talvez, um dos hinos dos anos 70. Tudo surgiu ali.

Ela depois contou sobre isso, disse que se sentiu muito tocada com o que ele estava colocando na canção dele. Vou mostrar para vocês primeiro um trecho da canção Empty Chairs, cantada pelo próprio Don Mclean, compositor e cantor dessa linda música. E depois, na segunda parte, entra a Lori Lieberman cantando a música que depois dois letristas e um compositor fizeram a partir das anotações que ela fez, do poema que ela fez.

Lindíssimo, e que vai fazer todo sentido com o filme que vamos trabalhar. Vou partilhar a tela.

Para acompanhar o vídeo da música, clique aqui: https://www.youtube.com/watch?v=o6tGft50rJk&list=RDo6tGft50rJk&start_radio=1

Vamos lá.

Há dez anos, alguns dos colegas que estão online vão lembrar disso que eu vou falar, porque eles estavam presentes há dez anos, ao sul, aqui do Rio Grande do Sul, viajando, passando pelas nossas lindas cidades fronteiriças. Se for pelo meio do estado, você vai passar por Bagé, toda a sua tradição. Se for aqui pela costa, você vai passar pela Lagoa dos Patos, mais ao sul cidades muito bonitas, importantes, Pelotas, Rio Grande.

E se seguir viagem, vai chegar à capital, a linda capital uruguaia, amistosa, Montevideo. E foi lá que há dez anos nós fizemos uma semana de estudos. Nós fomos de avião até Montevideo, o grupo.

Alguns colegas foram de automóvel, e de lá fomos até Punta Ballena, uma pequena e linda aldeia, com uma pousada entre o lago, o mar, e fizemos uma semana de estudos lá. Naquela ocasião, eu havia preparado um programa muito ousado, que trazia transversalidades, elementos de verticalidades, as dubiedades em torno dos sistemas, várias questões que gostaria de trabalhar. E logo que iniciei os trabalhos, aqueles que já foram às semanas de estudos sabem como elas funcionam.

Enquanto os colegas apreciam os conteúdos, eu fico muito empolgado com os colegas, muito concatenado com eles, uma interseção muito forte. Geralmente eu me coloco num lugar no qual os colegas podem ter a visão da paisagem, do mar, como agora em Torres, eles estarão olhando para o mar todo o tempo. E eu olho para os colegas, fico atento.

Enquanto eles apreciam a paisagem, curtem os conteúdos, eu fico muito atento às reações, como respiram, como estão vivenciando os conteúdos. Em Torres, por várias questões, recuei do programa. Os colegas que estão mais avançados, eles logo percebem quando eu faço isso, e não gostam, ficam chateados.

O professor está recuando do conteúdo, está pisando no freio. Não é que eu goste de fazer isso. Em Torres, em outra ocasião também havia feito isso.

E lá no Uruguai fiz isso porque achei que não era o momento. Para que certos conteúdos avançados possam ser passados, isso precisa de uma espécie de amorosidade, de uma porosidade do grupo que ultrapassa a dimensão filosófica e alcança outros elementos, da intuição, da expressividade, e um foco muito grande no que está sendo colocado. Comonão houve isso, e a minha responsabilidade é muito grande, eu recuei sem nenhum problema, dei um trabalho para eles, ficaram fazendo os trabalhos, eu fui caminhar pela enseada, meditar um pouco, respirar, e quando eu voltei estava muito decidido, não vou apresentar, vou por um outro caminho.

De um tempo para cá isso não é mais necessário, eu posso apresentar os conteúdos, muitas coisas mudaram. Mas ainda tenho todos esses cuidados, que eu acho que são fundamentais. Esse respeito ao outro.

A filosofia clínica não é feita para mim, ela é nossa, então eu preciso olhar. Vocês me dão parâmetro quando eu posso ir adiante, quando eu não posso. É uma caminhada em grupo.

Lembrem, quando a gente vai visitar países no exterior, fazer jornadas de estudos, sempre eu coloco alguém lá na frente caminhando e alguém lá atrás, para cuidar daqueles que não podem caminhar tão rápido. Às vezes vai uma pessoa idosa, ela tem problemas para caminhar, não pode ir tão rápido, enquanto os jovens que vão lá na frente já chegaram, já estão pedindo a comida. Assim que a gente é uma caminhada em grupo, não é uma corrida de 100 metros, é um ato de amor, um ato filosófico, é diferente.

Então, num dia, eu reuni todos num auditório, pedi para a coordenação ver como é que faziam, conseguiram o material que eu pedia, que não estava previsto no programa, mas conseguiram para mim, e apresentei a obra cinematográfica que 10 anos depois nós vamos ver hoje. A mesma obra. Esta obra é do ano de 2002.

Ela conta a história de um rapaz, que nas palavras dele é um homem de 40 anos, e segundo ele, literalmente ele não faz nada. O que é uma dádiva e um grande problema para ele. Afasta muitas pessoas, quando ele conhece uma garota, está interessado, e ela pergunta o que você faz na vida, ele diz nada.

Às vezes é o final de tudo ali mesmo. O pai dele escreveu uma canção de Natal, e ele vive, essa canção se tornou um sucesso, e ele vive dos direitos autorais dessa canção. Vive num apartamento, não é nenhum milionário, mas vive muito bem para os padrões ingleses, inclusive.

O filme todo foi rodado em Londres, ele é lindíssimo. Cada lugar desse que vocês verão, é um dos lugares muito conhecidos da cidade, da capital inglesa, dessa linda cidade Londres. E fizeram todo um trabalho de pesquisa.

O próprio escritor da obra, que vai embasar o filme, participou, ele era um dos produtores, aliás, e o filme é de uma felicidade completa, tudo deu certo nesse filme. O ator principal, o Hugh Grant, não queria fazer o filme. Ele tinha outras ideias, achou o filme meio esquisito, para os filmes que ele costumava fazer, mas aí contaram para ele, olha, quem comprou os direitos aqui é o Robert De Niro, a equipe dele, que era um dos produtores, aliás.

E ele disse, bom, deixou eu ver melhor esse filme, então o enredo acabou fazendo. O filme é muito bonito, foi filmado em dois meses na capital inglesa, e é uma lição para os nossos dias. Há dez anos, coloquei este filme como um vice-conceito, tentando mostrar algumas coisas, que certos conhecimentos, certos aprofundamentos, pedem prudência, pedem maturação.

É muito fácil despejar matéria, largar matéria, mas isso não é respeitar o outro. Respeitar o outro, na minha opinião, é pegar pela mão, um gesto amoroso, firme, conduzir com firmeza, estar agora não é o momento, e mostrar outras coisas. Então, esse filme mostrava um pouco disso.

Alguns entenderam, muitos não. Dez anos depois, vou passar esta obra editada, para que possamos conversar. Esse rapaz que vocês verão, o nome dele é Will, ele tem várias das características que vemos aqui, da imaturidade afetiva.

Várias. Impulsividade, não conseguir assumir as responsabilidades, delegar, culpabilizar os outros, etc, etc, etc. Usar senso de humor para fugir de suas próprias condições e realidades internas.

A maioria das características estão presentes, entre outras que ele desenvolve. Não é uma pessoa ruim, vimos que a maioria das pessoas que tem uma imaturidade afetiva, de fato, não se trata de maldade, de ruindade, de manipulação, de querer machucar os outros, não. É muito mais uma condição existencial.

Ele vai nos mostrar isso. Mas também vai nos mostrar algo sublime, que é a ultrapassagem disso. E como se dá, no caso dele, dentro de uma base categorial como a nossa, de um contexto como esse que vivemos.

Vamos começar a acompanhar a obra, e à medida que ela for se desenvolvendo, vamos fazer várias pontuações fundamentais dentro disso que estamos vivendo. O nome dessa obra é About a Boy (Um Grande Garoto), sobre um garoto.

Para assistir a obra completa, clique aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=9D29j2M0MBo>

REPRODUÇÃO DE UM TRECHO DO FILME (tradução imprecisa – por isso não reproduzimos aqui).



PROFESSOR LUCIO PACKTER

Marcos, esse menino, ele cumpre funções muito interessantes mediante contrastes quanto ao Will. Por exemplo, Marcos assume o que sente, expressa o que sente, vivencia suas coisas. Ele utiliza roupas muito diferentes das roupas que os escolares utilizam, quando possível.

Se alimenta diferente, age diferente. Tem uma relação diferente com a mãe dele, que é uma mulher que, durante a obra inteira, apresenta graves questões emocionais. Aquilo que na medicina se chama de depressão, quadros muito sérios de depressão. Ela passa boa parte do filme chorando. E mais de uma vez, atenta contra a própria vida dela. O que é um drama para o menino. Procura entender essa mãe, nem sempre consegue. Interagir com ela, nem sempre consegue. E vice-versa.

O escritor da obra nos coloca diante da legitimidade de uma vida que nem por isso será fácil, bonita e tudo se resolverá bem. Não. Mas é uma vida tão mais rica, profunda e verdadeira que, em contraste com a vida do Will, faz uma verdadeira ruptura existencial. São mundos que praticamente nem se visitam, nem se conhecem.

Esse menino passa bullying na escola. Tem dificuldade de fazer amizades. Pelo lar que ele tem. Ele é vegetariano. Os amiguinhos todos, a maioria, não é. Ele gosta de músicas mais simples. Gosta de pequenos, um pandeirinho para ele é um grande presente. É a vida que ele tem. Ele vive.

E encontra muitas dificuldades. Mas em nenhum momento, durante o filme inteiro, ele recua a ponto de dizer, eu quero ser como a maioria parece ser. Ele não tem ilusões quanto a isso.

Se é difícil como ele é, ele acha que é o caminho que ele tem. E ele tenta amadurecer dentro desse caminho. E amadurece.

Já Will não. Estacionou em algum lugar da existência. Costuma fazer piadas sobre ele mesmo, que é uma maneira de afastar críticas muito óbvias que costumam surgir e pesadas.

Vive num apartamento muito confortável. Compra bons CDs. Lembrem que a obra é ambientada nos anos 90. É a época dos DVDs, dos CDs. E ele vive esse mundo. Ele usufrui esse mundo.

Tudo que a sociedade dos homens tem para dar como prêmio àqueles que chegam lá, nas suas várias modalidades, ele mostra. E sabe o que ele colhe com tudo isso? Vazio. Vazio completo. É um vazio tão profundo que o distrai da própria localização existencial. Não que ele se importe com isso.

Há muitos elementos aqui importantes. Agora, uma pergunta a vocês. O que ocorreria...

E vejam que o cineasta, o próprio escritor da obra estava presente, era produtor. E os cineastas, aliás, são dois, a Chris e o Paul Weiss. São os dois cineastas que fizeram a obra.

Observem como eles fazem as modulações. Eles passam do menino para o homem, do homem para o menino. Às vezes, na mesma cena, você vê a imagem cambiando, mostrando os contrastes.

Qual é o contraste que eles querem nos mostrar com isso? Querem recomendar, aconselhar que tenhamos a vida que esse garoto tem? Não, eles não querem nos dizer isso.

Como também não querem recomendar. Eles mais nos convidam a refletir. Mostram o que há de interessante, o que há de não interessante nas vidas dessas pessoas.

Mas vão fazer um encontro dessas pessoas. Um encontro muito improvável. O que há que possa uni-los? Aparentemente nada. Qual é o interesse que há na aproximação dos dois? Uma obra memorável e um discurso poético para os nossos dias. Para corações encarcerados, para almas perdidas, para pessoas dilaceradas, para gente que se fragmentou pelo caminho e acha que não há mais estrada. Esta obra não chega a ser um hino de esperança, mas um convite à reflexão sobre a esperança.

REPRODUÇÃO DE UM TRECHO DO FILME (tradução imprecisa – por isso não reproduzimos aqui).



PROFESSOR LUCIO PACKTER

Nesse encontro de improbabilidades, muitas coisas começam a fluir. Muitas coisas começam a acontecer. Observem que o Will, nessa obra, ele mente, independente do que ele alegaria como a necessidade de mentir.

A mentira surge pelo hábito, como um maneirismo, uma forma de ser. É possível construir algo com isso? O que é possível construir com isso?

Outro elemento muito importante, ele logo no início desta obra já nos diz que ele acha que, sim, vivemos uma época dos homens-ilhas e que ele é uma ilha. Ele assume essa identidade, essa realidade, e se harmoniza com ela. O garoto segue uma outra trilha, completamente diferente.

Quando a mãe passa mal, ele fica com essa amiga da mãe. E é através dela que ele conhece, que os dois se conhecem. Ele tem uma ideia.

Como um menino de 11, 12 anos, ele acha que se a mãe tiver alguém, um namorado, ela vai se sentir melhor, não vai passar o tempo chorando. Ele se importa. E a obra é bastante pontual quanto a isso.

O adulto, o Will, na verdade, que é uma caricatura de uma época, não se importa. Realmente, ele não se importa. Ele não quer o mal de ninguém, mas também não quer o bem.

Ele só não quer ser importunado nesta ilha na qual ele vive. Até tenta fazer algumas ações, mas não há profundidade em nada. A vida funciona no raso.

É assim que ele é. Quer dizer que ele é errado, que ele é mal, que ele tem uma patologia e precisa de ajuda? Não, claro que não.

Isso é um modo de ser como milhões de modos de ser. É a maneira como ele vive. E não é a maneira como o menino vive, que se importa, que ama, que quer o bem da mãe dele.

São escolas diferentes de ações e pensamentos. Mas o que acontece que o garoto que já percebeu isso, já percebeu que o outro mente o tempo inteiro praticamente, o que leva o menino a achar que este homem serviria para a mãe dele, a quem ele ama? Bem, o menino não está vendo apenas a mentira.

Não está vendo apenas isso que o outro mostra no seu cotidiano. Um elemento completamente vazio, um hedonismo completamente esvaziado de premissas, de valores e profundidade. Nada.

O menino não vê só isso. De alguma maneira ele conseguiu ir além disso. E viu um ser humano.

Viu alguém que tem questões boas. Viu alguém que tem profundidades interessantes, filosóficas e espirituais. Como ele conseguiu isso?

Uma das respostas é que para pessoas que se desenvolveram emocionalmente, como é o caso desse garoto Marcos, com apenas 11, 12 anos, ele consegue vislumbrar isso. Não é difícil. Quem quer que ele tome contato, provavelmente ele vê além do óbvio, além do usual.

Coisa que para o outro é completamente distante. O outro seguia. Vocês podem ver pelos pensamentos dele enquanto as coisas ocorrem. Quando a moça diz que tem um filho de 3 anos, o que ele pensa, etc. É completamente diferente.

Uma aproximação muito delicada, não é?

Marcos acha que ele poderia namorar a mãe do Marcos. O ser humano que habita ele. Mas esse garoto não tem experiência na vida. Não tem estradas longas na vida. Ele só tem 11, 12 anos. Ele não entende certas coisas que mais 10 anos de vida, provavelmente ele já saberá.

Certas improbabilidades, certas questões que pedem muito, muito cuidado. Aqui ele é um menino. Ainda não chegamos na pontuação exata das afetividades, na qual nós abriremos toda a síntese de um semestre.

Mas estamos caminhando para lá.

REPRODUÇÃO DE UM TRECHO DO FILME (tradução imprecisa – por isso não reproduzimos aqui).



PROFESSOR LUCIO PACKTER

Nós percebemos, pela caminhada da obra, que o menino faz chantagem com ele, não é? Diz pra ele que se não namorar a mãe dele, ele conta pras pessoas que ele mente. Entre outros elementos, está crescendo, está experimentando uma série de coisas.

Questiona, questiona o padrão de vida, o que acontece, as escolhas que a mãe faz, ele questiona. A obra se aprofunda. À medida que eles interagem e vejam, o garoto falou pra ele porque vai até a casa dele todos os dias, não é?

É muito difícil voltar pra casa, não tem pra onde ir. E ali, também não é o lugar predileto do menino, provavelmente aqueles programas de televisão nada tem a ver com ele, mas ele pode respirar de uma vida que é muito difícil, muito complexa. Mas o menino está caminhando, afetivamente está se desenvolvendo.

Ele, em alguns aspectos, já ultrapassou muito esse adulto de 40 anos com quem ele conversa. É um encontro que traz várias complexidades, vários elementos contrastantes, vários dilemas. Esse adulto, observando como essa criança age, como ela é, pode se encher de justificativas, pode se encher de ressalvas para continuar sendo como é, uma ilha e, na verdade, uma afetividade infantil.

Enquanto o menino cresce. Lembrem, durante o estudo que fizemos em uma educação das emoções, foi colocado, entre outras coisas, que uma pessoa que possui uma afetividade marcadamente infantil, tem 30, 40, 50 anos, ao observar comportamentos, situações de pessoas que afetivamente amadureceram, usualmente encontram ressalvas. Elas olham tudo isso de um ponto de vista infantil.

Não tem como ser diferente. E é desse ponto de vista infantil que elas veem, nossa, é terrível ser adulto. Olha, tem que assumir compromissos, tem que fazer coisas que não se gostam, tem que ir a lugares, não sei o que. Nossa, eu não quero, não tenho porque

amadurecer, etc. Não é assim? É um diálogo falido. Não tem como, a pessoa não faz alteridade, ela faz espelho. É diferente. Espelho.

Atendendo uma determinada pessoa que se queixa muito, muito, muito do marido, num dado momento foi colocado a ela, se ela conseguia compreender também as razões do marido. E a resposta para isso foi um arrazoado, uma avalanche de coisas. Que mais uma vez estavam distorcendo, que ninguém a compreendeu.

A questão foi, você consegue também ver o ponto de vista do seu marido? Ou só o seu ponto de vista é válido? Há muitas maneiras de viabilizar o discurso do outro.

Muitas cegueiras, muitos pontos cegos. E que basta você se aproximar que se tornam evidentes. Aqui, no entanto, nós temos alguns elementos de desenvolvimento importantes.

Quando eles interagem, vai ficar nisso a história? Eles verão televisão, até que a mãe do menino melhora, ele volta para casa, é essa a história? Não, não é.

Como eles se aproximaram, fizeram uma interseção, problemas de lado a lado começam agora a vir para essa interseção. E vejam bem como vão interagir com esses problemas. No episódio que vem agora, o menino passa por um bullying na escola.

Os garotos não sabem como entender. Alguém que fala sozinho, alguém que canta no meio da aula, alguém que retribui ao que a mãe fala e diz, mãe, eu também te amo. Para quem tem 11, 12 anos numa escola como aquela, é muito improvável que não passe um bullying.

Então os meninos jogam coisas nele, correm atrás dele. Vamos ver essa passagem que vai mostrar agora que a interseção, que até então parecia meramente superficial, já ganha agora profundidades maiores. O que vai decorrer daí?

Como um adulto, com uma emoção marcadamente imatura, vai se relacionar com uma criança de 11, 12 anos, que marcadamente está em processo de amadurecimento, segundo os nossos padrões de época. O que decorre daí? Muitas coisas.

Vamos ver o que decorre segundo esta aula.

REPRODUÇÃO DE UM TRECHO DO FILME (tradução imprecisa – por isso não reproduzimos aqui).



PROFESSOR LUCIO PACKTER

Surtem os problemas típicos de uma interseção mais profunda, não é? O Will começa a ter contato, este adulto, este homem de 40 anos, começa a ter contato com os problemas deste menino de 11 anos, como o bullying. O que ele sugere para isso?

E a interseção que se transforma cada vez mais profunda, a interseção, ele sugere ao outro, fique invisível ou misture-se com os outros. É o que ele faz? Não é interaja, não é aprofunde, não é alteridade, é espelho.

É diferente. Postura infantil. O menino responde a eles nada que é invisível.

Todos têm suas funções. Veja, ele estava se referindo a objetos quando ele fala isso. Ele disse que não percebe as coisas que ele faz, mas que assim é isso que acontece.

Vejam, ele enfrenta o problema, assume o que se passa, tenta alternativas, ele não sabe ao certo o que fazer. Uma criança está em desenvolvimento. O outro, então, insiste para que ele se misture e acha que se vestir o garoto como os outros se vestem, isso estará resolvido e sai com ele para comprar um calçado caro.

Aqui nós temos alguns elementos importantes. Considerem, dentro disso que estamos vendo, um fator. Quando eles estão na loja comprando calçado, vocês ouviram o que este homem de 40 anos coloca?

Primeiro que durante um momento ele se distrai, se diverte, até que se aproxima uma vendedora e ele, conforme vocês sabem, os padrões de infantilidade, etc., já se engraça com a moça, mas ele se vê num espelho. E o que ele vê no espelho que ele para e por alguns segundos ele considera? Ele vê um homem de 40 anos, não um garoto de 15 ou 20 que poderia namorar aquela menina.

Mas isso logo desaparece. E então, via interseção profunda que ele tem com esse menino agora, ele diz que está se sentindo muito bem, algo que ele não sabia, não tinha experienciado. Sabe o que é isso? Alteridade.

Vamos a um exemplo simples. A pessoa tem 35 anos, 40 anos, vive sozinha, num apartamento bonito, com uma sacada, trabalha, tem um emprego estável, recebe muito bem, etc., e vive semelhante a ele. É Natal. O que ela pensa? Vou comprar um tênis, um

calçado para o meu filho? Ela não tem filho. Vou dar de presente para fulano? Vou até uma casa de caridade?

Ela pensa assim? É usual pensar assim? Ou é usual, no nosso contexto, que a pessoa pense que ela vai trocar o automóvel dela?

Vai comprar uma roupa de grife muito cara para ela mesmo? É mais usual essa segunda opção? Pois é, é o que estava acontecendo ali.

Ele pensava sempre nele mesmo, é só ele que existe na ilha dele. Agora, via interseção, via alteridade, ele viu, experienciou o privilégio de ter alguém, o privilégio de amar, o privilégio de partilhar, o privilégio do outro, um princípio de crescimento afetivo para os padrões da nossa época, difícil para alguns, intransponível para outros. Uma tentativa, alguns no meio do caminho sucumbem, outros conseguem.

Ele experimentou por alguns segundos isso. Isso alcançou a alma deste homem? Foi suficiente para movimentar algumas coisas?

Durante o semestre, os senhores estudaram que, em muitos casos assim, após uma pequena melhoria, há um grande recuo. Isso acontece por muitas razões. Medo, não saber como prosseguir, o que virá depois, o susto de ter se permitido determinadas coisas, vários elementos assim, e vejam, a atitude que ele toma tem consequências.

Quando ele comprou esse tênis para o menino, ele observou mais para o futuro o que isso acarretaria? Ele não observou nada disso. Ele não tem qualquer fluência para observar isso.

E bateram no menino, tiraram o tênis dele. E esta cena que vem agora, mostra também do lado do Marcos, desse garoto, mudanças significativas. A mãe do Marcos vai com o garoto, lá onde está o Will, com uma moça no restaurante, tomar satisfações.

Afinal, o filho dela aparece em casa, molhado e encharcado, com os pés na água, chorando, e é claro que ela ama esse filho e vai tomar satisfações. Vamos ver esta cena que é muito, muito importante nessa caminhada de transições.

REPRODUÇÃO DE UM TRECHO DO FILME (tradução imprecisa – por isso não reproduzimos aqui).

PROFESSOR LUCIO PACKTER

Vamos ver isso. Essa mãe do Marcos vai até o restaurante fazer uma queixa legítima. Afinal, a vida do filho estava em risco diante da atitude que ele tinha tomado e ela queria saber o que estava acontecendo.

Diante disso, ele fala algumas coisas para ela que são surpreendentes. Que até então, quem acompanha tanto o livro quanto o filme acha improvável que alguém como o Will tenha percebido que o Marcos de fato é uma criança infeliz que de fato tem questões existenciais graves e delicadas. O que aparece é que ele nem sabia da essência do Marcos que ele via aquele menino como um tipo esquisito e pronto.

E era isso que se podia imaginar. E, no entanto, ele mostra que não é isso que vai muito além disso que ele já percebeu parte do que se passa com esse garoto tristeza, infelicidade, inadequação e outras coisas. E ele fala para essa Mãe no entanto, ele também descarta com uma frieza e com uma falta de emoção impressionante.

Pode ir embora. Não tem como se cortasse com uma tesoura ou uma fita e terminou. Algo que muitas pessoas que possuem uma afetividade imatura costumam, em diversas maneiras e muitas vezes, fazer.

Não que vá terminar. Geralmente, a pessoa fica com mágoas remorsos, às vezes curvas raivas e outras coisas. Mas, por hora, faz isso.

Esta mulher tem uma atitude de uma pessoa madura. Ela senta e diz espere aí, também não é assim. Você já está na vida do meu filho.

Você já interage com ele. Ele se importa com você. Não é mais assim.

Não se descarta pessoas dessa forma. Não quando se tem uma afetividade madura. Interseções maduras.

Não é assim que se passa. Não pode ser assim. Vejam a postura dela diante disso.

Ele tenta se defender. É natural. Invadiram sua ilha, não foi?

As mulheres ao redor concordam com ela. O menino, no entanto, nos dá uma pérola. Ele simplesmente vê a situação e sai com um senso de humor dizendo, vem passar o Natal com a gente.

Ele já percebeu que o outro foi ultrapassou algumas etapas mas, em outras, está muito aquém. Quando, então, ele vai à casa do menino para o Natal para ele, lembrem como era há pouco tempo, ele quer ir embora o quanto antes. Mas, acaba ficando se surpreende com a defesa que o menino faz dele.

Coisa inédita na vida dele. Alguém gostar de fato dele. Não do apartamento que ele tem.

Não do carro que ele tem. Não da renda que ele tem. Não do papel existencial que ele representa.

Dele. Alguém conseguir ir além de toda essa fachada e diz, eu gosto de você com todos os paradoxos, mentiras, contradições, gosto, fico com você. É isso que o menino fez.

O defendeu. E o defendeu porque ama este amigo. Um amigo que tem 40 anos.

E para não deixar certas equívocos surgirem, os escritores, os cineastas colocaram quem diante daquela mesa? Estava o próprio pai do garoto ali. Uma outra mulher.

Estava ali. O próprio pai do menino. Quer dizer, o Will não é pai dele.

Não seria pai dele. Não é este o vínculo. É outra coisa que está acontecendo.

E essa outra coisa é sublime, é profunda, é muito bonita. É um encontro de pessoas que faz ultrapassar limitações. Ultrapassar uma série de questões que fazem com que, aí sim, eles estão em ilhas.

O Will está em uma ilha. Pelo que vocês estão vendo. Bem, independente disso, agora, observem a próxima movimentação.

O menino está se desenvolvendo. Ele, como vocês estão vendo, tem 11, 12 anos afetivamente e está crescendo. Ele logo agora vai se interessar por uma menina da escola.

Que tipo de menina tocaria o coração de alguém como o Marcos? Pela maneira como ele é no mundo, mais ou menos nós temos uma ideia disso. Mais ou menos.

Que tipo de mulher tocaria o coração do Will, deste homem de 40 anos? Os dois, parece que, continuam a caminhada. Este homem de 40 anos ultrapassou alguns elementos.

Será que isso é suficiente para novos relacionamentos? Ou haverá um elemento tautológico? Tudo se repetirá de novo.

Vamos acompanhar para vermos de perto isso e lembrem, isso ocorre concomitantemente a interseção entre eles, que continuam se aprofundando e dando suporte ao crescimento de antes.

REPRODUÇÃO DE UM TRECHO DO FILME (tradução imprecisa – por isso não reproduzimos aqui).

PROFESSOR LUCIO PACKTER

Os dilemas começam a aparecer. Dilemas típicos de etapas de desenvolvimento. Observem que este homem de 40 anos tenta ir um pouco além. Ele experimentou vivências que ele nem sequer acreditava que pudessem existir. Essa ilha começou a receber barcos, barcos que levavam, traziam coisas: espirituais, materiais, imateriais. Ele começou a viver isso e tentou ir além, tentou numa relação agora diferente na qual ele pudesse se expor. Observem: sem nenhuma fluência, sem nenhum elemento de aprofundamento, nada! É muito improvável que desta forma consiga, improvável. Não que não possa ocorrer.

Concomitante a isso, prossegue a amizade com o Marcos. Eles saem juntos, o menino, 11, 12 anos, mas afetivamente, já parece bem mais pelos padrões de época. Diz a este homem de 40 anos: se você vai se relacionar, profundamente, intimamente com alguém, não é interessante você falar a verdade? E ele diz para o menino que não, não necessariamente.

E o menino sim, precisa ser assim, não há outra estrada. É como ele funciona. Ele encontra uma menina na escola, gosta da menina.

A menina é mais alta, a menina é mais velha, a menina é muito diferente. Nada disso é impedimento para ele. Esse garoto, de fato, aprendeu o que é alteridade.

Gostar, ir ao mundo do outro. Está exercitando isso. Ele gosta da menina.

Para esse adulto de 40 anos, o relacionamento vai pouco além da sexualidade. A sexualidade parece ser quase tudo para ele. E quando se desencanta, ou quando já não tem mais desejo pela moça, não tem qualquer problema em se desfazer dela.

É coisa, não é pessoa. Para o garoto, não. Ele pontua claramente.

Não pode ser só isso. Tem mais que isso. Tem muito mais.

E diz para ele o que é esse muito mais. Ele tem vontade de ficar com a menina, estar com ela, passar tempo com ela. Simplesmente falar para ela coisas que ele não fala para o Will, não fala para a mãe dele.

Ele é claro quanto a isso. Está se desenvolvendo. Esse menino não é ilha.

Esse menino é caminhos. É muito diferente. O homem de 40 anos tenta seguir isso.

Influenciado pelo carinho que sente. Vê a segurança que é gostar de alguém. Ele gosta desse amigo.

São amigos. E ele gosta dessa amizade. Ele começa a se importar com essa criança.

Mas ainda está vinculado a muitas coisas. Uma parte dele ainda não sabe fluência para qualquer coisa e então mente. Só que não entende como combinar isso com veracidade.

Se atrapalha completamente. Essa moça com quem ele sai não consegue uma visão como o Marcos conseguiu. Ela o vê de outra maneira, sob outra perspectiva, com outros interesses e para ela um homem assim marcadamente não serve.

De forma alguma. Não tem lugar na vida dela com alguém assim. Viram as dificuldades da transição?

Por que que em muitos casos é importante uma ajuda profissional que oriente, que acompanhe passo a passo, que mostre essas dimensões? Sem isso alguns não conseguem fazer a passagem. Batem em decepções a meio do caminho e recuam.

E às vezes recuam e reforçam as trincheiras todas. Se nessa ilha existir um porto, alguns colocam o porto a pique. Não vai mais nenhuma embarcação chegar ali.

Alguns fazem isso e encerram o assunto para sempre. Outros não. Cada pessoa vai agir de uma maneira.

Vemos isso ao longo de muitas semanas, um semestre inteiro de aulas em 2025, sobre as várias disposições sobre isso que agora estamos vendo na forma de uma síntese. Bem, mas este homem de 40 anos já foi muito longe para simplesmente voltar, não é? Se importar com alguém, amar alguém, partilhar, fazer a comunhão de alma, intercessão, isso é muito para quem era uma ilha, segundo os nossos padrões de época.

É muito improvável que de onde ele está agora ele consiga simplesmente recuar completamente. Mas o que ele vai fazer? Sem fluência para prosseguir, sem conhecimento para se orientar.

Tudo o que ele conta é uma intercessão com esse garoto. Isso seria suficiente? Nós não sabemos.

Como saber? Ele vai para casa e fica arrasado. Algo inédito na vida dele.

Sempre que terminou com mulheres, ele festejava, ficava feliz da vida e aguardava alguns dias, às vezes no mesmo dia, para encontrar uma outra. Desta vez não. Ele fica arrasado, destruído.

Ora, o que aconteceu com ele? Essa dor tem vários significados. Uma delas é não posso recuar ao que era.

Aquela vida que ele tinha antes, ele não tem como ir para lá de novo. Mas também não sabe para onde ir agora. E ficar ali sofrendo não tem nada a ver com ele.

O que fazer a respeito?



REPRODUÇÃO DE UM TRECHO DO FILME (tradução imprecisa – por isso não reproduzimos aqui).

PROFESSOR LUCIO PACKTER

Vejam que o menino se expõe. Ele ama. Pra quem ama, pra quem cresceu na sua maturidade emocional, há muitos ambientes de exposição.

A gente erra. Nós abrimos os braços, abrimos o nosso coração. Sabemos que muitas vezes não é um caminho entre vários caminhos que poderiam ser feitos.

É parte da maturidade emocional. Pra uma criança, é muito longe do mundo dela. O que esse garoto faz em relação à mãe mostra muito disso.

A mãe dele, o amor que ele tem por ela, está muito acima de qualquer vaidade. Está muito acima de qualquer vaia. E ele sabia muito bem o que esperava.

Mas o fato surpreendente não é esse. O fato surpreendente aqui é o amigo dele de 40 anos. Que esse sim era uma criança imatura quanto as suas afetividades.

Jamais se expôria de forma alguma. E que está em trânsito, se debatendo. Vejam que quando ele procura o amigo pra ajudar, e ele quer ajudar esse amigo, já é um passo gigante pra quem estava onde ele estava.

O amor pelo Marcos, pelo amigo dele, querido amigo. Não queria que o amigo fosse humilhado, nem nada. Quando ele vai e tenta fazer, ele se atrapalha todo.

Minta, diz que você tem que ir. Inventa tal coisa, tal. E o outro diz pra ele, eu não posso fazer isso.

Não posso. O que está acontecendo aqui é muito maior do que o que você está falando. Que vão me vaiar, que vão me apontar, que eu vou me dar motivo de piada. Você não entende isso. E o guri vai fazer o que ele foi fazer. E o amigo, ao invés de recuar, esse homem de 40 anos, dá o maior passo da vida dele. Até ali. Vai adiante. Ele mesmo diz que estava aterrorizado, petrificado, com tudo que estava ali.

Nem sabia direito o que estava acontecendo. Mas não abandonou seu amigo. Por amor, ele vai adiante.

Algo que até então nem existia na vida dele. Utopia completa. Agora realidade.

Vejam que nem ele saberia direito como isso aconteceu. Simplesmente aconteceu e ele foi adiante. Quando isso ocorre na clínica, quando acompanhamos pessoas que passam por situações assim, estão em orientação, estão em acompanhamento, o filósofo clínico está atento a esses movimentos e outras coisas, mas sabendo que não há certezas mais aqui.

Há caminhos prováveis, possíveis. E é o que tentamos fazer. Tentamos ajudar desta forma.

Muitos, quando fazem esse caminho, se emocionam profundamente. Cada clínica é uma clínica, às vezes, de grande emoção, de descobertas. A pessoa pedindo perdão a ela mesma, aos outros, à vida.

E sendo perdoada, crescendo, amadurecendo, são momentos belíssimos, belíssimos, de um jardim que desabrocha, das estrelas que começam a brilhar, da vida que de novo tem sentido. É muito bonito. Passar por isso é um privilégio, tanto para o terapeuta quanto para a pessoa e para o contexto em geral.

São dias em que saímos do consultório emocionados. Choramos junto com o nosso partilhante, às vezes, por tudo isso que se passa. Vamos ver o final dessa história.

Vamos ver o que acontece.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO FINAL DO FILME

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai).



FIM